STEPHEN KING

BILLY SUMMERS



STEPHEN KING

BILLY SUMMERS

TRADUÇÃO
Regiane Winarski

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Sumário
Dedicatória
Epígrafe
I
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

II
- 1
- 2
- 3
- 4

III
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

7
8

IV

1
2
3
4
5
6
7

V

1
2
3
4
5
6
7
8
9

VI

1
2
3
4

VII

1
2
3
4

VIII

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

IX

1
2
3
4
5
6
7
8
9

X

1
2
3
4
5
6
7

8

XI

1

2

3

4

5

6

7

8

XII

1

2

3

4

5

6

7

8

XIII

1

2

3

4

5

XIV

1

2

3

4

5
6
7
8
9
10
11
12

XV

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

XVI

1
2
3
4
5
6
7
8
9

10
11
12

XVII

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

XVIII

1
2
3
4
5
6
7
8

XIX

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

XX

1
2
3
4
5
6

XXI

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

XXII

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
XXIII
XXIV
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

Agradecimentos
Sobre o autor
Créditos

Pensando em Raymond e Sarah Jane Spruce

I once was lost, but now am found.
Amazing Grace

I

1

Billy Summers está sentado no saguão do hotel, esperando a carona. É meio-dia de uma sexta-feira. Apesar de estar lendo um gibi da Turma do Archie, ele está pensando em Émile Zola e no terceiro livro de Zola, o revolucionário *Thérèse Raquin*. Está pensando em como esse é um livro de um autor jovem. Em como Zola começava a explorar o que acabaria sendo um veio mineral profundo e fabuloso. Está pensando que Zola era — é — um Charles Dickens em versão pesadelo. Está pensando que isso seria uma boa tese para um ensaio. Não que ele já tenha escrito algum.

Quando dá meio-dia e dois minutos, a porta se abre e dois homens entram no saguão. Um é alto com cabelo preto num estilo pompadour dos anos 1950. O outro é baixo e usa óculos. Os dois estão de terno. Todos os homens do Nick usam terno. Billy conhece o alto lá do oeste. Ele está com Nick há muito tempo. O nome é Frank Macintosh. Por causa do penteado, alguns dos homens do Nick o chamam de Frankie Elvis, ou, agora que ele tem uma pequena área careca atrás, Elvis Solar. Mas pelas costas, não na cara dele. Billy não conhece o outro. Deve ser da região.

Macintosh estende a mão. Billy se levanta e a aperta.

— Oi, Billy, quanto tempo. Bom te ver.

— Bom te ver também, Frank.

— Este é Paulie Logan.

— Oi, Paulie. — Billy aperta a mão do baixinho.

— É um prazer te conhecer, Billy.

Macintosh pega a revista em quadrinhos da mão de Billy.

— Ainda lendo gibis, estou vendo.

— Pois é, pois é. Eu gosto bastante. Dos engraçados. Às vezes leio os de super-heróis, mas não gosto tanto.

Macintosh vira as páginas e mostra alguma coisa para Paulie Logan.

— Olha só essas garotas. Dá até pra bater uma pra elas.

— Betty e Veronica — diz Billy, pegando a revista de volta. — Veronica é a namorada do Archie, e Betty queria ser.

— Você lê livros também? — pergunta Logan.

— Alguns, quando faço uma viagem longa. E revistas. Mas mais histórias em quadrinhos.

— Que bom — diz Logan, e dá uma piscadela para Macintosh. Não muito sutil, e Macintosh franze a testa, mas Billy não se importa.

— Está pronto para dar uma volta? — pergunta Macintosh.

— Claro. — Billy guarda a revista no bolso de trás. Com Archie e suas amigas peitudas. Há um ensaio ali esperando para ser escrito também. Sobre cortes de cabelo confortáveis e atitudes que nunca mudam. Sobre Riverdale e como lá o tempo não passa.

— Então vamos — diz Macintosh. — O Nick está esperando.

2

Macintosh dirige. Logan diz que, já que é pequeno, vai sentado atrás. Billy espera que eles sigam para oeste, porque é lá que fica a parte chique da cidade, e Nick Majarian gosta de morar bem, seja em sua cidade, seja fora dela. E ele não se hospeda em hotéis. Mas eles seguem na direção nordeste.

A três quilômetros do centro, entram em um bairro que, para Billy, parece ser de classe média baixa. Três ou quatro níveis acima do estacionamento de trailers onde ele passou a infância, mas ainda longe de ser chique. Nada de casas grandes e cercadas, não aqui. Esse é um bairro de casas estilo rancho com irrigadores automáticos girando em pequenas áreas gramadas. A maioria das construções tem um andar só. São em geral bem-cuidadas, mas algumas precisam de pintura, e o mato toma conta de alguns quintais. Ele vê uma casa com um pedaço de papelão cobrindo uma janela quebrada. Na frente de outra, um homem gordo de bermuda e regata está sentado em uma cadeira de praia da Costco ou do Sam’s Club, tomando cerveja e os observando passar. Têm sido bons tempos nos Estados Unidos ultimamente, mas talvez isso mude. Billy conhece bairros assim. São um barômetro, e aquele começou a decair. As pessoas que moram ali estão trabalhando no tipo de emprego onde é preciso bater ponto.

Macintosh para na entrada de uma casa de dois andares cujo gramado está cheio de falhas. A parede é pintada de um amarelo pálido. É até razoável, mas não parece o tipo de lugar onde Nick Majarian escolheria morar, mesmo que por alguns dias. Parece o tipo de lugar em que um operário ou um funcionário de baixo escalão de aeroporto moraria com a esposa acumuladora de cupons de desconto e os dois filhos, pagando a hipoteca todo mês e jogando boliche numa liga amadora nas noites de quinta.

Logan sai e abre a porta para Billy, que deixa a revistinha do Archie no painel e sai também.

Macintosh sobe os degraus da varanda da frente. Está quente do lado de fora, mas tem ar-condicionado lá dentro. Nick Majarian está no corredor curto que leva até a cozinha. Usa um terno que deve ter custado o mesmo valor da mensalidade da hipoteca daquela casa. O cabelo ralo está penteado, nada de topete para ele. O rosto é redondo e tem o bronzeado de Las Vegas. Ele é corpulento, mas, quando Billy é puxado para um abraço, sente que sua barriga estufada é dura como uma pedra.

— Billy! — exclama Nick, beijando suas duas bochechas. Beijos grandes e estalados. Ele exibe um sorriso encantador. — Billy, Billy, cara, como é bom te ver!

— É bom te ver também, Nick. — Ele olha em volta. — Você costuma ficar em lugares mais chiques do que este. — Billy faz uma pausa. — Se é que posso comentar.

Nick ri. Ele tem uma gargalhada linda e contagiante que acompanha o sorriso. Macintosh ri junto e Logan sorri.

— Eu arranjei uma casa no lado oeste. Por um período curto. Estou sendo a babá da casa, podemos dizer assim. Tem um chafariz na frente. Com um garotinho pelado no meio, acho que tem um nome certo pra isso…

Querubim, pensa Billy, mas não diz. Só continua sorrindo.

— Bom, é um garotinho mijando água. Você vai ver, você vai ver. Não, esta não é minha, Billy. É sua. Se você decidir aceitar o serviço, claro.

3

Nick mostra a casa.

— Toda mobiliada — diz ele, como se a estivesse vendendo. De certa forma, talvez esteja.

Ela tem um andar superior com três quartos e dois banheiros, o segundo pequeno, provavelmente para as crianças. O primeiro andar tem uma cozinha, uma sala de estar e uma de jantar, tão pequena que mais parece um cantinho de jantar. A maior parte do porão foi convertida numa sala comprida e acarpetada com uma televisão grande numa ponta e uma mesa de pingue-pongue na outra. A iluminação é de spots. Nick a chama de sala da bagunça, e é lá que eles se sentam.

Macintosh pergunta se eles querem alguma coisa para beber. Diz que tem refrigerante, cerveja, limonada e chá gelado.

— Eu quero um Arnold Palmer — diz Nick. — Metade chá gelado e metade limonada. Com muito gelo.

Billy diz que parece uma boa ideia. Eles conversam trivialidades até as bebidas chegarem. Sobre o tempo, sobre como é quente ali na fronteira sul. Nick quer saber como foi a viagem. Billy diz que foi boa, mas não menciona de onde veio, e Nick não pergunta. Nick diz e aquela porra do Trump, e Billy responde pois é. Eles não têm muito mais assunto, mas tudo bem, porque Macintosh volta com dois copos altos numa bandeja, e, assim que ele sai, Nick vai direto ao ponto.

— Quando liguei pro seu amigo Bucky, ele me disse que você quer se aposentar.

— Estou pensando nisso. Já estou nessa há muito tempo. Tempo demais.

— É verdade. Quantos anos você tem, afinal?

— Quarenta e quatro.

— Está fazendo isso desde que largou o uniforme?

— Basicamente. — Ele tem certeza de que Nick já sabe disso tudo.

— Foram quantos no total?

Billy dá de ombros.

— Não lembro exatamente. — Foram dezessete. Dezoito contando o primeiro, o homem com o braço engessado.

— Bucky disse que você talvez fizesse mais um, se fosse pelo valor certo.

Ele espera que Billy pergunte. Billy não pergunta, então Nick volta a falar.

— O valor desse é mais do que certo. Você pode fazer e depois passar o resto da vida em algum lugar quente. Tomando piña colada deitado na rede. — Ele abre o sorrisão de novo. — Dois milhões. Quinhentos de adiantamento e o resto depois.

O assobio de Billy não é parte de sua atuação, que ele nem vê como atuação, mas como seu *eu burro*, aquele que mostra para caras como Nick, Frank e Paulie. É como um cinto de segurança. Você usa não porque espera sofrer um acidente, mas porque nunca se sabe quem pode vir pela frente, descendo a colina na sua pista da estrada. Isso também vale para a estrada da vida, onde as pessoas derrapam para todo lado e dirigem na contramão.

— Por que tanto? — O máximo que ele já recebera por um trabalho foi setenta mil. — O cara não é político, é? Porque isso eu não faço.

— Nem perto.

— É uma pessoa ruim?

Nick ri, balança a cabeça e olha para Billy com um carinho genuíno.

— Com você é sempre a mesma pergunta.

Billy assente.

Seu *eu burro* pode ser um otário, mas aí está uma verdade: ele só faz se for gente ruim. É assim que consegue dormir à noite. É evidente que ganhou a vida *trabalhando* para gente ruim, sim, mas Billy não enxerga isso como um dilema moral. Não tem nenhum problema com pessoas ruins que pagam para fazer com que outras pessoas ruins sejam mortas. Ele basicamente se vê como um gari armado.

— É uma pessoa muito ruim.

— Certo…

— E os dois milhões não são meus. Sou só o intermediário aqui, vou receber o que você poderia chamar de uma tarifa pelo agenciamento. Não sai da sua parte, a minha é por fora. — Nick se inclina para a frente, as mãos unidas entre as coxas. A expressão dele é sincera, com os olhos fixos nos de Billy. — O alvo é um atirador profissional, como você. Só que esse cara nunca pergunta se a pessoa é boa ou ruim. Não faz essa distinção. Pelo valor certo, ele faz o trabalho. Vamos chamá-lo de Joe. Seis anos atrás, talvez sete, não importa, esse tal Joe apagou um garoto de quinze anos a caminho da escola. O garoto era uma pessoa ruim? Não. Na verdade, era um aluno exemplar. Mas alguém queria mandar um recado pro pai dele. O garoto era a mensagem. Joe era o mensageiro.

Billy se pergunta se essa história é verdade. Talvez não seja, tem um quê de conto de fadas, mas por algum motivo parece verdade.

— Você quer que eu mate um matador. — Como se estivesse tentando esclarecer.

— Na mosca. Joe está preso em Los Angeles agora. Na penitenciária Men's Central. Acusado de agressão e tentativa de estupro. Essa história da tentativa de estupro, se quer saber, a não ser que você seja uma dessas garotas do Me Too, é meio engraçada. Ele confundiu uma escritora que estava em Los Angeles para uma conferência, uma escritora *feminista*, com uma prostituta. Ele fez a proposta, ela borrifou um spray de pimenta na cara dele, ele deu um soco nos dentes dela que deslocou a mandíbula. Ela deve ter vendido mais uns cem mil livros só por causa disso. Deveria ter agradecido em vez de prestar queixa, né?

Billy não responde.

— Fala sério, Billy, pensa só. O cara já matou sei lá quantos, alguns bem perigosos, e leva um spray de pimenta na cara de uma sapatão feminista? Impossível não achar graça.

Billy abre um sorriso protocolar.

— Los Angeles fica do outro lado do país.

— Isso mesmo, mas ele estava *aqui* antes de ir pra *lá*. Não sei por que e nem quero saber, mas sei que esse Joe estava procurando um jogo de pôquer, e alguém falou onde ele poderia encontrar um. Porque, veja bem, o nosso amigo Joe se acha um jogador. Dos grandes. Resumindo, ele perdeu muito dinheiro. Quando o vencedor saiu, lá pelas cinco da madrugada, Joe deu um tiro na barriga do sujeito e levou não só o próprio dinheiro, mas *todo* o dinheiro. Alguém tentou impedir, provavelmente algum idiota que estava no jogo, e Joe atirou nele também.

— Ele matou os dois?

— O vencedor morreu no hospital, mas antes identificou Joe. O cara que tentou intervir sobreviveu e também o identificou. E sabe o que mais?

Billy faz que não com a cabeça.

— Câmeras de segurança. Já sabe onde isso vai dar?

Ele sabe, claro.

— Acho que não.

— Joe foi acusado de agressão na Califórnia. E pra valer. A tentativa de estupro provavelmente vai ser desconsiderada, ele não arrastou a mulher pra um beco nem nada, na verdade ele ofereceu a porra de um *pagamento*, então é só incitação, a procuradoria nem vai querer saber disso. Cumprindo a sentença, ele talvez pegue noventa dias de cadeia. Dívida paga. Mas *aqui* a gente está falando de assassinato, e eles levam esse negócio muito a sério do lado de cá do Mississippi.

Billy sabe disso. Nos estados conservadores, os matadores de aluguel não são poupados. Ele não tem problema nenhum com isso.

— E depois de olhar as imagens das câmeras de segurança, o júri quase certamente decidiria que o velho Joe merecia a injeção. Certo?

— Claro.

— Ele está usando o advogado pra lutar contra a extradição, o que não é surpresa. Você sabe o que é extradição, né?

— Claro.

— Certo. O advogado do Joe está lutando como pode, e o cara não é peixe pequeno. Já conseguiu um adiamento de trinta dias numa audiência e vai usar esse tempo pra pensar em outras formas de enrolar, mas, no fim das contas, vai perder. E o velho Joe está numa cela isolada, porque tentaram enfiar uma faca nele. Ele tomou a faca e quebrou o pulso do cara, mas onde tem um cara com uma faca pode ter dez.

— Coisa de gangue? — pergunta Billy. — Da Crips, de repente? Essa galera tem algum problema com ele?

Nick dá de ombros.

— Vai saber. Por enquanto, Joe está em aposentos privativos, não precisa se misturar com o resto dos porcos, tem direito a trinta minutos no pátio totalmente sozinho. *Além disso*, ao mesmo tempo, o advogado está fazendo contatos. A mensagem que ele está passando é que esse cara vai falar sobre alguma coisa grande se a acusação de assassinato não for deixada de lado.

— Tem risco disso acontecer? — Billy não gosta de pensar que sim nem se o homem que esse tal Joe matou depois do jogo de pôquer tiver sido uma pessoa ruim. — Os promotores não podem tirar a pena de morte da jogada, ou talvez substituir por homicídio não premeditado, alguma coisa assim?

— Nada mau, Billy. Você está na direção certa, pelo menos. Mas o que andei ouvindo é que Joe quer que todas as acusações sejam retiradas. Ele deve ter cartas altas na mão.

— Ele acha que pode fazer uma troca pra sair dessa impune.

— Falou o cara que saiu impune só Deus sabe quantas vezes — diz Nick, rindo.

Billy não ri.

— Eu nunca atirei em ninguém porque perdi dinheiro num jogo de pôquer. Eu não jogo pôquer. E não *roubo*.

Nick assente vigorosamente.

— Eu sei disso, Billy. Só gente ruim. Eu só estava pegando um pouco no seu pé. Toma um gole aí.

Billy toma um gole. Ele está pensando: dois milhões. Por um serviço. E também: qual é a pegadinha?

— Alguém deve querer muito impedir que esse cara entregue o que tem.

Nick aponta um dedo como uma arma para ele, como se Billy tivesse feito uma dedução incrível.

— Você sabe das coisas. Eu recebi uma mensagem de um cara daqui, você vai conhecê-lo se aceitar o serviço, dizendo que estavam procurando um atirador profissional que fosse o melhor dos melhores. Pra mim esse é o Billy Summers e caso encerrado, porra.

— Você quer que eu apague esse cara, mas não em Los Angeles. Aqui.

— Eu não. Eu sou só o intermediário, lembra? É outra pessoa. Alguém com um bolso bem fundo.

— E qual é a pegadinha?

Nick abre um sorriso. E aponta outro dedo como uma arma para Billy.

— Direto ao ponto, né? Direto à porra do ponto. Só que não é bem uma pegadinha. Ou talvez seja, dependendo do que você achar. Está na hora, sabe. Você vai ficar aqui…

Ele gesticula indicando a casinha amarela. Talvez incluindo também o bairro em que a casa fica, que Billy descobrirá se chamar Midwood. Talvez a cidade toda, que fica ao leste do Mississippi e logo abaixo da linha Mason-Dixon.

— … por um bom tempo.

4

Eles conversam mais um pouco. Nick informa que o ponto está determinado, ou seja, o lugar de onde Billy vai atirar. Ele diz que Billy não precisa decidir nada até ver o lugar e ouvir mais sobre. Isso vai ser com Ken Hoff. É o cara da região. Nick diz que Ken está fora da cidade no momento.

— Ele sabe o que eu uso? — Não é o mesmo que dizer que topa, mas é um passo grande nessa direção. Dois milhões para ficar sentado sem fazer nada e depois dar um tiro. É difícil recusar uma proposta dessas.

Nick assente.

— E quando eu vou conhecer esse tal Hoff?

— Amanhã. Ele vai te ligar no seu hotel hoje à noite pra dizer a hora e o lugar.

— Se eu aceitar, vou precisar de uma história pra estar aqui.

— Já temos a história, e é uma belezinha. Ideia do Giorgio. Vamos te contar amanhã à noite, depois do seu encontro com o Ken. — Nick se levanta. Ele estende a mão. Billy a aperta. Já apertou a mão dele outras vezes e nunca gostou porque Nick é um cara ruim. Mas é difícil não gostar um pouco dele. Nick também é um profissional, e aquele sorriso funciona.

5

Paulie Logan o leva de volta para o hotel. Ele não fala muito. Pergunta se Billy fica incomodado com o rádio e, quando Billy diz que não, coloca numa estação de rock suave. Em determinado momento, ele diz “Loggins e Messina são os melhores”. Exceto quando Paulie xinga um cara que dá uma fechada nele na rua Cedar, essa é toda a conversa que os dois têm.

Billy não se importa. Está pensando em todos os filmes que viu sobre ladrões planejando um último assalto. Se o noir é um gênero, então o “último serviço” é um subgênero. Nesses filmes, o último serviço sempre dá errado. Billy não é ladrão, não trabalha com uma gangue e não é supersticioso, mas essa coisa de último serviço o incomoda mesmo assim. Talvez pelo valor tão alto. Talvez por não saber quem vai pagar a conta e nem por quê. Talvez até por causa da história que Nick contou, sobre como o alvo matou um estudante exemplar de quinze anos.

— Você vai ficar? — pergunta Paulie ao parar o carro na entrada do hotel. — Porque esse tal Hoff vai conseguir a ferramenta de que você precisa. Eu mesmo poderia fazer, mas Nick disse não.

Será que ele vai ficar?

— Não sei. Talvez. — Ele faz uma pausa quando está saindo. — Provavelmente.

6

No quarto, Billy liga o laptop. Muda o marcador de tempo e acessa a VPN, porque hackers adoram hotéis. Poderia tentar pesquisar os tribunais de Los Angeles no Google, já que as audiências de extradição têm que estar no registro público, mas existem jeitos mais simples de conseguir o que quer. E ele quer. Ronald Reagan tinha razão quando dizia “confie, mas confira”.

Billy entra no site do *LA Times* e paga seis meses de assinatura. Usa um cartão de crédito que pertence a uma pessoa fictícia chamada Thomas Hardy, porque Hardy é o escritor favorito de Billy. Da escola naturalista, pelo menos. Quando entra, pesquisa *escritora feminista* e acrescenta *tentativa de estupro*. Encontra meia dúzia de matérias, cada uma mais curta que a anterior. Tem uma foto da escritora feminista, que parece uma gostosa com muita coisa a dizer. O suposto ataque aconteceu no pátio de entrada do Beverly Hills Hotel. O suposto criminoso foi descoberto de posse de múltiplas identidades e cartões de crédito. De acordo com o *Times*, o verdadeiro nome dele é Joel Randolph Allen. Ele se safou de uma acusação de estupro em Massachusetts em 2012.

Joe passou perto, Billy pensa.

Em seguida, vai até o site do jornal da cidade em que está, usa de novo Thomas Hardy para transpor o paywall e pesquisa *vítima de assassinato jogo de pôquer.*

A matéria está lá, e a fotografia do sistema de segurança que a acompanha é certeira. Uma hora antes, a luz não estaria boa o suficiente para mostrar o rosto do sujeito, mas o marcador no pé da foto diz 5h18. O sol ainda não nasceu, mas quase, e o rosto do sujeito parado na viela é tão claro quanto qualquer promotor desejaria que fosse. Ele está com a mão no bolso, esperando do lado de fora de uma porta que diz ZONA DE CARGA E DESCARGA NÃO BLOQUEIE. Se Billy fosse

do júri, provavelmente votaria pela injeção só com base naquilo. Porque Billy Summers é especialista em premeditação, e é isso que ele está vendo ali.

A matéria mais recente no jornal de Red Bluff diz que Joel Allen foi preso em Los Angeles por crimes não relacionados àquele.

Billy tem certeza de que é visto por Nick como alguém que acredita em tudo que dizem. Como todo mundo para quem trabalhou nesses mais de catorze anos, Nick acha que, fora sua capacidade incrível e quase paranormal de atirador, Billy é meio lento, talvez até no espectro autista. Nick acredita no *eu burro* porque Billy se esforça para não exagerar. Não fica de boca aberta, não fica de olhar vidrado, não dá sinais explícitos de estupidez. Um gibi do Archie faz maravilhas. O livro de Zola que ele está lendo fica escondido no fundo da mala. E se alguém revirasse a mala? Billy diria que o encontrou no bolso do assento da frente no avião e o pegou porque gostou da garota na capa.

Ele pensa em pesquisar sobre o tal estudante exemplar de quinze anos, mas não há informações suficientes. Poderia passar a tarde toda no Google sem encontrar nada. Mesmo que encontrasse, não poderia ter certeza de que era o garoto certo. Basta saber que o resto da história de Nick está batendo.

Billy pede um sanduíche e um bule de chá. Quando a comida chega, senta-se junto à janela, comendo e lendo *Thérèse Raquin*. Ele acha que é tipo James M. Cain misturado com um gibi de terror da EC dos anos 1950. Depois do almoço tardio, deita-se com as mãos embaixo da cabeça e do travesseiro, sentindo o frescor que se esconde lá. Que, como a juventude e a beleza, não dura muito. Vai ver o que esse Ken Hoff tem a dizer, e, se a história dele também bater, acha que vai aceitar o serviço. A espera vai ser difícil, ele nunca foi bom nisso (tentou o zen uma vez, não deu certo), mas por dois milhões de dólares ele consegue esperar.

Billy fecha os olhos e dorme.

Às sete daquela noite, ele janta comida do serviço de quarto e vê *O segredo das joias* no laptop. É um filme sobre um último serviço que dá errado, claro. O

telefone toca. É Ken Hoff. Ele diz onde vão se encontrar na tarde seguinte. Billy não precisa anotar. Escrever coisas pode ser perigoso, e ele tem boa memória.

II

1

Como a maioria dos astros de cinema — fora os caras que Billy vê na rua imitando esses astros de cinema —, Ken Hoff tem barba rala, fazendo parecer que esqueceu de se barbear por três ou quatro dias. Um visual infeliz para Hoff, que é ruivo. Ele não parece durão; parece que se queimou demais no sol.

Os dois estão sentados a uma mesa sob a sombra de um guarda-sol em uma lanchonete chamada Sunspot Café. Fica na esquina da Main com a Court. Billy imagina que o lugar seja movimentado durante a semana, mas naquela tarde de sábado está quase deserto do lado de dentro, e eles estão com as mesas externas só para si.

Hoff parece ter uns cinquenta anos ou talvez uns quarenta e cinco sofridos. Está bebendo uma taça de vinho. Billy toma um refrigerante diet. Não acha que Hoff trabalha para Nick, porque Nick mora em Las Vegas. Mas ele tem o dedo enfiado em muitas tortas, nem todas no oeste. Nick Majarian e Ken Hoff podem ter algum tipo de conexão, ou talvez Hoff esteja ligado ao cara que vai pagar pelo serviço. Sempre supondo que o serviço aconteça, claro.

— Aquele prédio do outro lado da rua é meu — diz Hoff. — Só tem vinte e dois andares, mas isso basta pra ser o segundo mais alto de Red Bluff. Vai ser o terceiro mais alto quando o Higgins Center subir. Vão ser trinta andares de altura. Com shopping. Também estou metido nele, mas sabe esse aqui? É

todinho meu. Riram do Trump quando ele disse que ia consertar a economia, mas está dando certo. Está dando certo.

Billy não tem interesse em Trump e nem na economia de Trump, mas observa o prédio com interesse profissional. Tem certeza de que é de lá que vai dar o tiro. Chama-se Torre Gerard. Billy acha meio exagerado chamar um prédio de vinte e dois andares de torre, mas também acha que, naquela cidade de pequenas construções de tijolos, a maioria velha, ele até que parece mesmo uma torre. No gramado bem-cuidado e bem-irrigado em frente, uma placa diz APARTAMENTOS DE LUXO E ESCRITÓRIOS DISPONÍVEIS. Com um número para ligar. A placa parece estar lá há um tempo.

— Não está ocupado como eu esperava — explica Hoff. — A economia está a todo vapor, sim, as pessoas estão cagando dinheiro, e 2020 vai ser ainda melhor, mas você ficaria surpreso com quanto disso é coisa da internet, Billy. Tudo bem te chamar de Billy?

— Claro.

— O que eu quero dizer é que estou meio apertado este ano. Ando com problemas de fluxo de caixa desde que comprei uma parte da WWE, mas, com três afiliadas, como eu ia dizer não?

Billy não faz ideia do que ele está falando. Algo relacionado a luta livre profissional, talvez? Ou ao Monster Jam que ficam anunciando na televisão? Já que Hoff acha que ele deveria saber, Billy assente como se soubesse.

— Os velhos babacas cheios da grana acham que eu estou indo longe demais, mas a gente tem que apostar na economia, né? Rolar os dados enquanto ainda estão quentes. Gastar dinheiro pra poder ganhar dinheiro, certo?

— Claro.

— Então eu faço o que tenho que fazer. E pô, eu reconheço uma coisa boa quando vejo, e isso é um bom negócio pra mim. Meio arriscado, mas preciso de uma ponte. E Nick me garante que, se você fosse pego, eu sei que não vai ser, mas, se fosse, você ficaria de bico calado.

— Ficaria, sim. — Billy nunca foi pego e não pretende ser pego desta vez.

— Código das ruas, né?

— Claro. — Billy acha que Ken Hoff viu filmes demais. Alguns provavelmente do subgênero “último serviço”. Ele deseja que o sujeito vá direto ao ponto. Está quente, mesmo debaixo do guarda-sol. E abafado. Aquele clima é para os pássaros, Billy pensa, e nem eles devem gostar.

— Consegui um cantinho ótimo pra você no quinto andar. Três cômodos. Escritório, recepção e uma cozinha pequena. Uma cozinha, que tal isso, hein? Você vai ficar bem, não importa quanto tempo leve. Acomodações cinco estrelas. Não vou apontar onde é, mas você sabe contar os andares até o quinto, né?

Claro, pensa Billy, eu consigo até andar e mascar chiclete ao mesmo tempo.

O prédio é quadrado, uma caixa de sapato com janelas, então tem dois cantos no quinto andar, mas Billy sabe de qual Hoff está falando: o da esquerda. Da janela, ele faz uma diagonal até a rua Court, que só tem dois quarteirões. A diagonal, a trajetória do tiro que ele vai dar se aceitar o serviço, termina nos degraus do fórum. É um prédio de granito cinza, espelhado. Os degraus, pelo menos vinte, levam até um pátio com uma estátua da Justiça vendada, segurando a balança, no meio. Dentre as muitas coisas que ele nunca vai contar a Ken Hoff: a Justiça é baseada em Iustitia, uma deusa romana mais ou menos inventada pelo imperador Augusto.

Billy volta o olhar para o escritório do canto do quinto andar e observa novamente a diagonal. Parecem ser uns quinhentos metros da janela até a escada. É um tiro que ele seria capaz de dar mesmo com vento forte. Se tivesse a ferramenta certa, claro.

— O que você trouxe pra mim, sr. Hoff?

— Hã? — Por um momento, o *eu burro* de Hoff fica plenamente visível. Billy faz um gesto dobrando o indicador da mão direita. Poderia ser interpretado como um *vem cá*, mas nesse caso não é.

— Ah! Claro! O que você pediu, certo? — Ele olha em volta, não vê ninguém,

mas fala mais baixo mesmo assim. — Um Remington 700.

— A M24. — Essa é a classificação militar.

— M… — Hoff enfia a mão no bolso de trás, pega a carteira e remexe nela. Tira um pedaço de papel e olha. — M24, certo.

Começa a guardar o papel na carteira, mas Billy estende a mão.

Hoff lhe entrega o papel. Billy o guarda no bolso. Mais tarde, antes de se encontrar com Nick, vai jogar o papel na privada do quarto de hotel e dar descarga. Não se pode anotar coisas. Tomara que esse Hoff não se torne um problema.

— Instrumento óptico?

— Hã?

— Mira telescópica.

Hoff parece nervoso.

— É o que você pediu.

— Você também anotou isso?

— No papel que acabei de te dar.

— Tudo bem.

— Eu estou com a… hã… ferramenta em um…

— Eu não preciso saber onde. Ainda nem decidi se quero o serviço. — Mas ele decidiu sim. — O prédio ali tem segurança? — Outra pergunta do *eu burro*.

— Tem. Claro.

— Se eu aceitar o serviço, eu que vou levar a ferramenta até o quinto andar. Tudo bem assim, sr. Hoff?

— Sim, claro. — Hoff parece aliviado.

— Então acho que encerramos aqui. — Billy se levanta e estende a mão. — Foi muito bom te conhecer. — Não foi. Billy não sabe se pode confiar nele e odeia aquela barba rala idiota. Que mulher ia querer beijar uma boca cercada de pontos vermelhos espetando?

Hoff aperta a mão dele.

— Igualmente, Billy. Eu só estou passando por um aperto. Você já leu um

livro chamado *A jornada do herói*?

Billy leu, mas faz que não.

— Deveria, deveria. Eu só passei os olhos pela parte literária pra chegar na principal. Direto ao ponto, eu sou desses. Pulando o papo furado. Não me lembro do nome do cara que escreveu, mas ele diz que todos os homens têm que passar por um momento de provação antes de se tornarem heróis. Esse é meu momento.

Fornecendo um fuzil de precisão e um local de tocaia para um assassino, Billy pensa. Não sei se Joseph Campbell encaixaria isso na categoria de herói.

— Bom, espero que você passe.

2

Billy acha que vai acabar comprando um carro se ficar ali, mas por enquanto ainda não sabe andar pela cidade e fica feliz de deixar Paul Logan dirigir, levando-o do hotel até o local onde Nick fica como “babá da casa”. É a McMansão que Billy estava esperando no dia anterior, um show de horrores caótico, no que parece ser um hectare de terra. O portão do caminho longo e sinuoso se abre quando Paulie encosta o polegar no dispositivo no visor. Há mesmo um querubim mijando infinitamente numa poça d’água, além de duas outras estátuas (um soldado romano e uma donzela com o seio exposto) iluminadas por spots escondidos, agora que está escurecendo. A casa também está iluminada, para exibir melhor seus excessos abomináveis. Para Billy, parece uma cruza de um supermercado com uma megaigreja. Aquilo não é uma casa, é o equivalente arquitetônico de uma calça de golfe vermelha.

Frank Macintosh, também conhecido como Frankie Elvis, está esperando na varanda infinita para recebê-lo. De terno escuro, gravata azul sóbria. Olhando assim, seria impossível adivinhar que ele começou a carreira quebrando pernas para um agiota. Claro que isso foi muito tempo atrás, antes de ele passar a trabalhar com os grandes. Ele desce metade dos degraus da varanda com a mão estendida, como o senhor da mansão. Ou o mordomo do senhor da mansão.

Mais uma vez, Nick está esperando no corredor, bem maior que o da humilde casa amarela em Midwood. Nick é grandão, mas o homem com ele é enorme, pra lá dos cento e quarenta quilos. É Giorgio Piglielli, conhecido pelo grupo de Nick em Las Vegas como Georgie Pig (também pelas costas). Se Nick é o presidente, Giorgio é seu diretor de operações. Os dois estarem ali, tão longe da base, sugere que a tarifa de agenciamento, como Nick a chamou, deve ser bem alta. Prometeram dois milhões a Billy. Quanto prometeram para aqueles caras, ou quanto eles já embolsaram? Alguém está muito preocupado com Joel Allen.

Alguém que provavelmente tem uma casa como essa, ou até mais feia. Difícil acreditar que uma coisa dessas é possível, mas deve ser.

Nick bate no ombro de Billy e diz:

— Você deve estar achando que este gordo aqui é Giorgio Piglielli.

— É parecido com ele — diz Billy com cautela, e Giorgio dá uma risada tão gorda quanto ele mesmo.

Nick assente. Está com aquele sorriso encantador no rosto.

— Sei que parece, mas este aqui é George Russo. Seu agente.

— Meu agente? Tipo imobiliário?

— Não, não desse tipo. — Nick ri. — Vem pra sala. Vamos tomar alguma coisa, e Giorgio vai explicar tudo pra você. Como falei ontem, a história é uma belezinha.

3

A sala é tão comprida quanto um vagão Pullman. Tem três candelabros, dois pequenos e um grande. A mobília é baixa e cheia de curvas. Há mais dois querubins segurando um espelho de corpo inteiro. E um relógio de piso que parece constrangido de estar ali.

Frank Macintosh, o quebrador de pernas que virou criado, leva bebidas numa bandeja. Cerveja para Billy e Nick e algo semelhante a um milk-shake de chocolate para Giorgio, que parece determinado a ingerir todas as calorias possíveis antes de morrer aos cinquenta anos. Ele escolhe a única cadeira onde cabe. Billy imagina se ele vai conseguir se levantar sem ajuda.

Nick ergue o copo de cerveja.

— A nós. Que possamos fazer negócios que nos façam felizes e nos deixem satisfeitos.

Eles bebem a isso, e Giorgio diz:

— Nick me disse que você está interessado, mas que ainda não confirmou. Ainda está no que podemos chamar de fase exploratória.

— Isso mesmo — confirma Billy.

— Bem, para fins de discussão, vamos fingir que você está na equipe. — Giorgio toma o milk-shake de chocolate pelo canudo. — Cara, que gostoso. Ideal para uma noite quente. — Ele enfia a mão no bolso do terno (que tem tecido suficiente para vestir um orfanato inteiro, Billy pensa), tira uma carteira e a oferece.

Billy pega a carteira. É uma Lord Buxton. Bonita, mas não chique. E está meio envelhecida, com algumas marcas e cortes no couro.

— Dá uma olhada. É quem você vai ser nesse burgo esquecido por Deus.

Billy olha. Tem uns setenta dólares ali dentro. Algumas fotos, a maioria de homens que poderiam ser amigos e de mulheres que poderiam ser amigas. Nada indicando que ele tem esposa e filhos.

— Eu queria botar você em uma delas com o Photoshop — diz Giorgio —, no Grand Canyon ou alguma coisa assim, mas ninguém tem foto sua, Billy.

— Fotos podem causar problemas.

— Além do mais, a maioria das pessoas não carrega a própria foto na carteira. Eu falei para o Giorgio — diz Nick.

Billy continua vasculhando a carteira, lendo-a como um livro. Como *Thérèse Raquin*, que ele terminou enquanto jantava no quarto. Se ficar ali, seu nome será David Lockridge. Com um cartão Visa e um MasterCard, ambos emitidos pelo Seacoast Bank de Portsmouth.

— Quais são os limites dos cartões? — pergunta para Giorgio.

— Quinhentos no Master, mil no Visa. Seu orçamento é limitado. Claro que, se seu livro vender como esperamos que venda, isso pode mudar.

Billy olha para Giorgio e para Nick, tentando entender se é algum tipo de pegadinha. Se eles viram por trás do *eu burro*.

— Ele é o seu agente *literário*! — Nick quase grita. — Não é hilário?

— Meu disfarce é de escritor? Para com isso, eu nem terminei o Ensino Médio. Fiz o supletivo no deserto, caramba, presente do Tio Sam por ter desviado de bombas caseiras e dos *mujahidin* em Faluja e Ramadi. Não vai dar certo. É maluquice.

— Não é não, é genial — diz Nick. — Escuta o homem, Billy. Ou devo começar a te chamar de Dave agora?

— Você nunca vai me chamar de Dave se o disfarce for esse.

Perto demais da verdade, demais. Ele é um leitor, isso é certo. E às vezes sonha em escrever, embora nunca tenha tentado nada além de uns trechos de prosa aqui e ali, que ele sempre destrói depois.

— Não vai funcionar, Nick. Eu sei que vocês já começaram com isso… — Ele levanta a carteira. — … e desculpa, mas não vai dar certo. O que eu diria se alguém perguntasse sobre o que é o meu livro?

— Me dá cinco minutos — diz Giorgio. — Dez no máximo. E, se você continuar não gostando, nós nos separamos como amigos.

Billy duvida, mas diz para ele ir em frente.

Giorgio coloca o copo vazio de milk-shake de chocolate na mesa (provavelmente uma Chippendale) ao lado da cadeira e arrota. Mas Billy vê, quando Georgie Pig lhe volta a atenção total, o que ele realmente é: uma mente magra e atlética submersa no oceano de gordura que vai matá-lo em poucos anos.

— Eu sei como pode soar assim de primeira, você sendo o tipo de cara que é, mas *vai* dar certo.

Billy relaxa um pouco. Eles ainda acreditam no que veem. Está seguro quanto a isso, pelo menos.

— Você vai ficar aqui no mínimo seis semanas, podendo chegar a uns seis meses — diz Giorgio. — Depende de quanto tempo o advogado do idiota vai conseguir ficar brigando contra a extradição. Ou até ele achar que tem um acordo sobre a acusação de assassinato. O pagamento vai ser pelo seu trabalho, mas também pelo seu tempo. Você entende isso, né?

Billy assente.

— Isso quer dizer que você precisa de um motivo para estar aqui em Red Bluff, que não é exatamente uma cidade de veraneio.

— Verdade — diz Nick, e faz uma careta como um garotinho olhando para um prato de brócolis.

— E também precisa de um motivo para estar naquele prédio na rua do fórum. Você está escrevendo um livro, esse é o motivo.

— Mas…

Giorgio levanta a mão gorda.

— Você acha que não vai dar certo, mas estou dizendo que vai. Vou te mostrar como.

Billy faz cara de dúvida, mas agora que superou o medo de terem visto através da camuflagem do *eu burro*, acha que entende aonde Giorgio quer chegar. Aquilo pode abrir possibilidades.

— Eu pesquisei. Li várias revistas de escritores e um monte de coisas na

internet. Sua história vai ser a seguinte: David Lockridge cresceu em Portsmouth, New Hampshire. Sempre quis ser escritor, mas só terminou o Ensino Médio e olhe lá. Foi trabalhar em construção civil. Continuou escrevendo, mas gostava de uma farra. Muita bebida. Eu pensei em adicionar um divórcio na história, mas achei que seria muita coisa pra sustentar.

Muita coisa para um cara que entende bastante de armas mas não muito mais que isso, Billy pensa.

— Finalmente, você engata numa coisa boa, certo? Nos blogs que li, falam muito sobre escritores que bombam de repente, e é isso que acontece com você. Você escreve um monte, talvez setenta páginas, talvez cem…

— Sobre o quê? — Billy está começando a gostar daquilo, mas toma o cuidado de não demonstrar.

Giorgio troca um olhar com Nick, que dá de ombros.

— Ainda não decidimos isso, mas vou pensar em alguma cois…

— Que tal a minha própria história? A história do Dave, quer dizer. Tem uma palavra pra isso…

— Autobiografia — interrompe Nick, como se estivesse no programa *Jeopardy*.

— Pode até ser — diz Giorgio. A expressão dele diz *Valeu a tentativa, Nick, mas deixa isso com os especialistas.* — Ou talvez um romance. O importante é que você nunca fala sobre isso por ordem do seu agente. É confidencial. Você está escrevendo, isso não é segredo, todo mundo que você encontrar no prédio vai saber que o cara do quinto andar está escrevendo um livro, mas ninguém sabe sobre o que é. Assim, você nunca se confunde com as histórias.

Como se eu fosse me confundir, Billy pensa.

— Como David Lockridge veio de Portsmouth até aqui? E como foi parar na Torre Gerard?

— Essa é a melhor parte — diz Nick. Ele parece uma criança ouvindo sua história favorita na hora de dormir, e Billy não acha que ele esteja fingindo nem exagerando. Está totalmente envolvido.

— Você procurou agentes on-line — começa Giorgio, mas hesita. — Você usa internet, né?

— Claro — diz Billy. Ele tem certeza de que sabe mais sobre computadores do que qualquer um daqueles dois homens gordos, mas essa é outra informação que ele não compartilha. — Eu uso e-mails. Às vezes, jogo no celular. E tem um aplicativo de quadrinhos. A gente faz download. Eu uso o laptop pra isso.

— Tudo bem, ótimo. Você procura agentes. Envia cartas dizendo que está trabalhando nesse livro. A maioria dos agentes diz não porque eles preferem gente que já se mostrou lucrativa, tipo o James Patterson e aquela gata do Harry Potter. Eu li num blog que isso é uma sinuca de bico: você precisa de um agente para ser publicado, mas, enquanto não é publicado, não consegue um agente.

— É a mesma coisa no cinema — acrescenta Nick. — Tem as celebridades, mas o lance todo são os agentes. Eles têm o verdadeiro poder. São eles que dizem para as celebridades o que fazer, e, cara, elas fazem mesmo.

Giorgio espera pacientemente que ele termine, então continua.

— Por fim, um agente diz que sim, porra, vou dar uma olhada nessa merda, me envia os dois primeiros capítulos.

— Você — diz Billy.

— Eu. George Russo. Eu leio as páginas. Surto. Mostro pra alguns publicadores que eu conheço…

Porra nenhuma, pensa Billy, você mostra pra alguns *editores* que você conhece. Mas dá pra consertar essa parte da história.

— … e eles também surtam, mas só vão pagar um valor alto, talvez uns sete dígitos, quando o livro estiver pronto. Porque você é uma incógnita. Você sabe o que isso quer dizer?

Billy chega perigosamente perto de dizer que claro que sim, porque está ficando empolgado com as possibilidades. Poderia ser um excelente disfarce, ainda mais a parte de ter jurado segredo sobre o projeto. E poderia ser divertido fingir ser algo que ele já meio que deseja ser.

— Quer dizer que posso ser fogo de palha.

Nick abre seu sorriso valioso. Giorgio assente.

— Quase isso. Passa um tempo, eu espero mais páginas, mas Dave não entrega. Eu espero mais um pouco. Nada de páginas. Eu faço uma visita a ele na terra das lagostas e o que encontro? O cara está na farra como se fosse a porra do Ernest Hemingway. Quando não está trabalhando, está na rua com os amigos ou em casa de ressaca. O talento vem acompanhado do abuso de substâncias tóxicas, sabe.

— É mesmo?

— Está provado. Mas George Russo está determinado a salvar esse cara, ao menos por tempo suficiente pra terminar o livro. Ele convence uma editora a contratá-lo e pagar um adiantamento de, digamos, cem mil dólares. Não é muita coisa, mas também não é pouca, e a editora pode pedir o dinheiro de volta se o livro não chegar num prazo determinado, que eles chamam de data de entrega. Mas a questão é a seguinte, Billy: o cheque é feito pra *mim* e não pra *você*.

Agora tudo já está claro para Billy, mas ele vai deixar Giorgio explicar.

— Eu tenho certas condições. Para o seu próprio bem. Você tem que deixar pra trás a terra das lagostas e todos os seus amigos bêbados e cheiradores. Tem que ir pra um lugar bem longe deles, pra uma cidadezinha que seja um buraco sem nada pra fazer e nem ninguém com quem fazer alguma coisa. Eu digo que vou alugar uma casa pra você.

— A que eu vi, né?

— É. E o mais importante é que vou alugar um escritório também, e você tem que ir pra lá todos os dias, ficar sentado numa salinha e escrever até seu livro secreto estar pronto. Ou você concorda com esses termos ou seu bilhete premiado já era.

Giorgio se encosta. A cadeira é firme, mas range um pouco mesmo assim.

— Agora, se você me disser que é má ideia ou mesmo se disser que é boa, mas que você não consegue, a gente vai cancelar tudo.

Nick levanta a mão.

— Antes que você diga qualquer coisa, Billy, quero dar mais um argumento a

favor da história. Todo mundo no seu andar vai te conhecer, além de muitas outras pessoas do prédio. Eu te conheço, e sei que você tem outro talento além de acertar uma moeda a quatrocentos metros de distância.

Como se eu conseguisse fazer isso, pensa Billy. Como se até mesmo Chris Kyle conseguisse.

— Você se dá bem com as pessoas sem ficar íntimo demais. Elas sorriem quando te veem chegando. — E, como se Billy tivesse negado: — Eu já vi! Hoff me falou que tem dois *food trucks* parados na frente daquele prédio todos os dias e que, quando o tempo está bom, as pessoas fazem fila e se sentam nos bancos pra almoçar. Você poderia ser uma dessas pessoas. A espera não precisa ser à toa. Você pode usar esse tempo pra ser aceito. Quando passar a novidade de que está escrevendo um livro, você vai ser só mais um trabalhador que vai embora no fim do dia para sua casinha em Midwood.

Billy realmente consegue visualizar isso.

— E quando finalmente acontecer, você vai ser um mero estranho que ninguém conhece? Um forasteiro suspeito? Não, você está lá há meses, bate papo com as pessoas no elevador, joga pôquer com uns cobradores de dívidas do segundo andar pra decidir quem compra a comida naquele dia.

— Vão saber de onde o tiro veio — diz Billy.

— Claro, mas não logo de cara. Porque no começo todo mundo vai procurar um forasteiro. E porque vai haver uma distração. E porque você sempre foi a porra do Houdini quando o assunto é desaparecer depois do tiro. No momento em que as coisas começarem a se ajeitar, você já vai estar longe.

— Qual vai ser a distração?

— A gente pode falar disso depois — diz Nick, o que faz Billy pensar que talvez ele ainda não tenha decidido. Se bem que, com o Nick, é difícil saber. — Temos muito tempo ainda. Agora… — Ele se vira para Giorgio, o Georgie Pig, o George Russo. *É com você*, diz o olhar.

Giorgio enfia a mão no bolso do paletó enorme e tira o celular.

— É só falar, Billy, é só dizer a senha do seu banco estrangeiro favorito, e vou

enviar quinhentos mil pra lá. Vai levar uns quarenta segundos. Um minuto e meio, se a conexão estiver lenta. Fora uma boa quantia num banco da região pras despesas, pra você se estabelecer.

Billy entende que eles estão tentando forçá-lo a tomar uma decisão logo e tem uma breve imagem de uma vaca sendo empurrada pelo vão de um abatedouro, mas pode ser só paranoia por causa do valor altíssimo. Talvez o último trabalho de uma pessoa não devesse ser apenas o mais lucrativo; talvez devesse ser também o mais interessante. Mas tem mais uma coisa que ele gostaria de saber.

— Por que Hoff está envolvido?

— O prédio é dele — responde Nick imediatamente.

— É, mas… — Billy franze a testa e faz uma expressão de grande concentração. — Ele disse que tem muitas salas vazias no prédio.

— A do canto no quinto andar é a melhor — diz Nick. — Seu agente, o Georgie aqui, foi quem alugou, o que deixa a gente de fora.

— Ele também vai conseguir a arma — acrescenta Giorgio. — Talvez já tenha conseguido. De qualquer modo, não vai ser rastreada até nós.

Billy já sabe disso, pela forma como Nick tomou o cuidado de não ser visto com ele (não, nem na varanda da propriedade isolada), mas não está totalmente satisfeito. Porque Hoff lhe pareceu um falastrão, e esse não é o tipo de pessoa que você quer por perto quando está planejando um assassinato.

4

Mais tarde naquele mesmo dia, perto da meia-noite, Billy está deitado na cama do hotel, as mãos embaixo do travesseiro, apreciando o frescor que é tão efêmero. Ele disse sim, claro, e um sim para Nick Majarian não tem volta. Ele agora é o astro de sua própria história de último serviço.

Fez Giorgio enviar os quinhentos mil dólares para um banco no Caribe. Tem uma boa quantia nessa conta agora, e depois que Joel Allen morrer naquela escada do fórum, terá bem mais. O suficiente para ele viver disso por muito, muito tempo, caso seja prudente. E ele vai ser. Não tem gostos refinados. Champanhe e serviços de acompanhante nunca foram sua praia. Em dois outros bancos, agências locais, David Lockridge vai ter um adicional de dezoito mil dólares para gastar. É bastante dinheiro para as despesas, mas não o suficiente para tropeçar em armadilhas federais.

Ele tinha duas outras perguntas. A mais importante era com quanto tempo de antecedência ele saberia que o serviço estava perto de acontecer.

— Não muito tempo — disse Nick —, mas também não vai ser algo tipo “Ele vai estar lá em quinze minutos”. Nós vamos saber logo depois que a extradição sair, e você vai receber uma ligação. Vão ser no mínimo umas vinte e quatro horas, talvez três dias ou até uma semana. Tudo bem?

— Tudo — disse Billy. — Desde que você entenda que não posso garantir nada se forem quinze minutos. Ou mesmo uma hora.

— Não vai ser.

— E se não levarem o cara pela entrada do fórum? E se usarem outra porta?

— Tem outra porta — disse Giorgio. — É a que alguns funcionários do fórum usam. Mas você vai ter visão direta do quinto andar, e a distância é só de uns cinquenta metros a mais. Você consegue fazer isso, não consegue?

Ele conseguia, e confirmou. Nick levantou a mão como se espantasse uma mosca.

— Vai ser pela entrada principal, pode contar com isso. Mais alguma coisa?

Ele disse que não e agora está deitado pensando e esperando o sono. Na segunda, vai se mudar para a casinha amarela, alugada pelo seu agente. Seu agente *literário*. Na terça, vai ver o escritório que Georgie Pig alugou para ele. Quando Giorgio perguntou o que ele pretendia fazer enquanto estivesse lá, Billy disse que começaria fazendo o download do aplicativo de quadrinhos para o laptop. E que talvez jogasse uns jogos.

— Não deixe de escrever alguma coisa entre uma revistinha e outra — disse Giorgio, meio brincando e meio a sério. — Sabe como é, pra entrar no personagem. Viver o papel.

Talvez. Talvez ele faça mesmo isso. Mesmo se o que ele escrever não for muito bom, vai passar o tempo. Uma autobiografia foi sugestão sua. Giorgio sugeriu um romance, mas não por achar que Billy é inteligente o bastante para escrever um, e sim porque Billy poderia dizer isso quando alguém perguntasse, e vão mesmo perguntar. Provavelmente muita gente, assim que ele começar a conhecer as pessoas da Torre Gerard.

Ele está quase pegando no sono quando uma ótima ideia o desperta: por que não uma combinação das duas coisas? Por que não um romance que seja uma autobiografia, escrito não pelo Billy Summers que lê Zola e Hardy e até conseguiu desbravar *Graça infinita*, mas pelo outro Billy Summers, o alter ego que ele chama de *eu burro*? Poderia dar certo? Ele acha que sim, porque conhece aquele Billy tão bem quanto conhece a si próprio.

Talvez eu tente, pensa ele. Com tanto tempo de sobra, por que não? Ele está pensando em como poderia começar quando finalmente adormece.

III

1

Billy Summers está novamente sentado no saguão do hotel esperando a carona.

É meio-dia de segunda. A mala e a pasta do laptop estão ao lado da cadeira, e ele está lendo outro gibi, desta vez chamado *Almanaque do Archie: Amigos para sempre*. Hoje ele não está pensando em *Thérèse Raquin*, mas no que poderia escrever no escritório do quinto andar que nunca viu. Não está claro em sua mente, mas já tem uma primeira frase e se agarra a ela. Essa frase pode se conectar a outras. Ou não. Ele está preparado para o sucesso, mas também para a decepção. É seu modo de funcionamento, e tem dado certo dessa forma. Pelo menos se considerasse que não foi preso até agora.

Ao meio-dia e quatro, Frank Macintosh e Paulie Logan entram no saguão vestidos de terno. Todos trocam apertos de mãos. O topete de Frank tem um brilho recente de óleo capilar.

— Precisa fazer checkout?

— Já cuidei disso.

— Então vamos.

Billy coloca a revistinha do Archie no bolso lateral da mala e pega a bagagem.

— Não, não — diz Frankie. — Deixa que o Paulie leva. Ele precisa fazer exercício.

Paulie estende o dedo médio junto da gravata, como se fosse um alfinete, mas pega a mala. Vão para o carro. Frank dirige e Paulie fica sentado atrás. Eles

seguem para Midwood e então até a casinha amarela. Billy olha para o gramado cheio de falhas e pensa que vai irrigá-lo. Se não houver mangueira, vai comprar uma. Há um carro na entrada, um Toyota compacto que parece ter alguns anos, mas, com Toyotas, vai saber?

— É meu?

— Todo seu — diz Frank. — Não é muito, mas seu agente controla bem seu orçamento, eu acho.

Paulie coloca a mala de Billy na varanda, pega um envelope no bolso do paletó, tira um chaveiro e destranca a porta. Guarda a chave no envelope e o entrega para Billy. Na frente está escrito *rua Evergreen, 24*. Billy, que não olhou a placa nem no dia anterior nem naquele, pensa: agora sei onde moro.

— A chave do carro está na mesa da cozinha — diz Frank. Ele estende a mão de novo, portanto é uma despedida. Tudo bem por Billy.

— Pega leve — diz Paulie.

Menos de sessenta segundos depois, eles vão embora, supostamente para a McMansão com o querubim mijando para sempre no gramado enorme.

2

Billy sobe a escada até o quarto maior e abre a mala na cama de casal, que parece ter sido feita recentemente. Quando abre o armário para guardar as coisas, vê que já está cheio de camisas, alguns suéteres, um moletom e duas calças sociais. Há um par de tênis novo no chão. Todos os tamanhos parecem certos. Na cômoda, encontra meias, cuecas, camisetas, uma calça jeans Wrangler. Ele enche a única gaveta vazia com suas coisas. Não tem muitas. Achou que fosse comprar mais roupas no Walmart que viu no caminho, mas parece que não vai ser necessário.

Ele vai para a cozinha. A chave do Toyota está na mesa, ao lado de um cartão que diz KENNETH HOFF e EMPRESÁRIO. Empresário, pensa Billy. Essa é boa. Ele vira o cartão e vê um bilhete na mesma letra do envelope que tinha as chaves da casa: *Se precisar de alguma coisa, é só ligar.* Tem dois números, um comercial e um celular.

Ele abre a geladeira e vê que está cheia de itens essenciais: suco, leite, ovos, bacon, alguns pacotes de frios e queijos, um recipiente plástico com salada de batata. Há um pacote de garrafas de água mineral Poland Spring, um de Coca e um de cervejas Bud Light. Ele abre a gaveta do congelador e não consegue conter o sorriso, porque o que está lá dentro diz muito sobre Ken Hoff. Ele é solteiro e, até seu divórcio (Billy tem certeza de que houve pelo menos um), foi alimentado por alguma mulher, a começar por uma mãe que devia chamá-lo de Kenny e fazê-lo cortar o cabelo a cada duas semanas. O congelador está lotado de pratos congelados Stouffer’s, pizza e duas caixas de picolés. Não tem nenhum tipo de legume nem verdura, seja fresco ou congelado.

— Não gosto dele — diz Billy em voz alta. Não está mais sorrindo.

Não. E ele não gosta do papel de Hoff nisso tudo. Fora o fato de Hoff estar muito exposto depois que o serviço acabar, Nick está omitindo alguma coisa.

Talvez não importe. Talvez, sim. Como Trump diz pelo menos uma vez por dia, *quem sabe?*

3

Há uma mangueira no porão, enrolada e empoeirada. No fim daquela tarde, quando o calor do dia diminui um pouco, Billy a puxa para fora e a prende numa torneira na lateral da casa. Está parado no gramado da frente, de calça jeans e camiseta, molhando a grama, quando um homem se aproxima vindo da casa ao lado. Ele é alto, a camiseta branca ofuscante sobre a pele muito negra. Traz duas latas de cerveja nas mãos.

— Oi, vizinho — diz ele. — Eu trouxe uma gelada pra te dar as boas-vindas ao bairro. Prazer, Jamal Ackerman. — Segura as duas cervejas em uma das mãos enormes e estende a outra.

Billy a aperta.

— Prazer, David Lockridge. Dave. E obrigado. — Ele fecha a mangueira. — Quer entrar? Ou a gente pode sentar ali nos degraus da varanda. Eu ainda não arrumei a casa. — Não havia necessidade do *eu burro* ali; em Midwood, Billy pode ser mais como ele mesmo.

— Nos degraus está ótimo.

Eles se sentam. Abrem as latas: *fsst*. Billy ergue a lata na direção de Jamal e diz:

— Obrigado.

Eles bebem. Observam o gramado.

— Vai ser preciso mais do que água pra consertar isso aí — diz Jamal. — Eu tenho Miracle-Gro, se você quiser. Tinha uma promoção de compre um, leve dois na seção de jardinagem do Walmart mês passado. Tenho bastante.

— De repente eu vou aceitar sim. Também estou pensando em dar um pulo no Walmart. Acho que vou comprar duas cadeiras pra varanda. Mas só na semana que vem, provavelmente. Você sabe como é, casa nova, essas coisas.

Jamal ri.

— E como sei. Essa é a terceira casa onde a gente mora desde que casamos,

em 2009. A primeira era da mãe dela. — Ele finge estremecer. Billy sorri. — Tenho dois filhos, um menino de dez e uma menina de oito. Quando eles te incomodarem, e já aviso que eles vão, pode mandar os dois de volta pra casa.

— Se eles não quebrarem as janelas nem botarem fogo na casa, não vão me incomodar.

— É comprada ou alugada?

— Alugada. Vou ficar por um tempo, só não sei quanto. Eu estou… é meio constrangedor dizer assim abertamente, mas eu estou escrevendo um livro. Tentando, pelo menos. Parece que tem uma chance de publicar, pode ser até que ganhe um bom dinheiro, mas pra isso vou ter que meter a cara e trabalhar. Arranjei um escritório no centro, na Torre Gerard, sabe? Ou pelo menos acho que arranjei. Vou dar uma olhada amanhã.

Jamal arregalou os olhos.

— Um escritor! Morando aqui na rua Evergreen! Caramba!

Billy ri e balança a cabeça.

— Calma, grandão. Eu sou só um aspirante, por enquanto.

— Mesmo assim, cara! Uau. Espera só até eu contar pra Corinne. Você tem que vir jantar com a gente qualquer hora dessas. Depois vamos poder falar pra todo mundo que te conhecíamos antes da fama.

Ele levanta a mão. Billy bate. *Você se dá bem com as pessoas sem ficar íntimo demais*, dissera Nick. É verdade. E não é forçado. Billy gosta de pessoas e gosta de manter certa distância delas. Parece contraditório, mas não é.

— É sobre o que o seu livro?

— Não posso contar. — É agora que a edição começa. Giorgio pode achar que sabe tudo só porque leu algumas revistas de escritores e umas postagens na internet, mas ele não sabe de nada. — Não é segredo nem nada, mas é porque eu tenho que guardar tudo dentro de mim. Se eu começar a falar… — Ele dá de ombros.

— É, cara, entendi. — Jamal sorri.

Pois é. Simples assim.

4

Naquela noite, Billy passeia pelo catálogo da Netflix na televisão grande que fica na sala da bagunça. Ele já ouvira falar na plataforma, mas nunca havia se dado ao trabalho de ver, não quando tinha tantos livros a serem lidos. Tem muita coisa a ser vista ali também, ao que parece. O volume de opções é intimidante, e ele decide ir pra cama cedo em vez de assistir a alguma coisa. Antes de se despir, olha o celular e encontra uma mensagem de seu novo agente.

GRusso: 9h na Torre Gerard. Não vai de carro. Pega um uber.

Billy não tem um celular para David Lockridge (nem Giorgio nem Frank Macintosh lhe deram um) e não tem um aparelho falso. Decide usar o pessoal, pois Giorgio já o fez; com o aplicativo de codificação de mensagens, não deve haver problema. E Billy precisa muito dizer uma coisa.

BillyS: OK. Não leva o Hoff.

Pontinhos piscam quando Giorgio começa a digitar a resposta. Não demora muito.

GRusso: Tenho que levar. Foi mal.

E os pontinhos desaparecem. Discussão encerrada.

Billy esvazia os bolsos e coloca a calça na máquina de lavar, junto com todo o resto. Faz isso devagar, com a testa franzida. Ele não gosta de Ken Hoff. Na verdade, já não tinha gostado antes mesmo de ele abrir a boca. Uma reação instintiva. O que os pais e avós de Giorgio chamariam de *reazione istintiva*. Mas Hoff está envolvido. A mensagem de Giorgio deixou isso claro: *tenho que levar*. Não é muito a cara de Nick e de Giorgio envolver alguém local nos negócios, principalmente num serviço de vida ou morte como aquele. Será que Hoff está envolvido por causa do prédio? Localização é tudo, como essa gente de imobiliária gosta de dizer? Ou será que é pelo fato de Nick não ser local?

Na cabeça de Billy, nenhuma dessas coisas justifica o envolvimento de Ken Hoff. *Estou meio apertado este ano,* ele dissera, mas Billy acha que é preciso

estar mais do que apenas apertado de grana para se envolver num plano de assassinato. E desde o começo — a barba de macho por fazer, a camisa Izod, a calça Dockers com os bolsos meio puídos, os mocassins Gucci gastos nos calcanhares — Hoff pareceu a Billy o tipo de cara que abriria a boca primeiro numa sala de interrogatório, se alguém oferecesse um acordo. Afinal, acordos são o negócio dos Ken Hoffs do mundo.

Ele se vira e fica deitado no escuro, as mãos debaixo do travesseiro, olhando para o teto. Tem trânsito na rua, mas não muito. Ele se pergunta quando dois milhões de dólares começam a parecer insuficientes, quando começam a não valer a pena. A resposta parece óbvia: só quando já é tarde demais para pular fora.

5

Billy vai de uber até a Torre Gerard, como instruído. Hoff e Giorgio estão esperando na frente do prédio. Os pelos da barba ainda fazem Hoff parecer (ao menos para Billy) um mendigo e não um cara descolado, mas, fora isso, ele está bem vestido com um terno de tecido leve e uma gravata cinza discreta. “George Russo”, por sua vez, parece maior do que nunca em uma infeliz camisa verde para fora da calça e um jeans com tanto tecido na bunda que daria para fazer uma barraca. Billy supõe que é como o gordo acha que um agente literário importante se vestiria para uma visita ao centro. Entre os pés, traz uma pasta de laptop.

Hoff parece ter deixado de lado o bom humor de vendedor, ao menos um pouco. Possivelmente a pedido de Giorgio, mas não consegue resistir a uma pequena saudação animada: *mon capitaine*.

— Bom te ver, Billy. O segurança de serviço hoje de manhã, e na maioria dos dias de semana, é o Irv Dean. Ele vai querer ver sua habilitação e tirar uma foto rápida. Tudo bem?

Já que não tem opção se quiserem seguir em frente, Billy concorda.

Algumas pessoas indo trabalhar atravessam o saguão até os elevadores. Alguns estão de terno, algumas das mulheres usam sapatos de salto alto, mas um número surpreendente está vestido de maneira informal, alguns até de camiseta. Ele não sabe onde aquelas pessoas trabalham, mas não deve ser com público.

O cara sentado no balcão estilo concierge no centro do saguão é corpulento e idoso. As linhas em volta da boca são tão fundas que ele parece um boneco de ventríloquo em tamanho humano. Billy acha que deve ser um policial aposentado, agora a dois ou três anos da aposentadoria total. Seu uniforme consiste em um colete azul com um bordado dourado na frente que diz POLK

SEGURANÇA. Uma empresa barata. Mais provas de que Hoff está encrencado. E muito, caso dependa unicamente do prédio.

Hoff aciona o encanto no nível máximo e se aproxima do cara com um sorriso e a mão estendida.

— Como vai, Irv? Tudo certinho?

— Tudo bem, sr. Hoff.

— A esposa vai bem?

— A artrite incomoda um pouco, mas, fora isso, está bem.

— Este é o George Russo, vocês se conheceram semana passada. E este aqui é o David Lockridge. Ele vai ser nosso escritor residente.

— É um prazer, sr. Lockridge — diz Dean. Um sorriso ilumina seu rosto e o deixa mais jovem. Não muito, mas um pouco. — Espero que você encontre boas palavras por aqui.

Billy acha que essa é uma coisa legal de se dizer, talvez a melhor possível.

— Eu também espero.

— Posso perguntar sobre o que é o seu livro?

Billy leva o dedo aos lábios.

— É segredo.

— Tudo bem, entendi. A unidade do quinto andar é ótima. Acho que você vai gostar. Tenho que tirar sua foto pra identificação do prédio, se não houver problema.

— Claro.

— Tem um documento?

Billy entrega a carteira de habilitação de David Lockridge. Dean usa um celular com TORRE GERARD atrás para fotografar primeiro a habilitação e depois o próprio Billy. Agora, tem uma foto dele no servidor de computador daquele prédio, recuperável por qualquer pessoa que saiba hackear. Ele diz para si mesmo que não importa, é seu último serviço, mas não gosta disso. A sensação é de coisa errada.

— O cartão vai estar pronto quando você for embora. Você vai precisar usá-lo se não tiver ninguém na recepção. É só encostar nesse leitor. Nós gostamos de saber quem está no prédio. Eu vou estar aqui na maior parte do tempo, ou o Logan, na minha folga, e quando estivermos, liberamos a entrada.

— Entendi.

— Você também pode usar seu cartão no estacionamento da Main. Vale por quatro meses. Seu, hã, agente pagou por isso. A cancela vai estar liberada assim que eu te cadastrar no computador. Nem adianta tentar estacionar na rua quando o fórum estiver em sessão. — Isso explica o uber. — Não tem lugar marcado na garagem, mas em geral você encontra vaga no primeiro ou no segundo andar. Nós não estamos lotados agora. — Ele olha com lamento para Ken Hoff e volta a atenção para o novo inquilino. — Se eu puder fazer alguma coisa por você, é só apertar um-um no telefone da sala. A linha fixa já está funcionando. Seu agente também cuidou disso.

— O sr. Dean tem ajudado muito — diz Giorgio.

— É o trabalho dele! — exclama Hoff com alegria. — Não é, Irv?

— Com certeza.

— Manda um oi pra sua esposa, diz que espero que ela esteja melhor. Tem uns braceletes de cobre que supostamente ajudam com a artrite. Sabe, aqueles que anunciam na televisão?

— Pode ser que a gente experimente — diz Dean, mas ele parece em dúvida, e ainda bem.

Quando passam pelo balcão, Billy vê que o sr. Polk Segurança está com uma edição especial de praia da *Sports Illustrated* no colo. Tem uma gata cheia de curvas na capa, e Billy registra que precisa comprar uma. O *eu burro* gosta de esportes e gosta de gatas.

Eles pegam o elevador até o quinto andar e saem num corredor deserto.

— Tem um escritório de contabilidade aqui — diz Hoff, apontando. — Duas salas conectadas. Tem uns advogados também. E um dentista deste lado. Eu

acho. A não ser que ele tenha saído. Pode ser que sim, porque a placa na porta sumiu. Vou ter que perguntar à imobiliária. O resto do andar está desocupado.

Ah, esse cara está encrencado, pensa Billy de novo. Ele arrisca um olhar para Giorgio, mas Giorgio, *George*, está olhando para a porta atrás da qual não tem mais dentista nenhum. Como se houvesse alguma coisa para ver ali.

Perto do fim do corredor, Hoff enfia a mão no bolso do paletó e tira uma carteirinha de pano com TG impresso em dourado na frente.

— Isto é seu. E os dois cartões magnéticos adicionais.

Billy encosta um dos cartões no leitor e entra no que seria uma pequena área de recepção, se aquilo fosse um escritório. Está abafado. Quente.

— Meu Deus, esqueceram de ligar o ar-condicionado! Só um segundo, peraí. — Hoff aperta alguns botões no controle da parede e tem um momento de ansiedade quando nada acontece. O ar fresco começa a sair de uma ventilação no teto. Billy vê o alívio de Hoff na forma como os ombros murcham.

A sala seguinte é um escritório grande que poderia servir como uma pequena sala de reuniões. Não tem escrivaninha, só uma mesa comprida que poderia comportar umas seis pessoas, se elas se apertassem lado a lado. Nela há uma pilha de cadernos Staples, uma caixa de canetas, um telefone fixo. Aquela sala, que Billy supõe ser seu escritório, está mais quente ainda do que a antecâmara por causa do sol da manhã entrando. Ninguém se deu ao trabalho de fechar as persianas. Giorgio balança a gola da camisa junto ao pescoço.

— Nossa!

— Vai refrescar rapidinho, rapidinho — promete Hoff. Parece meio frenético. — O sistema de ar-condicionado é ótimo, moderníssimo. Já está começando a funcionar, está sentindo?

Billy não liga para a temperatura da sala, ao menos não agora. Ele vai para o lado direito da grande janela virada para a rua e olha pela diagonal até os degraus do fórum. Em seguida, olha a diagonal da portinha que fica adiante. A que os funcionários do fórum usam. Ele imagina a cena: uma viatura da polícia

parando, ou talvez uma van com DEPARTAMENTO DO XERIFE ou POLÍCIA MUNICIPAL na lateral. A força de segurança sai. Dois homens pelo menos, talvez três. Quatro? Provavelmente não. Se for um carro, eles vão abrir a porta do lado do meio-fio. Se for uma van, a porta de trás. Ele vai ver Joel Allen sair do veículo. Não vai ter dificuldade para identificá-lo, ele vai estar algemado e ladeado de policiais.

Quando a hora chegar, se chegar, esse disparo vai ser fácil.

— Billy! — A voz de Hoff faz com que ele dê um pulo, como se o despertasse de um sonho.

Hoff está parado na porta de uma sala bem menor. É a cozinha. Quando vê que conseguiu a atenção de Billy, indica o espaço ao redor com a palma da mão virada para cima, exibindo os aparelhos modernos como uma assistente de palco no programa *The Price is Right*.

— Dave — corrige Billy. — Eu sou o Dave.

— Certo. Desculpa. Foi mal. Tem um fogãozinho com duas bocas, não tem forno, mas tem um micro-ondas pra fazer pipoca, Hot Pockets, descongelar comida, o que for. Tem pratos e panelas nos armários. Uma piazinha pra lavar a louça. Frigobar. Não tem banheiro particular, infelizmente, mas tem um masculino e um feminino no fim do corredor, pelo menos ficam do seu lado. É perto. E tem isto.

Ele tira uma chave do bolso e leva a mão ao painel retangular de madeira acima da porta entre o escritório/ sala de reunião e a cozinha. Ele gira a chave, empurra o painel e o abre. O espaço lá dentro parece ter quarenta e cinco centímetros de altura por cento e vinte de comprimento e sessenta de profundidade. Está vazio.

— O depósito — diz Hoff, e faz a mímica de disparar com um rifle invisível. — Aqui está a chave pra você poder trancar às sextas, quando o pessoal da faxina…

Billy quase abre a boca, mas Giorgio fala primeiro, e isso é bom porque, em teoria, ele é a pessoa que pensa ali, não Billy Summers.

— Nada de faxina aqui. Nem às sextas e nem em nenhum outro dia. O projeto de escrita é secreto, lembra? Dave pode limpar a sala. Ele é um cara organizado, não é, Dave?

Billy concorda. Realmente é um cara organizado.

— Avisa pro Dean, e pro outro segurança… Logan, né? E pro Broder também. — Para Billy, ele diz: — Steven Broder. O zelador do prédio.

Billy assente e registra o nome.

Giorgio coloca a pasta do laptop na mesa, empurra as ferramentas de escrever à mão (um gesto que Billy acha ao mesmo tempo triste e meio simbólico) e abre o zíper.

— MacBook Pro. O melhor que o dinheiro pode comprar, novinho. Meu presente pra você. Pode usar o seu se quiser, mas esta belezinha… é o pacote completo. Você sabe usar? Deve ter um manual de instruções…

— Eu me viro.

Sem problema quanto a isso, mas há outra coisa que pode vir a ser. Se Nick Majarian não tiver grampeado aquela belezinha preta para usar de espelho mágico e ver o que Billy vai escrever naquele quarto, ele deu mole. E Nick não é de dar mole.

— Ah, caramba, isso me lembra — diz Hoff, e entrega a Billy outro cartão junto com a chave do armário acima da porta da cozinha. — A senha do wi-fi. Totalmente seguro. Protegido como um cofre de banco.

Porra nenhuma, pensa Billy enquanto guarda o cartão no bolso.

— Bom — diz Giorgio —, acho que é isso. Vamos te deixar com seu trabalho criativo. Vem, Ken.

Hoff parece relutante em ir embora, como se achasse que deveria haver mais para mostrar.

— Me liga se precisar de alguma coisa, Bi… Dave. Qualquer coisa. Entretenimento, talvez? Uma televisão? Um rádio?

Billy faz que não. Ele tem uma biblioteca musical considerável no celular, basicamente de country e western. Tem muito a fazer nos próximos dias, mas em algum momento vai encontrar tempo para colocar as músicas naquele laptop incrível. Se Nick decidir escutar, ele pode ouvir Reba e Willie e todos os amigos barulhentos de Hank Junior. E talvez ele escreva aquele livro, afinal. No seu próprio laptop, que é de confiança. Ele também vai tomar medidas de segurança nas duas máquinas, a nova e a sua pessoal, que é uma velha amiga.

Giorgio finalmente leva Hoff embora, e Billy fica sozinho. Ele volta até a janela e fica olhando as duas diagonais: a que leva aos degraus largos de pedra e a que leva à porta dos funcionários. Novamente, imagina o que vai acontecer, enxergando vividamente. Os eventos do mundo real nunca são iguais aos que vemos na cabeça, mas aquele trabalho sempre começa pela visualização. É como poesia. As mudanças, as variáveis inesperadas, as revisões — são coisas que precisam ser resolvidas quando surgem, mas tudo começa pela visualização.

O celular apita com a chegada de uma mensagem de texto.

GRusso: Foi mal pelo H. Eu sei que ele é meio babaca.

BillyS: Vou ter que encontrar com ele de novo?

GRusso: Sei lá.

Billy preferiria uma resposta mais definitiva, mas essa vai servir por enquanto. Vai ter que servir.

6

Quando Billy volta para o que supostamente é seu lar agora, leva no bolso o cartão de acesso ao prédio em nome de David Lockridge. Amanhã vai dirigir o novo carro destinado ao trabalho. Na varanda, encostado na porta, encontra um saco de fertilizante Miracle-Gro com um bilhete colado: *Achei que poderia ser útil! — Jamal A.*

Billy acena para a casa ao lado, apesar de não saber se tem alguém vendo; ainda são onze e meia da manhã. É provável que os dois Ackerman trabalhem. Ele leva o fertilizante para dentro, deixa-o perto da entrada e dirige até o Walmart, onde compra dois celulares pré-pagos (um pra jogar na linha e outro no banco de reservas) e dois pen-drives, embora provavelmente só vá precisar de um; poderia colocar a obra completa de Émile Zola em um único pen-drive e não encher quase nada do espaço disponível.

Ele também compra por impulso um laptop barato da AllTech, que guarda no armário do quarto, ainda na caixa. Paga em dinheiro pelos telefones e pelos pen-drives. Usa o Visa de David Lockridge para o laptop. Não tem um plano imediato para os celulares, talvez nunca use. Tudo depende da estratégia de fuga, que, naquele momento, não passa de uma sombra.

Na volta, ele para no Burger King e, quando chega à casinha amarela, vê duas crianças de bicicleta ali na frente. Um menino branco e uma menina negra. Ele acha que a menina deve ser de Jamal e Corinne Ackerman.

— Você é o nosso novo vizinho? — pergunta o menino.

— Sou — diz Billy, e pensa que vai ter que se acostumar com aquilo. Pode até ser divertido. — Meu nome é Dave Lockridge. E o seu?

— Danny Fazio. Essa é a minha amiga Shanice. Eu tenho nove anos. Ela tem oito.

Billy aperta a mão de Danny e da menina, que olha para ele com timidez quando sua mão escura some dentro da dele, branca.

— É um prazer conhecer vocês. Estão curtindo as férias de verão?

— O programa de leitura de verão até que é legal — diz Danny. — A gente ganha um adesivo pra cada livro que lê. Eu tenho quatro. Shanice tem cinco, mas eu vou alcançar ela. A gente vai pra minha casa. Depois do almoço, vamos jogar Monopoly no parque. — Ele aponta. — A Shan vai trazer o tabuleiro. Eu sempre sou o carro de corrida.

Crianças brincando sozinhas no século XXI, pensa Billy, maravilhado, olha só isso. E só então repara no cara gordo duas casas depois, de regata "mamãe sou forte", bermuda e tênis manchados de grama, de olho nele. E em como ele se comporta com as crianças.

— Bom, tchau, tchau, lobo mau — diz Danny, montando na bicicleta.

— Tchauzinho, Chapeuzinho — responde Billy, e as duas crianças riem.

Naquela tarde, depois de tirar um cochilo (ele acha que tem direito a um cochilo da tarde, agora que é escritor), Billy pega o pacote de cervejas na geladeira. Deixa na varanda dos Ackerman com um bilhete que diz *Obrigado pelo fertilizante — Dave.*

Um bom começo. E lá no centro? Ele acha que sim. Espera que sim.

Exceto talvez por Hoff. Hoff o incomoda.

7

Naquela noite, quando Billy está colocando o fertilizante no gramado, Jamal Ackerman aparece com duas das cervejas que antes estavam na geladeira de Billy. Usa um macacão verde com bordados em dourado no peito, seu nome de um lado e PNEU EXCELENTE do outro. Ao lado dele, um garoto segurando uma lata de Pepsi.

— Oi, sr. Lockridge — diz Jamal. — Este rapazinho é o meu filho, Derek. Shanice disse que já te conheceu.

— Isso mesmo, ela estava com um rapaz chamado Danny.

— Obrigado pelas cervejas. Ei, o que é isso aí que você tá usando? Parece a peneira de farinha da minha esposa.

— É exatamente isso. Pensei em comprar um espalhador de fertilizantes no Walmart, mas pra esse gramado aqui… — Ele olha para o trecho ressecado e dá de ombros. — Seria um desperdício.

— Parece que funcionou direitinho. De repente vou até experimentar. Mas e lá atrás? É bem maior.

— Vou ter que aparar a grama dos fundos primeiro, mas não tenho cortador. Ainda.

— Você pode usar o nosso, não pode, pai? — diz Derek.

Jamal bagunça o cabelo do menino.

— Quando quiser.

— Não, imagina — diz Billy. — Eu vou comprar um. Sempre supondo que eu consiga engrenar no livro que estou tentando escrever e fique mais tempo por aqui.

Eles vão até a varanda e se sentam nos degraus. Billy abre a cerveja e toma um gole. Desce com perfeição, e ele comenta isso.

— Sobre o que é o seu livro? — pergunta Derek, sentado entre os dois.

— É segredo — Billy sorri ao responder.

— Tá, mas é faz de conta ou é de verdade?

— Um pouco das duas coisas.

— Já chega — diz Jamal. — É falta de educação xeretar.

Uma mulher se aproxima, vinda de uma das casas do outro lado da rua. Cinquenta e poucos anos, cabelo grisalho, batom forte. Tem na mão um copo alto e não está exatamente andando em linha reta.

— É a sra. Kellogg — diz Jamal, mantendo a voz baixa. — Viúva. Perdeu o marido ano passado. Teve um derrame. — Ele olha pensativamente para o gramado infeliz de Billy. — Cortando a grama, inclusive.

— Está rolando uma festinha? Posso invadir? — pergunta a sra. Kellogg. Apesar de ela ainda não estar tão perto e de não haver brisa, Billy sente o gim no hálito dela.

— Se você não se importar de sentar na escada. — Billy se levanta e estende a mão. — Prazer, Dave Lockridge.

E agora lá vem o cara que estava de olho na interação de Billy com Shanice e Danny. Ele trocou a regata e a bermuda por uma calça jeans e uma camiseta dos Mestres do Universo, e trouxe uma loura alta e magrela de vestido e tênis. Da casa ao lado, segurando o que parece ser um prato de brownies, vem a esposa de Jamal acompanhada da filha. Billy convida todos para entrar, para poderem se sentar em cadeiras de verdade.

Bem-vindo ao bairro, ele pensa.

8

O cara da camiseta dos Mestres do Universo e a esposa loura magrela são os Ragland. Os Fazio também aparecem, mas sem o filho, assim como os Peterson, do fim do quarteirão, com uma garrafa de vinho tinto. A sala fica cheia. É uma ótima festa improvisada. Billy se diverte, em parte porque não precisa se esforçar para projetar o *eu burro*, em parte porque gosta daquelas pessoas; até de Jane Kellogg, que está bem bêbada e precisa ir toda hora ao banheiro. Que ela chama de "casinha". E, quando todos vão embora (cedo, porque o dia seguinte é de trabalho), Billy sabe que vai conseguir se encaixar ali. Ele desperta interesse por estar escrevendo um livro, o que o torna meio exótico, mas isso vai passar. No meio do verão, sempre supondo que Joel Allen não apareça adiantado para seu encontro com uma bala, ele vai ser só mais um cara da rua. Só mais um vizinho.

Billy descobre que Jamal é o supervisor da Pneu Excelente e Cori é (que mundo pequeno) estenógrafa no fórum. Descobre que Diane Fazio fica de olho em Shanice durante as férias de verão, enquanto Jamal e Cori estão no trabalho. Descobre que o irmão de Shanice, Derek, passa o dia numa colônia de férias e vai viajar para um acampamento de basquete em agosto. Descobre que os Dugan, que se mudaram subitamente da casa amarela em outubro (pularam fora, como diz Paul Ragland), eram "metidos", e consequentemente Dave Lockridge é uma boa troca. Depois do tiro, eles vão dizer aos repórteres que ele parecia ser um cara tão legal. Por Billy, tudo bem. Ele se vê como um cara legal, apenas um cara legal que tem um trabalho sujo. Pelo menos, ele pensa, eu nunca atirei num garoto de quinze anos a caminho da escola. Supondo que Joel Allen, o "Joe", tenha mesmo feito aquilo.

Antes de dormir, ele tira o laptop AllTech da caixa, liga e pesquisa Ken Hoff no Google. O cara é bem poderoso em Red Bluff. Membro do Elks. Membro do

Rotary. Foi presidente da seção local da JCI. E presidente da divisão local do partido republicano na eleição de 2016, e tem uma foto dele, antes de adotar o visual com a barba por fazer, usando um boné vermelho *Make America Great Again*. Foi do comitê de planejamento da cidade, mas saiu em 2018 depois de acusações de conflito de interesses. É dono de meia dúzia de prédios no centro, inclusive a Torre Gerard, o que Billy supõe que o torna uma espécie de Donald Trump em miniatura. Também é dono de três estações de televisão, uma ali em Red Bluff e duas no Alabama. Todas afiliadas à World Wide Entertainment, o que explica a referência de Hoff à WWE. Se divorciou não uma, mas duas vezes. O que significa que tem um gasto alto com pensões. Seus planos de construir um campo de golfe desandaram no ano anterior. E os de construir mais um prédio no centro estão em suspenso. Assim como a requisição de Hoff para uma licença de cassino. De modo geral, é a imagem de um homem cujo império de pequenos negócios está na corda bamba. Um empurrão e tudo vai desabar.

Billy se deita e fica olhando a escuridão com as mãos embaixo do travesseiro. Está começando a entender por que Nick se sentiu atraído por Ken Hoff, e vice-versa. Nick sabe cativar as pessoas (com aquele sorriso encantador), e é mais inteligente do que a média, mas no fundo é uma hiena, e hienas são boas em avaliar o rebanho e escolher o animal que está mancando. O que logo vai ficar para trás. Ken Hoff é o bode expiatório. Não do assassinato em si, ele vai ter um álibi perfeito para isso; mas, quando a polícia começar a procurar o cara que deu a ordem, não vão encontrar Nick. Vão encontrar Ken. Billy conclui que, por ele, tudo bem.

Já gastou o reservatório de frescor embaixo do travesseiro, então rola para o lado direito e pega no sono quase na mesma hora.

Ser um bom vizinho é cansativo.

IV

1

No dia seguinte, Billy configura o novo MacBook no escritório do quinto andar e baixa um aplicativo de paciência. Há mais de dez versões diferentes. Ele escolhe um do tipo Canfield e programa o computador para deixar uma pausa de cinco segundos antes de cada cartada. Se Nick ou Giorgio decidirem monitorar as atividades dele (ou talvez Frankie Elvis fosse o encarregado dessa tarefa), não vão imaginar que o computador está no automático.

Ele vai até a janela e olha para fora. Os dois lados da rua Court estão cheios de carros estacionados; muitos são viaturas da polícia. As mesas protegidas por guarda-sóis do lado de fora do Sunspot Café estão cheias de gente comendo donuts e doces. Algumas pessoas descem a escada larga do fórum, mas a maioria está subindo. Uns trotam, exibindo a boa forma física. Outros se arrastam. A maioria dos que se arrastam são advogados, identificáveis pelas enormes pastas rígidas. A sessão vai começar em breve.

Como se para enfatizar isso, um ônibus pequeno — que já foi vermelho, mas agora é rosa desbotado — segue lentamente pela rua lotada, passa pela escadaria e para em frente à porta menor no lado direito da grande construção de pedra. A porta do veículo se abre. Um policial sai e uma fila de prisioneiros aparece em seguida, todos de macacão laranja, seguidos de outro policial. O desfile de macacões contorna a frente do ônibus. A porta da entrada de funcionários se abre, e os homens de macacão entram para aguardar a hora de se apresentarem

ao juiz. A cena é interessante e digna de registro, mas Billy acredita que Nick esteja certo: quando Allen chegar, ele vai ser escoltado pela escadaria da entrada principal. Não que faça diferença. O tiro vai ser quase igual. O importante é que a rua Court é um lugar movimentado durante a semana. Talvez haja menos gente à tarde, mas a maioria das apresentações dos réus ao juiz acontecem de manhã.

Você sempre foi a porra do Houdini quando o assunto é desaparecer depois do tiro, dissera Nick. *Quando as coisas começarem a se ajeitar, você já vai estar longe.*

É melhor que esteja, porque desaparecer é parte do motivo pelo qual ele foi contratado. Uma boa parte. Nick sabe que escolher Billy tem certas vantagens no caso de ele estragar o desaparecimento. Ele não tem amigos nem parentes que possam pressioná-lo, nem que possam ser *usados* para pressioná-lo e fazê-lo entregar o nome do contratante. E, embora Nick talvez não considere Billy a última Coca-Cola do deserto, sabe que seu assassino de aluguel é esperto a ponto de saber que não há como trocar um nome por uma redução para homicídio não premeditado ou homicídio com grau atenuado de culpa. Quando você atira num cara com um fuzil de precisão do quinto andar de um prédio onde passou semanas ou meses, não tem o que discutir. É premeditação com letras vermelhas enormes, e só homicídio qualificado serve.

Mas, se Billy fosse pego, só haveria uma proposta que a acusação *poderia* fazer, e Nick também sabe disso. Aquele estado tem pena de morte. Um promotor astuto poderia oferecer a Billy uma tentativa de prisão perpétua na Rincon Correctional em vez da injeção letal. Se ele falasse. Billy acha que, se chegasse a tanto, ele ainda conseguiria deixar Nick de fora. Poderia citar Ken Hoff, porque Hoff já não viveria muito tempo se a polícia pegasse Billy Summers saindo da Torre Gerard. Talvez não viva muito tempo de qualquer modo, na verdade. Trabalhando com gente como Nick Majarian, os bodes expiatórios raramente vivem.

Mesmo assim, Billy talvez não vivesse muito, e prevenir é sempre melhor do que remediar. Ele talvez caísse de uma escada na prisão com as mãos algemadas

nas costas. Talvez fosse esfaqueado no banho com uma escova de dentes afiada ou fosse obrigado a engolir um sabonete. Ele poderia se defender de um cara, talvez dois, mas e se tivesse que encarar um grupo de neonazis ou daqueles grandões do People Nation? Não. E, de qualquer forma, será que ele quer passar o resto da vida na prisão? Também não. Antes morto que enjaulado. Ele acha que Nick também sabe disso.

Nada disso vai ser problema se ele não for pego. Nunca foi, escapou ileso dezessete vezes, mas também nunca enfrentou uma situação como aquela. Não é como atirar de um beco, com um carro de fuga esperando para te levar embora pelo melhor caminho para fora da cidade.

Como você desaparece depois de atirar num cara do quinto andar de um prédio comercial no centro, com uma cacetada de policiais da cidade e do condado bem no meio do caminho? Billy sabe como funcionaria num filme: o atirador malvado usaria um silenciador. Mas não é uma opção nesse caso. A distância é longa demais, e ele não vai ter uma segunda chance se errar a primeira. Além do mais, vai haver o estalo inconfundível da bala rompendo a barreira do som. Um silenciador não resolve isso. Billy também tem uma questão pessoal: nunca confiou em abafadores. Colocar um dispositivo na ponta de um fuzil bom é correr o risco de estragar o tiro. Então, vai ser alto, e, embora a fonte não possa ser identificável imediatamente, quando as pessoas pararem de se esconder e olharem para cima, vão ver uma janela no quinto andar com um pedaço redondo do vidro faltando. Porque aquelas janelas não abrem.

As dificuldades não intimidam Billy. Pelo contrário, só o estimulam. Do mesmo jeito que a perspectiva de certas fugas perigosas — acorrentado dentro de um cofre jogado no rio East ou pendurado em um arranha-céu vestindo uma camisa de força — sem dúvida estimulavam Houdini. Billy ainda não tem um plano concreto, mas tem uma ideia. O estacionamento estava um pouco mais cheio nos dois primeiros andares do que Irv Dean havia dito, talvez o movimento no fórum hoje esteja mais pesado, mas, quando Billy chegou ao quarto andar,

havia vagas de sobra para escolher. Ou seja, privacidade, e privacidade é bom. Billy tem certeza de que Houdini teria concordado.

Ele volta para a mesa, onde o MacBook Pro caríssimo ainda está jogando paciência. Ele liga o próprio laptop e entra na Amazon. Dá para comprar qualquer coisa na Amazon.

2

Um trecho do meio-fio em frente à Torre Gerard foi pintado com as palavras SOMENTE VEÍCULOS AUTORIZADOS. Às 11h15, um caminhão com um *sombrero* enorme na lateral estaciona ali. Abaixo do *sombrero*, está escrito LANCHES DO JOSÉ. E, abaixo disso, TODO MUNDO COME! As pessoas começam a sair do prédio e vão na direção do *food truck* como formigas atraídas por açúcar. Cinco minutos depois, outro caminhão para atrás. Na lateral desse tem o desenho de um garoto sorridente comendo um cheeseburguer duplo. Às 11h30, enquanto as pessoas fazem fila para comprar hambúrgueres, fritas, *tacos* e *enchiladas*, um carrinho de cachorro-quente aparece.

Hora de comer, Billy pensa. E de conhecer mais alguns vizinhos.

Tem quatro pessoas esperando o elevador, três homens e uma mulher. Todos estão vestidos com roupas sociais e parecem ter trinta e poucos anos, a mulher talvez um pouco menos. Billy se junta a eles. Um pergunta se ele é o novo escritor da casa… como se Billy tivesse tomado o lugar de um antigo. Ele diz que sim e se apresenta. Eles fazem o mesmo: John, Jim, Harry, Phyllis. Billy pergunta o que tem de bom lá embaixo. John e Harry sugerem o *food truck* mexicano.

— Os *tacos* de peixe são excelentes — diz John. Jim acha que os hambúrgueres são razoáveis e que os anéis de cebola são divinos. Phyllis prefere o cachorro-quente com *chili* do Petie.

— Não é nada gourmet — diz Harry —, mas é melhor do que trazer marmita.

Billy pergunta sobre o café do outro lado da rua e os quatro balançam a cabeça negativamente. A unanimidade imediata soa engraçada, e Billy não contém um sorriso.

— Nem pensar — responde Harry. — Fica lotado no almoço.

— E é caro — acrescenta John. — Não sei como é pros escritores, mas pra quem trabalha numa start-up de advocacia até as moedinhas são contadas.

— Tem muitos advogados no prédio? — Billy pergunta a Phyllis quando a porta do elevador se abre.

— Eles é que sabem — diz ela. — Eu trabalho na Contabilidade Crescente. Atendo o telefone e confiro os recibos do imposto de renda.

— Tem uma galerinha boa do direito aqui — diz Harry. — Alguns no terceiro e no quarto, alguns outros no sexto. Acho que tem uma start-up de arquitetura no sétimo. E sei de um estúdio de fotografia no oitavo. Coisa comercial, pra catálogos.

— Se esse prédio fosse um programa de televisão, o nome seria *Os jovens advogados* — diz John. — As firmas grandes ficam a dois ou três quarteirões daqui, do outro lado do fórum, na rua Holland e na praça Emery. A gente fica por perto pegando as migalhas dos grandões.

— E esperando os grandões morrerem — acrescenta Jim. — A maioria dos advogados nessas firmas das antigas são dinossauros que vestem ternos de três peças e falam que nem o Boss Hogg.

Billy pensa na placa da frente: APARTAMENTOS DE LUXO E ESCRITÓRIOS DISPONÍVEIS. Parecia que estava lá havia um tempo, e, assim como Hoff, cheirava um pouco a desespero.

— Eu chutaria que a sua firma conseguiu um desconto no aluguel.

Harry aponta o indicador para Billy.

— Na mosca. Quatro anos por um preço quase inacreditável. E o aluguel continua valendo mesmo se o cara que é dono do prédio, o Hoff, pedir falência. Inviolável. Dá pra gente, os pequenos, uma chance de pegar embalo.

— Além disso — completa Jim —, um advogado que se ferra no próprio contrato de aluguel merece falir.

Os jovens advogados riem. Phyllis sorri. As portas se abrem no saguão. Os três homens seguem em frente, determinados a irem comer. Billy atravessa o

saguão com Phyllis em um ritmo mais lento. Ela é uma mulher bonita de um jeito discreto, mais para uma margarida do que para uma peônia.

— Estou curioso — diz ele.

Ela sorri.

— É uma qualidade básica de escritor, né? Ser curioso?

— Acho que sim. Estou vendo muita gente com roupas casuais. Tipo eles. — Aponta para um casal se aproximando da porta. O cara está de calça jeans preta e camiseta do Sun Ra. A mulher usa uma bata que mais evidencia do que disfarça a barriga de grávida. O cabelo dela está preso com um elástico vermelho em um rabo de cavalo descuidado. — Não vá me dizer que esses dois são advogados ou assistentes de arquitetos. Até poderiam ser do estúdio de fotografia, mas tem um bando de gente assim.

— Eles trabalham na Comércio Universal, no segundo andar. Ocupa o segundo andar *inteiro*. É uma agência de cobranças. Não é à toa que a gente chama a empresa de CU.

Ela franze o nariz como se sentisse um fedor, mas a inveja na voz não passa em branco. Esse negócio de se vestir para o sucesso pode ser divertido no começo, mas com o passar do tempo deve encher o saco, principalmente para as mulheres: o cabelo arrumado, a maquiagem, os sapatos de salto. De tempos em tempos, aquela mulher bonita da firma de contabilidade no quinto andar provavelmente pensava no alívio que seria poder vestir uma calça jeans e uma bata, passar um batonzinho e pronto.

— Ninguém precisa se arrumar pra passar o dia no telefone num escritório todo aberto — diz Phyllis. — Seus alvos não te veem quando você manda eles pagarem logo ou o banco vai tomar a hipoteca da casa deles. — Ela para antes da porta com uma expressão pensativa. — Quanto será que eles ganham?

— Eles não são seus clientes, então.

— Isso aí. Mas lembra da gente se fizer sucesso com o livro, sr. Lockridge. Nós também somos uma firma nova. Contabilidade Crescente. Acho que tenho

um cartão na bolsa…

— Não precisa — diz Billy, tocando no pulso dela antes que ela comece a procurar de verdade. — Se eu fizer sucesso, sigo pelo corredor e bato na sua porta.

Ela abre um sorriso e olha para ele como se o avaliasse. Não tem aliança de casamento nem de noivado na mão esquerda dela, e Billy pensa que, em outra vida, seria nessa hora que ele a convidaria para tomar um drinque depois do trabalho. Ela talvez dissesse não, mas aquele olhar, com os cílios longos e o sorriso, faz com que ele pense que ela diria sim. Mas ele não vai convidar. Conhecer gente, sim. Gostar delas e ser gostado de volta, sim. Mas não dá para ficar muito íntimo. A intimidade é má ideia. A intimidade é perigosa. Talvez depois da aposentadoria isso mude.

3

Billy atravessa o jardim com um hambúrguer e se senta em um dos bancos da praça com o jovem advogado Jim, cujo verdadeiro nome é Jim Albright.

— Experimenta um desses — diz ele, oferecendo um anel de cebola frito. — Bom pra caralho.

E é mesmo. Billy fala que vai comprar uma porção também, e Jim Albright diz que é isso aí, porra. Billy recebe os anéis de cebola em um barquinho de papelão com mais uns sachês de ketchup e volta para se sentar com Jim.

— Mas então, sobre o que é o seu livro, Dave?

Billy leva um dedo aos lábios.

— É segredo.

— E se eu assinasse um contrato de confidencialidade? Johnny Colton é especialista nisso. — Ele aponta para um dos colegas perto do *food truck* mexicano.

— Nem assim.

— Admiro a sua discrição. Eu achava que os escritores adorassem falar sobre o material em que estão trabalhando.

— Acho que os escritores que falam muito não devem escrever muito — diz Billy —, mas como eu sou o único escritor que conheço, é só um palpite. — Em seguida, e não só para mudar de assunto: — Olha aquele cara ali perto do carrinho de cachorro-quente. Taí uma roupa que não se vê todos os dias.

O homem para quem ele está apontando se juntou a alguns dos colegas no *food truck* mexicano. Mesmo em meio aos outros funcionários da Comércio Universal, ele se destaca. Veste uma calça larga de nylon dourado que faz Billy lembrar de sua infância no Tennessee, quando os candidatos a malandro da cidade usavam essas roupas nos bailes de sexta à noite no Rollerdome. Também está com uma camisa de estampa indiana com a gola alta, como as que os grupos de rock da Invasão Britânica usavam nos vídeos antigos do YouTube. O conjunto

é completado por um chapéu-coco. Embaixo dele, o cabelo preto brilhoso desce até os ombros do homem.

Jim ri.

— É o Colin White. Um ícone fashion, né? Totalmente gay e alegre feito uma tarde de domingo em Paris. A maior parte dos CUs fica no grupinho deles. Eles sabem que ganhar a vida perturbando gente à beira da falência não os torna muito populares, mas Colin é uma borboleta social mesmo assim. — Jim balança a cabeça. — Pelo menos durante o horário de almoço. Queria saber como ele é no trabalho, enchendo o saco de viúvas e veteranos de guerra pra arrancar até o último centavo. Deve ser bom no serviço, porque a empresa vive demitindo gente, e ele está aqui há mais tempo do que eu.

— Quanto tempo é isso?

— Dezoito meses. Às vezes o Col vem trabalhar de kilt. Sério! Às vezes vem de capa. Ele também tem um traje do Michael Jackson. Sabe qual é, aquela jaqueta de cavalaria com ombreiras e botões de metal?

Billy assente. Colin White está segurando uma caixa de papelão com dois *tacos*. Está conversando com Phyllis, e alguma coisa que diz faz com que ela incline a cabeça para trás e dê uma risada.

— Ele é um fofo — comenta Jim com o que parece ser uma afeição genuína.

Phyllis sai andando e se acomoda com outras mulheres. Dois amigos de Colin White abrem espaço para ele. Antes de se sentar, ele coloca um pé atrás do outro e dá um giro rápido que teria dado orgulho ao Jackson caçula. Billy calcula que ele tenha 1,75 de altura, talvez 1,78. Outra peça do plano. Talvez. O quarto andar do estacionamento, talvez mais laptops e agora Colin White. Uma ave rara.

4

Naquela tarde, ele programa o MacBook para jogar cribbage com um atraso de cinco segundos antes de cada lance do Jogador 1. Ele também programa para o Jogador 2 vencer o Jogador 1 todas as vezes. Isso deve enrolar qualquer xereta por uma hora, mais ou menos. Ele liga seu próprio Mac, volta para a Amazon e compra duas perucas: uma loura de cabelo curto e uma preta com cabelo comprido. Em outras circunstâncias, teria selecionado a opção de retirada na loja, mas naquele serviço não faz sentido; David Lockridge será identificado como o atirador assim que o sol se puser no dia fatídico.

Com as perucas providenciadas, ele coloca um dos cadernos novos da Staples ao lado do laptop pessoal e começa a procurar casas e apartamentos para alugar. Encontra várias possibilidades, mas para investigar pessoalmente vai ter que esperar receber o pacote da Amazon.

São só duas da tarde quando ele termina a pesquisa imobiliária virtual, cedo demais para encerrar o dia. Está na hora de começar a escrever. Ele pensou bem sobre aquilo. No começo, achou que usaria sua própria máquina. Usar o Pro significaria que seu empregador (e possivelmente seu “agente literário”) poderia ler por cima de seu ombro, o que o fazia pensar nas teletelas de *1984*. Será que Nick e Giorgio ficariam desconfiados se olhassem e não vissem nenhum arquivo? Billy acha que sim. Eles não diriam nada, mas talvez começassem a achar que Billy tem mais conhecimento sobre espionagem e hacks do que ele quer que saibam.

E tem outro motivo para escrever no Pro, apesar de possivelmente estar grampeado. É um desafio. Será que ele conseguiria mesmo escrever uma versão ficcional da própria vida narrada pelo *eu burro*? É arriscado, mas Billy acha que talvez consiga. Faulkner escreveu de um jeito burro em *O som e a fúria*. *Flores para Algernon*, do Daniel Keyes, é outro exemplo. Deve haver mais.

Billy fecha o jogo automático de cribbage e abre um documento em branco do

Word. Escolhe o título “A história de Benjy Compson”, um aceno para Faulkner que ele acha que nem Nick e nem Giorgio vão identificar. Fica sentado por vários segundos, batendo com os dedos no peito e encarando a tela vazia.

É um risco louco, ele pensa.

É um último serviço, ele pensa, e digita a frase que está guardando na mente para essa ocasião.

O homem que minha mãe morava junto voltou pra casa de braço quebrado.

Ele encara a sentença por quase um minuto e digita de novo.

Eu nem lembro o nome dele. Mas ele estava com muita raiva. Acho que ele devia ter ido no hospital primeiro porque ele estava com gesso. Minha irmã

Billy balança a cabeça e conserta o texto para deixá-lo melhor. Melhor para ele, pelo menos.

O homem que minha mãe morava junto voltou pra casa de braço quebrado. Acho que ele devia ter ido no hospital primeiro porque ele estava com gesso. Minha irmã estava tentando fazer biscoito e acabou queimando tudo. Acho que ela esqueceu de marcar o tempo. Quando o homem chegou em casa, ele estava morrendo de raiva. Ele matou a minha irmã e eu nem lembro o nome dele.

Ele olha para o que escreveu e acha que consegue fazer aquilo. Mais do que isso, ele quer fazer. Antes de começar a registrar, ele teria dito *Sim, eu me lembro do que aconteceu, mas só um pouco.* Só que agora tem mais. Aquele curto parágrafo destrancou uma porta e abriu uma janela. Ele se lembra do cheiro do açúcar queimado, de ver fumaça saindo do forno, da lateral lascada do fogão, das flores na xícara de chá em cima da mesa, de uma criança lá fora cantarolando “Um, dois, três indiozinhos, quatro, cinco, seis indiozinhos”. Ele se lembra do tum-tum-tum pesado das botas do sujeito subindo a escada. Aquele homem, aquele namorado. E agora ele até se lembra do nome dele. Era Bob Raines. Ele se lembra de ouvir aquele homem enchendo sua mãe de socos. E se lembra de ela sorrir depois e dizer *Ele não queria ter feito isso* e *Foi culpa minha*.

Billy escreve durante uma hora e meia, querendo acelerar, mas se segurando. Se Nick, Giorgio ou mesmo Elvis estiverem olhando, eles precisam ver o *eu burro* indo devagar. Com dificuldade a cada frase. Pelo menos ele não precisa escrever palavras errado de propósito; as que o computador não corrige automaticamente ficam sublinhadas de vermelho.

Às quatro horas ele salva o que escreveu e desliga o laptop. Percebe que está ansioso para continuar no dia seguinte.

No fim das contas, talvez ele seja mesmo um escritor.

5

Quando volta para Midwood, Billy encontra um bilhete preso na porta. É um convite para comer costela com salada de repolho e torta de cereja na casa dos Ragland, no fim da rua. Acaba indo porque não quer ser visto como retraído, mas sem muito entusiasmo, esperando uma conversa regada a latas de cerveja sobre universitários comunistas isso, imigrantes imundos aquilo. Ele fica perplexo ao descobrir que Paul e Denise Ragland votaram em Hilary Clinton e não suportam o Trump, que chamam de “Presidente Chorão”. É mais uma prova de que não se pode julgar um homem pela regata “mamãe sou forte”, pensa Billy ao voltar para casa.

Ele já foi capturado por uma série da Netflix chamada *Ozark* e está pronto para começar o terceiro episódio quando seu celular, o de David Lockridge, apita com a chegada de uma mensagem de texto. George Russo, o agente sempre preocupado, quer saber como foi o primeiro dia.

DLock: Foi bom. Escrevi um pouco.

GRusso: Bom saber. Você ainda vai ser um campeão de vendas. Passa aqui na quinta à noite? 19h, jantar. N quer falar com você.

Então Nick ainda está na cidade, e provavelmente com abstinência de Vegas.

DLock: Claro. Mas nada de H.

GRusso: De jeito nenhum.

Ótimo. Billy acha que poderia viver muito e morrer feliz se nunca mais tivesse que ver Ken Hoff. Desliga a televisão e vai para a cama. Adormece facilmente e, logo antes do amanhecer, entra com a mesma facilidade num pesadelo. Sobre o qual vai escrever no dia seguinte, como Benjy Compson. Mudando os nomes para proteger os culpados.

6

O homem que minha mãe morava junto voltou pra casa de braço quebrado. Acho que ele devia ter ido no hospital primeiro porque ele estava com gesso. Minha irmã estava tentando fazer biscoito e acabou queimando tudo. Acho que ela esqueceu de marcar o tempo. Quando o homem chegou em casa, ele estava morrendo de raiva. Ele matou a minha irmã e eu nem lembro o nome dele. Ele começou a gritar assim que entrou. Eu estava no chão do trailer, montando um quebra-cabeça de 500 peças com o desenho de dois gatinhos brincando com um novelo de lã. Eu senti o cheiro da bebida que ele bebeu mesmo com a fumaça dos biscoitos e descobri depois que ele se meteu numa briga na Taverna do Wally. Ele devia ter perdido porque também estava de olho roxo. Minha irmã

Catherine era o nome dela, mas ele não vai usar esse. Quase, mas não exatamente. Catherine Ann Summers, que ainda nem tinha completado nove anos no dia em que morreu. Loura. Pequena.

Minha irmã Cassie estava na mesa que a gente comia, colorindo um livro. Ela tinha 9 anos. Ela ia fazer 10 em 2 ou 3 meses e estava ansiosa pra ter uma idade de 2 números em vez de 1 só. Eu tinha 11 e tinha que estar cuidando dela.

O namorado estava gritando e balançando a mão na fumaça que tinha começado logo antes dele entrar, perguntando o que você fez o que você fez e Cathy

Billy deleta essa parte rápido, torcendo para não ter ninguém olhando naquele momento.

Cassie disse eu estava fazendo biscoito acho que queimei desculpa. E ele disse você é uma vagabundinha burra eu nem acredito o quanto você é burra.

Ele abre a porta do forno e sai mais fumaça. Se a gente tivesse detector de fumaça ia ter disparado, mas a gente não tinha no nosso trailer. Ele pegou um pano de prato e começou a balançar na fumaça. Eu teria levantado pra abrir a porta da rua, mas já estava aberta. O namorado enfiou a mão pra pegar a assadeira de biscoito. Ele pegou com a mão boa, mas o pano caiu e ele queimou a mão e espalhou os biscoitos que tinham formatos que eu ajudei Cassie a cortar, e eles caíram todos espalhados no chão. Cassie abaixou pra pegar e foi nessa hora que ele começou a matar ela. Ou pode ter sido instantâneo, quando ele bateu nela com o gesso na parte de trás da cabeça e ela voou na parede. Apagou como uma lâmpada, mas pode ser que ela ainda estivesse viva, só que ele começou a chutar ela com aquela bota que ele sempre usava que minha mãe chamava de bota de motoqueiro.

Para você vai acabar matando ela eu falei, mas ele só parou quando eu falei para seu filho da puta valentão covarde PARA DE MACHUCAR A MINHA IRMÃ. Eu parti pra cima dele e ele me empurrou no chão

Billy se levanta e vai até a janela do escritório que agora é — ele supõe — sua sala de escrita. Há pessoas subindo e descendo a escada do fórum, mas ele não as vê. Vai até a cozinha beber água. Derrama um pouco porque as mãos estão tremendo. Não tremem quando ele vai atirar, ficam sempre firmes como pedra nessas horas, mas agora estão tremendo. Não muito, só o suficiente para derramar um pouco da água. A boca e a garganta estão secas, e ele toma o copo inteiro.

Tudo veio à tona, e ele sente tanta vergonha. Vai deixar o que escreveu sobre tentar derrubar Bob Raines porque isso acrescenta uma camada de ficção heroica à verdade, que é quase insuportável. Ele não partiu para cima de Bob Raines enquanto Bob Raines estava chutando sua irmã e pisando nela e esmagando seu peito frágil no qual nunca cresceriam seios. Billy tinha obrigação de cuidar dela. *Cuida da sua irmã* era a última coisa que a mãe dizia quando saía para o trabalho na lavanderia. Mas ele não cuidou dela. Ele correu. Correu para salvar a própria vida.

Mas aquilo já estava na minha cabeça naquele momento, pensa ele quando volta para a mesa e para o laptop. *Devia estar, porque não foi para o nosso quarto que eu corri.*

— Eu corri para o deles — diz Billy, e continua de onde parou.

Eu parti pra cima dele e ele me empurrou no chão e eu levantei e corri pelo trailer até o quarto deles nos fundos e bati a porta depois de entrar. Ele começou a bater nela na mesma hora, me xingando de tudo que existe e disse que se você não abrir essa porta agora Benjy você vai se arrepender, seu filho da puta. Só que eu sabia que não importava se eu abrisse a porta ou não porque de qualquer forma ele ia fazer comigo o que fez com a Cassie. Porque ela estava morta, até um garoto de 11 anos podia perceber isso.

O namorado da minha mãe era do exército e deixava o baú no pé da cama com um cobertor por cima. Eu empurrei o cobertor e abri o baú. Ele tinha um cadeado, mas quase nunca usava, acho que nunca. Se usasse, eu não estaria escrevendo aqui porque eu estaria morto. E se aquela arma dele não estivesse carregada eu estaria morto, mas eu sabia que estava porque ele guardava carregada pra se aparecesse um la-la-ladrãozinho como ele dizia.

La-la-ladrãozinho, Billy repete mentalmente. *Meu Deus, como tudo volta.*

Ele arrebentou a porta como eu tinha quase certeza que ele ia fazer

Quase certeza não, Billy pensa, *eu sabia. Porque era só MDF. Cathy e eu ouvíamos os dois fazendo aquilo quase todas as noites. Ou de tarde, se minha mãe voltasse cedo.* Mas o *quase* era outra ficção que ele preferia manter.

e quando ele entrou eu estava sentado com as costas no pé da cama com a arma dele apontada pra ele. Era uma M9X19 que levava 15 cartuchos Parabellum. Eu não sabia disso na época claro, mas sabia que era pesada e segurei com as duas mãos na frente do peito. Ele disse me dá isso seu merdinha inútil você não sabe que criança não pode brincar com arma.

Aí eu atirei nele e acertei em cheio. Ele ficou ali parado na porta como se nada tivesse acontecido mas eu sabia que tinha acontecido porque eu vi o sangue voar pelas costas dele. A M9 deu um coice no meu peito

Billy se lembra de ter feito um som de *hã*. E de ter arrotado. E depois ficou com um hematoma acima do esterno.

e ele caiu. Eu fui até ele e disse pra mim mesmo que eu podia ter que atirar de novo. Se tivesse que fazer isso, eu faria. Ele era namorado da minha mãe mas ele estava errado. Era uma pessoa ruim!

— Só que ele estava morto — diz Billy. — Bob Raines estava morto.

Ele pensa brevemente em deletar tudo que escreveu, é tão horrível, mas acaba salvando. Não sabe o que os outros vão pensar, mas acha que é bom. E é bom que seja horrível, porque o horrível às vezes é a verdade. Billy acredita que é mesmo um escritor agora, porque esse é um pensamento de escritor. Émile Zola talvez tenha pensado a mesma coisa quando estava escrevendo *Thérèse Raquin*, ou quando Naná fica doente e toda a beleza dela se esvai.

Seu rosto está quente. Ele volta para a cozinha, joga água no rosto e fica parado na frente da pia com os olhos fechados. A lembrança do tiro em Bob Raines não o incomoda, mas a lembrança de Cathy dói.

Cuida da sua irmã.

Escrever é bom. Ele sempre quis escrever e agora está escrevendo. Isso é bom. Mas quem poderia imaginar que doía tanto?

A linha fixa toca e o faz dar um pulo. É Irv Dean dizendo que chegou um pacote da Amazon. Billy diz que já vai descer para buscar.

— Cara, essa empresa vende de tudo — comenta Irv.

Billy concorda e pensa *Você não tem ideia.*

7

Não são as perucas. Mesmo com a entrega expressa da Amazon, elas só vão chegar no dia seguinte. O que ele recebeu caberia no armário acima da porta entre o escritório e a cozinha, mas Billy não tem intenção de guardar aquilo lá; todas as suas compras da Amazon vão para a casa amarela em Midwood.

Ele abre a caixa e tira as coisas que comprou, uma a uma. Da loja Fun Time Ltda., em Hong Kong, tem uma caixa com um bigode feito de cabelo humano. Louro, como uma das perucas que ele comprou. É meio cheio; quando chegar a hora, ele vai dar uma aparada. O objetivo é se disfarçar, não chamar a atenção. O próximo item é um par de óculos com armação de tartaruga e lentes sem grau. Por incrível que pareça, são muito difíceis de encontrar. Dá para comprar óculos de leitura em qualquer farmácia, mas a visão de Billy é mais aguçada do que o normal, e qualquer mínima alteração lhe provoca dores de cabeça. Ele experimenta os óculos e acha que estão um pouco frouxos. Poderia apertar as hastes, mas não vai fazer isso. Se descerem pelo nariz, vai ficar com um ar acadêmico.

Por fim, o item mais caro, a cereja do bolo. É uma barriga de grávida de silicone, vendida pela Amazon, mas feita por uma empresa chamada MomTime. Foi cara porque é ajustável, o que permite que a pessoa pareça ter de seis a nove meses de gravidez. Fica presa por tiras de velcro. Billy sabe que essas barrigas falsas são acessórios famosos entre praticantes de furto, e que os seguranças de loja são orientados a ficar de olho nelas, mas Billy não foi até aquela cidadezinha para furtar nada, e não vai ser uma mulher que vai usar aquilo quando chegar a hora.

Essa tarefa é dele.

V

1

Billy chega à McMansão emprestada de Nick um pouco antes das sete na noite de quinta. Ele leu em algum lugar que convidados educados chegam cinco minutos mais cedo, nem mais e nem menos. Paulie é quem o recebe oficialmente desta vez. Nick está novamente esperando no corredor, fora do campo de visão de qualquer drone das forças de segurança; um risco improvável, mas não impossível. O sorriso dele está ativado no máximo, os braços estendidos para envolver Billy num abraço.

— Tem Chateaubriand no cardápio. Arrumei um cozinheiro, não sei o que ele está fazendo neste buraco, mas o cara é ótimo. Você vai adorar. E guarda espaço para a sobremesa. — Ele segura Billy e baixa a voz para um sussurro. — Ouvi um boato de que vai ter Baked Alaska. Você deve estar cansado de comida congelada, né? Né?

— Realmente — diz Billy.

Frank aparece. Com lenço no pescoço, camisa rosa e o cabelo penteado em ondas brilhantes e cachos amontoados acima de um bico de viúva estilo Eddie Munster, ele parece o personagem que morreria primeiro em um filme de gângster. Traz alguns copos e uma grande garrafa verde numa bandeja.

— Champa. *Moéte e Chândon*.

Ele coloca a bandeja na mesa e tira a rolha da garrafa com cuidado. Não tem estouro, nem jorro de espuma. Frankie Elvis pode não saber francês, mas sua

técnica para abrir bebidas é soberba. Para servir também.

Nick levanta uma taça. Os outros imitam.

— Ao sucesso!

Billy, Paulie e Frank tocam as taças e bebem. O champanhe sobe à cabeça de Billy de forma agradável na mesma hora, mas ele recusa uma segunda taça.

— Estou dirigindo. Não quero ser parado.

— Esse é o Billy — diz Nick para seus camaradas. — Sempre pensando dois passos à frente.

— Três — diz Billy, e Nick ri como se fosse a coisa mais engraçada que ele já ouviu desde a morte de Henny Youngman. Os camaradas seguem o coro.

— Pronto — diz Nick, devolvendo a garrafa para Frank. — Chega de bolhas. *Mangiamo, mangiamo.*

A refeição é boa, começando com sopa de cebola francesa, progredindo para carne marinada em vinho tinto e terminando com o prometido Baked Alaska. A comida é servida por uma mulher séria de uniforme branco, exceto pela sobremesa. O chef de Nick a leva pessoalmente para receber os esperados aplausos e elogios, depois agradece e sai.

Nick, Frank e Paulie continuam a conversa, que é sobretudo sobre Vegas: quem está tocando por lá, quem está construindo por lá, quem está tentando arrumar uma licença de cassino por lá. Como se eles não entendessem que Vegas está obsoleta, Billy pensa. Provavelmente, não entendem. Não há sinal de Giorgio. Quando a mulher que está servindo o jantar volta com o licor digestivo, Billy recusa. Nick também.

— Marge, você e o Alan podem ir agora — diz Nick. — O jantar foi excelente.

— Obrigada, mas a gente acabou de começar a limpeza da…

— Vamos pensar nisso amanhã. Aqui. Dá isso pro Alan. Pra passagem, como meu velho diria. — Ele coloca umas notas na mão dela. Ela murmura que vai entregar para ele e se vira. — Ah, Marge?

Ela se vira de volta.

— Você não andou fumando na casa, né?

— Não.

Nick assente.

— Não demorem, tá? Billy, vamos pra sala bater um papinho, só nós dois. Vocês encontrem alguma coisa pra fazer.

Paul diz para Billy que foi bom vê-lo e segue para a porta. Frank segue Alan e Marge até a cozinha. Nick coloca o guardanapo sobre os restos da sobremesa e leva Billy até a sala. A lareira em uma das extremidades é tão grande que daria para assar o Minotauro. Há estátuas em nichos e um mural no teto que parece uma versão pornô da Capela Sistina.

— Lindo, né? — pergunta Nick, olhando em volta.

— É mesmo — diz Billy, pensando que, se tivesse que passar tempo demais naquela sala, provavelmente ficaria louco.

— Senta aí, Billy, relaxa.

Billy se senta.

— Cadê o Giorgio? Voltou pra Vegas?

— Bom, pode ser que ele esteja lá, ou talvez em Nova York ou em Hollywood falando com o pessoal do cinema sobre esse livro incrível que está agenciando.

Em outras palavras, não é da sua conta, Billy pensa. De certa forma, é justo. Ele é só um empregado, afinal. O que chamariam de mercenário nos filmes antigos de faroeste dos quais o sr. Stepenek gostava.

Pensar no sr. Stepenek o faz pensar naqueles mil carros sucateados (pelo menos para uma criança pareciam mil, e talvez fossem mesmo) com os para-brisas rachados cintilando ao sol. Quantos anos fazia que ele não pensava naquele cemitério de carros? A porta do passado está aberta. Ele poderia fechá-la, trancá-la e passar o ferrolho, mas não quer. Que o vento sopre por ela. Está frio, mas é refrescante, e o lugar onde ele vem morando está abafado.

— Ei, Billy. — Nick estala os dedos. — Terra chamando Billy.

— Estou aqui.

— É mesmo? Por um minuto, achei que tivesse te perdido. Você está mesmo

escrevendo alguma coisa?

— Estou.

— Coisa de verdade ou inventada?

— Inventada.

— Não é nada sobre Archie Andrews e a turma dele, né? — Sorrindo.

Billy balança a cabeça negativamente, também sorrindo.

— Dizem que muita gente que vai escrever ficção pela primeira vez usa as próprias experiências. “Escreva sobre o que sabe”, lembro da aula de inglês no colégio. Estudei na Paramus, avante Spartans. É o seu caso?

Billy faz um gesto de mais ou menos com uma das mãos. E aí, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer:

— Ei, você não está acompanhando o que eu estou escrevendo, né? — Uma pergunta perigosa, mas ele não consegue se segurar. — Porque eu não ia querer…

— Meu Deus, não! — diz Nick, parecendo surpreso demais, agindo como se estivesse chocado, e Billy sabe que ele está mentindo. — Por que a gente faria isso, mesmo que pudesse?

— Sei lá, eu só… — Ele dá de ombros. — Eu não ia querer ninguém espiando. Porque eu não sou escritor, só estou tentando incorporar um personagem. E passar o tempo. Eu ficaria com vergonha se alguém visse.

— Você colocou senha no laptop, né?

Billy assente.

— Então ninguém vai ler. — Nick se inclina para a frente, os olhos castanhos nos de Billy. Ele baixa a voz como fez quando contou sobre o Baked Alaska. — É de sacanagem? Com ménage, essas coisas?

— Não, hã-hã. — Uma pausa. — Não mesmo.

— Coloca um pouco de sacanagem na história, esse é meu conselho. Porque sexo vende. — Ele ri e vai até um armário do outro lado da sala. — Vou tomar um gole de conhaque. Quer?

— Não, obrigado. — Ele espera Nick voltar. — Alguma notícia do Joe?

— Tudo na mesma. O advogado dele solicitou o apelo da extradição que te contei, e a coisa toda está parada, talvez, quem sabe, porque o juizinho saiu de férias.

— Mas ele não está entregando o que sabe?

— Se estivesse, eu *saberia*.

— Ele pode acabar sofrendo um acidente na cadeia. E nem chegar a ser extraditado.

— Estão cuidando muito bem dele. Ele está separado dos outros presos, lembra?

— Ah, sim. É verdade.

Isso parece meio conveniente é um comentário que Billy não pode fazer. Seria meio inteligente demais.

— Tenha paciência, Billy. Se acomode. Frankie disse que você está conhecendo os vizinhos de Midwood.

Ah. Ele não tinha visto Frank no bairro, mas Frank o viu. Nick está verificando seu novo laptop bacana e também está de olho nele na casa temporária. Billy pensa de novo em *1984*.

— Estou.

— E no prédio?

— Lá também, claro. Mais na hora do almoço. Nos *food trucks*.

— Que ótimo. Se misture com o ambiente. Se torne *parte* do ambiente. Você é bom nisso. Aposto que era bom nisso no Iraque.

Eu era bom nisso em todos os lugares, pensa Billy. *Pelo menos desde que matei Bob Raines.*

Hora de mudar de assunto.

— Você disse que haveria uma distração. Disse que a gente conversaria depois. Já é depois?

— É. — Nick toma um gole de conhaque, bochecha como se fosse enxaguante bucal, engole. — Tem a ver com uma ideia que quero experimentar com você. As distrações serão uns dispositivos pirotécnicos. Sabe o que é isso?

Billy sabe, mas faz que não com a cabeça.

— É um troço de banda de rock. Tem uma explosão e um brilho intenso de luz. Tipo um gêiser. Quando eu tiver certeza de que o Joe vem para o leste, vou mandar instalarem dois perto do fórum. Com certeza um naquela viela que fica atrás do café da esquina. E Paulie sugeriu outro no prédio de estacionamento, mas fica meio longe. Além do mais, que terrorista explodiria uma porra de um estacionamento?

Billy não tenta esconder a preocupação.

— Não vai ser o Hoff que vai plantar essas coisas, né?

Nick não se dá ao trabalho de bochechar o segundo gole de conhaque, engole direto. Ele tosse, e a tosse vira risada.

— Você acha que eu sou burro de dar um serviço desses pra um *grande figlio di puttana* que nem ele? Eu ficaria triste se você pensasse isso de mim. Não, dois caras meus vêm fazer isso. Rapazes bons. De confiança.

Billy pensa *Você não quer Hoff instalando os dispositivos porque isso pode respingar em você, mas não se importa que ele procure a arma e coloque no ninho do atirador porque isso só pode respingar em mim. Você acha que* eu *sou burro?*

— Eu devo estar em Vegas quando isso tudo acontecer, mas Frankie Elvis e Paul Logan estarão aqui com os dois outros caras que eu vou trazer. Se precisar de qualquer coisa, eles vão cuidar de você. — Ele se inclina para a frente, sincero e sorridente. — Vai ser lindo. O tiro vai soar e vai assustar todo mundo. Os dispositivos vão ser acionados, *BUM*, *BUM!* E todo mundo que já não estiver correndo vai correr nessa hora, uma gritaria louca. Atirador ativo! Homem-bomba suicida! Al Qaeda! Estado Islâmico! Sei lá! Mas sabe qual vai ser a *verdadeira* beleza? A não ser que alguém quebre a perna fugindo, só quem vai se machucar vai ser Joel Allen. Esse é o nome verdadeiro dele. A rua Court estará em pânico, e isso me leva ao que eu queria falar com você.

— Tudo bem.

— Eu sei que você está acostumado a planejar suas fugas, e você sempre foi bom nisso, a porra do Houdini, como eu falei, mas Giorgio e eu tivemos uma ideia. Porque… — Nick balança a cabeça. — Cara, essa pode ser meio difícil, mesmo pra você e mesmo que a gente deixe a rua em pânico com as explosões, e faremos isso. Se você já tiver alguma coisa em mente, vai com Deus. Mas se não tiver…

— Eu não tenho. — Mas ele está quase lá. Billy abre um sorriso largo do *eu burro*. — Sempre gosto de ouvir, Nick.

2

Ele chega em casa (acha que a casa amarela *é* a sua casa, ao menos por um tempo) às onze da noite. Todas as mercadorias da Amazon estão no armário. Teriam ficado lá até ele receber a ligação dizendo que Allen está indo para o leste, vindo de Los Angeles, mas as coisas mudaram. Billy está inquieto.

A peruca preta pode ficar lá por enquanto, mas ele leva as outras coisas até o carro e guarda tudo no porta-malas. Não vai passar todo o dia seguinte no escritório do quinto andar, e tudo bem. O bom de ser o escritor da Torre Gerard é que ele não é um trabalhador assalariado que precisa bater ponto. Pode chegar tarde e sair cedo. Dar uma caminhada se der vontade. Se alguém perguntar, pode sempre dizer que está trabalhando numa ideia nova. Ou fazendo pesquisa. Ou só tirando uma ou duas horinhas de folga. Amanhã ele vai caminhar nove quarteirões até o número 658 da rua Pearson. É uma casa de três andares no limite do centro municipal. Billy já olhou a casa no Zillow, mas não foi o suficiente. Quer vê-la pessoalmente.

Ele tranca o carro e entra. Trouxe o reluzente MacBook Pro novo do escritório e o colocou na mesa da cozinha. Ele o abre e lê o que escreveu como Benjy Compson. São só duas páginas, que terminam com Benjy atirando em Bob Raines. Relê três vezes, tentando ver pelos olhos de Nick. Porque Nick *leu*; depois daquele comentário sobre os escritores usarem as próprias experiências, Billy não tem mais dúvida.

Ele não se importa que Nick descubra sobre sua infância, pois é algo que Nick já deve ter investigado. O que Billy quer proteger é seu *eu burro*, pelo menos por enquanto. Não vai conseguir dormir enquanto não tiver certeza de que não tem nada naquelas duas ou três páginas que o faça parecer inteligente demais. Por isso mesmo, ele relê uma quarta vez.

Finalmente, fecha o laptop. Acha que não tem nada no texto que um estudante mediano não poderia ter escrito, supondo que a maioria das coisas realmente

tenha acontecido. A ortografia está boa e a pontuação também, mas Nick atribuiria isso ao corretor. Apesar de o Word não conseguir detectar a diferença entre “mas” e “mais”, o computador sempre corrige “intelijente” para “inteligente”, sublinha os erros de ortografia em vermelho e até indica os lapsos gramaticais mais escandalosos. Os tempos verbais que ele usou variam, e tudo bem, porque isso está acima da capacidade do computador… embora um dia possa ser capaz de identificar isso também.

Mas ele está inquieto.

Nunca teve motivo para desconfiar de Nick, que é sem dúvida uma pessoa ruim, mas que sempre jogou limpo com Billy. Ele não está jogando limpo agora, senão não teria negado que grampeou o Mac. Nem teria grampeado, para começar. Billy acha que ainda pode supor que está tudo certo com o trabalho — o primeiro quarto do pagamento está na conta bancária dele, quinhentos mil dólares, um valor alto —, mas a coisa toda ainda parece errada. Não muito errada, só meio estranha. Como aquelas imagens de filmes em que a câmera inclina um pouco só para dar a sensação de desorientação. Ângulo holandês, como o pessoal do cinema chama, e a sensação desse serviço é bem essa, torta. Não a ponto de ele cancelar tudo, o que ele talvez nem pudesse fazer mesmo, agora que já disse sim, mas a ponto de ser preocupante.

E tem o plano de fuga que Nick apresentou para ele. *Se você já tiver alguma coisa em mente, vai com Deus,* ele dissera. *Mas se não tiver… eu e o Giorgio tivemos uma ideia que pode dar certo.*

O plano não era um problema por ser ruim; não era. Era bom. Mas desaparecer depois do serviço sempre foi responsabilidade de Billy, e a ideia de Nick se metendo nas coisas dele assim parecia… bem…

— Torta — murmura Billy para a cozinha vazia.

Nick disse que, seis semanas antes, quando parecia que aquele serviço ia rolar, ele enviou Paul Logan a Macon e mandou que ele comprasse uma van Ford Transit, não nova, mas com uns três anos no máximo. A Transit era o veículo da frota do Departamento de Obras Públicas de Red Bluff. Billy já viu várias

pintadas de amarelo e azul com o lema ESTAMOS AQUI PARA SERVIR pintado nas laterais. A Transit marrom que Frank comprou na Geórgia estava agora em uma garagem nos arredores da cidade, pintada com as cores e o lema do DOP.

— Vou ter uma boa ideia de quando a extradição de Allen estiver perto — disse Nick. Ele estava tomando mais um conhaque. — Aqueles caras de quem eu falei, os dois que estão vindo, vão começar a andar por aí naquela van, sempre parecendo ocupados, mas sem *fazer* nada de verdade. Nunca ficando muito tempo no mesmo lugar, mas sempre perto do fórum e da Torre Gerard. Uma hora aqui, duas horas ali. Em outras palavras, começando a se misturar com o cenário. Igual a você, Billy.

No dia da chegada de Allen, Nick disse que a van falsa do DOP ficaria estacionada depois da esquina da Torre Gerard. Os funcionários municipais falsos talvez abrissem um bueiro para fingirem estar fazendo alguma coisa lá dentro. Quando o tiro e as explosões dos dispositivos pirotécnicos acontecessem, as pessoas correriam para todos os lados. Inclusive saindo da Torre Gerard e inclusive Billy Summers, que correria pela esquina e entraria na van. Lá, ele vestiria um macacão do DOP.

— A van estaciona perto do fórum — explicou Nick. — A polícia já está no local. Você e meus rapazes saem e perguntam se podem ajudar com alguma coisa. Colocando cavaletes pra bloquear a rua ou alguma coisa do tipo. No meio da confusão, vai parecer cem por cento natural. Você não acha?

Billy achava que sim. Era ousado e era bom.

— A polícia…

— Provavelmente vai mandar a gente ir embora — completou Billy. — Somos funcionários da cidade, mas somos civis. Certo?

Nick riu e bateu palmas.

— Está vendo? Quem acha que você é burro não sabe de porra nenhuma. Meus rapazes dizem sim, senhor, e vocês vão embora. E não param de dirigir. Depois de trocar de carro, claro.

— Dirigir até onde?

— Até De Pere, Wisconsin, a dois mil e quinhentos quilômetros daqui. Tem um esconderijo lá. Você fica uns dias, relaxa, verifica se o resto do pagamento entrou na sua conta, pensa em como vai gastar o dinheiro. Depois disso, você está por sua conta. Que tal?

Parecia bom. Bom demais para ser verdade? Uma possível armação? Improvável. Se estão armando para alguém nessa história, esse alguém é Ken Hoff. O problema de Billy com a proposta inesperada de Nick é que ele nunca precisou depender de outras pessoas para desaparecer. Ele não gostava disso, mas essa não era a hora de falar.

— Preciso pensar, tá?

— Claro. A gente tem tempo.

3

Billy tira a mala do armário no quarto principal. Coloca-a em cima da cama e abre o zíper. Parece vazia, mas não está. O forro tem uma tira de velcro na parte de baixo. Ele puxa o forro e pega um estojo pequeno e achatado. É do tipo que gente inteligente — gente que lê coisas mais difíceis do que revistinhas da Turma do Archie e tabloides de escândalos que ficam perto do caixa no supermercado — poderia chamar de *étui*. Há uma carteira ali dentro com cartões de crédito e uma habilitação no nome de Dalton Curtis Smith, de Stowe, Vermont.

Houve muitas outras carteiras e identidades ao longo da carreira de Billy, não uma para cada assassinato (ele dá nome aos bois), mas pelo menos uma dúzia, até a atual, pertencente a um indivíduo fictício chamado David Lockridge. Alguns de seus eus anteriores tinham boas identidades, outros, não. Os cartões de crédito e a habilitação na carteira de David Lockridge são bons, mas o que tem no estojo cinza é ainda melhor. O que tem ali dentro é precioso. Montar aquilo foi trabalho de cinco anos, um trabalho de amor que começou quando ele decidiu que alguma hora sairia do ramo que o torna — vamos admitir — só mais uma pessoa ruim.

Dalton Smith não é só uma carteira Lord Buxton com uma habilitação de Vermont dentro dela; Dalton Smith é praticamente uma pessoa real. O MasterCard, o Amex e o Visa são usados regularmente. Assim como o cartão de débito do Bank of America. Não todos os dias, mas com frequência, para que as contas não fiquem paradas. Sua análise de crédito não é excelente, pois isso poderia chamar atenção, mas é bem boa.

Tem um cartão de doador de sangue da Cruz Vermelha, um CPF e um de membro do Apple User Group. Não tem *eu burro* aqui; Dalton Curtis Smith é um técnico de informática freelancer com um trabalho extra bem lucrativo, que

lhe permite ir aonde o vento o levar. Além disso, na carteira tem fotos de Dalton com a ex-esposa (eles se divorciaram seis anos antes), Dalton com os pais (mortos, de acordo com a famosa história do acidente de carro quando Dalton era adolescente), Dalton com o irmão distante (eles não se falam desde que Dalton descobriu que o irmão votou em Nader na eleição de 2000).

A certidão de nascimento de Dalton está no *étui*, assim como suas referências. Algumas de indivíduos e pequenas empresas cujos computadores Dalton consertou, outras de gente que alugou imóveis para ele em Portsmouth, Chicago e Irvine. Seu fornecedor em Nova York, Bucky Hanson, criou algumas daquelas referências; Bucky é a única pessoa em quem Billy confia completamente. As outras ele mesmo criou. Dalton Smith nunca fica muito tempo em um lugar, como o nômade que é, mas, quando está num local, ele é ótimo inquilino: organizado e tranquilo, sempre paga o aluguel em dia.

Billy acha Dalton Smith, com suas referências discretas e impecáveis, tão bonito quanto um campo de neve imaculada. Ele odeia a ideia de destruir aquela beleza colocando Dalton para trabalhar, mas não foi para isso que Dalton Curtis Smith foi criado? Foi. Um último serviço, o *famoso* último serviço, e Billy pode desaparecer em uma nova identidade. Provavelmente não viver o resto da vida com ela, mas até isso é possível, supondo que ele consiga sair daquela cidade sem se queimar; os quinhentos mil de adiantamento já se deslocaram e chegaram na conta de Dalton em Nevis, e meio milhão é o maior sinal de que Nick não está de brincadeira. Quando o trabalho estiver feito, o resto virá.

A foto da habilitação de Dalton mostra um homem da idade de Billy, talvez um ou dois anos mais novo, mas ele é louro em vez de moreno. E tem bigode.

4

Na manhã seguinte, Billy para no quarto andar do estacionamento perto da Torre Gerard. Depois de fazer certos retoques em sua aparência, sai andando na direção oposta. É a estreia de Dalton Smith.

Quando a cidade é pequena, curtas distâncias podem fazer uma grande diferença. A rua Pearson fica a apenas nove quarteirões do estacionamento na rua Main, uma caminhada de quinze minutos em boa velocidade (a Torre Gerard continua tão perto que dá para vê-la claramente), mas é um mundo bem diferente daquele em que caras de gravata e garotas de salto alto ocupam seus postos e almoçam no tipo de restaurante em que o garçom entrega uma carta de vinhos junto com o cardápio.

Há um mercado de esquina, mas está fechado. Como muitos bairros decadentes, aquele é um deserto alimentar. Só tem dois bares, um fechado e outro que parece estar quase fechando. Uma casa de penhores que também funciona como serviço de troca de cheques e pequenos empréstimos. Um shopping lamentável a céu aberto um pouco à frente. E uma fileira de casas que tenta parecer de classe média, mas não consegue.

Billy acha que o motivo para o declínio da região é o terreno baldio em frente à casa que ele está indo ver. É uma área ampla cheia de lixo e mato, atravessada por trilhos enferrujados que mal se veem no meio do matagal alto e cheio de solidagos. Placas posicionadas a intervalos de quinze metros dizem PROPRIEDADE DA CIDADE e PROIBIDA A ENTRADA e PERIGO, NÃO ENTRE. Ele repara nos restos irregulares de um prédio de tijolos que devia ter sido uma estação de trem. Talvez também atendesse empresas de ônibus, como a Greyhound, a Trailways ou a Southern. Agora, o transporte terrestre da cidade foi para outro lugar, e aquele bairro, que talvez fosse movimentado nas últimas décadas do século anterior, está sofrendo de uma espécie de asfixia municipal.

Há um carrinho de compras enferrujado virado na calçada, no meio do caminho. Uma cueca velha, presa em uma das rodas, balança com o vento quente que bagunça a peruca loura de Dalton Smith e movimenta a gola da camisa junto ao pescoço.

A maioria das casas precisa ser pintada. Algumas têm placas de VENDE-SE na frente. A 658 também precisa de uma pintura, mas a placa diz APARTAMENTOS MOBILIADOS PARA ALUGAR. Tem o telefone de um corretor. Billy anota o número, segue pelo caminho de cimento rachado e olha a fileira de campainhas. Apesar de serem apenas três andares, há quatro botões. Só um deles, o segundo de cima para baixo, tem nome: JENSEN. Ele toca a campainha. Àquela hora do dia, seria provável que não tivesse ninguém em casa, mas ele está com sorte.

Passos descem a escada. Uma mulher meio jovem espia pelo vidro sujo da porta. O que ela vê é um homem branco com uma bela camisa de gola aberta e calça social. Ele tem cabelo louro curto e um bigode bem aparado. Usa óculos. É gordo, não chega a ser obeso, mas quase. Não parece uma pessoa ruim, parece uma pessoa boa que poderia perder uns dez ou quinze quilos, e então ela abre a porta, mas não toda.

Como se eu não pudesse empurrar a porta para entrar e te estrangular no saguão, Billy pensa. Não tem carro na entrada da garagem e nem na rua, o que quer dizer que o seu marido está no trabalho, e as três campainhas sem nome sugerem fortemente que você é a única pessoa nesta falsa casa vitoriana antiga.

— Eu não compro de vendedores de rua — diz a sra. Jensen.

— Não, senhora, eu não sou vendedor. Sou novo na cidade e estou procurando um apartamento. Aqui parece estar dentro do que eu posso pagar. Eu só queria saber se é um lugar legal. Meu nome é Dalton Smith.

Ele estende a mão. Ela a aperta de leve e puxa a mão de volta. Mas está disposta a falar.

— Bom, não é a melhor região do mundo, como você pode ver, e o supermercado mais próximo fica a três quilômetros, mas eu e meu marido nunca

tivemos nenhum problema. Uma garotada fica naquele pátio de trens ali na frente às vezes, provavelmente bebendo e fumando maconha, e tem um cachorro ali na esquina que late quase a noite toda, mas nada muito pior que isso. — Ela para e ele nota que ela está olhando para baixo, procurando uma aliança que não existe. — *Você* não late à noite, não é, sr. Smith? Com isso, quero dizer festinhas e música alta.

— Não, senhora. — Ele sorri e toca o estômago. A barriga falsa de gravidez está inflada para seis meses. — Mas eu gosto de comer.

— É que tem uma cláusula sobre barulho excessivo no contrato de aluguel.

— Posso perguntar quanto a senhora paga por mês?

— Isso fica entre mim e o meu marido. Se você quiser morar aqui, vai ter que falar com o sr. Richter. Ele é o cara que cuida daqui. E de umas outras casas no quarteirão… mas esta aqui é a melhor. Pelo menos, na *minha* opinião.

— Entendo perfeitamente. Peço desculpas por ter perguntado.

A sra. Jensen relaxa um pouco.

— Vou te dizer que é melhor não ficar no terceiro andar. Aquilo lá parece uma sauna, mesmo quando o vento sopra vindo ali da frente, que é na maior parte do tempo.

— Não tem ar-condicionado, então.

— Isso mesmo. Mas, quando esfria, o aquecimento funciona. Tem que pagar por isso, é claro. Pela eletricidade também. Está tudo no contrato. Se você já alugou algum imóvel antes, acho que sabe como é.

— E como sei. — Ele revira os olhos e finalmente arranca um sorriso dela. Agora, pode perguntar o que realmente quer. — E a parte de baixo? É um apartamento de porão? Parece que tem uma campainha…

O sorriso dela se alarga.

— É, e é bem bonito. Mobiliado, como diz a placa. Se bem que só tem o básico. Eu queria aquele, mas meu marido achou que seria pequeno demais pra gente, caso nosso pedido seja aprovado. Nós estamos tentando adotar.

Billy fica maravilhado. Ela acaba de revelar uma informação crucial sobre seu

coração, sobre seu *casamento*, depois de hesitar em revelar o quanto pagava de aluguel. Coisa que ele perguntou não por querer saber, mas porque o faria parecer plausível.

— Bom, boa sorte pra vocês. E obrigado. Se eu e esse sr. Richter nos entendermos, talvez a gente se veja de novo. Tenha um bom dia.

— Você também. Foi um prazer. — Desta vez, ela estende a mão para um aperto de verdade, e Billy pensa de novo no que Nick falou: *Você se dá bem com as pessoas sem ficar íntimo demais.* É bom saber que isso ainda funciona mesmo em sua versão gorda.

Quando ele sai andando pela calçada, ela o chama.

— Aposto que o apartamento do porão fica fresquinho mesmo no calor! Eu queria ter ficado com ele!

Ele faz sinal de positivo e segue na direção do centro. Viu tudo que precisa ver e tomou uma decisão. Aquele é o lugar que ele quer, e Nick Majarian não precisa saber disso.

Na metade do caminho de volta, ele vê uma lojinha que é praticamente um buraco na parede, vendendo doces, cigarros, revistas, bebidas geladas e celulares pré-pagos em embalagens de plástico. Ele compra um, paga em dinheiro e se senta num ponto de ônibus para ligá-lo. Vai usá-lo enquanto precisar e depois jogar fora. Os outros também. Sempre supondo que o serviço aconteça, a polícia vai saber na mesma hora que foi David Lockridge que assassinou Joel Allen. Vão descobrir que David Lockridge é o codinome de um tal William Summers, um fuzileiro veterano, atirador de elite e matador de elite. Também vão descobrir a associação de Summers com Kenneth Hoff, o bode expiatório da vez. O que eles não podem descobrir é que Billy Summers, também conhecido como David Lockridge, desapareceu na identidade de Dalton Smith. Nick também não pode saber disso nunca.

Ele liga para Bucky Hanson em Nova York e diz para ele enviar a caixa rotulada como *segurança* para o endereço da rua Evergreen.

— Então é agora, né? Você vai mesmo pendurar as chuteiras?

— É o que parece — diz Billy. — Mas a gente volta a se falar.

— Claro. Só espero que não seja a cobrar de uma cadeia interiorana. Você é o cara, chefe.

Billy encerra a ligação e faz outra. Para Richter, o corretor que cuida do aluguel da rua Pearson, 658.

— Eu soube que é mobiliado. Tem wi-fi?

— Só um segundo — diz o sr. Richter, mas demora um minuto. Billy ouve barulho de papel. Finalmente, Richter responde: — Tem. Foi instalado dois anos atrás. Mas não tem televisão, você teria que trazer.

— Tudo bem. Eu quero fechar. Posso passar no seu escritório?

— Posso te encontrar lá pra mostrar o apartamento.

— Não vai ser necessário. Eu só quero uma base de operações enquanto estiver nesta região do país. Pode ser um ano ou dois. Eu viajo bastante. O importante é que o bairro parece tranquilo.

Richter ri.

— Desde que demoliram a estação de trem, é, sim. Mas o pessoal que mora lá ficaria feliz com mais barulho, se viesse acompanhado de mais comércio.

Eles marcam um horário na segunda-feira seguinte, e Billy volta para o quarto andar do estacionamento, onde o Toyota está estacionado em um ponto cego que nenhuma câmera de segurança pega. Isso se elas estiverem gravando alguma coisa; todas parecem bem velhas. Ele tira a peruca, o bigode, os óculos e a barriga falsa. Depois de guardar tudo no porta-malas, faz a curta caminhada até a Torre Gerard.

Ele chega a tempo de comprar um burrito no *food truck* mexicano. Come com Jim Albright e John Colton, os advogados do quinto. Ele vê Colin White, o dândi que trabalha para a Comércio Universal. Hoje, ele está usando uma roupa de marinheiro. Uma gracinha.

— Aquele cara — diz Jim, rindo. — Ele é uma figura, hein?

— É — concorda Billy, e pensa *Uma figura que tem mais ou menos a minha altura.*

5

Chove o fim de semana todo. No sábado de manhã, Billy vai ao Walmart, onde compra duas malas baratas e muitas roupas vagabundas que cabem na *persona* gorda de Dalton Smith. Paga em dinheiro. Dinheiro vivo tem memória curta.

Naquela tarde, ele se senta na varanda da casa amarela, observando a grama no jardim da frente. Observando mais do que só olhando, porque ele quase consegue vê-la se recuperando. Aquela casa não é dele, aquela cidade e aquele estado não são dele, ele vai embora sem olhar para trás e sem arrependimentos, mas ainda sente certo orgulho de proprietário pelo trabalho que fez. Não vai crescer o suficiente para aparar nas próximas duas semanas, talvez só em agosto, mas ele pode esperar. E, quando estiver lá, com pasta d'água no nariz, cortando grama de short de ginástica e camiseta sem mangas (talvez até uma regata "mamãe sou forte"), estará um passo mais perto de fazer parte do local. De se misturar com o ambiente.

— Sr. Lockridge?

Ele olha para a porta ao lado. Derek e Shanice Ackerman estão parados na varanda deles, olhando para Billy através da chuva. Foi o menino que falou.

— Minha mãe acabou de fazer biscoito. Ela me mandou perguntar se você quer.

— Gostei da ideia — diz Billy. Ele se levanta e corre pela chuva. Shanice, a menina de oito anos, segura a mão dele sem vergonha nenhuma e o leva para dentro, onde o cheiro de biscoitos recém-assados faz o estômago de Billy roncar.

É uma casinha jeitosa, pequena e organizada. Deve haver umas cem fotos em porta-retratos espalhados por todo lado, inclusive uns dez em cima do piano, que parece ser o orgulho da sala. Na cozinha, Corinne Ackerman está tirando uma assadeira do forno.

— Oi, vizinho. Quer uma toalha pra secar o cabelo?

— Não precisa, obrigado. Desviei dos pingos.

Ela ri.

— Então pega um biscoito. As crianças vão comer tomando leite. Quer um copo? Também tem café, se você preferir.

— Leite está ótimo. Só um pouco.

— Um copinho? — Ela está sorrindo.

— Parece ótimo. — Sorrindo também.

— Pode se sentar.

Ele se senta com as crianças. Corinne coloca um prato de biscoitos na mesa.

— Cuidado, ainda estão quentes. Os que você vai levar pra casa saem na próxima fornada, David.

As crianças atacam. Billy pega um. É doce e está delicioso.

— Maravilhoso, Corinne. Obrigado. Perfeito pra um dia de chuva.

Ela entrega copos grandes de leite para as crianças e um pequeno para Billy. Serve um pequeno para si e se senta. A chuva bate no telhado. Um carro passa.

— Sei que o seu livro é segredo — começa Derek —, mas…

— Não fala de boca cheia — repreende Corinne. — Você está espalhando um monte de migalhas.

— *Eu* não estou — diz Shanice.

— Não, você está indo ótimo — diz Corinne. E, com um olhar de lado para Billy: — Indo bem.

Derek não está interessado em gramática.

— Mas me conta uma coisa. Tem sangue?

Billy pensa em Bob Raines voando para trás. Pensa na irmã, com as costelas todas quebradas (sim, a porra toda) e o peito afundado.

— Não, nadinha de sangue. — Ele morde o biscoito.

Shanice pega outro.

— Pode comer esse — diz a mãe dela — e mais um. Você também, D. O resto é pro sr. Lockridge e pra mais tarde. Você sabe que seu pai gosta. — Para Billy, ela diz: — Jamal trabalha seis dias por semana e faz hora extra quando pode. Os

Fazio tomam conta direitinho desses dois quando a gente está trabalhando. Este bairro não é ruim, mas estamos de olho em coisa melhor.

— Em subir na vida — diz Billy.

Corinne ri e assente.

— Eu não quero me mudar nunca — diz Shanice, e acrescenta, com a dignidade encantadora de uma criança: — Eu tenho *amigos*.

— Eu também — concorda Derek. — Ei, sr. Lockridge, você sabe jogar Monopoly? Eu e a Shan vamos jogar, mas é chato só com dois, e a mamãe não quer.

— A mamãe não quer mesmo — diz Corinne. — É o jogo mais chato do mundo. Chamem seu pai pra jogar mais tarde. Ele vai aceitar, se não estiver cansado demais.

— Faltam *horas* pra ele chegar — reclama Derek. — Estou entediado agora.

— Eu também — diz Shanice. — Se eu tivesse um celular, podia jogar Crossy Road.

— Ano que vem — promete Corinne, e revira os olhos de uma forma que faz Billy pensar que a garota vem fazendo campanha por um celular há algum tempo. Talvez desde os cinco anos.

— E *você*, joga? — pergunta Derek, mas sem muita esperança.

— Jogo — diz Billy, e se inclina por cima da mesa, grudando o olhar em Derek Ackerman. — Mas vou logo avisando que sou bom. E que jogo pra ganhar.

— Eu também! — Derek está sorrindo embaixo do bigode de leite.

— E *eu* também! — diz Shanice.

— Eu não vou dar mole só porque vocês são crianças e eu sou adulto — diz Billy. — Vou falir vocês com as minhas propriedades de aluguel e depois detonar vocês com os meus hotéis. Se a gente for jogar, é bom vocês saberem disso logo.

— Tá bom! — diz Derek, pulando e quase derramando o resto do leite.

— Tá bom! — repete Shanice, também pulando.

— Vocês vão chorar quando eu ganhar?

— Não!

— Não!

— Tudo bem. Desde que isso esteja combinado.

— Tem certeza? — pergunta Corinne. — Esse jogo pode se arrastar o dia todo, eu juro.

— Não com os dados na minha mão — diz Billy.

— A gente joga lá embaixo — diz Shanice, e segura de novo a mão dele.

O espaço lá embaixo é do mesmo tamanho da sala na casa de Billy, mas metade dele é uma espécie de toca masculina. Naquela parte, Jamal montou um espaço de trabalho com ferramentas presas na parede. Há também uma serra de fita, e Billy repara com aprovação que há uma cobertura com cadeado no botão de ligar e desligar. A outra metade, destinada às crianças, está cheia de brinquedos e livros de colorir. Tem uma televisão pequena conectada a um console de videogame vagabundo que usa cartuchos. Para Billy, parece uma compra de bazar de garagem. Os jogos de tabuleiro estão empilhados junto à parede. Derek pega a caixa do Monopoly e coloca o tabuleiro em uma mesinha de criança.

— O sr. Lockridge é grande demais pras nossas cadeiras — diz Shanice, parecendo consternada.

— Eu sento no chão. — Billy tira uma das cadeiras e se senta no chão. O espaço embaixo da mesa só é suficiente para suas pernas cruzadas.

— Que peça você quer? — pergunta Derek. — Eu sempre pego o carro de corrida quando somos só eu e a Shan, mas você pode ficar com ele, se quiser.

— Não precisa. De qual você gosta, Shan?

— Do dedal — diz ela. E acrescenta com um certo ressentimento: — A não ser que você queira ficar com ele.

Billy escolhe a cartola. O jogo começa. Quarenta minutos depois, quando chega a vez de Derek de novo, ele chama a mãe.

— *Mãe!* Preciso de um conselho!

Corinne desce a escada e para com as mãos nos quadris, observando o tabuleiro e a distribuição do dinheiro.

— Não queria dizer que vocês estão encrencados, crianças, mas vocês estão encrencados.

— Eu avisei — diz Billy.

— O que você quer me perguntar, D.? Lembra que sua mãe quase foi reprovada em economia doméstica na escola.

— Bom, o meu problema é o seguinte: ele tem dois dos verdes, a Pacific e a Pennsylvania, mas eu tenho a North Carolina. O sr. Lockridge diz que me dá novecentos dólares por ela. É o triplo do que eu paguei, mas…

— Mas? — diz Corinne.

— Mas? — repete Billy.

— Mas aí ele pode botar casas nos verdes. E ele já tem *hotéis* na Park Place e na Boardwalk!

— E daí? — diz Corinne.

— E daí? — repete Billy. Ele está sorrindo.

— Eu tenho que ir ao banheiro e já estou quase sem dinheiro mesmo — diz Shanice e se levanta.

— Querida, não precisa anunciar quando você for usar o banheiro. É só pedir licença.

Shanice diz com aquela mesma dignidade campeã:

— Vou *retocar a maquiagem*, está bem?

Billy cai na gargalhada. Corinne também. Derek não presta atenção. Ele observa o tabuleiro e olha para a mãe.

— Vendo ou não? Eu estou falindo!

— É uma escolha de Hobson — diz Billy. — Isso quer dizer que você precisa escolher entre se arriscar ou se manter firme. Cá entre nós, eu acho que você está meio ferrado de qualquer jeito.

— Acho que ele tem razão, querido — diz Corinne.

— Ele tem muita sorte — diz Derek para a mãe. — Ele caiu no

Estacionamento Grátis e pegou todo o dinheiro que tinha lá, uma *nota*.

— Mas eu também sou bom — diz Billy. — Admite.

Derek tenta fazer cara feia, mas não aguenta. Ele mostra a carta com a listra verde.

— Mil e duzentos.

— Feito! — exclama Billy e entrega o dinheiro.

Vinte minutos depois, as crianças estão falidas e o jogo acaba. Quando Billy se levanta, os joelhos estalam e as crianças riem.

— Os perdedores têm que guardar o jogo, né?

— O papai também joga assim — diz Shanice. — Mas às vezes *ele* deixa a gente ganhar.

Billy se abaixa um pouco, sorrindo.

— Eu não faço isso.

— Seu valentão — diz ela, e ri com a mão sobre a boca.

Danny Fazio desce a escada com uma capa de chuva amarela e galochas desafiveladas, abertas como dois funis.

— Posso jogar?

— Na próxima — diz Billy. — Minha política é só dar surra em crianças uma vez a cada fim de semana.

Era só uma provocação, o que as crianças de hoje em dia chamam de *jogar um shade*, mas de repente ele vê biscoitos queimados caídos pelo chão do trailer e o gesso no braço do Bob Raines batendo na lateral do rosto de Cathy e tudo perde a graça. As três crianças riem porque, para elas, tem graça. Nenhuma delas viu a irmã levando pisadas de um ogro bêbado com uma sereia desbotada tatuada no braço.

No andar de cima, Corinne lhe dá um saco de biscoitos e diz:

— Obrigada por tornar um dia de chuva tão mais divertido pra eles.

— Eu também me diverti.

E se divertiu mesmo. Até quase o final. Quando chega em casa, joga os biscoitos no lixo. Corinne Ackerman é uma boa cozinheira, mas ele não

consegue pensar em comer biscoitos agora. Não consegue nem olhar pra eles.

6

Na segunda-feira, ele vai conversar com o corretor, que trabalha no shopping aberto lamentável a três quarteirões do 658. O escritório de Merton Richter é um buraco na parede com dois aposentos entre um salão de bronzeamento artificial e a Jolly Roger Tatuagens. Parado ali na frente está um SUV azul bem velho com um adesivo em uma lateral (IMOBILIÁRIA RICHTER) e um arranhão comprido na outra. O cara olha por alto as referências arduamente fabricadas de Dalton Smith e as devolve junto com o contrato de aluguel. As linhas onde Billy tem que assinar foram marcadas de amarelo.

— Você poderia dizer que o preço está acima do mercado — diz Richter, como se Billy tivesse protestado —, e talvez você estivesse certo, mas só um pouco, considerando os móveis e o wi-fi. E, sem poder estacionar na rua até as seis da tarde, a entrada de carros é muito conveniente. Você vai ter que dividir com os Jensen, claro…

— Pretendo deixar meu carro em uma garagem municipal na maior parte do tempo. Estou precisando caminhar. — Ele bate na barriga falsa. — O aluguel parece mesmo meio alto, mas eu quero morar lá.

— Sem ter visto — comenta Richter, impressionado.

— A sra. Jensen falou muito bem do lugar.

— Ah, entendi. De qualquer modo, se estamos de acordo…?

Billy assina o contrato e faz seu primeiro cheque como Dalton Smith: o aluguel do primeiro mês, do último mês e um depósito para a cobertura de possíveis danos — que é absurdo, a não ser que as panelas sejam All-Clad, a louça seja Limoges e os abajures sejam da Tiffany.

— Você trabalha com TI, é? — diz Richter, guardando o cheque na gaveta. Ele empurra sobre a mesa um envelope com a palavra CHAVES e bate no PC velho

como se fosse um cachorro meio inútil, mas que está sempre por perto. — Eu bem que precisava de ajuda com esta coisa velha.

— Estou fora do meu horário de trabalho — diz Billy —, mas posso te dar um conselho.

— Qual?

— Troque isso antes que você perca todos os seus arquivos. É você que contrata o meu aquecimento, eletricidade, água e TV a cabo?

Richter sorri, como se estivesse dando um prêmio a Billy.

— Não, isso é por sua conta, irmão. — E estende a mão.

Billy poderia perguntar a Richter o que ele faz para merecer a comissão, já que o contrato é obviamente um formulário da internet com os detalhes específicos acrescentados, mas faria diferença? Nem um pouco.

7

Billy quer voltar para sua história (parece prematuro chamar de livro, e isso talvez nem dê muita sorte), mas tem mais coisas para fazer antes. Quando os bancos abrem na terça-feira, ele vai até o Southern Trust e retira um pouco do dinheiro para despesas que foi depositado na conta de David Lockridge. Vai a três lojas de redes diferentes e compra mais três laptops, todos em dinheiro, todos de marcas baratas tipo AllTech. Ele também compra uma televisão de mesa mais barata. E paga com um cartão de crédito de Dalton Smith.

A próxima tarefa da lista é alugar um carro. Ele guarda o Toyota numa garagem do lado oposto da cidade em relação à que ele usa como David Lockridge, para não correr o risco de alguém do prédio o ver com os acessórios de Dalton Smith. A chance seria pequena porque, àquela hora do dia, todas as abelhas estão trabalhando na colmeia, mas correr riscos, ainda que pequenos, é burrice. É assim que as pessoas são descobertas.

Depois que coloca a peruca, os óculos, o bigode e a barriga, ele chama um uber e pede para ir até a concessionária da McCoy & Mills Ford, no extremo oeste da cidade. Lá, ele aluga um Ford Fusion por trinta e seis meses. O vendedor ressalta que, se Billy passar de dezessete mil quilômetros por ano, vai pagar um valor extra alto. Billy duvida de que vá andar mais de quinhentos quilômetros no Fusion. O importante é que Billy tem um carro que Nick conhece, e agora Dalton Smith tem um carro que Nick *não* conhece. É uma precaução para o caso de Nick estar planejando algo suspeito, mas não só isso. É uma forma de manter Dalton Curtis Smith separado do que vai acontecer na escada do Fórum. Mantê-lo limpo.

Billy para o carro novo ao lado do velho (a garagem é outra, mas ele vai para o mesmo ponto cego no andar superior) por tempo suficiente para transferir a televisão e os novos laptops para o Fusion. E também as malas baratas que ele tinha deixado no porta-malas do Toyota na noite anterior. Estão cheias com as

roupas vagabundas do Walmart. Ele dirige o Fusion até a rua Pearson, 658, e estaciona na entrada de carros, que é um trecho básico de asfalto com grama no meio. Ele tem esperança de que a sra. Jensen o veja fazendo a mudança, e não se decepciona.

Será que Dalton Smith repararia nela, olhando pela janela do segundo andar? Billy decide que não. Dalton é um nerd dos computadores, perdido no próprio mundo. Ele se esforça, bufa para levar as duas malas até a porta e usa a chave para abri-la. Nove degraus abaixo o levam até a porta do novo apartamento de Dalton Smith, onde ele usa outra chave. A porta leva direto para a sala. Ele deixa as malas em cima do carpete industrial e dá uma volta para dar uma olhada nos quatro aposentos… cinco, contando o banheiro.

Os móveis são bonitos, dissera Richter. Não é verdade, mas também não são horríveis. A palavra *genéricos* vem à mente. A cama é de casal e range quando Billy se deita nela, mas nenhuma mola o cutuca, e isso é uma vitória. Há uma poltrona na frente de uma mesa feita para uma televisão pequena como a que ele comprou na Discount Electronics. A poltrona é confortável, mas a estampa de zebra é um pesadelo. Ele vai cobri-la com alguma coisa.

De modo geral, ele gosta do lugar. Vai até a janela estreita, que fica na altura do gramado. *É quase como olhar por um periscópio*, Billy pensa. Ele gosta da perspectiva. É meio aconchegante. Gosta dos vizinhos de Midwood, principalmente dos Ackerman, da casa ao lado, mas acha que prefere aquele apartamento. Dá uma sensação de segurança. Tem um sofá velho que também parece confortável, e ele decide que vai colocá-lo no lugar da poltrona de zebra, para poder se sentar nele e ver a rua. As pessoas passando pela calçada podem até olhar para a casa, mas a maioria não vai reparar na janela do porão e nem vê-lo olhando para fora. É uma toca, ele pensa. Se eu tiver que me esconder, é para cá que tenho que vir, não para um esconderijo em Wisconsin. Porque este lugar fica *realmente* escond…

Uma batida leve atrás dele, um toque de dedos. Ele se vira e vê a sra. Jensen parada na porta que ele deixou aberta, batendo com as unhas no batente.

— Oi, sr. Smith.

— Ah, oi. — Sua voz de Dalton Smith é um pouco mais fina do que a que ele usa como Billy Summers e David Lockridge. Um pouco arfante, talvez com um toque de asma. — Você me pegou na mudança, sra. Jensen. — Ele indica as malas.

— Já que vamos ser vizinhos, por que você não me chama de Beverly?

— Tudo bem, obrigado. E pode me chamar de Dalton. Desculpa não poder oferecer nem um café, não comprei nada ainda…

— Eu entendo. Mudança é uma loucura, né?

— É mesmo. A parte boa é que eu viajo muito, então nem tenho muita coisa. Conheço mais hotéis de beira de estrada do que gostaria. Vou passar o resto desta semana em Lincoln, Nebraska, depois em Omaha. — Billy descobriu que, quando a mentira sobre viagens de trabalho envolve cidades de tamanho e importância secundária no esquema econômico, as pessoas acreditam. — Eu tenho mais algumas coisas pra trazer, então, se você me der licença…

— Precisa de ajuda?

— Não, tudo bem. — Mas então, como se estivesse reconsiderando: — Se bem que…

Eles vão até o Fusion. Billy dá a ela os três computadores novos. Com as caixas nos braços, ela parece uma entregadora de pizza da Domino’s.

— Caramba, melhor eu não derrubar isto, são novinhos. E devem custar uma fortuna.

Eles só valem uns novecentos dólares, mas Billy não a contradiz. Em vez disso, pergunta se está muito pesado.

— Que nada. É mais leve que um cesto de roupas. Você vai usar tudo isso?

— Assim que eu tiver energia elétrica, sim — diz Billy. — É assim que eu faço meu trabalho. Uma parte dele, pelo menos. A maior parte eu terceirizo. — *Terceirizar* é uma daquelas palavras impressionantes que podem significar qualquer coisa. Ele leva a caixa com a televisão. Os dois seguem pela calçada, passam pela porta da frente e descem a escada.

— Quando estiver acomodado, venha fazer uma visita — convida Beverly Jensen. — Vou passar um café. E posso oferecer um donut de ontem, se você não se importar com isso.

— Eu nunca recuso um donut. Obrigado, sra. Jensen.

— Beverly.

Ele sorri.

— Beverly, isso. Só tenho mais uma mala pra trazer e logo subo pra te encontrar.

Bucky enviou a caixa de Billy, a que tem o rótulo de *segurança*. O iPhone de Dalton Smith está ali dentro, e, quando ele acaba de descarregar o Fusion, Billy o usa para fazer algumas ligações como Dalton Smith. Ao terminar de tomar um café e comer um donut no apartamento dos Jensen no segundo andar, ouvindo Beverly contar sobre os problemas do marido com o chefe, a eletricidade já está ligada no apartamento novo.

Na toca subterrânea.

8

Ele fica no 658 até o meio da tarde, tirando as roupas vagabundas das malas, configurando os computadores baratos e fazendo compras na Brookshire, a um quilômetro e meio dali. Fora manteiga e uma dúzia de ovos, ele evita perecíveis. A maior parte do que compra são coisas que vão aguentar sua ausência: enlatados e congelados. Às três horas ele dirige o Fusion até o quarto andar da garagem número 2 e, depois de ter certeza de que não tem ninguém olhando, tira os óculos e os pelos faciais. Tirar a barriga falsa é um alívio enorme, e ele vê que vai precisar comprar talco se quiser evitar uma assadura.

Ele dirige o Toyota de volta até a garagem número 1 e retorna para o quinto andar da Torre Gerard. Não trabalha na história e também não joga no computador novo. Fica só sentado, pensando. Não tem um fuzil no escritório, nem nada mais letal do que uma faca de cozinha em uma das gavetas, e tudo bem. Pode levar semanas ou mesmo meses para que Billy precise de uma arma. O assassinato pode até não acontecer, e por que isso seria ruim? Em termos monetários, sim. Ele perderia um milhão e meio. Quanto aos quinhentos mil que já recebeu, será que a pessoa que encomendou o assassinato, intermediada por Nick, ia querer o dinheiro de volta?

— Boa sorte com isso — diz Billy. E ri.

9

Enquanto anda — *se arrasta* — até a garagem, Billy está pensando em bigamia.

Ele nunca foi casado nem uma vez, menos ainda com duas mulheres ao mesmo tempo, mas agora imagina como deve ser a sensação. Em uma palavra, exaustiva. Está metendo os pés não só em duas vidas diferentes, mas três. Para Nick e Giorgio (e também para Ken Hoff, que ele odeia), ele é um assassino de aluguel chamado Billy Summers. Para os integrantes da Torre Gerard, ele é um aspirante a escritor chamado David Lockridge. A mesma coisa para os residentes da rua Evergreen em Midwood. E agora, na rua Pearson, a nove quarteirões da Torre Gerard e a seis quilômetros e meio bem seguros de Midwood, ele é um geek dos computadores acima do peso chamado Dalton Smith.

Pensando bem, tem até uma quarta vida: a de Benjy Compson, que é "não Billy" apenas o suficiente para que ele consiga olhar para as lembranças dolorosas que costuma evitar.

Ele começou a escrever a história de Benjy num laptop que acha (acha não, tem certeza) que foi grampeado, porque seria um desafio e porque aquele é o famoso *último serviço*, mas agora ele entende que havia outro motivo, mais profundo e mais verdadeiro: ele quer ser lido. Por qualquer pessoa, até mesmo dois caras durões de Vegas como Nick Majarian e Giorgio Piglielli. Agora ele entende (nunca tinha entendido, nem sequer pensado no assunto) que qualquer escritor que leva seu trabalho a público flerta com o perigo. É parte do encanto. *Olhem pra mim. Estou mostrando o que sou. Estou nu. Estou me expondo.*

Enquanto se aproxima da entrada da garagem, mergulhado nesses pensamentos, sente um tapinha no ombro que o faz pular. Ele se vira e vê Phyllis Stanhope, a mulher da firma de contabilidade.

— Desculpa — diz ela, dando um passo para trás. — Não quis te assustar.

Ela viu alguma coisa naquele momento de distração? Um vislumbre de quem ele realmente é? O passinho para trás foi por causa disso? Talvez. Se for o caso,

ele tenta descartar a sensação com um sorriso tranquilo e a pura verdade.

— Está tudo bem. Eu estava a um milhão de quilômetros daqui.

— Pensando na sua história?

Em bigamia.

— Isso mesmo.

Phyllis segue andando ao lado dele. Sua bolsa está pendurada no ombro. Ela também tem uma mochila de criança nas costas, com desenho do Bob Esponja, e trocou os sapatos de salto por meias brancas e tênis.

— Não te vi no almoço hoje. Você comeu no escritório?

— Eu dei uma saída. Ainda estou tentando me acostumar. E tive uma longa conversa com meu agente.

Falou mesmo com Giorgio, mas não foi uma longa conversa. Nick voltou para Vegas, mas Giorgio está morando na McMansão e levou os dois caras novos (Reggie e Dana são seus nomes) junto com ele. Billy não acha que Nick e Georgie Pig estejam em conluio para vigiá-lo, não exatamente, mas o serviço é importante para eles, e Billy ficaria surpreso se fossem descuidados. Chocado, na verdade. A pessoa em quem eles podem estar de olho é Ken Hoff. O bode expiatório aguardando.

— Além do mais, mesmo quando um escritor não está sentado na frente do computador, está trabalhando. — Ele bate na têmpora.

Ela retribui o sorriso. É bonito.

— Aposto que é o que todos dizem.

— Pra ser sincero, acho que eu estou com um certo bloqueio.

— Pode ser pela mudança de ambiente.

— Pode ser.

Ele não acha que esteja com bloqueio. Não escreveu mais nada além daquele primeiro episódio, mas o resto está ali. Esperando. Ele quer chegar lá. É importante. Não é como escrever um diário, não é um esforço para fazer as pazes com uma vida que de muitas formas foi infeliz e traumática, não é confessional, ainda que se resuma a uma confissão. É uma questão de poder. Ele finalmente

está usando um poder que não sai do cano de uma arma. Assim como gosta da vista do novo apartamento no nível do chão, ele gosta desse poder.

— De qualquer modo — diz ele quando chegam à entrada da garagem —, eu planejo meter o pé no acelerador. A partir de amanhã.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Geleia ontem, geleia amanhã…

Eles terminam a frase juntos:

— Mas nunca geleia hoje!

— De qualquer jeito, estou ansiosa pra ler. — Eles começam a subir a rampa. Está deliciosamente fresco depois do sol sufocante na rua. Ela para na metade da primeira curva. — Eu fico aqui. — Ela aperta o botão da chave. Os faróis traseiros de um Prius azul piscam. Tem dois adesivos no para-choque, um de cada lado da placa: MEU CORPO, MINHAS REGRAS e ACREDITE NAS MULHERES.

— Vão acabar arranhando seu carro por causa disso — diz Billy. — Estamos num estado bem conservador.

Ela levanta a bolsa na frente do corpo e abre um sorriso diferente do que deu quando o cumprimentou. É mais um sorriso estilo Dirty Harry.

— Também é um estado que permite porte oculto de arma, e se alguém tentar rasgar meus adesivos com uma chave, é melhor fazer isso quando eu não estiver perto.

Seria mais exibicionismo do que realidade? A contadorazinha bancando a fodona na frente de um homem em quem ela talvez esteja interessada? Talvez sim, talvez não. De qualquer modo, ele a admira por ser aberta com relação a suas crenças. Por ter coragem. É assim que as pessoas boas agem. Ao menos quando estão sendo sua melhor versão.

— Bom, a gente se vê por aí — diz Billy. — Estacionei mais pra cima.

— Não achou nada mais perto? Sério?

Ele poderia dizer que foi porque chegou tarde, mas isso poderia se voltar contra ele depois, já que sempre estaciona no quarto andar. Ele levanta o polegar.

— Tem menos chance de alguém bater em mim manobrando lá em cima.

— Ou de rasgarem seus adesivos com uma chave?

— Eu não tenho nenhum — diz Billy, e acrescenta a mais pura verdade: — Gosto de passar despercebido. — E, por impulso (ele quase nunca é impulsivo), diz o que prometeu para si mesmo que não diria: — Quer tomar um drinque comigo uma hora dessas?

— Quero. — Sem hesitação, como se estivesse apenas esperando ele fazer a pergunta. — Que tal sexta? Tem um lugar legal a dois quarteirões daqui. A gente pode dividir a conta. Eu sempre divido quando tomo um drinque com um cara. — Ela faz uma pausa. — Pelo menos na primeira vez.

— É uma boa política, acho. Dirija com cuidado, Phyllis.

— Phil. Pode me chamar de Phil.

Ele acena para os faróis traseiros do carro dela antes de subir até o quarto andar. Há um elevador, mas ele quer caminhar. Quer ter tempo de perguntar a si mesmo que merda foi essa que acabou de fazer. E que negócio foi esse de jogar Monopoly com Derek e Shanice Ackerman, principalmente sabendo que eles vão querer uma revanche no fim de semana seguinte, que ele provavelmente vai aceitar? O que aconteceu com aquela coisa de se dar bem com as pessoas sem ficar íntimo demais? Dá para se misturar no cenário quando se está em primeiro plano?

A resposta curta é não.

VI

1

O verão vai passando. Os dias quentes e úmidos de sol ardente são pontuados por tempestades curtas e repentinas, algumas cruéis, cheias de granizo. Ocorrem dois tornados, mas nos arredores, nenhum no centro e nem em Midwood. Quando as tempestades passam, deixam para trás ruas fumegantes que secam rápido. A maioria dos apartamentos nos andares mais altos da Torre Gerard está vazia, unidades desocupadas ou abandonadas pelos residentes que estão em busca de climas mais amenos. Boa parte dos negócios continua com seus funcionários, porque são firmas jovens ainda lutando para conquistar espaço. Algumas, como a firma de advocacia no mesmo corredor do escritório de Billy, são start-ups que nem existiam dois anos antes.

Billy e Phil Stanhope saem para tomar aquele drinque em um bar agradável com lambris nas paredes, adjacente ao que Billy supõe ser um dos melhores restaurantes de Bluff, onde a carne é a especialidade da casa. Ela toma um uísque com soda (“A bebida do meu pai”, diz). Billy toma um Arnold Palmer e explica que está sem tomar álcool, até mesmo cerveja, enquanto trabalha no livro.

— Não sei se sou alcoólatra, os jurados ainda estão decidindo — diz ele —, mas tive problemas com bebida. — Ele conta a história que Nick e Giorgio forneceram: bebida demais em New Hampshire, com muitos amigos baladeiros.

Eles passam uma meia hora bem agradável, mas ele sente que o interesse dela por ele (como mais do que um amigo) não é tão forte quanto havia imaginado. Billy acha que é o abismo entre o que cada um tem no copo. Tomar um uísque com um cara que está tomando uma mistura de chá gelado com limonada é como beber sozinha, e talvez (como sugere o rubor rápido que surge nas bochechas dela ao absorver o conteúdo de seu copo) a própria Phil tenha um problema com bebida. Ou terá no futuro. É uma pena, porque ele não se importaria de levá-la para a cama, mas é preciso diminuir as chances de complicações. Não vai ser apenas parte do cenário para ela, os dois gostam um do outro, mas nenhuma equipe de perícia vai encontrar as digitais dele no quarto dela. Isso é bom. Para os dois. Mas mesmo se aproximar assim, resumindo as histórias de vida (a dela, real; a dele, falsa), já é intimidade demais, e ele sabe disso.

A história de Dalton Smith não inclui problemas com bebida, então ele pode tomar uma cerveja no degrau dos fundos da rua Pearson, 658, com o marido de Beverly. Don Jensen trabalha para uma empresa de paisagismo chamada Interesses Florescentes. Ele concorda muito com o outro Don, o que mora numa casa bem mais grandiosa, no número 1600 da avenida Pennsylvania. Está especialmente de acordo com o outro Don na questão da imigração (“Não quero ver os Estados Unidos pintados de marrom”, diz ele), apesar de boa parte da força de trabalho da Interesses Florescentes consistir em imigrantes ilegais que não falam inglês (“Mas eles *entendem* a língua dos auxílios do governo”, diz ele). Quando Billy observa a contradição, Don Jensen a descarta (“As estrelas de cinema vêm e vão, mas os chicanos são pra sempre”, diz ele). Ele pergunta para onde Billy vai agora, e Billy diz que vai passar duas semanas em Iowa City. Depois, segue para Des Moines e Ames.

— Você realmente não passa muito tempo aqui — diz Don. — Parece um desperdício de dinheiro com o aluguel.

— Sempre tenho mais trabalho no verão. E eu preciso de um canto pra chamar de lar. A gente talvez se veja mais no outono.

— Um brinde a isso. Quer outra cerveja?

— Não, obrigado — recusa Billy, levantando-se. — Eu tenho que trabalhar.

— Nerd — diz Don, e dá um tapinha carinhoso nas costas dele.

— Não tenho como negar — diz Billy.

Na rua Evergreen, os Ragland (Paul e Denise) o convidam para comer frango ao molho barbecue do Big Clucks. De sobremesa, Denise serve um bolo de morango feito em casa. Está delicioso. Billy repete. Os Fazio (Pete e Diane) o convidam para dividir uma pizza na sexta, que eles comem na sala da bagunça no porão, vendo *Os caçadores da arca perdida* junto com Danny Fazio e as crianças dos Ackerman, que moram do outro lado da rua. O filme continua tão bom quanto pareceu para Billy e Cathy quando eles foram assisti-lo na reprise do velho Bijou. Jamal e Corinne Ackerman o recebem para comer tacos e torta de chocolate. Tudo delicioso. Billy repete. Já ganhou mais de dois quilos. Para evitar parecer um vizinho aproveitador, ele compra uma grelha no Walmart com um dos cartões de crédito de David Lockridge e convida as três famílias, além de Jane Kellogg, a viúva que mora no fim do quarteirão, para comer hambúrguer e cachorro-quente no quintal dele. Que, assim como o jardim da frente, está passando por uma bela remodelagem sob sua gestão.

Os jogos de Monopoly no fim de semana continuam. Agora, atraem crianças de todo o bairro, não só da rua Evergreen, decididas a destronarem o campeão. Billy ganha de todas de lavada. Em um desses sábados, Jamal Ackerman se senta em frente ao tabuleiro e pega o carro de corrida como peão (“Vamos lá, América branca”, diz ele para Billy com um sorriso). É mais difícil ganhar dele que das crianças, mas nem tanto assim. Depois de uma hora e dez minutos, ele está devendo até as calças, e Billy está cheio de si. É Corinne que finalmente consegue ganhar dele no último sábado antes da volta às aulas. Todas as crianças que estavam torcendo aplaudem quando Billy declara falência. Billy também. Corinne faz uma reverência de agradecimento e tira uma foto do tabuleiro, e Billy toma cuidado para não aparecer. Não que importe muito. Nessa era das câmeras portáteis, ele tem certeza de que sua imagem já está no celular de Derek. Provavelmente no de Danny Fazio também. As crianças Ackerman

observam Billy com os olhos brilhando enquanto aplaudem. Aqueles jogos de sábado se tornaram importantes para Derek e Shanice. Para todas as crianças, na verdade, mas especialmente para eles, que estavam lá quando tudo começou. *Billy* se tornou importante para eles, e vai decepcioná-los. Ele não acredita (ou não consegue, ou se recusa a acreditar) que vá de fato partir o coração deles quando matar Joel Allen, mas sabe que eles ficarão chocados e abalados. Desiludidos. Enganados. Billy pode até dizer para si mesmo (e diz) que, se não for por ele, será por outra pessoa, mas não cola. Não é assim que uma pessoa boa se comporta. Mas a situação é inflexível. Ele torce cada vez mais para Allen escapar da extradição, ser morto na prisão ou até fugir, o que estragaria todo o plano.

Nos dias de semana, ele come na praça da Torre Gerard quando não está quente demais. Faz questão de conhecer Colin White, o cara que se veste com extravagância. White não é um gay estereotipado, mas uma caricatura, uma figura divertida saída de uma série de comédia dos anos 1980. A voz é sussurrada, os gestos são exagerados e ele vive revirando os olhos com exagero. Chama Billy de *querido* e *amorzinho*. Quando Billy supera essa parte, acaba descobrindo um homem de grande inteligência. Inteligência *ferina*. Quando os olhos de Colin não estão se revirando, estão observando tudo atentamente. Mais tarde, quando a coisa estiver feita, vai haver muitas descrições de David Lockridge. Algumas, inclusive de Phyllis Stanhope, vão ser boas, mas Billy acha que a daquele homem vai ser a mais precisa. Ele pretende usar Colin White, mas, enquanto isso, precisa tomar cuidado com ele. Billy tem seu *eu burro*. Ele acha que Colin White tem um *eu bobão e palhaço*. Um malandro conhece o outro.

Um dia, enquanto eles descansam em um banco na pouca sombra do meio-dia na praça, Billy pergunta a Colin como ele consegue fazer esse trabalho de arrancar dinheiro das pessoas sendo um cara tão legal, sem contar que é tão gay quanto o chapéu de festa da tia Maudie. Colin coloca a mão na lateral do rosto, encara Billy com uma expressão ingênua de olhos arregalados e diz:

— Bom… eu meio que… *mudo*.

Ele abaixa a mão. O sorriso agradável (incrementado por um leve toque de brilho labial) desaparece. O sotaque cantado também. A voz que sai do magrelo Colin White, hoje usando a calça dourada de nylon e uma camisa de estampa indiana de gola alta, é a de um advogado puto da vida.

— Não sei quem a senhora andou enrolando, mas eu não caio nessa. Seu prazo acabou. Quer ficar com o carro? Porque, se eu desligar sem receber nada, *e isso é muito mais do que uma promessa*, minha próxima ligação vai ser para a empresa de retomada que contratamos. Pode chorar o quanto quiser, nessa eu também não caio. — Ele fala sério mesmo. — Eu preciso de sessenta dólares na minha tela nos próximos dez minutos. Cinquenta no mínimo, e só porque eu acordei de bom humor hoje.

Ele para e olha para Billy com os olhos arregalados (incrementados por um traço discreto de delineador).

— Isso ajuda a entender?

Ajuda. O que não ajuda a entender é se Colin é uma pessoa boa ou ruim. Talvez ele seja as duas coisas. Billy sempre achou esse conceito perturbador.

Ele recebe mensagens de texto do “agente” no celular de David Lockridge ao longo do verão, às vezes uma vez por semana, às vezes duas.

GRusso: Seu editor ainda não teve tempo de ler suas páginas mais recentes.

GRusso: Liguei pro seu editor, mas ele estava fora.

GRusso: Seu editor ainda está na Califórnia.

E assim por diante. A que ele está esperando, a que significa que um juiz na Califórnia aprovou a extradição de Allen, vai ser **Seu editor quer publicar**. Quando Billy receber essa, vai começar os preparativos finais.

A última mensagem de texto de Giorgio será: **O cheque está a caminho.**

3

Nick retorna de Vegas no meio de agosto. Liga para Billy e pede que ele vá à McMansão depois que escurecer, uma instrução desnecessária para Billy. Eles se sentam para jantar tarde, às 21h30. Não há ninguém servindo; o próprio Nick cozinha uma vitela à parmegiana, que não fica excelente, mas pelo menos o Pinot Noir é bom. Billy só toma uma taça, já que pretende voltar dirigindo.

Frankie, Paulie e os caras novos, Reggie e Dana, estão presentes. Elogiam muito a comida, inclusive a sobremesa, que é um bolo de supermercado decorado com chantili artificial. Billy conhece o gosto. Comeu muito daquilo quando criança, nas noites de sexta na Casa Stepenek, que ele, Robin e Gad (além de alguns outros ocupantes) chamavam de Casa da Tinta Eterna.

Aquele lugar tem surgido com frequência na memória dele ultimamente. Robin também. Em pouco tempo, vai escrever sobre ela, mas vai mudar o nome para outro parecido. Rikki, ou talvez Ronnie. Vai mudar todos os nomes, exceto o da garota de um olho só.

A maioria dos caras de Nick, que Billy chama de durões de Vegas, tem nomes terminados em *ie*, como personagens num filme do Coppola ou do Scorsese. Dana Edison é diferente. Ele é ruivo com um coque apertado na nuca para compensar o que já perdeu na frente; a testa parece uma passarela. Frankie Elvis, Paulie e Reggie são caras grandes. Dana é pequeno e vê o mundo através de um óculos sem aro. À primeira vista, ele pode ser encarado como inofensivo, um sr. Milquetoast, mas os olhos por trás dos óculos são azuis e frios. Olhos de atirador.

— Nada sobre Allen ainda? — pergunta Billy quando a refeição termina.

— Na verdade, sim. — E, para Paulie: — Não acende essa coisa fedorenta aqui, tem uma cláusula no aluguel dizendo que não pode fumar. Qualquer violação é motivo pra encerramento imediato com multa de mil dólares.

Paulie Logan olha para o charuto que tirou do bolso da camisa rosa Paul

Stuart como se não soubesse de onde veio e guarda-o de volta, murmurando um pedido de desculpas. Nick se vira para Billy.

— Allen vai estar no fórum na terça depois do Dia do Trabalho. O advogado dele vai tentar outro adiamento. Será que vai conseguir? — Nick levanta as mãos com as palmas para cima. — Talvez, mas o que tenho ouvido dos meus amigos em Los Angeles é que esse juiz é um velho rabugento.

Frank Macintosh ri, mas para e cruza os braços sobre o peito quando Nick franze a testa. Nick está de mau humor quase a noite toda. Billy acha que ele preferia estar em Vegas, ouvindo um sujeito das antigas (talvez Frankie Avalon ou Bobby Rydell) cantar “Volare”.

— Ouvi dizer que o verão está bem chuvoso aqui, Billy. É verdade?

— A chuva vem e vai — diz Billy, pensando no gramado em Midwood. Está tão verde quanto feltro numa mesa de sinuca nova. Até a grama na frente do número 658 da rua Pearson está com aparência melhor, e as ruínas de tijolos da estação de trem do outro lado da rua estão escondidas pelo mato alto.

— Quando vem, vem forte — diz Reggie. — Não é como Vegas, chefe.

— Dá pra você atirar na chuva? — pergunta Nick. — É isso que eu quero saber. E quero a verdade, não uma babaquice otimista.

— Se não estiver chovendo canivete, dá.

— Que bom. Que bom. Vamos torcer pros canivetes ficarem guardados. Vem pra biblioteca comigo, Billy. Quero conversar um pouco mais com você. Depois você pode ir pra casa dormir o sono dos justos. E vocês arrumem alguma coisa pra fazer. Paulie, se você fumar aquela coisa lá fora, não quero encontrar a guimba na grama amanhã.

— Pode deixar, Nick.

— Olha que eu vou procurar.

Paul Logan e os três caras importados de Vegas saem. Nick leva Billy para uma sala com livros do chão ao teto. Tem spots discretos iluminando coleções de livros com capas de couro. Billy adoraria olhar as prateleiras; tem quase certeza de que viu as obras completas de Kipling e Dickens. Mas esse não é o tipo de

coisa que o Billy que Nick conhece faria. O Billy que Nick conhece se senta em uma poltrona de encosto alto e encara Nick com sua melhor expressão de olhos arregalados e receptivos.

— Você viu Reggie e Dana por aí?

— Vi. Uma vez ou outra.

Eles dirigem uma van da DOP. Uma vez, estavam parados no meio-fio em frente à Torre Gerard, onde os *food trucks* estacionam na hora do almoço. Estavam mexendo em uma tampa de bueiro. Em outra ocasião, ele viu os dois na rua Holland, ajoelhados com uma lanterna apontada para a grade do esgoto. Vestiam macacão cinza, bonés da cidade e botas de trabalho.

— Você vai vê-los mais vezes. Eles passam a impressão certa?

Billy dá de ombros.

Nick responde com um olhar de impaciência.

— O que isso quer dizer?

— Que eles passaram a impressão certa.

— Não atraem muita atenção?

— Não que eu tenha visto.

— Que bom. Que bom. A van está na garagem daqui. Eles não saem com ela todos os dias, pelo menos não por enquanto, mas quero que as pessoas se acostumem a ver os dois por aí.

— Misturados no ambiente — diz Billy, mostrando seu melhor sorriso do *eu burro*.

Nick aponta um dedo em forma de arma para ele. É a marca registrada dele, Billy sabe, provavelmente imitação de um show em algum hotel de Vegas, mas Billy não gosta nem de uma arma de mentira apontada para ele.

— Exato. Hoff já entregou a arma?

— Não.

— Vocês têm se visto?

— Não e eu nem quero.

— Tudo bem. — Nick suspira e passa a mão pelo cabelo. — Acho que você deve querer testar a arma, né? Dar uns tiros no mato?

— Talvez — diz Billy, mas ele não vai arriscar dar tiros, nem no meio do nada, onde todas as placas são cheias de buracos de bala. Ele consegue calibrar a arma com um aplicativo de iPhone e uma traquitana laser que é vendida na Amazon.

Nick se inclina para a frente, as mãos unidas diante de seu pacote considerável. Ele está com uma expressão preocupada e simpática. Billy acha que faz com que ele pareça um impostor.

— Como estão as coisas pra você lá em… como que chama? Midwood?

— Midwood, é. Tudo bem.

— É um buraco, eu sei, mas vai valer a pena.

— É. — Pensando que, na verdade, é um bairro bem legal.

— Você tem sido discreto?

Billy assente. Nick não precisa saber sobre os jogos de Monopoly, nem sobre o churrasco no quintal e nem sobre o drinque que ele tomou com Phil Stanhope. Nem agora e nem nunca.

— Você chegou a pensar no plano de fuga que eu sugeri? Como você pode ver, os rapazes vão estar prontos quando chegar a hora. Reggie não é nenhum gênio, mas Dana é uma mente pensante. E os dois dirigem bem.

— É só eu correr pra esquina, né? E entrar na traseira da van.

— Isso, e vestir um macacão do tipo que os funcionários da cidade usam. Vocês vão perguntar pra polícia se podem ajudar a controlar as pessoas na rua ou alguma coisa do tipo. — Como se Billy já tivesse esquecido tudo. — Se eles disserem que sim… É provável que eles digam que não, mas, se disserem que sim, vocês vão ajudar. De qualquer jeito, vocês vão estar fora do estado e a caminho de Wisconsin antes do anoitecer. Talvez até antes. O que você acha?

Billy se imagina não a caminho de Wisconsin, mas caído morto numa vala de estrada de interior, descartado junto com latas de cerveja e caixas de Big Mac. A imagem é bem clara.

Ele abre um sorriso, um sorriso *enorme*, e diz:

— Acho ótimo. Melhor do que qualquer coisa que eu pudesse ter planejado.

É mentira, o que ele planejou parece sólido, por mais que ele esteja sempre tentando encontrar possíveis falhas. Existem riscos, mas são mínimos. Nick não precisa saber qual é seu plano de fuga real. Pode até ficar puto da vida depois, mas quão puto pode ficar se o serviço for feito?

Nick se levanta.

— Que bom. Fico feliz em ajudar, Billy. Você é um bom homem.

Não sou, não, e nem você é.

— Valeu, Nick.

— Último serviço, é? Isso é sério?

— É.

— Vem aqui, *bambino*, me dá um abraço.

Billy vai.

Não é que não confie em Nick, ele pensa, a caminho da casinha amarela. É só que ele confia mais em si mesmo. Sempre confiou, sempre vai confiar.

4

Dois dias depois, uma batida na porta do escritório. Billy estava escrevendo, perdido num passado que é em parte de Benjy Compson, mas é mais dele. Salva o trabalho, fecha o computador e abre a porta. É Ken Hoff. Ele parece ter perdido uns cinco quilos desde que Billy o viu em junho. A barba por fazer está mais densa do que nunca. Talvez ainda ache que ela o faz parecer o ator principal de um filme de ação, mas, para Billy, parece um cara que passou os últimos cinco dias bêbado. O bafo não ajuda. A bala de hortelã que ele está chupando não disfarça as doses tomadas no caminho, às 10h40 da manhã. A gravata é elegante, mas a camisa está amassada e meio para fora da calça de um lado. Lá vem problema, Billy pensa.

— Oi, Billy.

— É Dave, lembra?

— Claro, Dave, isso mesmo. — Hoff olha para trás para conferir se tem alguém no corredor que possa ter ouvido o erro. — Posso entrar?

— Claro, sr. Hoff. — Não vai chamar o homem que é essencialmente seu senhorio de Ken. Ele chega para o lado.

Hoff dá outra olhada para trás e entra. Eles estão parados no que seria a recepção se aquilo fosse um escritório de verdade. Billy fecha a porta.

— O que posso fazer por você?

— Nada, tá tranquilo. — Hoff molha os lábios, e Billy percebe que o sujeito tem medo dele. — Só vim ver se tá tudo bem, sabe. Se você tá precisando de alguma coisa.

Nick o mandou, Billy pensa. A mensagem? Você pisou na bola com o Billy e ele é nosso astro, então vá consertar as coisas.

— Só uma coisinha — diz Billy. — Você vai providenciar a mercadoria quando eu precisar dela, né? — Falando do M24. O que Hoff chamou de Remington 700.

— Está tudo providenciado. Tudo providenciado, amigo. Você quer agora ou…

— Não. Um dos nossos amigos vai avisar quando chegar a hora. Até lá, guarda num lugar seguro.

— Tudo bem. Está no meu…

— Eu não quero saber. Ainda não. — *Basta a cada dia o seu próprio mal*, ele pensa. Evangelho segundo Mateus. O que ele quer naquele dia é voltar para o que estava fazendo. Não tinha ideia de como escrever podia fazê-lo se sentir bem.

— Tudo bem, claro. Quer sair pra tomar um drinque qualquer hora dessas?

— Não seria uma boa ideia.

Hoff sorri. Deve ser um sorriso encantador quando ele está no comando, mas não agora. Ele está numa sala com um assassino de aluguel. Isso é parte do problema, mas não é tudo. É um homem que está sentindo as paredes se fechando, e Billy não acha que seja por Hoff desconfiar de que possa acabar sendo o bode expiatório. Ele deveria saber disso, mas não sabe. Talvez ele nem consiga conceber a ideia, assim como Billy não consegue conceber a ideia de buracos negros no espaço como coisas reais.

— Não haveria problema. Você é *escritor*, afinal. Socialmente, você está no meu nível.

Seja lá o que isso quer dizer, Billy pensa.

— Não seria bom depois. Pra você. Você poderia responder a qualquer pergunta, dizer que não fazia ideia do que eu estava realmente fazendo aqui, mas seria melhor se essas perguntas nem fossem feitas.

— Mas entre *nós* está tudo bem, né, Billy?

— É Dave. Você tem que se acostumar com isso pra não escorregar. E claro que está, por que não estaria? — Billy faz a expressão de olhos arregalados do *eu burro.*

Dá certo. Desta vez, o sorriso de Hoff é um pouco mais encantador, porque a língua dele não sai para lamber os lábios bem no meio do sorriso.

— Dave agora e Dave para sempre. Não vou mais esquecer. Tem certeza de que não precisa de nada? Olha, eu sou dono do Carmike Cinema no Southgate Mall, com nove telas, IMAX no ano que vem. Posso te dar um passe livre se você…

— Seria ótimo.

— Legal. Vou trazer de tard…

— Por que você não envia pelo correio? Pra cá ou pro endereço da rua Evergreen. Você tem, né?

— Tenho, claro. Seu agente me deu. No verão tem todos os filmes famosos, sabe.

Billy assente, como se mal pudesse esperar para ver um bando de atores com roupas de super-heróis.

— E, escuta, Dave, eu tenho participação num serviço de acompanhantes. São garotas ótimas, bem discretas. Jovens. Eu ficaria feliz em…

— Melhor não. Eu tenho que ser reservado, lembra? — Ele abre a porta. Hoff não é apenas um problema, é uma bomba prestes a explodir.

— Irv Dean está te tratando bem?

O segurança que trabalha durante o dia no saguão.

— Está sim. Compramos umas raspadinhas juntos às vezes.

Hoff ri bem alto e olha em volta para ver se tem alguém ouvindo. Billy se pergunta se Colin White e outras pessoas da Comércio Universal têm Ken Hoff na lista. Provavelmente não. As pessoas a quem Ken deve dinheiro (e ele *tem* dívidas, Billy tem certeza) não o procuram por telefone. A determinada altura, elas simplesmente aparecem na sua casa, afogam seu cachorro na piscina e quebram seus dedos da mão que não preenche os cheques.

— Bom, que bom. E Steve Broder? — Quando Billy olha sem entender: — Gerente do prédio.

— Não tenho visto. Escuta, Ken, obrigado pela visita. — Billy passa o braço nos ombros da camisa amassada do sujeito, o guia até o corredor e o vira para os

elevadores.

— Claro. E vou estar prontinho com a mercadoria.

— Sei que vai.

Ele segue pelo corredor, mas, quando Billy acha que se livrou dele, Hoff volta. Sem esconder o desespero no olhar agora. Ele fala baixo.

— Está tudo bem mesmo, né? Se eu fiz alguma coisa que te ofendeu ou te irritou, peço desculpas.

— Tudo bem mesmo — diz Billy. Pensando: Esse cara pode abrir o bico. E, se ele falar, não vai ser Nick Majarian no olho do furacão. Vai ser eu.

— Porque eu preciso disso — diz Hoff. Ainda falando baixo. Com cheiro de Certs misturado com álcool e colônia Creed. — É como se eu fosse um quarterback e meus receptores estivessem marcados, mas aí uma brecha se abre como num passe de mágica, e eu… você sabe, eu…

No meio da metáfora estrangulada, a porta da firma de advocacia no fim do corredor se abre. Jim Albright sai a caminho do banheiro. Ele vê Billy e levanta a mão. Billy levanta a dele em resposta.

— Eu entendo — diz Billy. — Vai ficar tudo bem. — E, como não consegue pensar em mais nada: — O touchdown vem.

Hoff se anima.

— E gol! — diz ele. Aperta a mão de Billy de forma brusca e segue pelo corredor, tentando parecer alegre.

Billy fica olhando até ele entrar no elevador e desaparecer de vista. Talvez eu devesse fugir, ele pensa. Comprar um carro como Dalton Smith e fugir.

Mas ele sabe que não vai fazer isso, e o um milhão e meio pendente é só metade do motivo. O que o espera no escritório/ sala de reuniões é a outra metade. Talvez mais do que metade. O que Billy mais quer fazer não é jogar Monopoly e nem tomar cerveja com Don Jensen e nem ir pra cama com Phil Stanhope, menos ainda atirar em Joel Allen. O que ele mais quer é escrever. Ele se senta e liga o laptop. Abre o documento em que estava trabalhando e mergulha no passado.

VII

1

Eu fui até ele e falei pra mim mesmo que achava que ia ter que atirar de novo nele. Se eu tivesse que atirar, eu ia atirar. Ele era namorado da minha mãe, mas estava errado. Ele parecia morto, mas eu tinha que ter certeza, então eu lambo bem a mão e me ajoelho do lado dele. Botei a mão molhada na frente da boca e do nariz dele pra poder sentir se ainda tinha ar saindo. Não tinha e eu tive certeza que ele estava morto.

Eu sabia o que tinha que fazer depois, mas primeiro fui até Cassie. Eu tinha esperança, mas sabia que ela também estava morta. Só podia estar, com o peito afundado daquele jeito. Mas eu lambo a mão de novo e coloco na frente da boca dela, mas também não tinha ar saindo. Eu segurei ela nos braços e chorei, pensando no que a minha mãe sempre dizia quando ia trabalhar na lavanderia, cuida da sua irmã. Mas eu não cuidei dela. Eu devia ter atirado naquele filho da puta antes, isso sim teria sido cuidar dela. E teria sido cuidar da minha mãe também porque eu sabia que ele batia nela às vezes e ela ria do olho roxo e do lábio cortado e dizia a gente só estava brincando Benjy e eu bati a cara. Como se eu fosse acreditar naquilo. Nem Cassie acreditava e ela só tinha 9 anos.

Depois que eu terminei de chorar, eu fui até o telefone. Estava funcionando. Nem sempre funcionava, mas estava naquele dia, porque a conta tinha sido paga. Eu ligo pra emergência e uma moça atende.

Eu disse alô, meu nome é Benjy Compson e eu matei o namorado da minha mãe depois que ele matou a minha irmã. A moça me perguntou se eu tinha certeza que o homem estava morto. Eu disse que tinha. Ela disse qual é seu endereço, meu filho. Eu disse que é via Skyline, 19, no estacionamento de trailers Hillview. Ela disse sua mãe está aí. Eu disse não, ela está na lavanderia 24 horas em Edendale, no trabalho. Ela disse você tem certeza que sua irmã está morta. Eu disse que tinha porque ele pisou nela e afundou o peito dela todo. Eu disse que eu lambi a mão e tentei sentir respiração e não tinha. Ela disse tudo bem, meu filho, fica onde está e a polícia já está indo. Eu disse obrigado, moça.

Você pode achar que a polícia já estava a caminho por causa do barulho do tiro e tal, só que o estacionamento de trailers ficava no fim da cidade e as pessoas sempre atiravam em cervos e guaxinins e marmotas nos jardins. Além do mais, ali era o Tennessee. As pessoas atiram o tempo todo, no Tennessee é tipo um hobby.

Eu achei que tinha ouvido alguma coisa, que o namorado da minha mãe podia estar se levantando pra correr pra cima de mim, apesar de estar morto. Eu sabia que ele não podia fazer isso, mas eu estava

pensando num filme que vi escondido no cinema. Eu e a Cassie entramos escondidos e ela fechou os olhos nas partes nojentas e depois teve pesadelos e eu sabia que foi maldade minha levar ela. Não sei por que eu levei. Acho que tem um pouco de maldade nas pessoas e às vezes essa maldade sai como sangue ou pus. Eu voltaria atrás naquele filme se pudesse, mas não em atirar no namorado. Ele era uma pessoa ruim, muito ruim de matar uma garotinha inofensiva. Eu teria feito aquilo mesmo que fosse pra ir pro reformatório.

Mas zumbis só existem em filmes de terror. Ele estava morto que nem bosta de cachorro. Eu me perguntei se devia botar um cobertor em cima da Cassie, mas achei que não, que seria triste e horrível, então liguei pra lavanderia 24 horas pelo número no papel grudado na parede ao lado do telefone. Uma moça atendeu lavanderia 24 horas e eu falei que meu nome é Benjy Compson e eu tenho que falar com a minha mãe Arlene Compson, ela trabalha na máquina de passar roupa. Ela disse é emergência. Eu disse é, sim, senhora. Ela disse estamos cheias de trabalho hoje aqui, que emergência é essa. Eu achei xeretice e metidice, mas pode ser porque eu estivesse chateado, só que acho que não. Eu falei minha irmã morreu. Essa é a emergência. Ela disse ah meu Deus tem certeza e eu disse por favor me deixa falar com a minha mãe. Porque eu já estava de saco cheio daquela puta xereta.

Eu esperei e minha mãe atendeu o telefone sem fôlego e disse Benjy o que aconteceu? Espero que não seja brincadeira. E eu pensei que seria melhor pra todo mundo se fosse brincadeira, mas não é. Eu falei que o namorado dela chegou bêbado com o braço engessado e matou a Cassie e tentou me matar, mas eu atirei e matei ele. Eu falei a polícia está vindo, estou ouvindo as sirenes, vem pra casa e não deixa me prenderem porque era ele ou eu.

Eu saí e fiquei no degrau mais alto do trailer, não eram bem degraus, mas uns blocos de cimento que o último namorado da minha mãe, o que ela teve antes do namorado ruim, fez de degraus. O nome daquele era Milton e ele era legal, eu queria que ele tivesse ficado, mas ele foi embora. Ele não queria a responsabilidade de duas crianças, minha mãe disse. Como se fosse nossa culpa. Como se a gente tivesse pedido pra nascer. Eu fui pros degraus porque não queria ficar no trailer com gente morta. Eu fiquei me perguntando se a Cassie podia mesmo estar morta e fiquei me dizendo que sim, ela está mesmo.

Os primeiros policiais chegaram e eu estava contando o que aconteceu quando a minha mãe chegou. A polícia tentou impedir ela de entrar, mas ela entrou mesmo assim e quando ela viu Cassie ela gritou e gemeu e deu um chilique tão grande que eu botei as mãos sobre os ouvidos. E eu fiquei com raiva dela. Eu pensei o que você achou que ia acontecer. Ele batia na gente antes igual batia em você então o que você achou que ia acontecer. Mais cedo ou mais tarde as pessoas ruins fazem coisas ruins, até uma criança sabe disso.

A essa altura nossos vizinhos já estavam do lado de fora, olhando. Um dos policiais foi legal comigo. Ele me levou pro carro da polícia, onde os vizinhos não podiam me ver direito, e me deu um abraço. Ele disse que tinha bala no porta-luvas e perguntou se eu queria e eu disse não obrigado. Ele disse tudo bem, Benjy, me conta o que aconteceu. Eu contei. Não sei quantas vezes eu contei aquela história, mas foram muitas. Eu comecei a chorar e o policial me deu outro abraço e me chamou de garoto corajoso e eu desejei que a minha mãe tivesse um namorado como aquele cara.

Enquanto eu estava sentado no carro da polícia contando o que aconteceu, mais polícia chegou e uma van que dizia UNIDADE FORENSE DA POLÍCIA DE MAYVILLE. Um policial daquela van tirou fotos e depois eu vi algumas na audiência, mas não dos corpos. Não sei por que as pessoas na audiência acharam que eu não podia ver fotos de corpos que eu já tinha visto ao vivo. Mas o que eu quero dizer é que uma das fotos que

aquele homem tirou foi parar no jornal. Mostrava os biscoitos que a minha irmã fez, espalhados pelo chão. Embaixo, dizia MORTA POR CAUSA DE BISCOITOS. Eu nunca me esqueci disso, como era cruel e verdade ao mesmo tempo.

Eu tive que ir à audiência. Não foi com um juiz, mas com 3 pessoas. Eram 2 homens e 1 mulher que pareciam professores e falavam como professores. Não tinha ninguém na sala além deles e eu e a minha mãe e os policiais que foram os primeiros a chegar no trailer, que eles chamavam de "cena". A gente não tinha um advogado tipo no *Law & Order* da televisão e nem precisava de um. A mulher disse que eu fui um garoto corajoso e disse pra minha mãe que eu devia fazer terapia. A minha mãe disse pra ela que era uma boa ideia e depois disse pra mim que tem gente que acha que dinheiro dá em árvore.

A gente se levantou pra ir embora e eu achei que tinha acabado, mas aí 1 dos homens disse só um minuto, sra. Compson. Eu preciso dizer uma coisa. Eu preciso dizer que você tem que carregar um pouco da culpa por essa tragédia. Depois, ele contou uma história de um escorpião que implorou pra um sapo gentil dar uma carona pra ele atravessar um rio agitado, mas, no meio do caminho, o escorpião picou o sapo e o sapo disse por que você fez isso, agora nós dois vamos morrer afogados, e o escorpião disse é minha natureza picar e você sabia que eu era um escorpião quando me deixou subir nas suas costas.

O homem disse você pegou um escorpião sra. Compson e ele picou sua garotinha até ela morrer. Você poderia ter perdido seu filho também. Não perdeu, mas ele vai carregar isso pelo resto da vida. Eu sugiro que, da próxima vez que você encontrar um escorpião, você pise em cima dele em vez de dar uma carona.

Minha mãe ficou com a cara vermelha e disse como você ousa. Eu nunca teria botado meus filhos em risco se soubesse que uma coisa assim podia acontecer. O homem disse você vai ficar com a guarda do jovem Benjamin porque a gente não pode provar nada. Mas se você não teve avisos da natureza violenta do sr. Russell, talvez só alguns, talvez muitos, eu ficaria muito surpreso.

Minha mãe começou a chorar e isso me deixou com vontade de chorar. Ela disse você é tão injusto, aí do alto do seu pedestal. Quando foi a última vez que você teve que fazer 40 horas de trabalho braçal pra conseguir levar comida pra casa? Ele disse a questão aqui não sou eu, sra. Compson. Você perdeu uma filha por causa de escolhas ruins, não perca o outro. Essa audiência está encerrada.

2

Em determinado momento naquele verão, a estação de suas muitas identidades, Billy relê a história da morte de Bob Raines e da audiência que veio depois. Em seguida, vai até a janela e olha para o tribunal, com uma viatura do xerife estacionada em frente. Dois policiais com uniforme marrom do condado saem dos bancos da frente. Um abre a porta de trás e eles esperam o homem lá dentro sair. O prisioneiro é esguio e magrelo, e usa uma calça jeans utilitária sobrando na bunda e um moletom roxo intenso, quente demais para um dia como aquele, com o símbolo do Arkansas Razorback. Mesmo a quinhentos metros de distância, ele parecia um pobre infeliz. Cada policial segura um braço e eles o levam pelos degraus largos para qualquer que seja a justiça que o aguarda. É exatamente o tiro que Billy vai ter que dar quando (e se) a hora chegar, mas ele mal vê. Está pensando na história.

Ele começou a contá-la como o *eu burro*, mas acabou virando outra coisa e ele só reparou depois de ler friamente. O *eu burro* está lá, sim, qualquer leitor (Nick e Giorgio, por exemplo) diria que o homem que escreveu aquilo só lê a revista *People*, a *Inside View* e os gibis do Archie, mas tem mais. É a voz do *eu criança*. Billy não pretendia escrever com aquela voz, ao menos não conscientemente, mas foi isso que fez. É como se ele tivesse regredido por meio de hipnose. Talvez escrever seja assim na hora que importa.

E *importa*? Considerando que as únicas pessoas que vão ler são ele e dois durões de Vegas que podem já ter perdido o interesse?

— Importa — diz Billy para a janela. — Porque é minha.

Sim, e porque é verdade. Ele mudou os nomes um pouco (Cassie no lugar de Cathy, e o nome da mãe era Alice, não Arlene), mas é basicamente verdade. A voz da criança é verdade. Aquela voz nunca teve chance de falar, nem mesmo na audiência. Ele respondeu as perguntas que foram feitas, mas ninguém perguntou como foi abraçar Cathy com o peito afundado. Ninguém perguntou como foi

ouvir que era pra *cuidar da sua irmã* e acabar fracassando no trabalho mais importante do mundo todo. Ninguém perguntou como foi colocar a mão na frente da boca e do nariz da irmã, esperando, apesar de saber que não havia mais esperança. Ninguém sabia que o coice da arma o fizera arrotar como se ele só tivesse tomado refrigerante rápido demais. Nem mesmo o policial que o abraçou fez essas perguntas, e era um alívio deixar aquela voz falar.

Ele volta para o MacBook aberto e se senta. Olha para a tela. Pensa: quando eu chegar na parte da Casa Stepenek, posso deixar a voz ficar um pouco mais crescida. Porque eu estava um pouco mais crescido.

Billy começa a digitar, primeiro devagar e depois pegando velocidade. O verão avança ao redor dele.

3

Depois da audiência, eu e a minha mãe voltamos pra casa. Nós enterramos a Cassie. Eu não sei quem enterrou o namorado e nem quero saber. No outono, eu voltei pra escola, onde algumas crianças começaram a me chamar de Benjy Bangue-Bangue e eu repeti aquele ano. Eu não me meti em confusão por brigar, mas eu matava muita aula e a minha mãe disse que eu tinha que melhorar se não quisesse ser tirado da escola e botado num lar de acolhimento. Eu não queria isso e no ano seguinte me esforcei mais e passei em todas as matérias. Quando eu fui enviado para a Casa Speck, não foi minha culpa, foi da minha mãe.

Ela começou a beber muito depois que a Cassie morreu, mais em casa, mas às vezes ela ia pra bares e às vezes trazia um homem pra casa. Pra mim, todos aqueles homens pareciam o namorado ruim, em outras palavras babacas. Não sei por que minha mãe voltava pros mesmos tipos de homem depois de tudo que aconteceu, mas ela voltava. Ela parecia um cachorro que vomita e lambe tudo. Eu sei que isso soa horrível, mas não retiro o que eu disse.

Ela e aqueles homens, foram pelos menos três, talvez cinco, iam pro quarto e ela dizia que eles estavam brincando, mas claro que eu já estava mais velho e sabia que eles estavam trepando. Uma noite, quando ela estava bebendo no trailer, ela foi ao 7-Eleven comprar uma caixa de biscoitos Cheezits e foi parada na volta. Ela tomou uma multa por dirigir embriagada e ficou presa por 24 horas. Deixaram ela ficar comigo dessa vez também, mas ela perdeu a habilitação por seis meses e tinha que ir de ônibus pra lavanderia.

Uma semana depois que pegou a habilitação de volta, ela foi parada por dirigir embriagada de novo. Houve outra audiência, dessa vez só sobre mim, mas, olha só, aquele mesmo homem que contou a história do escorpião e do sapo estava sentado à mesa com 2 outros! Ele disse você de novo. Minha mãe disse isso mesmo, eu de novo, e você sabe que eu perdi a minha filha. Sabe o que eu passei. O homem disse eu sei e você não parece ter aprendido a lição, sra. Compson. Minha mãe disse você nunca se colocou no meu lugar. Ela estava com um advogado daquela vez, mas ele não falou quase nada. Depois, ela deu uma bronca nele e perguntou pra que ele servia. O advogado disse você não me deu muito com que trabalhar, sra. Compson. Ela disse você está despedido. Ele disse você não pode me demitir porque eu é que peço demissão.

Quando a gente voltou pra sala de audiência um dia depois, eles disseram que eu teria que ir pra uma casa de acolhimento chamada Casa Speck porque ela não era uma mãe apta. Ela disse vocês são um bando de merdas e eu vou lutar por isso até a suprema corte. O homem que contou a história do sapo e do escorpião disse você bebeu. Minha mãe disse vai tomar no cu seu gordo filho da puta. Ele não respondeu, mas disse você tem 24 horas pra reunir as coisas do Benjy, sra. Compson, e pra se despedir dele. Vai ser importante pra ele se você estiver sóbria quando fizer isso. Aí ele e os outros 2 saíram.

Nós voltamos pra casa de ônibus. Minha mãe disse a gente vai fugir, Benjy. A gente vai pra outra cidade e vai mudar de nome. A gente vai recomeçar. Mas nós ainda estávamos lá no dia seguinte, e aquele foi meu último dia no estacionamento de trailers Hillview, o último dia em que morei com a minha mãe. Um policial do condado foi me levar pra Casa Speck. Eu queria que tivesse sido o policial que me abraçou, só que foi outro. Mas o policial Malkin não era má pessoa.

Minha mãe não criou caso porque estava sóbria. Ela disse pro policial eu adiei a arrumação das coisas dele porque não queria pensar que isso realmente ia acontecer. Me dá 15 minutos. O policial disse que tudo bem e esperou enquanto ela arrumava uma bolsa com roupas. Ele esperou do lado de fora. Ela fez 2 sanduíches de pasta de amendoim com geleia e botou num saco de papel pardo e me mandou ser um bom menino. E começou a chorar e eu também. Era culpa dela eu ter que ir embora, tudo era culpa dela, foi ela que deu carona pro escorpião e foi ela que ficava enchendo a cara e botando a culpa na morte da Cassie, mas eu chorei porque eu amava ela.

Quando a gente saiu, o policial disse que achava que eu ia poder ligar quando chegasse na Casa Speck, em Evansville. Minha mãe mandou eu ligar pra sra. Tillitson, a vizinha, e disse pro policial é porque o nosso telefone não está funcionando no momento. O que queria dizer que a conta não tinha sido paga de novo. O policial Malkin disse que tudo bem e me mandou abraçar a minha mãe. Eu cheirei o cabelo dela porque o cheiro sempre é bom. Nós levamos umas 2 horas pra chegar em Evansville. Eu fui na frente. Atrás dos bancos da frente tinha uma grade que fazia a parte de trás parecer uma jaula. O policial disse que se eu não me metesse em confusão eu nunca teria que ir lá atrás. Ele me perguntou se eu ficaria longe de confusão e eu disse sim, mas eu estava pensando que quando você vai pra uma casa de acolhimento numa viatura da polícia, a confusão já aconteceu.

Eu comi 1 dos sanduíches e vi que ela botou um ovo cozido recheado no saco também e isso me fez chorar de novo, pensando nas mãos dela fazendo aquilo. O policial deu um tapinha no meu ombro e disse vai melhorar, meu filho. A plaquinha com o nome dele dizia F. W. S. MALKIN. Eu perguntei o que era F. W. S., porque achei que era uma função especial. Ele disse que era o nome dele, Franklin Winfield Scott Malkin, mas ele disse você pode me chamar de Frank, Benjy.

Eu não estava chorando nessa hora, mas ele deve ter visto que eu estava triste e talvez com medo também, porque ele esticou a mão e deu um tapinha no meu ombro e disse você vai ficar bem, Benjy. Tem muitas crianças legais aí. Elas todas se dão bem, e se você se comportar direitinho, você também vai se dar bem. Eu conheço todas as casas de acolhimento nos três condados e os Speck não são os piores. Também não são os melhores, mas nós nunca tivemos problema com eles. Algumas das coisas que eu vi você não vai nem querer saber. Se você se comportar e dançar conforme a música, você vai ficar bem.

Eu disse eu estou com saudade da minha mãe. Ele disse claro que está e quando ela der a volta por cima vai haver outra audiência e você vai poder voltar pra casa. Enquanto isso, ela pode vir nas noites de quarta e em qualquer horário do sábado e do domingo até as 7 horas. Diz isso quando falar com ela.

Só que a minha mãe nunca mais deu a volta por cima. Ela continuou bebendo e arrumou um namorado que deu um cristal de metanfetamina pra ela, e quando alguém começa com isso é bem difícil dar a volta por cima porque a pessoa fica doidona quase o tempo todo. No começo, ela ia me ver sempre, depois de vez em quando, depois quase nunca, e aí ela parou de vez. Na última vez que ela foi, alguns dentes tinham caído e o cabelo dela estava sujo. Ela disse eu odeio que você me veja assim Benjy e eu falei que odiava também. Eu falei você está péssima. Eu já era adolescente, e os adolescentes dizem qualquer coisa pra magoar os outros quando *eles* estão magoados.

A Casa Speck ficava no interior. Era estranha, mas parecia uma mansão enorme com quartos pra todo lado, 3 andares. Talvez até 4. Parecia boa por fora, mas por dentro era velha e cheia de correntes de ar e úmida e fria no inverno. Fria como a foda de uma puta dentro de um freezer, como dizia Ronnie. Mas eu

não sabia que era velha quando eu fui pra lá, eu achava que era nova, porque, ainda que fosse meio estranha, tinha uma tinta vermelha forte e contornos azuis. Eu descobri rapidinho que as crianças de acolhimento dos Speck pintavam a casa todos os anos e ganhavam 2 dólares por hora. Um ano era verde com contorno branco e depois amarela com contorno verde. Dá pra entender por que Ronnie e eu chamávamos aquilo de Casa da Tinta Eterna! No ano que eu saí pra entrar pros fuzileiros, estava vermelha e azul de novo. Ronnie disse só a tinta segura essa ruína de pé, Benjy. Era piada, ela sempre fazia piada, mas também era verdade. Acho que a maioria das piadas têm um pouco de verdade e é por isso que elas são engraçadas.

O policial F. W. S. Malkin disse que os Speck não eram os piores mas também não eram os melhores, e isso era verdade. Eu fiquei lá por 5 anos até ter idade de entrar pros fuzileiros e às vezes a sra. Speck batia na lateral da minha cabeça com uma toalha ou um pano de prato, mas ela nunca me bateu com a mão e nunca bateu em uma das criancinhas pequenas como a Peggy Pye, que tinha 6 anos e ficou cega de um olho por causa de um cigarro. Quando ela batia na lateral da minha cabeça, eu merecia. Eu só vi o sr. Speck bater em crianças umas duas vezes. Uma vez foi quando o Jimmy Dykeman quebrou uma janela jogando pedras e uma vez quando ele pegou a Sara Peabody dançando em volta da Peggy e cantando Peggy Pye, Peggy Pye, é melhor você morrer, Peggy Pye, Peggy Pye, só com um olho para ver. O sr. Speck bateu na cara dela por causa disso. Sara era uma menina cruel, uma pessoa ruim. Uma vez, quando eu perguntei o que ela queria ser quando crescesse, ela disse eu vou ser garota de programa e vou trepar com homens famosos pra pegar o dinheiro deles. E ela riu como se fosse piada, então pode ser que fosse.

Os Speck não eram pessoas boas nem ruins, só pessoas que viviam com o dinheiro que recebiam do estado do Tennessee. Eles passavam em todas as inspeções. Nós íamos pra escola de ônibus e sempre com roupas limpas, e quando eu decidi entrar pros fuzileiros, o sr. Speck foi comigo a uma audiência pra eu poder ser emancipado da minha mãe e a outra pra ele poder se tornar meu guardião legal. Assim, ele poderia assinar o documento e eu poderia me alistar aos 17 e meio em vez de esperar fazer 18. Eu achei que a minha mãe poderia aparecer na audiência de emancipação, mas ela não apareceu, e como poderia se não sabia que aquilo estava acontecendo? Eu teria avisado, mas ela tinha sumido do estacionamento de trailers e também do apartamento onde morou por um tempo com o namorado que viciou ela em metanfetamina. Depois das 2 audiências, o sr. Speck me disse que Deus te ajude, agora você pode fazer o que quiser, Benjy. Eu disse eu não acredito em Deus e ele disse você vai acreditar com o tempo.

O que eu aprendi na Casa da Tinta Eterna: não existem só 2 tipos de pessoa, boas e ruins, como eu achava quando era criança e tirava da televisão a maioria das ideias de como as pessoas agem. Existem 3. O terceiro tipo dança conforme a música, como o policial F. W. S. Malkin me disse pra fazer. Essas são a maioria no mundo e eu acho que elas são pessoas cinzentas. Elas não fazem mal aos outros (ao menos não de propósito), mas também não ajudam muito. Elas vão dizer faz o que quiser e que Deus te ajude.

Eu acho que, neste mundo, você tem que se cuidar sozinho.

Quando eu fui pra Casa da Tinta Eterna, havia 14 crianças, contando eu. Ronnie disse que isso foi bom porque 13 é um número de azar. A mais nova era a Peggy Pye, que ainda molhava a calcinha às vezes. Tinha os gêmeos, Timmy e Tommy, que tinham 6 ou 7 anos. O mais velho era o Glen Dutton, ele tinha 17 e entrou pro exército pouco depois que eu cheguei. Ele não precisou que o sr. Speck se tornasse o guardião legal dele e assinasse por ele, a mãe dele fez isso porque Glen disse que ia mandar uma parte do dinheiro.

Glen disse pra mim e pra Ronnie, aquela puta me venderia como escravo pros turbantes se fosse ganhar dinheiro com isso. Glen era grande e falava palavrão o tempo todo, mais ainda do que Ronnie, que tinha a boca suja de um marinheiro, mas ele nunca agredia os menores. Ele também era um ótimo pintor, sempre ficava no andaime mais alto.

Quando o policial Malkin parou o carro na porta, eu quase fiquei cego com o que havia ao lado. Era um ferro-velho até onde dava para ver, não só alguns carros velhos, mas centenas. Subiam uma colina, e logo descobri que também desciam do outro lado, ficando mais velhos e mais enferrujados ao longo do caminho. O sol estava refletido em todos os para-brisas dos carros que ainda tinham para-brisas. A tipo meio quilômetro da Casa Speck havia uma oficina verde de metal corrugado. Eu ouvia gente lá dentro usando furadeiras e chaves inglesas. Na frente havia uma placa que dizia peças do SPECK e PEQUENOS CONSERTOS e MELHORES COMPRAS MENORES PREÇOS.

O policial Malkin disse é do irmão do Speck, uma afronta aos olhos, né. Fica fora da zona do condado e é por isso que ele se safa. O seu Speck fica *no limite* da zona do condado, e foi por isso que ele teve que botar um alambrado nas laterais e atrás. Estou te contando isso pra você não olhar a cerca e achar que está indo pra uma prisão. O cemitério de automóveis é um lugar perigoso, Benjy. Tem motivo pra ser proibido. Não inventa de ir lá, ouviu? Eu falei que sim, mas claro que eu fui. Eu e Glen e Ronnie e Donnie. Só eu e Ronnie e às vezes Donnie depois que o Glen foi para o exército, depois só eu quando Ronnie fugiu. Às vezes, eu me pergunto pra onde ela foi. Espero que ela esteja bem. Tudo ficou triste sem ela. Talvez tenha sido por isso que eu fui pros fuzileiros, mas pra falar a verdade, pode ser que eu tivesse ido de qualquer jeito.

Os 5 anos que eu passei como Garoto Speck foram tão longos que vi a Casa da Tinta Eterna mudar de cor 3 vezes. Tem algumas lembranças que se destacam de quando eu estava lá, como a época em que eu fui suspenso na escola por brigar quando 2 garotos me chamaram de Benjy Bangue-Bangue, o que já tinha acontecido muitas vezes, mas, daquela vez, eu fiquei de saco cheio. Eles eram maiores, mas eu continuei brigando mesmo depois que um deles deixou meu olho roxo e o outro quase quebrou meu nariz. Esse aí, o nome dele era Jared Klein, eu segurei a calça dele e puxei pra baixo e todo mundo viu a cueca dele manchada de xixi. Pegaram muito no pé dele por causa disso, o que foi bem feito.

Outra lembrança que se destaca foi quando Peggy Pye teve que ir pro hospital com pneumonia. Uma semana depois, ou uns 10 dias, a sra. Speck reuniu todo mundo na sala pra orar porque Peggy tinha falecido e ido pro céu pra ficar com Jesus e agora ela enxergava com os dois olhos. Donnie Wigmore disse eu espero que a comida seja melhor lá e o sr. Speck falou guarda seus comentários espertinhos pra você se não quiser levar um tapa. Nós oramos pela alma da Peggy e Ronnie precisou cobrir a boca com a mão pra não rir do que Donnie disse, só que ela também estava chorando. Tinha outras crianças chorando porque Peggy era a "mascotinha" de todo mundo. Eu não chorei, mas me senti mal. Depois, quando eu e Ronnie e Glen e Donnie fomos ao Demo Derby, Ronnie chorou mais. Glen abraçou ela e Ronnie disse Peg era um amor não era e Glen disse claro que era.

Ela me abraçou e eu abracei ela e essa foi uma coisa feliz que veio da morte da Peggy porque eu estava apaixonado por Ronnie Givens. Eu sabia que não ia dar em nada porque ela era 2 anos mais velha e doida pelo Glen, mas a gente não controla o que sente. Os sentimentos são como a respiração, entram e saem.

Demo Derby era como a gente chamava o ferro-velho atrás da Casa da Tinta Eterna e ao lado da Peças do Speck. Era o nosso lugar especial. Mandarem a gente ficar longe só fazia a gente querer ir até lá mais ainda. Ronnie falou que era como a Árvore do Fruto Proibido que Eva não podia comer no Jardim do Éden. Glen balançou a mão para as filas e filas de carros velhos com os para-brisas refletindo a luz e transformando o sol em centenas de sóis e disse isso é uma porra de um pomar inteiro, o que fez eu e Ronnie rir.

Quando ia lá, a gente procurava os melhores carros, os Cadillacs e Lincolns e BMWs, e uma vez tinha uma limusine Mercedes das antigas sem a parte traseira toda. Glen sempre levava uma vassoura e batia nos assentos algumas vezes antes da gente entrar, pra espantar os ratos se tivesse algum. Uma vez tinha uma ratazana. Donnie estava com a gente e ele falou lá vai o sr. Speck e a gente riu de chorar. A gente sentava naqueles carros e fingia que eles estavam inteiros e que a gente ia a algum lugar.

Dava pra entrar fácil no Demo Derby porque tinha um buraco no alambrado no canto de trás do parquinho e uma vez Glen disse imagina quantas crianças fodidas fugiram por esse buraco e onde elas estão agora. Isso fez a gente rir, mas aí Ronnie disse provavelmente não num lugar bom. Donnie riu disso também, mas eu e Glen não. Eu olhei pra ele e ele olhou pra mim e nós dois pensamos “não num lugar bom”.

Às vezes Glen sentava atrás do volante e fingia que estava dirigindo e Ronnie sentava ao lado. Às vezes era o contrário, e quando Glen estava no carona, ele gritava coisas como CUIDADO RONNIE NÃO ATROPELA A PORRA DO CACHORRO e Ronnie girava o volante fingindo desviar. Glen deitava com a cabeça no colo dela e Ronnie o empurrava e dizia bota o cinto idiota.

Eu sempre sentava atrás, com Donnie se ele fosse com a gente, mas em geral sozinho. Eu preferia assim. Duas vezes, Glen levou uma lata de cerveja, que foi passando de mão em mão até acabar. Aí Ronnie distribuía balas Certs pra tirar o nosso bafo. Uma vez, Glen levou 3 latas e a gente ficou meio alegre e Ronnie ficou girando o volante pra lá e pra cá e Glen disse não vai ser parada pela polícia, gata. Eles riram disso, mas eu não, porque a minha mãe foi mesmo parada pela polícia e não era piada.

Donnie fumava. Não sei se a mesma pessoa que arrumava cerveja pro Glen era quem arrumava os cigarros do Donnie, mas ele deixava um maço de Marlboro atrás de uma tábua solta embaixo da cama. Ele fumava nos fundos, perto da cozinha, mas um dia ele pegou os cigarros quando a gente estava num Buick velho enorme, fingindo dirigir pra Vegas, onde a gente ia jogar na roleta e nos dados. Ronnie disse não se atreva a acender isso aqui com tanto mato seco e óleo derramado. Donnie disse você tá menstruada por acaso. Glen se virou e mostrou o punho e disse retira o que você disse se não quiser comer seus dentes da frente. Quando eu estava em Faluja, uma vez vi o sargento West disparar uma granada num esconderijo inimigo na parte da cidade que a gente chamava de Fatia de Pizza, e a casa voou até o céu de tanta munição que tinha dentro. Por sorte a gente não morreu, porque ninguém estava esperando aquilo. Isso me fez pensar em como Donnie também fumava às vezes no barracão de depósito, onde os Speck guardavam toda a tinta. Aquilo devia ser bem mais perigoso do que no Demo Derby.

Donnie retirou o que disse, mas Ronnie deu um soco forte no ombro de Glen. Eu não preciso que você me defenda, Dutton, disse ela.

Quando Ronnie te chamava pelo sobrenome, você sabia que ela estava com raiva. Ela se virou para o banco de trás e disse eu não preciso estar menstruada pra me preocupar com incêndio, Wigmore, porque eu

tenho isto. Ela esticou o braço e mostrou a cicatriz brilhante de queimadura. Todo mundo já tinha visto. Ia da metade do antebraço até o ombro. Os pais dela morreram queimados em um incêndio doméstico, sabe. Ronnie pulou da janela do segundo andar bem na hora, com o braço queimado e parte da perna daquele mesmo lado e o cabelo em chamas. Foi assim que ela foi parar na Casa Speck da Tinta Eterna, quando a única parente dela, uma tia, disse eu não vou ficar com ela. Na única vez que ela visitou Ronnie no hospital ela disse eu criei dois meus, dois diabinhos, e já chega. Ronnie disse que não culpava a tia por isso.

Eu sei o que o fogo faz, disse ela. Se algum dia eu esquecer, eu só preciso olhar pra esse braço e lembrar. Donnie pediu desculpas e eu também. Eu não tinha motivo pra pedir desculpas, eu só me senti mal porque ela se queimou e também feliz porque não foi no rosto, que era bonito. Nós ficamos todos amigos de novo depois disso, mas Donnie Wigmore nunca foi meu amigo como Ronnie e Glen foram.

4

— Bons tempos foram esses no Demo Derby — diz Billy.

Ele está mais uma vez olhando para o fórum pela janela. Agosto já acabou e chegou setembro, mas o calor continua massacrante. Ele consegue ver as ondas quentes vindo da rua. Lembra o jeito como o ar tremeluzia acima do grande incinerador atrás da cozinha da Casa da Tinta Eterna.

Eles eram os Stepenek, não Speck, e Ronnie Givens era na verdade Robin Maguire. O verdadeiro nome de Glen Dutton era Gadsden Drake. Em homenagem à Compra Gadsden, Billy achava. Ele tinha lido um livro quando ainda estava nos fuzileiros, *Slavery, Scandal, and Steel Rails*, que narrava a compra daquele pedaço árido de terra do México. Ele o leu em Faluja, entre a Operação Vigilant Resolve, em abril de 2004, e a Phantom Fury, em novembro. Gad disse que antes de a mãe morrer de câncer no pulmão, ela contou que o pai dele, que já fora embora havia muito tempo, tinha sido professor de história, o que fazia certo sentido. *Eu talvez não seja o único Gadsden no mundo*, ele disse uma vez quando eles estavam no Demo Derby fingindo ir para outro lugar, *mas aposto que não tem mais do que uns dez. Com esse primeiro nome, quero dizer.*

Billy mudou o nome dos amigos, mas o Demo Derby sempre foi o Demo Derby, e eles realmente passaram bons tempos lá antes que Gad entrasse para o exército e Robin fugisse pra… o que foi que ela disse?

— Pra procurar minha sorte com botas de sete léguas — diz ele. Foi isso. Só que as botas dela não eram de sete léguas, só de camurça puída com laterais de elástico gasto.

Eu a amei em meio aos destroços, Billy pensa, e volta a escrever mais um ou dois parágrafos antes de encerrar o dia.

VIII

1

Dois episódios ruins acontecem no fim de semana do Dia do Trabalho. Um é idiota e alarmante, o outro acentua a pessoa meio desagradável que Billy nunca pretendeu se tornar. Juntos, eles o fazem perceber que, quanto antes sair de Red Bluff, melhor. Eu não deveria ter aceitado o serviço com tanto tempo de espera, ele pensa quando o fim de semana acaba, mas não tinha como saber.

Saber o quê? Que os Ackerman e os outros da rua Evergreen iam gostar tanto dele. Que ele ia gostar tanto deles também.

Há um desfile no centro no sábado do feriado. Billy e os Ackerman vão numa van que Jamal pegou emprestado na Pneu Excelente. Shanice segura a mão da mãe de um lado e de Billy do outro quando eles andam pela multidão e encontram um lugar na esquina da Holland com a Main. Quando o desfile passa, Jamal coloca a filha nos ombros, e Billy levanta Derek nos seus. É boa a sensação de ter o garoto lá em cima.

Corre tudo bem no desfile, até mesmo a parte de segurar um garoto que depois vai descobrir que estava sentado nos ombros de um assassino… mais ou menos. O episódio idiota e alarmante, o *lapso*, acontece no domingo. Ao lado do subúrbio de Midwood, em Red Bluff, fica a cidade semirrural de Cody, e eles montam um parquinho de diversões mixuruca lá nas duas últimas semanas de verão, tentando ganhar uma renda final antes de as crianças voltarem às aulas.

Como Jamal ainda está com a van e o domingo está bonito, uma ida ao parque de diversões com as crianças parece uma boa. Paul e Denise Ragland, vizinhos da rua, vão junto. Os sete andam pelo parque, comendo linguiça e tomando refrigerante. Derek e Shanice andam no carrossel, no trenzinho e nas xícaras malucas. O sr. e a sra. Ragland jogam bingo. Cori Ackerman joga dardos em balões de água e ganha uma tiara brilhante que diz MELHOR MÃE DO MUNDO. Shanice diz que ela está linda, parecendo uma princesa.

Jamal tenta derrubar as garrafas de madeira e não ganha nada, mas bate no Teste de Força e o peso vai até o alto e toca o sino. Cori aplaude e diz “Meu herói”. Por esse feito de força, ele ganha uma cartola de papelão com uma flor de papel enfiada na faixa. Quando a coloca, faz Derek rir tanto que precisa cruzar as pernas e correr até o banheiro químico mais próximo para não fazer xixi na calça.

As crianças andam em mais alguns brinquedos, mas Derek não vai na Lagarta Maluca porque diz que é brinquedo de criança. Billy vai com Shan, e o assento é tão apertado para ele que Jamal precisa puxá-lo como a rolha de uma garrafa quando termina. Isso faz todo mundo rir.

Eles estão indo se encontrar com os Ragland quando passam na Galeria de Tiro Preciso do Dick. Tem uns seis homens tentando atirar com armas de ar comprimido em cinco fileiras de alvos se movendo em direções opostas, além de coelhos de latão que aparecem e somem. Shanice aponta para um flamingo rosa gigante no alto da parede de prêmios e diz:

— Eu queria tanto aquele no meu quarto. Posso comprar com a minha mesada?

O pai dela explica que não está à venda, é um prêmio para quem ganha.

— Então ganha, pai! — diz ela.

O homem da barraquinha de tiro está usando uma camisa listrada, um chapéu de palha meio inclinado e um bigode curvo falso. Parece integrante de um

quarteto antigo de cantores *a capella*. Ele ouve Shanice e faz sinal para Jamal se aproximar.

— Faça sua garotinha feliz, moço, derrube três coelhos ou quatro pássaros da fileira de cima, e ela leva o Freddy Flamingo pra casa.

Jamal ri e paga cinco dólares para dar vinte tiros.

— Se prepare pra decepção, querida — diz ele —, mas pode ser que eu consiga um prêmio menor.

— Você consegue, pai — diz Derek com firmeza.

Billy vê Jamal apoiar a espingarda no ombro e sabe que ele vai ter sorte se conseguir uma das tartarugas de pelúcia, que são os prêmios de consolação por dois acertos.

— Tenta os pássaros — diz Billy. — Eu sei que os coelhos são maiores, mas você só vai poder dar tiros rápidos quando eles aparecerem.

— Você que manda, Dave.

Jamal tenta dez tiros nos pássaros da fileira de cima e não acerta nenhum. Ele baixa a mira, atira em dois alces de latão na fileira de baixo e leva uma das tartarugas. Shanice olha para ela sem muito entusiasmo, mas agradece.

— E você, chefe? — pergunta o cara do quarteto de cantores para Billy. A maioria dos outros clientes já se afastou. — Quer tentar? Cinco pratas e você dá vinte tiros, e você só precisa acertar quatro passarinhos pra tornar sua amiguinha a feliz proprietária do Frankie Flamingo.

— Pensei que fosse Freddy — diz Billy.

O cara da barraca ri e vira o chapéu de palha na outra direção.

— Frankie, Freddy, Felicia, qualquer um deles vai fazer a garotinha feliz.

Shanice olha para ele com esperança, mas não diz nada. É Derek quem o convence a fazer a coisa idiota quando diz:

— O sr. Ragland diz que esses jogos são todos marmelada e que ninguém ganha os melhores prêmios.

— Bom, vamos ver se é verdade — diz Billy, e coloca uma nota de cinco no balcão.

O sr. Quarteto de Cantores carrega a arma com os chumbinhos e a entrega para Billy. Alguns outros homens e duas mulheres estão na bancada de tiro. Billy chega para o lado, em parte para dar espaço a eles, mas também porque reparou que as aves de latão, além dos alvos nos quatro outro níveis, desaceleram um pouco antes de sumirem. É provável que a corrente precise de lubrificação. Coisa de gente preguiçosa. O dono da barraca tem que pagar por isso.

— Você vai tentar os pássaros, Dave? — pergunta Derek. Faz tempo que eles pararam de chamá-lo de sr. Lockridge. — Que nem você falou pro papai?

— Com certeza — diz Billy.

Ele respira fundo, solta o ar, respira de novo e solta, respira pela terceira vez e prende. Nem tenta usar a mira da espingardinha, que deve estar descalibrada. Só alinha a cabeça com o comprimento da espingarda e dispara rapidamente, *tá-tá-tá-tá-tá*. O primeiro tiro erra o alvo; os quatro seguintes derrubam quatro aves de latão. Ele sabe que está fazendo uma coisa idiota e que devia parar, mas não consegue resistir a derrubar um dos coelhos quando ele aparece saindo do buraco.

Os Ackerman aplaudem. Os outros atiradores também. E, verdade seja dita, o sr. Quarteto de Cantores também, antes de pegar o flamingo rosa e entregá-lo para Shanice, que o abraça e ri.

— Uau, Dave! — diz Derek. Os olhos dele estão brilhando. — Você é demais!

Agora Jamal vai me perguntar onde eu aprendi a atirar assim, Billy pensa. E também pensa: como você sabe que é um idiota? Se todo mundo está te olhando, como estão agora, então você é um idiota.

É Cori quem faz a pergunta quando eles voltam a caminhar até a barraca do bingo. Billy diz que foi no Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva. Que ele tinha talento natural. Dizer que ele matou pelo menos vinte e cinco *mujs* em Faluja, disparando de telhados durante os nove dias da Operação Phantom Fury, seria má ideia.

Ah, você acha?, ele pergunta a si mesmo com um sarcasmo que não é muito a sua cara, nem em pensamentos e nem em voz alta.

O outro episódio, a constatação de caráter, acontece na segunda-feira, o dia do feriado propriamente dito. Como ele é um escritor freelancer que faz o próprio horário, pode tirar folga quando quer e também trabalhar quando os outros estão curtindo um feriado nacional. A Torre Gerard está praticamente deserta. A porta do saguão está destrancada (que almas crédulas, essas do sul) e não há ninguém no balcão de segurança. Quando o elevador passa pelo segundo andar, ele não ouve os gritos habituais dos ocupantes da Comércio Universal motivando uns aos outros e nem os telefones tocando. Ao que parece, os devedores também estão tendo um dia de folga, e que bom para eles.

Billy escreve por duas horas. Está quase chegando em Faluja e se perguntando o que deveria dizer sobre isso — um pouco, muito ou talvez nada. Ele desliga o computador e decide fazer uma aparição na rua Pearson para restabelecer sua existência com Beverly Jensen e o marido, que sem dúvida tiraram o dia de folga. Dirige até lá no carro alugado, usando a peruca, o bigode e a barriga de grávida. Don está cortando a grama. Beverly está sentada no degrau usando um short verde-limão infeliz. Os três jogam um pouco de conversa fora sobre como o verão está sendo quente, como estão felizes pela estação estar acabando e sobre a viagem iminente de Dalton Smith para Huntsville, Alabama, onde ele vai instalar um sistema de computadores de ponta no novo QG da Equity Insurance. Não deve demorar. Depois disso, afirma, ele espera passar um tempo em casa.

— Não te deixam mesmo descansar, hein — diz Don.

Billy concorda e pergunta a Beverly sobre a mãe dela, que mora no Missouri e não anda bem. Beverly suspira e responde que ela está na mesma. Billy diz que espera que ela melhore logo e Beverly diz que espera também. Quando ela está falando isso, Billy olha por cima do ombro dela e vê Don balançando a cabeça lentamente. O fato de ele não querer que a esposa saiba o que ele pensa das chances de recuperação da sogra faz Billy gostar dele. Ele acha que Don Jensen jamais diria para a esposa que o short verde a deixa gorda.

Ele desce para o apartamento agradável e fresco no porão. David Lockridge tem seu livro e Dalton Smith tem seus laptops. O trabalho de Smith pode não ter importância agora, mas, como pode vir a ser bem importante em algum momento no futuro, ele faz tudo com cuidado (embora, depois de trabalhar na história de Benjy Compson, a tarefa pareça chata e mecânica). Termina com uma revisão rápida das três telas. DEZ CELEBRIDADES FAMOSAS QUE QUASE MORRERAM; ESTES SETE ALIMENTOS PODEM SALVAR SUA VIDA; OS DEZ CACHORROS MAIS INTELIGENTES DO MUNDO. Boas manchetes para atrair cliques. Ele posta no Facebook Ads. Até poderia viver disso, mas quem ia querer?

Ele desliga os computadores, lê um pouco (está numa fase Ian McEwan) e confere a geladeira. O creme de leite está aguentando, mas o leite estragou. Decide ir ao Zoney's Go-Mart para comprar mais. Quando encontra Don e Beverly ainda na varanda, agora dividindo uma lata de cerveja, pergunta se eles querem alguma coisa.

Beverly pergunta se ele pode ver se tem pipoca Pop Secret.

— A gente vai ver Netflix hoje. Pode vir assistir com a gente, se quiser.

Ele quase diz sim, o que beira o absurdo. Mas responde que vai dormir cedo porque tem que dirigir até o Alabama logo de manhã.

Ele anda até o lamentável shopping a céu aberto. O SUV azul de Merton Richter com a lateral arranhada não está por perto, e o escritório está fechado. O Salão Nv Vc de Bronzeamento, a Unhas Chiques e a Jolly Roger Tatuagens também. Atrás da Unhas Chiques fica uma lavanderia abandonada e uma Dollar Store com um cartaz na vitrine que diz VISITE NOSSA NOVA LOJA NO PINE PLAZA. O Zoney's fica no final. Billy pega o leite na geladeira. Não tem pipoca da Pop Secret, mas tem da Act II, e ele pega um pacote. A funcionária do caixa é uma mulher de meia-idade com henna no cabelo e parece estar numa maré de azar há um tempo, uns vinte anos, talvez. Ela oferece uma sacola, mas Billy diz

não, obrigado. O Zoney's usa sacolas de plástico, que são ruins para o meio ambiente.

Na volta, ele passa por dois jovens parados na frente da lavanderia abandonada. Um é branco. O outro é negro. Os dois estão de moletom, do tipo que tem um bolso na frente. Os bolsos estão pesados com o que tem dentro. Eles estão com as cabeças próximas, murmurando um com o outro. Observam Billy com expressões idênticas de avaliação minuciosa quando ele passa. Ele não olha na direção dos dois, mas os vê perfeitamente bem com o canto do olho. Como ele não desacelera, os jovens voltam a sussurrar. Só faltava estarem usando placas no pescoço dizendo NÓS PLANEJAMOS COMEMORAR O DIA DO TRABALHO ROUBANDO O ZONEY'S DO BAIRRO.

Billy sai do shopping aberto e volta para a rua. Ele sente os olhares dos jovens. Não há telepatia nisso, a não ser que seja a telepatia normal de alguém que sobreviveu a uma zona de guerra só tendo perdido metade de um dedão do pé e ganhado uma medalha Coração Púrpura (já jogada no lixo).

Ele pensa na funcionária que o atendeu, uma mulher que, pela aparência, leva uma vida difícil. A sorte dela não vai mudar naquele feriado. Billy não considera voltar para enfrentá-los. A julgar pelas expressões deles, seria uma ótima forma de ser morto, mas ele pensa em ligar para a emergência. Só que não tem nenhum telefone público por perto, não mais, e o celular que ele está carregando é de Dalton Smith. Se ele ligar para a polícia, vai ter que queimá-lo. E o resto da identidade dele vai acabar pegando fogo, porque é feita de quê? Só de papel.

Ele volta para o apartamento e diz para Beverly que não tinha Pop Secret. Ela responde que Act II está ótimo. O tráfego na rua Pearson é escasso nos momentos de pico e está mais escasso ainda no feriado. Ele fica com o ouvido alerta esperando os tiros. Não ouve nenhum. O que não quer dizer nada.

2

Billy havia baixado o aplicativo do jornal local pouco depois de chegar àquela cidade que ele mal pode esperar para deixar pra trás, e no dia seguinte ele procura alguma notícia sobre um assalto ao Zoney's. Encontra a matéria na seção Perto de Casa, só um trechinho no meio de outras notícias sem importância. Diz que dois ladrões armados saíram com cerca de cem dólares (que devem incluir o meu dinheiro e o da Beverly, Billy pensa). A funcionária, Wanda Stubbs, estava sozinha na loja na hora do roubo. Ela foi levada ao hospital Rockland Memorial, onde tratou um ferimento na cabeça, e em seguida foi liberada. Então um daqueles cretinos bateu nela, provavelmente com a coronha da arma, e provavelmente porque ela não estava esvaziando a registradora tão rápido quanto ele queria.

Billy pode dizer a si mesmo que poderia ter sido bem pior (e diz). Pode dizer a si mesmo que o assalto teria acontecido do mesmo jeito ainda que ele tivesse ligado para a polícia (e diz). Não muda o fato de que ele se sente como o padre ou o levita que passou do outro lado da rua antes que um bom samaritano aparecesse para salvar o dia.

Billy leu a Bíblia de cabo a rabo quando estava nos fuzileiros; cada um recebia uma, se pedisse. Ele se arrependeu disso muitas vezes, e essa é uma delas. A Bíblia tem uma história para cutucar cada equívoco e cada negação. A Bíblia, tanto o Novo quanto o Antigo Testamento, não perdoa.

3

Eu e o sr. Speck fomos para Chattanooga, que foi onde eu entrei pros fuzileiros. Eu achava que ia ter que ir para uma base dos fuzileiros para me alistar, mas era só uma sala num shopping com uma loja de aspirador de um lado e um lugar pra fazer o imposto de renda do outro. Tinha uma bandeira acima da porta com NOOGA STRONG escrito em uma das listras. Na janela havia uma foto de um fuzileiro que dizia OS POUCOS, OS ORGULHOSOS e SERÁ QUE VOCÊ TEM O QUE É NECESSÁRIO.

O sr. Speck disse tem certeza que quer fazer isso Benjy? e eu disse sim, mas não tinha. Acho que a gente não tem certeza de nada com 17 anos e meio apesar de fingir que tem só pra não parecer idiota.

A gente entrou e eu falei com o sargento Walton Fleck. Ele me perguntou por que eu queria ser fuzileiro e eu falei pra servir meu país, apesar de o verdadeiro motivo ser sair da Casa Speck e sair do Tennessee e começar uma vida que não parecesse tão triste. Glen e Ronnie tinham ido embora e Donnie estava certo quando disse que só a tinta fica.

Depois, o sargento Fleck me perguntou se eu achava que era durão o suficiente para aguentar ser fuzileiro e eu disse que sim apesar de também não ter certeza disso. Ele me perguntou se eu achava que conseguiria matar um homem em situação de combate e eu disse sim.

O sr. Speck disse posso falar com você um minuto, sargento, e o sargento Fleck disse que podia. Eles me mandaram pra fora e o sr. Speck se sentou na frente do sargento do outro lado da mesa e começou a falar. Eu poderia ter contado ao sargento o que aconteceu com o namorado ruim da minha mãe, mas acho que era melhor ele ouvir aquilo de um “adulto responsável”. Com tudo que eu passei naquela época e depois, me pergunto se isso existe mesmo.

Depois de um tempo, eles me chamaram de volta e eu escrevi o que aconteceu no espaço que dizia Informações Pessoais. Depois, assinei em quatro lugares, com a mão firme como o sargento mandou. Quando eu terminei, ele mandou eu me apresentar na segunda-feira. Ele disse que às vezes os jovens precisam esperar meses pelo processamento, mas que eu tinha ido na hora certa. Ele disse que na segunda eu faria meu teste ASVAB e minha avaliação física junto com os outros “peixes novos”. O ASVAB é um teste de aptidão que ajuda eles (os fuzileiros) a decidirem o quanto você consegue fazer e o quanto é inteligente.

Ele perguntou se eu tinha alguma tatuagem e eu disse não. Perguntou se eu usava óculos pra alguma coisa e eu disse não. Ele falou algumas outras coisas, tipo traz seu cartão de CPF e se você estiver de brinco tem que tirar. E ele disse (eu achei engraçado, mas fiquei sério) pra não deixar de usar cueca. Eu falei que tudo bem. Ele disse se tiver algum problema que você não anotou, é melhor me contar e poupar a viagem. Eu disse que não tinha.

O sargento Fleck apertou minha mão e disse se você quiser ir pra farra é melhor fazer isso no fim de semana, porque na segunda, depois que fizer o teste, você vai virar um homem sério. Eu disse que tudo bem. Ele disse assim não, quero te ouvir dizer sim, sargento Fleck. Eu falei isso e ele apertou minha mão e disse que era bom me conhecer. “Você também, senhor”, ele disse pro sr. Speck.

Quando a gente estava voltando, o sr. Speck disse ele falava de um jeito durão, mas eu não acredito que ele já tenha matado alguém como você matou, Benjy. Ele não tinha cara disso.

Naquela época, Ronnie já tinha ido embora (com as botas de 7 léguas) fazia uns 4 ou 5 meses, mas antes de ir ela me deixou dar uns amassos nela no Demo Derby. Foi muito bom, mas quando eu quis ir mais longe ela me empurrou e disse você é muito novo, mas eu queria te dar uma coisa pra você guardar e lembrar de mim. Eu falei que ia lembrar e lembro mesmo. Acho que ninguém esquece a primeira garota que te beija de verdade. Ela me disse

4

Billy para e olha pela janela por cima do laptop. Robin tinha dito que, quando finalmente parasse em algum lugar, ela escreveria para os Stepenek, para que os amigos da Casa da Tinta Eterna pudessem escrever para ela. Ela disse para Billy fazer o mesmo quando fosse embora.

— Acho que não vai demorar pra você seguir seu caminho — disse ela naquele dia, quando eles estavam no Mercedes destruído. Ela deixara que ele desabotoasse sua blusa, isso ela permitiu, e estava fechando os botões enquanto falava, escondendo toda a glória que havia lá dentro. — Mas essa ideia de se entregar como alimento pra máquina de guerra… você precisa repensar isso, Billy. Você é novo demais pra morrer. — Ela beijou a ponta do nariz dele. — E bonito demais.

Billy começa a escrever isso — omitindo apenas que teve a ereção mais dura, mais dolorosa e mais maravilhosa da vida durante aqueles amassos curtos demais — quando seu celular de David Lockridge apita com uma mensagem de texto. É de Ken Hoff.

Eu tenho uma coisa pra você.

Só pode ser uma coisa.

Ele responde com um **OK.**

Hoff responde: **Passo na sua casa.**

Não, não e não. Hoff na casa dele? Ao lado dos Ackerman, com as crianças com quem Billy joga Monopoly no fim de semana? Ele vai levar o fuzil enrolado num cobertor, claro, como se qualquer um com meio cérebro e um olho não fosse saber o que tem dentro.

Não, ele responde. **No Walmart. Estacionamento do Centro de Jardinagem. 19h30. Hj.**

Ele espera, observando os pontinhos enquanto Hoff digita a resposta. Se ele acha que o local de encontro é negociável, vai ter uma surpresa. Mas quando a

resposta chega, é curta: **OK**.

Billy desliga o laptop sem nem terminar a frase. O dia está encerrado. Hoff envenenou o poço, ele pensa. Só que ele sabe que não foi isso. Hoff é só Hoff e não consegue ser diferente. O verdadeiro veneno é que alguém (Giorgio agindo sob ordens do Nick ou talvez o próprio Nick ligando de Vegas) mandou Hoff entregar a arma. O que quer dizer que o dia está chegando.

5

Às 19h25, Billy estaciona o Toyota de David Lockridge no Centro de Jardinagem do estacionamento gigantesco do Walmart. Cinco minutos depois, às 19h30 em ponto, ele recebe uma mensagem de texto.

Não tô te vendo, tem muito carro, sai e acena.

Billy sai do carro e acena como se tivesse visto um amigo. Um Mustang conversível vintage vermelho-cereja (um carro que é a cara de Ken Hoff) se aproxima por uma das fileiras e para ao lado do veículo bem mais humilde de Billy. Hoff sai. Ele está com aparência melhor do que na última vez que Billy o viu, sem bafo de álcool dessa vez. E isso é bom, considerando a carga que ele transporta. Está usando uma camisa polo (com uma logomarca, naturalmente), calça cáqui bem passada e mocassins. O cabelo cortadinho. Mas a essência de Ken Hoff ainda está lá, Billy pensa. A colônia cara não mascara o cheiro de ansiedade. Ele não foi feito para coisas pesadas, e levar uma arma para um assassino de aluguel é uma coisa bem pesada.

O fuzil não está enrolado num cobertor, e Billy está disposto a dar uns pontos ao cara por isso. O que Hoff tira do porta-malas do Mustang é uma bolsa de golfe estampada com quatro cabeças de taco aparecendo. Elas brilham na luz morrente do dia.

Billy pega a bolsa e guarda no seu porta-malas.

— Mais alguma coisa?

Hoff mexe os mocassins com borlas penduradas e diz:

— Talvez, sim. A gente pode conversar um minuto?

Pode ser prudente descobrir o que Hoff tem na cabeça, então Billy abre a porta do passageiro do Toyota e faz sinal para ele entrar. Hoff entra. Billy dá a volta e se senta atrás do volante.

— Eu só queria pedir pra você dizer pro Nick que eu sou legal. Você pode fazer isso?

— Legal como?

— Com tudo. Isso. — Ele faz sinal com o polegar apontando para trás, querendo dizer a bolsa de golfe no porta-malas. — Só quero que ele saiba que eu sou um cara de confiança.

Você viu filmes demais, Billy pensa.

— Diz pra ele que está tudo bem. Algumas pessoas pra quem eu devo dinheiro estão felizes. Quando você fizer seu trabalho, todas vão ficar. Diz pra ele que nós vamos nos despedir como amigos e cada um vai seguir o seu caminho. Se me perguntarem, eu não sei nada de nada. Você é só um escritor pra quem eu aluguei o espaço em um dos meus prédios.

Não, Billy pensa, você não alugou pra mim, alugou pro meu agente, e George Russo é na verdade Giorgio Piglielli, também conhecido com Georgie Pig, um parceiro conhecido de Nikolai Majarian. Você é o elo e sabe disso, e é por isso que estamos tendo essa conversa. Você ainda acha que vai escapar quando o serviço acontecer. Está no seu direito de achar isso, eu acho, porque escapar é o que você faz. O problema é que não acredito que você possa escapar depois de dez horas numa sala de interrogatório com a polícia em cima de você. Talvez nem cinco, se te oferecerem um acordo. Acho que você se abriria como um ovo.

— Escuta um minuto. — Billy tenta falar com gentileza, mas espera que de maneira bem direta: só dois caras em um Toyota tendo uma conversa franca. É mesmo trabalho de Billy Summers manter aquela irritação em forma de homem na linha? Ele não deveria ser só o mecânico, o que consegue desaparecer como Houdini depois que o serviço foi feito? Esse sempre foi o acordo antes, mas por dois milhões…

Enquanto isso, Hoff olha para ele com ansiedade. Precisando de garantia, daquele xarope tranquilizador. Deveria ser George fazendo aquilo, George que sabe fazer aquilo bem, mas Georgie Pig não está lá.

— Eu sei que isso não é o seu habitual…

— Não! Não é!

— …e eu sei que você está nervoso, mas não estamos falando de um ator de

cinema, nem de um político e muito menos do papa de Roma. Estamos falando de um cara ruim.

Igual a você, o rosto de Hoff diz, e por que não? O fato de Billy ter ganhado um flamingo rosa para uma garotinha fofa com laços de fita no cabelo não importa. Não é o que ninguém chamaria de circunstância atenuante.

Billy se vira para encarar o homem de frente.

— Ken, eu preciso te fazer uma pergunta. Não leve pro lado pessoal.

— Tudo bem, claro.

— Você não está com uma escuta nem nada, né?

A expressão chocada de Hoff é a resposta de que Billy precisa, e ele interrompe os balbucios confusos de protesto.

— Tudo bem, eu acredito em você. Eu só tinha que perguntar. Agora, me escuta. Ninguém vai montar uma força-tarefa por causa disso. Não vai haver uma grande investigação. Vão te fazer algumas perguntas, vão procurar meu agente e descobrir que ele é um fantasma que te enganou com uns documentos quentes e pronto. — Porra nenhuma. — Sabe o que vão dizer? Não no jornal e nem na televisão, mas entre si?

Ken Hoff balança a cabeça. Os olhos não desgrudam dos de Billy. Estão cheios de esperança.

— Vão dizer que foi assassinato de gangue ou de vingança e que quem fez ajudou a economizar os custos de um julgamento. Vão me procurar, não vão me encontrar, e o caso vai para o arquivo de casos não resolvidos. Vão dizer que já foi tarde. Entendeu?

— Bom, com você dizendo assim…

— Eu digo. Eu digo assim. Agora, vai pra casa. Me deixa cuidar do resto.

Ken Hoff se move de repente na direção dele, e por um momento Billy pensa que o sujeito vai dar um soco nele. Mas Hoff lhe dá um abraço. Ele está com aparência melhor hoje, mas seu hálito conta uma história diferente. Não está fedendo a bebida, mas está fedendo.

Billy aguenta o abraço com bafo e tudo. Ele até retribui um pouco. Mas logo

manda Hoff ir embora, pelo amor de Deus. Hoff sai do carro, o que é um alívio (um alívio *enorme*), mas se inclina para dentro novamente. Ele está sorrindo, e o sorriso parece real, como se viesse de seu homem interior. Ao que parece, existe um.

— Eu sei uma coisa sobre você.

— O quê, Ken?

— Aquela mensagem que você me mandou. Você não escreveu centro de jardinagem com c e j minúsculos. Você usou um C maiúsculo e um J maiúsculo. E, agora há pouco, você não disse entre eles, você disse *entre si*. Você não é tão burro quanto gosta de parecer, não é?

— Eu sou inteligente o bastante pra saber que você vai ficar bem se fizer tudo de um jeito simples. Você não tem ideia de onde eu consegui o fuzil e nem imaginava o que eu ia fazer com ele. Fim da história.

— Tudo bem. Mais uma coisa. Um alerta, sabe. Você conhece Cody?

Claro que ele conhece. A cidade onde estava o parquinho de diversões xexelento. Primeiro, Billy acha que Hoff vai dizer que ele foi visto lá por causa do quiosque de tiro. É um pensamento paranoico, mas antes de um serviço a paranoia é um modo de vida.

— Sei. Não fica longe de onde eu estou morando.

— Isso mesmo. No dia que o negócio acontecer, vai ter uma grande distração em Cody.

A única distração de que Billy tem conhecimento são os dispositivos pirotécnicos, um na viela atrás do Sunspot Café, o outro em algum lugar perto do fórum. Cody fica a *quilômetros* do fórum, e em todo caso Nick não teria contado para aquele trouxa sobre os dispositivos pirotécnicos.

— Que tipo de distração?

— Um incêndio. Talvez num armazém, tem muitos lá. Vai acontecer antes do seu homem… seu alvo… chegar ao fórum. Não sei quanto tempo antes. Eu só achei que você ia gostar de saber caso você receba uma notificação no seu celular ou no computador.

— Está bem, obrigado. E agora está na hora de você dar o fora.

Hoff faz sinal de positivo e volta para seu carro de garotinho rico. Billy espera que ele vá embora e volta para a rua Evergreen, dirigindo com cuidado, ciente de estar carregando um fuzil poderoso no porta-malas.

Um incêndio em um armazém em Cody? Sério? Nick sabe disso? Billy acha que não, Nick teria contado sobre qualquer coisa que pudesse afetar seu ritmo. Mas *Hoff* sabe. A pergunta é se ele, Billy, deve contar a Nick ou a Giorgio sobre essa novidade inesperada. Ele acha que não vai falar nada. Que vai ponderar no coração, como Maria ponderando sobre o nascimento do menino Jesus.

Ele falou para Hoff simplificar as coisas. Só que qual pode ser a simplicidade quando, depois de três ou quatro horas naquela salinha de interrogatórios, a polícia começa a perguntar como você pagou todos os credores que estavam no seu pé? A essa altura, eles já o estariam chamando de Ken em vez de sr. Hoff, porque é isso que eles fazem quando sentem cheiro de sangue. De onde veio o dinheiro, Ken? Um tio rico morreu? Ainda dá tempo de sair dessa. Tem alguma coisa que você queira contar pra gente, Ken? *Ken?*

Billy se vê pensando sobre a bolsa de golfe e sobre os tacos que estão dentro dela, junto com a arma. A bolsa é de Hoff? Se for, ele se lembrou de limpar os tacos caso estivessem com digitais? Melhor não pensar nisso. Hoff fez a própria cama.

Mas isso também não é verdade sobre Billy? Ele fica pensando no plano de fuga de Nick. É bom demais para ser verdade, e foi por isso que Billy decidiu não usá-lo, e sem avisar ao Nick. Porque, ei… se você vai se livrar do cara que intermediou o acordo e forneceu a arma, por que não se livrar do homem que usou a arma? Billy não quer acreditar que Nick faria isso, mas reconhece um fato incontestável: não querer acreditar nas coisas foi como Ken Hoff se meteu numa situação da qual é quase certo que ele nunca sairá.

E de quem foi a ideia de um incêndio em um armazém em Cody no dia do assassinato? Não de Nick, nem de Hoff. De quem, então?

Tudo isso é preocupante, mas, quando para na frente de casa, ele vê uma única

coisa boa: o gramado está lindo.

6

Pela maior parte de agosto, Billy dorme bem. Ele adormece pensando só no que escreveria no dia seguinte. Tem pouquíssimos sonhos com Faluja e as casas com sacos verdes de lixo balançando nas palmeiras nos jardins. (Como tinham ido parar lá? *Por que* estavam lá?) Não era mais a história dele, era a de Benjy agora. As duas coisas haviam começado a se separar, e tudo bem. Ele viu uma vez uma entrevista com Tim O'Brien no YouTube, em que ele falava sobre *The Things They Carried*. Ele dizia que a ficção não era a verdade, era o caminho para a verdade, e Billy agora entende isso. Em especial quando se escreve sobre guerra, e sua história não era basicamente sobre isso? Os beijos naquele Mercedes destruído com Robin Maguire, ou melhor, Ronnie Givens, tinham sido apenas uma trégua. O resto era luta.

Naquela noite, com o verão para trás e o outono chegando, ele fica deitado, perturbado. Não pela arma na bolsa de golfe. Está pensando no serviço que aceitou fazer com a arma. Via de regra, ele nunca vai além de duas diretrizes básicas: dar o tiro e sumir do mapa. Desta vez, é diferente, e não só porque é a última vez que ele planeja tirar uma vida em troca de pagamento. É diferente porque tem um cheiro, o mesmo tipo de cheiro do hálito de Hoff quando esmagou Billy naquele abraço desajeitado e inesperado.

Alguém fez contato com Hoff, ele pensa, mas se dá conta de que não foi assim. *Ninguém* fez contato com Hoff, porque Hoff é um ninguém. Ele pode *achar* que é alguém, com suas propriedades e seus cinemas e seu Mustang conversível vermelho, mas ele é só um peixe grande num lago pequeno, e nem tão grande assim. Aquilo é importante. Muita gente está levando dinheiro. O próprio Hoff, por exemplo. Algumas das dívidas dele já foram pagas, e ele parece achar que todas vão ser acertadas depois que Joel Allen for morto. E tem Nick e as tropas que Nick reuniu para essa operação. Não chegam a ter a força

de um esquadrão, mas quase. E talvez seja um esquadrão mesmo. Pode haver mais que Nick não contou a ele.

Ninguém fez contato com Hoff. Alguém fez contato com *Nick* e disse para ele colocar Hoff na jogada. Billy se lembra de ter pensado quando conheceu Hoff no Sunspot Café que Nick e Hoff deviam ser associados. Agora, ele tem quase certeza de que não é bem assim. Hoff queria uma licença de cassino, mas não conseguiu. Será que isso teria acontecido se ele fosse próximo de Nick, que sabe resolver esse tipo de coisa? Um cassino é uma licença para imprimir dinheiro, afinal, e Hoff precisa de dinheiro.

O alguém por trás disso seria o mesmo alguém que deu a autorização para Hoff executar o suposto incêndio em um armazém em Cody? Talvez. É provável.

E Joel Allen, agora preso em Los Angeles. Ele está em prisão preventiva, supostamente vigiado por todos os lados. Tem um advogado lutando contra a extradição. Por que, se Allen deve saber que vai acabar sendo enviado de volta para cá? Não é porque a comida é melhor no condado de Los Angeles. Estaria ganhando tempo? Tentando fazer um acordo com esse alguém que botou aquele bonde em movimento, talvez usando o advogado como intermediário?

O alguém deve saber que Allen vai acabar sendo enviado de volta e, quando chegar, Billy Summers vai tirar sua vida antes que ele possa oferecer o que sabe. O alguém deve saber que há um risco de Allen ter alguma apólice de seguro: fotos, gravações, talvez uma confissão escrita de alguma coisa (Billy não consegue imaginar do quê). Só que o alguém deve achar que o risco precisa ser corrido e que é um risco aceitável. O alguém pode estar certo. Deve estar. Homens como Allen não se fiam em apólices de seguro; homens como Allen se sentem invulneráveis. Ele pode ser um bom assassino de aluguel, mas os crimes que o meteram naquele barril de merda foram cometidos por impulso.

Além do mais, o sr. Alguém deve achar que não tem escolha. Seja qual for o segredo, é ruim. Allen não pode ir parar num julgamento em um estado com pena de morte. Não com algo quente que ele possa usar na negociação.

Billy por fim começa a pegar no sono. Antes de adormecer, seu último pensamento é no Monopoly, em que o caminho é sempre tentar frear a queda até a falência vendendo as propriedades, uma a uma. Raramente funciona.

7

Quando ele está entrando no carro na manhã seguinte, Cori Ackerman atravessa o gramado dela e depois o dele. Traz um saco de papel pardo com algo dentro que tem um cheiro delicioso.

— Eu fiz bolinhos de cranberry. Shan e Derek têm almoço na escola, mas eles gostam de levar mais uma coisinha. Sobraram esses dois. São pra você.

— Que gentileza — diz ele, pegando o saco. — Tem certeza de que não quer guardar um pro Jamal, pra quando ele chegar em casa?

— Eu guardei um pra ele, mas quero que você coma esses dois, está ouvindo?

— Acho que consigo cumprir a missão — diz Billy sorrindo.

— Você perdeu peso. — Ela faz uma pausa. — Está tudo bem, né?

Billy olha para si mesmo, surpreso. Teria perdido peso? Parece que sim. Um buraco no cinto que não era usado agora está trabalhando. Ele olha para ela.

— Estou bem, Cori.

— Você parece saudável, mas não foi isso que eu quis dizer. Ou não tudo que eu quis dizer. Seu livro está indo bem?

— Muito bem.

— Então de repente você só precisa comer mais. Coisas saudáveis. Vegetais verdes e amarelos, não só pizza e Taco Bell. No longo prazo, comida de solteirão é pior do que álcool. Vem jantar com a gente hoje. Às seis. Vou fazer escondidinho de carne moída. Com bastante cenoura e ervilha.

— Obrigado pelo convite — diz Billy. — Mas só se eu não for atrapalhar.

— Não atrapalha, e eu que preciso agradecer. Você tem sido tão bom com os meus filhos. Você é o *crush* da Shanice desde que ganhou aquele flamingo pra ela. — Ela baixa a voz, como se estivesse contando um segredo. — Ela mudou o nome dele de Frankie pra Dave.

Enquanto dirige para o centro, Billy pensa em Shan mudando o nome do flamingo e fica feliz por ela ter feito isso, mas com vergonha porque o nome é,

no fim das contas, uma mentira.

8

Naquela tarde, ele sai da Torre Gerard e anda uns quarteirões até a rua Pearson. Para por um momento para olhar uma viela estreita, onde estão duas caçambas de lixo. Ele acha que vão servir. Dá meia-volta e vai para o estacionamento.

Mais tarde, na volta para Midwood, ele para no Walmart. Desde que foi para Midwood, parece que vive parando lá. Quando está na fila do caixa com a cesta de compras, pensa de novo em pular fora do serviço. Simplesmente desaparecer. Só que Nick iria atrás dele, e não ia querer apenas a devolução da soma considerável que ele já recebeu na conta. Billy é bom em desaparecer, mas Nick não pararia de procurar. Ele começaria enviando um brucutu para interrogar Bucky Hanson, e esse interrogatório seria pesado, porque Nick ia achar que, se alguém tivesse pista sobre o paradeiro de Billy Summers, essa pessoa seria seu fornecedor em Nova York. Bucky talvez acabasse sem as unhas. Talvez acabasse morto. Ele não merece nenhuma das duas coisas.

Nick também enviaria gente, provavelmente Frankie Elvis e Paul Logan, para o bairro. Os Fazio e os Ragland seriam interrogados. Jamal e Cori também. As crianças, talvez? Era improvável, homens adultos falando com crianças atraíam atenção indesejada, mas só a ideia daqueles dois interrogando Shan e Derek o deixava enjoado.

Tem mais duas coisas. A primeira é que ele nunca fugiu de um serviço. A segunda é que Joel Allen merece. Ele é uma pessoa ruim.

— Senhor, é a sua vez.

Billy volta para a fila do caixa do Walmart.

— Desculpe, eu estava no mundo da lua.

— Não foi nada, eu faço isso toda hora — diz a caixa.

Ele esvazia a cesta. Coberturas de taco de golfe verdes com estampas como *POW!* e *WHAM!*, um kit de limpeza de armas, um conjunto de colheres de madeira

para a cozinha, um laço vermelho grande com FELIZ ANIVERSÁRIO escrito em purpurina, uma jaqueta leve com o logo dos Rolling Stones atrás e uma lancheira de criança. A garota do caixa passa a lancheira por último e a segura para olhar melhor.

— Sailor Moon! Alguma garotinha vai amar isto!

Shan Ackerman adoraria, Billy pensa, mas não é para ela. Em um mundo melhor, poderia ser.

9

Naquela noite, depois de jantar com os Ackerman (o escondidinho de carne estava uma delícia), ele vai para a sala da bagunça no porão de casa e tira a arma da bolsa de golfe. É uma M24, como especificado, e parece boa. Ele a desmonta, coloca as peças na mesa de pingue-pongue e limpa cada uma, mais de sessenta no total. Encontra a mira telescópica em um dos dois bolsos com zíper da bolsa. No outro bolso há um carregador que suporta cinco rodadas de balas: Sierra MatchKing Hollow Point Boat Tails.

Ele só vai precisar de uma.

10

Quando ele entra no saguão da Torre Gerard às quinze para as dez, a alça da bolsa de golfe está no ombro esquerdo. Ele chegou tarde de propósito, para que a maioria dos hamsters corporativos já estivessem ocupados correndo em suas rodinhas. Irv Dean, o segurança idoso, levanta o rosto da revista (hoje é uma *Motor Trend*) e abre um sorriso.

— Vai jogar golfe, Dave? Ah, quem me dera ter a vida de um escritor!

— Eu, não — diz Billy. — Acho o jogo mais chato do universo. São para o meu agente. — Ele move a bolsa para que Irv possa ver o laço grande com as letras em purpurina. Está preso sobre o bolso lateral, que agora guarda o carregador com as balas em vez de algumas dezenas de *tees*.

— Que legal da sua parte. Um presente caro!

— Ele fez muito por mim.

— Aham, eu estou sabendo. Só que o sr. Russo não parece feito pra um campo de golfe. — Irv estende as mãos na frente do corpo, indicando a comissão de frente enorme do Giorgio.

Billy está preparado para isso.

— É, ele provavelmente cairia duro no terceiro buraco se estivesse caminhando, mas ele tem um carrinho de golfe customizado. Ele me contou que aprendeu a jogar na faculdade, quando era bem mais magro. E, olha, na única vez que ele me convenceu a jogar com ele, ele bateu na bola com uma força inacreditável.

Irv se levanta, e por um momento gélido Billy acha que os reflexos de policial do coroa dispararam uma última vez e ele pretendia inspecionar os tacos, o que salvaria a vida de Joel Allen e talvez acabasse com a de Billy. Mas ele se vira de lado e bate com as duas mãos no traseiro nada insignificante.

— É daqui que vem o poder. — Irv bate de novo, para enfatizar. — Bem daqui. Pode perguntar a qualquer atacante da NFL ou a qualquer rebatedor de *home run*. Pode perguntar ao Jose Altuve. Cinquenta e seis anos, mas a bunda dele parece um tijolo.

— Deve ser isso. George tem um porta-malas considerável mesmo. — Billy ajeita uma das coberturas verdes de taco. — Tenha um bom dia, Irv.

— Você também. Ei, quando é o aniversário dele? Vou comprar um cartão.

— Semana que vem, mas pode ser que ele não esteja aqui. Ele está na costa oeste.

— Com palmeiras e garotas bonitas na piscina — diz Irv, sentando-se. — Que legal. Você vai ficar até tarde?

— Não sei. Tenho que ver como vai ser.

— Ah, quem me dera ter a vida de um escritor! — repete Irv e abre a revista.

11

No escritório, Billy tira uma das coberturas verdes de taco, a que diz *SLAM!*. Saindo do cano do Remington, há uma vara de cortina que ele serrou para ficar do tamanho certo. Presa na ponta da vara, uma colher de pau. Com a cobertura verde por cima, parece um taco de golfe mesmo. Ele tira a coronha, o cano e o ferrolho do 700. Em seguida, empurra dois dos tacos para o lado e pega a lancheira, que está enrolada em um suéter para abafar os ruídos metálicos. Dentro estão os componentes menores: plugue, percussor, ejetor, trava de placa de piso, todo o resto. Ele coloca a arma desmontada e o carregador de cinco balas, a mira Leupold e um cortador de vidro no armário alto entre o escritório e a cozinha. Tranca o armário e guarda a chave no bolso.

Nem tenta escrever. Não vai mais haver escrita até o show de horrores acabar. Ele empurra o MacBook no qual está escrevendo a história e abre o dele. Digita a senha, só uma série aleatória de números e letras que ele memorizou (nada de senha anotada em um papelzinho revelador escondido em algum lugar), e abre um arquivo chamado A LÂMINA GAY. A dita lâmina gay é Colin White da Comércio Universal, claro. É uma lista de dez trajes extravagantes que Billy viu Colin usar no trabalho.

Não tem como prever qual deles Colin vai usar no dia que Joel Allen for levado ao fórum, e Billy concluiu que não importa. Não só porque as pessoas acreditam nos próprios olhos mesmo quando eles contam mentiras, mas porque tem que ser a calça de nylon. Às vezes, Colin a complementa com uma camisa florida de ombros largos, às vezes com uma camiseta que diz QUEERS COM TRUMP, às vezes com uma de suas muitas camisetas de banda. Não importa, porque o Colin que as pessoas vão ver vai estar usando uma jaqueta por cima, com a boca do logo dos Rolling Stones nas costas. Ele nunca viu Colin com nenhum tipo de jaqueta, não durante o verão quente que passou, mas esse tipo de

peça deve fazer parte do guarda-roupa dele. E, se o dia do disparo estiver quente, como o clima do outono costuma ser, a jaqueta vai cair bem mesmo assim. É uma peça da moda.

Quando os homens de Nick na van falsa do DOP virem Billy passar correndo sem parar para entrar, não vão pensar *Billy Summers está fugindo*; eles vão ter um vislumbre da calça de nylon e do cabelo preto até os ombros e pensar *Lá vai a bicha de roupa esquisita, correndo feito louca*.

É o que ele espera.

Ainda usando seu próprio laptop, Billy faz compras na Amazon, escolhendo a opção de entrega para o dia seguinte.

IX

1

Uma semana passa. Billy fica esperando um contato de Giorgio, mas nada acontece. Na noite de sexta-feira, convida os vizinhos para um churrasco no quintal e, por um tempo depois, ele, Jamal e Paul Ragland jogam uma bola de beisebol enquanto as crianças brincam de pique, passando por baixo dos arremessos fortes de Paul e Jamal. Apesar de a luva que Jamal arrumou para Billy ser bem acolchoada, de receptor, a mão está doendo quando ele vai lavar a pouca louça. É nessa hora que o telefone começa a tocar.

Ele vai até o aparelho de David Lockridge primeiro, mas não é esse. Para o de Billy Summers, mas também não é esse. Sobra apenas o que ele não esperava que tocasse nunca. Só pode ser Bucky, de Nova York, porque ele é o único que tem o número de Dalton Curtis. Mas, enquanto pega o aparelho na cômoda da sala, lembra que isso não é verdade. O número estava no formulário que ele preencheu para Merton Richter, o corretor de imóveis, e ele também o deu para Beverly Jensen, a vizinha de cima.

— Alô.

— Oi, vizinho. — Não é Beverly, é o marido dela. — Como está no Alabama?

Por um momento, Billy não faz ideia do que Jensen está falando. Ele fica paralisado.

— Dalton? A ligação caiu?

A informação volta. Ele supostamente está em Huntsville, instalando um sistema de computadores para a Equity Insurance.

— Não, eu estou aqui. Como está no Alabama? Quente, muito quente.

— Mas o tempo está bom?

Billy não faz ideia de como está o tempo em Huntsville, provavelmente parecido com o dali, mas vai saber. Se ele tivesse a menor ideia de que Don Jensen poderia ligar, teria verificado.

— Nada de mais — diz ele. — O que posso fazer por você?

Bom, a gente queria saber quem você é de verdade, ele imagina Don dizendo. Aquela barriga falsa pode enganar a maioria das pessoas, mas a minha esposa percebeu na hora.

— Vou te dizer o quê — diz Don. — A mãe da Bev piorou ontem e morreu hoje à tarde.

— Ah. Sinto muito. — Billy sente mesmo. Talvez não “muito”, mas ao menos “um pouco”. Beverly não é Cori Ackerman, mas é boa pessoa.

— Pois é, a Bev está arrasada. Ela está no quarto, arrumando a mala e chorando, chorando e arrumando a mala. Nós vamos pra St. Louis amanhã e temos que alugar um carro no aeroporto e dirigir até uma cidadezinha de merda chamada Diggins. Não é só o enterro, tem um monte de coisas que a gente precisa resolver. Vamos ficar um tempo lá. — Don suspira. — Eu odeio ter que gastar com isso, mas um advogado dela vai ler o testamento na terça e eu acho que talvez tenha algum dinheiro pra nós. Foi o que ele deu a entender, mas você sabe como os advogados são.

— Vagos — diz Billy.

— Isso aí, vagos. De qualquer forma, Annette era o que podemos chamar de uma alma salvadora, e Bev é a única filha dela.

— Ah.

— Acho que vamos ficar um bom tempo lá. Foi por isso que eu liguei. Bev queria saber se eu posso deixar a chave da nossa casa debaixo da sua porta. Quando você voltar do Alabama, seria um grande favor se você pudesse dar uma

olhada na nossa geladeira e molhar o clorofito e a maria-sem-vergonha da Bev. Ela ama essas plantas, deu até nome pra elas, acredita? Se você for ficar fora mais do que uma semana, vai ser meio complicado. A gente não conhece muita gente por aqui.

Porque *não tem* muita gente por ali, Billy pensa. Ele também pensa que isso é bom. Melhor do que bom, um golpe de sorte fantástico. Vai ter a casa da rua Pearson toda para ele, a não ser que os Jensen voltem antes de Joel Allen sair da Califórnia.

— Se você não puder…

— Eu posso e fico feliz em ajudar. Quanto tempo você acha que vão ficar fora?

— Não tenho como saber. Pelo menos uma semana, talvez duas. Tirei uma licença no trabalho. Não remunerada, claro, mas se a gente for ganhar algum dinheiro…

— Certo. Entendi. — Cada vez melhor. — Não se preocupe com as plantas. Devo voltar logo e ficar um tempo.

— Que ótimo. Bev pediu pra te dizer que você pode pegar o que quiser na geladeira. Ela disse que é melhor comer do que deixar estragar. Mas o leite já pode ter estragado.

— É, acabei de passar por esse problema também. Pode viajar tranquilo.

— Obrigado, Dalton.

— Imagina — diz Billy.

2

Naquela noite, Billy fica deitado na cama com as mãos debaixo do travesseiro, olhando para a projeção oblonga e enevoada de luz amarela no teto, gerada pelo poste na frente da casa dos Fazio. Ele sempre se esquece de comprar uma cortina. Pensa em comprar e acaba esquecendo. Talvez agora, sem nada para fazer além de esperar, ele acabe lembrando.

Ele espera que o período de espera seja curto, não só porque a ausência de Don e Beverly é conveniente, mas porque as horas passadas na Torre Gerard serão arrastadas sem a história de Benjy. Agora vem Faluja, e Billy decidiu algumas das coisas que quer contar, alguns dos detalhes brilhantes que deseja capturar. Aqueles sacos de lixo rasgados presos nas palmeiras, voando no vento quente como bandeiras. Como os *mujs* apareceram de táxi para enfrentar os fuzileiros, saltando de dentro do veículo como palhaços saindo de um carrinho no circo. Só que os palhaços do circo não carregam armas. Como garotos com camisetas do 50 Cent e do Snoop Dogg eram carregadores de munição e corriam pelos destroços com Nikes ou All Stars detonados. Como um cachorro de três pernas com meia mão humana na boca passou correndo pelo Jolan Park. Billy consegue ver claramente a poeira branca nas patas daquele cachorro.

As peças estão lá, mas ele não vai conseguir montá-las enquanto o serviço não estiver terminado. De acordo com William Wordsworth, os melhores textos são sobre emoções fortes relembradas na tranquilidade. Billy não está mais na tranquilidade.

Ele acaba adormecendo, mas o alerta suave de uma mensagem de texto o acorda de madrugada. Normalmente, ele não teria despertado, mas agora seu sono está leve, com sonhos que parecem fiapos. Era sempre assim na guerra.

Três celulares enfileirados estão sendo carregados na mesa de cabeceira: o de Billy, o de Dave e o de Dalton. É a tela do aparelho dele mesmo que está acesa.

DblDom: Me liga.

Em seguida, um número com código de área de Las Vegas. **DblDom** é o Double Domino, o hotel e cassino de Nick. No fuso horário de Billy são três da manhã. Em Vegas, Nick deve estar se preparando para ir dormir.

Billy liga. Nick atende e pergunta como Billy está. Ele diz que está bem, só que são três horas da madrugada.

Nick ri com alegria.

— É a melhor hora pra ligar, as pessoas estão sempre em casa. Eu acabei de saber que o nosso amigo deve estar indo praí na próxima quarta. Seria na segunda, mas ele teve uma leve intoxicação alimentar, provavelmente intencional. Vão dar uma carona pra ele até o hotel, onde ele vai passar a noite. Está acompanhando?

Billy está. O hotel de Allen é a cadeia do condado.

— Na manhã seguinte, ele vai pro seu lado, pra A. Sabe o que eu quero dizer?

— Sei. — A audiência.

— Nosso amigo ruivo conseguiu o que você queria?

— Conseguiu.

— Está tudo pronto?

— Está.

— Que bom. Seu agente vai te enviar mais uma mensagem de texto e você fica de alerta. Depois, vai tirar suas férias. Entendeu?

— Entendi.

— É bom pagar a conta desse celular aí e de qualquer outro que você tenha usado. Está acompanhando?

— Estou. — Essa mania de Nick de ficar perguntando se ele entendeu é cansativa, mas também é boa. Nick ainda acha que está falando com um sujeito cujo cérebro ficou permanentemente lerdo. Destruir o celular de Billy Summers, destruir o celular de David Lockridge, destruir qualquer outro celular que ele possa ter adquirido no caminho. Entendido. O celular que vai ficar com ele é o único sobre o qual Nick não sabe.

— A gente se fala mais pra frente — diz Nick. — Fica com o seu celular por

um tempo se quiser, mas apaga a mensagem que eu mandei. — E ele desliga.

Billy apaga a mensagem, deita-se e dorme em menos de um minuto.

3

O fim de semana é fresco. Parece que o outono finalmente está chegando. Billy vê as primeiras mudanças de cor nas árvores da rua Evergreen. Tem Monopoly na tarde de domingo, Billy jogando contra três crianças e mais umas seis rondando o tabuleiro. Os dados costumam ser seus amigos, mas não hoje. Ele rola três duplas e vai parar na cadeia em três rodadas consecutivas, uma aberração estatística quase no mesmo patamar de escolher os seis números certos da Mega-Sena. Ele aguenta o suficiente para que dois oponentes declarem falência, mas perde para Derek Ackerman. Quando o banco tira sua última propriedade hipotecada, as crianças se gabam e tiram sarro dele, cantarolando *Otário, perde-eu*. Cori desce a escada para ver o motivo de tanta barulheira e grita, em meio a gargalhadas, para as crianças o deixarem em paz, para deixarem o homem respirar.

— Você levou uma lavada! — grita Danny Fazio com alegria. — Levou uma lavada de uma *criança*!

— É verdade — diz Billy, rindo também. — Se eu tivesse conseguido as ferrovias em vez de ter ido pra cadeia…

Becky, amiga de Shan, sopra a língua para ele, e todos riem mais. Eles sobem para comer torta na sala, onde Jamal está vendo um jogo de beisebol. Shan se senta ao lado dele no sofá, segurando o flamingo no colo. Na sétima entrada, ela pega no sono com a cabeça apoiada no braço de Billy. Cori o convida para ficar para o jantar, mas Billy recusa, dizendo que acha que vai ver um filme. Ele está doido para ver *Expresso mortal*.

— Eu vi o trailer — diz Derek. — Parece assustador.

— Eu como um monte de pipoca — diz Billy. — Assim, não fico com medo.

Shan ri.

Billy não vai ao cinema, mas escuta um podcast com uma crítica do filme enquanto atravessa a cidade até o estacionamento onde o Ford Fusion o aguarda.

Sempre prevenindo, nunca remediando. Ele dirige o Fusion até a rua Pearson, 658, e guarda os equipamentos de Dalton Smith no armário. Em seguida, sobe e molha o clorofito e a maria-sem-vergonha de Bev Jensen. O clorofito está ótimo, mas a maria-sem-vergonha parece bem murcha.

— Pronto, Daphne — diz Billy. A plaquinha na frente da maria-sem-vergonha a identifica. O clorofito tem o nome de Walter, só Deus sabe por quê.

Billy sai e tranca a casa, usando um boné para esconder o cabelo não louro. E óculos de sol, apesar de estar quase escuro. Ele volta para o Fusion, dirige no Toyota até Midwood, assiste televisão e vai para a cama. Adormece quase imediatamente.

4

Na tarde de segunda, alguém bate na porta. Billy abre desanimado, esperando Ken Hoff, mas não é ele. É Phyllis Stanhope. Ela sorri, mas seus olhos estão vermelhos e inchados.

— Que tal levar uma garota pra jantar? — Assim, do nada. — Meu namorado me deu um pé na bunda e eu preciso me animar. — Ela faz uma pausa e acrescenta: — É por minha conta.

— Não tem necessidade disso — diz Billy. Ele imagina aonde aquilo pode levar e talvez não seja uma boa ideia, mas não liga. — Fico feliz em pagar a conta, mas, se você não gostar mesmo disso, a gente pode dividir de novo.

Eles não dividem. Billy paga. Ele acha que ela pode ter decidido comemorar o fim do relacionamento dormindo com ele, e os três screwdrivers que ela toma (dois antes do jantar e um durante) só cimentam a ideia. Billy oferece a carta de vinhos, mas ela descarta a ideia.

— Quem não mistura não se preocupa — diz ela. — Isso é de…

— *Quem tem medo de Virginia Woolf?* — completa Billy, e ela ri.

Ela não come muito, diz que o término foi feio, a primeira parte pessoalmente e a segunda pelo telefone, e que não está com tanta fome. O que ela quer mesmo são os drinques. Parece precisar de coragem líquida para o que vem depois, que agora parece não só possível, mas inevitável. E ele quer. Faz muito tempo que ele não fica com uma mulher. Quando Billy paga a conta com um dos seus cartões de David Lockridge, ele pensa nas crianças pulando em cima dele e cantarolando *Otário, perde-eu*. E, logo no dia seguinte, aqui está um otário apaixonado.

— Vamos pra sua casa. Eu não quero ir pra minha e ver a loção pós-barba dele na prateleira do banheiro.

Bom, Billy pensa, você pode ver a loção pós-barba que tem na minha. Pode até usar minha escova de dentes.

Quando eles chegam à casa amarela na rua Evergreen, ela dá uma olhada de admiração ao redor, elogia o pôster de *Doutor Jivago* que ele comprou em uma loja de tralhas em Ryan Court e pergunta se ele tem alguma bebida. Billy tem cerveja na geladeira. Ele oferece um copo e Phil diz que pode beber da lata. Ele leva duas para a sala.

— Eu pensei que você fosse ficar sem álcool enquanto escrevia o livro.

Ele dá de ombros.

— Promessas foram feitas para serem quebradas. Além do mais, eu não estou trabalhando.

Eles tinham acabado de abrir as latas quando ela disse "Está quente aqui" e começou a desabotoar a blusa. De manhã, as cervejas continuarão abertas na mesa de centro, chocas e intocadas.

O sexo é bom, pelo menos para Billy. Ele acha que para ela também, mas é difícil saber como é para uma mulher. Às vezes, elas só querem que você pare de tentar e saia de cima para elas poderem dormir, mas, se Phil estivesse fingindo, fingia bem. Chega um momento, um pouco antes de ele não conseguir mais se segurar, em que ela faz um som de *hummm* no ombro dele e enfia as unhas com força a ponto de quase tirar sangue.

Quando ele rola para o lado dele da cama, ela lhe dá uma batidinha no ombro como quem diz *bom menino.*

— Não vai me dizer que foi uma trepada de pena.

— Não foi, pode acreditar — diz ele. — Eu não vou perguntar se foi uma trepada de vingança.

Ela ri.

— Melhor não. — Ela rola para o lado, de costas para ele. Em cinco minutos, está roncando.

Billy fica um tempo acordado, não por ela estar roncando (é um ronco baixinho, quase um ronronar), mas porque a mente não desliga. Ele pensa que ela ter aparecido daquele jeito e ido para casa com ele é tipo uma coisa saída de um livro do Zola, em que todos os personagens precisam ser totalmente

utilizados e fazer uma aparição final, como um último agradecimento. Ele espera que sua própria história não tenha acabado, mas acha que aquela parte quase acabou. Se ele terminar o trabalho e receber o pagamento, pode ser que uma nova vida (talvez como Dalton Smith, talvez como outra pessoa) comece. Quem sabe uma vida melhor.

Ele percebeu há algum tempo, provavelmente desde que começou a escrever a história de Benjy, que não consegue mais viver aquilo sem sufocar. A ideia… não, a *presunção* de que ele só mata gente ruim tem um limite. Tem gente boa dormindo nas casas ali daquela rua. Ele não vai matar nenhuma delas, mas acha que vai matar alguma coisa dentro delas quando elas descobrirem por que ele estava lá.

Seria poético demais? Romântico demais? Billy acha que não. Um estranho veio, virou vizinho, mas tem uma pegadinha: ele era um estranho o tempo todo.

Por volta das três da madrugada, Billy acorda e ouve Phil vomitando no banheiro. Ela aciona a descarga. Liga a torneira. Volta para a cama. Ela chora um pouco. Billy finge estar dormindo. O choro para. Os roncos recomeçam. Billy dorme e sonha com sacos de lixo balançando em palmeiras.

5

Ele acorda pouco depois das seis e sente cheiro de café. Phil está na cozinha, descalça e usando uma das camisas de botão dele.

— Dormiu bem? — pergunta Billy.

— Bem. E você?

— Muito bem. E esse café está com um cheiro ótimo.

— Eu roubei umas aspirinas suas. Acho que bebi demais ontem. — Ela olha para ele com uma expressão meio divertida e meio envergonhada.

— Desde que você não tenha roubado minha loção pós-barba. — Isso a faz rir. Casos de uma noite podem levar a manhãs constrangedoras depois, ele já passou por algumas assim, mas Billy acha que aquela pode ser tranquila, e isso é bom. Phil é uma mulher legal.

Quando ele se oferece para fazer ovos mexidos, ela faz careta e balança a cabeça. Ele consegue convencê-la a comer pelo menos uma torrada sem manteiga. Depois, ele cede o quarto e o banheiro pare ela poder tomar banho e se vestir com privacidade. Quando aparece, ela está ótima. A blusa está um pouco amassada, mas de resto ela está pronta para sair. Ela vai ter uma história para contar depois, Billy pensa. *Minha noite com um assassino*. Se ela quiser contar, claro. Pode ser que não queira.

— Você me leva em casa, Dave? Quero trocar de roupa.

— Com prazer.

Ela para na porta e coloca a mão no braço dele.

— Não foi uma trepada de vingança.

— Não?

— Às vezes, uma garota só quer ser desejada. E você me desejou… não foi?

— Foi.

Ela assente brevemente, de um jeito que diz que o assunto está resolvido.

— E eu te desejei. Mas acho que vai ser só essa vez. Eu nunca digo nunca,

mas tenho essa sensação.

Billy, que sabe que vai ser a única vez, assente.

— Amigos? — pergunta Phil.

Ele a abraça e lhe dá um beijo na bochecha.

— Até o fim.

Ainda está cedo, mas a rua Evergreen acorda cedo. Do outro lado da rua, Diane Fazio está sentada em uma cadeira de balanço na varanda. Ela está enrolada em um roupão rosa de lã com uma xícara de café na mão. Billy abre a porta do passageiro do Toyota para Phil. Quando está indo para o lado do motorista, Diane faz um sinal de positivo.

Billy não consegue conter um sorriso.

6

Quando os *food trucks* chegam, Billy desce para comer um taco e tomar uma Coca. Jim Albright, John Colton e Harry Stone (Os Jovens Advogados, tipo personagens de uma série de TV ou de um livro do Grisham) o chamam e falam para ele se sentar lá com eles, mas Billy diz que vai comer na frente do computador para trabalhar um pouco mais.

Jim levanta o dedo e recita:

— Nenhum homem no leito de morte já disse “Eu queria ter passado mais tempo no escritório”. Oscar Wilde, logo antes de fazer a passagem.

Ele poderia dizer para Jim que as últimas palavras de Oscar Wilde foram *Ou sai o papel de parede ou saio eu*, mas ele apenas sorri.

A verdade é que ele não quer estar perto daqueles caras agora que o serviço está quase chegando, não por não gostar deles, mas justamente por gostar. E Phil parece ter tirado o dia de folga. Ele espera que ela tire a quarta e a quinta também, mas isso já é esperar demais.

Seu telefone de Dalton começa a tocar quando ele entra no escritório. É Don Jensen.

— Daaalton, meu amigo! Voltou?

— Voltei.

— Como você está? Como estão a Daphe e o Waller?

— Nós três estamos bem. Como você está? — De cara cheia, é assim que Don está, a julgar pela voz, apesar de ser só meio-dia e pouco.

— Cara, eu nunca estive melhor. — Ele fala *meior*. — Bevie também. Manda um oi, Bevie!

Distante, mas perfeitamente audível porque ela está gritando, Beverly diz:

— Oi, querido! — Ela cai na gargalhada. Então ela também andou bebendo. Não estão exatamente de luto, aqueles dois.

— Bevie mandou oi.

— Sim, deu pra ouvir.

— Dallon… amigão… — Don baixa a voz. — A gente está rico.

— Sério?

— O advogado leu o testamento hoje de manhã e a mãe da Bevie deixou tudo pra ela. As ações e as contas no banco. Quase *dussentos mil dólares*!

Ao fundo, Bevie comemora, e Billy não segura um sorriso. Ela pode voltar ao luto quando ficar sóbria, mas agora os dois habitantes daquele apartamento em um dos bairros menos desejáveis da cidade estão comemorando, e Billy não os culpa por isso.

— Que ótimo, Don. Ótimo mesmo.

— Quanto tempo você vai ficar em casa desta vez, Dallon? Foi por isso que eu liguei.

— Acho que um bom tempo. Eu tenho um contrato novo de…

Don não espera que ele termine.

— Que bom, isso é bom. Continua molhando a Daphe e o Waller porque… quer saber?

— O quê?

— Adivinha!

— Não consigo.

— Vamos lá, meu amigo dos computadores, vamos lá!

— Vocês vão pra Disney.

Don ri tão alto que Billy afasta o celular do ouvido e faz uma careta, mas ele também está sorrindo. Algo bom aconteceu com pessoas boas, e, seja qual for sua própria situação, ele fica feliz com a notícia. Ele se pergunta se Zola já escreveu algum enredo parecido. Provavelmente não, já Dickens…

— Quase, Dallon, quase. *A gente vai fazer um cruzeiro!*

Ao fundo, Beverly comemora.

— Vocês vão ficar fora um mês? Umas seis semanas? Porque…

Nesse momento, Beverly pega o celular, e Billy precisa novamente afastá-lo

do ouvido para poupar sua audição.

— Se não der, pode deixar morrer! Eu compro plantas novas! Uma estufa inteira!

Billy tem tempo de dar condolências e parabéns, e Don volta ao telefone.

— E quando a gente voltar, a gente vai se mudar. Chega daquela vista pra aquela porra de terreno baldio. Não que eu esteja falando mal do seu apartamento, Dall. O seu é o que a Bevie sempre quis.

— Não quero mais! — grita Bev.

— Eu vou molhar a Daphne e o Walter, não se preocupe com isso — diz Billy.

— A gente paga, senhor nerd de computador babá de plantas! A gente pode!

— Não precisa. Vocês são bons vizinhos.

— Você também, Dallon, você também. Sabe o que a gente está bebendo?

— Champanhe, talvez?

Billy precisa afastar mais uma vez o telefone do ouvido.

— Acertou na porra da mosca!

— Não exagerem — diz Billy. — E manda um abraço pra Beverly, está bem? Lamento a perda dela, mas fico feliz pelo que vocês ganharam.

— Pode deixar. Muito obrigado, amigão. — Ele faz uma pausa e, quando fala de novo, ele está quase sóbrio. Impressionado. — *Duzentos mil dólares*. Dá pra acreditar?

— Dá — diz Billy. Ele encerra a ligação e recosta na cadeira do escritório. Ele vai ganhar bem mais do que duzentos mil, mas acha que foram Don e Beverly Jensen que ficaram ricos. Sim, senhor, ricos mesmo. É piegas, mas é verdade.

7

Na manhã seguinte, quando ele está entrando no prédio do estacionamento na esquina da Torre Gerard, seu celular de David Lockridge toca sinalizando uma mensagem de texto. Depois que estaciona no quarto andar, ele a lê.

GRusso: O cheque está a caminho.

Billy duvida, são só seis e meia na costa oeste, mas entende que o cheque *vai* estar a caminho em breve. Allen está vindo, provavelmente em um voo comercial, algemado a um dos detetives daquela cidade, ou talvez a um policial estadual, e isso é bom. Está na hora de preparar o show. Mais do que na hora.

Ele abre a porta de trás do carro e pega um saco de papel que está sobre o banco. Dentro estão a calça de nylon e a jaqueta de seda com a boca dos Rolling Stones atrás. Aquela não é dourada, apesar de a dourada ser a favorita de Colin White. Depois de um certo debate interior, Billy decidiu que seria chamativo *demais*. A que ele comprou na Amazon é preta com brilho dourado. Ele tem certeza de que Colin adoraria uma daquelas.

Billy tem uma história pronta para o caso (improvável, mas sempre possível) de Irv perguntar por que ele está indo trabalhar com um saco de mercado, mas Irv está conversando com várias moças bonitas da Comércio Universal e só acena distraidamente quando Billy entra e vai na direção do elevador.

No escritório, ele abre o saco, remexe embaixo das roupas e tira uma plaquinha comprada na Staples. Diz DESCULPE, FECHADO. Há duas carinhas tristes desenhadas, uma de cada lado da mensagem. Embaixo há um espaço em branco para uma breve explicação. Billy usa uma caneta permanente para escrever SEM ÁGUA. USAR O 4 OU O 6. Ele balança a plaquinha no ar algumas vezes para não borrar a mensagem e a coloca no saco. Acrescenta a peruca de cabelo longo e preto lá dentro e guarda o saco no armário.

Na mesa, ele transfere a história de Benjy para um pen-drive. Quando termina, usa um programa suicida para destruir tudo no MacBook Pro. Vai ficar ali. Suas digitais estão em todo o computador e em tudo naquele lugar; depois de tanto tempo ele acabaria deixando algumas passarem por melhor que limpasse, mas tudo bem. Quando ele der o tiro e vir Joel Allen caído morto na escada do fórum, Billy Summers vai deixar de existir. Quanto ao laptop pessoal… ele poderia matá-lo também, deixá-lo para trás e usar um dos AllTechs baratos da rua Pearson, mas não quer fazer isso. Aquele lá vai junto.

8

Uma hora depois, há uma batida na porta externa. Ele abre, novamente esperando Ken Hoff, talvez num ataque de medo, e novamente se engana. Desta vez é Dana Edison, um dos durões que Nick importou de Vegas. Ele não está usando o macacão do DOP hoje. Está dando uma de sr. Discreto com uma calça preta e um paletó esportivo cinza. Um homem pequeno, de óculos, que em uma primeira olhada poderia parecer um colega de Phil Stanhope no escritório da Contabilidade Crescente, do outro lado do corredor. Mas uma olhada mais caprichada pode fazer uma pessoa, principalmente um fuzileiro, ver algo diferente.

— Oi, colega. — A voz de Edison soa baixa e educada. — Nick queria que eu desse uma palavrinha com você. Posso entrar?

Billy chega para o lado. Dana Edison passa pela antessala com os mocassins marrons arrumados e entra na salinha de reuniões que funciona como o escritório de escrita de Billy, além de posto de atirador. Edison se move com uma confiança leve. Observa brevemente a mesa, onde o laptop pessoal de Billy está aberto com um jogo de cribbage pela metade, e olha pela janela. Traçando a linha de tiro que Billy traçou muitas vezes ao longo do verão. Só que agora o verão acabou, e o ar está carregado de tensão.

É bom que Edison esteja lhe dando um pouco de tempo, porque Billy se acostumou a ser um cara inteligente chamado David Lockridge e talvez acabasse escorregando. Mas, quando Edison se vira, Billy está com a expressão do *eu burro*: olhos arregalados, boca levemente entreaberta. Não o suficiente para fazê-lo parecer o idiota do vilarejo, só o suficiente para parecer um homem capaz de acreditar que Zola é um dos arqui-inimigos do Super-Homem.

— Você é o Dana, certo? Eu te conheci na casa do Nick.

Ele assente.

— Você também me viu com o Reggie andando por aí naquela van da cidade, né?

— É.

— Nick quer saber se você está preparado pra amanhã.

— Claro.

— Onde está a arma?

— Bom…

Dana sorri, mostrando dentes tão pequenos e arrumados quanto o resto dele.

— Deixa pra lá. Mas está próxima, né?

— Pode ter certeza.

— Tem o cortador de vidro pra janela?

Uma pergunta idiota, mas tudo bem. Teoricamente, ele é um cara idiota.

— Claro.

— Não usa hoje. O sol bate deste lado do prédio a tarde toda e alguém pode ver o buraco.

— Eu sei disso.

— É, achei que saberia. O Nick falou que você é atirador de elite. Que matou gente em Faluja, né? Como foi?

— Foi bom. — Não foi. Assim como aquilo não é uma conversa. Receber Edison naquela sala é como receber uma nuvem de tempestade pequena e bem compacta.

— Nick queria ter certeza de que você está firme no plano.

— Estou.

Edison continua com a mensagem.

— Você dá o tiro. Cinco segundos depois, não mais do que dez, vai haver um estrondo alto vindo de trás daquele café ali.

— Um dispositivo pirotécnico.

— Um dispositivo pirotécnico, isso. Isso é responsabilidade do Frankie. Cinco segundos depois disso, não mais do que dez, vai haver outro na esquina, atrás da lojinha que vende jornais e artigos de papelaria. Esse vai ser coisa do Paulie

Logan. As pessoas vão começar a correr. Você vai se juntar a elas, só mais um cara do escritório querendo dar uma olhada rápida no que aconteceu e dar o fora depois. Você dobra a esquina. A van do DOP vai estar lá. Reggie vai estar com as portas de trás abertas. Eu vou estar no volante. Você vai entrar e vestir o macacão o mais rápido que conseguir. Está claro?

Sempre esteve. Billy não precisa de um tutorial de última hora.

— Está. Só uma coisa, Dana.

— O que é?

— Eu tenho coisas a fazer pra me preparar, e, quando eu começar, não dá pra voltar atrás. Você tem certeza de que vai ser amanhã?

Dana começa a falar, a dizer que claro que tem, mas Billy balança a cabeça.

— Pensa antes de falar qualquer coisa. Pensa bem, porque, se alguma coisa mudar, o acordo já era. Eu vou sumir e Joel Allen vai continuar com os pulmões funcionando. Então… você tem *certeza*?

Dana Edison olha com atenção para Billy, talvez o reavaliando. E sorri.

— Tanta certeza quanto eu tenho de que o sol nasce no leste. Mais alguma coisa?

— Não.

— Tudo bem. — Edison volta para a antessala com aquele jeito agitado de andar. O coque samurai parece uma maçaneta vermelho-escura. Na porta, ele se vira e encara Billy com seus olhos azuis, brilhosos e inexpressivos. Ele diz: — Vê se não erra. — E vai embora.

Billy volta para a sala onde escreve e olha para o jogo pausado de cribbage. Ele está pensando que Dana Edison não disse nada sobre um possível incêndio em um armazém em Cody, e teria dito se soubesse. Também está pensando na possibilidade de que, se ele seguisse o plano de Nick, era capaz mesmo de ir parar numa vala numa estrada de interior com um buraco na testa. Se isso acontecesse, ele acha que Edison seria o executor. E quem acabaria com o milhão e meio que faltam? Nick, claro. Billy gostaria de acreditar que é

paranoia, mas, depois da visita de Edison, parece mais provável. Sem dúvida o pensamento pelo menos passou pela cabeça de Nick, apesar da longa parceria dos dois. Era só eliminar Ken Hoff, eliminar Billy Summers, e todos saem limpos.

Billy fecha o computador. Escrever sua história nunca pareceu algo tão distante. Fala sério, hoje ele não consegue nem jogar cribbage.

9

No caminho de casa, ele para na Materiais de Construção Ace e compra a última coisa de que precisa: um cadeado Yale. Quando chega em casa, sua última noite ali, tem um pedaço de papel no degrau mais alto da varanda, preso com uma pedra. Ele tira do ombro a alça da bolsa com o laptop, pega o papel, olha para ele e pensa que poderia ter ficado sem aquele encerramento. É um desenho em giz de cera, obviamente feito por uma criança, mas com certo talento. O quanto de talento é impossível dizer, porque a artista tem oito anos. Embaixo, ela assinou o nome: Shanice Anya Ackerman. No alto, em letras de forma: PARA DAVE!

O desenho é de uma garotinha sorridente com pele escura e trancinhas decoradas com fitas vermelhas. Nos braços dela, um flamingo rosa com vários corações saindo da cabeça. Billy olha para o desenho por um tempo, depois o dobra e o guarda no bolso de trás. Ele se meteu num buraco com o qual nunca tinha sonhado. Daria qualquer coisa, inclusive o pagamento de dois milhões de dólares, para poder voltar três meses no calendário, para aquele saguão de hotel, onde ele estava lendo o gibi da Turma do Archie e esperando a carona. E, quando Frankie Elvis e Paul Logan chegassem, ele diria para que pedissem desculpas ao Nick, mas ele tinha mudado de ideia. Mas não dá para voltar atrás agora, só ir em frente, e, quando ele pensa em Dana Edison talvez passando pelo bairro para fazer perguntas, talvez botando aquelas mãozinhas dele nos ombros de Shanice, Billy aperta tanto os lábios que eles desaparecem. Ele está em um buraco e só pode sair na base do tiro.

Fica sentado mais um pouco ali, olhando o gramado. Está bonito. Ele o salvou. Pelo menos, isso. Ele entra em casa e fecha a porta.

X

1

Quinta de manhã. O dia D. Billy acorda às 5h. Come torrada com um copo d’água para acompanhar. Nada de café. Nenhum tipo de cafeína até o serviço estar feito. Quando apoiar o 700 no ombro e olhar pela mira Leupold, quer suas mãos perfeitamente firmes.

Ele coloca o prato da torrada e o copo vazio na pia. Os quatro celulares estão enfileirados na mesa. Ele tira os chips de três deles, do telefone de Billy, de Dave e do extra, e coloca no micro-ondas por dois minutos. Coloca uma luva, pega os restos queimados e passa-os pelo triturador de lixo. Os três celulares sem chip vão para um saco de papel. Ele acrescenta o telefone de Dalton Smith, o cadeado Yale e o boné cinza básico que usou na rua Pearson quando foi deixar as coisas de Dalton e molhar as plantas de Beverly.

Para na porta por alguns momentos, o laptop pendurado no ombro, olhando ao redor. Ali não é um lar, ele nunca teve um lugar que pudesse chamar de lar desde que o policial F. W. S. Malkin o levou da via Skyline, 19, no Estacionamento de Trailers Hillview (e aquele não era grande coisa, principalmente depois que Bob Raines matou sua irmã), mas ele acha que foi o que chegou mais perto.

— Muito bem, então — diz Billy.

Ele nem tranca a porta. Não há necessidade de fazer a polícia arrombá-la. Já é bem ruim saber que vão pisotear o gramado que ele se esforçou tanto para salvar.

2

Billy não dirige até o estacionamento. O estacionamento já era. Às 5h55, ele para na rua Main, a poucos quarteirões da Torre Gerard. Tem muitas vagas na rua àquela hora, e a calçada está deserta. Seu laptop está pendurado no ombro. O saco de papel está na mão. Ele deixa a chave na ignição do Toyota. Talvez alguém o roube, embora isso não seja necessário. Nem jogar os três celulares em três bueiros diferentes, sempre olhando em volta para conferir se não está sendo observado. É só o que se chamava de "policiar a área" entre os fuzileiros. Depois que ele larga o terceiro, verifica se levou o desenho de Shan com o flamingo. O flamingo que teve o nome mudado para Dave. Está lá. Que bom. Esse é para guardar.

Ele atravessa a rua Geary, anda um quarteirão no sentido contrário ao da Torre Gerard e chega à viela que averiguou. Depois de verificar novamente se não está sendo observado (e se não há nenhum bêbado inconveniente dormindo lá), Billy entra na viela e se agacha atrás da segunda caçamba de lixo. O dia de coleta é sexta, e as duas estão cheias e fedendo. Ele guarda o laptop e o boné cinza atrás da caçamba, cata alguns papéis de embalagem e os cobre.

Essa parte o preocupa mais do que dar o tiro. Seria uma ironia? Ele não sabe. O que ele sabe é que não quer perder o laptop, assim como não quer perder o exemplar de *Thérèse Raquin* que estava lendo quando chegou à cidade (o livro está guardado na rua Pearson, 658). Ambos são talismãs. Como o sapatinho de bebê que ele carregou durante a Operação Vigilant Resolve e em boa parte da Phantom Fury.

As chances de alguém entrar naquela viela, olhar atrás da caçamba de lixo, levantar os papéis de embalagem sujos de lixo e roubar seu laptop são pequenas, e a pessoa jamais conseguiria descobrir a senha, mas o *objeto* importa. Só que ele não pode levá-lo porque não dá para sair da Torre Gerard com a bolsa pendurada no ombro. Billy já viu Colin White com o celular, e algumas vezes

aparecendo para almoçar ainda com o fone de ouvido que deve ser praticamente parte dele, mas nunca o viu com um laptop.

Ele chega à Torre Gerard às 6h20. Aquela rua que termina no fórum vai parecer uma colmeia mais tarde, cheia de abelhas trabalhadoras, mas agora parece um cemitério. A única pessoa que ele vê é uma mulher com olhar sonolento montando o cavalete com os especiais de café da manhã na frente do Sunspot Café. Billy se pergunta se o dispositivo pirotécnico já está posicionado atrás do local, mas afasta o pensamento. O dispositivo não é problema dele, nem o incêndio que Ken Hoff prometeu em Cody. Billy vai dar o tiro de qualquer jeito. É seu trabalho, e, com as pontes atrás de si pegando fogo uma a uma, ele pretende fazer isso mesmo. Não há alternativa.

Irv Dean não está no balcão de segurança e só vai chegar às 7h, talvez 7h30, mas um dos dois zeladores do prédio está encerando o piso do saguão. Ele olha quando Billy vai até o leitor de cartões para registrar sua entrada, como um bom garoto.

— Oi, Tommy — cumprimenta Billy, a caminho dos elevadores.

— O que você está fazendo aqui tão cedo, Dave? Nem Deus acordou ainda.

— Meu prazo está nas últimas — diz Billy, pensando que a expressão encaixa bem para o trabalho do dia. — É capaz de eu ter que ficar aqui até Deus ir pra cama.

Isso faz Tommy rir.

— Acaba com eles, fera.

— Essa é a ideia.

3

Ele leva os dois sacos de papel para o banheiro masculino do quinto andar. Guarda seu disfarce de Colin White — sem bagunçar a peruca de cabelo preto comprido (talvez a parte mais importante) — no lixo ao lado das pias, e o cobre com toalhas de papel. A placa e o cadeado vão na porta. A chave fica no bolso, junto com o celular de Dalton e o pen-drive de Benjy Compson.

No caminho para o escritório, ele tem um pensamento ruim. Houve alguns momentos nos preparativos daquela manhã em que ele perdeu o foco, a cabeça no desenho de Shan em vez de estar onde deveria. Ele jogou num bueiro o telefone de Dalton Smith em vez de um dos outros? A ideia é tão horrível que, naquele momento, ele tem certeza de que foi isso que fez, que, quando enfiar a mão no bolso, vai encontrar o telefone de Billy, de Dave ou o extra, inútil. Se tiver sido assim, ele pode substituí-lo, seus cartões de crédito no nome de Dalton estão válidos, mas e se Don ou Beverly Jensen ligassem um dia ou dois antes do FedEx entregar um novo na Pearson, 658? Eles vão querer saber por que não conseguem fazer contato. Pode não importar, mas talvez importe. Bons vizinhos, vizinhos *gratos*, podem até chamar a polícia e pedir para olharem o apartamento no porão para ver se ele está bem.

Ele pega o celular e por um momento apenas o segura, sentindo-se como um jogador de roleta com medo de olhar para o disco e ver em que cor a bolinha foi parar. A pior coisa — pior do que a inconveniência, ainda pior do que o perigo em potencial — é saber que ele foi descuidado. Que deixou seus pensamentos voltarem para a vida que agora ficou para trás.

Billy tira o celular do bolso e dá um suspiro de alívio. É o que pertence a Dalton. Ele se safou de um erro em potencial. Não pode cometer outro. O destino não perdoa.

4

7h15. Billy abre o jornal local no celular de Dalton Smith e usa o cartão de crédito de Dalton Smith para passar pelo *paywall*. A manchete na primeira página tem a ver com as eleições estaduais que se aproximam, mas, perto do pé da página, na parte que ficaria embaixo da dobra na época dos jornais de verdade, há uma outra que diz ALLEN VAI A AUDIÊNCIA, ACUSADO DO ASSASSINATO DE HOUGHTON. Então esse era o nome do jogador de pôquer assassinado. O artigo começa: “Depois de um protelado voo de extradição, Joel Allen finalmente terá o primeiro de muitos dias no tribunal. Os promotores planejam acusá-lo de homicídio qualificado pela morte de James Houghton, 43 anos, e de agressão com intenção de matar no tiro quase fatal dado em…”.

Billy nem se dá ao trabalho de ler o resto, mas coloca o celular para receber alertas de notícias do jornal. Senta-se à escrivaninha no escritório e escreve um bilhete em uma folha de papel arrancada de um dos blocos da Staples nunca usados. TRABALHANDO COM PRAZO, FAVOR NÃO INCOMODAR, diz o texto. Ele cola o papel na porta e a tranca por dentro.

Ele pega as peças do Remington 700 no armário superior e as coloca na mesa onde escrevia. Quando as vê ali, como um esquema do manual da arma, ele se lembra de Faluja. Afasta as lembranças. Essa é outra vida que ficou para trás.

— Chega de erros — diz ele, e monta o fuzil. Cano, ferrolho, extrator e mola do ejetor, placa da coronha e espaçador da placa da coronha e todo o resto. Suas mãos se movem com agilidade e quase por vontade própria. Ele pensa brevemente no poema de Henry Reed, o que começa dizendo *Hoje temos o nome das peças. Ontem tivemos a limpeza diária.* Afasta esse pensamento também. Chega de pensar em desenhos de garotinhas e chega de pensar em poesia. Mais tarde, talvez. E talvez mais tarde ele escreva. Agora, precisa manter a cabeça no

trabalho e o olho no prêmio. O fato de ele não ligar muito para o prêmio não importa.

A mira vem por último, e novamente ele usa o aplicativo de mira para verificar se continua precisa. *Certeira e verdadeira*, eles diziam. Ele mexe no ferrolho três vezes, acrescenta uma ou duas gotas de óleo e repete o gesto. Não há necessidade disso porque ele só pretende disparar uma vez, mas foi assim que aprendeu. Por fim, carrega o pente de munição e prepara o ferrolho para colocar a bala assassina na câmara. Apoia a arma com cuidado (mas não com reverência, não mais) na mesa.

Ele usa uma tachinha, um pedaço de barbante e uma caneta permanente para desenhar um círculo de cinco centímetros de diâmetro na janela. Faz um X com fita crepe e começa a usar o cortador de vidro. Seu celular apita de leve quando ele está trabalhando, mas Billy nem hesita. Demora um pouco porque o vidro é grosso, mas, no final, o círculo transparente sai com tanta facilidade quanto a rolha de uma garrafa de vinho. Um sopro de brisa fresca matinal entra pelo buraco.

Ele olha o celular e vê que recebeu um alerta do jornal. Um incêndio em um armazém em Cody, de grandes proporções. Quando olha pela janela, Billy vê um pilar de fumaça preta. Ele não sabe onde Ken Hoff obteve informações, mas foram na mosca.

São 7h30 e ele está prontíssimo. Tão pronto quanto precisa estar, é o que ele torce. Senta-se na cadeira onde escrevia, as mãos unidas frouxamente no colo, e espera. Como esperou em Faluja, no alto, do outro lado do rio em frente ao café com internet do árabe que delatou os mercenários Blackwater e deflagrou uma tempestade de fogo. Como fez em uma dezena de telhados, ouvindo tiroteios e sacos de lixo sacudindo em palmeiras. Seus batimentos estão lentos e regulares. Não há nervosismo. Ele vê o tráfego aumentar na rua Court. Em pouco tempo, todas as vagas estarão ocupadas. Ele vê os clientes entrarem no Sunspot Café. Alguns se sentam do lado de fora, onde Billy se sentou meses antes com Ken Hoff, mas não muitos até as mesas de dentro ficarem cheias. Uma van do Canal

6 segue pela rua, mas é a única. Ou o incêndio do armazém atraiu os outros canais de televisão ou Joel Allen não é prioridade. Provavelmente as duas coisas, Billy acha. Ele espera. O tempo passa. Sempre passa.

5

Os funcionários da Comércio Universal começam a chegar às 7h50, alguns carregando copos de café para viagem. Eles já estarão em ação às 8h15, no pé de gente afogada em dívidas, com películas nas janelas para desencorajar que afastem o olhar do trabalho mesmo que por alguns segundos. Alguns param a caminho da porta do prédio para olhar a fumaça preta acima do fórum vinda de Cody. Colin White está entre eles. Ele não carrega copo de café para viagem; está com uma lata de Red Bull. Hoje ele está com uma calça boca de sino tie-dye e uma camiseta laranja chamejante. Nem um pouco parecido com o traje que Billy escondeu, mas, na confusão, isso não deve importar.

Mais pessoas chegam, mas, naquele prédio pouco ocupado, não são muitas. A maioria está indo para o fórum. Às 8h30, Jim Albright e John Colton chegam pela rua Court e atravessam a praça na direção da entrada. Carregam pastas grandes e volumosas. E, atrás deles, Phyllis Stanhope. O casaco de outono saiu da hibernação no armário pela primeira vez. É escarlate e faz Billy pensar na Chapeuzinho Vermelho. Ele tem uma lembrança breve e vívida dos quadris dela subindo e descendo embaixo dele, chamando-o para ir mais fundo. Afasta a lembrança.

Tem doze pessoas no quinto andar, fora o próprio Billy: cinco na firma de advocacia e sete na de contabilidade. As pessoas da firma de advocacia podem ouvir o tiro ou não, mas Billy está contando que elas vão ouvir o estrondo quando o primeiro dispositivo pirotécnico for acionado. Vai haver uma pausa curta enquanto eles se olham, perguntando *o que foi isso,* depois vão correr até a Contabilidade Crescente porque lá as janelas são viradas para a rua Court. O segundo dispositivo pirotécnico já vai ter estourado. Eles vão se aglomerar e olhar uns para os outros tentando decidir o que houve e o que devem fazer. Descer ou ficar onde estão? Vai haver opiniões divergentes. Ele acha que pode levar uns cinco minutos para elas decidirem descer, porque dali têm um bom

ponto de vista, e a agitação toda está acontecendo do outro lado da rua, no fórum, ou então na esquina, onde há a loja de jornais e artigos de papelaria. Billy não vai precisar nem de cinco minutos. Três devem ser suficientes, talvez só dois.

O telefone dele apita com um novo alerta. O incêndio do armazém se espalhou para um depósito próximo, e os bombeiros de outros distritos estão a caminho. A Rota 64 vai ficar fechada até meio-dia, pelo menos. Os motoristas são aconselhados a usar a rodovia estadual 47A. Às 8h55, outra notificação avisa que o incêndio está sendo controlado. Até o momento, não há informações sobre mortos nem feridos.

Billy agora está sentado na frente da janela com o Remington nos joelhos. O dia está claro como água, a chuva que preocupava Nick não aconteceu, a brisa não passa de um sopro refrescante, a equipe do Canal 6 já está posicionada e pronta para gravar para o *News at Noon*, e onde está o astro do show? Billy esperava que Allen fosse levado em uma viatura do xerife do condado e não no ônibus de criminosos, e que isso acontecesse às 9h em ponto, quando ele seria levado a uma sala de espera até o juiz estar pronto para ele. Mas já são 9h05 e não há sinal de nenhum veículo oficial vindo da prisão do condado na rua Holland.

9h10 e nada. Os clientes do café da manhã no Sunspot estão indo embora. Em pouco tempo, a mulher no comando de lá, não mais sonolenta, vai tirar a placa com os especiais de café da manhã para substituir pelos de almoço.

9h15 e a fumaça subindo acima do fórum parece estar ficando mais fina. Billy começa a se questionar se houve algum problema. Às 9h20 ele tem certeza de que houve. Talvez Allen esteja doente ou tenha dado um jeito de passar mal. Talvez alguém o tenha atacado na cadeia do condado. Talvez ele esteja na enfermaria ou até mesmo morto. Talvez ele tenha fingido um surto para atrasar a audiência. Talvez ele *tenha* surtado.

Às 9h30, quando Billy está avaliando suas opções de fuga — desmontar a arma vai ser o primeiro passo, aconteça o que acontecer —, um SUV preto com CHEFE DE POLÍCIA na lateral entra na rua Court. Luzes azuis piscam no teto e na parte da frente do veículo. A pequena equipe de filmagem do Canal 6, que estava relaxando, fica alerta. Uma mulher de vestido curto do mesmo tom de escarlate do casaco de Phil sai da van. Ela está com um microfone numa mão e um espelhinho na outra, para verificar a própria aparência. O espelho reflete o forte sol matinal na direção de Billy, e ele vira a cabeça para fugir da luz.

Dois policiais com walkie-talkies nas mãos saem do fórum e trotam pela escada de pedra quando o SUV para no meio-fio. A porta do passageiro se abre e um homem corpulento usando terno marrom e um chapéu Stetson branco ridiculamente grande sai. Um policial uniformizado sai do lado do motorista. A equipe está filmando. A repórter começa a se aproximar do homem corpulento, que só pode ser o xerife. Ninguém mais ousaria usar um Stetson assim. Os policiais do fórum se movem para bloquear a repórter, mas o homem corpulento faz sinal para que ela se aproxime. Ela faz uma pergunta e estende o microfone para ouvir a resposta. Billy pode supor a essência do que ele diz: nós sabemos lidar com homens perigosos assim, a justiça será feita, votem em mim em novembro.

A repórter obtém sua resposta e dá um passo para trás. O homem corpulento se vira para o SUV. A porta de trás se abre e outro policial uniformizado sai. Esse é um armário. Billy levanta o Remington em posição diagonal, observando e esperando. O motorista se junta ao armário. Eles se viram para a porta aberta, e agora Joel Allen sai. Como é só uma audiência e não tem júri para impressionar, ele está usando um macacão laranja em vez de terno. As mãos estão algemadas na frente do corpo.

A repórter quer falar com Allen, provavelmente para fazer uma pergunta inspirada como “foi você mesmo?”, mas desta vez o homem corpulento estende

as mãos para ela. Allen está sorrindo para a repórter e dizendo alguma coisa. Billy não precisa da mira para ver isso.

O policial enorme pega Allen pelo cotovelo e o vira para a escada do fórum. Eles começam a subir. Billy enfia o cano do Remington pelo buraco no vidro. Apoia a placa da coronha no vão do ombro e apoia os cotovelos nos joelhos ligeiramente abertos — para um tiro assim, é desse apoio que ele precisa. Quando olha na mira, a cena lá embaixo se aproxima. Ele vê as rugas no pescoço queimado de sol do homem corpulento. Vê o chaveiro balançando no cinto do policial enorme. Vê um tufo do cabelo castanho-claro de Allen aparecendo atrás. Billy vai enfiar a bala bem naquele cabelo boi lambeu e no cérebro que tem ali embaixo. No segredo que Allen está guardando, o que ele espera que seja sua carta de “Saída Livre da Prisão”.

Desta vez, a lembrança repentina é das crianças pulando em cima dele quando Derek o venceu no último jogo de Monopoly. Ele a afasta. Agora, são só ele e Allen. Eles são as únicas pessoas no mundo. Tudo se resume a isso. Billy respira lentamente, prende o ar e dá o tiro.

6

A força da bala liberta Allen da mão do policial. Ele voa para a frente com os braços estendidos e cai na escada. A parte da frente do crânio chega antes do resto dele. O xerife corpulento corre para se esconder e perde o chapéu ridículo de caubói. A repórter também sai correndo. O câmera se agacha por reflexo, mas fica no lugar. O policial grandão também. O sargento dos fuzileiros beberrão que fez o alistamento de Billy teria adorado os dois. Principalmente o grandão, que dá uma rápida olhada em Allen e já se vira enquanto puxa a arma, procurando a fonte do tiro. O cara é calmo e ágil, mas Billy já recolheu o 700. Ele o larga no chão e vai para a antessala.

Olha o corredor e não vê ninguém. O primeiro dispositivo pirotécnico explode. É um estrondo bem alto. Billy sai correndo para o banheiro masculino enquanto tira a chave do bolso. Ele a enfia na base do cadeado Yale e, ao entrar no banheiro, ouve vozes altas e agitadas na extremidade do corredor. Os Jovens Advogados, junto com o técnico jurídico e a secretária, estão indo para a Contabilidade Crescente, bem na hora.

Billy se inclina sobre o cesto de lixo, joga as toalhas de papel para o lado e pega os componentes do disfarce. Veste a calça de nylon sobre a calça jeans, puxa a cordinha e dá um nó. Não tem zíper. Veste a jaqueta dos Rolling Stones. Em seguida, olhando-se no espelho sobre a pia, coloca a peruca. O cabelo preto só vai até a base do pescoço, mas esconde as laterais do rosto e a testa, até as sobrancelhas.

Ele abre a porta do banheiro masculino. O corredor está vazio. Os advogados e contadores (Phil entre eles) ainda estão olhando para a confusão lá embaixo. Em pouco tempo, vão decidir sair do prédio, e ao menos alguns deles seguirão pela escada porque são muitos para o elevador, mas ainda não.

Billy sai do banheiro e começa a descer a escada. Ele ouve agitação abaixo, bastante agitação, mas o lance entre o quarto e o terceiro andares está vazio. As

pessoas ainda estão olhando pela janela. Mas não no segundo andar, onde fica a Comércio Universal, e mesmo sem a película no vidro eles não teriam a vista panorâmica oferecida pelas janelas dos andares mais altos. Ele os ouve descendo a escada, falando no caminho. Colin White provavelmente está entre eles, mas ninguém deve reparar que ele agora tem um sósia, porque Billy estará atrás deles e ninguém vai olhar para trás. Não naquela manhã.

Billy para pouco antes do patamar do segundo andar. Fica ali até a multidão ter sumido e continua para o primeiro andar, atrás de um homem de short cargo cáqui e de uma mulher com uma infeliz calça xadrez. Por um momento, ele é obrigado a esperar, provavelmente porque a porta que leva ao saguão do primeiro andar emperra. Isso o deixa nervoso, porque as pessoas dos andares de cima logo descerão por aquela escada. Algumas serão do quinto andar.

A multidão volta a andar e, cinco segundos depois, enquanto Billy espera que Jim, John, Harry e Phil ainda estejam olhando para a rua lá do alto, ele chega ao saguão. Irv Dean abandonou seu posto. Billy o vê na praça, fácil de identificar pelo colete azul de segurança. Colin White, de camiseta laranja, também é fácil de identificar. Ele está com o celular erguido, filmando a confusão na escada do fórum: policiais correndo pela rua na direção da fumaça que sai de um ponto entre o Sunspot Café e a agência de viagens ao lado, policiais e meirinhos gritando para as pessoas voltarem para dentro do fórum e se protegerem lá, pessoas correndo de outro foco de fumaça na esquina, gritando como loucas.

Colin não é o único filmando. Outros, aparentemente sentindo que um iPhone erguido os torna invulneráveis, estão fazendo o mesmo. Mas eles são minoria, Billy repara quando sai. A maioria das pessoas só quer sair dali. Ele ouve alguém gritar *Atirador ativo!* Outra pessoa está gritando *Bombardearam o fórum!* Outra berra *Homens armados!*

Billy atravessa a praça para a direita, na direção da rua Court Place. Essa ruazinha arborizada na diagonal vai levá-lo à rua Second, que passa atrás do estacionamento. Ele não está sozinho, tem mais de trinta pessoas na frente dele e pelo menos a mesma quantidade atrás, todas usando aquela rota para fugir do

caos, mas ele é o único que presta atenção à van do DOP parada no meio-fio. Dana está atrás do volante. Reggie, usando o macacão que é o uniforme do departamento, está parado junto à porta de trás, olhando a multidão. A maioria das pessoas fugindo da rua Court está falando no celular. Billy queria poder fingir fazer o mesmo, mas o celular de Dalton Smith está na calça jeans, por baixo da calça de nylon.

Ele sabe que não pode baixar a cabeça porque Dana ou Reggie poderiam reparar (provavelmente Dana), mas ele anda ao lado de uma mulher gorda que está ofegante, segurando a bolsa junto ao peito como um escudo. Quando eles se aproximam da van, Billy vira a cabeça e ergue a voz numa imitação de Colin quando ele faz seu sotaque de "eu sou o gay mais afetado do mundo".

— O que *aconteceu*? Ah, meu *Deus*, o que *aconteceu*?

— Algum tipo de terrorismo, eu acho — responde a mulher. — Meu Deus, teve *explosões*!

— Eu *sei*! — exclama Billy. — Ah, meu Deus, eu *ouvi*!

Eles passam. Billy arrisca um olhar rápido para trás. Ele precisa ter certeza de que nenhum dos dois está olhando para *ele*. Nem indo atrás dele. Não estão. Tem mais gente do que nunca usando agora a rua Court Place para fugir; as pessoas ocupam toda a calçada. Reggie está olhando todo mundo, na ponta dos pés, tentando encontrar Billy. Dana também deve estar. Billy acelera e deixa a mulher para trás, costurando entre os outros. Não andando tipo marcha atlética, mas quase. Ele vira à esquerda na rua Second, à esquerda de novo na Laurel, à direita na Yancey. O êxodo está para trás agora. Um rapaz na rua segura Billy pelo ombro, querendo saber o que está acontecendo.

— Eu não sei — diz Billy. Ele se solta da mão e sai andando.

Atrás dele, sirenes tocam no ar. Para Billy, parece fumaça auditiva subindo do fogo.

7

O laptop sumiu.

Billy puxa os papéis, agora com pingos de comida chinesa da caçamba que transbordou, e só encontra o calçamento antigo de pedra. Sua mente volta para Faluja e o sapatinho de bebê. Para Taco dizendo *Cuida bem disso aí, mano.* Ele o deixava amarrado no passador do cinto pelo cadarço, e o sapatinho ficava batendo no quadril com o resto das coisas que ele carregava. Que eles todos carregavam.

Ele não precisa da porra do laptop, ele tem o pen-drive com a história de Benjy, com Rudy “Taco” Bell e os outros ainda não escritos, mas esperando na coxia. Pode retomar quando chegar ao apartamento do porão. Não tem nada no laptop que o conecte à sua vida como Dalton Smith, mesmo que alguém, um supergeek saído de algum filme, pudesse descobrir a senha. A única conexão com sua vida como Dalton Smith, fora os Jensen, é Bucky Hanson, e ele só se comunicou com Bucky por um telefone que não existe mais.

Tudo bem. Não é uma grande perda.

Mas parece um azar danado. Um mau agouro. Quase como o resumo de um serviço de merda que ele devia ter sabido que não era para pegar.

Ele bate o punho na lateral da caçamba com tanta força que dói e escuta as sirenes. No momento, não está preocupado com a polícia, todos estão indo para o fórum, onde tem uma merda descomunal acontecendo, mas ele precisa se preocupar com Reggie e Dana. Quando eles se cansarem de esperar, vão concluir que Billy ficou preso na Torre Gerard ou que ele os enganou. Não podem fazer nada se ele ainda estiver no prédio, mas, se ele tiver decidido abandonar o plano e agir sozinho, podem começar a percorrer as ruas procurando por ele.

Não é como o sapatinho de bebê, Billy pensa. E, oras, o sapatinho de bebê não era mágico, era só um pensamento mágico. A merda que aconteceu depois que eu o perdi não quer dizer nada. Revezes da guerra, baby, é só isso. Alguém

encontrou o laptop e o levou, já era, e você precisa se esconder antes que a van do departamento de trânsito apareça rodando por aqui.

Ele pensa nos olhinhos afiados de Dana Edison por trás dos óculos sem aro. Conseguiu passar por aqueles olhos uma vez e não quer correr o risco de dar uma segunda chance ao sujeito. Precisa chegar ao apartamento no porão da rua Pearson, e rápido.

Billy se levanta e corre para a entrada da viela. Vê alguns carros, mas não a van. Ele começa a virar à direita e para, impressionado e repugnado pela própria estupidez. Parece que o *eu burro* se tornou seu eu real. Ele estava prestes a seguir para a rua Pearson ainda de peruca, com a jaqueta dos Rolling Stones e a porra da calça de nylon. Seria como usar uma placa de néon dizendo OLHEM PRA MIM.

Ele corre de volta pela viela, tirando a peruca e a jaqueta no caminho. Atrás da caçamba de lixo novamente, ele solta o nó na cintura, empurra o elástico para baixo e tira a calça idiota. Ele se agacha e enrola tudo. Enfia a bolinha o mais fundo que consegue no meio dos pedaços sujos de papel de embalagem… e encosta em alguma coisa. É dura e fina. Poderia ser a aba de um boné?

É exatamente isso. Será que ele o empurrou tão fundo assim atrás da caçamba? Ele joga tudo de lado e enfia a mão mais fundo, apoiando o ombro na lateral enferrujada da caçamba, sentindo o cheiro sufocante de comida chinesa. Seus dedos esticados tocam em outra coisa. Já sabe o que é e não consegue acreditar. Ele se estica mais, a bochecha agora na lateral enferrujada da caçamba de lixo, e segura a alça da bolsa do laptop. Ele a puxa e olha para ela, sem acreditar. Poderia jurar que não tinha enfiado tão fundo, mas parece que sim. Ele diz para si mesmo que não é nem um pouco parecido com achar que jogou o telefone errado fora, nem um pouco, mas é.

Concordar em ficar tanto tempo na cidade foi um erro. O Monopoly foi um erro. Fazer um churrasco no quintal foi um erro. Acertar aqueles passarinhos de lata na galeria de tiro do parque de diversões? Um erro. Ter tempo de pensar e

agir como uma pessoa normal foi o maior erro de todos. Ele não é uma pessoa normal. É um assassino de aluguel, e, se não pensar como aquilo que é, nunca vai se safar.

Ele usa um pedaço relativamente limpo de papel de embalagem para limpar o boné e a bolsa do laptop. Pendura a alça no ombro e coloca o boné, que já esteve limpo e agora está imundo. Vai para a entrada da viela e olha para fora. Uma viatura da polícia aparece na esquina, com luzes e sirene ligadas. Billy recua até que ela passe. Depois, sai andando bruscamente na direção da rua Pearson e do prédio em frente à estação ferroviária demolida. Ele pensa em Faluja de novo, nas passagens intermináveis pelas ruas estreitas com o sapatinho de bebê batendo no quadril. Esperando a patrulha terminar. Querendo voltar para a relativa segurança da base, um quilômetro e meio para fora da cidade, onde haveria comida quente, futebol americano e talvez um filme sob as estrelas do deserto.

Nove quarteirões, ele diz para si mesmo. Nove quarteirões e você estará em casa, protegido. Nove quarteirões e a patrulha termina. Não haverá filme sob as estrelas, aquele era Billy Summers, mas Dalton Smith tem o YouTube e o iTunes em um dos seus computadores AllTech. Nada de violência, nada de explosões, só gente fazendo coisas bobas. E se beijando no final.

Nove quarteirões.

8

Ele já tinha percorrido sete desses quarteirões, e a parte mais moderna já estava para trás quando avistou uma van do departamento de trânsito em um cruzamento à frente. Billy acha que poderia ser qualquer van do DOP, são todas iguais, mas ela está indo devagar e quase parando no meio da avenida West antes de acelerar.

Billy se encolheu em uma soleira de porta. Como a van não volta, ele começa a andar de novo, sempre procurando um lugar à frente para se esconder caso ela volte. Se eles voltarem e o virem, é provável que ele morra. A coisa mais parecida com uma arma que ele tem é o molho de chaves. A não ser, claro, que Nick estivesse sendo correto com ele o tempo todo. Nesse caso, talvez só leve uma bronca, mas ele não tem intenção de descobrir. Seja como for, precisa seguir em frente caso queira chegar ao apartamento.

Ele para no cruzamento e olha na direção em que a van foi. Só vê alguns carros e um caminhão dos correios. Billy atravessa a rua trotando, a cabeça baixa, sem conseguir deixar de pensar na Rota 10 em Faluja, também conhecida como viela da bomba caseira.

Entra na Pearson, corre o quarteirão final e vê o prédio. Ele precisa atravessar a rua para chegar lá e sente uma coceira insana no ombro direito, como se alguém (seria Dana, claro) estivesse apontando a mira de uma pistola com silenciador para lá. O vento quase constante que sopra no terreno baldio cheio de lixo leva um cupom do jornal local até o tornozelo de Billy, fazendo-o dar um pulinho de surpresa.

Ele corre pelo caminho coberto de gelo até o número 658 e sobe a escada. Olha para trás procurando a van, certo de que a verá, mas a rua está deserta. As sirenes ficaram no passado, assim como o resto de sua vida como David Lockridge. Ele tenta uma chave, mas é a errada. Tenta outra e também é a errada.

Pensa no telefone que poderia ter perdido e no laptop que poderia ter perdido, da mesma forma que perdeu o sapatinho de bebê.

Calma, ele pensa. Essas são as chaves da rua Evergreen, vai com calma. Você está quase livre, em casa.

A chave seguinte abre a porta do saguão. Ele entra e a fecha. Olha por uma cortina de renda meio velha, talvez trabalho de Beverly Jensen. Não vê nada, não vê nada, vê um corvo pousar em destroços do outro lado da rua, vê o corvo levantar voo, não vê nada, vê um garoto em um triciclo com a mãe caminhando pacientemente ao lado, vê outra folha de jornal rodopiar rápido pela rua remendada, tem tempo de pensar na aliteração de *rodar rápido pela rua remendada* e então vê a van passando devagar. Billy fica imóvel. Ele consegue ver pela cortina de renda, embora Reggie, no banco do passageiro, não consiga ver lá dentro. Mas pode ser que repare num movimento repentino por trás da cortina de renda. Billy acha que o outro repararia.

A van continua. Billy espera que a luz de freio se acenda. Não se acende, e a van some. Ele não tem certeza de que está em segurança, mas acha que está. Espera. Desce a escada e entra no apartamento. Não é um lar, só um lugar onde se esconder, mas, por enquanto, está ótimo.

XI

1

A única janela do apartamento no porão está coberta por um pedaço de tecido vinho. Billy o empurra para o lado no trilho e se senta, pensando novamente que o apartamento parece um submarino, e a janela é o periscópio. Ele fica no sofá por quinze minutos, os braços cruzados sobre o peito, esperando a van voltar. Talvez ela até pare se Dana, que não é bobo nem nada, decidir que vale a pena dar uma olhada na casa. É improvável, considerando que há vários bairros decadentes em torno do centro da cidade, mas não impossível.

Billy está cada vez mais seguro de que, se eles o encontrarem, pretendem matá-lo.

Ele não tem nenhuma pistola, mesmo sabendo que teria sido fácil conseguir uma. Há venda de armas na região a torto e a direito, ao que parece. Não que ele fosse colocar o pé no tipo de prédio em que uma venda dessas aconteceria, considerando que poderia ter comprado uma confiável no estacionamento pagando em dinheiro vivo, sem perguntas. Uma coisa simples, uma calibre 32 ou 38 que pudesse ser escondida com facilidade. Não foi esquecimento, ele só não previu uma situação em que pudesse precisar de uma arma.

Se bem que, ele pensa, se você mudou o plano sem contar ao Nick, você devia ter previsto *alguma coisa*.

Caso eles voltem — por exemplo, se Reggie tiver achado que viu alguém olhando por trás da cortininha de renda —, o que Billy vai poder fazer? Quase

nada. Tem um facão na cozinha. E um garfo de carne. Melhor do que o molho de chaves. Ele poderia usar o garfo de carne no primeiro que entrasse, e ele sabe que seria Reggie. O mais fácil. Depois, Dana acabaria com ele.

Depois que quinze minutos se passaram e a van falsa do DOP não voltou, Billy decide que eles foram para outra parte da cidade, talvez verificar a casa da rua Evergreen, ou que voltaram para a McMansão para esperar novas ordens de Nick. Ele fecha a cortina, bloqueia a vista e olha para o relógio de pulso. São 10h40. Como o tempo passa quando a gente se diverte, ele pensa.

Os Canais 2 e 4 estão transmitindo a baboseira matinal de sempre, mas com notícias sobre o tiro e as explosões nas legendas no pé da tela. Quem está despejando as notícias mesmo é o Canal 6, que deixou de lado os programas matinais para entrar ao vivo do local. Eles têm material para isso porque alguém do departamento de notícias enviou uma equipe até o fórum para cobrir a audiência de Allen, e não para Cody quando o incêndio no armazém começou. Pode ter sido negligência ou pura preguiça; ninguém vira editor-chefe em uma cidadezinha fronteiriça do sul como Red Bluff sendo um Walter Cronkite, mas a pessoa no comando vai parecer bem sábia em retrospecto.

UM MORTO, NENHUMA NOTÍCIA DE FERIDOS NA CATÁSTROFE DO FÓRUM, diz o texto na base da tela. A correspondente de vestido escarlate ainda está trabalhando, mas agora na esquina da rua Main, porque a rua Court foi fechada. Aos olhos de Billy, parece que toda a força policial está lá, além de duas vans da perícia, uma delas da polícia estadual.

— Bill — diz a repórter, supostamente falando com o âncora no estúdio —, sei que vai haver uma coletiva de imprensa mais tarde, mas até agora não temos nenhuma declaração oficial. Mas estamos de olho no local e quero mostrar uma coisa que George Wilson, meu cameraman incrivelmente corajoso, viu alguns minutos atrás. George, pode mostrar de novo?

George vira a câmera, aponta-a para a Torre Gerard e fecha a imagem no quinto andar. Não há tremor nem no zoom máximo, e Billy não pode deixar de

admirar a técnica. O cameraman George se manteve firme quando a merda bateu no ventilador, foi capaz de manter a calma quando todo mundo ao redor dele a perdia, conseguiu imagens que sem dúvida serão transmitidas por todo o país e, graças aos olhos de águia, deve estar só um passo e meio atrás da polícia naquele momento. Ele poderia ter sido fuzileiro, Billy pensa. Talvez tenha sido. Só mais uma esponja de balas na guerra. Até onde eu sei, posso ter passado por ele na Ponte do Brooklyn ou me agachado ao lado dele no cemitério Jolan enquanto o vento soprava e a merda voava.

Os telespectadores do Canal 6, inclusive Billy, são brindados com a imagem de uma janela com um buraco de atirador. O brilho no vidro ajuda a ver melhor, como Dana disse que aconteceria.

— É quase certo que o tiro tenha vindo dali — diz a repórter —, e nós devemos saber em breve quem usava aquela sala. A polícia talvez já saiba.

A imagem volta para Bill, no estúdio. Ele está com uma expressão séria adequada.

— Andrea, nós vamos passar sua cobertura exclusiva de novo, para quem estiver sintonizando agora. É extraordinária.

Eles mostram o vídeo. Billy vê o SUV se aproximando com as luzes azuis acesas. A porta se abre e o xerife corpulento sai. Ele tem orelhas grandes, quase do tamanho das do Clark Gable. Elas parecem ancorar o chapéu ridículo. Andrea se aproxima com o microfone estendido. Os policiais do fórum se aproximam, mas o xerife levanta uma mão imperiosa para impedi-los, de modo que ela possa fazer a pergunta.

— Xerife, Joel Allen confessou o assassinato do sr. Houghton?

O xerife sorri. E fala com o sotaque mais sulista que Billy já ouviu.

— Nós não precisamos de confissão, sra. Braddock. Já temos tudo que precisamos para conseguir uma condenação. A justiça será feita. Pode contar com isso.

A repórter de vestido escarlate, Andrea Braddock, dá um passo para trás. George Wilson vira a câmera para a porta do SUV, que está sendo aberta. Joel Allen sai como um astro de cinema pisando para fora do trailer. Andrea Braddock se aproxima para fazer outra pergunta, mas recua obedientemente quando o xerife levanta a mão para ela.

Andrea, assim você nunca vai chegar a uma emissora grande, Billy pensa. Você tem que forçar a barra, garota.

Ele se inclina para a frente. Chegou o momento, e é fascinante vê-lo de outro ângulo, de outra perspectiva. Ele ouve o tiro, um som líquido e estalado. Não vê o dano que a bala provoca, o editor do Canal 6 borrou a imagem, mas vê o corpo de Allen voar e cair na escada. A imagem treme e aponta para baixo quando o cameraman George se agacha por reflexo, mas logo se firma de novo. Depois de filmar o corpo por um momento, a câmera se abre para o policial enorme, que está procurando a fonte do tiro.

De repente, *bum!* O estrondo vem da rua atrás do Sunspot Café. Ouvem-se gritos. Wilson vira seu olho mágico na direção de onde eles vêm e mostra pedestres correndo (Andrea Braddock entre eles, não tem como não ver aquele vestido escarlate) e a fumaça saindo do ponto entre o Sunspot e a agência de viagens ao lado. Andrea começa a voltar (e ela sobe no conceito de Billy por isso) quando o segundo dispositivo pirotécnico explode. Ela se encolhe, vira na direção do barulho, dá uma olhada e corre de volta para a posição inicial. Seu cabelo está desgrenhado, o microfone está pendurado pelo fio e ela está sem fôlego.

— Explosões — diz ela. — E uma pessoa foi baleada. — Ela engole em seco. — Joel Allen, que participaria de uma audiência pelo assassinato de James Houghton, *levou um tiro na escada do fórum!*

Tudo que ela tiver para dizer daí em diante será anticlimático, então Billy desliga a televisão. À noite, haverá entrevistas na rua Evergreen com as pessoas que ele conheceu em sua vida como Dave Lockridge. Ele não quer ver isso.

Jamal e Corinne não vão permitir que as câmeras cheguem perto dos filhos, mas ver os dois já vai ser ruim o bastante. E os Fazio. Os Peterson. Até Jane Kellogg, a viúva bêbada do fim da rua. A raiva deles já será ruim, a mágoa e a surpresa serão piores. Eles vão dizer que acharam que ele era legal. Vão dizer que acharam que ele era boa pessoa, e será que isso que ele está sentindo é vergonha?

— Claro — diz ele para o apartamento vazio. — Melhor do que nada.

Vai ajudar se Shan e Derek e as outras crianças descobrirem que o amigo jogador de Monopoly atirou num cara malvado? Seria bom pensar que sim, mas tem o fato de que o amigo jogador de Monopoly atirou no cara malvado de um lugar escondido. E na nuca.

2

Ele liga para Bucky Hanson e cai na caixa postal. É o que Billy espera, porque, quando CONTATO DESCONHECIDO aparece na tela (Bucky sabe que não deve adicionar Dalton Smith aos contatos), ele não vai atender, mesmo que esteja lá e que ache que é seu cliente ligando de uma cidade caipira na fronteira do sul.

— Me liga — diz Billy para a caixa postal de Bucky. — O mais rápido possível.

Ele anda pelo pequeno apartamento, o celular na mão. Ele toca em menos de um minuto. Bucky não perde tempo e não usa nomes. Nenhum dos dois usa. É uma precaução entranhada, mesmo que o telefone de Bucky seja seguro e o de Billy seja novo.

— Ele quer saber onde você está e o que aconteceu — diz Bucky.

— Eu fiz o serviço, foi isso que aconteceu. Ele só precisa ligar a televisão pra saber. — Billy toca em um dos bolsos de trás com a mão livre e sente uma lista de compras de Dave Lockridge. Ele tem a tendência de esquecê-las depois que termina as compras.

— Ele diz que vocês tinham um plano. Que estava tudo armado.

— Tenho certeza de que era armação mesmo.

Bucky fica em silêncio enquanto reflete sobre aquilo. Ele está naquele ramo há muito tempo, nunca foi pego e não é burro. Por fim, ele diz:

— Quanto de certeza?

— Vou saber quando o homem pagar o que falta. Ou quando não pagar. Ele pagou?

— Me dá um tempo. A coisa só aconteceu há duas horas.

Billy olha para o relógio na parede da cozinha.

— Está mais pra três, e quanto tempo demora pra fazer uma transferência? A gente vive na era dos computadores, caso você tenha esquecido. Verifica pra

mim.

— Espera um minuto. — Billy ouve o clique das teclas de computador a quase dois mil quilômetros ao norte do apartamento no porão. Bucky volta. — Nada ainda. Quer que eu faça contato? Tenho um endereço de e-mail. Que provavelmente vai para o parceiro gordo.

Billy pensa em Ken Hoff, desesperado e com cheiro de bebida no meio da manhã. Uma ponta solta. E ele, Billy Summers, é outra.

— Ainda está aí? — pergunta Bucky.

— Espera até umas três horas e verifica de novo.

— E se não estiver lá, eu mando o e-mail?

Ele tem o direito de perguntar. Cento e cinquenta mil do pagamento de um milhão e meio de Billy pertencem a Bucky. É um valor considerável, sem dedução de impostos, mas tem um porém. Não dá para gastar dinheiro estando morto.

— Você tem família? — Em todos os anos que trabalhou com Bucky, essa é uma pergunta que Billy nunca fez. Ora, tem cinco anos que ele não vê o sujeito pessoalmente. A relação deles é estritamente profissional.

Bucky não parece surpreso com a mudança de assunto. Porque ele sabe que o assunto não mudou. Ele é o único elo entre Billy Summers e Dalton Smith.

— Duas ex-mulheres, sem filhos. Eu me separei da última doze anos atrás. Às vezes, ela me manda um cartão postal.

— Eu acho que você precisa sair da cidade. Acho que você precisa pegar um táxi para o aeroporto de Newark assim que desligar.

— Obrigado pelo conselho. — Bucky não parece estar com raiva. Parece resignado. — E também por foder magnificamente a minha vida.

— Vai valer a pena. O cara me deve 1,5 K. Você vai ficar com um.

Desta vez, Billy interpreta o silêncio como surpresa. Bucky pergunta:

— Tem certeza de que está falando sério?

— Tenho. — Ele tem mesmo. Até se sente tentado a prometer a porra toda para Bucky, porque o dinheiro não interessa mais a ele.

— Se você estiver certo sobre a situação, pode estar me prometendo uma coisa que seu empregador não pretende dar. Talvez nunca tenha pretendido.

Billy pensa de novo em Ken Hoff, que quase poderia ter OTÁRIO tatuado na testa. Será que Nick pensou o mesmo de Billy? A ideia o deixa com raiva, e ele recebe o sentimento de braços abertos. É muito melhor do que sentir vergonha.

— Ele vai pagar. Vou garantir que pague. Enquanto isso, você precisa subir a colina e ir pra longe. E viajar com um nome diferente.

Bucky ri.

— Não venha ensinar o padre a rezar missa, garoto. Eu tenho um lugar.

— Vou querer que você mande uma mensagem pelo e-mail. Escreve aí — diz Billy.

Uma pausa.

— Pode falar.

— Meu cliente fez o serviço e desapareceu por conta própria, ponto. Ele é Houdini, lembra, interrogação. Transfira o dinheiro até a meia-noite, ponto.

— Só isso?

— Só.

— Vou te mandar uma mensagem de texto quando tiver resposta, tá?

— Tá.

3

Ele está com fome, e com motivo. Não comeu nada além de uma torrada pura, e isso já tem tempo. Tem um pacote de carne moída na geladeira. Ele abre a embalagem de plástico e cheira a carne. Parece boa, então coloca uns duzentos gramas em uma frigideira com um pouco de margarina. Enquanto está na frente do fogão, separando os blocos de carne e mexendo na frigideira, sua mão vai de novo até a lista de compras no bolso de trás. Ele a pega e vê que não é uma lista. É o desenho de Shan com o flamingo rosa, antes Freddy e agora Dave, embora Billy ache que não vá continuar se chamando Dave por muito tempo. Está dobrado, mas ele vê as sombras do giz de cera vermelho dos corações que sobem da cabeça do flamingo até a dela. Não desdobra o desenho, só o enfia de volta no bolso.

Ele juntou suprimentos para sua estada, e o armário ao lado do fogão está cheio de enlatados: sopa, atum, ensopado de carne Dinty Moore, apresuntado, espaguete. Pega uma lata de molho Manwich e joga o conteúdo por cima da carne quente, *splash*. Quando começa a borbulhar, enfia duas fatias de pão de forma na torradeira. Enquanto espera que fiquem prontas, pega o desenho de Shan no bolso. Desta vez, ele o desdobra. Tenho que me livrar disto, ele pensa. Rasgar, jogar na privada. Mas dobra o desenho e guarda-o no bolso de novo.

Billy ouve o barulho da alavanca da torradeira. Ele coloca as fatias de pão num prato e a carne com molho por cima. Pega uma Coca e se senta à mesa. Come o que tem no prato e volta para pegar o resto. Acaba comendo tudo. Ele bebe a Coca. Depois, ao lavar a frigideira, sente seu estômago embrulhar e começa a fazer um som engasgado. Corre para o banheiro, ajoelha-se na frente da privada e vomita até botar tudo para fora.

Dá descarga, limpa a boca com papel higiênico, dá descarga de novo. Bebe água, vai até a janela-periscópio e olha para a rua. Está vazia. A calçada também. Ele acha que costuma ser assim na rua Pearson. Não há nada lá para se ver além

do terreno baldio e das placas (PROIBIDA A ENTRADA, PROPRIEDADE DA CIDADE, PERIGO, NÃO ENTRE) protegendo as ruínas de tijolos da estação de trem. O carrinho de compras abandonado desapareceu, mas a cueca masculina ainda está lá, agora presa no mato. Um Honda velho passa. Depois, um Ford Pinto. Billy não acreditaria que esse modelo ainda existe por aí. Uma picape. Nada de van da cidade.

Billy fecha a cortina, se deita no sofá, fecha os olhos e adormece. Não tem sonhos, pelo menos não que ele consiga lembrar.

4

O celular o acorda. É o toque de ligação. Bucky deve ter notícias detalhadas demais para escrever em uma mensagem de texto. Só que não é Bucky. É Bev Jensen, e desta vez ela não está rindo. Desta vez ela está… o quê? Não chorando, não exatamente, parece o som que um bebê faz quando está infeliz. Choramingando.

— Ah, oi — diz ela. — Espero que eu não esteja… — ela solta um pigarro úmido — … incomodando você.

— Não — diz Billy, sentando-se. — Nem um pouco. O que houve?

Nesse momento, a lamúria cresce e se transforma em soluços altos.

— A minha mãe morreu, Dalton! De verdade!

Porra, Billy pensa, disso eu já sei. E ele sabe outra coisa. Ela ligou para ele bêbada.

— Eu sinto muito pela sua perda. — Em seu estado atordoado, isso é o melhor que ele consegue.

— Eu liguei porque não queria que você achasse que eu sou uma pessoa horrível. Que ri e segue com a vida e planeja um cruzeiro.

— Vocês não vão mais? — Ele fica decepcionado; estava ansioso para ter a casa toda para si.

— Ah, acho que vamos. — Ela funga de um jeito moroso. — Don quer, e acho que eu também. Nós tivemos uma lua de mel curta em Cape San Blas, fica no que chamam de Redneck Riviera, mas não viajamos pra nenhum lugar depois disso. Eu só… não queria que você pensasse que eu estava dançando no túmulo da minha mãe nem nada.

— Eu não pensei isso — diz Billy. E é verdade. — Você teve um golpe de sorte e ficou animada. É perfeitamente natural.

Ao ouvir isso, ela perde o controle completamente, chora e ofega e funga e parece que está quase se afogando.

— Obrigada, Dalton. — A palavra que sai é *Dallon*, como o marido dela falou no dia anterior. — Obrigada por entender.

— Claro. Talvez seja bom você tomar umas aspirinas e se deitar um pouco.

— Acho que é uma boa ideia.

— Claro. — Há um *bing* baixo. Deve ser Bucky. — Então, tcha…

— Está tudo bem aí?

Não, Billy pensa. A situação está foda, Bev, obrigado por perguntar.

— Está tudo bem.

— Eu também não quis dizer aquilo sobre as plantas. Eu me sentiria péssima se voltasse e encontrasse Daphne e Walter mortos.

— Eu vou cuidar bem deles.

— Obrigada. Muito, muito, *muito* obrigada.

— De nada. Eu tenho que ir, Bev.

— Tudo bem, Dallon. E muito, muito, muito obrig…

— A gente se fala — diz ele e encerra a ligação.

A mensagem de texto é de um dos muitos codinomes usados por Bucky. É curta.

bigpapi982: Nada de transferência ainda. Ele quer saber onde você está.

Billy responde usando um dos seus codinomes.

DizDiz77: Foda-se o que ele quer.

5

Ele faz ovos mexidos e esquenta uma sopa de tomate para o jantar, e desta vez consegue manter a comida no estômago. Quando termina, liga no noticiário das seis da afiliada da NBC porque não quer e nem precisa ver o vídeo do Canal 6 de novo. Depois de uma propaganda da Liberty Insurance, aparece uma foto sua. Ele está no quintal da rua Evergreen, com um sorriso no rosto e um avental que diz NÃO SOU SÓ UM OBJETO SEXUAL, EU SEI COZINHAR! As pessoas ao fundo estão com os rostos borrados, mas Billy reconhece todos. Eram seus vizinhos. A foto foi tirada no churrasco que ele fez para o pessoal da rua, e ele acha que é de Diane Fazio porque ela está sempre tirando fotos, seja com o celular ou com a pequena Nikon. Ele repara que a grama (ainda pensa nela como sendo sua) está linda.

A legenda embaixo da foto diz QUEM É DAVID LOCKRIDGE? Ele tem quase certeza de que a polícia já sabe. As buscas de digitais por computador são velozes hoje em dia, e as dele estão no sistema desde a época dos fuzileiros.

— Este é o homem que a polícia acredita ser responsável pelo assassinato a sangue-frio de Joel Allen na escada do fórum — diz um dos dois âncoras. É o que parece um banqueiro.

A outra âncora, a que parece modelo de revista, continua a narrativa.

— As motivações dele ainda são um mistério, assim como seu método de fuga. Mas a polícia tem uma certeza: ele teve ajuda.

Não tive, Billy pensa. Me ofereceram e eu recusei.

— Segundos depois do tiro — diz o âncora banqueiro —, houve duas explosões, uma do outro lado da rua em relação ao atirador, na Torre Gerard, e a outra atrás de um prédio na esquina das ruas Main e Court. De acordo com a chefe de polícia Lauren Conlee, não foram dispositivos explosivos intensos, mas

sim para provocar um estrondo, do tipo usado em shows de fogos e por algumas bandas de rock.

A âncora modelo de revista continua. O motivo de ficar trocando de um para o outro assim, Billy não sabe. É um mistério.

— Larry Thompson está no local, ou o mais perto que dá para chegar, porque a rua Court ainda está fechada. Larry?

— Isso mesmo, Nora — diz Larry, como se estivesse confirmando que é mesmo Larry. Atrás dele há uma fita amarela da polícia, e em volta do fórum as luzes de meia dúzia de viaturas da polícia ainda estão piscando. — A polícia está trabalhando agora com a hipótese de que foi um ato da máfia cuidadosamente planejado.

Na mosca, Billy pensa.

— Na coletiva de imprensa de hoje, a chefe Conlee revelou que o suspeito de ser o atirador, David Lockridge, provavelmente um nome falso, estava no local desde o começo do verão, usando uma história de cobertura ímpar. O que ela disse foi o seguinte.

No lugar de Larry Thompson aparece um clipe da coletiva de imprensa da chefe de polícia. O xerife Vickery, o do chapéu de caubói ridículo, não está presente. Conlee começa com a história de que o atirador (ela não se dá ao trabalho de chamá-lo de suspeito) fingiu estar escrevendo um livro, e Billy desliga a televisão.

Algo o está atormentando.

6

Meia hora depois, enquanto está no apartamento dos Jensen no segundo andar, borrifando água em Daphne e Walter, Billy toma uma decisão. Não pretendia sair do apartamento no porão no dia do disparo, tinha até planejado ficar lá por vários dias, talvez até uma semana, mas as coisas mudaram, e não para melhor. Tem algo que ele precisa saber, e Bucky não pode ajudar. Bucky fez o trabalho dele e, se for inteligente, estará em um avião saindo da zona de perigo. Se houver perigo, claro. Billy ainda não tem certeza de que não está só fugindo de sombras, mas precisa descobrir.

Ele desce a escada e coloca o disfarce de Dalton Smith, desta vez inflando a barriga de grávida quase completamente e sem esquecer os óculos com lentes de vidro, que estavam esperando na estante da sala com seu exemplar de *Thérèse Raquin*. Está escurecendo, e isso funciona a seu favor. O Zoney's fica relativamente perto, e isso também funciona a seu favor. O que não funciona a seu favor é a possibilidade de os rapazes de Nick ainda estarem vistoriando as ruas, Frankie Elvis e Paul Logan em um veículo, Reggie e Dana em outro, e esta noite não vai ser na van.

Mas Billy acha que é um risco que vale a pena correr, porque vão acreditar que ele já está escondido. Podem até achar que ele saiu da cidade. Mesmo que passassem por ele, o disfarce de Dalton Smith deve funcionar. É o que ele espera.

Ele decide que precisa de um telefone descartável, afinal, e não se tortura por ter jogado fora um perfeito naquela manhã. Só Deus consegue prever tudo, e aquilo não está no mesmo nível de estupidez de quase sair da viela usando a roupa de Colin White. Em um trabalho como o de Billy (um trabalho sujo, para não ser específico demais), você faz um plano e espera que as coisas que você não previu não apareçam para te dar uma rasteira. Nem para te colocar em uma salinha verde com uma agulha enfiada no braço.

Eu não posso ser descoberto, ele pensa. Se eu for, aquelas porras de plantas vão morrer.

Tudo no triste shoppingzinho a céu aberto está fechado, exceto a loja de conveniência Zoney's, e a Unhas Chiques nunca vai reabrir. As janelas estão cobertas e um termo legal de falência foi colado por dentro da porta.

Dois caras hispânicos olhando a geladeira de cervejas são os únicos clientes. Há uma pilha de Fastfones entre o display de energéticos e o que oferece cinquenta variedades de bolinhos. Billy pega um celular e o leva até o caixa. A mulher que foi assaltada, Wanda alguma coisa, não está atrás do balcão. Quem está é um sujeito com cara de ser do Oriente Médio.

— Só isso?

— Só isso. — Como Dalton Smith, ele tenta falar com um registro mais elevado. É outra forma de lembrar a si mesmo quem deveria ser.

O funcionário passa o produto pela registradora. O total fica em pouco menos de oitenta e quatro dólares, com cento e vinte minutos de uso. Teria sido uns trinta dólares a menos no Walmart, mas a cavalo dado não se olham os dentes. Além do mais, no Walmart há a preocupação com reconhecimento facial. Tem em toda parte agora. Aquele lugar ali tem câmeras de vídeo, mas Billy aposta que eles reciclam as filmagens a cada doze ou vinte e quatro horas. Ele paga em dinheiro. Quando você está fugindo ou se escondendo, o dinheiro vivo é a lei. O atendente lhe deseja uma boa noite. Billy deseja o mesmo.

Agora está bem escuro, os poucos carros que ele vê estão com faróis acesos, e ele não consegue enxergar quem está dirigindo. Sente uma vontade, ou talvez seja um instinto, de baixar a cabeça cada vez que um se aproxima, mas isso pareceria furtivo. Também não pode descer a aba do boné porque não está usando um. Quer que a peruca loura faça o serviço. Ele não é Billy Summers, o homem que a polícia e os valentões de Nick estão procurando. Ele é Dalton Smith, um técnico de informática que mora no lado pobre da cidade e precisa ficar empurrando os óculos de aro de chifre pelo nariz. Está acima do peso de tanto comer Doritos e bolinhos Little Debbie na frente de uma tela de

computador e, se ganhar mais dez ou quinze quilos, sua caminhada será em um passo trôpego.

É um bom disfarce, nada exagerado, mas ele dá um suspiro de alívio quando fecha a porta do saguão no número 658. Desce a escada, apaga a luz e abre a cortina da janela-periscópio. Não há ninguém lá fora. A rua está deserta. Claro que, se ele tiver sido visto, eles (é em Reggie e Dana que está pensando, não em Frankie e Paulie e nem na polícia) podem estar vindo por trás, mas não faz sentido se preocupar com o que não dá para controlar. Essa é apenas uma boa forma de enlouquecer.

Billy fecha a cortina estreita, acende a luz novamente e se senta na única poltrona da sala. É feia, mas, como muitas coisas feias da vida, é confortável. Coloca o celular na mesa de centro e olha para ele, perguntando-se se está pensando direito ou só se entregando à paranoia. De muitas formas, a paranoia seria melhor. Hora de descobrir.

Ele tira o celular da caixa, coloca a bateria e enfia o plugue na tomada para carregar. Diferente do pré-pago anterior, aquele é um celular de flip. É meio antiquado, mas Billy gosta. Com o flip, se você não gosta do que estão dizendo, dá para desligar na cara da pessoa fechando o celular. Pode ser infantil, mas é estranhamente satisfatório. Não demora para carregar. Graças a Steve Jobs, que ficou puto ao não poder usar um aparelho assim que o tirou da caixa, os dispositivos prontos para uso, como aquele, já vinham com cinquenta por cento de carga.

O celular quer saber que idioma ele prefere. Billy diz que é inglês. Pergunta se ele quer usar uma rede sem fio. Billy diz que não. Ele aciona os minutos pelos quais pagou e faz a ligação necessária para o quartel-general da Fastfone para terminar a transação. Seus minutos valem por três meses. Billy espera estar em alguma praia até lá, e que o único celular com ele seja o que acompanha seus cartões de crédito do Dalton Smith.

São e salvo. Seria ótimo.

Ele joga o celular de uma mão para a outra, pensando no dia em que Frank

Macintosh e Paul Logan o levaram para a casa em Midwood, um trajeto que ele agora deseja nunca ter feito. Nick estava lá para recebê-lo, mas não do lado de fora. Billy pensa na sua primeira visita à McMansão alugada, com Nick o recebendo outra vez de braços abertos, mas novamente não do lado de fora. Em seguida, pensa na noite em que Nick contou sobre os dispositivos pirotécnicos e falou sobre o plano de fuga: *É só entrar na parte de trás da van, Billy, relaxar e pegar uma carona até Wisconsin.* Teve champanhe no começo e Baked Alaska no fim. Uma dupla de funcionários, provavelmente um casal da região, preparou e serviu a refeição. Os dois viram Nick, mas, até onde sabiam, ele era um empresário de Nova York que estava lá fazendo algum tipo de negócio. Ele deu dinheiro para a mulher, e eles foram embora.

Ele passa o celular pré-pago de uma mão para a outra. Da direita para a esquerda, da esquerda para a direita.

Eu perguntei a Nick se Hoff prepararia os dispositivos pirotécnicos, Billy pensa, e o que ele disse? Como ele o chamou? Um *grande figlio di puttana*, não foi? O que queria dizer filho da mãe, filho da puta. A tradução exata não importava. O que importava era o que Nick dissera em seguida: *Eu ficaria triste se você pensasse isso de mim.*

Porque o *grande figlio di puttana* era o bode expiatório escolhido. Era Hoff o dono do prédio do qual o tiro fora disparado. Foi Hoff que encontrou Billy na casa amarela em Midwood e cujo nome devia estar no aluguel. Foi Hoff que conseguiu a arma, e agora que a polícia a tinha, já estaria tentando rastreá-la até o ponto de venda. E, se conseguissem descobrir, ou melhor, *quando* conseguissem descobrir, o que encontrariam? Provavelmente um codinome, se Hoff tivesse o mínimo de bom senso, mas, se a polícia mostrasse a foto de Hoff para o vendedor, era o fim da farsa. Ken acabaria em uma salinha abafada de interrogatório, disposto a fazer um acordo, *ansioso* para fazer um acordo, porque ele acredita que é o que faz de melhor.

Só que Billy está seguro de que Ken Hoff nunca vai para a tal salinha. Ele nunca vai falar sobre Nikolai Majarian porque vai estar morto.

Billy chegou a esse ponto semanas antes, mas o noticiário das seis fez com que ele concluísse que devia ter chegado bem antes, e talvez tivesse chegado se tivesse passado menos tempo jogando Monopoly com as crianças da rua Evergreen e cuidando do gramado e comendo os biscoitos de Corinne e socializando com os vizinhos. Mesmo agora, o que ele está pensando parece impossível, mas a lógica é inegável.

Ken Hoff e David Lockridge não eram os únicos que estavam na linha de frente.

Eram?

7

Billy manda uma mensagem de texto para Giorgio Piglielli, também conhecido como Georgie Pig, também conhecido como George Russo, o grande agente literário. Usa um codinome que sabe que Giorgio vai reconhecer.

Trilby: Me responde.

Ele espera. Não há resposta, e isso é uma merda, porque tem duas coisas que Giorgio sempre deixa à mão: o celular e alguma coisa para comer. Billy tenta de novo.

Trilby: Eu preciso falar com você agora. Billy pensa e acrescenta: **O contrato especificava pagamento no dia da publicação, não era?**

Não há pontinhos que indiquem que Giorgio está lendo suas mensagens e digitando uma resposta. Nada.

Trilby: Me responde.

Nada.

Billy fecha o celular e o coloca na mesa de centro. A pior coisa do silêncio de Giorgio é que ele não está surpreso. Existe mesmo um *eu burro*, ao que parece, e o que ele não reparou até o serviço estar feito e ser tarde demais para voltar atrás é que Giorgio estava na linha de frente junto com Ken Hoff. Giorgio estava com Hoff quando eles entraram na Torre Gerard para mostrar a Billy o escritório no quinto andar. E não foi a primeira visita de Giorgio ao prédio. *Este é o George Russo, vocês se conheceram semana passada*, Hoff dissera para Irv Dean, o segurança.

Será que Giorgio está de volta a Nevada? Se sim, será que está comendo e bebendo milk-shake em Vegas ou enterrado em algum lugar no deserto das redondezas? Deus sabe que ele não seria o primeiro. Nem o centésimo.

Vão rastrear Giorgio até Nick mesmo que ele esteja morto, Billy pensa. Os dois formam uma equipe desde sempre, Nick no comando e Georgie Pig como seu *consigliere*. Billy não sabe se é assim que chamam mesmo os caras como

Georgie ou se é apenas uma coisa do cinema, mas é isso que o sujeito gordo sempre foi para Nick: seu braço direito.

Só que não desde sempre, porque a primeira vez que Billy trabalhou para Nick (a terceira vez que ele matou um homem por dinheiro) foi em 2008, e Giorgio ainda não estava lá. Nick cuidou de tudo sozinho. Ele disse para Billy que havia um estuprador trabalhando em algumas boates e cassinos menores nos arredores da cidade. O estuprador gostava de mulheres mais velhas, gostava de machucá-las e acabou exagerando e matou uma. Nick descobriu quem ele era e queria que um profissional de fora da cidade cuidasse do cara. Billy tinha sido bem recomendado, ele dissera. Muito.

Quando Billy foi a Las Vegas pela segunda vez, Giorgio não só estava lá como cuidou da negociação. Nick chegou enquanto eles estavam conversando, deu um abraço em Billy com alguns tapinhas nas costas e se sentou num canto para beber e ouvir. Até o finzinho. Aquele segundo serviço foi menos de um ano depois do primeiro, do estuprador. Giorgio disse que o alvo daquela vez era um produtor independente de filmes pornô chamado Karl Trilby. Ele mostrou a Billy uma foto do homem, que tinha uma semelhança bizarra com Oral Roberts.

— Trilby, igual aquele estilo de chapéu — disse Giorgio, e explicou melhor quando Billy fingiu não saber do que ele estava falando.

— Eu não atiro em pessoas só porque elas fazem filmes de gente fodendo — disse ele.

— E em pessoas que fazem filmes de homens fodendo com crianças de seis anos? — disse Nick, e então Billy fez o serviço porque Karl Trilby era uma pessoa ruim.

Billy fez mais três serviços para Nick, cinco ao todo, sem contar Allen. Ou seja, quase um terço do seu total. Excluindo as dezenas de *hajis* no Iraque, claro. Às vezes, Nick estava presente quando a proposta era feita, às vezes não, mas Giorgio sempre estava, então o fato de ele estar por ali no serviço Allen em pelo menos parte do tempo não pareceu estranho. Mas deveria. Só agora ele percebe que foi *muito* estranho.

Nick pode negar enquanto Giorgio ficar calado. Pode dizer: é claro que eu conheço o cara, mas, se ele fez isso, foi coisa dele. Eu não sabia de nada. Mesmo que o cozinheiro e a mulher que serviu a refeição no primeiro jantar o colocassem com Giorgio e Billy, o que é improvável, Nick pode dar de ombros e dizer que estava lá para conversar com Giorgio sobre coisas do cassino, a licença do Double Domino estava chegando perto de ser renovada. E o outro cara? Até onde Nick sabe, ele é só um amigo do Giorgio. Talvez um guarda-costas. Sujeito calado. Disse que se chamava Lockridge, mas, fora isso, não disse muita coisa.

Quando a polícia perguntar onde Nick estava quando Allen levou o tiro, ele pode dizer que estava em Vegas e chamar muitas testemunhas para confirmar o álibi. Além das imagens de segurança do cassino. As de lá não são recicladas a cada doze ou vinte e quatro horas; esse tipo de coisa fica arquivada por pelo menos um ano.

Se Giorgio ficar calado. Mas ele seguiria aquela merda de código de honra se fosse *ele* sendo extraditado? Se *ele* estivesse enfrentando a possibilidade de uma injeção letal por ser cúmplice de homicídio qualificado?

Georgie não pode falar se estiver a sete palmos no deserto, Billy pensa. É a grande regra em assuntos daquele tipo.

Ele para de jogar o celular de uma mão para a outra e manda outra mensagem para Giorgio. Não há resposta. Ele poderia tentar enviar uma mensagem ou ligar para Nick, mas, mesmo que conseguisse falar, será que dava para confiar no que Nick dissesse? Não. A única coisa em que Billy pode confiar é em um milhão e meio transferido para sua conta no exterior, depois transferida de novo por malabarismo eletrônico para uma conta que Dalton Smith possa acessar. Bucky cuidaria dessa parte quando chegasse ao lugar para onde decidiu ir, mas só se o dinheiro estivesse lá para ser transferido.

Naquela noite, não há mais nada que Billy possa fazer, então ele vai para a cama. Não são nem 21h, mas o dia foi longo.

8

Ele fica deitado com as mãos embaixo do travesseiro, naquele bolsão frio efêmero, pensando que não está fazendo sentido. Não tem como.

Ken Hoff, sim, tudo bem. Existe uma raça de espertinhos de cidade pequena que acredita que, mesmo na merda mais funda, sempre vai ter alguém para jogar uma corda para ele. São sujeitos proativos, de sorriso largo e aperto de mão firme, com camisas polo Izod e mocassins Bally que poderiam vir com *otimista autocentrado* carimbado na certidão de nascimento. Mas Giorgio Piglielli é diferente. Vai morrer de tanto comer, claro, mas, até onde Billy sabe, na maioria dos outros aspectos, ele é um realista frio e calculista. Só que ele está envolvido nessa história toda. Por quê?

Billy deixa isso tudo de lado. Cai no sono e sonha com o deserto. Mas não o da guerra, onde tudo tem cheiro de pólvora, bode, petróleo e escapamento. O da Austrália. Há uma pedra enorme lá, Ayers Rock é como chamam, mas o nome verdadeiro é Uluru, uma palavra sinistra só de falar, que parece vento nas calhas. Um lugar sagrado para os aborígenes, que a viram primeiro. Viram, idolatraram, mas nunca presumiram que fossem donos dela. Eles entendem que, se Deus existe, a pedra é de Deus. Billy nunca foi lá, mas viu imagens em filmes como *Um grito no escuro* e em revistas como a *National Geographic* e a *Travel*. Ele gostaria de ir, até já fantasiou em se mudar para Alice Springs, que fica a quatro horas de carro de Uluru, onde a pedra exibe sua forma improvável. Em morar lá tranquilamente. Em escrever, talvez, em uma sala cheia de luz do sol com um jardinzinho do lado de fora.

Os dois celulares estão na mesa de cabeceira ao lado da cama. Ele os desligou, mas, quando acorda precisando esvaziar a bexiga, por volta das três da madrugada, Billy toca no botão de ligar de cada um para ver se tem alguma coisa. Não tem nada de Giorgio no pré-pago, o que não o surpreende. Ele não espera mais ter notícias do sujeito, embora ache que num mundo em que um

golpista pode ser eleito presidente, tudo é possível. Mas tem uma mensagem no celular de Dalton Smith. É uma notificação do jornal. *Empresário proeminente comete suicídio.*

Billy usa o banheiro, senta-se na cama e lê o artigo. É curto. O empresário proeminente é Kenneth P. Hoff, claro. Um dos vizinhos dele em Green Hills estava correndo e ouviu um tiro que pareceu ter vindo da garagem de Hoff. Isso foi por volta das sete da noite. O vizinho chamou a polícia. A polícia chegou e encontrou Hoff morto atrás do volante do carro, que estava ligado. Havia um buraco de bala na cabeça dele e um revólver no colo.

Vai haver um artigo mais longo e detalhado mais tarde ou no dia seguinte. Vai recapitular a carreira empresarial de Hoff. Vai trazer as citações de sempre dos amigos e parceiros de negócios chocados. Vai haver referências a "problemas financeiros", mas sem detalhes, porque outras pessoas poderosas, ainda vivas, não gostariam disso. As ex-esposas vão dizer coisas mais positivas sobre ele do que disseram aos advogados de divórcio, e no enterro vão aparecer de preto e secar os olhos com lenços de papel… com cuidado, para proteger a maquiagem. Billy não sabe se o jornal vai dizer que o carro em que ele foi encontrado era um Mustang vermelho conversível, mas ele tem certeza de que era.

A ligação de Hoff com o tiro em Allen, o motivo correto de seu suicídio, vai aparecer depois.

O artigo não vai divulgar a provável suposição do legista de que o homem deprimido decidiu se matar por inalação de monóxido de carbono, ficou impaciente e deu um tiro nos miolos. Billy sabe que não foi assim. A única coisa que ele não sabe é qual dos valentões de Nick deu o tiro. Pode ter sido Frank ou Paulie ou Reggie ou alguém que ele nem conhece, talvez importado da Flórida ou de Atlanta, mas é difícil para Billy imaginar qualquer pessoa além de Dana Edison, com os olhos azuis intensos e o coque samurai ruivo.

Ele teria levado Hoff até a garagem sob a mira da arma? Talvez nem tenha precisado, talvez só tenha dito que eles iam se sentar no carro e conversar sobre como a situação seria resolvida, e a favor de Hoff. Um otimista egocêntrico e

bode expiatório escolhido a dedo talvez acreditasse nisso. Ele se senta atrás do volante. Dana se senta no banco do passageiro. Ken pergunta *qual é o plano*? Dana responde *é este* e dá um tiro nele. Em seguida, liga o motor, sai pela porta dos fundos e vai embora silenciosamente num carrinho de golfe. Porque Green Hills é isso, um campo de golfe com residências.

Talvez não tenha sido exatamente assim e talvez não tenha sido Edison, mas Billy tem quase certeza de que construiu a imagem certa com pinceladas amplas. E então só resta Giorgio, a última peça do trabalho não concluído.

Bem, não, Billy pensa. Tem eu.

Ele se deita de novo, mas o sono foge desta vez. Em parte por causa da forma como a casa de três andares estala. O vento está mais forte, e sem a estação ferroviária para bloqueá-lo, ele atravessa o terreno baldio e a rua Pearson. Cada vez que Billy começa a pegar no sono, o vento uiva nas calhas, dizendo *Uluru, Uluru*. Ou ele ouve outro estalo que parece um passo numa tábua solta.

Billy diz para si mesmo que tudo bem ter um pouco de insônia, ele pode dormir o dia inteiro amanhã se quiser, não vai a lugar nenhum por um tempo, mas as horas da madrugada são tão compridas. Tem coisas demais para imaginar, e nenhuma delas é boa.

Ele pensa em se levantar e ler. Não tem nenhum livro de verdade fora *Thérèse Raquin*, mas ele pode baixar algum no laptop e ler na cama até ficar com sono.

Outra ideia lhe ocorre. Talvez não seja uma boa ideia, mas vai ajudá-lo a dormir. Tem certeza disso. Billy se levanta e tira o desenho de Shan do bolso. Desdobra-o. Olha para a garota sorridente com fitas vermelhas no cabelo. Olha para os corações subindo da cabeça do flamingo. Lembra-se de Shan pegando no sono ao lado dele na sétima entrada do jogo de beisebol. A cabeça em seu braço. Billy coloca o desenho na mesa de cabeceira junto dos dois celulares e logo pega no sono.

XII

1

Billy acorda desorientado. O quarto está completamente escuro, nem um raio de luz entrando em volta da persiana da janela que dá para o quintal. Por um momento, ele só fica deitado, ainda meio dormindo, e lembra que não tem janela, não naquele quarto. A única janela ali é a da sala nova. A que ele chama de periscópio. Ele não está no quarto grande no segundo andar da rua Evergreen, e sim no quarto bem menor no porão da rua Pearson. Ele lembra que é um fugitivo.

Pega o suco de laranja na geladeira, só um gole ou dois para não acabar logo, e toma um banho para tirar o suor do dia anterior. Ele se veste, coloca leite numa tigela cheia de cereal Alpha-Bits e liga no noticiário das seis da manhã.

A primeira coisa que vê é Giorgio Piglielli. Não uma foto, mas um retrato falado que poderia muito bem ser uma foto, de tão bom que é. Billy sabe na mesma hora quem trabalhou com o artista da polícia. Irv Dean, o segurança da Torre Gerard, é ex-policial, e parece que sua capacidade de observação continua intacta, ao menos quando ele não está lendo a *Motor Trend* ou examinando peitos e bundas na edição de praia da *Sports Illustrated.* A notícia não fala nada sobre Ken Hoff. Se a polícia o conectou ao disparo em Allen, não contou para a imprensa. Pelo menos ainda não.

A loura animada da previsão do tempo dá uma atualização rápida e fala que vai fazer um frio incomum para aquela época do ano. Ela promete uma previsão

mais detalhada depois e entrega a palavra à loura animada do trânsito, que avisa que os motoristas devem esperar um trajeto lento naquela manhã “por causa do aumento de presença policial”.

Isso significa que haverão bloqueios nas estradas. A polícia está supondo que o atirador ainda está na cidade, o que é uma suposição correta. Também estão supondo que o homem gordo que se apresentou como George Russo também está na cidade. Billy sabe que essa suposição é incorreta. Seu antigo agente literário está em Nevada, possivelmente debaixo da terra, com seu volume considerável já começando a se decompor.

Depois de uma propaganda da Chevrolet, o âncora retorna com um detetive aposentado da polícia. Pede que ele especule sobre as possíveis motivações para o assassinato de Joel Allen. O detetive aposentado diz:

— Só vejo uma. Alguém queria que ele calasse a boca antes de poder trocar informações por uma redução de sentença.

— Que tipo de redução de sentença ele poderia esperar? — pergunta uma das âncoras. É uma morena animada. Como é que pode serem todas tão animadas tão cedo? Estão sob o efeito de drogas?

— Prisão perpétua no lugar da injeção letal — responde o detetive, sem nem precisar pensar.

Billy também tem certeza de que isso está certo. As únicas questões que restam são o que Allen sabia e por que o assassinato tinha que ser tão público. Como aviso para outros que poderiam compartilhar a mesma informação de Allen? Normalmente, Billy não se importaria. Normalmente, ele é apenas o mecânico. Só que nada na situação em que ele está agora é normal.

Os âncoras passam a palavra para um repórter que está entrevistando John Colton, um dos Jovens Advogados, e Billy não quer ver isso. Uma semana antes, ele, Johnny e Jim Albright estavam comparando moedas de vinte e cinco centavos para ver quem tinha a mais antiga e teria que pagar pelos tacos. Estavam na praça, rindo e se divertindo. Agora, John parece atordoado e infeliz.

Ele chega a falar “Nós todos o achávamos um cara leg…”, mas Billy desliga a televisão.

Ele lava a tigela de cereal e checa o celular de Dalton Smith. Tem uma mensagem de texto de Bucky, só quatro palavras: **Nada de transferência ainda.** Ele já esperava, mas isso, somado à expressão no rosto de Johnny Colton, não é um bom jeito de começar seu primeiro dia de — melhor usar a palavra que realmente representa a situação — cativeiro.

Se ainda não houve transferência, é provável que não vá haver nenhuma. Ele recebeu quinhentos mil antecipados, e é uma grana boa, mas não é o que foi prometido. Até aquela manhã, Billy estava ocupado demais para sentir raiva de ser passado para trás por uma pessoa em quem confiava, mas agora não está ocupado e está puto da vida. Ele fez o serviço, e não só no dia anterior. Está fazendo o serviço há mais de três meses, e com um custo pessoal bem maior do que teria imaginado. Foi uma promessa, e que tipo de pessoa quebra promessas?

— Pessoas ruins, isso sim — diz Billy.

Ele entra no site do jornal local. A manchete é grande, ASSASSINATO NO FÓRUM!, mas deve estar maior e mais chamativa na versão impressa do que na tela de cinco polegadas e meia do iPhone. O artigo não conta nada que ele já não saiba pelos noticiários de televisão, mas a foto deixa claro o motivo do xerife Vickery não estar na coletiva de imprensa da chefe Conlee. A imagem mostra o chapéu Stetson absurdo caído na escada, sem xerife embaixo. O xerife Vickery meteu o pé. O xerife Vickery ralou peito. Aquela foto vale por mil palavras. Para ele não seria uma coletiva de imprensa, seria uma caminhada da vergonha.

Boa sorte com a reeleição tendo que explicar essa foto, Billy pensa.

Pode demorar um pouco até que algo o faça rir novamente, mas aquele chapéu abandonado na escada do fórum pelo menos lhe arranca um sorriso.

2

Ele sobe para cuidar de Daphne e Walter e para com o borrifador na mão, questionando-se se está maluco. Ele tem que molhar as plantas, não afogá-las. Olha a geladeira dos Jensen e não vê nada que queira, mas tem um pacote de muffins na bancada só com um sobrando, e ele o torra, dizendo para si mesmo que, se não comê-lo, vai mofar. Lá em cima há janelas normais, e ele se senta sob um raio de sol, comendo o muffin e pensando no que está evitando. A história de Benjy, claro. É o único trabalho que ele tem que fazer agora que terminou o que o levou ali. Mas significa escrever sobre os fuzileiros, e há tanta coisa, começando com o ônibus para Parris Island, o treinamento básico… tanta coisa.

Billy lava, seca e guarda no armário o prato que usou, depois desce a escada. Olha pela janela-periscópio e vê o quase nada de sempre. A calça que ele usou no dia anterior está no chão do quarto. Ele a pega e procura nos bolsos, quase torcendo para ter perdido o pen-drive em algum lugar no caminho, mas está lá, junto com as chaves, uma delas do Ford Fusion de Dalton Smith, que está no estacionamento do outro lado da cidade. Protegido, esperando ele sentir que é seguro sair. *Quando a poeira baixar*, como dizem nos filmes sobre o último serviço que sempre dá errado.

O pen-drive parece estar mais pesado. Quando olha para ele, um maravilhoso dispositivo de armazenamento que pareceria ficção-científica trinta anos antes, há duas coisas em que não consegue acreditar. Uma é quantas palavras ele já escreveu. A outra é quantas palavras ainda pode escrever. O dobro. O quádruplo. Dez, vinte vezes mais.

Abre o laptop que achou ter perdido (um talismã mais caro do que um sapatinho velho e sujo, mas, fora isso, praticamente a mesma coisa) e o liga. Digita a senha, conecta o pen-drive e arrasta o único documento nele, A

HISTÓRIA DE BENJY, para a área de trabalho. Ele olha para a primeira linha, *O homem que minha mãe morava junto voltou pra casa de braço quebrado*, e sente uma espécie de desespero. É um bom trabalho, tem certeza disso, mas o que parecia leve no começo agora está pesando, porque ele tem a responsabilidade de tornar o resto tão bom quanto o começo, e não sabe se consegue.

Ele vai até a janela-periscópio e olha para o nada mais uma vez, perguntando-se se acabou de descobrir por que tantos aspirantes a escritores não conseguem terminar o que começaram. Pensa em *The Things They Carried*, disparado um dos melhores livros de guerra já escritos, talvez *o* melhor. Ele acha que escrever também é uma espécie de guerra, uma guerra que se trava consigo mesmo. Você carrega a história e, cada vez que acrescenta coisas, ela fica mais pesada.

Em todo o mundo há livros inacabados (de memórias, de poesia, romances, planos certeiros para emagrecer ou enriquecer) em gavetas, porque o trabalho ficou pesado demais para as pessoas que tentam carregá-lo, e elas acabaram abandonando tudo.

Deixa pra depois, elas pensam. Talvez quando as crianças estiverem mais velhas. Ou quando eu me aposentar.

É assim que vai ser? Vai ficar pesado demais se ele tentar escrever sobre o trajeto de ônibus e o corte de cabelo e a primeira vez que o sargento Uppington perguntou *Quer chupar meu pau, Summers? Quer? Porque você tem cara de que gosta de chupar pau.*

Perguntou?

Ah, não, ele não perguntou, Billy pensa, a menos que fosse aquilo que se chama de pergunta retórica. Ele gritou na minha cara, o nariz a centímetros do meu, o cuspe quente respingando nos meus lábios, e eu disse *Não, senhor, eu não quero chupar seu pau*, e ele disse *Meu pau não é bom o suficiente pra você, soldado Summers, seu recruta infeliz chupador de pau?*

Como tudo volta. E será que ele vai conseguir escrever, mesmo como Benjy Compson?

Billy conclui que não. Fecha a cortina e volta para o laptop com a intenção de desligá-lo e passar o dia vendo televisão. *Ellen DeGeneres*, *Hot Bench*, *Kelly and Ryan* e *The Price is Right* antes do almoço. Um cochilo e depois umas novelas vespertinas. Ele pode terminar com *John Law*, que bate o martelo como Coolio nos vídeos antigos de música e não tolera palhaçada no tribunal. Mas, quando ele estende a mão para o botão de desligar, um pensamento surge do nada. É quase como se alguém tivesse sussurrado no seu ouvido.

Você está livre. Pode fazer o que quiser.

Não fisicamente livre, por Deus, não. Vai continuar enfiado naquele apartamento ao menos até a polícia decidir tirar os bloqueios das estradas, e mesmo assim talvez fosse melhor ficar mais uns dias, por garantia. Mas, em termos de história, ele tem liberdade para escrever o que quiser. E *como* quiser. Sem ninguém olhando, monitorando o laptop, não precisa mais fingir ser uma pessoa burra escrevendo sobre uma pessoa burra. Pode ser uma pessoa inteligente escrevendo sobre um jovem (porque é isso que Benjy será se Billy retomar a narrativa) ingênuo e com pouco estudo, mas longe de ser burro.

Eu posso abandonar aquela merda de estilo faulkneriano, Billy pensa. Posso escrever *há dois anos* em vez de *fazem 2 anos*. Posso usar construções com *cujo*. Posso até usar aspas para marcar diálogos, se quiser.

Se ele escrever só para si, pode contar o que for importante e pular o que não for. Não precisa escrever sobre o corte de cabelo, apesar de poder. Não precisa escrever sobre Uppington gritando na cara dele, mas talvez escreva. Não precisa escrever sobre o garoto (Haggerty ou Haverty, Billy não lembra bem) que teve um ataque cardíaco enquanto corria e foi levado para a enfermaria da base, e o sargento Uppington disse que ele estava bem, e talvez ele estivesse ou talvez tivesse morrido.

Billy descobre que o desespero deu lugar a uma ansiedade determinada. Talvez seja até certa arrogância. Ou um orgulho desdenhoso. E daí se for? Ele pode contar o que quiser. E vai contar.

Começa pelo comando “substituir tudo”, trocando Benjy por Billy e Compson

por Summers.

3

Comecei meu treinamento básico em Parris Island. Era para eu passar três meses lá, mas só fiquei oito semanas. Houve a gritaria e a intimidação de sempre, e alguns garotos desistiram ou foram expulsos, mas não eu. Os que desistiram ou foram expulsos talvez tivessem para onde ir, mas eu não tinha.

A sexta semana foi a Semana da Grama, quando aprendemos a desmontar nossas armas e montar de volta. Eu gostei disso e fiz bem. Quando o sargento Uppington nos mandava fazer o que chamou de "corrida de armas", eu sempre ficava em primeiro. Rudy Bell (todos o chamavam de Taco, é claro) ficava em segundo. Ele nunca me venceu, mas algumas vezes chegou perto. George Dinnerstein costumava ser o último e tinha que fazer 25 flexões para o sargento "Upinto" Uppington, que ficava com o pé na bunda dele o tempo todo. Mas o George sabia atirar. Não tão bem quanto eu, mas sim, ele acertava três de cada quatro tiros no centro de massa do alvo de papel a 300 metros. Eu acertava quatro de quatro no centro de massa a 600 metros quase todas as vezes.

Mas não rolaram tiros durante a Semana da Grama. Naqueles dias, nós só desmontamos e montamos nossas armas de volta, entoando o Credo do Atirador: "Este é o meu fuzil. Existem muitos iguais a ele, mas este é o meu. O meu fuzil é o meu melhor amigo. É a minha vida". E assim por diante. A parte de que me lembro melhor é a que diz: "Sem mim, o meu fuzil é inútil. Sem o meu fuzil, eu sou inútil".

A outra coisa que fizemos durante a Semana da Grama foi ficar sentados na grama. Às vezes, por seis horas seguidas.

Billy para nessa parte, sorrindo um pouco e se lembrando de Pete "Benga" Cashman. Benga dormiu sentado na grama alta da Carolina do Sul, e Upinto ficou de joelhos e gritou na cara dele para acordá-lo. *Está entediado, fuzileiro?*

Benga se levantou tão rápido e com tanta força que quase caiu, gritando *Não, senhor!* antes mesmo de ter despertado completamente. Ele era amigo de George Dinnerstein e ganhou o apelido de Benga porque tinha a mania de segurar na virilha e gritar *Pega na minha benga*. Mas ele nunca mandou Upinto pegar em nada.

As lembranças estão se acumulando, como Billy desconfiou (soube, na verdade) que aconteceria, mas a Semana da Grama não é o tópico sobre o qual ele quer escrever. Ele também não quer escrever sobre o Benga agora, mas talvez depois. Ele quer escrever sobre a Semana 7 e tudo que aconteceu depois disso.

Billy se entrega à tarefa. As horas passam despercebidas. Há magia naquela sala. Ele a inspira e a exala.

4

Depois da Semana da Grama veio a Semana do Tiro. Nós usamos o M40A, que é a versão militar do Remington 700. Carregador de cinco tiros, apoiado em tripé, cartucho sem aro da OTAN.

"Você precisa ver o seu alvo, mas o seu alvo não pode te ver", Upinto nos dizia sem parar. "E não importa o que vocês veem nos filmes, *atiradores de elite não trabalham sozinhos*."

Não era uma Escola de Atiradores de Elite, mas mesmo assim Uppington nos colocou em equipes de dois, o observador e o atirador. Formei dupla com Taco, e George com Benga. Falo deles porque acabamos juntos em Faluja, tanto na Vigilant Resolve em abril de 2004 quanto na Phantom Fury em novembro do mesmo ano. O revezamento ficou entre eu e Taco

Billy para, balança a cabeça e lembra a si mesmo que o *eu burro* ficou para trás. Deleta o que escreveu e começa de novo.

O revezamento ficou entre mim e Taco durante a Semana de Tiro, eu atirando e ele observando, ele atirando e eu observando. George e Benga começaram assim também, mas Upinto mandou que eles parassem. "Você atira, Dinner Winner. Cash, você só observa."

"Senhor, eu também gostaria de atirar, senhor!", gritou Benga. Era preciso gritar para se dirigir ao Upinto. Era o jeito dos fuzileiros.

"E eu gostaria de arrancar suas tetas e enfiar no seu cu miserável", respondeu Upinto. Dali em diante, George foi o atirador e Benga o observador da dupla. Continuou assim na Escola de Atiradores de Elite e no Iraque.

Quando a Semana de Tiro estava quase acabando, eu e Taco fomos convocados ao escritório do sargento Uppington, que era um pouco maior do que um armário. Ele disse: "Vocês dois são uns tipinhos lamentáveis do caralho, mas sabem atirar. Talvez vocês consigam aprender a surfar".

Foi assim que Taco e eu descobrimos que seríamos transferidos para Camp Pendleton, e foi lá que terminamos nosso treinamento básico, que era mais de tiro, porque estávamos sendo treinados para virarmos atiradores de elite. Nós fomos para a Califórnia de United Airlines. Foi a primeira vez que andei de avião.

Billy para. Será que quer escrever sobre Pendleton? Não quer. Não houve surfe, pelo menos não para ele; como poderia surfar se não sabia nem nadar? Ele comprou uma camiseta que dizia CHARLIE NÃO SURFA e a usou até quase não sobrar nada. Era a que ele estava vestindo no dia em que pegou o sapatinho de bebê e o amarrou no passador de cinto no quadril direito.

Será que quer escrever sobre a Operação Iraqi Freedom? Não. Quando ele chegou a Bagdá, a guerra tinha acabado. O presidente Bush falou do convés do USS *Abraham Lincoln*. Disse que a missão tinha sido cumprida, e isso transformou Billy e os soldados do regimento dele em "pacificadores". Em Bagdá, ele se sentiu bem-vindo, até amado. Mulheres e crianças jogaram flores. Homens gritaram *nahn nihubu amerikaan*, nós amamos a América.

Aquela merda não durou muito, Billy pensa, então Bagdá não importa, vamos direto para a guerra. Ele começa a escrever de novo.

No outono de 2003, eu estava na base de Ramadi, ainda como pacificador no meio da tempestade, embora de vez em quando houvesse tiros e os mulás tivessem começado a acrescentar "morte à América" aos seus sermões, que eram transmitidos das mesquitas e às vezes das fachadas das lojas. Eu era do 3º Batalhão, também conhecido como Darkhorse. Minha companhia era a Echo. Nós fazíamos treino de tiro naquela época. George e Benga estavam em outro lugar, mas eu e Taco ainda éramos uma equipe.

Um dia, um tenente-coronel que eu não conhecia parou para nos ver atirar. Eu estava usando o M40, disparando numa pirâmide de latas de cerveja a 700 metros de distância, derrubando uma a uma de cima a baixo. Tinha que acertar embaixo e fazê-las girarem para não derrubar todas.

Esse tenente-coronel, Jamieson era o nome dele, mandou eu e Taco irmos com ele. Ele nos levou em um jipe civil até uma colina com vista para a mesquita de al-Dawla. Era uma mesquita linda. O sermão que saía dos alto-falantes não era tão lindo assim. Era aquela baboseira de sempre, dizendo que os americanos iam deixar os judeus colonizarem o Iraque, que o islamismo seria banido, que os judeus tomariam o governo e os Estados Unidos ficariam com o petróleo. Nós não entendíamos o jargão, mas *morte à América* estava sempre em inglês, e tínhamos visto folhetos traduzidos, supostamente escritos pelos clérigos líderes. A insurgência crescente os distribuía aos montes. *Você morreria pelo seu país?*, perguntavam. *Teria uma morte gloriosa pelo Islã?*

"Qual é a distância pra dar esse tiro?", perguntou Jamieson, apontando para o domo da mesquita.

Taco disse que eram novecentos metros. Eu disse que talvez oitocentos e acrescentei, tomando o cuidado de falar com Jamieson de forma respeitosa, que estávamos proibidos de mirar em locais religiosos. Isso, claro, se o tenente-coronel estivesse com isso em mente.

"Esquece isso", disse Jamieson. "Eu jamais pediria a um soldado sob meu comando para mirar em uma das bostas religiosas deles. Mas o que sai daqueles alto-falantes é *político*, não religioso. Então, qual de vocês quer tentar atirar em um? Sem botar um buraco no domo, claro. Porque isso seria errado e nós provavelmente iríamos para o inferno jihadista."

Taco me entregou o fuzil na mesma hora. Eu não tinha tripé, então apoiei o cano no capô do jipe e dei o tiro. Jamieson estava de binóculo, mas eu não precisava estar para ver um dos alto-falantes cair no chão, arrastando os fios. Não havia buraco no domo, e a falação, ao menos a que vinha daquele lado, ficou consideravelmente menor.

"Toma!", gritou Taco. "Isso aí, toma *isso*!"

Jamieson disse que a gente devia pular fora antes que alguém começasse a atirar de volta, e foi isso que fizemos.

Eu olho para o passado e penso que aquele dia resumiu tudo que deu errado no Iraque, o motivo pelo qual “nós amamos a América” mudou para “morte à América”. O tenente-coronel se cansou de ouvir aquela merda interminável e nos mandou atirar em um dos alto-falantes, uma burrice sem sentido, já que havia pelo menos outros seis apontando em outras direções.

Eu vi homens nas portas e mulheres olhando pelas janelas quando voltamos para a base. Seus rostos não tinham expressões felizes de *nós amamos a América*. Ninguém atirou na gente (naquele dia), mas as expressões diziam que esse dia chegaria. Para eles, nós não atiramos em um alto-falante. Atiramos na mesquita. Podia não haver buraco no domo, mas nós atiramos no âmago da crença deles.

Nossas patrulhas em Ramadi começaram a ficar mais perigosas. A polícia local e a Guarda Nacional do Iraque estavam perdendo gradualmente o controle dos insurgentes, mas as forças americanas não tinham permissão de tomar o lugar deles porque os políticos, tanto em Washington quanto em Bagdá, estavam dedicados à ideia de autonomia. Em geral, ficávamos no acampamento, torcendo para não acabarmos fazendo trabalho de proteção enquanto uma equipe de manutenção trabalhava para consertar um duto de água quebrado (ou vandalizado), ou enquanto um grupo de técnicos, tanto americanos quanto iraquianos, tentava fazer a usina elétrica quebrada (ou sabotada) voltar a funcionar. O trabalho de proteção era a mesma coisa que pedir para levar um tiro, e no final de 2003 tínhamos uns seis fuzileiros mortos em ação, e muito mais feridos. Os atiradores de elite do jihad eram bem merdas, mas as bombas caseiras deles nos apavoravam.

O castelo de cartas caiu no último dia de março de 2004.

Bom, Billy pensa, é aqui que a história começa de verdade. E eu cheguei até aqui com uma quantidade mínima de baboseira de merda, como Upinto teria dito.

Àquela altura, nós já tínhamos ido de Ramadi para Camp Baharia, também conhecida como Terra dos Sonhos. Ficava no campo, a uns três quilômetros de Faluja, a oeste do Eufrates. Diziam que os filhos de Saddam iam até lá para relaxar. George Dinnerstein e Benga Cashman estavam conosco de novo, na Companhia Echo, 2º Pelotão.

Nós quatro estávamos jogando pôquer quando ouvimos tiros vindos do outro lado do que chamávamos de Ponte do Brooklyn. Não só tiros isolados, mas uma barragem de artilharia.

Ao cair da noite, os boatos tinham se espalhado, e nós sabíamos o que tinha acontecido, ao menos de um modo geral. Quatro mercenários Blackwater que estavam entregando comida, inclusive para o nosso refeitório na Terra dos Sonhos, decidiram pegar um atalho por Faluja em vez de contorná-la, que era o protocolo normal. Eles foram emboscados perto da ponte que atravessava o Eufrates. Acho que estavam de armadura, mas nada podia salvá-los dos disparos concentrados que atingiram os dois utilitários Mitsubishi que eles estavam dirigindo.

Taco disse: “O que fez eles pensarem que podiam dirigir pelo meio da cidade, como se isso aqui fosse Omaha? Que burrice”.

George concordou, mas disse que, independentemente de ser burrice, tinha que haver retaliação. Todos nós concordamos. Já era ruim matar, mas matar não era suficiente para a turba. Eles arrastaram os corpos para fora dos carros, encharcaram tudo de gasolina e tacaram fogo. Dois foram desmembrados como frangos de padaria. Os outros dois foram pendurados da Ponte do Brooklyn como bonecos do Guy Fawkes.

No dia seguinte, o tenente-coronel Jamieson apareceu quando nosso esquadrão estava se preparando para sair em patrulha. Ele mandou que eu e Taco saíssemos do Hummer em que estávamos e fôssemos com ele, porque havia um homem que queria nos conhecer.

O homem estava sentado sobre uma pilha de pneus numa garagem vazia que fedia a óleo de motor e escapamento. Estava quente como as profundezas do inferno porque todas as portas estavam fechadas, e aquelas garagens não tinham ar-condicionado. Ele se levantou quando entramos e nos olhou. Vestia uma jaqueta de couro, o que era um absurdo naquele lugar fedido onde devia estar uns 30 graus. Tinha o emblema do Batalhão Darkhorse no peito: PROFISSIONAIS DE PONTA em cima e TOMA ESSA embaixo. Mas a jaqueta era pura exibição. Eu soube na mesma hora, e Taco me disse depois que também soube. Bastava olhar para saber que ele era da "porra da CIA". Ele perguntou qual de nós era o Summers e eu disse que era eu. Ele disse que o nome dele era Hoff.

Billy para de repente, intrigado. Ele acabou de fazer o cruzamento entre a vida atual e a vida na guerra. Foi Robert Stone que disse que a mente é um macaco? Claro que foi, em *Dog Soldiers*. O mesmo filme em que Stone disse que os homens que atiram em elefantes com metralhadoras de helicópteros Huey são os que vão querer, naturalmente, ficar doidões. No Iraque, era em camelos que os soldados atiravam. Mas, sim, enquanto eles estavam doidões.

Ele apaga a última linha e consulta o macaco que mora entre suas orelhas e atrás da testa. Depois de alguns segundos de pensamento, encontra o nome certo e conclui que foi um erro perdoável. Hoff chegou perto.

Ele disse que o nome dele era Foss. Não ofereceu um aperto de mão, apenas se sentou nos pneus, que certamente sujariam a calça. Ele disse: "Summers, eu ouvi falar que você é o melhor atirador da companhia".

Como não era uma pergunta, não falei nada, só fiquei parado.

"Você consegue dar um tiro a 1100 metros, de um lado a outro do rio, a partir do nosso lado?"

Dei uma olhada rápida para Taco e vi que ele também tinha ouvido e sabia o que aquilo significava. *Nosso lado* era qualquer coisa fora da cidade. E, se havia lados, isso queria dizer que a gente ia participar.

"O senhor está falando de um alvo humano, senhor?"

"Estou. Você achou que eu estava falando de uma garrafa de cerveja?"

Uma pergunta retórica que não me dei ao trabalho de responder.

"Sim, senhor, eu consigo dar esse tiro."

"Essa é a resposta do fuzileiro ou a sua resposta, Summers?"

O tenente-coronel Jamieson franziu a testa ao ouvir isso, como se não acreditasse que houvesse outra opção além da resposta do fuzileiro, mas não falou nada.

“As duas, senhor. Pode não ser tão garantido em um dia de ventania, mas nós…” Eu apontei para Taco com o polegar. “Nós conseguimos corrigir a mira com vento. Se houver areia soprando, aí é diferente.”

“A velocidade do vento pela previsão de amanhã é de zero a 16”, disse Foss. “Não seria problema?”

“Não, senhor.” E então eu fiz uma pergunta que não era da minha conta, mas eu precisava saber. “Nós estamos falando de um muçulmano ruim, senhor?”

O tenente-coronel disse que eu estava passando do limite e ia dizer mais, mas Foss balançou a mão para ele, e Jamieson fechou a boca.

“Você já acertou um homem, Summers?”

Eu falei que não, e era verdade. Acertar era atirar de longe, e quando atirei em Bob Raines, foi de perto.

“Então essa seria uma ótima forma de começar sua carreira, porque, sim, é um muçulmano bem ruim. Estou supondo que você sabe o que aconteceu ontem.”

“Nós sabemos, senhor”, disse Taco.

“Aqueles mercenários passaram por Faluja porque ouviram de uma fonte considerada de confiança que seria seguro. Ouviram que as pessoas estavam voltando a ter alguma boa vontade com os americanos. Eles também tiveram escolta da polícia iraquiana. Só que a escolta era de insurgentes em uniformes roubados, ou de polícia renegada, ou de polícia de verdade que amarelou quando viu o tamanho da merda que ia acontecer. E em todo caso, não foram eles que mataram. Foram mais de quarenta caras sinistros com AKS que… O que vocês acham, rapazes? Que apareceram no local por acaso?”

Eu dei de ombros como se não soubesse e deixei na mão de Taco. E ele falou: “Não parece provável, senhor.”

“Não, nem um pouco provável. Aqueles mujs estavam posicionados. Esperando. Havia duas picapes bloqueando a rua principal. Alguém planejou a emboscada, e nós sabemos quem foi, porque grampeamos o celular dele. Estão acompanhando?”

Taco disse que sim. Eu só dei de ombros de novo.

“Esse sujeito foi uma fuinha vestindo shemagh, um cara chamado Ammar Jassim. Uns sessenta ou setenta e poucos anos, ninguém sabe direito, talvez nem ele. Ele é dono de uma loja de computadores e câmeras que também funciona como lan-house e sala de jogos, onde os jovens da região jogam Pac Man e Frogger quando não estão construindo explosivos nem plantando bombas na estrada.”

“Eu conheço o local”, disse Taco. “Pronto Pronto Photo Photo. Já vi em patrulha.”

Já viu? Ora, nós fomos lá jogar Donkey Kong e Madden Football. Quando chegamos, os rapazes da região imediatamente lembraram que tinham um compromisso em outro lugar e deram o fora. Taco não contou isso, nem eu.

“Jassim é um baathista das antigas e chefe novato dos insurgentes. A gente quer esse cara. A gente quer *muito*. Não podemos usar uma bomba guiada a laser porque corremos o risco de matar garotos jogando videogame, o que vai gerar uma reação negativa da imprensa na Al Jazeera. Não podemos nos dar a esse luxo. Também não podemos esperar porque Bush vai dar sinal verde para uma operação de limpeza em poucos dias, e, se vocês contarem isso pra alguém, vou ter que matar os dois.”

“Não vai ser necessário”, disse Jamieson. “Eu mato primeiro.”

Foss o ignorou. “Quando a merda bater no ventilador, Jassim vai sumir com o resto dos amigos armados. A gente tem que pegar ele antes que isso aconteça e transformar aquele cabra de Judas num exemplo.”

Taco perguntou o que era cabra de Judas. Eu poderia ter respondido, mas fiquei de boca fechada e deixei que Foss fizesse as honras. Ele se virou para mim e perguntou de novo se eu era capaz de fazer aquilo, e eu disse sim, senhor. Perguntei de onde eu teria que atirar e ele me respondeu. Nós já tínhamos ido lá, levando mercadoria de helicópteros de suprimentos. Perguntei se podia trocar a mira ótica do meu fuzil por uma das miras Leupold novas ou se teria que me virar com o que tinha. Foss olhou para Jamieson, e Jamieson disse: “Vamos providenciar isso”.

Quando voltamos para o alojamento (a patrulha tinha saído sem a gente), Taco me perguntou se eu tinha mesmo certeza de que conseguiria dar o tiro. Eu falei: “Se eu não conseguir, vou botar a culpa no observador”.

Ele me deu um tapa no ombro. “Babaca do caralho. Por que você sempre banca o burro, hein?”

“Não sei do que você está falando.”

“Olha aí, de novo.”

“É mais seguro assim. O que eles não sabem sobre você não pode te fazer mal. Nem voltar pra te assombrar.”

Ele ruminou isso por um tempo. E disse: “Tudo bem, você consegue dar o tiro, tá, mas não foi isso que eu quis dizer. Estamos falando de um homem de verdade. Você tem certeza de que consegue? Atirar a sangue-frio, na cabeça, e tirar a vida dele?”

Eu disse que tinha certeza. Não disse que sabia que era capaz de tirar uma vida porque já tinha feito isso. Eu atirei no peito de Bob Raines. Foi a Escola de Atiradores de Elite que me ensinou a sempre atirar na cabeça.

5

Billy salva o que escreveu, se levanta e cambaleia um pouco; os pés parecem estar em outra dimensão. Quanto tempo ficou sentado? Ele olha para o relógio de pulso e fica surpreso de ver que quase cinco horas se passaram. Ele se sente um homem saindo de um sonho vívido. Apoia as mãos na lombar e se espreguiça, provocando pontadas nas pernas. Anda da sala até a cozinha e depois até o quarto, depois de volta para a sala. Faz tudo de novo, e depois de novo. O apartamento parecia ter o tamanho certo quando ele o viu pela primeira vez, o lugar perfeito para se esconder até as coisas se acalmarem e ele poder dirigir para o norte (talvez para o oeste). Agora, parece pequeno demais, como roupas que ficaram apertadas. Ele gostaria de sair para caminhar, talvez até correr, mas seria uma péssima ideia, mesmo com o disfarce de Dalton Smith. Então, caminha mais um pouco pelo apartamento e, quando isso não basta, faz flexões no chão da sala.

Paga vinte e cinco, ele pensa no sargento Upinto dizendo. E ignora o meu pé na sua bunda, sua mancha de porra inútil.

Billy acaba sorrindo. Tanta coisa lhe voltou à mente. Se escrevesse tudo, sua história teria mil páginas.

As flexões ajudam, e ele se sente melhor. Pensa em ligar a televisão para ver como está a investigação, ou em olhar as atualizações do jornal pelo celular (os jornais podem até estar em decadência, mas Billy acha que eles ainda conseguem as informações mais importantes primeiro). Decide não fazer nenhuma das duas coisas. Ainda não está pronto para deixar o presente voltar. Pensa em comer alguma coisa, mas não está com fome. Deveria, mas não está. Decide fazer uma xícara de café preto e a toma de pé na cozinha. Em seguida, volta para o laptop e continua de onde parou.

6

Na manhã seguinte, o tenente-coronel Jamieson em pessoa me levou, junto com Taco, até o cruzamento da Rota 10 com a estrada que ia de norte a sul, chamada pelos fuzileiros de Rodovia para o Inferno, ou Highway to Hell, em homenagem à música do AC/DC. Nós entramos no Eagle do tenente-coronel, que era especial para ele. Na parte de trás havia uma pintura de um cavalo preto com olhos vermelhos. Eu não gostava porque conseguia imaginar os observadores iraquianos de olho nele, talvez até fotografando.

Não havia sinal de Foss. Ele tinha voltado para onde quer que esses caras costumam ir depois que colocam seus planos em ação.

No alto da colina, em uma curva poeirenta, havia dois caminhões da Companhia de Luz do Iraque, ou o que quer que estivesse escrito naquele garrancho da lateral. Pareciam caminhões utilitários americanos, só que menores e pintados de verde-limão em vez de amarelo. A tinta estava bem mais densa nas laterais, mas mesmo assim não cobria completamente o rosto sorridente de Saddam Hussein, como um fantasma teimoso demais para ir embora. Havia também uma plataforma aérea de lança articulada Genie.

Havia dois postes de energia na interseção das estradas, com grandes transformadores para reduzir a carga de energia para os bairros residenciais de Faluja e para os bairros vizinhos do subúrbio. Homens de *keffiyeh* andavam pela região, junto com dois de chapéu *kufi*. Todos vestiam coletes laranja. Mas nenhum usava capacete; acho que o órgão responsável pela segurança no trabalho não tinha chegado à província de al-Anbar. Do outro lado do rio, os homens deviam parecer uma equipe qualquer de funcionários do governo, mas, quando se chegava a menos de 60 metros, dava para ver que todos eram nossos. Albie Stark, do nosso esquadrão, se aproximou de mim balançando o adereço de cabeça e cantarolando aquela música que dizia que não se pisa na capa do Super-Homem. Mas então viu o tenente-coronel e bateu continência.

“Vai pra algum lugar fingir que está trabalhando”, disse Jamieson. “E, por favor, em nome de Jesus, para de cantar.” Ele se virou para mim e para Taco, mas foi a Taco que se dirigiu, porque tinha concluído que ele era o inteligente. “Fala de novo, anspeçada Bell.”

“Jassim sai quase todos os dias por volta das dez para fumar e conversar com seus fãs apaixonados, provavelmente os mesmos caras que abriram fogo contra os mercenários. Ele vai estar com *keffiyeh* azul. Billy acerta ele. Fim da história.”

Jamieson se virou para mim. “Se você conseguir matar o sujeito, vou recomendar uma medalha. Se errar, ou pior, se acertar alguém que estiver por perto, vou transferir a bota que for enfiada no meu cu para o seu, só que com mais força e mais fundo. Entendeu isso, fuzileiro?”

“Acho que sim, senhor.” O que eu estava pensando era que o sargento Uppington teria dito aquilo com bem mais força e convicção. Ainda assim, o tenente-coronel merecia um parabéns pela tentativa. Meses depois, ele perdeu a visão e a maior parte do rosto para uma bomba de beira de estrada.

Jamieson fez sinal para Joe Kleczewski se aproximar. Ele também fazia parte do nosso esquadrão, que chamávamos de Nove Furiosos. A maioria dos “funcionários do governo” fazia. Eles se ofereceram para o serviço. Foram obrigados a isso porque Taco mandou.

“Sargento, você entendeu o que tem que acontecer assim que Summers der o tiro?”

Big Klew sorriu, exibindo a abertura entre os dois dentes da frente. “Descer os dois correndo e evacuar como um bando de filhos da puta, senhor.”

Dava para ver que Jamieson estava nervoso, acho que todos víamos, mas isso o fez sorrir. Na maior parte das vezes, Klew conseguia arrancar um sorriso dos rostos mais pétreos. “É bem por aí.”

“E se ele não aparecer, senhor?”

“Sempre tem o dia de amanhã. Supondo que o ataque não aconteça amanhã, claro. Continuem, fuzileiros, e nada daquela merda de grito de guerra *hurra*, por favor.” Ele apontou com o polegar para o Eufrates e para a armadilha de urso que era a cidade do outro lado. “É como diz aquela música: *voices carry*. Vozes se espalham.”

Albie Stark e Big Klew tentaram entrar na caçamba da plataforma. Deveria caber duas pessoas, mas não se uma delas fosse do tamanho de Kleczewski. Ele quase derrubou Albie pela lateral. Todos riram, menos Jamieson. Foi tão divertido quanto Abbott e Costello.

“Sai daí, seu imbecil”, disse o tenente-coronel para Klew. “Meu Deus do céu.” Ele fez sinal para Benga, cujos coturnos marrons apareciam embaixo da calça, que estava curta demais. Isso também era cômico, porque ele parecia um garoto andando pela casa com os sapatos do pai. “Você. Pirralho. Vem aqui. Qual é seu nome?”

“Senhor, sou o soldado de primeira classe Peter Cashman e eu…”

“Não bata continência, imbecil, não em uma zona de operação. Sua mãe te deixou cair de cabeça quando você era bebê?”

“Não, senhor, não que eu lembre, sen…”

“Entra na caçamba com aquele filho da puta ali e, quando chegar lá em cima…” Ele olhou ao redor. “Ah, Deus, onde está a porra da mortalha?”

Tecnicamente podia ser a palavra certa para o que ele queria dizer, mas era errada de todas as outras formas. Eu vi Klew fazer o sinal da cruz.

Albie, ainda na caçamba, olhou para baixo. “Hã, acho que estou em cima dela, senhor.”

Jamieson secou a testa. “Tudo bem, pelo menos alguém se lembrou de trazer.”

Tinha sido eu.

“Sobe lá, Cashman. E implante tudo o mais rápido possível. O tempo urge.”

A plataforma com a caçamba subiu fazendo um gemido hidráulico. Na altura máxima, talvez 10 ou 12 metros, parou com um sacolejo ao lado de um dos transformadores. Albie e Benga se movimentaram, puxando a mortalha até finalmente conseguirem tirá-la do chão. Em seguida, com a ajuda de palavrões criativos, inclusive alguns aprendidos com as crianças iraquianas que vinham pedir balas e cigarros, eles a posicionaram. O resultado foi um cilindro de lona em volta da caçamba e do transformador. Ficou presa no alto por ganchos em uma das vigas cruzadas do poste e na lateral como a braguilha de botões de uma calça jeans 501. A parte de fora tinha garranchos amarelos. Eu não fazia ideia do que diziam e nem ligava, desde que não fosse ATIRADORES DE ELITE TRABALHANDO.

A caçamba desceu e deixou o cilindro lá em cima. Lembrava mesmo uma mortalha depois que a amurada na altura da cintura da caçamba não sustentava mais as laterais. As mãos de Benga estavam sangrando, e Albie tinha um arranhão na cara, mas pelo menos nenhum dos dois despencou da caçamba. Pareceu que fosse acontecer uma ou duas vezes.

Taco esticava o pescoço para olhar para cima. “O que é pra ser aquilo?”

“Proteção contra areia”, disse Jamieson, e acrescentou: “Eu acho”.

“Não é lá muito discreta”, disse Taco. Agora ele fitava o outro lado do rio, casas, lojas, armazéns e mesquitas espremidos do outro lado. Era a parte sudoeste da cidade que nós tínhamos passado a chamar de Queens. Uns cem fuzileiros saíram de lá em sacos pretos. Outras centenas saíram com menos partes do corpo do que tinham quando entraram.

“Quando eu quiser a sua opinião, eu te dou”, disse o tenente-coronel; era um ditado antigo, mas bom. “Peguem o equipamento e subam lá pra ontem. Coloquem coletes laranja antes de subirem na caçamba, pra que qualquer um que olhe pra cá consiga ver vocês. Quanto ao resto de vocês, finjam que estão ocupados. A última coisa que queremos é que vejam o fuzil. Summers, fique de costas para o rio até estar debaixo…” Ele parou. Não queria dizer *até estar debaixo da mortalha*, e eu também não queria ouvir. “Até estar debaixo da proteção.”

Eu falei entendido e nós subimos, eu com a M40 na frente do corpo e as costas para a cidade, Taco com os pés em volta de seu equipamento de observador. Atiradores de elite levam todo o glamour, é sobre eles que fazem filmes e é sobre eles que Stephen Hunter escreve em seus livros, mas são os observadores que fazem o trabalho real.

Não sei como é o cheiro de uma mortalha de verdade, mas o cilindro de lona fedia a peixe morto velho. Soltei três botões na costura para abrir um vão de disparo, mas foi no lugar errado, a não ser que eu quisesse disparar num bode andando na direção de Ramadi. Nós dois conseguimos ir virando, grunhindo e xingando e tentando manter o troço preso por pelo menos dois ganchos. A lona bateu na nossa cara. O cheiro de peixe morto piorou. Desta vez, fui eu que quase caí da caçamba. Taco segurou meu colete laranja com uma das mãos e a alça do fuzil com a outra.

“O que vocês estão fazendo aí em cima?”, gritou Jamieson. Abaixo, ele e os outros só conseguiam ver que estávamos de pé, nos mexendo desajeitados, como estudantes aprendendo a dançar valsa.

“Trabalho básico, senhor”, respondeu Taco.

“Bom, sugiro que vocês parem com o trabalho básico e se preparem. São quase dez.”

“Não é culpa nossa aqueles imbecis terem colocado o vão virado pra direção errada”, resmungou Taco para mim.

Verifiquei a mira nova e o fuzil (havia muitos iguais, mas aquele era o meu) e usei um pedaço de pano para limpar tudo. No deserto, a areia e a poeira entravam em todo lugar. Entreguei minha arma para Taco fazer a verificação obrigatória. Ele a devolveu para mim, lambeu bem a palma da mão e a enfiou no vão por onde eu faria o disparo.

“Velocidade do vento zero, Billy-boy. Espero que o filho da mãe apareça, porque não vamos ter oportunidade melhor do que esta.”

Fora meu fuzil, o maior equipamento que estava na caçamba com a gente era o M151, também conhecido como Amigo do Observador. Ele

Billy para, arrancado do sonho. Levanta-se e vai até a cozinha, onde joga água fria no rosto. Chegou a uma bifurcação inesperada no que, até ali, estava sendo

uma estrada reta e perfeita. Talvez não faça diferença o caminho que ele escolha tomar, mas talvez faça.

Tem a ver com o tal M151. A mira ótica que o observador usava para calcular a distância da boca do cano até o alvo, e com precisão sinistra (ao menos para Billy). Essa distância era a base do MDA, minuto de ângulo. Billy não precisou de nada disso para o tiro que matou Joel Allen, mas o que ele tinha que fazer naquele dia de 2004, sempre supondo que Ammar Jassim saísse para a frente da loja para tornar isso possível, era bem mais distante.

Será que ele deve explicar tudo isso ou não?

Se explicar, significa que ele acha (ou ao menos espera) que um dia alguém leia o que ele está escrevendo. Se não explicar, significa que ele desistiu dessa expectativa. Dessa esperança. E aí, qual vai ser?

Parado em frente à pia da cozinha, ele se lembra de uma entrevista que ouviu no rádio, não muito depois que saiu do deserto. Deve ter sido em um daqueles programas da Rádio Pública Nacional em que todo mundo parece inteligente e cheio de Prozac nas ideias. Algum escritor estava sendo entrevistado, um dos antigos figurões da época em que todos os escritores importantes eram homens brancos à beira do alcoolismo. Billy não consegue lembrar de jeito nenhum quem era o escritor, só que não era Gore Vidal (não era tão sarcástico assim) e nem Truman Capote (não era tão charlatão assim). O que ele *lembra* é que o cara disse quando o entrevistador perguntou sobre seu processo de criação: “Eu sempre penso em duas pessoas quando me sento para escrever: em mim e no estranho”.

Isso leva Billy de volta ao M151. Ele *poderia* descrevê-lo. *Poderia* explicar o propósito. *Poderia* explicar por que o minuto de ângulo é mais importante do que a distância, embora as duas coisas estejam sempre conectadas. Ele poderia fazer isso tudo, mas só precisa fazer se estiver escrevendo para um estranho, além de estar escrevendo para si. Afinal, está?

Cai na real, Billy diz para si mesmo. Eu sou o único estranho aqui.

Mas tudo bem. Ele pode fazer isso por si mesmo se precisar. Não precisa de… como é que se diz?

— De validação — murmura enquanto volta para o laptop. Mais uma vez, ele continua de onde parou.

7

Fora meu fuzil, o maior equipamento que estava na caçamba com a gente era o M151, também conhecido como Amigo do Observador. Taco montou o tripé e eu saí da frente o máximo que consegui. A plataforma balançou um pouco, e Taco me mandou ficar parado, a não ser que eu quisesse botar uma bala na placa acima da porta da loja e não na cabeça de Jassim. Fiquei o mais imóvel que consegui enquanto Taco trabalhava, fazendo cálculos e murmurando sozinho.

O tenente-coronel Jamieson tinha chutado uma distância de 1100 metros. Taco fez sua leitura com base em um garoto quicando uma bola na frente da Pronto Pronto Photo Photo e disse que eram 1225 metros. Um disparo distante, com certeza, mas em um dia sem vento como aquele do começo de abril, era um disparo altamente confiável. Eu tinha feito disparos mais distantes, e todos nós ouvimos histórias de atiradores de elite de altíssimo nível dando disparos do dobro daquela distância. Claro que eu não poderia contar com Jassim ficar perfeitamente imóvel, como a cabeça em um alvo de papel. Isso me preocupava, mas o fato de que ele era um ser humano com um coração batendo e um cérebro em atividade não. Ele era uma cabra de Judas que tinha atraído quatro homens para uma emboscada, homens culpados só de entregar comida. Ele era um cara ruim e precisava ser eliminado.

Por volta das 9h15, Jassim saiu da loja. Ele vestia uma camisa azul comprida, como um dashiki, e uma calça branca larga. Hoje estava com um chapéu de tricô vermelho em vez de azul. Era maravilhoso para a mira. Comecei a preparar o tiro, mas Jassim enxotou o garoto batendo bola com um tapa na bunda e voltou para dentro.

“Mas que droga”, disse Taco.

Nós esperamos. Observamos os jovens entrarem e saírem da Pronto Pronto Photo Photo. Estavam rindo e correndo e sacaneando uns aos outros, como garotos do mundo todo fazem, de Cabul a Kansas City. Alguns sem dúvida atiraram nos caminhões Blackwater com seus AKS dias antes. Alguns sem dúvida atiraram em nós sete meses depois, quando fomos de bloqueio em bloqueio, acabando com eles. Até onde eu sei, alguns estavam no que chamamos de Casa de Diversão, onde tudo que podia dar errado deu errado.

Deram dez horas, dez e quinze. “Pode ser que hoje ele esteja fazendo a pausa pra fumar nos fundos”, disse Taco.

Então, às dez e meia, a porta do Pronto Pronto Photo Photo se abriu e Ammar Jassim saiu com dois dos rapazes dele. Apontei o fuzil. Eu os vi rindo e conversando. Jassim deu um tapa nas costas de um deles, e os dois saíram andando abraçados. Jassim tirou um maço de cigarros do bolso da calça. Olhando pela mira, li Marlboro e vi os leões desenhados. Tudo estava claro: as sobrancelhas peludas dele, os lábios tão vermelhos quanto os de uma mulher usando batom, a barba grisalha por fazer.

Taco estava olhando pelo M151, agora segurando-o na mão. “O filho da puta parece ter orgulho de ser gordo.”

“Cala a boca, Taco.”

Coloquei o xis no gorro de tricô e esperei que Jassim acendesse o cigarro. Eu estava disposto a permitir uma última tragada antes de apagá-lo. Ele enfiou o cigarro na boca. Colocou o maço no bolso e pegou um

isqueiro. Não um Bic descartável barato, mas um Zippo. Podia ter sido comprado numa loja ou no mercado paralelo. Também podia ter sido tirado de um dos mercenários que foram mortos, queimados e pendurados na ponte. Ele o abriu, e uma luzinha brilhou em cima. Eu vi isso. Vi tudo. O sargento mestre de artilharia Diego Vasquez, de Pendleton, dizia que um fuzileiro atirador de elite vive por um tiro perfeito. Aquele estava perfeito. Ele também dizia: “É bem parecido com sexo, meus pequenos virgens. Vocês nunca vão se esquecer da primeira vez”.

Eu inspirei, prendi o ar por cinco segundos e apertei o gatilho. O coice atingiu a parte funda do meu ombro. O gorro de tricô de Jassim voou da cabeça, e primeiro eu achei que tivesse errado, talvez por dois centímetros, mas, quando se é atirador de elite, dois centímetros são o mesmo que um quilômetro. Ele ficou parado com o cigarro entre os lábios. Mas o isqueiro caiu da mão dele e o cigarro caiu da boca. Caíram na calçada empoeirada. Nos filmes, a pessoa que leva um tiro voa para trás quando a bala entra. Raramente é assim na vida real. Jassim chegou a dar dois passos para a frente. Nesse momento, eu vi que não foi só o gorro que voou; a parte de cima da cabeça dele foi junto.

Ele caiu de joelhos e em seguida de cara no chão. As pessoas foram correndo até ele.

“A lei do retorno não falha”, disse Taco, e me deu um tapa nas costas.

Eu me virei e gritei: “Desce a gente!”

A plataforma começou a descer. Pareceu ir bem devagar, porque tiros haviam começado do outro lado do rio. Soavam como fogos de artifício. Taco e eu nos abaixamos ao deixarmos o escudo de lona para trás, não porque isso fosse nos proteger, mas por instinto. Ouvi balas passando e tentei me preparar para levar um tiro, mas não ouvi nem senti nada.

“Saiam daí, saiam!”, gritou Jamieson. “Pulem! Hora de cair fora!” Mas ele estava rindo, triunfante. Todos estavam. Recebi tantos tapinhas nas costas e com tanta força que quase caí quando corremos até o Mitsubishi sujo que o tenente-coronel usou para nos levar. Albie, Benga, Klew e os outros correram para os pequenos caminhões utilitários, um plano que nunca mais poderíamos usar. Ouvimos gritos do outro lado do rio e mais tiros.

“Toma isso!”, gritou Big Klew. “Toma só, filhos da puta! Seu homem acabou de ser atropelado pelo cavalo preto!”

O carro do tenente-coronel estava parado atrás dos caminhões iraquianos, na curva. Eu abri a parte de trás para guardar meu fuzil e o equipamento de Taco.

“Anda logo”, disse Jamieson. “A gente está bloqueando o resto dos caras.”

Bom, foi você que estacionou aí, eu pensei, mas não falei. Joguei nossas coisas no carro. Quando bati a porta, vi uma coisa caída na terra. Era um sapatinho de bebê. Devia ser de uma menina, porque era rosa. Eu me abaixei para pegá-lo e, nessa hora, o tiro da sorte de um atirador qualquer acertou o vidro à prova de balas da janela do carro. Se eu não tivesse me curvado, a bala teria entrado na minha nuca ou na minha cabeça.

“Entrem, entrem!”, Jamieson estava gritando. Outro tiro de sorte bateu na lateral blindada do carro. Ou talvez não tão de sorte assim; àquela altura, os atiradores já deviam estar na margem do rio do lado de lá.

Eu peguei o sapatinho. Entrei no carro, e Jamieson saiu à toda, cantando pneu e levantando uma nuvem de poeira que os caminhões teriam que atravessar. O tenente-coronel não estava pensando nisso; só queria salvar a própria pele.

“Estão disparando na plataforma toda”, disse Taco. Ele ainda estava rindo, com a euforia do disparo. “O que você pegou aí?”

Mostrei para ele e falei que achava que aquilo tinha salvado a minha vida.

“Cuida bem disso aí, mano”, disse Taco. “E leva sempre com você.”

Eu fiz isso. Até a Casa de Diversão, em novembro daquele ano. Procurei o sapatinho quando saímos da casa no Setor Industrial, mas ele tinha sumido.

8

Billy desliga o computador e olha pela janela-periscópio do submarino encalhado, observando o gramado, a rua, o terreno baldio onde já houve uma estação de trem. Não sabe por quanto tempo fica parado lá. Talvez um bom tempo. Seu cérebro parece destruído, como se ele tivesse acabado de fazer o teste mais longo e mais complicado do mundo.

Quantas palavras escreveu naquele dia? Ele poderia verificar o contador do documento — que agora é a história de Billy, não de Benjy —, mas não é tão neurótico assim. Basta dizer que foram muitas, e ainda faltam muitas mais. Há o ataque de abril, que começou menos de uma semana depois que ele matou Jassim, seguido do recuo, quando os políticos ficaram com medo. E o pesadelo final que foi a operação Phantom Fury. Quarenta e seis dias de inferno. Ele não pretende descrever dessa forma (se chegar a esse ponto) porque é meio clichê, mas foi um inferno mesmo. Que culminou na Casa de Diversão, que pareceu resumir todo o resto. Ele talvez descreva os eventos por alto, mas não no caso da Casa de Diversão, porque a Casa de Diversão era o objetivo de Faluja. E qual era o objetivo exatamente? Que não havia objetivo. Só mais uma casa que tinha que ser limpa, mas que preço eles pagaram.

Algumas pessoas passam pela rua Pearson. Alguns carros também. Um deles é uma viatura da polícia, mas Billy não se preocupa. Está andando devagar, sem destino específico e sem pressa. Ele continua impressionado com aquela parte da cidade, que fica tão perto do centro, mas é tão deserta. Na rua Pearson, a hora do rush é a hora do *shhh*. Ele acha que a maioria das pessoas que trabalha no centro volta para o subúrbio quando o dia de trabalho termina, para lugares melhores como Bentonville, Sherwood Heights, Plateau, Midwood. Até Cody, onde ele ganhou um bicho de pelúcia para uma garotinha. O bairro do qual ele faz parte agora nem tem nome, pelo menos até onde sabe.

Billy sente que precisa se atualizar. Ele liga no Canal 8, a afiliada da NBC, querendo ficar longe do 6, que ainda vai estar passando as imagens de Allen levando o tiro. O Canal 8 aparece com uma chamada de NOTÍCIA URGENTE e uma trilha sonora ameaçadora de violinos e tambores. Billy duvida de que haja uma notícia tão urgente assim com o assassino ainda à solta. O assassino passou o dia escrevendo uma história que está correndo sérios riscos de virar um livro.

Acontece que houve desdobramentos, mas nada que Billy não esperasse e nada que justifique a trilha sonora apocalíptica. Um dos âncoras diz que um empresário local, Kenneth Hoff, foi implicado na "conspiração de assassinato cada vez mais ampla". O outro diz que o aparente suicídio de Kenneth Hoff pode ter sido assassinato. Ora, ora, temos um Sherlock Holmes aqui, Billy pensa.

Os âncoras passam a palavra para uma correspondente que está em frente à casa de Hoff, uma casa chique, mas ainda muito abaixo da McMansão alugada por Nick na escala de grandiosidade. A correspondente é uma loura de pernas compridas que parece ter saído da faculdade de jornalismo uma semana atrás. Ela explica que Kenneth Hoff foi "conectado" ao fuzil Remington 700 usado para matar Joel Allen. Isso além de várias outras ligações ao suposto assassino, que agora foi "positivamente identificado" como William Summers, um fuzileiro veterano da guerra do Iraque e ganhador de várias medalhas.

Estrela de Bronze e Estrela de Prata, Billy pensa. E também um Coração Púrpura com uma estrela na fita para indicar não só um ferimento em batalha, mas dois. Ele entende que não queiram seguir por esse caminho. Ele é o vilão da história, e por que confundir as coisas com um passado heroico? Confundir as coisas é típico de livros, não de notícias.

Há fotos lado a lado. Uma é a que Irv Dean tirou dele no balcão de segurança da Torre Gerard, em seu primeiro dia como escritor no prédio. A outra o mostra como recruta, parecendo ao mesmo tempo solene e meio pateta com o corte de cabelo militar. Foi tirada no Dia da Foto. Nela, ele parece ainda mais novo do que a correspondente loura. E devia ser mesmo. Devem ter conseguido a

imagem em algum arquivo dos fuzileiros, porque Billy não tinha familiares para quem dar uma cópia da foto no Dia da Família.

A polícia local acredita que Summers pode ter fugido da cidade, diz a correspondente, e, como ele também pode ter fugido do estado, o FBI está no caso agora. Com isso, a loura devolve a palavra ao estúdio, onde os âncoras exibem uma foto de Giorgio Piglielli — e sim, eles citam o apelido dele na máfia, como se Georgie Pig fosse um codinome que ele pudesse estar usando para se deslocar. Estão dizendo que ele foi ligado a operações do crime organizado em Las Vegas, Reno, Los Angeles e San Diego, mas ainda está foragido. O subtexto é: se alguém vir um italiano de meia-idade com mais de cento e sessenta quilos, possivelmente usando sapatos de couro de jacaré e bebendo milk-shake, faça contato com as forças de segurança da região.

Ora, Billy pensa. Hoff está morto, é quase certo que Giorgio também esteja, e Nick tem um álibi perfeito. O que me torna o último biscoito do pacote, a última Coca-Cola gelada do deserto, o último brigadeiro da festa; pode escolher a metáfora.

Depois de uma propaganda sobre um comprimido maravilhoso com mais de vinte efeitos colaterais possíveis (alguns letais), tem mais entrevistas com os vizinhos da rua Evergreen. Billy se levanta para desligar a televisão, mas se senta de novo. Ele usou pretextos falsos e magoou aquelas pessoas. Talvez mereça vê-las e ouvi-las expressando sua mágoa. E perplexidade.

Jane Kellogg, a alcoólatra do quarteirão, não parece nada perplexa.

— Eu sabia que tinha alguma coisa errada com ele na primeira vez que eu o vi — diz ela. — Ele tinha olhos inquietos.

Sabia porra nenhuma, Billy pensa.

Diane Fazio, a mãe de Danny, conta como ficou horrorizada quando descobriu que eles tinham deixado os filhos perto de um assassino a sangue-frio.

Paul Ragland fala sobre o quanto se impressionou com sua tranquilidade e naturalidade.

— Eu achei mesmo que Dave era pra valer. Ele parecia um cara tão legal. Isso prova que não se pode confiar em ninguém.

É Corinne Ackerman que diz a única coisa que todo mundo parece ter ignorado.

— Claro que é horrível, mas o homem em quem ele atirou não tinha uma audiência no fórum por causa de um furto em loja, não é? Pelo que eu soube, era um assassino. Se quer saber minha opinião, David ajudou o país a economizar o custo de um julgamento.

Que Deus te abençoe, Cori, Billy pensa, e sente os olhos se encherem de lágrimas, como se fosse o fim de um filme de sessão da tarde em que tudo acaba bem. Bom, e por que não? O dia foi longo. Na verdade, o *ano* foi longo.

Antes de passar a falar sobre o trânsito (ainda lento por causa dos bloqueios policiais, lamentamos, pessoal) e sobre o tempo (que está ficando mais frio), o jornal revela um último ponto sobre a história do assassinato do fórum, e Billy acaba sorrindo. O xerife Vickery não foi cortado da investigação por ter pulado fora quando o prisioneiro levou o tiro, deixando aquele chapéu ridículo de caubói para trás, ou não só por causa disso. Foi porque ele levou o prisioneiro pela escada da frente e não pela porta dos funcionários, um pouco mais para trás. Houve uma suspeita inicial de que ele podia ter sido parte do plano. Ele já convenceu a todos de que não, provavelmente ao admitir que queria a cobertura da imprensa.

E eu teria acertado o disparo de qualquer forma, Billy pensa. Ora, eu teria acertado até na chuva, a não ser que fosse um dilúvio saído do Gênesis.

Ele desliga a televisão e vai à cozinha avaliar seu estoque de congelados. Já está pensando no que vai escrever no dia seguinte.

XIII

1

Três dias se passam como um sonho sobre Faluja.

Billy escreve sobre os Nove Furiosos: Taco Bell, George Dinnerstein e Albie Stark, Big Klew, Benga Cashman. Passa uma manhã escrevendo sobre como Johnny Capps meio que adotou um grupo de crianças iraquianas que foram pedir balas e cigarros e ficaram para jogar beisebol. Johnny e Pablo “Pé Grande” Lopez ensinaram o jogo a elas. Um garoto, Zamir, de uns nove ou dez anos, gritava “Ele estava salvo, fidaputa!” sem parar. Fora “Acerta essa”, parecia ser a única outra coisa que ele sabia em inglês. Alguém jogava uma bola alta para o interbases, e Zamir, sentado no banco de reservas com a calça vermelha, a camiseta do Snoop Dogg e o boné do Blue Jays, gritava: “Ele estava salvo, fidaputa!”. Billy conta que Clay Briggs, o socorrista que eles chamavam de Rolapílula, mantinha uma animada correspondência pornográfica com cinco garotas em Sioux City. Taco não conseguia entender como um cara tão feio arrumava tanta boceta. Benga disse que eram bocetas *fictícias,* e Albie Stark falou “Ele estava salvo, fidaputa!”, o que não tinha nada a ver com a correspondência animada e pornográfica do Pílula, mas sempre fazia todo mundo rir.

Billy se exercita entre turnos no laptop: flexões de braço, abdominais, elevações de perna, agachamentos. Nos primeiros dois dias, ele também corre no mesmo lugar, com os cotovelos dobrados e as mãos esticadas, batendo com a

palma nos joelhos. No terceiro dia ele se lembra de repente que, dã, tem a casa toda para si e, em vez de correr no mesmo lugar, sobe e desce a escada entre o primeiro e o terceiro andar até ficar sem ar, a pulsação disparada em cento e cinquenta batimentos por minuto. Ele não está se sentindo sufocado, não exatamente, não depois de menos de uma semana, mas longos períodos sentado escrevendo não são algo com que ele esteja acostumado, e essas explosões de exercício o impedem de ficar acuado.

Os exercícios também ajudam a pensar, e em uma de suas subidas pela escada Billy tem uma ideia. Não acredita que não pensou nisso antes. Ele usa a chave dos Jensen para entrar no apartamento. Dá uma olhada em Daphne e Walter (ambos estão bem) e vai até o quarto. Don é um certo tipo de cara, daqueles que gosta de futebol americano e de Nascar, de churrasco de costela e de frango, de umas brejas com os rapazes nas noites de sexta. Um cara assim provavelmente tem uma arma ou duas, quase com certeza.

Billy encontra uma na mesa de cabeceira no lado de Don da cama. É uma Ruger GP de seis disparos, carregada. Ao lado há uma caixa de balas calibre 38. Billy não vê motivo para levar a arma para o apartamento de baixo; se a polícia der uma batida lá, não pretende trocar tiros com eles. Mas nunca se sabe quando uma arma pode ser útil, e é bom saber onde pode pegar uma se a necessidade surgir. Ele nem imagina que necessidade poderia ser essa, mas tantas reviravoltas podem acontecer na estrada da vida. Ninguém sabe disso melhor do que ele.

Ele dá uma borrifada nas plantas de Bev e desce a escada. Do lado de fora, ouve o vento ficando mais forte, soprando no terreno baldio do outro lado da rua. A previsão é de chuva e de temperaturas ainda mais baixas.

— Vocês talvez não acreditem — dissera a moça do tempo pela manhã —, mas pode até ter gelo misturado na chuva. Parece que a Mãe Natureza esqueceu de olhar o calendário!

Billy não quer saber se vai chover, gear, nevar ou se vão cair moedas do céu. Ele vai ficar dentro do apartamento de qualquer forma. A história que está

escrevendo tomou conta da vida dele porque, por enquanto, é a única vida que ele tem. E tudo bem.

Ele teve contatos breves com Bucky Hanson duas vezes. Na noite anterior, mandou uma mensagem que dizia **Vc está bem?**, que Bucky respondeu com **S**. Ele perguntou **O dinheiro foi pago?** e Bucky respondeu, como Billy esperava, com **N**. Ele não pode ligar para Giorgio nem com o pré-pago porque a polícia pode estar monitorando o celular dele. E com quem ele falaria se corresse esse risco? Quase certo que com uma robô dizendo que o número não está mais funcionando. Porque Giorgio não está mais funcionando. Billy tem certeza disso.

No mundo alternativo de sua história, Billy chegou à Operação Phantom Fury, em novembro de 2004. Ele pensa que essa parte pode levar dez dias, possivelmente duas semanas. Quando acabar, quando tiver deixado a história da Casa de Diversão para trás, ele vai fazer as malas e sair da cidade. Os bloqueios vão ter sido retirados, talvez até já tenham sido.

Ele se senta em frente ao laptop e olha para o ponto onde parou. Dois dias antes do ataque começar, Jamieson ordenou que Johnny e Pablo tirassem os garotos jogadores de beisebol da base, e todos entenderam o que isso queria dizer: eles iam atacar de novo, e desta vez ficariam até que o serviço estivesse concluído.

Billy se lembra de Zamir olhando para o portão e dando o grito final de “Ele estava salvo, fidaputa!” Eles foram embora de vez. Tantos anos depois, já devem ser homens adultos. Isso se ainda estiverem vivos.

Ele começa a escrever sobre o dia em que os garotos jogadores de beisebol foram mandados para casa, mas o texto soa vazio. O poço está temporariamente seco. Ele salva o arquivo, desliga o computador e vai até os outros laptops, os baratinhos. Liga cada um deles, atualiza as manchetes para atrair cliques (O ÚLTIMO DESEJO DE MICHAEL JACKSON, UM TRUQUE SIMPLES PARA VENCER A DOR CIÁTICA, COMO OS INTEGRANTES DO CLUBE DO MICKEY ESTÃO AGORA) e desliga todos. Tudo está bem no seu mundinho. Ele tem um plano. Vai terminar a

parte da história sobre o Iraque, a Casa de Diversão sendo o clímax natural. Quando terminar, vai fazer as malas e sair daquela cidade azarada. Vai dirigir para o oeste, não para o norte, e, em algum ponto no futuro não muito distante, fará uma visita a Nick Majarian.

Nick lhe deve dinheiro.

2

O plano de Billy dura até 23h45. Ele está de cueca vendo um filme de ação e, embora o enredo seja simples (um cara querendo se vingar dos homens que mataram seu cachorro), Billy perdeu o fio da história. Decide encerrar o dia. Desliga a caixa dos idiotas e está a caminho do quarto quando ouve um barulho alto de pneus cantando e freios com manutenção ruim lá fora. Ele se prepara para o som de batida, aquele estrondo seco, quando um veículo vai de frente na direção de um poste. Mas só ouve música baixa e risadas altas. Risadas bêbadas, ao que parece.

Vai até a janela-periscópio e puxa a cortina. Há um poste na rua que lança luz suficiente para que ele consiga ver uma van velha com laterais enferrujadas. Um par de rodas está sobre a calçada junto ao terreno baldio. Está chovendo agora, e com tanta força que os faróis da van parecem estar cortando uma cortina fina. A porta comprida do lado do passageiro é empurrada e se abre. A luz interior se acende, mas Billy só consegue ver formas na chuva forte. Três, pelo menos, se deslocando. Não, são quatro. O quarto está caído para a frente, a cabeça baixa. Dois estão sustentando essa forma pelas axilas, com braços caídos na altura dos cotovelos, parecendo asas quebradas.

Mais risadas e conversa. Dois caras levam a forma caída para fora da van enquanto o terceiro fica parado atrás, como se estivesse supervisionando. A pessoa inconsciente tem cabelo comprido e preto. Deve ser uma garota. Mais risadas e conversas. Os caras a levam para trás da van e a soltam. Ela cai com a parte de cima do corpo na calçada e a parte inferior na vala. Os dois caras voltam para dentro. A porta de carga se fecha. Por um momento, a van fica parada, ligada e com os faróis cortando a chuva forte. Mas o veículo sai cantando pneus e soprando fumaça pelo escapamento. Há um adesivo no para-choque, mas Billy não consegue ler. A lâmpada sobre a placa está piscando, quase queimada.

É uma garota, com certeza. Ela está de tênis, a saia puxada para cima,

exibindo quase toda a perna dobrada, e uma jaqueta de couro. A perna exposta está meio submersa na água que corre pela sarjeta. É bem branca. Será que ela está morta? Aqueles homens estariam rindo se ela estivesse? Depois de algumas das coisas que ele viu no deserto (e nunca vai conseguir esquecer), Billy sabe que é possível.

Ele tem que ir buscá-la, e não só porque ela pode morrer se ele não fizer nada. Aquela parte da cidade é tranquila até no meio de um dia de semana, mas alguma hora alguém vai passar e vai vê-la. Talvez nem parem, os bons samaritanos estão sempre em falta, mas é quase certo que ligariam para a emergência. Graças a Deus está tarde e graças a Deus ele não foi para a cama cinco minutos antes. Haveria uma batida na porta dele, policiais revistando as casas daquele lado da rua Pearson em busca de alguém que tivesse visto a garota ser largada ali, e se a batida fosse à uma ou às duas da manhã, ele nem teria oportunidade de colocar a peruca de Dalton Smith, menos ainda a barriga falsa. *Ei*, um dos policiais poderia dizer. *Você parece meio familiar, amigão. Acho melhor você vir com a gente.*

Billy não se dá ao trabalho de vestir a calça e calçar os sapatos. Sobe a escada de samba-canção mesmo. Passa pelo saguão e desce a escadinha da frente, deixando a porta aberta e batendo com o vento. Ele percebe que entrou uma farpa grande no pé, bem fundo, mas percebe também que está muito *frio*. Não a ponto de fazer a chuva virar gelo, pelo menos não ainda, mas quase. Sente seus braços se arrepiarem. A parte do dedão do pé que ele perdeu dói. Se a garota estiver viva, pode ser que não continue por muito mais tempo.

Billy se apoia em um joelho e a pega, tão energizado pela adrenalina que não faz ideia se ela é pesada ou leve. Olha para os dois lados, a chuva escorrendo pelo rosto e pelo peito exposto. A samba-canção está encharcada, bem baixa nos quadris. Ele não vê ninguém. Graças a Deus. Corre para o lado da rua onde fica o apartamento, e, enquanto a carrega pela calçada, ela vira a cabeça, faz um som gutural e cospe um fio fino de vômito pela lateral do corpo e por uma das pernas

dele. É assustadoramente quente, quase como uma almofada de aquecimento elétrico.

Bom, ele pensa, ela está viva, sim.

Ele sente outra farpa entrando no pé quando sobe a escada, mas logo está dentro de casa. Não pode deixar a porta da rua batendo com o vento, então coloca a garota no chão do saguão e a fecha. Quando se vira novamente, os olhos dela estão entreabertos. Ele percebe um hematoma grande e roxo na bochecha e na lateral do nariz. Não pode ser da calçada porque ela não caiu de cara. Além do mais, o hematoma já está bem avançado.

— Quem é você? — pergunta a garota, a voz arrastada. — Onde…? — Ela vomita de novo. Desta vez, volta para a garganta e ela começa a engasgar.

Billy se ajoelha atrás dela e passa um braço pelo seu tronco. Usa os seios dela como apoio e a levanta na sua frente. Agora sua porra de cueca, molhada de chuva e meio larga, está começando a descer pelas pernas. Ele enfia dois dedos na boca da garota e reza a Deus para que ela não o morda. Um corte infeccionado é a última coisa de que ele precisa. Ele tira um pouco de vômito, joga no chão e aperta o tronco dela. Funciona. Ela vomita como uma guerreira, uma faixa de vômito que acerta a parede do saguão.

Um carro, o que teria sido seu fim se tivesse passado três minutos antes, está chegando. Billy vê os faróis iluminando o vidro molhado de chuva na porta. Ele se apoia em um joelho, ainda segurando a garota à sua frente. A samba-canção idiota está agora entre os joelhos, e ele tem tempo de se perguntar por que parou de usar cueca estilo sunga. A cabeça dela está caída para a frente, mas ele acha que os sons arranhados que agora escuta são roncos, não engasgos. Ela apagou de novo.

Os faróis ficam mais fortes, e então mais fracos, sem desacelerar. Billy se levanta e puxa a garota junto. Passa um braço embaixo dos joelhos dela, o outro pelos ombros. A cabeça dela pende para trás. Ele mexe as pernas e a cueca cai até os tornozelos. Ele a tira e a chuta para o lado.

O cabelo molhado dela está pingando e balançando de um lado para o outro

enquanto ele desce a escada, tentando não perder o equilíbrio. O rosto dela, virado para cima, está branco como a lua. Ela tem outro hematoma na testa, acima do olho esquerdo.

Jesus, seus pés o estão matando. Nada a ver com o dedão pela metade, são as porras das farpas! Ele consegue chegar ao pé da escada sem cair e empurra a porta do apartamento com a bunda. A garota começa a escorregar dos braços dele, o corpo formando um U inerte. Ele levanta uma perna até a lombar dela, empurra-a para cima e cambaleia para dentro de casa. Ela começa a escorregar de novo. Billy ignora as farpas enfiadas nos pés gelados e vermelhos e corre até o sofá. Chega bem na hora. Ela cai com um baque, solta um grunhido indistinto e volta a roncar.

Billy se alonga com as mãos unidas acima dos joelhos, tentando aliviar as costas, que estão ensaiando uma cãibra. O fedor de vômito quase o faz querer vomitar também. Tem cheiro de álcool junto, mas é fraco.

Bom, ela botou para fora, ele pensa, mas, se ela realmente tivesse enchido a cara, provavelmente daria para sentir no hálito dela. Provavelmente ele já teria sentido no saguão. E…

Ele levanta a perna e cheira o vômito líquido que ficou em sua pele. Mas o cheiro de álcool ainda é bem leve.

Ele a examina de cima a baixo. A saia que ela está usando é jeans, com a barra desfiada e curta. Ele poderia ver a calcinha se ela estivesse usando uma, mas ela não está. Ele vê outra coisa. A parte externa das coxas é pálida e branca, como a lua, mas a parte de cima por dentro está cheia de pontos de sangue seco.

3

A garota vomita de novo, mas sem muita força, e não sai nada além de um fiapo de saliva turva pela lateral da boca. Ela começa a tremer. Claro que está tremendo, ela está encharcada. Billy tira os tênis dela. Meias curtas saem junto. Tem desenhos de corações no cano. Ele faz com que ela se sente, murmurando "Vamos lá, colabore", apesar de saber que ela não tem como colaborar. As pálpebras dela tremem e ela tenta falar. Pode até achar que *está* falando, que está fazendo todas as perguntas que alguém faria em uma situação assim, mas as únicas palavras que ele entende são *quem* e *você*. Todo o resto sai enrolado.

— Tudo bem — diz Billy —, está tudo bem agora, só não vá morrer.

Se bem que, naquele momento, enquanto ele tenta lidar com uma situação tão fodida, Billy se dá conta de que as coisas ficariam bem mais simples se ela morresse. É um pensamento podre, mas é verdade.

Ele tira a jaqueta dela, barata, fina e não de couro real, mas sintético. Por baixo tem uma camiseta com BLACK KEYS TURNÊ NORTE-AMERICANA 2017 na frente. Ele tenta tirá-la pela cabeça, mas o tecido entala no queixo. Ela geme e ele consegue entender três palavras:

— Não, não me *enforca*.

Ela começa a escorregar. Ele tira a camiseta a tempo de segurar a garota e impedir que ela caia no chão. O sutiã branco de algodão está torto, um seio coberto e o outro exposto, porque a alça que deveria passar pelo ombro arrebentou. Ele empurra o sutiã para baixo, gira o fecho para a frente e consegue abri-lo.

Quando a parte de cima está despida, ele consegue deitá-la novamente. Tira a saia jeans encharcada e a joga no chão com o resto das roupas. Agora, ela está nua, exceto por um brinco; só Deus sabe onde o outro foi parar. Ela está toda arrepiada, tremendo. É por causa do frio, mas também por causa do choque.

Billy já viu tremores assim em Faluja, e os viu virarem convulsões. Claro que ela não sofreu múltiplos ferimentos de bala nas pernas, como o pobre Johnny Capps, mas *está* sangrando, e agora ele vê três hematomas em um dos seios pequenos da garota. Hematomas estreitos. Alguém a apertou ali. Com força. Tem mais dois hematomas em forma de dedos na lateral esquerda do pescoço, e Billy pensa nela dizendo *Não, não me enforca*.

Ciente de que talvez ela não tenha terminado de vomitar, Billy a vira de lado e a empurra com o rosto virado para o encosto do sofá, para que não caia. Ela está roncando de novo, o som rouco, mas regular. Os dentes estão batendo. É uma americana que se fodeu bastante, mas Billy acha que ela talvez fique bem.

Ele entra correndo no banheiro e pega uma das duas toalhas de banho que tem. Ajoelha-se na frente do sofá e seca as costas, a bunda, as coxas e as panturrilhas dela. Faz isso de forma brusca e fica aliviado ao ver uma cor leve surgir na pele pálida. Ele segura um dos ombros dela (tem outro hematoma ali, mas menor), rola-a para ficar de costas e começa de novo: pés, pernas, barriga, seios, colo, ombros. Quando chega no rosto, ela levanta as mãos em um gesto fraco de proteção, mas os abaixa como se fosse trabalho demais, esforço demais. Ele tenta secar o cabelo dela também, mas não consegue porque são fios volumosos, encharcados pela chuva da sarjeta.

Billy pensa: estou fodido. Não importa o que aconteça, estou fodido de qualquer forma.

Ele larga a toalha e estica as mãos, pensando em rolá-la de lado para que ela não se engasgue caso vomite de novo, mas repensa. Segura a perna direita e apoia o calcanhar no chão, deixando a vagina exposta. Os lábios estão bem vermelhos e cortados em vários lugares, sendo que um dos cortes ainda está com sangue fresco. A pele entre a vagina e o ânus (ele sabe o nome dessa parte do corpo, mas não consegue lembrar naquele momento de estresse) está mais ferida do que os lábios, e Deus sabe o quanto ela pode estar machucada por dentro. Ele vê vários pontos secos de sêmen, a maioria na parte de baixo da barriga e nos pelos pubianos.

O cara tirou na hora, Billy pensa, e lembra que havia três pessoas na van, e, a julgar pelo som das risadas, todos homens. Um deles tirou, pelo menos.

Esse pensamento o deixa ciente da própria situação. Considerando o que aconteceu com a garota deitada no sofá, não é sem ironia: ela está apagada, com as pernas abertas, os dois nus como vieram ao mundo. O que seus vizinhos da rua Evergreen pensariam se vissem aquela cena? Nem mesmo Cori Ackerman, com seu coração gentil, continuaria a defendê-lo. Ele visualiza a manchete no jornal de Red Bluff: ASSASSINO DO FÓRUM TAMBÉM ESTUPROU ADOLESCENTE!

Estou fodido, ele pensa. Fodido até a Lua e de volta à Terra.

Billy quer colocá-la na cama, mas percebe que tem que cuidar de outra situação primeiro. Agora que as coisas se acalmaram, consegue perceber que seus pés estão doendo para caralho. Ele deixou de comprar muitas coisas quando montou aquele apartamento, e isso inclui uma pinça, mas tem band-aids e um resto de peróxido de hidrogênio no banheiro, do inquilino anterior. O antisséptico deve ter passado da data de validade, mas a cavalo dado não se olham os dentes.

Andando com os pés de lado, Billy pega uma faca na cozinha e as outras coisas no banheiro. Os band-aids têm desenhos dos personagens de *Toy Story*. Ele se senta no chão, ao lado da garota roncando e tremendo, e usa a faca para levantar as farpas o suficiente para conseguir puxá-las. São cinco no total, duas delas bem grandes. Ele joga água oxigenada nos ferimentos. A ardência o faz pensar que talvez esteja fazendo efeito. Ele cobre os dois maiores com band-aids que provavelmente não vão ficar colados por muito tempo. Parecem bem velhos, talvez sejam até de dois ou três inquilinos antes.

Ele fica em pé, revira os ombros para alongá-los e pega a garota. Sem o impulso da adrenalina, ele consegue calcular o peso dela em uns cinquenta quilos. Talvez cinquenta e cinco. Não é páreo para três homens. Todos a estupraram? Billy acha que, se eles estavam juntos e um estuprou, os três estupraram. Ele vai perguntar quando ela recuperar a consciência, mesmo que

não ajude muito. Duvida que ela consiga lembrar, e o que ela vai querer saber é por que ele não chamou a polícia nem a levou para a emergência mais próxima.

Ela está escorregando nos braços dele de novo, e Billy acaba largando-a na cama em vez de colocá-la delicadamente, como pretendia. Ela abre um pouco os olhos, mas os fecha de novo e volta a roncar. Ele não quer mais lutar com ela, mas também não quer deixá-la deitada ali, nua. Ela já vai estar confusa o bastante quando acordar. Billy pega uma camiseta na cômoda, senta-se ao lado dela, levanta-a com o braço esquerdo e passa a camiseta pela cabeça dela com o direito. Os sons baixos de protesto voltam a ser roncos quando o tecido passa pelo rosto e pelos ombros.

— Colabora um pouquinho agora. — Ele levanta um dos braços dela e, depois de dois fracassos, consegue enfiá-lo pela manga curta. — Só um pouquinho, tá bom?

Uma parte dela deve estar ouvindo, porque ela levanta o outro braço e o enfia na manga. Ele a deita de novo, expira e passa o antebraço na testa para tirar o suor. A camiseta está toda embolada acima dos seios. Ele puxa o tecido na frente, levanta a garota, puxa o tecido por trás. Ela está tremendo de novo e choramingando um pouco. Billy passa um braço por baixo dos joelhos dela, levanta-a e puxa a barra da camiseta por cima da bunda e das coxas.

Meu Deus, é como vestir um bebê, Billy pensa.

Ele espera que ela não urine na cama — ele só tem um jogo de lençol, e a lavanderia mais próxima fica a três quarteirões —, mas sabe que tem uma boa chance de que isso aconteça. Pelo menos, o sangramento já está quase parando. Ele acha que poderia ter sido pior. Eles poderiam tê-la aberto toda, até matado. Poderia até ser isso que eles pretendiam quando a largaram daquele jeito, mas Billy acha que não. Acha que estavam todos bêbados. Ou doidões de alguma outra coisa forte, talvez metanfetamina. Aqueles escrotos provavelmente acharam que ela acordaria e voltaria para casa caminhando, mais triste do que antes, mas mais esperta também.

Ele se levanta, seca a testa de novo e coloca o cobertor por cima dela. Ela o

segura, puxa-o até o queixo e se vira de lado. Isso é bom, porque ela pode vomitar de novo. Ele acredita que ela não tenha mais nada para botar para fora, considerando o tanto que vomitou no saguão, mas não há como saber.

Mesmo com o cobertor, ela está tremendo.

O que vou fazer com você?, Billy pensa. Só me diz isso, o que caralhos eu vou fazer com você?

É uma pergunta que ele não é capaz de responder. Só sabe que está na pior encrenca do mundo.

4

Ele pega uma cueca limpa na cômoda, e só sobra uma. Vai para a sala e se deita no sofá. Duvida de que vá conseguir dormir, mas, se acontecer, será um sono leve e ele vai ouvir caso ela se levante e tente ir embora do apartamento. E fazer o quê a respeito? Impedi-la, claro, no mínimo porque está frio e chovendo; pelo som, quase um vendaval. Mas isso é hoje. Quando ela acordar de manhã, de ressaca e desorientada no apartamento de um estranho, sem roupas…

As roupas dela. Ainda no chão, em uma pilha encharcada.

Billy se levanta do sofá e as leva para o banheiro. No caminho, ele para e olha a hóspede não convidada. Ela parou de roncar, mas ainda está tremendo. Uma mecha encharcada de cabelo caiu sobre uma bochecha. Ele se inclina e a afasta.

— Por favor, eu não quero — diz ela.

Billy fica paralisado, mas como nada mais acontece, ele vai para o banheiro. Pendura a jaqueta barata no gancho da porta. Há uma combinação de chuveiro e banheira do mesmo estilo que se vê em motéis baratos. Ele torce a camiseta e a saia na banheira e as pendura na vara da cortina. A jaqueta tem três bolsos com zíper, um pequeno acima do seio esquerdo e dois maiores e diagonais nas laterais. Nada no bolso de cima. Uma carteira masculina em um dos bolsos laterais e um celular no outro.

Ele tira o chip e coloca o celular de volta no bolso de onde saiu, por enquanto. Abre a carteira. A primeira coisa que vê é a habilitação. O nome dela é Alice Maxwell e ela é de Kingston, Rhode Island. Tem vinte anos. Não, acabou de fazer vinte e um. Fotografias de CNH são horríveis via de regra, uma coisa que dá vergonha de mostrar até para o policial que te parou por excesso de velocidade, mas a dela está ótima. Ou talvez Billy só ache isso porque a viu bem pior do que poderia ficar em qualquer foto três por quatro. Os olhos dela são grandes e azuis. Na imagem, tem um leve sorrisinho nos lábios.

Primeira habilitação, ele pensa. Ela nem renovou ainda, está com a permissão provisória.

Há um cartão de crédito, que ela assinou como *Alice Reagan Maxwell* numa caligrafia caprichada. Também há uma identificação da Escola Técnica Clarendon, ali da cidade, um cartão-presente da rede AMC (Billy não consegue lembrar se eram esses os cinemas do falecido Ken Hoff), um cartão de plano de saúde que inclui o tipo sanguíneo (O) e algumas fotos de uma Alice Maxwell bem mais nova, com os amigos do ensino médio, com o cachorro e com uma mulher que deve ser sua mãe. Além dessas, uma foto de um garoto adolescente sorrindo sem camisa, talvez um namorado de escola.

No compartimento de cédulas, ele encontra duas de dez, duas de um e um recorte de jornal. É o obituário de Henry Maxwell, com velório a ser realizado na Igreja Batista de Kingston; em vez de flores, enviem contribuições para a Sociedade Americana do Câncer. A foto mostra um homem de meia-idade, quase idoso, com uma papada e o pouco cabelo penteado com capricho sobre o alto careca da cabeça. Parece uma pessoa qualquer por quem você passa na rua sem reparar, mas Billy percebe a semelhança de família mesmo com a foto granulada, e Alice Reagan Maxwell o amava a ponto de carregar a carteira dele com o obituário dentro. Billy gosta dela por isso.

Se ela estuda aqui e o pai dela foi enterrado lá, é quase certo que a mãe esteja em Kingston e não tenha dado falta da filha, ao menos ainda não. Billy guarda a carteira na jaqueta, mas pega o celular e o coloca na gaveta de cima da cômoda, debaixo das próprias camisetas.

Ele se pergunta se deveria limpar o vômito no saguão antes que seque, mas decide que não. Se ela acordar pensando que ele é o motivo de suas partes femininas estarem pegando fogo, ele gostaria de ter ao menos alguma prova de que a trouxe da rua. Claro que isso não vai convencê-la de que ele não se serviu depois, quando teve certeza de que ela não vomitaria nem acordaria para lutar.

Ela ainda está tremendo. Isso é choque, não é? Ou reação ao que aqueles homens colocaram na bebida dela? Billy ouviu falar sobre boa-noite-cinderela, mas não sabe quais são os efeitos que vêm depois.

Ele começa a sair do quarto. A garota, Alice, geme. Ela parece desolada, abandonada.

Puta merda, Billy pensa. Essa deve ser a pior ideia do mundo, mas e daí.

Ele se deita na cama. Ela está de costas para ele. Passa um braço em volta dela e a puxa para perto.

— Chega perto, garota. Você está bem. Chega perto, se aquece, para de tremer. Você vai se sentir melhor de manhã. A gente resolve isso de manhã.

Estou fodido, pensa ele de novo.

Talvez ela estivesse precisando do conforto, ou do calor do corpo dele, ou talvez o tremor acabasse passando sozinho de qualquer forma. Billy não sabe e não se importa. Só fica feliz quando o tremor se torna intermitente e acaba passando. O ronco também parou. Agora, ele ouve a chuva caindo na casa. A estrutura é velha, e quando o vento sopra, as juntas estalam. O som é estranhamente reconfortante.

Vou me levantar em um ou dois minutos, ele pensa. Assim que eu tiver certeza de que ela não vai despertar e começar a gritar como louca. Em um ou dois minutos.

Mas ele adormece e sonha com fumaça na cozinha. Sente cheiro de biscoitos queimados. Ele precisa avisar Cathy, dizer que ela tem que tirar os biscoitos do forno antes que o namorado da mãe deles chegue em casa, mas não consegue falar. É o passado, e ele é apenas um espectador.

5

Billy desperta no escuro um tempo depois, convencido de que perdeu a hora do compromisso com Joel Allen e que estragou o serviço que passou meses esperando para fazer. Mas ouve a garota respirando ao seu lado (respirando, não roncando) e lembra onde está. Ela está com a bunda colada na virilha dele, e ele percebe que está com uma ereção, totalmente inadequada considerando as circunstâncias. Chega a ser grotesco, na verdade, mas são tantas as vezes em que o corpo não se importa com as circunstâncias. Que o corpo quer o que o corpo quer.

Ele sai da cama no escuro e tateia pelo caminho até o banheiro com uma das mãos na frente da cueca esticada, sem querer bater com o pau inchado na cômoda para coroar aquela noite de merda. Enquanto isso, a garota nem se mexe. A respiração lenta sugere que ela está dormindo profundamente, e isso é bom.

Quando entra no banheiro e fecha a porta, a ereção murchou, e ele consegue urinar. A privada é barulhenta e tem a tendência de ficar vazando se a descarga não for bombeada algumas vezes, então ele só abaixa a tampa, apaga a luz e tateia na cômoda, onde procura a cintura de elástico do seu único short.

Ele fecha a porta do quarto e segue até a sala com um pouco mais de confiança, porque a cortina na frente da janela-periscópio ficou aberta, e o poste de luz próximo emite iluminação suficiente para ele enxergar.

Olha para fora e só vê a rua deserta. A chuva ainda está caindo, mas o vento diminuiu um pouco. Fecha a cortina e olha o relógio, que nem chegou a tirar. São 4h15 da madrugada. Ele veste o short, deita-se no sofá e tenta pensar no que deve fazer quando ela acordar, mas seu principal pensamento, por mais ridículo que possa parecer, é que a aparição indesejada dela na vida dele provavelmente pôs fim à escrita, e logo quando ele estava indo tão bem. Não contém um sorriso.

É como pensar se tem papel higiênico suficiente quando você ouve a sirene de furacão da cidade tocar.

O corpo quer o que o corpo quer, e a mente também, ele pensa enquanto fecha os olhos. Só pretende cochilar, mas adormece profundamente. Quando acorda, a garota está parada na frente dele, usando a camiseta que ele vestiu nela quando a colocou na cama. E segurando uma faca.

XIV

1

— Onde eu estou? Quem é você? Você me estuprou? Estuprou, né?

Ela está com os olhos vermelhos e o cabelo todo desgrenhado. Aquela imagem poderia estar ao lado da palavra *ressaca* no dicionário. Também parece estar morrendo de medo, e Billy não a culpa por isso.

— Você foi estuprada, mas não fui eu que fiz isso.

A faca é a mesma que ele usou para tirar as farpas do pé. Ele a deixou na mesa de centro. Ele estende a mão e a tira dela. Faz isso com gentileza, e ela não protesta.

— Quem é você? — pergunta Alice. — Qual é o seu nome?

— Dalton Smith.

— Onde estão as minhas roupas?

— Penduradas na vara do chuveiro, no banheiro. Eu tirei sua roupa e…

— *Tirou minha roupa!* — Ela olha para a camiseta.

— E te sequei. Você estava encharcada. Tremendo. Como está a sua cabeça?

— Doendo. Parece que eu bebi a noite toda, mas só tomei uma cerveja… e talvez um gim tônica… Onde a gente está?

Billy coloca os pés no chão. Ela recua e levanta as mãos num gesto de distanciamento.

— Quer um café?

Ela pensa, mas não por muito tempo. Abaixa as mãos.

— Quero. E você tem aspirina?

2

Ele faz o café. Ela toma duas aspirinas enquanto espera e vai ao banheiro. Ele ouve a porta ser trancada, mas isso não o preocupa. Uma criança de cinco anos poderia arrombar aquela fechadura, e uma criança de dez provavelmente arrancaria a porta das dobradiças.

Ela volta para a cozinha.

— Você não deu descarga. Eca.

— Eu não queria te acordar.

— Cadê meu celular? Estava na minha jaqueta.

— Não sei. Quer torrada?

Ela faz uma careta.

— Não. Estou com a minha carteira, mas não com meu celular. Você pegou?

— Não.

— Você está mentindo?

— Não.

— Até parece que eu acredito — diz ela com desprezo. Ela se senta, puxando a barra da camiseta, embora seja longa (ele é pelo menos quinze centímetros mais alto do que ela) e tudo que precise ser coberto já esteja coberto.

— Onde estão as minhas roupas de baixo? — O tom é acusatório, de promotora.

— Seu sutiã está embaixo da mesa de centro. Uma das alças estava arrebentada. Pode ser que eu consiga prender pra você. Calcinha você não estava usando.

— Que mentira. Quem você acha que eu sou? Uma prostituta?

— Não.

Ele acha que ela é uma garota jovem longe de casa pela primeira vez, que foi ao lugar errado, onde havia gente errada. Gente ruim que deu alguma coisa para ela e se aproveitou dela.

— Bom, eu não sou — diz ela e começa a chorar. — Eu sou virgem. Pelo menos eu era. Que confusão. É a pior confusão em que já me meti.

— Eu me identifico com isso — diz Billy com absoluta sinceridade.

— Por que você não chamou a polícia? Nem me levou para um hospital?

— Você estava maltratada, mas não estava indo ladeira abaixo. Eu quero dizer…

— Eu sei o que isso quer dizer.

— Pensei em esperar você acordar para decidir o que quer fazer. Pode ser que uma xícara de café te ajude a pensar. Não vai fazer mal. Aliás, qual é o seu nome? — Melhor resolver isso logo, para ele não acabar fazendo besteira e falando.

3

Ele serve o café, pronto para desviar se ela tentar jogar a bebida na cara dele e correr para a porta. Ele não acha que ela vá fazer isso, já está mais calma, mas a situação ainda pode ficar ruim. Bom, ruim já está, mas sempre pode piorar.

Ela não joga café nele. Toma um gole e faz uma careta. Quando ela aperta os lábios, ele vê os músculos do pescoço se movendo mesmo depois que o líquido desceu.

— Se você for vomitar de novo, vomita na pia.

— Eu não vou… como assim, de novo? Como eu cheguei aqui? Tem certeza de que você não me estuprou?

Isso não é engraçado, mas Billy não consegue evitar um sorriso.

— Se eu tivesse feito isso, acho que eu saberia.

— Como eu vim parar aqui? O que aconteceu?

Ele toma um gole de café.

— Isso seria o meio da história. Vamos começar pelo começo. Me conta o que aconteceu com *você*.

— Eu não lembro. A noite de ontem é um buraco negro. Eu só sei que acordei aqui de ressaca e com a sensação de que enfiaram uma estaca na minha… você sabe. — Ela toma um gole de café e desta vez consegue engolir sem ter que segurar a ânsia de vômito.

— E antes disso?

Ela olha para ele, os olhos azuis arregalados, a boca se movendo. E baixa a cabeça.

— Foi o Tripp? Ele botou alguma coisa na minha cerveja? No meu gim tônica? *Nas duas coisas?* É isso que você está me dizendo?

Billy segura o impulso de estender a mão sobre a mesa e cobrir a dela. Ele conseguiu conquistar um pouco de confiança, mas, se tocar nela, tem quase

certeza de que vai perder esse pouco. Ela não está pronta para ser tocada por um homem, principalmente por um que está usando só um short de corrida.

— Não sei. Eu não estava lá. Você que estava. Me conta o que aconteceu, Alice. Até o ponto em que a sua memória falha.

Ela conta. E, enquanto ela fala, ele vê a pergunta em seus olhos: se você não me estuprou, por que eu acordei na sua cama e não num leito de hospital?

4

A história não é longa, mesmo com um pouco de pano de fundo. Billy acha que ele mesmo poderia contá-la depois que ela começa a falar, porque é uma história antiga. Na metade, ela para e arregala os olhos. Começa a hiperventilar, a mão segurando a garganta enquanto o ar entra e sai com dificuldade.

— É asma?

Ele não encontrou uma bombinha, mas podia estar na bolsa dela. Se ela tinha uma, não tem mais.

Ela balança a cabeça.

— Ataque… — *Arrrfff.* — … de pânico. — *Arrrfff.*

Billy entra no banheiro e molha uma toalhinha assim que a água da torneira fica quente. Torce-a e leva para Alice.

— Inclina a cabeça pra trás e coloca isso no rosto.

Ele acharia impossível os olhos dela se arregalarem mais, mas é o que acontece.

— Eu… — *Arrrfff.* — … vou sufocar!

— Não. Isso vai abrir as passagens de ar.

Ele inclina a cabeça dela para trás delicadamente e coloca a toalhinha sobre os olhos, nariz e boca. Então espera. Depois de uns quinze segundos, a respiração dela começa a melhorar. Ela tira a toalhinha do rosto.

— Deu certo!

— Inspirar a umidade é o que faz dar certo — diz Billy.

Pode até haver alguma verdade nisso, mas provavelmente não muita. É respirar a *ideia* que faz funcionar. Ele viu Clay Briggs (Rolapílula, o socorrista) usar essa técnica várias vezes com os novatos (e com alguns veteranos, como Pé Grande Lopez) antes de eles voltarem para outra mordida da maçã podre chamada Phantom Fury. Às vezes, havia outro truque que ele usava se o paninho molhado não funcionasse. Billy ouviu com atenção quando Pílula explicou essas

duas formas de acalmar a mente de macaco. Ele sempre foi bom ouvinte, armazenando informações como um esquilo guardando nozes.

— Consegue terminar agora?

— Posso comer uma torrada? — Ela pergunta quase com timidez. — E tem suco?

— Não tem suco, mas tem *ginger ale*. Quer?

— Quero, por favor.

Ele faz torrada. Serve o refrigerante num copo e coloca um cubo de gelo. Senta-se na frente dela. Alice Maxwell conta sua história. É uma história que Billy já ouviu e leu antes, mais recentemente na obra de Émile Zola.

Depois do ensino médio, ela passou um ano trabalhando de garçonete na cidade natal, guardando dinheiro para o curso técnico de administração. Poderia ter estudado em Kingston, havia duas faculdades lá que diziam ser boas, mas ela queria ver um pouco mais do mundo. Queria ir para longe da mãe, Billy pensa. Ele talvez esteja começando a entender por que ela não exige que ele chame a polícia imediatamente. Mas o motivo pelo qual "ver um pouco mais do mundo" significou ir para aquela cidade desconhecida… isso ele não tem ideia.

Ela trabalha meio período como barista em um café no Emery Plaza, a menos de três quarteirões do ninho de escrita de Billy na Torre Gerard, e foi lá que ela conheceu Tripp Donovan. Ele começou a puxar conversas casuais com ela, por uma ou duas semanas. Ele a fazia rir. Era encantador. Então, claro, quando ele a convidou para comer alguma coisa depois do trabalho um dia, ela aceitou. Depois disso, um encontro no cinema e — age rápido, esse tal de Tripp — ele perguntou se ela gostaria de ir dançar em um lugar de beira de estrada que ele conhecia na Rota 13. Ela disse que não era muito de dançar. Ele, claro, disse que também não era, mas não precisavam dançar, podiam só comprar uma jarra de chope e beber enquanto ouviam a música. Ele disse que era uma banda cover do Foghat, ela gostava do Foghat? Alice disse que gostava. Ela nunca tinha ouvido falar do Foghat, mas baixou algumas músicas naquela mesma noite. Era bom. Meio pendendo para o blues, mas basicamente um rockzinho clássico.

Os Tripp Donovans do mundo têm faro para um certo tipo de garota, pensa Billy. Garotas tímidas que fazem amizade devagar porque não são muito boas em dar o primeiro passo. Garotas mais ou menos bonitas que foram massacradas pela indústria da beleza na televisão, nos filmes, na internet e nas revistas de celebridades, e se veem não como mais ou menos bonitas, mas como comuns ou até mesmo feias. Enxergam seus traços ruins, como a boca grande demais, os olhos próximos demais, e ignoram os bons. São garotas que leram nas revistas de moda em salões de beleza, e muitas vezes ouviram das próprias mães, que precisam perder uns dez quilos. Elas se desesperam pelo tamanho dos peitos, da bunda, dos pés. Ser convidada para sair é uma coisa impressionante, mas aí vem a agonia do que vestir. Esse tipo de garota pode ligar para as amigas e discutir a questão, mas só se tiver amigas. Alice, na cidade nova, não tem. Mas, no cinema, Tripp não parece se incomodar com as roupas dela e nem com o tamanho da boca. Tripp é engraçado. Tripp é encantador. Tripp faz elogios. E é um perfeito cavalheiro. Ele a beija depois do encontro no cinema, mas é um beijo esperado, um beijo *desejado,* e ele não o estraga enfiando a língua na boca dela e nem passando as mãos nos seios.

Tripp estuda em uma das faculdades da região. Billy pergunta quantos anos ele tem, pensando que ela não deve saber, mas graças às maravilhas do Facebook, ela sabe. Tripp Donovan tem vinte e quatro anos.

— Meio velho pra ainda estar na faculdade.

— Eu acho que ele faz mestrado. Ele faz aulas avançadas.

Aulas avançadas, Billy pensa. Sei.

Claro que Tripp sugeriu que Alice fosse até a casa dele tomar uma bebida antes de ir ao Bucket, e claro que Alice concordou. A tal casa era um daqueles apartamentos em condomínios de Sherwood Heights, perto da interestadual. Alice foi de ônibus porque não tem carro. Tripp a estava esperando do lado de fora, um perfeito cavalheiro. Deu-lhe um beijo na bochecha e a levou até o terceiro andar de elevador. O apartamento era grande. Tripp disse que só conseguia pagar porque dividia o aluguel com amigos. Os amigos eram Hank e

Jack. Alice não sabe os sobrenomes. Ela diz que eles pareceram legais, foram até a sala conhecê-la e voltaram para um dos quartos, onde estavam vendo algum programa sobre esportes. Ou talvez jogando videogame, ela não tem certeza.

— É aí que a memória começa a ficar nebulosa?

— Não, eles só entraram de volta e fecharam a porta. — Alice está usando a toalhinha nas bochechas e na testa.

Tripp perguntou se ela queria uma cerveja. Alice conta que que não gosta de cerveja, mas que aceitou por educação. Quando Tripp viu que ela estava tomando a Heineken devagar, perguntou se ela queria um gim tônica. A porta do quarto de Jack se abriu, o som da televisão sumiu e Jack disse:

— Eu ouvi gim tônica?

Todos tomaram gim tônica, e é aí que Alice diz que as coisas começaram a ficar confusas. Ela achou que fosse por não estar acostumada com álcool. Tripp sugeriu que ela tomasse outro. Porque "o segundo drinque segura o primeiro". Ele disse que todo mundo sabe disso. Um dos amigos dele colocou música, e ela acha que se lembra de dançar na sala com Tripp, e é aí que a memória dela apaga.

Ela pega a toalhinha e respira através dela mais um pouco. O sutiã ainda está embaixo da mesa de centro, parecendo um animalzinho que morreu.

— Agora é a sua vez — diz ela.

Billy conta o que viu e o que fez, começando com o barulho dos freios e pneus e encerrando com a hora em que a colocou na cama. Ela pensa em tudo isso e diz:

— Tripp não tem van. Tem um Mustang. Ele me buscou quando nós fomos ao cinema.

Billy pensa em Ken Hoff, que também tinha um Mustang. E morreu nele.

— É um carro bonito — diz ele. — A sua colega de quarto ficou com inveja?

— Eu moro sozinha. É um apartamento pequeno. — Assim que as palavras saem, Billy percebe que ela acredita ter cometido um erro ao contar que mora sozinha. Ele poderia observar que Tripp Donovan provavelmente sabia disso

também, mas não fala nada. Ela volta a colocar a toalhinha no rosto e respira, mas, desta vez, a respiração continua ofegante.

— Me dá aqui — diz Billy. Desta vez, ele molha a toalha na água da torneira da cozinha, ficando de olho nela o tempo todo, mas ele não acha que ela vai correr para a porta usando só uma camiseta fina. Ele volta. — Tenta de novo. Respira fundo e devagar.

Quando a respiração dela fica mais tranquila, ele diz:

— Vem comigo. Quero te mostrar uma coisa.

Ele a guia para fora do apartamento, sobe a escada e vai até o saguão. Aponta para o vômito secando na parede.

— É de quando eu te trouxe pra dentro.

— De quem é essa cueca aí? Sua?

— É. Eu já estava indo dormir. Ficou caindo quando eu tentei impedir que você sufocasse. Foi meio cômico, até.

Ela não sorri, só repete que Tripp não tem uma van.

— Deve ser de um dos caras que moram com ele.

Lágrimas começam a descer pelas bochechas dela.

— Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Minha mãe não pode descobrir. Ela não queria que eu viesse.

Billy acha que já sabia disso.

— Vamos voltar lá pra baixo. Vou fazer café da manhã de verdade. Com ovos e bacon.

— Bacon não — diz ela, fazendo uma careta, mas não recusa os ovos.

5

Billy faz dois ovos mexidos e coloca-os na frente dela com mais duas torradas. Enquanto ela come, ele entra no quarto e fecha a porta. Se ela fugir, fugiu. Sente-se tomado pelo mesmo fatalismo que o acompanhou durante a Operação Phantom Fury, que foi limpando os insurgentes da cidade rua a rua e quarteirão a quarteirão. Quando verificava se o sapatinho ainda estava pendurado no cinto antes de o grupo se organizar para entrar na próxima casa. Cada dia que ele não era ferido ou morto aumentava a chance de que isso acontecesse no dia seguinte. Havia um limite para conseguir tirar a sorte nos dados. O fatalismo virou uma espécie de amigo. *Que se foda*, eles diziam. *Que se foda, vamos nessa.* Mesma coisa agora: que se foda.

Ele coloca a peruca loura, o bigode, os óculos. Senta-se na cama e procura umas coisas no celular. Quando consegue as informações de que precisa, vai para o banheiro e passa talco na barriga. Ele descobriu que isso ajuda a não assar a pele. Em seguida, leva a barriga falsa para a cozinha.

Ela olha para ele com olhos arregalados, a última garfada de ovos interrompida acima do prato. Billy segura o acessório de poliestireno sobre a barriga e se vira.

— Você pode apertar a tira pra mim? Sempre tenho dificuldade de fazer isso sozinho.

Ele espera. Muita coisa vai depender do que acontecer agora. Ela pode recusar. Pode até enfiar nele a faca que ele lhe deu para passar manteiga na torrada. Não é exatamente uma arma letal, o dano poderia ter sido maior com a outra faca se ela tivesse decidido usá-la quando ele estava dormindo, mas ela poderia machucá-lo até com uma faca de manteiga se usasse força suficiente e conseguisse encontrar o ponto certo.

Ela não o esfaqueia. Aperta a tira da barriga dele. Com mais força do que ele já conseguiu, mesmo quando começou a virar a barriga falsa para a lombar, para

poder ver a fivela de plástico.

— Quando você percebeu que eu sabia? — pergunta ela com a voz baixa.

— Quando você estava me contando a sua história. Você estava olhando diretamente para mim, e eu vi a ficha cair. Aí, você teve o ataque de pânico.

— Você é o homem que matou…

— Sou.

— E isto aqui é… seu esconderijo?

— É.

— A peruca e o bigode são seu disfarce?

— São. E a barriga falsa.

Ela abre a boca e depois a fecha. Parece ter ficado sem perguntas a fazer, mas não está com dificuldade para respirar, e Billy acha que esse é outro passo na direção certa. Mas ele também pensa: a quem estou tentando enganar? Não *existe* direção certa.

— Você já olhou a sua…? — Ele aponta para o colo dela.

— Já. — Voz baixa. — Antes de eu me levantar pra ver onde estava. Tem sangue. E está doendo. Eu soube que você… ou alguém…

— Não é só sangue. Você vai ver quando se limpar. Ao menos um deles não usou proteção. É provável que nenhum tenha usado.

Ela coloca o garfo ainda cheio de ovo no prato.

— Eu vou sair. Tem uma farmácia vinte e quatro horas a menos de um quilômetro daqui, na direção da cidade. Vou ter que ir andando porque não tenho carro. Dá pra comprar pílula do dia seguinte sem receita neste estado, eu acabei de verificar no celular. A não ser que você tenha alguma objeção religiosa ou moral em relação a tomar, claro.

— Meu Deus, não. — A mesma voz baixa. Ela está chorando de novo. — Se eu engravidasse… — Ela só balança a cabeça.

— Algumas farmácias também vendem calcinhas. Se tiver lá, eu compro pra você.

— Eu posso te pagar depois. Eu tenho dinheiro. — Isso seria absurdo, e ela

parece se dar conta, porque afasta o olhar, vermelha.

— Suas roupas estão penduradas no banheiro. Quando eu sair, você pode vesti-las e ir embora. Eu não posso te impedir. Mas escuta, Alice.

Billy estende a mão e vira o rosto dela em sua direção. Os ombros dela ficam rígidos, mas ela olha para ele.

— Eu salvei a sua vida ontem à noite. Estava frio, estava chovendo e você estava inconsciente. Drogada até os ossos. Se você não morresse de frio, teria sufocado com o próprio vômito. Agora, eu vou colocar a minha vida nas suas mãos. Você me entendeu?

— Foram eles que me estupraram? Você jura?

— Eu não poderia jurar num tribunal porque não vi os rostos deles, mas três homens te tiraram daquela van, e você estava com três homens naquele apartamento quando a sua memória apagou.

Alice esconde o rosto com as mãos.

— Estou com tanta vergonha.

Billy fica honestamente perplexo.

— Por quê? Você confiou e foi enganada. Fim da história.

— Eu vi sua foto nos noticiários. Você atirou naquele homem.

— Atirei. Joel Allen era um homem ruim, um assassino de aluguel. — Como eu, Billy pensa, mas há pelo menos uma diferença. — Ele ficou esperando do lado de fora depois de um jogo de pôquer e atirou em dois homens porque tinha perdido e queria o dinheiro de volta. Um deles morreu. Eu quero ir agora, enquanto está cedo e ainda não tem muita gente na rua.

— Você tem um moletom?

— Tenho. Por quê?

— Coloca por cima. — Ela aponta para a barriga falsa. — Vai parecer que você quer esconder a barriga. É o que as pessoas gordas costumam fazer.

6

A chuva parou, mas ainda está frio, e ele fica feliz por estar usando o moletom. Espera um carro passar espirrando água e atravessa a rua até o lado do terreno baldio. Vê as marcas de freada da van. Não estão tão longas e escuras quanto ficariam se o asfalto estivesse seco. Ele se apoia em um joelho, sabendo o que está procurando, embora não esperasse encontrar. Mas encontra. Guarda no bolso e atravessa de volta a rua Pearson, porque a calçada do lado do terreno baldio foi destruída pelas máquinas que a cidade levou para demolir a estação de trem. Isso foi um ano antes, ou mais, a julgar pelo tanto que a vegetação cresceu, mas ninguém se deu ao trabalho de consertar o concreto.

Ele toca o brinco perdido enquanto anda. Quando a polícia o pegar, vai parar num envelope de provas, como o resto do que ele tiver consigo, e é provável que ela nunca o tenha de volta. Billy tem quase certeza de que ela vai denunciá-lo. Quer acredite que ele salvou a vida dela ou não, ela sabe que ele é um assassino procurado, e também pode acreditar que seria acusada de cumplicidade por não entregá-lo assim que teve a oportunidade.

Mas, não, Billy pensa. Ela é uma garota tímida, assustada, confusa, mas não é uma garota burra. Poderia alegar que ele a sequestrou, e todos acreditariam nela. O celular dela não vai funcionar nem que ela o procure e o encontre, mas a loja de conveniência Zoney’s fica perto, e ela pode ligar para a polícia de lá. Provavelmente já está lá, e vão pegá-lo quando ele estiver voltando da farmácia. Carros de polícia com as luzes piscando, um deles subindo no meio-fio na frente dele, as portas se abrindo antes mesmo de a viatura parar, policiais saindo com armas na mão: *Mãos para o alto, para o chão, rosto para baixo, rosto para baixo.*

Então, por que ele está fazendo aquilo?

Algo relacionado ao sonho que ele teve na noite anterior, talvez — o cheiro de biscoitos queimados. Algo relacionado a Shan Ackerman, talvez, e o desenho do

flamingo que ela fez para ele. Talvez até tenha a ver com Phil Stanhope, que já deve ter dito para a polícia que saiu com ele porque ele pareceu ser um cara tão legal. Escritor, talvez até com algum futuro, uma estrela da qual uma garota trabalhadora poderia tirar uma casquinha. Será que ela contaria que dormiu com ele? Se deixar essa parte de fora, Diane Fazio não vai deixar. Diane os viu saindo de casa, até fez sinal de positivo para Billy.

Talvez tenha a ver com todas essas coisas, mas provavelmente se resume ao simples fato de que ele não seria capaz de matá-la. De jeito nenhum. Isso o tornaria tão ruim quanto Joel Allen, ou o estuprador de Las Vegas, ou Karl Trilby, que fazia filmes de homens trepando com crianças. Então, ele vestiu a peruca e a barriga falsa e os óculos sem grau e ali está, andando até a farmácia na chuva. Alice Maxwell não só sabe que ele é William Summers, como também sabe sobre Dalton Smith, a identidade limpa que ele passou anos construindo.

Aqueles babacas poderiam tê-la largado em outra rua, pensa Billy, mas não fizeram isso. Poderiam tê-la deixado mais para a frente na rua Pearson, mas também não fizeram isso. Ele poderia culpar o destino, mas não acredita em destino. Poderia dizer para si mesmo que tudo acontece por um motivo, mas isso é uma baboseira idiota para pessoas que não são capazes de enfrentar a verdade nua e crua. Foi só coincidência, e tudo se desenvolveu a partir disso. A partir do momento em que eles largaram a garota, foi como se ele tivesse se tornado uma vaca num corredor estreito, sem nada a fazer além de andar com os outros na direção do abatedouro. Mas as coisas são como são, como também diziam no deserto, então que se foda.

E há uma pontinha de esperança: ela falou para ele usar o moletom. Não deve significar nada, deve ter sido só algo que ela disse para fazê-lo sentir que ela estava um pouco do lado dele, mas talvez signifique.

Talvez signifique.

7

A farmácia é uma CVS. Billy encontra a pílula do dia seguinte no corredor de planejamento familiar. Custa cinquenta dólares, o que ele considera barato em comparação às alternativas. A pílula está na prateleira de baixo (como se para dificultar a vida das garotas más que precisam dela) e, quando ele se levanta, vê um cabelo ruivo crespo duas fileiras depois. O coração de Billy dá um pulo. Ele se inclina de novo e se levanta devagar, espiando por cima de caixas de Vagisil e Candicort. Não é Dana Edison, que ele concluiu ser o mais durão dos valentões de Nick. Não é nem um homem. É uma mulher com o cabelo ruivo e crespo preso num rabo de cavalo.

Calma, ele diz para si mesmo. Você está dando pulos por nada. Dana e os outros já foram embora para Vegas.

Bom, talvez.

As roupas de baixo femininas ficam na parede dos fundos. A maioria é para mulheres com incontinência urinária, mas tem alguns outros tipos também. Ele considera levar um modelo tipo biquíni, mas decide que seria meio sugestivo. É engraçado, de certa forma; continua trabalhando com a suposição de que ela estará lá quando ele voltar. Mas com que outra suposição poderia trabalhar? Ele *vai* voltar, porque não tem para onde ir.

Ele pega um pacote da Hanes com três calcinhas de algodão, de um modelo que parece uma cueca, e leva até a bancada. Procura viaturas da polícia do lado de fora, mas não vê nenhuma. Claro que eles não pararíam na frente. Ele os veria e talvez se fechasse lá dentro com reféns. A atendente é uma mulher na casa dos cinquenta anos. Ela passa as compras dele sem fazer nenhum comentário, mas Billy é bom em interpretar expressões e sabe que ela está pensando que alguém teve uma noite animada. Ele paga com um cartão de crédito de Dalton Smith e sai na chuva, que agora se resume a um chuvisco, esperando ser capturado. Não

há ninguém lá fora além de três mulheres negras conversando alegremente. Elas nem olham para ele quando entram na farmácia.

Billy anda de volta até o número 658 da Pearson. O caminho parece bem longo; a esperança agora é mais do que apenas uma pontinha, e a esperança pode até ser a última que morre, mas também é a que mais machuca. Eles podem estar esperando nos fundos ou no apartamento, pensa. Mas não vem ninguém de uniforme azul de trás da casa de três andares e não tem ninguém no apartamento além da garota. Ela está vendo *Today* na televisão dele.

Alice olha para ele e algo acontece entre os dois. Ele muda a sacola de mão e enfia a direita no bolso. Estende a mão para ela e a vê se encolher um pouco, como se achasse que ele fosse bater nela. Os hematomas no rosto dela estão bem coloridos. Dizem “agressão” com todas as letras.

— Eu achei o seu brinco.

Ele abre a mão e mostra para ela.

8

Alice entra no banheiro para vestir uma calcinha nova, mas fica com a camiseta porque a saia ainda está úmida.

— Jeans leva uma eternidade pra secar — diz ela.

Ela toma a pílula com água da torneira da cozinha. Ele diz que os efeitos colaterais podem incluir vômito, tontura…

— Eu sei ler. Quem mais mora neste prédio? Está tão silencioso quanto um… Está silencioso.

Billy conta sobre os Jensen, que eles foram fazer um cruzeiro, sem nenhum dos dois saber que em seis meses todas as linhas de cruzeiro seriam fechadas, assim como todo o resto. Ele a leva para o andar de cima (e ela vai com boa vontade) e a apresenta para Daphne e Walter.

— Você está molhando demais. Quer afogar as plantas?

— Não.

— Dá uns dois dias de folga pra elas. — Ela faz uma pausa. — Você ainda estará aqui daqui a dois dias?

— Vou. É mais seguro esperar.

Ela olha a cozinha e a sala dos Jensen, avaliando tudo como as mulheres fazem. E o surpreende ao perguntar se pode ficar com ele. Talvez até continuar no apartamento do porão mesmo depois que ele for embora.

— Eu não quero sair enquanto os hematomas não melhorarem — explica ela. — Parece que eu sofri um acidente de carro. Além do mais, e se Tripp me procurar? Ele sabe onde eu estudo e onde eu moro.

Billy acha que Tripp e os amigos não vão querer saber dela agora que já se divertiram. Ah, eles até podem passar pela rua Pearson para ter certeza de que o lugar onde a largaram não virou cena de crime, e, quando ficarem sóbrios (ou a onda baixar), vão assistir ao noticiário para saber se ela não apareceu, mas ele não comenta nada disso. O fato de ela ficar resolve muitos problemas.

De volta ao apartamento, ela diz que está cansada e pergunta se pode cochilar na cama dele. Billy diz que tudo bem, a não ser que ela esteja tonta ou enjoada. Se estiver, talvez seja melhor ficar mais um pouco acordada.

Alice diz que se sente bem e vai para o quarto. Ela é boa em fingir que não está com medo dele, mas Billy tem quase certeza de que ainda está. Seria louca se não estivesse. Mas ela também ainda está em choque, humilhada pelo que aconteceu. E com vergonha. Ele disse que ela não precisava sentir vergonha, mas isso nem foi absorvido. Mais para a frente, ela vai decidir que pedir para ficar com ele foi uma decisão ruim, bem ruim. Mas, agora, ela só quer dormir. Está evidente nos ombros murchos e nos pés descalços trocando o peso de um lado para o outro.

Billy ouve o gemido das molas. Cinco minutos depois, ela está apagada ou fingindo muito bem que está.

Ele liga o laptop e continua de onde parou. Você não pode escrever hoje, ele pensa, não com tudo que está acontecendo. Não com aquela garota no outro quarto, a que pode acordar e decidir que quer ir para longe daqui e de mim.

Só que ele também está pensando no paninho molhado do Pílula para ataques de pânico e em como deu certo com Alice. Foi meio que um milagre. Mas aquela não era a única cura milagrosa do Clay Briggs, era? Sorrindo, Billy começa a escrever. A prosa parece seca no começo, entrecortada, mas ele começa a pegar o ritmo. Em pouco tempo, não está mais pensando em Alice.

9

Clay Briggs, Pílula, era Socorrista de 1ª Classe. Trabalhava em todos que precisavam de ajuda, mas era Nove Furiosos dos pés à cabeça. Ele era pequeno e magrelo. Tinha o cabelo ralo, o nariz bicudo e usava óculos sem aro bem pequenos, que vivia limpando. Tinha um sinal da paz na frente do capacete e, por mais ou menos uma semana, até o comandante mandar tirar, um adesivo atrás que dizia: ESQUECE O LEITE, TEM XOXOTA?

Os ataques de pânico se tornaram coisa comum à medida que a Phantom Fury prosseguia (e prosseguia, e prosseguia). Os fuzileiros deviam ser imunes a coisas assim, mas claro que não éramos. Os caras começavam a respirar ofegante, se curvavam, às vezes até caíam. A maioria era de bons fuzileiros que não admitiam ter medo, então diziam que era por causa da fumaça e da terra, porque essas eram coisas constantes. Pílula concordava com eles, era só a poeira, só a fumaça, e colocava um paninho molhado no rosto deles. “Respira com isso aí em cima”, ele dizia. “Vai limpar tudo e você vai conseguir respirar melhor.”

Ele também tinha curas para outras coisas. Algumas eram baboseira, outras não, mas todas funcionavam pelo menos algumas vezes: desinchar cistos e inchaços com a lombada de um livro para que acabassem desaparecendo (ele chamava de cura da Bíblia), tapar o nariz e cantar *Ahhhh* para soluços e ataques de tosse, inspirar vapor de Vick VapoRub para fazer o nariz parar de sangrar, esfregar um dólar de prata nas pálpebras para curar ceratite.

“A maior parte dessa merda é pura medicina caipira que aprendi com a minha avó”, ele disse uma vez. “Eu uso o que funciona, mas funciona mais porque eu *digo* que funciona.” E então perguntou como estava meu dente, o que eu tinha na parte de trás da boca e estava me dando problema.

Eu disse que estava doendo para caralho.

“Bom, eu posso cuidar disso, meu irmão”, disse ele. “Tenho um chocalho de cascavel na mochila. Comprei no eBay. Enfia entre a bochecha e a gengiva lá atrás, chupa por um tempo e seu dente vai melhorar.”

Eu falei que não precisava e ele disse que tudo bem, porque o chocalho estava no fundo da mochila e ele teria que tirar tudo para procurar. Isso se ainda estivesse lá. Tantos anos depois, eu ainda me pergunto se teria funcionado. Eventualmente o dente acabou tendo que ser arrancado.

A cura mais incrível do Pílula (ao menos que eu tenha visto) aconteceu em agosto de 2004. Estávamos na folga entre a Vigilant Resolve, em abril, e a Phantom Fury, a grande, em novembro. Durante esses meses, os políticos americanos tiveram seu próprio ataque de pânico. Em vez de nos deixarem morrer de tédio, decidiram dar à polícia e aos militares iraquianos mais uma chance de acabar com os insurgentes e restaurar a ordem. Os grandes políticos iraquianos disseram que funcionaria, mas eles estavam em Bagdá. Em Faluja, boa parte da polícia e dos militares *eram* insurgentes.

Naquele período, nós quase sempre ficávamos fora da cidade. Durante seis semanas em junho e julho, nem estávamos lá, ficamos em Ramadi, que era relativamente tranquila. Nosso trabalho, quando íamos a Faluja, era conquistar “corações e mentes”. Isso significava que nossos tradutores, nossos intérpretes,

falavam bem de nós para os mulás e para os líderes comunitários, em vez de gritarem “Podem vir, seus porcos filhos da puta” pelos alto-falantes enquanto passávamos rapidamente pelas ruas, sempre esperando levar um tiro ou explodir por causa de uma bomba ou uma granada. Nós dávamos doces, brinquedos e revistinhas do Super-Homem para as crianças, além de folhetos para elas levarem para casa, falando sobre todos os serviços que o governo podia oferecer e a insurgência não. As crianças comiam os doces, trocavam as revistinhas e jogavam os folhetos fora.

Durante a Phantom Fury, nós ficamos na cidade que passou a ser conhecida como Lalafaluja (em homenagem ao Lollapalooza) por dias seguidos, dormindo quando podíamos em telhados com vista para os quatro pontos cardeais, vendo insurgentes subindo em outros telhados, prontos para fazer estrago e infligir sofrimento. Foi como uma morte lenta. Nós fomos bombardeados com centenas de granadas e outros armamentos, mas parecia que eles nunca ficavam sem.

Mas, durante aquele verão, nossas patrulhas eram quase como um trabalho de 9h às 17h. Nos dias em que íamos conquistar “corações e mentes”, saíamos quando o sol nascia e voltávamos para a base antes de escurecer. Mesmo com as batalhas interrompidas, ninguém ia querer andar por Lalafaluja depois que anoitecia.

Um dia, quando estávamos voltando, vimos um Mitsubishi Eagle virado na lateral da estrada, ainda com fumaça saindo. A parte da frente tinha explodido, a porta do motorista estava aberta e havia sangue no que tinha restado do para-brisa.

“Puta que pariu, é o carro do tenente-coronel”, disse Big Klew.

Havia uma tenda do HCC, o Hospital Cirúrgico de Combate, montada na base. Sem laterais, era mais um pavilhão com ventiladores enormes dos dois lados. Fazia mais de trinta e oito graus naquele dia. Ou seja, o de sempre. Dava para ouvir Jamieson gritando.

Pílula saiu correndo, tirando a mochila no caminho. O resto de nós foi atrás. Havia mais dois outros pacientes na tenda, claramente fodidos por conta de outras merdas, mas não tão divinamente fodidos quanto Jamieson, porque eles estavam de pé. Um estava com o braço numa tipoia, o outro tinha um curativo em volta da cabeça.

Jamieson estava deitado num catre com umas coisas, acho que se chama solução de Ringer, entrando no braço. O local onde antes ficava o pé esquerdo estava com uma bandagem de alta compressão, mas o pé não existia mais, e a bandagem já estava vazando sangue. A bochecha esquerda estava aberta, com o olho daquele lado sangrando e torto na órbita. Dois soldados o seguravam enquanto um médico tentava fazê-lo engolir comprimidos de morfina, mas o tenente-coronel não queria saber disso. Ele ficava virando a cabeça para um lado e para o outro, o olho bom saltado e apavorado. Então ele viu Pílula.

“Tá doendo”, gritou ele. Não havia nada do antigo tenente-coronel mandão (mas às vezes engraçado) nele. A dor tinha engolido tudo. “Tá doendo! Ah, meu Deus, puta que pariu, *tá doendo muito!*”

“A remoção está a caminho”, disse um dos médicos. “Calma. Toma isso. Você vai se sentir melh…”

Jamieson levantou a mão ensanguentada e bateu nos comprimidos. Johnny Capps foi atrás e os recolheu.

“Tá doendo! Tá doendo! TÁ DOEEEEENDO!”

Pílula ficou de joelhos ao lado dele. “Me escuta, senhor. Eu tenho cura pra dor, é melhor do que a morfina.”

O olho que restava de Jamieson se virou para Pílula, mas acho que não estava enxergando nada. “Briggs? É você?”

“Sim, senhor, o socorrista Briggs. Você precisa cantar.”

“Tá doendo tanto!”

“Você tem que cantar. Isso afasta a dor.”

“É verdade, senhor”, disse Taco, mas me olhou com uma expressão que dizia *Que porra é essa?*

“Vamos lá”, disse Pílula. Ele começou a cantar. A voz dele era boa. “Pela estrada afora eu vou bem sozinha… agora você.”

“Tá doendo!”

Pílula o segurou pelo ombro direito. A camisa de Jamieson estava rasgada do outro lado, com sangue escorrendo. “Canta e você vai se sentir melhor. Prometo. Vou começar de novo. Pela estrada afora eu vou bem sozinha…”

“Pela estrada afora eu vou bem sozinha”, gemeu o tenente-coronel. E disse: “Chapeuzinho vermelho? Você só pode estar de sacanag…”

“Não, canta.” Rolapílula olhou em volta. “Me ajudem. Quem aí sabe a porra da música?”

Por acaso eu sabia, porque minha mãe cantava para a minha irmã quando ela era bebê. Sem parar, até Cathy dormir.

Eu não cantava porra nenhuma, mas cantei. “Pela estrada afora eu vou bem sozinha levar esses doces para a vovozinha. Ela mora longe e o caminho é deserto…”

“E o lobo mau passeia ali por perto”, concluiu Jamieson. Ainda gemendo.

“É isso aí, a porra do lobo mau”, disse Pílula, e cantou: “Mas à tardinha, ao sol poente…”

O homem com a atadura em volta da cabeça entrou na cantoria. Ele tinha um barítono forte e bonito. “Junto à mamãezinha dormirei con-ten-teee!”

“Vamos lá, tenente-coronel”, disse Pílula, ainda ajoelhado ao lado dele. “Junto à mamãezinha…”

“Dormirei con-ten-teee.” Jamieson começou o verso falando, mas depois cantou esticando as sílabas de *contente* do mesmo jeito que o homem de atadura na cabeça tinha cantado, e Johnny Capps colocou os comprimidos de morfina ali dentro, bomba lançada.

Pílula virou a cabeça para olhar para o resto dos Nove Furiosos. Ele parecia um vocalista de banda todo errado incitando a participação da plateia.

“Pela estrada afora eu vou bem sozinha… vamos lá, *pessoal*!”

E assim, os membros dos Nove Furiosos cantaram o começo da música da Chapeuzinho Vermelho para o tenente-coronel Jamieson, a maioria fingindo até a terceira repetição. A essa altura todo mundo já tinha aprendido a cantar. Os dois homens feridos entraram na cantoria. Os socorristas entraram. Na quarta repetição, Jamieson cantou direito, com suor escorrendo pelo rosto. As pessoas estavam correndo na direção da tenda para ver o que estava acontecendo.

“A dor diminuiu”, ofegou Jamieson.

“A morfina está batendo”, disse Albie Stark.

“Não é isso”, disse Jamieson. “De novo. Por favor. De novo.”

“Mais uma vez”, disse Pílula, “e cantem com sentimento. É um passeio na floresta, não uma porra de um funeral.”

E nós cantamos: *Pela estrada afora eu vou bem sozinha levar esses doces para a vovozinha!*

Os soldados que foram ver o que estava acontecendo também entraram na cantoria. Quando Jamieson apagou, devíamos ser mais de quarenta cantando aquela porra de música idiota a plenos pulmões, e nós só ouvimos o Black Hawk chegando para levar o tenente-coronel Jamieson quando ele começou a espalhar terra, praticamente acima de nós. Eu nunca esqueci

10

— O que você está fazendo?

Billy olha ao redor, arrancado do sonho, e vê Alice Maxwell parada na porta do quarto. Os hematomas se destacam na pele branca. O olho esquerdo está parcialmente fechado, o que o faz pensar no tenente-coronel, deitado naquela tenda quente em que os ventiladores não ajudavam em porra nenhuma, mesmo ligados no máximo. O cabelo dela está todo amassado.

— Nada. Jogando. — Ele aperta o botão de salvar, desliga o laptop e fecha a tampa.

— Você estava digitando muito pra ser um jogo.

— Quer comer alguma coisa?

Ela pensa.

— Tem sopa? Eu estou com fome, mas não quero comer nada que tenha que mastigar demais. Acho que mordi a parte de dentro da bochecha. Deve ter sido enquanto estava apagada, porque não me lembro de ter feito isso.

— Tomate ou canja de galinha?

— Canja, por favor.

Ótimo, porque ele tem duas latas de canja na despensa, mas só uma de tomate. Ele esquenta a sopa e serve um prato para cada um. Ela pede para repetir, e talvez com um pedaço de pão com manteiga? Ela molha o pão no caldo e, quando o nota olhando para ela por cima do prato vazio, abre um sorriso culpado.

— Eu sou uma porca quando estou com fome. Minha mãe sempre disse.

— Ela não está aqui.

— Graças a Deus. Ela me chamaria de maluca. Eu devo ser mesmo maluca. Ela disse que eu ia me meter em confusão se saísse de lá, e estava certa. Primeiro, eu saio com um estuprador, agora estou num apartamento com um…

— Vai, pode falar.

Mas ela não fala.

— Ela queria que eu ficasse em Kingston e fosse para a escola de cabeleireiros, como a minha irmã. Gerry ganha bem, ela disse que eu podia ganhar também.

— Por que você quis estudar administração aqui? Eu não entendo.

— Era a faculdade mais barata que ainda era boa. Acabou?

— Acabei.

Ela leva os pratos e colheres para a pia, puxando com vergonha a camiseta para cobrir a bunda assim que as mãos ficam livres. Ele percebe pela forma como ela anda que ela ainda está com muita dor. Ele acha que devia fazê-la cantar a música da Chapeuzinho Vermelho. Ou eles poderiam cantar juntos, em dueto.

— Por que você está sorrindo aí?

— Nada.

— É a minha aparência, né? Parece que voltei do campo de batalha.

— Não, é só uma coisa que eu lembrei de quando estava no exército. Suas roupas talvez já estejam secas.

— Provavelmente. — Mas ela se senta de novo do jeito que está. — Te pagaram pra atirar no cara? Foi isso, né?

Billy pensa no meio milhão (fora seu dinheiro de dia a dia) guardado no banco fora do país. E pensa no milhão e meio que não foi pago.

— É complicado.

Alice abre um sorriso: lábios apertados, sem mostrar os dentes.

— E o que não é?

11

Ela fica zapeando pelos canais da televisão. Para um pouco no TCM, onde Fred Astaire está dançando com Ginger Rogers, e depois segue em frente. Assiste a um comercial de produtos de beleza por um tempo e desliga o aparelho.

— O que *você* está fazendo? — pergunta ela.

Esperando, Billy pensa. Não *tem* mais nada que possa fazer. Ele não pode trabalhar na história com ela na sala. Ficaria constrangido. Além do mais, ela ia querer saber o que ele estava escrevendo. Ele pensa que, de todos os acontecimentos estranhos da vida, e foram muitos, esse na rua Pearson talvez seja o mais estranho de todos.

— O que tem lá atrás?

— Um pátio pequeno e uma vala de drenagem com umas árvores aleatórias em volta, depois uns prédios que talvez sejam depósitos. Provavelmente da época em que os trens ainda paravam ali. — Ele indica a janela-periscópio, agora fechada pela cortina. A chuva está caindo aos baldes de novo e não tem nada para ver lá fora. — Acho que os barracões estão abandonados agora.

Ela suspira.

— Este deve ser o bairro mais morto da cidade toda.

Billy pensa em dizer para ela que *morto*, assim como *único*, é uma palavra que não pode ser modificada, pela sua própria natureza. Não diz, porque ela está certa.

Ela olha para a televisão apagada.

— Você não tem Netflix, né?

Na verdade, ele tem, em um dos laptops baratos, mas se dá conta de que tem coisa melhor.

— Os Jensen têm. Sabe o pessoal lá de cima? E tem pipoca, a não ser que eles tenham comido tudo. Eu que comprei.

— Deixa eu ver se a minha saia secou.

Ela vai até o banheiro e fecha a porta. Ele ouve a tranca, o que indica que Billy ainda está em condicional. Quando sai, está usando a saia jeans e a camiseta do Black Keys. Eles sobem. Enquanto ele procura a Netflix na televisão dos Jensen, que tem quatro vezes o tamanho do aparelho de Billy, Alice olha para o quintal pela janela do quarto deles.

— Tem uma churrasqueira — diz ela quando volta. — Está descoberta e no meio de uma poça. O quintal todo virou uma poça.

Billy entrega o controle para ela. Ela olha as opções por alguns minutos e pergunta se Billy gosta de *Lista negra*.

— Nunca vi.

— Então vamos assistir do começo.

A premissa da série é ridícula, mas Billy se envolve porque o personagem principal, Red Reddington, é divertido e engenhoso. Sempre um passo à frente, como Billy gostaria de estar. Eles veem três episódios enquanto a chuva cai forte lá fora. Billy faz pipoca no micro-ondas dos Jensen, e eles se esbaldam. Alice lava a tigela e deixa no secador.

— Não consigo ver mais, senão vou ter dor de cabeça — diz ela. — Pode continuar se quiser. Acho que vou voltar lá pra baixo.

Casual. Nada de mais. Como se eles fossem colegas de apartamento dividindo um espaço de dois andares, Billy pensa. Nós poderíamos ser personagens de uma série. *O Casal Existencial.* Ele diz que já está bom por enquanto, mas pensa que não se importaria de voltar para saber mais sobre Red em outra ocasião.

Ele tranca o apartamento dos Jensen e eles voltam para o de Billy. Depois da pipoca, nenhum dos dois quer jantar. Eles assistem ao jornal na televisão e comem pudim.

— Uma maratona de porcarias — diz Alice. — Minha mãe…

— Não começa — diz Billy.

O assassinato de Joel Allen não é mais a notícia principal. Houve uma explosão de gás em Senatobia, depois da fronteira do Mississippi, com três

mortos e dois gravemente feridos. Além disso, a via expressa a oeste de Red Bluff foi temporariamente fechada por causa de alagamentos.

— Quanto tempo você vai ficar aqui? — pergunta Alice.

Billy andou pensando sobre isso. Se as pessoas que o estão procurando (a polícia local, o FBI e possivelmente os valentões do Nick) acharem que ele se escondeu na cidade, podem achar que ele vai ficar escondido pelo mesmo tempo que Cristo ficou na tumba de José de Arimateia. Três dias, em outras palavras. Nesse caso, vão renovar a vigilância no dia seguinte. Ele precisa ficar na rua Pearson por tempo suficiente para eles acreditarem que ele foi embora logo depois do tiro. Supondo que Alice não vai complicar as coisas fugindo, claro.

— Mais quatro dias — diz ele. — Talvez cinco. Você consegue, Alice? — É a primeira vez que ele chama ela pelo nome? Não consegue lembrar.

— Eu vi quanto a pílula custou — diz ela. — Se eu ficar, podemos ficar quites?

Ela pode estar fingindo, mas ele acha que não. Ela tem as próprias feridas para curar e decidiu que ele não é perigoso. Ao menos, não para ela. Se bem que ela *trancou* a porta do banheiro quando foi se vestir, então ainda existe uma questão de confiança. Se ele tentasse se convencer do contrário, seria como enganar a si mesmo.

— Podemos — diz Billy. — Podemos ficar quites.

12

Eles têm a primeira briga às 22h30 da mesma noite. É sobre quem vai dormir na cama e quem vai dormir no sofá. Billy insiste para que ela fique com a cama, diz que vai ficar bem no sofá.

— Isso é machista.

— Dormir no sofá é machista? Você está de sacanagem?

— Ser um machão é machista. Você é grande demais pro sofá. Seus pés vão ficar pra fora.

— Eu apoio aqui. — Ele bate no braço do sofá.

— O sangue vai descer das suas pernas e elas vão ficar dormentes.

— Você foi… — ele hesita por um momento, procurando a palavra certa — … atacada. Precisa descansar. Precisa *dormir*.

— Você quer o sofá porque acha que, se eu estiver aqui na sala, eu vou poder fugir. Mas eu não vou fazer isso. Nós temos um acordo.

Sim, Billy pensa, e, se ela o mantiver, vamos ter que falar sobre como ela vai lidar com as questões quando eu for embora. Ele se pergunta se Alice sabe o que é síndrome de Estocolmo. Se não souber, vai ter que explicar para ela.

— Vamos tirar na sorte. — Ele pega uma moeda de vinte e cinco centavos no bolso.

Alice estende a mão.

— *Eu* jogo. Não confio em você, você é um criminoso.

Isso o faz rir. Ela não ri, mas pelo menos sorri um pouco. Billy acha que seria uma risada boa se ela se soltasse.

Ele entrega a moeda para ela. Ela fala para ele escolher no ar e joga como alguém que tem experiência. Ele pede coroa (sempre pede coroa, aprendeu com Taco) e dá coroa.

— Você fica com a cama — diz Billy, e ela não discute. Na verdade, parece aliviada. Ainda está andando com dificuldade.

Ela fecha a porta do quarto. A luz lá dentro se apaga. Billy tira os sapatos, a calça e a camisa e se deita no sofá. Estende a mão e apaga o abajur.

Baixinho, no outro quarto, ela diz:

— Boa noite.

— Boa noite — responde ele. — Alice.

XV

1

Billy está de volta a Faluja e o sapatinho de bebê sumiu.

Ele, Pílula, Taco e Albie Stark estão atrás de um táxi virado, o resto dos Nove atrás de um caminhão de padaria queimado. Albie está deitado com a cabeça no colo de Taco enquanto Pílula tenta ajudá-lo, o que é uma piada, porque nem todos os médicos da Mayo Clinic juntos conseguiriam ajudá-lo. O colo de Taco virou uma poça de sangue.

Não foi nada, pegou de raspão, disse Albie quando os quatro foram emboscados e se esconderam atrás do Corolla virado. Ele apertava a lateral do pescoço com a mão, mas estava sorrindo. E então o sangue começou a jorrar entre os dedos e ele começou a sufocar.

Eles estão sob fogo pesado vindo de uma casa quase na esquina, com insurgentes nas janelas do segundo andar e mais no telhado, balas fazendo *poc poc poc* no chassi do táxi. Taco pediu reforço aéreo e grita para os outros, atrás do caminhão de padaria, que tem veículos aéreos a caminho, dois mísseis Hellfire vão bastar para calar a boca daqueles merdas, dois minutos, talvez quatro, e Pílula de joelhos com a bunda empoeirada para cima e as mãos apertando a lateral do pescoço de Albie, mas o sangue cor de vinho continua vazando, uma nova esguichada a cada batimento do coração de Albie, e Billy vê a verdade nos olhos arregalados de Taco.

George, Benga, Johnny, Pé Grande e Klew estão retribuindo os tiros por trás do caminhão, já que conseguem ver que os caras no telhado quase têm o ângulo certo para acertar Billy e os outros atrás do táxi, a proteção é pequena e a geometria é letal. Talvez eles consigam segurar até o Cobra chegar com os Hellfires, talvez não.

Billy olha ao redor em busca do sapatinho, achando que talvez o tenha perdido um minuto antes, pensando que pode estar perto, pensando que, se puder pegá-lo, tudo vai ficar magicamente bem, vai ser como cantar a música da Chapeuzinho Vermelho, só que não está perto, e ele sabia que não estaria perto, mas procurar significa que ele não precisa olhar para Albie, que agora está dando seu rouco e ofegante suspiro final, tentando inspirar o mundo antes de ir embora, e Billy se pergunta o que ele está vendo e o que vai ver quando chegar do outro lado, aos portões perolados e praias douradas ou só à escuridão do nada, e Johnny Capps está gritando de trás do caminhão, está gritando *deixem ele, deixem ele, deixem ele e venham pra cá*, mas eles não vão deixá-lo porque isso não se faz, não se deixa ninguém para trás, aquela era a porra da regra principal do sargento Uppington, e o sapatinho não está lá, o sapatinho não está em lugar nenhum, ele o perdeu e a sorte deles foi junto, e Albie está morrendo, está quase morto, aqueles ofegos terríveis tentando respirar, e tem um buraco na bota de Billy e ele percebe que está sangrando, ele levou um tiro na porra do p…

2

Billy pula tão rápido que quase cai do sofá. Ele está na rua Pearson, não em Faluja, e não é Albie Stark que está ofegando.

Ele corre para o quarto e encontra Alice sentada na cama com uma das mãos no pescoço, muito parecida com Albie quando ele achou que a bala tinha sido de raspão. Os olhos dela estão arregalados e cheios de pânico.

— Pega… — *Arrrfff!* — … a toalha! — *Arrrfff!*

Ele entra no banheiro e pega uma. Molha sem esperar a água esquentar, volta e a coloca sobre o rosto dela, feliz de cobrir os olhos tão arregalados que pareciam prestes a pular do rosto e se pendurar sobre as bochechas.

Ela continua ofegante.

Ele canta o começo da música da Chapeuzinho Vermelho para ela.

Arrrfff! Arrrfff! é a resposta.

— Vem comigo, Alice! Canta! Vai abrir suas vias! Pela estrada afora eu vou bem sozinha…

— Pela estrada… afora… eu vou… bem sozinha… — Um ofego entre cada duas ou três palavras.

— Levar esses doces para a vovozinha.

Por baixo da toalhinha, Alice balança a cabeça negativamente. Ele segura o ombro dela, o machucado, sabendo que está doendo, mas continua mesmo assim. Qualquer coisa para chegar até ela.

— Tudo de uma vez, levar esses doces para a vovozinha.

— Levar esses doces… para a vovozinha. — *Arrrfff!*

— Não está perfeito, mas também não está ruim. Agora, os dois versos juntos, e com sentimento. Pela estrada afora eu vou bem sozinha levar esses doces para a vovozinha. Comigo. *Juntos*.

Ela canta o dueto com ele, a metade dela abafada pela toalhinha molhada, onde uma sombra em forma de boca aparece a cada puxada de ar.

Ele se senta ao lado dela quando a respiração finalmente começa a ficar mais calma. Passa o braço nos ombros dela.

— Você está bem. Está tudo bem.

Ela tira a toalha do rosto. Tem mechas suadas de cabelo grudadas na testa.

— Que música é essa?

— Da Chapeuzinho Vermelho.

— Sempre dá certo?

— Dá. — A não ser que metade do seu pescoço tenha sido arrancada num tiro, claro.

— Eu preciso dela no meu celular. — Mas lembra: — Merda, meu celular sumiu.

— Vou colocar em um dos laptops — diz Billy e aponta para a sala.

— Por que você tem tantos? Pra que servem?

— Verossimilhança. Isso quer dizer…

— Eu sei o que quer dizer. É parte do seu disfarce. Como a peruca e a barriga falsa. — Ela usa a base da mão para tirar o cabelo úmido da testa. — Eu sonhei que ele estava me enforcando. Tripp. Achei que ele ia me matar. Ele estava dizendo “Tira essa calcinha” com uma voz rosnada estranha que nem era a voz normal dele. Aí eu acordei…

— … e não estava conseguindo respirar.

Ela assente.

— Você já viu um filme chamado *Amargo pesadelo*? Uns caras numa viagem de canoa?

Ela olha para ele como se ele tivesse ficado louco.

— Não. O que tem a ver o cu com as calças?

— “Tira essa calcinha” é uma fala do filme. — Ele toca nas marcas na lateral do pescoço dela, de leve. — Seu sonho foi uma lembrança recuperada. Deve ter sido a última coisa que você ouviu antes de apagar de vez, não só por causa do que ele colocou na sua bebida, mas também porque ele te enforcou. Por sorte,

ele não te matou. Se tivesse acontecido, não teria sido de propósito, mas você estaria morta de qualquer jeito.

— Pela estrada afora eu vou bem sozinha levar esses doces para a vovozinha. E o que vem depois?

— Eu não me lembro da música toda, mas o começo é assim: Pela estrada afora eu vou bem sozinha levar esses doces para a vovozinha. Ela mora longe e o caminho é deserto, e o lobo mau passeia ali por perto. Sua mãe nunca cantou isso pra você?

— Minha mãe não cantava. Você tem uma voz boa.

— Se você diz.

Eles ficam sentados juntos por um tempo. Ela está respirando direito de novo, e agora que a crise passou, Billy percebe que ela está usando só a camiseta do Black Keys (na qual ela por acaso não vomitou) e ele está de cueca. Ele se levanta.

— Você vai ficar bem agora.

— Não vá. Ainda não.

Ele se senta de novo. Ela chega para o lado. Billy se deita ao lado dela, tenso no começo, o braço atrás da cabeça como um travesseiro improvisado.

— Me conta por que você matou aquele cara. — Uma pausa. — Por favor.

— Não é bem uma história de ninar.

— Eu quero ouvir. Entender. Porque você não parece ser um cara mau.

Eu sempre disse para mim mesmo que não sou, Billy pensa, mas os acontecimentos recentes colocaram isso em questão. Ele olha com culpa para o desenho do flamingo Dave na mesa de cabeceira.

— O que for dito aqui morre aqui. — Ela abre um sorriso hesitante.

É uma merda de história de ninar, mas ele a conta mesmo assim, começando com Frank Macintosh e Paul Logan indo buscá-lo no hotel. Ele pensa em mudar os nomes (como fez no começo na história que está escrevendo), mas decide que não adianta. Ela conhece Ken Hoff da televisão, assim como Giorgio. Mas abre

uma exceção: Nick Majarian vira Benjy Compson. Saber o nome dele pode colocar a vida dela em risco no futuro.

Ele pensou que falar tudo em voz alta pudesse esclarecer as coisas em sua própria cabeça. Não aconteceu, mas a respiração dela está tranquila de novo. Ela está calma. A história serviu para isso, pelo menos. Depois de pensar bem, ela diz:

— Esse tal de Benjy Compson contratou você, mas quem contratou ele?

— Não sei.

— E por que envolver o outro cara, o tal de Hoff? Um daqueles gangsters não podia ter arrumado uma arma? E não ser pego fazendo isso?

— Porque Hoff é o dono do prédio, acho. De onde eu dei o tiro. Bom, ele era o dono.

— O prédio onde você teve que esperar seis meses. Fazendo cobertura.

Cobertura, ele pensa. Sim. Como os jornalistas que iam e vinham no Iraque, de armadura e capacete, tirando tudo quando os artigos estavam prontos e eles podiam ir para casa.

— Não foi tanto tempo.

— Mesmo assim, parece bem complicado.

Billy também acha.

— Acho que vou conseguir dormir agora. — Sem olhar para ele, ela acrescenta: — Pode ficar, se quiser.

Billy, ciente de que seu corpo pode traí-lo novamente da cintura para baixo, diz que acha melhor ir para o sofá. Talvez Alice entenda, porque ela olha para ele e assente, e então se vira de lado e fecha os olhos.

3

De manhã, Alice diz que o leite está quase acabando e que cereal a seco é muito ruim. Como se eu não soubesse, Billy pensa. Ele sugere ovos e ela diz que só tem um.

— Não sei por que você só comprou meia dúzia.

Porque eu não esperava companhia, Billy pensa.

— Eu sei que você não esperava alimentar duas pessoas — diz ela.

— Vou ao Zoney’s. Lá tem leite e ovos.

— Se você fosse ao Harps na Pine Plaza, podia comprar costela de porco ou algo assim. A gente podia fazer na churrasqueira lá de trás, se parar de chover alguma hora. E talvez salada, dessas de saquinho. Não é tão longe.

O primeiro pensamento de Billy é que ela está tentando se livrar dele para poder fugir. Mas ele olha para os hematomas amarelados na bochecha e na testa dela, para o nariz inchado começando a melhorar, e pensa que não, é o contrário. Ela está se acomodando. Pretende ficar. Ao menos por enquanto.

Pareceria loucura para alguém de fora, mas lá dentro faz sentido. Ela poderia ter morrido na sarjeta se não fosse por ele, e ele não deu sinais de querer estuprá-la também. Ao contrário, saiu para comprar a pílula do dia seguinte, para o caso de um dos babacas ter conseguido engravidá-la. E ele tem que pensar no Ford Fusion. Esperando do outro lado da cidade. Está na hora de trazê-lo, para ele poder partir para Nevada assim que achar seguro.

Além do mais, ele gosta de Alice. Gosta da forma como ela está se recuperando. Teve uns ataques de pânico, é verdade, mas quem não teria ataques de pânico depois de ser drogada e estuprada por vários homens? Ela não falou nada sobre voltar para a faculdade e não mencionou amigos nem conhecidos que poderiam estar preocupados com ela. Ele acha que ela não deve ter muitos. Também acha que Alice está em uma espécie de hiato. Deu uma pausa na

própria vida enquanto tenta entender o que fazer agora. Billy não é psiquiatra, mas acha que isso pode ser uma coisa saudável.

Aqueles filhos da puta, Billy pensa, e não pela primeira vez. Uns escrotos capazes de estuprar uma garota inconsciente. Quem faz isso?

— Certo, as compras. Você vai ficar aqui, né?

— Vou. — Como se fosse uma conclusão óbvia. — Eu vou comer o cereal com o que tem de leite. Você pode ficar com o ovo. — Ela olha para ele com insegurança. — Se você concordar. Pode ser ao contrário, se você preferir. A comida é sua, afinal.

— Por mim, tudo bem assim. Você me ajuda com a barriga de novo depois do café?

Isso a faz rir. Pela primeira vez.

4

Enquanto comem, ele pergunta se ela sabe o que é síndrome de Estocolmo. Ela não sabe, e ele explica.

— Se eu for visto pela polícia e for preso, eles vão vir aqui. Diz que você ficou com medo de ir embora.

— Eu estou com medo de ir embora — diz Alice. — Mas não por sua causa. Eu não quero que as pessoas me vejam desse jeito. Não quero que as pessoas me vejam de jeito nenhum, ao menos por um tempo. Além do mais, não vão te pegar. Com tudo aquilo, você fica bem diferente. — Ela levanta um dedo de alerta. — *Mas.*

— Mas o quê?

— Você precisa de um guarda-chuva, porque uma peruca sempre parece peruca na chuva. A água forma umas gotinhas. Cabelo de verdade fica molhado e meio que murcha.

— Eu não tenho guarda-chuva.

— Tem um no armário dos Jensen. Perto da porta, na entrada.

— Quando você olhou aquele armário?

— Quando você estava fazendo pipoca. Mulher gosta de ver o que as pessoas têm. — Ela olha para ele por cima da mesa da cozinha, ela com o cereal, ele com o ovo. — Você não sabia mesmo disso?

5

O guarda-chuva faz mais do que evitar que a chuva molhe a peruca loura; também protege o rosto e o faz se sentir um pouco menos como um inseto numa lâmina de microscópio quando ele sai da casa e começa a andar até o ponto de ônibus mais próximo. Entende perfeitamente como Alice se sente porque ele se sente igual. Ir à farmácia foi tenso, mas isso é pior porque ele vai mais longe. Poderia ir andando até a Pine Plaza, é meio perto e a chuva diminuiu de novo, mas ele não pode andar até o outro lado da cidade. E tem outra coisa: quanto mais perto chega de sair da cidade, mais tem medo de ser capturado antes de conseguir.

E mesmo desconsiderando a polícia e os homens do Nick, o que aconteceria se encontrasse alguém da sua vida como David Lockridge? Ele se imagina dobrando um corredor do Harps com a cesta de compras no braço e dando de cara com Paul Ragland ou Pete Fazio. Talvez eles não o reconhecessem, mas uma mulher reconheceria. Não importava o que Alice dissera sobre ele ficar diferente com a peruca e a barriga falsa, Phil o reconheceria. Corinne Ackerman o reconheceria. Até Jane Kellogg o reconheceria, mesmo se estivesse bêbada. Ele tem certeza. Entende que um encontro desses é estatisticamente improvável, mas coisas assim acontecem o tempo todo. Viagens terminam quando amantes se encontram, e até filho de homem sábio sabe disso.

Ele checou os horários da linha de ônibus antes de sair de casa e espera o número 3 na rua Rampart, parado sob o abrigo do ponto com três pessoas, e fecha o guarda-chuva porque deixá-lo aberto seria estranho. Nenhum dos outros o encara. Estão todos olhando os celulares.

Passa por um momento ruim no estacionamento, quando o Fusion não liga, mas lembra que precisa colocar o pé no pedal do freio. Dã, ele pensa.

Dirige até Pine Plaza, dividido entre apreciar o sentimento de estar atrás do volante de novo e ficar paranoico de sofrer qualquer mínimo acidente ou de

atrair a atenção da polícia (duas viaturas passam por ele no trajeto de cinco quilômetros) de alguma outra forma. No Harps ele compra carne, leite, ovos, pão, biscoitos, salada de saquinho, molho e alguns enlatados. Não encontra ninguém que conhece, e por que encontraria? A rua Evergreen fica em Midwood, e os moradores de Midwood fazem compras no Save Mart.

Ele paga as compras com o MasterCard de Dalton Smith e dirige até a rua Pearson, 658. Estaciona na entrada de carros ao lado da casa e desce com as compras. O apartamento está vazio. Alice foi embora.

6

Ele comprou duas bolsas de pano para guardar as compras, com HARPS e PRODUTOS FRESCOS LOCAIS escrito nelas, e elas quase caem no chão quando ele vê a sala e a cozinha vazias. A porta do quarto está aberta, e ele consegue ver que também está vazio, mas a chama mesmo assim, achando que ela pode estar no banheiro. Só que essa porta também está aberta e, se ela estivesse lá dentro, a teria fechado, mesmo com ele fora. Ele sabe.

Não está exatamente com medo. Está mais para… o quê? Magoado? Decepcionado?

Acho que estou, pensa ele. Idiotice, mas estou. Ela reconsiderou as opções, só isso. Você sabia que isso poderia acontecer. Ou deveria saber.

Ele entra na cozinha, coloca as sacolas na bancada, vê os pratos do café da manhã no escorredor. Senta-se para pensar no que deveria fazer agora e vê uma toalha de papel presa embaixo do açucareiro. Ela escreveu duas palavras: LÁ FORA.

Billy guarda os produtos de geladeira, sai pela porta da frente e vai para os fundos, novamente usando o guarda-chuva. Alice tirou a churrasqueira da poça e está raspando a grelha, de costas para ele. Ela deve ter mexido no armário de entrada dos Jensen outra vez, porque a capa de chuva verde que está usando só pode ser de Don.

— Alice?

Ela grita e pula e quase derruba a grelha. Ele estende a mão para firmá-la.

— Eu quase tive um treco aqui — diz ela e inspira com dificuldade.

— Desculpa. Eu não quis te assustar.

— Bom… — *Arrrfff!* — … assustou.

— Canta o primeiro verso da música da Chapeuzinho. — Meio brincando, meio sério.

— Eu não… — *Arrrfff!* — … lembro.

— Pela estrada afora eu vou bem sozinha… — Ele levanta as mãos e balança os dedos num gesto de vem comigo.

— Pela estrada afora eu vou bem sozinha levar esses doces para a vovozinha — ela canta. E então: — Você fez as compras?

— Fiz.

— Trouxe costela de porco?

— Trouxe. Quando cheguei, achei que você tinha ido embora.

— Bom, eu não fui. Ainda. Você não comprou palha de aço, né? Essa é a última lá de cima e está bem gasta.

— Não tinha palha de aço na lista. Eu não sabia que você teria um surto de limpeza na chuva.

Ela fecha a tampa da churrasqueira e olha para ele com esperança.

— Quer ver uns episódios de *Lista negra*?

— Quero — diz ele, e é isso que eles fazem.

Mais três episódios. Entre o segundo e o terceiro, ela vai até a janela e diz:

— A chuva está parando. O sol está quase saindo. Acho que dá pra gente fazer churrasco hoje à noite. Você se lembrou da salada?

Isso vai dar certo, pensa Billy. Não deveria, é loucura, mas vai dar certo pelo tempo que precisar.

7

O sol aparece à tarde, mas lentamente, como se não quisesse. Alice grelha as costelas, e, apesar de ficarem meio queimadas por fora e meio rosadas no meio (“Eu não cozinho muito bem, desculpa”, diz ela), Billy come toda a dele e depois rói o osso. Está boa, mas a salada está melhor. Ele não tinha percebido como estava sentindo falta de folhas até começar a comê-las.

Eles sobem e assistem a mais episódios de *Lista negra*, mas ela está inquieta, pulando do sofá para a poltrona reclinável que deve ser o ninho de Don Jensen quando ele está em casa, depois voltando para o sofá. Billy lembra a si mesmo que ela já viu todos os episódios, provavelmente com a mãe e a irmã. Ele está ficando um pouco entediado agora que entendeu qual é o modus operandi de Red Reddington.

— Você devia deixar um dinheiro — diz ela quando eles desligam a televisão e se preparam para descer. — Pela Netflix.

Billy diz que vai fazer isso, mas acha que, graças à sorte grande dos dois, Don e Bev não precisam de ajuda financeira.

Ela diz que é a vez dele de dormir na cama, e, depois de uma noite no sofá, ele não discute. Pega no sono quase imediatamente, mas alguma parte profunda de seu cérebro já deve estar treinada para ouvir os ataques de pânico, porque ele desperta às duas e quinze ouvindo-a ter dificuldade de respirar.

Ele tinha deixado a porta entreaberta para o caso disso acontecer. Vai até a porta, mas para com a mão na maçaneta. Ela está cantando baixinho.

— Pela estrada afora eu vou bem sozinha…

Ela repete a primeira estrofe duas vezes. Seus ofegos ficam mais espaçados e param. Billy volta para a cama e cai no sono quase imediatamente.

8

Nenhum dos dois sabe — ninguém sabe — que um vírus maldito vai fechar os Estados Unidos e a maior parte do mundo dali a seis meses, mas, no quarto dia que passam no apartamento do porão, Billy e Alice estão tendo uma prévia do que vai ser ficar isolado em casa. Naquela manhã, dois dias antes de Billy decidir partir para o oeste dourado, ele está subindo e descendo a escada até o terceiro andar. Alice arrumou o apartamento, o que nem era necessário porque nenhum dos dois é muito bagunceiro. Depois, ela afundou no sofá. Quando Billy entra, sem ar por ter subido correndo a escada umas seis vezes, ela está vendo um programa de culinária na televisão.

— Frango assado — diz ele. — Parece bom.

— Por que fazer em casa se dá pra comprar um tão bom quanto no supermercado? — Alice desliga a televisão. — Eu queria ter alguma coisa pra ler. Você pode baixar um e-book pra mim? Talvez uma história de detetive? Em um dos laptops vagabundos, não no seu.

Billy não responde. Uma ideia, meio audaciosa e meio assustadora, surge na cabeça dele.

Ela interpreta a expressão dele de outro jeito.

— Eu não olhei nem nada, só sei que é seu porque a tampa está arranhada. Os outros estão novinhos.

Billy não acha que ela tentou olhar o computador. E ela nunca decifraria a senha. Ele está pensando na mira ótica M151 que não explicou para que servia porque estava escrevendo só para si. Ninguém leria. Só que agora tem uma pessoa, e que mal pode fazer, considerando o que ela já sabe sobre ele?

Mas poderia fazer mal, claro. Para ele. Se ela não gostasse. Se dissesse que era chato e pedisse algo mais interessante.

— O que está acontecendo com você? — pergunta ela. — Você está estranho.

— Nada. Quer dizer… Eu andei escrevendo uma coisa. Meio que uma história

de vida. Não sei se você ia querer…

— Quero.

9

Ele não suporta assistir a cena de Alice sentada com o MacBook no colo, lendo as palavras que ele escreveu ali e na Torre Gerard, então vai até a casa dos Jensen para molhar Daphne e Walter. Deixa uma nota de vinte na mesa da cozinha com um bilhete que diz *Pela Netflix* e fica andando pela casa. De um lado para o outro, como um pai esperando o filho nascer num desenho animado antigo. Ele olha para a Ruger na gaveta da mesa de cabeceira de Don, pega a arma, coloca-a de volta, fecha a gaveta.

É ridículo ficar nervoso, ela é estudante de administração, não crítica literária. Deve ter passado sem grande destaque pelas matérias do ensino médio, contentando-se com notas B ou C, e provavelmente a única coisa que ela sabe sobre Shakespeare é que ele escreveu *Romeu e Julieta*. Billy sabe que está subestimando a inteligência dela para proteger seu ego, caso ela não goste, e entende que isso é burrice porque a opinião dela não deveria importar, a história em si não deveria importar, ele tem coisas mais importantes para resolver. Mas importa.

Ele acaba voltando para o apartamento. Ela ainda está lendo, mas, quando ergue o rosto da tela, ele fica alarmado de ver os olhos vermelhos, as pálpebras inchadas.

— O que foi?

Ela limpa o nariz com a base da mão, um gesto infantil, estranhamente encantador.

— Isso aconteceu mesmo com a sua irmã? O homem… *pisou* mesmo nela até ela morrer? Você não inventou essa parte?

— Não. Aconteceu mesmo. — De repente, ele fica com vontade de chorar e não sabe por quê. Não chorou quando escreveu.

— Foi por isso que você me salvou? Por causa dela?

Eu te salvei porque, se tivesse te deixado na rua, a polícia teria acabado

batendo aqui, ele pensa. Só que essa provavelmente é apenas uma parte da verdade. Será que chegamos a contar para nós mesmos a verdade toda?

— Não sei.

— Sinto muito por isso ter acontecido com você. — Alice começa a chorar. — Eu achei que o que tinha acontecido comigo era ruim, mas…

— O que aconteceu com você *foi* ruim.

— … mas o que aconteceu com ela foi pior. Você atirou mesmo nele?

— Atirei.

— Que bom. *Que bom!* E levaram você para um lar de acolhimento?

— Sim. Pode parar de ler, se estiver te incomodando. — Mas ele não quer que ela pare e não lamenta pelo incômodo. Está feliz. Ele a emocionou.

Ela segura o laptop como se tivesse medo de ele tirá-lo dela.

— Eu quero ler o resto. — E, em tom quase acusador: — Por que você não ficou fazendo isso em vez de ficar vendo uma série idiota lá em cima?

— Vergonha.

— Entendi. Pois é, eu sinto o mesmo, então para de me olhar. Me deixa ler.

Ele quer agradecer a ela por ter chorado, mas isso seria estranho. Então ele pergunta que tamanhos de roupa ela usa.

— *Tamanhos de roupa*? Por quê?

— Tem um bazar beneficente no caminho do Harps. Eu posso comprar umas calças e blusas. Talvez um par de tênis. Você não quer que eu fique aqui te olhando ler e nem eu quero olhar. E você deve estar cansada dessa saia.

Ela abre um sorriso travesso que a deixa bonita. Ou deixaria, se não fossem os hematomas.

— Não está com medo de sair sem o guarda-chuva?

— Eu vou de carro. Só lembra que, se a polícia aparecer e não eu, você ficou com medo de ir embora. Eu disse que ia atrás de você e que ia te machucar.

— Você vai voltar — diz Alice e anota seus tamanhos de roupa num papel.

Ele se demora no bazar para dar tempo a *ela*. Não vê ninguém que conheça, e ninguém presta atenção nele. Quando volta, ela terminou. O que ele precisou de

meses para escrever ela leu em menos de duas horas. Ela tem algumas perguntas. Nenhuma é sobre a mira ótica; são sobre as pessoas, principalmente Ronnie e Glen e “aquela pobre garota de um olho só” na Casa da Tinta Eterna. Ela diz que gostou de ele ter escrito como criança quando era criança e de ter mudado quando ficou mais velho. Diz que ele devia continuar escrevendo. E que vai subir enquanto ele escreve, para ver televisão e tirar um cochilo.

— Eu passo o tempo todo cansada. É meio doido.

— Não é. Seu corpo ainda está trabalhando pra compensar o que aqueles escrotos fizeram.

Alice para na porta.

— Dalton? — É assim que ela o chama, apesar de saber o nome dele. — Seu amigo Taco morreu?

— Muita gente morreu antes que aquilo tivesse fim.

— Sinto muito — diz ela e fecha a porta.

10

Ele escreve. A reação dela o estimula. Não se demora muito no tempo ocioso entre abril e novembro de 2004, quando eles tinham que estar conquistando corações e mentes e não conquistaram nada. Escreve alguns parágrafos sobre isso, só um delineado, e vai para a parte que ainda dói.

Eles receberam ordens de recuar dois dias depois da morte de Albie porque havia conversas de cessar-fogo, e, quando os Nove Furiosos (agora Oito Furiosos, cada um deles com ALBIE S. escrito no capacete) voltaram para a base, Billy procurou o sapatinho em toda parte, achando que talvez o tivesse deixado lá. Os outros também procuraram, mas não estava em lugar nenhum, e eles voltaram a fazer o serviço de esvaziar casas. As primeiras três foram tranquilas, duas vazias e uma habitada só por um garoto de doze ou catorze anos que levantou as mãos e gritou *Americanos, armas não, eu amo o New York Yankees, atirar não!*

A quarta casa foi a Casa de Diversão.

Billy para nesse ponto para se exercitar. Acha que talvez ele e Alice fiquem na rua Pearson um pouco mais, quem sabe uns três dias. Até ele terminar a parte sobre a Casa de Diversão e o que aconteceu lá. Ele quer escrever que perder o sapatinho não fez diferença, claro que não. Também quer escrever que seu coração ainda não acredita nisso.

Ele se alonga um pouco antes de subir e descer a escada correndo, porque não vai poder ir ao médico se romper um tendão. Não ouve barulho de televisão atrás da porta dos Jensen, então Alice deve estar dormindo. E se curando, ele espera, embora duvide que alguma mulher fique completamente curada depois de ser estuprada. Fica uma cicatriz, e ele acha que em certos dias a cicatriz deve doer. Ele acha que até dez anos depois, vinte, trinta, deve doer. Talvez seja assim,

talvez não. Talvez os únicos homens que saibam com certeza são os que foram estuprados.

Enquanto corre na escada, ele pensa nos homens que fizeram aquilo com ela, e eles *são* homens. Ela disse que Tripp Donovan tem vinte e quatro anos, e Billy acha que Jack e Hank, os companheiros de estupro de Donovan, devem ter mais ou menos a mesma idade. Homens, não garotos. Homens ruins.

Ele volta para o apartamento no porão, sem fôlego, mas se sentindo mais solto e aquecido, pronto para voltar ao texto por mais uma hora, talvez até duas. Antes de ele começar, o laptop apita, avisando que chegou uma mensagem de texto. É de Bucky Hanson, agora escondido no Grande Sei Lá Onde. **Nenhum dinheiro foi transferido. Acho que não vai acontecer. O que você vai fazer?**

Vou buscar, Billy responde.

11

Naquela noite, ele se senta ao lado de Alice no sofá. Ela ficou bem com a calça preta e a camiseta listrada. Quando ele desliga a televisão e diz que quer conversar, ela faz uma expressão de medo.

— É alguma coisa ruim?

Billy dá de ombros.

— Você que vai me dizer.

Ela escuta com atenção, o olhar grudado no dele. Quando ele termina, ela pergunta:

— Você faria isso?

— Faria. Eles precisam do troco pelo que fizeram com você, mas esse não é o único motivo. Homens que fizeram isso uma vez vão fazer de novo. Talvez você nem tenha sido a primeira.

— Você estaria correndo um risco. Pode ser perigoso.

Ele pensa na arma na mesa de cabeceira de Don Jensen e diz:

— Provavelmente não muito.

— Você não pode matá-los. Eu não quero isso. Me diz que não vai matar ninguém.

A ideia nem passou pela cabeça de Billy. Eles precisam pagar, mas também precisam aprender, e quem morre não aprende nada.

— Não. Nada de matar.

— E eu não me importo com o Jack e o Hank. Não foram eles que fingiram gostar de mim e me fizeram ir até aquele apartamento.

Billy não diz nada, mas ele se importa com Jack e Hank, supondo que tenham participado, e, com base no que ele viu quando ela estava despida, ele tem certeza de que pelo menos um deles participou. Provavelmente os dois.

— Mas eu me importo com o Tripp — diz ela e encosta a mão no braço dele. — Se ele ficasse machucado, eu ficaria feliz. Acho que isso faz de mim uma

pessoa ruim.

— Faz de você humana — diz Billy. — Pessoas ruins precisam pagar. E o preço tem que ser alto.

XVI

1

Nós ouvíamos fogo pesado de armas pequenas e explosões em outras partes da cidade, mas, até a merda bater no ventilador, nossa área em Jolan estava relativamente tranquila. Olhamos as três primeiras casas da nossa seção, o bloco Lima, sem problemas. Duas estavam vazias. Na terceira havia um garoto que não estava armado e nem preparado para explodir. Nós o fizemos tirar a camisa para termos certeza. E o mandamos para a delegacia com dois caras do exército que estavam indo naquela direção com prisioneiros. Sabíamos que o garoto provavelmente estaria na rua ao anoitecer, porque a delegacia era basicamente um local de passagem. Ele tinha sorte de estar vivo, porque ainda estávamos tensos por termos perdido Albie Stark. Din-Din chegou a erguer a arma, mas Big Klew empurrou o cano para baixo e disse para deixar o garoto em paz.

"Da próxima vez que a gente encontrar esse garoto, ele vai estar com um AK", disse George. "A gente devia matar todos. Pragas do caralho."

A quarta casa era a maior do quarteirão, uma propriedade regular. Tinha teto abobadado e pátio com palmeiras para fazer sombra. Lar de algum baathista rico, sem dúvida. A coisa toda era cercada por um muro alto de concreto com um mural pintado de crianças jogando bola, pulando corda e correndo de um lado para o outro enquanto várias mulheres olhavam. Provavelmente com aprovação, mas era difícil dizer porque todas estavam bem enroladas nos abayas. Havia também um homem meio para o lado. Nosso intérprete, Fareed, disse que ele era o mutaween. As mulheres olhavam as crianças, disse Fareed, e o mutaween olhava as mulheres para garantir que elas não fizessem nada que pudesse incitar luxúria.

Nós todos nos divertíamos com Fareed, porque o sotaque dele o fazia soar como um habitante de Traverse City. Muitos intérpretes falavam como gente do norte de Michigan, vai saber por quê. "Esse desenho significa que, nessa casa, os al'atfal, as crianças, podem vir brincar."

"Então é uma casa de diversão", disse Benga.

"Não, diversão não é permitida na casa", disse Fareed. "Só no pátio."

Benga revirou os olhos e deu uma risadinha, mas ninguém riu abertamente. Nós ainda estávamos pensando em Albie e em como poderia ter sido qualquer um de nós.

"Vem, pessoal", disse Taco. "Vamos botar pra foder." Ele entregou a Fareed o megafone que tinha BOM DIA, VIETNÃ escrito na lateral com caneta permanente e disse

2

Billy é arrancado de Faluja pelo som dos passos de Alice descendo a escada correndo. Ela entra no apartamento com o cabelo desgrenhado.

— Tem alguém chegando! Eu estava molhando as plantas e vi o carro virar na entrada!

Uma olhada pela expressão dela diz para Billy não perder tempo perguntando se ela tem certeza. Ele se levanta e vai para a janela-periscópio.

— Você acha que são eles? Os Jensen voltando mais cedo? Eu desliguei a televisão, mas tomei café, a casa está com cheiro de café, e tem um prato na bancada! Migalhas! Eles vão saber que alguém…

Billy empurra a cortina de leve. Ele não conseguiria ver o carro se tivesse entrado todo, o ângulo não alcança, mas como seu Fusion está parado ali, ele consegue. É um SUV azul com um arranhão na lateral. Por um momento, ele não consegue lembrar onde o viu antes, mas percebe antes mesmo de o motorista sair. É Merton Richter, o corretor de imóveis que alugou o apartamento para ele.

— Você trancou a porta? — Billy inclina o queixo para cima.

Alice balança a cabeça, os olhos arregalados e assustados, mas talvez não haja problema. Mesmo que Richter bata na porta e espie dentro quando ninguém atender. Afinal, os Jensen lhe pediram para molhar as plantas. Mas ele talvez batesse ali embaixo, e Billy não está de peruca, menos ainda de barriga falsa. Está de camiseta e short de fazer exercícios.

A porta da frente se abre e eles ouvem Richter entrar. Billy tinha limpado o vômito, mas será que restou algum cheiro? Eles não abriram a porta para arejar o saguão.

Billy quer esperar e ver se Richter vai subir para o apartamento dos Jensen, mas sabe que não pode se dar a esse luxo.

— Liga os computadores. — Ele move a mão, indicando os AllTechs. E, Cristo, Richter *não está* subindo, ele está descendo. — Você é minha sobrinha.

Ele só tem tempo para isso. Fecha o MacBook, corre para o quarto e fecha a porta. Quando atravessa para o banheiro, onde a barriga falsa está pendurada atrás da porta, ele ouve Richter bater. Alice vai ter que abrir, porque ele vai saber pelo carro na entrada que tem alguém em casa. Quando abrir, ele vai ver uma jovem com metade da idade de Billy, cheia de hematomas e ainda corada por ter descido a escada correndo. Só que essa não é a primeira hipótese de exercício físico que vai ocorrer a Richter. Isso é ruim.

Billy coloca a barriga na lombar para poder prender a tira, mas erra a fivela e a barriga cai no chão. Ele a pega e tenta de novo. Desta vez, enfia a tira na fivela, mas aperta demais e não consegue virar a barriga para a frente nem encolhendo a barriga de verdade. Quando solta a tira, aquela merda cai de novo. Billy bate com a cabeça na pia, pega o acessório, diz para si mesmo que ele tem que se acalmar e prende a fivela. Gira a barriga e a coloca em posição.

De volta ao quarto, Billy ouve o murmúrio de vozes. Alice ri. É um som mais de nervoso que de diversão. Porra, porra, *porra*.

Ele veste a calça cáqui e o moletom, tanto por ser mais rápido do que uma camisa de botão quanto porque Alice estava certa, homens gordos costumam achar que roupas largas os fazem parecer menos gordos. A peruca loura está na cômoda. Ele a pega e a coloca sobre o cabelo preto. Na sala, Alice ri de novo. Billy lembra a si mesmo de não chamá-la pelo nome porque, até onde sabe, ela pode ter dito um nome falso para o visitante.

Respira fundo duas vezes para se acalmar, abre um sorriso que espera que pareça constrangido, como se ele tivesse sido pego fazendo suas necessidades, e abre a porta.

— Estou vendo que temos companhia.

— Sim — diz Alice. Ela se vira para ele com um sorriso nos lábios e uma expressão de alívio evidente nos olhos. — Ele disse que alugou o apartamento pra você.

Billy franze a testa, tentando lembrar, e sorri quando lembra.

— Ah, sim, isso mesmo. Sr. Ricker.

— Richter — diz ele, e estende a mão. Billy a aperta, ainda sorrindo, tentando ler o que Richter está pensando. Não consegue. Mas Richter vai ter reparado nos hematomas no rosto dela e no nervosismo. Impossíveis não reparar. E será que Billy está com a mão suada? Provavelmente.

— Eu estava no… — Billy aponta vagamente para o quarto e para o banheiro que vem depois.

— Tudo bem — diz Richter. Ele olha para as telas dos laptops AllTech, que estão mostrando as várias manchetes para atrair cliques, carregadas previamente: as maravilhas do açaí, duas dicas esquisitas para acabar com as rugas, os médicos pedem que você não coma esta verdura, veja como essas dez crianças que foram estrelas estão agora.

— Então é isso que você faz? — pergunta Richter.

— Em paralelo. Eu ganho a vida mesmo fazendo trabalho de TI. Eu viajo muito, né, querida?

— É — diz Alice, e dá outra risadinha nervosa. Richter olha para ela de lado rapidamente, e o olhar deixa evidente que, a despeito do que Alice contou quando Billy estava tentando colocar a barriga falsa, ele acredita que ela é sobrinha de Dalton Smith tanto quanto acredita que a lua é feita de queijo.

— Que fascinante — diz Richter, inclinando-se para olhar a tela, que acabou de mudar da verdura perigosa (é o milho, no fim das contas, que nem é verdura) para dez assassinatos famosos não solucionados (JonBenét Ramsey lidera o grupo). — Fascinante mesmo. — Ele se empertiga e olha em volta. — Gostei do que você fez no apartamento.

Alice arrumou um pouco, mas, fora isso, continua igual a quando ele se mudou.

— O que posso fazer por você, sr. Richter?

— Bom, eu vim só para dar um aviso. — Richter, chamado de volta ao trabalho, ajeita a gravata e abre um sorriso profissional. — Um consórcio chamado Southern Endeavor comprou os armazéns da rua Pond e as poucas casas que restam aqui da rua Pearson. E isso inclui esta aqui. Estão planejando um shopping center novo que deve revitalizar toda essa parte da cidade.

Billy duvida que um shopping seja capaz de revitalizar qualquer coisa na era da internet, inclusive o próprio shopping, mas não diz nada.

Alice está se acalmando, e isso é bom.

— Vou para o quarto deixar os homens conversarem — diz ela, e fecha a porta.

Billy enfia as mãos nos bolsos e se balança para a frente e para trás, fazendo a barriga falsa se destacar um pouco embaixo do moletom.

— Os depósitos e as casas vão ser derrubados, é isso que você está me dizendo? Inclusive esta, suponho.

— Sim, mas você vai ter seis semanas para encontrar uma nova moradia — diz Richter, como se concedendo um grande presente. — Seis semanas exatas, infelizmente. Me passe seu novo endereço antes de se mudar, amigo, e vou reembolsar o saldo do aluguel. — Richter suspira. — Vou ter que avisar os Jensen agora. Vai ser mais difícil, porque eles estão aqui há mais tempo.

Não cabe a Billy dizer que Don e Beverly vão procurar uma casa nova de qualquer maneira, para comprar em vez de alugar, assim que voltarem do cruzeiro. Mas ele diz a Richter que os Jensen vão passar um tempo fora e que ele está cuidando das plantas.

— Eu e a minha sobrinha.

— Que bom vizinho você é. E ela é um amor de garota. — Richter lambe os lábios, talvez só para umedecê-los, talvez não. — Você tem o telefone dos Jensen?

— Tenho. Está na minha carteira. Você pode me dar licença um segundo?

— Claro.

Alice está sentada na cama, olhando para ele com olhos arregalados. O rosto

dela está bem pálido e os hematomas ficam mais destacados. *E aí?*, perguntam os olhos. *Qual é o tamanho do problema?*

Billy levanta a mão e balança no ar: *Calma, calma.*

Ele pega a carteira e vai para a sala, lembrando-se de andar como um gordo. Richter está inclinado na frente de um dos AllTechs, as mãos nos joelhos, a gravata pendurada como um pêndulo parado, lendo sobre as maravilhas do abacate, o legume mais perfeito da natureza (que na verdade é uma fruta). Por um momento, Billy considera entrelaçar os dedos e dar um golpe na nuca de Richter, mas, quando ele se vira, Billy só abre a carteira e oferece um pedaço de papel.

— Aqui.

Richter tira um bloquinho do bolso interno e anota o número com um lápis prateado.

— Vou dar uma ligadinha pra eles.

— Eu posso ligar, se quiser.

— Claro, claro, mas vou ter que ligar de qualquer jeito. É parte do trabalho. Desculpe incomodá-lo, sr. Smith. Vou deixar você voltar… — Ele olha brevemente na direção do quarto. — … para o que estava fazendo.

— Vou te levar lá fora — diz Billy. Ele baixa a voz e diz: — Quero falar com você sobre… — Ele inclina a cabeça na direção do quarto.

— Não é da minha conta, amigo. Estamos no século XXI.

— Eu sei, mas não é isso.

Eles sobem a escada até o saguão. Billy sobe atrás, bufando um pouco.

— Estou precisando perder peso.

— Bem-vindo ao clube — diz Richter.

— A pobre da garota é filha da minha irmã Mary — diz Billy. — O marido da Mary largou dela um ano atrás e ela pegou um otário qualquer num bar. Bob alguma coisa. Ele fica atrás da garota e bateu nela porque ela não quis nada com ele, se é que você me entende.

— Eu entendo. — Richter está olhando pela porta do saguão como se mal pudesse esperar para voltar até o carro. Talvez a história seja incômoda para ele, Billy pensa. Ou talvez ele só queira ir para longe de mim.

— Tem outra coisa. A Mary tem um temperamento horrível e não gosta de ninguém dizendo pra ela o que fazer.

— Sei como é gente assim — diz Richter, ainda olhando pela porta. — Sei bem.

— Vou ficar com a minha sobrinha uma semana, talvez uns dez dias, pra deixar a minha irmã se acalmar um pouco. Depois, vou levar ela de volta e conversar sobre o Bob.

— Entendi. Boa sorte. — Ele se vira e oferece a mão junto com um sorriso. O sorriso parece genuíno. Richter talvez acredite na história. Por outro lado, talvez Billy esteja agindo como se sua vida dependesse disso, e deve depender mesmo. Billy aperta a mão dele com firmeza.

— Mulheres! Não podemos viver com elas e não podemos atirar nelas fora do estado do Alabama!

É uma piada e Billy ri. Richter solta a mão, abre a porta e se vira.

— Estou vendo que você raspou o bigode.

Sobressaltado, Billy leva dois dedos ao lábio superior. Na verdade, tinha esquecido de colocar o bigode na pressa, e talvez tenha sido melhor. O bigode é difícil, precisa de cola para ficar preso, e se ele o colocasse torto ou se a cola ficasse aparecendo, Richter saberia que era falso e ficaria intrigado.

— Ficava grudando comida demais — diz Billy.

Richter ri. Billy não consegue perceber se a risada é forçada. Talvez seja.

— Sei bem como é, amigão. Sei perfeitamente.

Ele desce os degraus até o carro arranhado, os ombros meio encolhidos, talvez por estar frio naquela manhã, talvez por estar esperando que Billy enfie uma bala na sua nuca.

Ele acena antes de entrar. Billy também acena. E desce a escada rapidamente.

3

— Vou visitar o seu amigo hoje à noite. Amanhã, vou pular fora daqui.

Alice leva a mão à boca, mas volta a abaixá-la quando o dedo roça no nariz inchado.

— Ah, meu Deus. Ele te reconheceu?

— Não sei. Meu instinto diz que não, mas ele é observador, notou que não estou mais de bigode...

— Jesus!

— Ele presumiu que eu tivesse raspado, então acho que tudo bem. Estou disposto a abusar da sorte por mais um dia. Você disse algum nome pra ele?

— Brenda Collins. Minha melhor amiga no ensino médio. Você…

— Se eu disse um diferente? Não, eu só te chamei de minha sobrinha. Falei que o namorado da sua mãe bateu em você porque você não quis ir pra cama com ele.

Alice assente.

— Que bom. Acho que isso resolve.

— Não quer dizer que ele vai acreditar. Ouvir uma história é uma coisa, ver é outra. E o que ele viu foi um cara gordo de meia-idade com uma menor agredida.

Alice se empertiga, parecendo ofendida. Em qualquer outra circunstância, poderia ter sido engraçado.

— Eu tenho vinte e um anos! Sou uma adulta perante a lei!

— Pedem sua identidade nos bares?

— Bom…

Billy assente. Caso encerrado.

— Talvez — diz Alice —, se você realmente pretende… bom… *confrontar* Tripp, a gente nem devesse esperar até a noite. A gente devia ir agora.

4

Ele olha para ela, ao mesmo tempo acreditando e não acreditando no “a gente”. E pior, ela está olhando para ele como se fosse uma decisão já tomada.

— Puta merda — diz Billy. — Você tem *mesmo* síndrome de Estocolmo.

— Não tenho, porque não sou refém. Eu poderia ter ido embora a qualquer momento do apartamento dos Jensen, desde que não fizesse barulho na escada. Você nunca teria reparado porque estava absorto na sua escrita.

Provavelmente, é verdade, Billy pensa. Além disso…

Alice completa por ele.

— Se eu fosse fugir, poderia ter feito isso na primeira vez que você saiu. Pra comprar a pílula do dia seguinte. — Ela faz uma pausa e acrescenta: — Além do mais, eu dei um nome falso.

— Porque você estava com medo.

Alice balança a cabeça veementemente.

— Você estava no quarto. Eu poderia ter sussurrado que você é William Summers, que matou o homem no fórum. Nós já estaríamos no carro antes mesmo de você acabar de colocar *isso aí*. — Ela cutuca a barriga falsa.

— Você não pode ir comigo. É loucura.

Mas a ideia já está começando a ser absorvida, como água entrando na terra seca. Ela não pode ir com ele até Vegas, isso está fora de questão, mas se eles conseguirem bolar uma história que proteja a identidade de Dalton Smith, que está em grande perigo agora, talvez…

— Você pode ir sozinho se deixar Tripp e os amigos dele em paz. Porque, se acontecer alguma coisa com eles, vão conectar a mim. O Tripp e os amigos dele, quero dizer. Eles não iam querer procurar a polícia, mas talvez decidissem me machucar.

Billy precisa segurar um sorriso. Ela o está manipulando, e está se saindo muito bem assim, de improviso. É uma mudança enorme da garota

semiconsciente vomitando que ele tirou da chuva, e que às vezes tem ataques de pânico à noite. Billy pensa que é uma mudança para melhor. Além do mais, ela está certa: qualquer coisa que ele faça com aqueles três será conectada a ela. Supondo, claro, que ela tenha sido a única mulher que eles estupraram num encontro na semana anterior, o que parece provável.

— Sim — diz Alice, observando-o por baixo das sobrancelhas e ainda firme na manipulação. — Acho que é melhor você deixá-los sem punição. — E ela pergunta por que ele está sorrindo.

— Nada. É que eu gosto de você. Meu amigo Taco teria dito que você tem tempero.

— Eu não sei o que isso quer dizer.

— Não importa. Mas, bom, aqueles caras precisam pagar pelo que fizeram. Eu preciso pensar nisso.

— Posso te ajudar a arrumar as malas enquanto você pensa?

5

É Billy que acaba arrumando as malas. Não demora muito. Não há espaço para as roupas novas dela, mas ele encontra uma sacola de plástico da Barnes & Noble, daquelas com alças mais firmes, na prateleira do alto do armário do quarto, e coloca as coisas dela lá dentro. Ele carrega os AllTechs em uma pilha até o Fusion.

Enquanto ele faz isso, Alice vai até o apartamento dos Jensen com um pano de prato e um spray de Lysol misturado com água para limpar as superfícies. Ela dá uma atenção especial ao controle remoto, que os dois usaram, e não esquece os interruptores. Quando desce, Billy a ajuda a limpar o apartamento do porão, caprichando no banheiro: torneiras da pia e do chuveiro, espelho, descarga. Eles demoram uma hora.

— Acho que acabamos — diz ela.

— E a chave do apartamento dos Jensen?

— Ah, Deus. Ainda está comigo. Vou limpar e… fazer o quê? Enfiar por baixo da porta?

— Deixa que eu faço isso.

Ele faz, mas primeiro vai buscar a Ruger de Don Jensen. Enfia a arma na cintura, por baixo da barriga falsa. Seu moletom XG cobre tudo. O revólver é um item caro, deve custar uns quinhentos ou seiscentos dólares, e Billy não tem tanto assim em dinheiro. Ele deixa duas notas de cinquenta e uma de cem na mesa de cabeceira, junto com um bilhete que diz: *Peguei sua arma. Vou pagar a diferença quando puder.* Isso é bom, mas e Daphne e Walter? Vão morrer de sede nos parapeitos? O Romeu e a Julieta do mundo das plantas? É idiotice ficar pensando nisso, considerando todas as outras coisas que ele tem para resolver.

É porque Bev deu nome a elas, ele pensa. Ele dá uma borrifada final em cada uma para dar sorte. Em seguida, toca no bolso de trás, onde o desenho de Shan

com o flamingo está dobrado e guardado.

Quando desce, ele tira o celular de Alice do bolso e entrega para ela.

Ela o pega com expressão de acusação.

— Não estava perdido. Estava com você o tempo todo.

— Porque eu não confiava em você.

— E agora confia?

— Agora confio. E em algum momento você vai precisar ligar para a sua mãe, senão ela vai começar a se preocupar.

— É, acho que sim — diz Alice. E, com um traço de amargura: — Depois de *um mês*, provavelmente — Ela suspira. — Tá, e o que eu diria pra ela? Que fiz um amigo e a gente passou uns dias tomando sopa e assistindo *Lista negra*?

Billy pensa sobre a questão, mas não chega a lugar nenhum. Alice abre um sorriso.

— Quer saber? Vou dizer que larguei a faculdade. Ela vai acreditar nisso. E que estou indo para Cancún com uns amigos. Ela vai acreditar nisso também.

— Vai? Sério?

— *Vai*.

Billy pensa que deve haver toda uma relação de mãe e filha por trás dessa resposta, cheia de lágrimas, recriminações e brigas terminando com portas batidas.

— Você precisa pensar um pouco mais nessa história — diz ele. — Mas agora temos que ir.

6

Há duas saídas para Sherwood Heights na interestadual, as duas cheias de lanchonetes de fast-food, postos de gasolina e motéis. Billy pede para Alice procurar um motel que não seja de rede. Enquanto ela está distraída olhando os letreiros, ele tira a Ruger da cintura e coloca embaixo do banco. Na segunda saída, ela aponta para o Penny Pines Motel e pergunta o que ele acha. Billy diz que parece bom. Ele usa um dos cartões de Dalton Smith e reserva dois quartos adjacentes. Alice espera no carro e faz Billy pensar naquela música antiga do Amazing Rhythm Aces, “Third Rate Romance”.

Os dois levam as coisas para dentro. Ele tira o MacBook da bolsa, coloca-o na única mesa do quarto (bamba e com uma perna que precisa ser lixada), fecha o zíper e pendura a bolsa no ombro.

— Pra que você precisa disso?

— Suprimentos. Tenho que fazer umas compras. E ela tem uma aparência boa. Profissional. Qual é o número do seu celular?

Ela diz, e ele salva nos contatos.

— Você tem o endereço do condomínio onde aqueles caras moram? — É uma pergunta que ele devia ter feito antes, mas os dois estavam meio ocupados.

— Eu não sei o número, mas é o Landview Estates, na Rota 10. É a última parada do ônibus antes de chegar no aeroporto e voltar. — Alice o segura pela manga e o leva até a janela. Ela aponta. — Tenho quase certeza de que aquele é o Landview Estates, os três prédios da esquerda. Tripp mora, quer dizer, *eles* moram no prédio C.

— No terceiro andar.

— Isso mesmo. Não lembro o número do apartamento, mas é o que fica no final do corredor. Tem um código pra entrar pela portaria do prédio, e eu não vi os números que ele digitou. Não me pareceu importante na hora.

— Vou conseguir entrar. — Billy espera estar certo sobre isso. Sua

especialidade são armas, não entrar em prédios com portas protegidas.

— Você vai voltar aqui antes de ir pra lá?

— Não, mas vou manter contato.

— A gente vai passar a noite aqui?

— Não sei. Depende de como as coisas se desenrolarem.

Ela pergunta se ele tem certeza de que quer fazer aquilo. Billy diz que sim, e é verdade.

— Talvez seja má ideia.

Pode ser, mas Billy pretende ir até o fim mesmo assim, se puder. Aqueles homens merecem.

— Me pede para desistir e eu desisto.

Em vez de fazer isso, Alice segura uma das mãos dele e aperta. A dela está fria.

— Cuidado.

Ele sai, vai até a metade do corredor e volta. Tem outra pergunta que ele esqueceu de fazer. Ele bate na porta e ela abre.

— Como é o Donovan?

Ela pega o celular e mostra uma foto.

— Eu tirei essa na noite em que fomos ao cinema.

O homem que a drogou e a estuprou e, junto com dois amigos, a jogou para fora de uma van velha como se fosse lixo, está segurando um saco de pipoca e sorrindo. Seus olhos estão cintilando. Os dentes são brancos e alinhados. Billy acha que ele parece um ator de propaganda de pasta de dentes.

— Certo. E os outros dois?

— Um era baixo e tinha sardas. O outro era bem mais alto e tinha pele morena. Não lembro qual era Jack e qual era Hank.

— Não importa.

7

O Airport Mall fica na mesma rua do motel. Tem um Walmart maior do que o de Midwood. Billy tranca o carro, ciente da arma embaixo do banco do motorista, e faz suas compras. Encontra a máscara facilmente. O Halloween ainda está longe, mas as lojas sempre começam a vender essas coisas bem antes. Ele também compra um binóculo barato, um pacote de lacres grossos, um par de luvas finas, um mixer Magic Wand e uma lata de limpador de forno Easy-Off. Do lado de fora, dois policiais (de verdade, não seguranças do Walmart) estão tomando café e discutindo sobre motores de lanchas. Billy assente para eles.

— Boa tarde, senhores.

Eles assentem em resposta e continuam a conversa. Billy anda como gordo até o meio do estacionamento e depois se apressa para chegar ao Fusion. Coloca a arma e as compras na bolsa do laptop e dirige os dois quilômetros e meio até Landview Estates. É bem chique, um lugar perfeito para solteiros endinheirados, mas não chique a ponto de ter uma guarita de segurança com um policial contratado, e, naquela hora do dia, o estacionamento na frente do prédio C está bem vazio.

Billy para em uma vaga de frente para a porta, tira a barriga falsa e espera. Depois de uns vinte minutos, um Kia Stinger esportivo para e duas mulheres jovens saem com sacolas de compras. Billy levanta o binóculo. Elas vão até a porta e apertam uns botões no teclado, mas uma delas fica na frente e Billy não consegue ver nada. Quem chega em seguida, uns vinte minutos depois, é um homem… mas não um dos que Billy está procurando. É um cara de uns cinquenta anos. Ele também fica na frente do teclado, e não adianta nada olhar pelo binóculo.

Isso não vai dar certo, ele pensa.

Ele poderia tentar entrar junto com um morador (“Pode segurar a porta um segundo? Obrigado!”), mas isso só deve funcionar no cinema. Além do mais, é

uma hora mais tranquila do dia. Em quarenta minutos, só três pessoas entraram e ninguém saiu.

Billy pendura a bolsa no ombro e vai até os fundos do prédio. A primeira coisa que ele vê no pequeno estacionamento auxiliar é a van. Agora, consegue ler o adesivo no para-choque: FODA-SE OS DEADHEADS. A não ser que a van esteja quebrada, o que é sempre uma possibilidade, pelo menos um dos merdinhas está em casa.

Duas caçambas grandes de lixo ficam à esquerda do que parece ser uma porta de serviço. À direita tem uma cadeira de praia e uma mesinha enferrujada com um cinzeiro em cima. A porta está um pouco aberta, presa com um tijolo, porque esse é o tipo de porta que não abre por fora, e quem sai para fumar não quer ter que destrancar cada vez que entrar de volta.

Billy vai até a porta e espia pelo vão. Vê um corredor escuro e vazio. Ouve música, Axl Rose berrando “Welcome to the Jungle”. Uns dez metros depois há portas abertas à esquerda e à direita. A música está vindo da porta da direita. Billy entra e anda energicamente pelo corredor. Quando se está num lugar em que não deveria estar, é preciso agir como se estivesse em casa. O aposento da esquerda é uma lavanderia, com algumas lavadoras e secadoras que funcionam com moedas. A da direita leva ao porão.

Tem alguém lá embaixo, cantando junto com a música. E não só cantando. Billy não consegue vê-lo, mas vê uma sombra, e a sombra está dançando. Alguém, provavelmente o zelador do prédio, fez uma pausa da tarefa que tinha ido fazer (reiniciar um disjuntor, procurar uma lata de tinta para dar um retoque) e começou a fantasiar que estava no programa *Dancing with the Stars*.

Há um elevador de carga enorme no fim do corredor, com as portas abertas e as paredes acolchoadas, mas Billy nem pensa em usá-lo. O maquinário deve ficar no porão, e, se o elevador começar a subir, o dono da sombra dançarina vai ouvir. Há uma porta à esquerda do elevador com a palavra ESCADA. Billy sobe até o terceiro andar. Lá, ele abre a bolsa do laptop. Coloca as luvas e a máscara.

Enfia os lacres no bolso da calça. A Ruger está na mão esquerda e a lata de limpador de forno está na direita. Ele abre a porta da escada e espia o pequeno saguão. Está vazio. O corredor também. Tem uma porta de apartamento à esquerda, uma à direita e uma no final. Deve ser lá que moram os três porquinhos estupradores.

Billy desce o corredor. Vê uma campainha, mas, em vez de usá-la, bate na porta com força. Faz uma pausa e bate com mais força.

Passos se aproximam.

— Quem é?

— Polícia, sr. Donovan.

— Ele não está. Sou só um amigo que mora com ele.

— Isso não te dá nenhuma vantagem. Abre a porta.

O homem que abre a porta tem pele morena e é pelo menos quinze centímetros mais alto do que Billy. Alice Maxwell deve ter no máximo um metro e sessenta, e a ideia daquele homem enorme em cima dela deixa Billy furioso.

— O que… — O cara parece atordoado quando vê um homem com uma máscara da Melania Trump e uma bolsa de laptop pendurada no ombro.

— Tira essa calcinha — diz Billy e borrifa os olhos dele com o limpador de forno.

8

Jack ou Hank (não importa quem seja) cambaleia para trás e leva as mãos aos olhos. Tem espuma escorrendo pelas bochechas e caindo do queixo. Ele tropeça em um pufe na frente de uma cadeira de vime com cobertura (Billy acha que se chama “balanço de bangalô”) e cai estatelado. É a sala de uma casa de solteiros, sem dúvida, com um sofazinho curvo para duas pessoas (Billy sabe o nome desse, é “namoradeira”) de frente para uma televisão bem grande. Há uma mesa redonda com um laptop em cima e um bar na frente de uma janela ampla com vista para o aeroporto. Billy vê um avião decolando e tem certeza de que, se o arrombado pudesse vê-lo, desejaria estar a bordo dele. Ele bate a porta de entrada. O cara está gritando que está cego.

— Não está, mas vai ficar se não lavar os olhos rápido, então presta atenção. Estica as mãos.

— *Não tô enxergando! Não tô enxergando!*

— Estica as mãos que eu vou cuidar de você.

Jack ou Hank está rolando no carpete. Não está esticando as mãos, está tentando se sentar, e é um cara grande demais para dar mole. Billy larga a bolsa do laptop e dá um chute na barriga dele. Ele solta uma baforada de ar. A espuma voa e cai no carpete.

— Não entendeu? Estica as mãos.

Ele faz isso, os olhos bem fechados, as bochechas e a testa vermelhas. Billy se ajoelha, junta os pulsos e os prende com um dos lacres antes de o sujeito no chão entender o que está acontecendo.

— Quem mais está aqui? — Billy tem quase certeza de que não tem ninguém. Se tivesse, teria vindo correndo com os gritos.

— Ninguém! Meu Deus, meus olhos! Estão *ardendo*!

— Levanta.

Jack ou Hank fica de pé todo desajeitado. Billy o segura pelos ombros e o vira

para a passagem que leva à cozinha.

— Vamos, marchando.

Jack ou Hank não marcha, mas cambaleia adiante, balançando os braços na frente do corpo em busca de obstáculos. Ele está respirando rápido, mas não com dificuldade, como Alice ficou; não há necessidade de ensiná-lo a cantar a música da Chapeuzinho Vermelho. Billy o empurra até o botão da calça bater na pia. A torneira tem um chuveirinho anexado. Billy abre a torneira e vira o chuveirinho para o rosto de Jack ou Hank. Acaba se molhando no processo, mas tudo bem. É até refrescante.

— *Está ardendo! Ainda está ardendo!*

— Vai passar — diz Billy, e vai mesmo, mas ele espera que não passe muito rápido. Aposta que a vagina de Alice também ardeu pra cacete. Talvez ainda esteja ardendo. — Qual é o seu nome?

— O que você quer? — Agora, ele está chorando. Deve ter vinte e tantos anos, quase trinta, é alto e deve pesar uns cem quilos, mas está chorando como um bebê.

Billy encosta a Ruger na lombar do sujeito.

— Isso é uma arma, então não me faz perguntar de novo. Qual é o seu nome?

— *Jack!* — Ele quase grita. — Jack Martinez! Por favor, não atira em mim, *por favor!*

— Vamos para a sala, Jack. — Billy empurra Jack na sua frente. — Senta na poltrona de vime. Dá pra enxergar?

— Um pouco. — Jack chora. — Está tudo *borrado*, porra. Quem é você? Por que…?

— Senta.

— Leva a minha carteira. Não tem muito dinheiro, mas o Tripp sempre tem uns duzentos dólares no quarto dele, na primeira gaveta da escrivaninha, pode pegar e ir embora!

— Senta.

Ele segura Martinez pelos ombros, o vira e o empurra até a poltrona. Ela fica

suspensa no teto por uma corda e começa a se balançar de leve quando o peso do homem cai nela. Martinez olha para Billy com olhos vermelhos.

— Fica um minuto aí sentado pra se recuperar.

Há guardanapos no bar ao lado do balde de gelo. De pano, não de papel, coisa de qualidade. Billy pega um e vai até Martinez.

— Não se mexe.

Martinez fica parado e Billy seca o rosto dele, tirando o que resta de espuma. E dá um passo para trás.

— Onde estão os outros dois?

— Por quê?

— Você não faz perguntas, Jack. Eu faço. Seu trabalho é responder, a não ser que você queira mais espuma. Ou uma bala no joelho se me irritar demais. Entendeu?

— Entendi! — A virilha da calça cáqui de Martinez ficou escura.

— Onde eles estão?

— O Tripp foi à FCRB conversar com o orientador. O Hank está trabalhando. Ele é vendedor na JossBank.

— O que é JossBank?

— Jos. A. Bank, uma loja de roupas…

— Já sei o que é. E o que é FCRB?

— Faculdade Comunitária de Red Bluff. Tripp faz mestrado lá. Meio período. Em história. Ele está escrevendo um artigo sobre a guerra austrálio-húngara.

Billy pensa em dizer para aquele idiota que a Austrália não teve nada a ver com a revolução húngara de 1848, mas para quê? Foi até lá para ensinar outro tipo de lição.

— Quando ele volta?

— Não sei. Acho que ele disse que a reunião era às duas. Talvez pare pra tomar um café depois. Às vezes ele faz isso.

— Pra dar em cima de uma barista, provavelmente. Se ela for nova na cidade e estiver querendo conhecer alguém legal.

— Hã?

Billy chuta a perna dele. Não com força, mas Martinez grita, e a cadeira começa a balançar de novo. É como um poleiro para três amigos que vivem pulando de galho em galho.

— E o Hank? Quando ele volta?

— Ele sai às quatro. Por que você…?

Billy levanta a lata de limpador de forno. Martinez ainda deve estar enxergando borrado, mas ele entende o que é e para de falar.

— E você, Jack? Como você ganha a vida?

— Eu negocio no mercado financeiro.

Billy vai até o laptop na mesa redonda. Tem números voando pela tela, a maioria verde.

— A van lá atrás é sua?

— Não, é do Hank. Eu tenho um Miata.

— A van está quebrada?

— Está, a junta da cabeça quebrou. Ele está indo trabalhar com o meu carro. A loja fica no Airport Mall.

Billy puxa uma cadeira para perto do balanço de vime. Ele se senta na frente de Martinez.

— Eu posso encerrar por aqui com você, Jack. Se você se comportar. Você consegue se comportar?

— Consigo!

— Isso quer dizer que, quando seus amigos chegarem em casa, você vai ficar quietinho. Não vai gritar pra avisar ninguém. É com o Tripp que eu quero falar, mas, se você o alertar, ou se alertar Hank, eu vou fazer com você o que pretendo fazer com o Tripp. Entendeu? Está claro?

— Sim!

Billy pega o celular e liga para Alice. Ela pergunta se ele está bem e ele diz

que está.

— Estou aqui com um cara chamado Jack Martinez. Ele quer dizer uma coisa pra você. — Billy estende o celular para Jack. — Diz que você é um arrombado de merda.

Jack não protesta, talvez por estar dominado, talvez por agora estar sentindo que é exatamente isso que ele é. Billy espera que seja isso. Espera que até gente que negocia no mercado financeiro consiga aprender.

— Eu sou… um arrombado de merda.

— Agora pede desculpas.

— Desculpa — diz Martinez no celular.

Billy pega o celular de volta. Alice parece estar chorando. Ela diz para ele tomar cuidado e Billy diz que vai tomar. Ele encerra a ligação e volta a atenção para o homem de rosto vermelho no balanço de vime.

— Você sabe pelo que estava pedindo desculpas?

Martinez assente e Billy decide que isso basta.

9

Eles ficam sentados esperando o tempo passar. Martinez diz que os olhos ainda estão ardendo, e Billy molha outro guardanapo na pia do bar e passa no rosto dele, dando atenção especial aos olhos. Martinez agradece. Billy acha que o jeitão de macho babaca pode acabar voltando, mas tudo bem, porque ele também acha que Martinez nunca mais vai estuprar outra mulher inconsciente. Ele foi reabilitado.

Por volta das 15h30, alguém se aproxima pelo corredor. Billy fica atrás da porta depois de olhar para Martinez com o dedo nos lábios da máscara de Melania. Martinez assente. Só pode ser Donovan, está cedo demais para ser Hank. A chave faz barulho na fechadura. Donovan está assobiando. Billy segura a Ruger pelo cano e a levanta na lateral do rosto.

Donovan entra, ainda assobiando. Ele é a personificação do jovem urbano moderninho, com calça jeans de marca e casaco curto de couro, a imagem finalizada à perfeição pela pasta com monograma na mão e a boina estilo jornaleiro meio torta sobre o cabelo escuro. Ele vê Martinez no balanço com as mãos presas e para de assobiar. Billy dá um passo à frente e bate nele com a coronha da arma. Não com muita força.

Donovan cambaleia para a frente, mas não cai como os caras nos filmes quando levam uma coronhada. Ele se vira, os olhos arregalados, a mão na parte de trás da cabeça. Agora, Billy está apontando o lado sério da arma para ele. Donovan olha para a própria mão. Tem uma mancha de sangue nela.

— Você bateu em mim!

— Melhor do que o que aconteceu comigo — resmunga Martinez num tom que é quase engraçado.

— Por que você está com essa máscara?

— Junta as mãos na frente do corpo. Pulso com pulso.

— Por quê?

— Porque eu vou atirar se você não obedecer.

Donovan junta as mãos nos pulsos sem discutir. Billy enfia a Ruger na cintura, na frente. Donovan corre para cima dele, o que Billy já esperava. Ele chega para o lado e ajuda o impulso de Donovan para a frente com um empurrão em cima da porta fechada. Donovan grita. Billy o pega pela gola do casaco estiloso, talvez comprado na Jos. A. Bank, e o puxa para trás, fazendo-o tropeçar com a perna esticada. Ele cai de costas. O nariz está sangrando.

Billy se ajoelha ao lado dele, passando a arma de Don Jensen para a parte de trás da calça para que Donovan não possa alcançá-la, depois pega um dos lacres.

— Junta as mãos pelos pulsos.

— Não!

— Seu nariz está sangrando, mas não quebrou. Junta as mãos, senão vou resolver isso.

Donovan junta as mãos. Billy prende os pulsos dele e liga para Alice para dizer que dois já foram, só falta um. Não coloca Donovan no telefone porque ele não parece pronto para pedir desculpas. Ao menos, ainda não.

10

Tripp Donovan, sentado na namoradeira, fica tentando puxar conversa com Billy. Ele diz que sabe por que Billy está lá, mas que seja lá o que aquela Alice contou pra ele, é um monte de mentira que ela inventou para se proteger. Ela estava com tesão, ela queria, todos se despediram como amigos, fim da história.

Billy assente, concordando.

— E vocês levaram ela pra casa.

— Isso mesmo, nós levamos ela pra casa.

— Na van do Hank.

Donovan desvia o olhar ao ouvir isso. Ele tem aquela mistura mágica de charme e falsidade, deu certo a vida toda e ele espera inclusive que funcione com o invasor com máscara da Melania Trump, mas ele não gosta desse comentário. É um comentário de quem *sabe*.

— Não, a Máquina do Amor está quebrada no estacionamento.

Billy não diz nada. Martinez não diz nada e Donovan não vê a expressão de *você falou merda* que o amigo faz. Donovan está concentrado em Billy.

— É um Pro? — Indicando a bolsa de laptop no chão. — Máquina boa, cara.

Billy continua quieto. Está suando por dentro da máscara de plástico e mal pode esperar para tirá-la. Mal pode esperar para acabar aquele serviço e sair daquele ninho de solteiros.

Às 16h45, outra chave faz barulho na fechadura e o terceiro porquinho entra, um porquinho pequeno e elegante vestindo um terno preto de três peças, complementado por uma gravata vermelha como o sangue nas coxas de Alice Maxwell. Hank não causa problema. Vê o sangue no rosto de Donovan e os olhos inchados de Martinez e, quando Billy manda que ele estique as mãos, obedece só com um leve protesto e o deixa passar o lacre em seus pulsos. Billy o leva até a mesa redonda, onde os números verdes já encerraram a jornada do dia.

— Agora sim — diz Billy. — Quando acaba a farra, cada coisa volta para o

seu lugar.

— Tem dinheiro na minha escrivaninha — diz Donovan. — No meu quarto.

— Eu também tenho — diz Hank. — Só cinquenta pratas, mas… — Ele dá de ombros num gesto de "fazer o quê". Billy quase gosta dele. É idiotice considerando o que ele fez, mas é verdade. A pele embaixo dos olhos e em volta da boca de Hank está branca de pavor, mas ele está comportado e agindo com dignidade.

— Ah, vocês sabem que a questão aqui não é dinheiro.

— Eu falei… — Donovan começa a dizer.

— Ele sabe de tudo, Tripp — diz Martinez.

Billy se vira para Hank.

— Qual é seu sobrenome?

— Flanagan.

— E a van lá fora, a Máquina do Amor… é sua, né?

— É. Mas está quebrada. A junta da cabeça…

— Quebrou, eu sei. Mas estava funcionando semana passada, né? Vocês levaram Alice pra casa na van, depois que acabaram com ela.

— Não fala nada! — grita Donovan.

Hank o ignora.

— Você é o quê? Namorado dela? Irmão? Ah, cara.

Billy não diz nada.

Hank solta um suspiro. É um som úmido.

— Você sabe que a gente não levou ela pra casa.

— O que vocês fizeram com ela?

— Não fala nada! — Donovan de novo. Esse parece ser o evangelho dele.

— Péssimo conselho, Hank. É melhor dizer logo e se poupar de muito sofrimento.

— A gente largou ela — diz ele e começa a chorar.

Billy liga para Alice. Ele não faz Hank dizer que ele é um arrombado de merda porque as lágrimas do sujeito deixam claro que ele já sabe. Só manda que

Hank peça desculpas. Ele faz isso e soa sincero. Se é que vale de alguma coisa.

Billy se vira para Donovan.

— Só falta você.

11

Os três porquinhos solteiros estão intimidados. Ninguém vai correr até a porta porque eles sabem que o invasor de máscara os derrubaria se tentassem. Billy vai até a bolsa do computador e pega o mixer Magic Wand. É um cilindro fino de aço inoxidável com uns vinte centímetros de comprimento. O fio elétrico está preso em forma de laço por dois arames retorcidos.

— O que andei pensando foi o seguinte — diz Billy. — Que os homens só sabem o que é ser estuprado se acontecer com eles. Você, sr. Donovan, está prestes a ter uma imitação bem razoável dessa experiência.

Donovan tenta pular da namoradeira, e Billy o empurra para trás. Quando ele cai, a almofada faz um som de pum. Martinez e Flanagan não se movem, só olham para o mixer com olhos arregalados.

— Preciso que você se levante, abaixe a calça e a cueca e se deite de barriga para baixo.

— Não!

Donovan está pálido. Os olhos estão mais arregalados que os dos colegas de quarto. Billy não esperava a colaboração imediata dele. Ele tira a Ruger da cintura. Lembra-se de Pablo Lopez, um dos membros do esquadrão mortos na Casa de Diversão. Pé Grande Lopez sabia o discurso de Clint Eastwood em *Perseguidor implacável* de cor, o que termina com ele dizendo *Você tem que fazer uma pergunta a si mesmo: é o meu dia de sorte? É ou não é, vagabundo?* Billy não se lembra de tudo, mas a essência é essa.

— Esta arma não é minha — diz ele. — Peguei emprestada. Está carregada, mas não sei com que tipo de balas. Não verifiquei. Se você não baixar a calça e virar de bruços, eu vou atirar no seu tornozelo. À queima-roupa. Então, você tem que se perguntar: é bala ogival ou de ponta oca? Se for ogival, é provável que você ande de novo, mas só depois de muita dor e fisioterapia, e vai mancar pelo resto da vida. Se for de ponta oca, a maior parte do seu pé vai dizer *adiós*. Então,

o negócio é o seguinte: ou você arrisca a sorte em relação à bala ou é currado. A escolha é sua.

Donovan começa a balbuciar. As lágrimas dele não fazem Billy sentir pena; só o deixam com vontade de bater na boca do sujeito com a coronha da Ruger para ver quantos daqueles dentes de propaganda ele consegue arrancar.

— Vou dizer de outra forma. Ou você aguenta a humilhação e a dor por pouco tempo ou você pode arrastar o pé esquerdo por aí pelo resto da vida, como um vira-lata manco. Supondo que os médicos não o amputem. Você tem cinco segundos pra decidir. Cinco… quatro…

No três, Tripp Donovan se levanta e abaixa a calça. O pau está murcho como uma maria-mole e quase nem dá pra ver as bolas.

— Senhor, será que você precisa mesmo… — Martinez começa a perguntar.

— Cala a boca — diz Hank. — Ele merece. Acho que todos nós merecemos. — Para Billy, ele diz: — Só pra você saber, eu não botei dentro, só na barriga dela.

— Você gozou? — Billy sabe a resposta para aquela pergunta.

Hank abaixa a cabeça.

Donovan está deitado no tapete. A bunda branca, as nádegas contraídas.

Billy se apoia em um joelho ao lado do quadril do homem deitado.

— É melhor ficar parado, sr. Donovan. Ou pelo menos o máximo que você conseguir. Fique agradecido por eu não ligar essa coisa na tomada. Eu considerei a possibilidade, pode acreditar.

— Eu vou foder com a sua vida. — Donovan soluça.

— A única coisa que vai ser fodida hoje é você.

Billy apoia a base do mixer na nádega direita de Donovan. Ele dá um pulo e ofega.

— Eu pensei em comprar alguma coisa tipo hidratante, óleo de massagem, até vaselina, mas decidi que não. Alice não teve direito a lubrificante, né? A menos que você tenha cuspido na mão antes de meter.

— Por favor, não. — Donovan chora.

— Alice disse isso? É provável que não, ela estava drogada demais para dizer qualquer coisa. Mas sei que ela teria dito se pudesse. Lá vai, dr. Donovan. Fique parado. Não vou dizer pra você relaxar e gozar.

12

Billy não prolonga aquilo tanto quanto achou que faria. Não tem disposição. Nem estômago. Quando termina, tira uma foto com o celular e tira o mixer do homem choroso, limpa suas digitais e joga o aparelho de lado. O cilindro rola para baixo da mesa redonda onde está o laptop de Martinez.

— Cada um fica onde está. Está quase acabando, então não façam merda no finalzinho.

Billy vai até a cozinha e pega uma faca. Quando volta, ninguém saiu do lugar. Billy manda Hank Flanagan esticar as mãos. Ele faz isso, e Billy corta o lacre que o prendia.

— Senhor? — diz Hank com a voz tímida. — Você perdeu a peruca.

Ele tem razão. A peruca loura está largada perto do rodapé como um animalzinho morto. Um coelho, talvez. Deve ter caído quando Donovan correu para cima dele e Billy o jogou na porta. Ele se lembrou de grudá-la antes de sair do apartamento no porão? Billy não lembra, mas acha que não. Não tenta colocá-la, não com a máscara para atrapalhar, só a pega com a mão que não está segurando a Ruger GP.

— Eu tirei uma foto. Vocês todos aparecem, mas como o sr. Donovan é o único com um mixer enfiado na bunda, ele é a estrela do show. Acho que vocês não vão ligar pra polícia, porque aí teriam que explicar por que invadi o apartamento e fui embora sem levar dinheiro nem coisas de valor, mas, se vocês *decidirem* inventar uma história que não envolva estupro coletivo, essa foto vai pra internet. Acompanhada da explicação. Alguma pergunta?

Não há perguntas. Está na hora de Billy ir embora. Vai poder guardar a máscara e colocar a peruca a caminho do saguão do terceiro andar. Mas ele quer dizer mais uma coisa antes de ir. Sente que precisa. A primeira coisa que lhe vem à mente é uma pergunta: nenhum de vocês tem irmã? E claro que eles têm mães,

até Billy teve uma, embora ela não desempenhasse muito bem a função. Mas uma pergunta dessas seria retórica. Seria pregar, não ensinar.

— Vocês deviam ter vergonha — diz Billy.

Ele vai embora, tira a máscara e a guarda na bolsa aberta enquanto segue rapidamente pelo corredor. Está pensando que ele próprio não é muito melhor do que aqueles caras, é o sujo falando do mal lavado, mas pensar assim não adianta de nada. O que pensa enquanto coloca a peruca e desce a escada é que ele não tem como fugir de si mesmo e precisa fazer o melhor que puder com isso. É um consolo frio, mas frio é melhor do que nada.

XVII

1

Alice devia estar esperando ao lado da porta do quarto, porque, quando Billy bate, ela abre na mesma hora. E o abraça. Ele fica sobressaltado por um momento e começa a se afastar, mas quando vê a expressão de mágoa no rosto dela, retribui o abraço. Fora os cumprimentos fraternais sem sentido de gente como Nick e Giorgio, Billy acha que não recebe um abraço de verdade há muito tempo. Ele pensa melhor e percebe que não é verdade, ele ganhou abraços de Shanice Ackerman. Foram bons, e aquele também é.

Os dois entram. Ele tinha dito que estava bem quando ligou do carro depois de sair de Landview Estates, mas ela pergunta agora de novo, e ele repete.

— E você… se acertou com eles?

— Sim.

— Os três?

— Sim.

— Eu vou querer saber como?

— Nenhum deles vai precisar ir para o hospital, mas os três pagaram um preço. Vamos deixar assim.

— Tudo bem, mas posso fazer uma pergunta que já fiz antes?

Billy diz que pode.

— Você fez isso por mim ou pela sua irmã?

Ele pensa e responde:

— Acho que pelas duas.

Ela assente com expressão de caso encerrado.

— Parece que essa peruca voou num furacão. Você tem um pente?

Ele tem um dentro da bolsinha com coisas de barbear. Alice coloca a peruca sobre os dedos abertos e começa a penteá-la com movimentos vigorosos.

— Nós vamos passar a noite aqui?

Billy tinha pensado sobre isso no curto trajeto de volta.

— Eu acho que a gente devia. Acho que não precisamos ter medo dos Três Patetas chamarem a polícia. — Ele está pensando na foto do celular. — E está ficando tarde.

Ela para de pentear e o olha de frente.

— Me leva junto quando você for. Por favor. — Ela confunde o silêncio dele com relutância. — Não tem nada pra mim aqui. Eu não posso voltar a assistir às aulas do curso de administração e a servir cappuccinos. Não posso voltar pra casa também. Não depois disso tudo. Eu preciso sair desta cidade. Preciso recomeçar. Por favor, Dalton. *Por favor.*

— Tudo bem. Mas vai haver um momento em que vamos seguir caminhos separados. Você entende isso, né?

— Sim. — Ela oferece a peruca de volta para ele. — Melhor?

— Está melhor, sim. E meus amigos me chamam de Billy. Tudo bem?

Ela sorri.

— Tudo bem.

2

Há um Slim Chickens a quatrocentos metros pela estrada de trás. Billy passa pelo drive-thru e compra comida e milk-shakes para eles. O jeito como ela olha para o sanduíche de frango e bacon, planejando a mordida seguinte enquanto mastiga a que tem na boca, o agrada. Ele não sabe bem por quê. Eles assistem ao noticiário da região. Só passa uma notícia sobre o assassinato do fórum. Nada de novo, é só para preencher os dois minutos antes da previsão do tempo. O mundo está seguindo em frente.

— Você vai ficar bem hoje?

— Vou. — Ela rouba uma batata frita dele, como se isso fosse a prova.

— Se você ficar com dificuldade de respirar…

— Chapeuzinho Vermelho, eu sei.

— E, se isso não der certo, bate na parede. Eu venho.

— Tudo bem.

Ele se levanta e joga o lixo fora.

— Então, boa noite. Tenho umas coisas pra fazer.

— Você vai trabalhar na história?

Billy faz que não.

— Outras coisas.

Alice parece incomodada.

— Billy… você não fugiria de mim no meio da noite, né?

É uma inversão de papéis tão perfeita que ele tem que rir.

— Não, eu não vou fazer isso.

— Promete?

Ele curva o mindinho, como fazia às vezes com Shan e muito com Cathy.

— Prometo.

Ela curva o dela com um sorriso e eles enlaçam um dedinho no outro.

— Vai pra cama cedo porque nós vamos sair cedo. Vai ser uma viagem longa.

Ele só precisa descobrir agora para onde vão.

3

No quarto, do outro lado da parede, ele manda uma mensagem de texto para Bucky Hanson.

Eu posso ir pra onde você está? Na verdade, nós, tem uma pessoa comigo. Ela é segura, mas vai precisar de uma identidade nova. Não vai ficar muito. Quando eu receber o que me devem, você vai receber o que eu prometi.

Ele envia e espera. Ele e Bucky se conhecem quase desde o começo. Billy confia nele completamente, e acha que Bucky confia nele. Além do mais, um milhão de dólares é muito cascalho.

Cinco minutos depois, seu celular apita.

SCOTS show ao vivo Skipper's Smokehouse 2007 69 El Camino YT. Apaga e NEDN.

Eles não se comunicam assim há muitos anos, mas Billy lembra o que NEDN significa: *não escreve de novo*. Para Bucky chegar a esse ponto é porque ele está sendo muito, muito cauteloso. Ele pode ter ouvido alguma coisa. Se ouviu, não foi bom.

Billy também sabe o que é SCOTS. É a sigla de Southern Culture on the Skids, a banda favorita de Bucky. A parte do "69 El Camino" é uma das músicas da banda. Billy entra no YouTube e digita *SCOTS ao vivo no Skipper's Smokehouse*. O Southern Culture on the Skids deve ter tocado muito naquele lugar ao longo dos anos, porque tem mais de quarenta vídeos de várias músicas. Cinco são de "69 El Camino", mas só tem um de 2007. Billy o seleciona, mas não bota para tocar. É um vídeo borrado de celular, o som vai estar horrível, e não foi pela música que ele entrou lá.

Teve pouco mais de quatro mil visualizações, e centenas de pessoas deixaram comentários. Billy procura o último, marcado como sendo de Hanson199. Foi postado dois minutos antes.

Música ótima, diz o comentário. **Vi a banda tocar uma versão foda de 10 minutos no Edgewood Saloon em Sidewinder.**

Billy acrescenta uma postagem sua e se marca como Taco04. É curta. **Espero ver eles tocando em breve!**

Ele apaga tanto a mensagem de texto para Bucky quanto a resposta dele sobre o vídeo do SCOTS e entra no Google. Só tem uma cidade chamada Sidewinder nos Estados Unidos. Fica no Colorado. Não tem Edgewood Saloon, mas tem uma via chamada Edgewood Mountain.

Ele envia uma mensagem para Alice. **Saímos às 5h, ok?**

A resposta, **entendido**, chega imediatamente.

Billy faz download de um aplicativo em um dos laptops AllTech. Demora um pouco porque o wi-fi do Penny Pines é fraco, uma merda. Quando o download acaba, ele lê durante uma hora e depois toma um longo banho quente. Coloca o alarme do celular antes de ir para a cama, mesmo sabendo que não vai precisar. Ele sonha com Lalafaluja. Não é surpresa.

4

Ainda está escuro quando eles guardam seus poucos pertences no banco de trás do Fusion. Billy coloca um dos AllTechs baratos no console entre os bancos da frente e o conecta na energia.

— Eu sabia que um desses baratinhos seria útil mais cedo ou mais tarde.

— É mesmo? — Alice ainda parece estar meio dormindo.

— Não, mas às vezes a gente dá sorte.

Enquanto ela coloca o cinto, Billy abre o aplicativo que baixou na noite anterior. Emite um som agudo, como o de um modem antigo se conectando. Ele diminui o volume.

— Pra que isso?

Billy se curva e aponta para um painel discreto abaixo e à esquerda do porta-luvas.

— Aquilo ali é um OBD, um sistema de autodiagnóstico. Serve pra várias coisas, e como este carro foi comprado no sistema de leasing, uma das coisas que ele faz é indicar nossa localização se alguém da concessionária quiser verificar. E vão fazer isso assim que atravessarmos a fronteira do estado, porque está programado pra enviar uma notificação. O aplicativo é um embaralhador. Se eles verificarem, vão pensar que o OBD está com defeito.

— É o que você espera que eles pensem.

— Minha confiança está alta — diz Billy. — Está pronta? Não quer conferir o quarto de novo?

— Estou pronta. — Ela está bem desperta agora. — Pra onde a gente vai?

— Colorado.

— Colorado, meu Deus. — A voz dela soa muito jovem. — Qual é a distância?

— Mais de mil e seiscentos quilômetros. Dois dias de viagem.

Ela sorri.

— Então é melhor a gente ir logo.

— Entendido — diz Billy, e coloca o câmbio automático do Fusion em drive. Cinco minutos depois eles estão na rodovia, indo para o oeste.

5

Eles param para abastecer o carro e comer em Muskogee, uma cidade que ficou famosa por causa de Merle Haggard. Alice andou ocupada com o AllTech e direciona Billy para o Arrowhead Mall. Quando eles chegam lá, ela mostra um estabelecimento com um toldo laranja chamativo.

— O que é Ulta? — pergunta Billy.

— É uma loja de maquiagem. Vai você. Não quero entrar com o rosto desse jeito.

Billy não a culpa. Ela é jovem, está saudável e os hematomas começaram a sumir, mas ainda está bem claro que alguém deu um jeito nela recentemente. Ela diz para ele o que comprar, e ele compra. O produto básico se chama Dermablend Base Corretiva. Não é tão caro quando a pílula do dia seguinte, mas, quando ele acrescenta o pincel e o pó fixador, chega perto de oitenta pratas.

— Você é uma companhia cara — diz ele quando entrega a sacola para ela.

— Espera até ver o resultado.

Alice parece animada. Billy gosta disso. Ela percorreu um longo caminho desde a garota que não suportava se olhar no espelho… mas não o caminho todo de volta a quem era. Ela adormece naquela tarde enquanto eles continuam seguindo para o noroeste, e depois de uma hora, mais ou menos, ele a ouve gemendo. Ela estica as mãos em um gesto de proteção. Uma delas bate no painel, e ela acorda ofegante. Ofega de novo. E mais uma vez, agora com a mão no pescoço.

— Chapeuzinho Vermelho! Agora! — diz Billy. Ele já está indo mais devagar, entrando para a pista da direita.

— Eu estou bem, pode continuar. Estou bem agora. Foi só um pesadelo.

— O que foi? — pergunta Billy, desligando o pisca-alerta e voltando o Fusion para a pista de velocidade.

— Não lembro.

Ela está mentindo, mas tudo bem.

6

Eles passam a noite na cidadezinha de Protection, Kansas, porque fica quase na metade do caminho para o lugar aonde estão indo, mas também porque os dois gostam da ideia de ficar em um lugar chamado Protection Motel. Desta vez, Alice entra com ele para se registrar, e o cara da recepção nem repara nela direito. Uma mulher talvez tivesse reparado, Billy pensa. A maquiagem é boa, e ela a aplicou com habilidade, mas não está perfeita. Ele pergunta se ela quer que ele compre comida para comer no quarto e Alice faz que não. Ela está pronta para andar em público, e isso também é bom. Eles comem no Don's Place, que é meio que o único restaurante decente de Protection. O cardápio consiste em hambúrgueres e salsichas empanadas.

— Esse cara que a gente vai encontrar — diz Alice. — Como ele é?

— Bucky tem uns sessenta e cinco ou setenta anos. Magro que nem um palito. Ex-fuzileiro. Vive de cerveja, cigarro, carne seca e rock and roll. Ele é bom com computadores, tem muitos contatos e ajuda a juntar os pontos.

— Pontos?

— Atiradores profissionais. Que não sejam garotos, nem viciados, nem esquentadinhos que gostam de fazer arminha com a mão. Ele é em parte agente, em parte olheiro em busca de talentos.

— Do submundo.

Billy sorri.

— Não sei se ainda existe isso de submundo. Acho que a Era dos Computadores praticamente acabou com isso.

— E ele encontra trabalho pra gente como você. — Ela baixa a voz. — Matadores de aluguel.

Até onde ele sabe, ele é o único matador de aluguel com quem Bucky trabalha, mas não discorda. Como poderia, se é verdade? Ele poderia dizer de novo que só mata gente que merece morrer, mas para que se dar a esse trabalho?

Ou ela acredita ou não. De qualquer modo, é uma discussão que não leva a lugar nenhum. Ele não pode mudar o passado, mas pretende mudar o futuro. E também pretende receber seu pagamento. É merecido.

— Acho que Bucky vai conseguir uma identidade pra você. É uma das coisas que ele faz. Você vai poder ser uma pessoa nova. Se quiser.

— Eu quero. — Alice nem chega a fazer uma pausa para pensar. — Se bem que, em algum momento, acho que vou querer ligar para a minha mãe de novo — Ela dá uma risadinha e balança a cabeça. — Sabe, não lembro nem qual foi a última vez que ela me ligou. Realmente não lembro.

— Então você já falou com ela?

— Sim. Enquanto você estava… visitando Tripp e os amigos dele.

— Você não disse realmente que estava indo pra Cancún, disse?

Ela sorri.

— Fiquei tentada, mas não. Falei que eu tinha um namorado, que a gente terminou quando eu larguei a faculdade e que eu precisava de um tempo para pensar nos próximos passos.

— Ela aceitou bem?

— Já tem um bom tempo que ela não aceita bem nada que eu faço. Podemos mudar de assunto, por favor?

7

Eles passam o dia seguinte todo na estrada, a maior parte na I-70. Alice, ainda se recuperando do trauma físico e mental, dorme muito. Billy pensa na parte de Faluja da história, que está guardada agora em um pen-drive na bolsa do computador. Isso o leva a Albie Stark, que falava sobre tirar a Harley do depósito quando voltasse para casa e fazer uma viagem de Nova York até São Francisco. *E nada dessa merda de estradinhas secundárias*, ele dizia. *Eu faria o percurso todo pela via expressa. Ia meter cento e trinta com o som no máximo.* Albie nunca teve chance de fazer isso. Ele morreu atrás de um táxi velho e enferrujado em Faluja, e suas últimas palavras foram *Não foi nada, pegou de raspão*. Só que ele começou a ofegar, da mesma forma que Alice tendo seus ataques de pânico, e não teve chance de cantar nem o primeiro verso da música da Chapeuzinho Vermelho.

Eles param para abastecer o carro e comer alguma coisa na cidadezinha de Quinter, Kansas. É um Waffle Delight, e, quando eles saem do Fusion e se aproximam, veem dois policiais estaduais sentados no balcão. Alice hesita, mas Billy continua, e tudo corre bem. Os policiais nem olham para eles.

— Se a gente agir da forma certa, na maioria das vezes eles nem reparam — diz Billy enquanto estão andando de volta para o carro.

— Na maioria das vezes?

Billy dá de ombros.

— Qualquer coisa pode acontecer com qualquer um. A gente joga os dados e torce pelo melhor.

— Você é um fatalista.

Billy ri.

— Sou um realista.

— Tem diferença?

Ele para com a mão na maçaneta do Fusion e olha para ela. Ela tem um jeito

de conseguir surpreendê-lo.

— Talvez você seja inteligente demais pro curso de administração — diz ele. — Acho que você pode ir mais longe.

8

Alice dorme de novo, com a barriga cheia de waffles e bacon. Billy olha para ela de tempos em tempos. Ele gosta cada vez mais da aparência dela. Gosta de quem ela é. Bater a porta na cara de uma vida e abrir outra para uma nova? Quantas pessoas fariam isso mesmo que tivessem oportunidade?

Por volta das quatro da tarde ela acorda, espreguiça-se e ofega. Olha pelo para-brisa com os olhos arregalados.

— Eu tô passada! Meu Deus!

Billy ri.

— Nunca ouvi essa antes.

— São as Rochosas! Ah, meu Deus, *olha isso*!

— São impressionantes mesmo.

— Eu já vi fotos, mas não é a mesma coisa. Parece que elas começam *do nada*.

É verdade. Eles dirigiram por centenas de quilômetros de planície e, de repente, ali estavam elas.

— Eu achei que a gente ia chegar ao Bucky hoje, e acho que até dá, mas não quero pegar a Rota 19 pelas montanhas depois de escurecer. Deve ser bem sinuoso lá. — O que ele não diz é que não quer que Bucky veja faróis parando em frente à casa dele entre dez e meia-noite. Não depois de Bucky ter tomado tanto cuidado para dizer sua localização. — Vê se consegue achar algum hotel sem ser de rede ao leste de Denver.

Ela pesquisa no celular de Dalton com a destreza dos jovens.

— Tem um lugar chamado Pronghorn Motor Rest. Parece bom pra você? Não tem nome de motel de rede.

— Está bom. Qual é a distância?

— Parecem ser uns cinquenta quilômetros. — Ela digita e move a tela mais um pouco. — Fica em uma cidade chamada Byers. Tem um evento de atirar no

peru e um baile grande depois, mas só em novembro. Acho que vamos perder.

— Que pena.

— Bem, acontece. A vida é uma festa, só que nenhuma festa foi feita pra durar.

Ele olha para ela de lado, meio sobressaltado.

— Isso é F. Scott Fitzgerald?

— Prince — diz ela. — Você não está entendendo o quanto eu achei essas montanhas lindas. Quando chegar a hora do pôr do sol, acho que não vou nem conseguir olhar. Meu coração talvez não aguente. E olha que só estou aqui porque aqueles homens me estupraram e me jogaram na chuva. Acho que tudo acontece por um motivo.

Billy já ouviu essa frase muitas vezes e sempre fica com raiva.

— Eu não acredito nisso. *Me recuso* a acreditar nisso.

— Tudo bem. Desculpa. — Ela parece estar com um pouco de medo. — Eu não quis…

— Acreditar nisso seria acreditar que alguém ou alguma coisa no caminho era mais importante do que a minha irmã. A mesma coisa com Albie Stark. Taco. Johnny Capps, que nunca mais vai andar. Não tem nada de *justo* em nada disso.

Ela não responde. Quando ele olha na direção dela, ela está olhando para as mãos unidas e apertadas, com lágrimas escorrendo nas bochechas.

— Meu Deus, Alice, eu não queria te fazer chorar.

— Não fez — diz ela, limpando a evidência do rosto.

— Só quis dizer que, se Deus existe, ele está fazendo um trabalho muito porco.

Alice aponta para a frente, para os picos azuis das Rochosas.

— Se Deus existe, Ele fez aquilo.

Bom, Billy pensa, quanto a isso a garota tem razão.

9

Eles não têm dificuldade para conseguir quartos adjacentes no Pronghorn Motor Rest; com base no número de carros no estacionamento, Billy acha que eles poderiam ocupar todos os quartos do corredor se quisessem. Comem em um Burger Barn ali perto. No motel, Billy coloca o pen-drive com a história no computador. Abre o documento e vai para o ponto de onde parou: Taco entregando o megafone escrito BOM DIA, VIETNÃ para Fareed. Mas logo fecha o arquivo. Não tem medo de escrever sobre o que aconteceu na Casa de Diversão, não exatamente, mas também não quer escrever em prestações. Ele quer estar em um lugar tranquilo onde possa despejar tudo, como veneno saindo de uma garrafa. Não acha que vai ser demorado, mas acha que vão ser horas *intensas*.

Ele vai até a janela e olha para fora. Há duas cadeiras dobráveis vagabundas na frente de cada unidade. Alice está sentada em uma delas, olhando as estrelas. Ele a observa por um bom tempo. Não precisa de um psiquiatra para lhe dizer o que ela representa para ele; ela é uma versão da Cathy, só que adulta. Um psiquiatra talvez tentasse argumentar que ela também é Robin Maguire, conhecida como Ronnie Givens, da Casa da Tinta Eterna, mas isso não seria verdade porque ele queria trepar com Robin, foram muitas as noites de punheta com essa doce fantasia, e ele não quer trepar com Alice. Ele se importa com ela, e isso significa mais do que trepar.

Se importar com ela é perigoso? Claro que é. O jeito como Alice passou a se importar com ele, confiar nele, depender dele, também é perigoso? Claro que é. Mas vê-la sentada ali olhando para as estrelas significa alguma coisa. Talvez não se as coisas derem errado, mas agora significa. Ele deu a ela as montanhas e as estrelas, não para ter, mas pelo menos para olhar, e isso significa muito.

10

Eles saem cedo e contornam Denver às oito da manhã. É plana. Atravessam Boulder às 9h15. Também plana. E então, bum, ali estão as montanhas. A estrada é tão sinuosa quanto Billy achou que seria. Alice fica sentada ereta, a cabeça virando, os olhos arregalados indo de desfiladeiros profundos à direita para encostas íngremes cobertas de vegetação à esquerda. Billy entende. Ela é uma garota da Nova Inglaterra que fez uma viagem curta e desagradável para o sul, e tudo aquilo é novidade para ela, tudo impressionante. Ele nunca vai acreditar que ela tinha que ter sido estuprada para poder estar ali, nas montanhas Rochosas, mas fica feliz por ela estar. Ele gosta do assombro dela. Não, ele ama.

— Eu poderia morar aqui — diz ela.

Eles atravessam Nederland, uma cidadezinha que parece ser um mero anexo do shopping center enorme ali perto. O estacionamento está lotado. Mesmo Billy, que não duvida de quase nada, teria dificuldade de acreditar que, no começo da primavera do ano seguinte, aquele estacionamento estaria quase deserto em um dia útil, com a maioria das lojas fechada.

— Eu preciso ir lá — diz Alice, e aponta. As bochechas dela estão vermelhas. — Na farmácia.

Ele entra no estacionamento e acha uma vaga.

— Algum problema?

— Não, mas acho que estou chegando naqueles dias. Não deveria, só daqui a umas duas semanas, mas estou sentindo que estou chegando. Cólica.

Ele se lembra do folheto que acompanhava a pílula do dia seguinte.

— Tem certeza de que não quer que eu…

— Não, eu vou. Não demoro. Meu Deus, espero que não suje a calça.

— Se sujar, a gente compra… — *Uma calça nova.* Ele pretendia terminar a frase assim, mas ela já saiu do carro e está indo até a Walgreens, quase correndo. Volta alguns minutos depois com uma sacola.

Ele pergunta se ela está bem. Ela diz que está ótima, mas sua voz soa quase seca. Fora da cidade, eles chegam a um mirante no acostamento que dá para uma paisagem cinematográfica, e ela pede para ele estacionar longe dos poucos outros carros. Pede para ele olhar para o outro lado. Ele faz isso e vê um idiota de parapente voando sobre uma ravina tão funda quanto um corte de faca. Daquela distância, o cara nem parece estar se movendo. Ele a escuta se mexendo, o zíper sendo aberto, o barulho do saco, o barulho de quando ela tira o papel da embalagem (ele supõe que seja um absorvente externo, ela não ia querer colocar um interno, não ainda) e o zíper de novo.

— Pode olhar agora.

— Não, olha *você* — diz Billy, e aponta para o parapente. O cara está usando um macacão vermelho e um capacete amarelo que não vai servir para porra nenhuma se ele bater na lateral da montanha.

— Ah… meu… *Deus*! — Alice faz sombra nos olhos com a mão.

— Tá passada, chocada?

Alice sorri. É um sorriso de verdade. Muito bom de ver. Ela repete:

— Eu poderia morar aqui.

— E fazer *isso*? — Billy aponta.

— Talvez não isso. — Ela para e pensa. — Mas talvez sim.

— Pronta? Hora de seguir em frente.

— Entendido — responde Alice, toda espertinha.

11

Billy fica feliz de ter decidido não seguir no dia anterior, porque eles levam duas horas para chegar a Sidewinder. Não tem shopping center lá, apenas um centro que consiste em uma rua cheia de lojinhas de suvenires, restaurantes, lojas de roupas com trajes de velho oeste e bares. Muitos bares, com nomes como Saloon do Cavaleiro Grosseiro, Botas e Esporas, Casa de Fazenda e 187. Não tem nenhum Edgewood Saloon, mas Billy não esperava que tivesse.

— Que nome engraçado pra um bar — diz Alice, apontando para o 187.

— É mesmo — concorda Billy, mas, com base nas motos paradas na frente, ele não acha o nome nada engraçado. O número 187 é a designação no Código Penal da Califórnia para assassinato.

Alice está usando o celular dele para navegar porque o GPS do Fusion está travado junto com o localizador.

— Mais um quilômetro e meio, talvez um pouco mais. À esquerda.

Um quilômetro e meio os tira da cidade. Billy vai mais devagar e vê a placa da via Edgewood Mountain. Faz a curva. Eles passam por casas bonitas e construções de estilo suíço afastadas da rua, muitas com as entradas dos carros fechadas por correntes porque ainda faltam seis semanas para a temporada de esqui. Depois do número 108, a pavimentação termina. A estrada antes lisa fica irregular e depois totalmente esburacada. Billy faz uma curva fechada em S e passa o Fusion por uma vala funda. Desta vez, o carro quica com tanta força que os cintos de segurança travam.

— Tem certeza de que está certo? — pergunta Alice.

— Sim. Estamos procurando o 199.

Ela consulta o celular.

— Diz aqui que não existe esse número.

— Isso não me surpreende.

Oitocentos metros depois, a estrada de terra acaba e eles vão parar num caminho coberto de mato, com flores selvagens crescendo nos sulcos formados pela passagem de pneus. Billy acha que pode ser o que restou de uma velha estrada de transporte de madeira. As árvores se fecham. Galhos batem nas laterais do Fusion. O caminho fica íngreme. Billy desvia de pedras que sobraram do último período glacial. Alice está cada vez mais inquieta.

— Se essa estrada acabar de repente, você vai ter que voltar de ré por três quilômetros, porque não tem lugar pra…

Billy para o Fusion na curva mais fechada de todas, e a estrada termina *mesmo*. À frente há uma cabana de madeira projetada sobre uma encosta íngreme, sustentada por pilares que parecem postes telefônicos cortados. Há um Jeep Cherokee estacionado embaixo de uma varanda aberta. Billy ouve um gerador em algum lugar nos fundos, o som baixo, mas forte e firme.

Billy e Alice saem e olham para a varanda, cobrindo os olhos contra o sol. Bucky Hanson se levanta da cadeira de balanço em que estava sentado e vai até a amurada bamba. Ele está com um boné do New York Rangers e fumando um cigarro.

— Qual é, Billy? Achei que tivesse se perdido.

— Ela também achou. Bucky, esta é Alice Maxwell.

— É um prazer te conhecer, Alice. E, Billy, olha só pra você. Quanto tempo tem que a gente não se encontra cara a cara?

— Uns cinco anos, pelo menos.

— Bom, podem entrar. A escada fica na lateral. Estão com fome?

12

Billy estava com medo de seu antigo intermediário e agente se ressentir de ele levar uma estranha para a casa dele, que é um esconderijo de emergência, mas Bucky é gentil com Alice. Não diz que qualquer amiga do Billy é amiga dele, nem nada desse tipo, mas demonstra isso claramente, e depois da timidez inicial (ou talvez seja cautela), Alice relaxa. Mesmo assim, ela toma o cuidado de ficar perto de Billy.

A cozinha é arrumada, espaçosa e iluminada. Bucky esquenta macarrão com queijo no micro-ondas.

— Eu adoraria fazer *huevos rancheros* pra vocês, eu até faço direitinho, mas ainda não estou completamente instalado aqui. Preciso me abastecer. Quando fizer isso, vou ficar quietinho até essa história chegar ao final. Um final feliz seria ótimo.

— Eu te meti numa confusão e peço desculpas por isso — diz Billy.

Bucky balança a mão para ele.

— Eu intermediei o acordo e sabia dos riscos. — Ele coloca um prato fumegante na frente de cada um. — E você, Alice? Como conheceu esse veterano da guerra de George Bush?

Alice olha para o macarrão como se o achasse fascinante. As bochechas dela ficam rosadas.

— Acho que podemos dizer que ele me tirou da rua.

— Ah, é? Hum. Ele já te mostrou como é o Billy burro? Você tem que ver isso. Mostra pra ela, Billy.

Billy não quer, Alice é diferente daqueles otários como Nick e Giorgio, mas Bucky deu abrigo a eles por um tempo e ele não quer recusar um pedido simples como aquele. Só que ele acaba não precisando mostrar nada.

— Eu já vi. — Alice faz uma pausa e acrescenta: — De certa forma.

Ela olha para Billy antes de voltar para a comida, um olhar rápido, mas o

suficiente para ele entender que ela está falando sobre a primeira parte da história dele. A parte que ele escreveu sabendo que Nick ou Giorgio deviam estar lendo tudo.

— É ótimo, né? — diz Bucky, pegando um prato para si e se sentando. — Billy só lê livro difícil, mas também conhece todos os alunos da Riverdale e sabe como o Batman conseguiu a capa.

Billy pensa: ah, só um pouquinho, que mal pode fazer? Arregala os olhos e fala mais devagar.

— Essa parte aí eu não sei, não.

Bucky ri e aponta para Billy com o garfo, que ainda tem um macarrão pendurado.

— Cara, você não perdeu o talento.

Em seguida se vira para Alice.

— Te tirou da rua, é? O que isso quer dizer, exatamente?

— Que ele salvou a minha vida.

Bucky ergue as sobrancelhas.

— É mesmo? Quero saber toda essa história. Na verdade, quero saber tudo de tudo. Principalmente o que deu errado.

Billy pensa nisso com atenção.

— Tudo, menos Alice — diz ele, e começa a rir. Não dá para evitar.

13

Ele começa de novo, com Frank Macintosh e Paulie Logan indo buscá-lo no hotel, e vai até o final. Só não entra em detalhes na última parte, resumindo que uns caras fizeram mal a Alice e que ele cuidou deles.

Bucky não pergunta como. Só recolhe os pratos, leva-os até a pia e abre a torneira de água quente. A casinha no fim da via Edgewood Mountain tem micro-ondas e antena parabólica no telhado, mas não tem lava-louça.

— Eu lavo — diz Alice, levantando-se.

— Não precisa — diz Bucky. — É pouca coisa, e vou deixar a panela de molho. Esse queijo torrado é horrível de tirar. Billy, quanto tempo você quer ficar? Só pergunto porque, se vocês forem ficar muito tempo, vou ter que ir até o King Sooper.

— Eu não sei, mas fico feliz em ir fazer as compras.

— Eu também vou — diz Alice. — É só me dar uma lista. — Ela olha dentro da geladeira. — Você precisa de legumes, verduras e frutas.

Bucky ignora isso. Da pia, de costas, ele diz:

— Eles estão atrás de você, Billy. Não só a organização do Nick, mas também quatro outros concorrentes dele e só Deus sabe mais quantos independentes. É uma daquelas ocasiões raras, mas não inéditas, em que todo mundo está de acordo. Você é um tópico de conversa em alta em certas salas de bate-papo, nas quais você é chamado de sr. Summerlock.

— Uma mistura de Billy Summers e David Lockridge — diz Billy.

— Isso mesmo.

— Tem alguém falando sobre Dalton Smith? — Por favor, Deus, diz que não, ele pensa.

— Até onde eu sei, Dalton Smith está seguro, mas esses caras têm acesso a todas as melhores agências investigativas, grupos que fazem o FBI parecer

amador, e, se você tiver deixado alguma ponta solta, qualquer uma, Dalton Smith já era.

Bucky se vira da pia e, enquanto seca as mãos avermelhadas num pano de prato, olha diretamente para Alice. Ele não precisa dizer nada para se fazer claro.

— Ela não é uma ponta solta. Quando eu sair daqui, ela vai seguir o caminho dela como outra pessoa. Se você conseguir a documentação, claro — diz Billy.

— Ah, eu consigo. Já até comecei. Nada como internet conectada a um equipamento de ponta. — Ele volta para a mesa e se senta. — Que tal você passar a ser Elizabeth Anderson?

Alice parece levar um susto, mas abre um sorriso hesitante.

— Tudo bem, acho. Eu não posso escolher meu nome?

— É melhor não. É provável que você acabe escolhendo um que seja ligado ao seu passado. Também não fui eu que escolhi. Foi o computador. Em um site chamado Name Generator. — Ele olha para Billy. — Se você confia nela, pra mim está bom. E esses Jensen? O cara da imobiliária? Eles têm alguma ideia de que você era outra pessoa e não Dalton Smith?

Billy faz que não.

— Então está tudo limpo, e isso é bom, porque estão oferecendo um prêmio pela sua cabeça.

— Quanto?

— As salas de bate-papo falam em seis milhões de dólares.

Billy fica de boca aberta.

— Você está de sacanagem? Por quê? Só me ofereceram dois pelo serviço!

— Não sei.

Alice está virando a cabeça de um para o outro como se estivesse assistindo a uma partida de tênis.

— Nick está cuidando disso, mas acho que o dinheiro não é dele, assim como o dinheiro que te prometeram não era.

Billy apoia os cotovelos na mesa e os punhos fechados ao lado do rosto.

— Quem paga seis milhões de dólares pra atirarem em um atirador que atirou

em outro atirador?

Bucky ri.

— Guarda essa. É do mesmo nível de o rato roeu a roupa do rei de Roma.

— Quem? E por quê? Joel Allen não era *ninguém,* até onde eu sei.

Bucky balança a cabeça.

— Não sei. Mas tenho certeza de que Nick Majarian sabe. Talvez você tenha a oportunidade de perguntar a ele.

— Quem é Nick Majarian? — pergunta Alice.

Billy suspira.

— É o Benjy Compson. O cara que me meteu nessa confusão.

O que não é exatamente verdade. Ele se meteu nessa sozinho.

14

No fim das contas, Billy decide que ele e Alice vão ficar com Bucky por três dias, talvez quatro. Quer terminar de escrever sobre a Casa de Diversão. Não vai demorar, mas ele também precisa de tempo para pensar no próximo passo. Será que precisa de outra arma longa com mira telescópica para acompanhar a Ruger? Não sabe. Será que precisa de outra pistola, talvez uma Glock com dezessete disparos em vez de apenas seis? Não sabe. Mas um abafador para a Ruger pode ser útil, mesmo ele não gostando. Será que haveria ocasião para usar esse tipo de coisa? Ele não sabe também, mas Bucky diz que um silenciador de encaixe para a Ruger não deve ser difícil conseguir. Isso se ele não se importar com um artefato caseiro que pode quebrar depois de alguns disparos. Bucky diz que, nas montanhas, todos os tipos de acessórios estão disponíveis.

— Eu posso conseguir uma M249 se você quiser. Eu teria que perguntar por aí, mas sei pra quem perguntar. Pessoas confiáveis, que sabem ficar de boca fechada.

Uma SAW, em outras palavras. Billy tem uma lembrança breve e intensa de Big Joe Kleczewski parado do lado de fora da Casa de Diversão com aquela arma. Ele balança a cabeça.

— Vamos ficar só no silenciador por enquanto.

— Um silenciador pra Ruger GP, entendido.

Alice terá seus documentos em três dias também, mas, quando ela e Billy saírem para fazer compras, Bucky quer que ela compre tinta para o cabelo.

— Acho que você deveria ficar loura para a sua habilitação. Mas deixe as sobrancelhas escuras. Seria um bom visual pra você.

— Você acha? — Ela parece em dúvida, mas interessada.

— Acho. Você fazia curso de administração, então vou te dar um passado que combine. Você sabe taquigrafia?

— Sei. Fiz um curso de verão em Rhode Island e aprendi rapidinho.

— E sabe atender o telefone? “Dignam Chevrolet, com que ramal deseja falar?”

Alice revira os olhos.

— Tudo bem, tem um mínimo de qualificação pelo menos, e como a economia vai bem, deve ser suficiente para conseguir um emprego. Com roupas bonitas, sapatos bons e um sorriso alegre, não há motivo para Beth Anderson não conquistar um espaço.

Mas Bucky não está gostando daquilo. Alice não percebe, mas Billy, sim. Ele só não sabe por quê.

15

Eles saem para fazer compras, Billy de peruca e um par de óculos escuros que Bucky encontra na bagunça (que ele chama de bagagem irlandesa) das malas ainda não desfeitas. No King Sooper, Billy paga em dinheiro. Eles voltam pela via Edgewood Mountain, o Fusion sacudindo, balançando e seguindo com mau humor pelos últimos três quilômetros.

Alice ajuda Bucky a guardar as coisas. Ele olha com dúvida para os vegetais que ela comprou, mas não diz nada. Quando terminam, ela diz que está cansada de ficar enfurnada e pergunta se haveria problema em dar uma caminhada. Bucky diz que, se ela sair pela porta dos fundos, vai encontrar uma trilha na floresta.

— É íngreme, mas você parece ser jovem e forte. Talvez seja bom passar repelente. Tem no banheiro.

Alice volta com as mangas dobradas no estilo caminhoneiro, passando repelente. As bochechas estão brilhando com o produto.

— Não precisa se preocupar com os lobos — diz Bucky. Ao ver a expressão alarmada dela: — Brincadeira, garota. Os moradores antigos dizem que não tem lobos aqui desde os anos 1950. Foram todos caçados. Os ursos também. Mas, se você conseguir andar um quilômetro e meio, vai chegar a uma vista maravilhosa. Dá para olhar por não sei quantos quilômetros de ravina até uma clareira grande e plana do outro lado. Tinha um hotel estilo resort por lá, mas pegou fogo muito tempo atrás. — Ele baixa a voz. — Diziam que era assombrado.

— Olha por onde anda — diz Billy. — Você não vai querer quebrar o tornozelo.

— Vou tomar cuidado.

Quando ela sai, Bucky se vira para Billy com um sorriso.

— “Olha por onde anda, você não vai querer quebrar o tornozelo.” Virou pai dela agora? Deus sabe que você tem idade pra ser.

— Não me venha com essas merdas de Freud. Ela é só minha amiga. Não saberia dizer exatamente como isso aconteceu, mas aconteceu.

— Você diz que os caras fizeram mal a ela. Isso quer dizer o que eu estou pensando?

— Sim.

— Todos?

— Dois. Um só gozou na barriga. Foi o que ele disse, pelo menos.

— Meu Deus, ela parece tão… você sabe, bem.

— Ela não está bem.

— Não. Claro que não. É provável que nunca fique completamente bem.

Billy acha que, assim como muitas outras ideias deprimentes, aquela provavelmente é verdade.

Bucky pega duas cervejas e eles vão para a varanda. Billy parou o Fusion embaixo, com a frente encostando na frente do Cherokee.

— Pelo menos ela parece estar lidando com a situação — diz Bucky quando volta para a cadeira de balanço. Billy se senta em outra. — Ela tem coragem.

Billy assente.

— Tem mesmo.

— E ela consegue ler um ambiente, como dizem. Talvez até quisesse caminhar, mas ela saiu mesmo pra gente poder conversar.

— Você acha?

— Acho. Ela pode ficar com o quarto extra enquanto vocês estiverem aqui. Tem um monte de coisas minhas lá, mas vou tirar. Não sei se tem lençol para cobrir o colchão, mas vi uns cobertores na prateleira do armário. Deve servir pra três ou quatro noites. Como você não está dormindo com ela, você fica no sótão. Na maior parte do ano, você ia congelar ou fritar lá em cima, mas, agora, deve estar perfeito. Eu tenho um saco de dormir em algum lugar. Talvez ainda esteja no porta-malas do Cherokee.

— Parece ótimo. Obrigado.

— É o mínimo que eu posso fazer por um cara que está me prometendo um

milhão de dólares. A não ser que você tenha mudado de ideia quanto a isso.

— Não mudei. — Billy olha para Bucky de lado. — Você acha que eu não vou conseguir.

— Talvez consiga. — Bucky tira um maço de Pall Mall do bolso da camisa (Billy nem sabia que essa marca ainda existia) e oferece a Billy, que faz que não. Bucky acende o cigarro com um Zippo velho, o emblema dos fuzileiros e os dizeres *Semper Fi* na lateral. — Eu aprendi há muito tempo a não te subestimar, William.

Eles ficam sentados por um tempo sem falar nada, dois homens em cadeiras de balanço na varanda. Billy achava a rua Pearson tranquila, mas aquele lugar faz a rua Pearson parecer o centro da cidade. Em algum lugar ao longe, alguém está usando uma serra elétrica, ou talvez seja um triturador de galhos. Fora a brisa leve que passa pelos pinheiros e pelas faias, essa é a única trilha sonora. Billy vê um pássaro planar pelo céu azul.

— Você devia levá-la com você.

Billy se vira para ele, sobressaltado. Bucky está com um cinzeiro velho de latão, cheio de guimbas sem filtro, no colo.

— Como assim? Tá maluco? Eu pensei que ela poderia ficar aqui com você enquanto eu vou atrás do Nick em Vegas.

— Ela pode ficar, mas você deveria levá-la junto. — Ele apaga o cigarro, coloca o cinzeiro de lado e se inclina para a frente. — Presta atenção, porque não sei se você prestou antes. *Você está sendo procurado*. Por uns caras durões como esse Dana Edison que você citou. Eles sabem que a polícia não te pegou, sabem que o Nick te passou pra trás e sabem que tem uma chance enorme de você estar indo atrás do que ele te deve. De você arrancar o couro dele se não conseguir de outra forma.

— Tipo Shylock — murmura Billy.

— Sei lá, não vi o filme, mas, se está achando que *isso* vai enganar esses caras… — Ele indica a peruca loura, que está bem esfarrapada e precisa ser trocada. — … você anda tomando elixir de burrice. Eles sabem que você mudou

a aparência, você não teria saído de Red Bluff se não tivesse feito isso. E, se você estiver de carro, há um limite de caminhos de entrada em Vegas. Eles vão estar de olho em todos.

O que ele diz faz sentido, mas Billy não gosta da ideia de levar Alice para o perigo. A ideia era tirá-la do perigo.

— A primeira coisa que você devia considerar é a placa desse seu carro aí. — Ele aponta para baixo, na direção dos veículos. — Tem carros com placa sulista nessa parte do país, mas não tantos.

Billy não responde. Está estupefato com a própria burrice. Ele usou o programa para bloquear o computador de bordo do Fusion, mas está exibindo aquela placa azul por todo o Meio-Oeste. Como quem diz ESTOU BEM AQUI.

Bucky não precisa ler sua mente, porque tudo que Billy está pensando se reflete no rosto.

— Não se torture por isso. Você fez quase tudo certo, principalmente se considerar que teve que agir rápido.

— Basta uma coisa errada pra sua cabeça ir parar na forca.

Bucky não discorda, só acende outro cigarro e diz que duvida que eles estejam procurando Billy em lugares como Oklahoma ou Kansas.

— Eles vão se concentrar no oeste. Vão ficar alertas. Idaho, Utah, talvez Arizona, mas principalmente Nevada. Enquanto você não chegar a Vegas, vai ficar tudo na mesma.

Billy assente.

— Além do mais, se tivessem te visto e rastreado, eles já estariam aqui. — Bucky faz um gesto com a mão e deixa um rastro de fumaça no ar. — O lugar é isolado. Ótimo pra um tiroteio. Eu acho que você está bem, que as chances estão a seu favor. E isso é bom de uma outra forma, porque a documentação do carro está no nome de Dalton Smith, certo?

— Certo.

— Você tem alguma identidade com outro nome?

Billy ainda está com a habilitação e o Mastercard de David Lockridge, mas não vão adiantar de nada.

— Nenhuma que não esteja queimada.

— Eu posso fazer uma pra quebrar um galho. Vou usar o Name Generator. Mas, se eu fizer um cartão de crédito, não tente usar. Vai servir só de cenografia. E não se dê ao trabalho de trocar a placa, você precisa trocar de carro. Pode deixar esse aqui, ele é feio demais mesmo.

— Mas é confortável — diz Billy, e toma um gole de cerveja.

— Você tem dinheiro? Você me mandou dez por cento do seu adiantamento, então acho que tem.

— Uns 40 mil, mas não em dinheiro. Numa conta no Money Manager em Red Bluff.

— Mas no nome de Dalton Smith, né?

— É.

O cigarro de Bucky está no fim. Ele apaga a guimba.

— Tem um lugar no lado leste de Sidewinder chamado Bons Carros Usados do Ricky. Um negócio não muito honesto. Você pode comprar alguma coisa lá. Não, melhor, *eu* posso comprar alguma coisa lá. Posso pagar em dinheiro e você me dá um cheque do Dalton Smith no mesmo valor. Vou esperar pra descontar quando você terminar essa operação de merda.

— E, se me matarem, você se ferra.

Bucky balança a mão para ele.

— Não estou falando de um BMW, só de uma coisa que funcione pelo tempo que você precisar que funcione. Uns mil e quinhentos, talvez dois mil dólares. De repente, nem um carro de passeio. Uma picape velha pode ser melhor, uma coisa enferrujada, com suspensão ruim, mas um motor digno. — Ele olha para o sol e faz um cálculo. — E quem sabe com um daqueles trailers abertos acoplados atrás, que o pessoal de paisagismo usa pra carregar cortadores de grama, essas coisas.

Billy consegue imaginar. Uma picape com a tinta da porta descascando, ferrugem na parte de baixo da lataria e remendos em volta dos faróis. Um chapéu de caubói surrado na cabeça e, sim, a camuflagem pode ficar boa. Ele pareceria um vagabundo qualquer em busca de serviço diário.

— Eles ainda vão estar procurando um homem sozinho — diz Bucky —, e é aí que Alice entra. Se vocês dois pararem em um restaurante de estrada em que uns caçadores de recompensas estejam tomando um café e vigiando a rodovia 50, eles só vão ver um cara com a filha, ou sobrinha, num Dodge ou F-150 velho.

— Eu não vou arrastar Alice pra uma situação que pode acabar em sangue. — O pior é que é bem capaz de ela querer ir.

— Você levou ela junto quando foi dar um jeito nos babacas estupradores?

Claro que não, ele a deixou num motel próximo, mas, antes que possa responder, a porta dos fundos é aberta e Alice está de volta.

16

Quando ela sobe na varanda, seu rosto está corado, ela está sorrindo, o cabelo parece um ninho de rato, e Billy repara sem muita surpresa que, ao menos hoje, ela está mesmo bonita.

— É lindo lá em cima! — diz ela. — O vento é tão forte que quase me levou junto, mas, ah, meu Deus, Billy, dá pra ver a *eternidade*!

— Num dia claro de verão — concorda Billy, sorrindo.

Alice não entende a referência ou está absorta demais no que viu para abrir um sorriso de reconhecimento.

— Tinha nuvens no céu lá em cima, mas também *abaixo* de mim. Eu vi uma ave enorme… Não podia ser um condor, mas…

— Podia, sim — diz Bucky. — Tem uns aqui, mas eu mesmo nunca vi.

— E bem longe, do outro lado, isso é *loucura*, mas eu acho que vi o hotel que você mencionou. Aí eu pisquei, porque o vento estava tão forte que eu estava lacrimejando, e, quando olhei de novo, tinha sumido.

Bucky para de sorrir.

— Você não é a única pessoa que viu isso. Não sou um cara supersticioso, mas eu não chegaria nem perto de onde o Hotel Overlook ficava. Aconteceram coisas ruins lá.

Alice ignora isso.

— A vista foi linda e a caminhada também. E, adivinha, Billy? Tem uma cabana de madeira a uns quatrocentos metros daqui, subindo o caminho.

Bucky está assentindo.

— É tipo uma casa de veraneio, eu acho. Ou já foi.

— Parece limpa e seca e tem uma mesa com umas cadeiras. Com a porta aberta, o sol entra. Você poderia trabalhar na sua história lá, Billy. — Ela hesita. — Se você quisesse, claro.

— Talvez eu faça isso. — Ele se vira para Bucky. — Há quanto tempo você

tem esta casa?

Bucky pensa.

— Doze anos? Não, acho que uns catorze. Como o tempo passa, né? Eu faço questão de vir passar uma semana ou um fim de semana pelo menos uma vez ou duas por ano. Pra ser visto pela cidade. É bom ser um rosto familiar.

— Que nome você usa?

— Elmer Randolph. Meu primeiro nome de verdade e meu nome do meio. — Bucky se levanta. — Vi que vocês trouxeram ovos, e acho que chegou a hora dos *huevos rancheros*.

Ele entra. Billy se levanta para segui-lo, mas, antes que ele faça isso, Alice segura seu braço acima do pulso. Ele se lembra da aparência dela quando ele a carregou pela rua Pearson na chuva forte, os olhos como bolas de gude sem vida com as pálpebras entreabertas. Essa não é aquela garota. É uma garota melhor.

— Eu poderia morar aqui — diz ela de novo.

XVIII

1

Em respeito aos hóspedes, Bucky passou a fumar só na varanda, apesar de a casa toda carregar os fantasmas olfativos das centenas de cigarros Pall Mall que ele fumou desde que se realocou de Nova York. Billy se junta a ele na manhã seguinte quando Alice está tomando banho (e cantando no chuveiro, o que pode ser o melhor sinal de recuperação até o momento).

— Ela falou que você está trabalhando num livro — diz Bucky.

Billy ri.

— Duvido que chegue a isso.

— Falou que você talvez queira trabalhar na casa de veraneio hoje.

— Talvez.

— Ela falou que é um bom lugar.

— Acho que ela não tem muito com o que comparar.

Bucky não se prende a isso.

— Eu achei que poderia ir com ela fazer umas compras hoje de manhã e te dar uma chance de trabalhar. Você precisa de uma peruca nova e ela precisa de umas coisas de mulher. Não só tinta de cabelo.

— Vocês já discutiram isso?

— Na verdade, já. Eu costumo acordar às cinco, ou melhor, minha bexiga me acorda, e depois que resolvi essa questão eu vim aqui fumar e ela já estava aqui. Nós vimos juntos o nascer do sol. Conversamos um pouco.

— Como você achou que ela estava?

Bucky inclina a cabeça para o som da cantoria.

— O que você acha?

— Que ela parece bem.

— Pois é, eu também acho. A gente talvez vá até Boulder, lá tem opções melhores. Posso parar na loja de carros usados do Ricky Patterson na volta. Pra ver o que tem lá. Quem sabe almoçar no Handy Andy's.

— E se estiverem te procurando também?

— Quem está na mira é você, Billy. Imagino que tenham me procurado em Nova York, talvez tenham olhado a casa da minha irmã no Queens e desistido, me considerando uma causa perdida.

— Espero que você esteja certo.

— Vou fazer o seguinte: nossa primeira parada vai ser um brechó. O Buffalo Exchange ou o Common Threads. Vou comprar um chapéu de caubói e enfiar até as orelhas. Irraaa. — Bucky apaga o cigarro. — Ela te acha o máximo, sabe. Acha que você é a última Coca do deserto.

— Espero que ela não tenha me chamado assim.

No banheiro, o chuveiro continua ligado. Ela ainda está cantando, e isso é bom, mas Billy acha que ela pode estar tendo um pouco de dificuldade de se limpar tanto quanto gostaria.

— Na verdade — diz Bucky —, ela te chamou de anjo da guarda.

2

Meia hora depois, quando o banheiro já está sem vapor, Alice aparece na porta enquanto Billy está se barbeando.

— Você não se importa se eu for?

— Nem um pouco. Divirta-se, fique de olhos abertos e não tenha medo de pedir pra ele abaixar o volume do rádio quando suas obturações começarem a vibrar. Ele sempre teve a tendência de aumentar demais o volume quando toca Creedence ou Zeppelin. Duvido que tenha mudado.

— Eu quero comprar umas saias e blusas, além da tinta pro meu cabelo e uma peruca pra você. Um par de tênis baratos. E umas calcinhas que não sejam tão… — Ela para de falar.

— Do tipo que seu tio sem noção compraria pra você? Não precisa poupar meus sentimentos. Eu aguento.

— O que você comprou está ótimo, mas seria bom ter mais. E um sutiã que não tenha um nó prendendo as alças.

Billy tinha se esquecido disso. Assim como da placa do Fusion.

Embora Bucky esteja na varanda fumando e tomando suco de laranja (Billy não sabe como ele suporta essa combinação), Alice baixa a voz.

— Mas eu não tenho muito dinheiro.

— Deixa o Bucky cuidar disso e eu cuido do Bucky.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ela segura a mão que não está segurando o barbeador e aperta de leve.

— Obrigada. Por tudo.

O agradecimento dela é ao mesmo tempo maluco e perfeitamente lógico. Um paradoxo, em outras palavras. Ele guarda essa percepção para si e diz que não é nada.

3

Bucky e Alice saem no Cherokee às 8h15. Ela passou maquiagem e não há sinal dos hematomas. Não apareceriam muito, mesmo sem a maquiagem, Billy pensa. Já faz mais de uma semana e gente jovem cicatriza rápido.

— Me liga se precisar — diz ele.

— Sim, papai — diz Bucky.

Alice diz que vai ligar, mas ele vê que ela já está com a cabeça na estrada, conversando com Bucky do jeito que as pessoas normais conversam (como se algo daquilo fosse normal) e pensando no que vai encontrar em lojas que são novas para ela. Talvez pensando em experimentar coisas. Naquela manhã, o único sinal que ele viu da garota que foi estuprada foi o chuveiro, que ficou ligado tempo demais.

Quando eles saem, Billy segue pelo mesmo caminho que Alice fez no dia anterior. Ele para na cabana que Bucky chama de casa de veraneio e olha dentro. O piso de madeira não está pintado, e a única mobília é uma mesa de jogo com três cadeiras dobráveis, mas de que mais ele precisa? Só do computador e talvez de uma Coca da geladeira.

Ah, quem me dera ter a vida de um escritor, ele pensa, e se pergunta quem disse isso para ele. Irv Dean, não foi? O segurança da Torre Gerard. Parece ter sido há muito tempo, em outra vida. E foi mesmo. Na sua vida como David Lockridge.

Ele vai até onde o caminho termina e olha por cima do desfiladeiro para a clareira, perguntando-se se veria o hotel fantasma de Alice. Ele não o vê, só umas estruturas queimadas onde ele ficava. Também não vê condor nenhum.

Ele volta para a casa de Bucky para buscar o MacBook e aquela lata de Coca. Apoia ambos na mesa de jogo na casa de veraneio. Com a porta bem aberta, a luz fica boa. Ele se senta em uma das cadeiras dobráveis com cuidado, mas parece bem firme. Abre o arquivo da história e vai até onde Taco estava

entregando o megafone para Fareed, o intérprete. Ele vai continuar de onde parou quando Merton Richter o interrompeu, mas repara que tem um quadro na parede. Levanta-se para olhar porque está no canto mais distante, um lugar estranho para um quadro, e a luz da manhã não chega lá. Parece mostrar arbustos podados no formato de animais. Tem um cachorro à esquerda, dois coelhos à direita, dois leões no meio e o que parece ser um touro atrás dos leões. Ou talvez sejam rinocerontes. É um serviço meio malfeito, o verde dos animais é intenso demais, e o artista, por algum motivo, pintou pontos vermelhos nos olhos dos leões, para dar a eles um aspecto diabólico. Billy tira o quadro da parede e o vira ao contrário. Ele sabe que, se não fizer isso, seu olhar vai ficar sendo continuamente atraído para a imagem. Não por ser boa, mas por não ser.

Ele abre a lata de Coca, toma um longo gole e começa.

4

“Vem, pessoal”, disse Taco. “Vamos botar pra foder.” Ele entregou a Fareed o megafone com BOM DIA, VIETNÃ escrito na lateral com caneta permanente e pediu para ele dar o aviso de sempre para a casa, que se resumia a: se saírem agora, vocês saem andando, se saírem depois, vocês saem num saco plástico. Fareed falou e ninguém saiu. Essa costumava ser nossa hora de entrar, depois de cantarolar *Nós somos Darkhorse, somos, somos*, mas desta vez Taco mandou Fareed falar de novo. Fareed olhou para ele sem entender, mas fez o que ele mandou. Nada ainda. Taco falou para ele repetir mais uma vez.

“O que está havendo com você?”, perguntou Benga.

“Não sei”, disse Taco. “Estou com uma sensação ruim. Não gosto dessa varanda em volta da casa toda, pra começar. Estão vendo?” A gente estava vendo, sim. Havia uma amurada baixa de cimento. “Pode ter uns mujs atrás, agachados.” Ele nos viu olhando para ele. “Não, eu não estou surtando, mas está suspeito.”

Fareed estava no meio da frase quando o capitão Hurst, o novo comandante da companhia, chegou de pé em um Jeep descoberto, as pernas abertas como se ele fosse a porra do George S. Patton. Do outro lado da rua, havia três prédios de apartamentos, dois prontos e um construído pela metade, todos com um grande L feito com tinta spray, indicando que estavam liberados. Bom, supostamente. Hurst era novato e talvez não soubesse que às vezes os hajis voltavam, e mesmo através de uma mira ruim a cabeça dele ficaria tão grande quanto uma abóbora de Halloween.

“O que você está esperando, sargento?”, gritou ele. “A luz do dia está acabando! Libera essa porra de *hacienda*!”

“Sim, senhor!”, disse Taco. “Só estou dando a eles mais uma chance de saírem vivos.”

“Não precisa!”, gritou o capitão Hurst e foi embora.

“O mané falou”, disse Pé Grande Lopez.

“Tudo bem”, disse Taco. “Mãos unidas.”

Nós nos juntamos todos, os Oito Furiosos que antes eram os Nove Furiosos. Taco, Din-Din, Klew, Benga, Pé Grande, Johnny Capps, Rolapílula com a bolsa médica cheia de truques. E eu. Eu nos vi como se estivesse fora do corpo. Acontecia comigo às vezes.

Lembro de tiros esporádicos. Uma granada explodiu em algum lugar atrás de nós no bloco Kilo, aquele som baixo e seco, e uma granada lançada por foguete explodiu em algum lugar mais adiante, talvez no bloco Papa. Lembro de ouvir um helicóptero ao longe. Lembro de algum idiota soprando um apito, *priii-priii-priii*, só Deus sabe por quê. Lembro como estava quente, o suor escorrendo e deixando rastros limpos em nossos rostos sujos. E as crianças rua acima, sempre as crianças com camisetas de rock e rap, ignorando os tiros e explosões como se não existissem, inclinadas sobre joelhos ralados e pegando os cartuchos das balas disparadas, para serem recarregados e redistribuídos para os combatentes. Lembro de procurar o sapatinho de bebê no aro de passar o cinto e de não encontrá-lo.

Nossas mãos unidas pela última vez. Acho que Taco sentiu. Eu senti. Talvez todos tenham sentido, não sei. Lembro do rosto deles. Lembro do cheiro da colônia English Leather de Johnny. Ele passava um pouco

todo dia, racionando, seu amuleto particular. Lembro de ele ter dito uma vez para mim que nenhum homem podia morrer se cheirasse como um cavalheiro, Deus não permitiria.

“Vamos nessa, crianças”, disse Taco, e nós fomos. Era idiota e infantil — como tantas coisas na guerra são idiotas e infantis —, mas nos dava ânimo. E talvez, se houvesse mujs nos esperando naquela grande casa com teto abobadado, isso lhes desse tempo de hesitar por um momento, para se olharem e pensarem que porra eles estavam fazendo e por que estavam prestes a morrer pela ideia de Deus de um imã idoso meio senil.

“*Nós somos Darkhorse, somos, somos! Nós somos Darkhorse, somos, somos!”*

Nós balançamos nossas mãos unidas e nos preparamos. Eu estava com um M4 e tinha um M24 no ombro também. Ao meu lado, Big Klew estava com a SAW sobre um braço, os mais de dez quilos totalmente carregados e o cinturão pendurado no ombro enorme como uma gravata.

Nos reunimos no portão do pátio externo. Sombras entrelaçadas do prédio inacabado do outro lado da rua transformavam o mural na parede em um tabuleiro de damas, com crianças em alguns quadrados, as mulheres e o mutaween em outros. Pé Grande estava com a M870 tática, uma espingarda feita para pulverizar a fechadura do portão. Taco chegou para o lado para Pé fazer o trabalho dele, mas, quando Pablo deu o empurrão experimental, o portão se abriu com um gemido de filme de terror. Eu e Taco trocamos olhares, dois esponjas de balas de classe inferior com um único pensamento: isso tá errado pra caralho, né?

Taco deu de ombros de leve, como se quisesse dizer que as coisas são como são, e tomou a frente correndo pelo pátio, a cabeça baixa e o corpo inclinado. Nós fomos atrás. Havia uma única bola de futebol solitária nos paralelepípedos. George Dinnerstein deu um chute nela de lado ao passar.

Nós atravessamos sem um único tiro disparado das janelas gradeadas da casa e paramos junto da parede de cimento, quatro de cada lado da porta dupla, que era de madeira pesada e tinha pelo menos 2,5 metros. Entalhada em cada banda da porta havia cimitarras cruzadas sobre uma âncora alada, o símbolo dos batalhões baathistas. Outro sinal ruim. Olhei para Fareed e o vi perto do portão. Ele me viu olhando e deu de ombros. Eu entendi. Fareed tinha um trabalho, e não era aquilo.

Taco apontou para Benga e Klew, sinalizando para eles irem para a esquerda e verificarem a janela de lá. Eu e Pé Grande fomos para a direita. Dei uma espiada na janela do meu lado, torcendo para voltar a tempo caso algum muj decidisse explodir minha cabeça, mas não vi ninguém, e ninguém atirou em mim. Vi uma sala circular grande com tapetes no chão, um sofá baixo, uma estante agora só com um livro solitário, uma mesa de centro caída de lado. Em uma das paredes, havia uma tapeçaria de cavalos correndo. A sala era quase tão alta quanto a nave de uma igreja católica de cidade pequena, com pelo menos 15 metros até o domo, que estava iluminado por feixes de luz do sol quase solidificados pelas partículas de poeira no ar.

Eu recuei para Pé Grande tomar meu lugar. Como minha cabeça não tinha sido estourada, ele olhou um pouco mais.

“Não vejo as portas daqui”, disse Pé. “O ângulo é ruim.”

“Eu sei.”

Nós nos viramos para Taco. Eu balancei as mãos em um gesto de que talvez estivesse tudo ok, talvez não. Da lateral da janela do outro lado, Benga passou a mesma mensagem, dando de ombros. Nós ouvimos mais tiros, alguns distantes e alguns próximos, mas nenhum no bloco Lima. A casa abobadada estava em

silêncio. A bola de futebol que Din-Din tinha chutado parou no canto do pátio. O local devia estar deserto, mas eu ficava procurando a porra do sapatinho no passador de cinto o tempo todo.

Nós oito nos reunimos ao lado da porta. “Temos que fazer a pilha”, disse Taco. “Quem vai na frente?”

“Eu”, falei.

Taco balançou a cabeça. “Você foi primeiro da última vez, Billy. Para de procurar bala e dá a chance pra outra pessoa.”

“Eu vou”, disse Johnny Capps, e Taco disse “Você vai, então”, e é por isso que eu ainda consigo andar hoje e Johnny não. Simples assim. Deus não tem plano nenhum. Ele joga pega-varetas.

Taco apontou para Pé Grande e para a porta dupla. A da direita tinha um trinco de ferro enorme para fora, como uma língua preta descarada. Pé tentou abrir, mas o trinco continuou firme. O pátio talvez estivesse aberto porque crianças iam brincar ali em tempos melhores, mas a casa estava trancada. Taco assentiu para Pé Grande, e Pé preparou a espingarda, que estava carregada com balas especiais para arrombar portas. O resto de nós fez uma fila, a famosa pilha, atrás do Johnny. Klew era o segundo, porque ele estava com a SAW. Taco estava atrás do Klew. Eu era o quarto da fila. Pílula era o último, como sempre. Johnny estava hiperventilando, surtando. Eu via seus lábios se movendo: *Vocês vão ver, vocês vão ver, porra.*

Pé esperou Taco. Quando Taco sinalizou, Pé explodiu o trinco. Um bom pedaço da porta da direita foi junto. Caiu para dentro com a trepidação.

Johnny não hesitou. Ele bateu com o ombro na porta da esquerda e entrou na sala gritando “*Banzai, filhos da pu…”*

Ele só chegou até aí, e os mujs que estavam esperando atrás da porta daquele lado abriram fogo com um AK apontado não para as costas de Johnny, mas para as pernas. A calça ondulou, como se uma brisa tivesse passado. Ele soltou um grito. De surpresa, provavelmente, porque a dor ainda não tinha chegado. Klew recuou, gritando “*Para trás, fuzileiros!*”. Nós voltamos, e quando estávamos fora do caminho, ele abriu fogo com a SAW. Estava configurado para fogo rápido e não cadência sustentada, e a porta foi lançada para cima do cara atrás dela, lascas voando, as cimitarras cruzadas vaporizadas. Quando o muj caiu, a roupa era a única coisa que ainda o mantinha inteiro. E, mesmo assim, morreu pegando uma das granadas penduradas no cinto. Chegou a pegá-la, mas ela caiu dos dedos ainda com o pino. Klew a chutou para longe. Eu vi Johnny por cima do ombro de Taco. Agora ele estava sentindo a dor. Gritava e corria, com o sangue escorrendo nas botas.

“Pega ele”, disse Taco para Klew, e gritou: “*Socorrista!*”

Johnny deu mais um passo e caiu. Ele estava gritando “*Me acertaram, ah, meu Deus, me acertaram*!” Klew se adiantou com Taco logo atrás, e foi nessa hora que abriram fogo de cima. Nós deveríamos ter percebido. Aqueles raios de sol cheios de poeira no domo deveriam ter nos dito, porque nós não tínhamos visto janelas de fora. Eram buracos feitos bem baixos no concreto, onde o muro da varanda, na altura da cintura, os escondia.

Klew levou um tiro no peito e cambaleou para trás, segurando a SAW. A armadura do corpo o protegeu daquela bala, mas a seguinte o acertou no pescoço. Taco olhou na direção dos raios de sol e pegou a SAW. Uma bala o acertou no ombro. Mais duas ricochetearam na parede. A quarta o atingiu na parte inferior da

face. A mandíbula girou como se tivesse uma dobradiça. Ele virou na nossa direção borrifando sangue, acenando para voltarmos, e aí a parte de cima da cabeça dele foi arrancada.

Alguém bateu em mim e, só por um segundo, eu achei que tinha levado um tiro por trás, mas foi Pílula que passou correndo, a mochila médica tirada das costas e pendurada na mão por uma alça.

"*Não, não, eles estão no alto!*", gritou Pé Grande. Ele segurou a outra alça da mochila e puxou o socorrista para trás, e só por esse motivo Clayton "Rolapílula" Briggs ainda está na terra dos vivos.

Balas atingiram o chão da sala ampla, fazendo lascas de piso voarem. Balas atingiram os tapetes, levantando poeira e fibras. Um buraco de bala apareceu na tapeçaria bem no peito de um dos cavalos correndo. Uma bala acertou a mesa de centro e a jogou longe, girando. Os mujahidin na sacada estavam disparando direto agora. Eu vi os corpos de Taco e de Klew serem sacudidos de novo e de novo ao levarem mais tiros, talvez por garantia, talvez para aliviar a raiva, talvez as duas coisas. Mas eles não atiravam em Johnny, que estava caído no meio da sala em uma poça cada vez maior de sangue. E gritando como louco. Podiam tê-lo matado facilmente, mas não era isso que queriam. Johnny era a isca.

Tudo isso, desde Pé explodir a porta até os mujs na varanda dispararem nos corpos de Taco e Klew, aconteceu em um minuto e meio. Talvez menos. Quando as coisas dão errado, elas não perdem tempo.

"A gente tem que pegar o Cappsie", disse Benga.

"É o que eles querem", disse Din-Din. "Eles não são burros, então não seja burro também."

"Ele vai morrer de hemorragia se a gente deixar ele lá", disse Pílula.

"Eu pego", disse Pé, e correu pela porta, quase todo curvado. Ele segurou a parte do pescoço no colete de Johnny e começou a arrastá-lo, com balas voando por todos os lados. Conseguiu chegar ao corpo do muj morto, mas levou um tiro na cara, e aquele foi o fim de Pablo Lopez, de El Paso, Texas. Ele caiu de costas e os insurgentes acima o fizeram de alvo. Johnny continuou gritando.

"Eu alcanço ele", disse Din-Din.

"Foi isso que o Pé pensou", disse Benga. "Esses babacas sabem atirar." Ele se virou para mim. "O que a gente faz, Billy? Pede reforço aéreo?"

Todos nós sabíamos que um míssil Hellfire acabaria com os insurgentes na varanda, mas acabaria com Johnny Capps junto.

"Eu vou acabar com eles", falei.

Não esperei discussão. Já tínhamos passado desse ponto. Corri pelo pátio e larguei o M4 nos paralelepípedos. "Vocês vão recuar agora, chefe?", perguntou Fareed.

Eu não respondi, só corri atravessando a rua até o prédio inacabado. Não havia porta. Lá dentro estava escuro e com cheiro de cimento molhado. O saguão era uma caverna do tesouro com enlatados, petiscos e chocolates Hershey's. Havia um fardo de Coca-Cola e uma pilha de revistas com uma Field & Stream em cima. Algum tajir iraquiano empreendedor estava usando aquele local como posto de troca.

Subi a escada correndo. Havia muito lixo espalhado no primeiro lance. No segundo patamar, alguém tinha pichado YANQUE VAI EMBORA, um velho favorito que nunca perdia o charme. Eu ainda ouvia os tiros do outro lado da rua e Johnny Capps gritando. Não ouvi Pete Cashman levar o tiro, mas ele levou. Din-Din disse que as últimas palavras do Benga foram "Eu consigo pegar ele, sim, ele está pertinho".

As paredes acabavam no quarto andar e a luz do sol me atingiu como um soco. Desviei de um carrinho de mão cheio de cimento seco, empurrei uma pilha de tábuas para o lado e continuei subindo. Eu estava

ofegante como um cachorro e o suor jorrava do meu corpo. A escada acabava no sexto andar e tudo bem, porque aí eu já estava na altura do domo do outro lado da rua, podendo olhar a varanda de cima.

Eram três. Eles estavam de joelhos e de costas para mim. Passei a alça do M24 pelo ombro direito e apoiei o cano em um pedaço de vergalhão projetado para fora de uma parede pela metade. Os três estavam rindo e comemorando como se estivessem num jogo de futebol com o time deles ganhando. Mirei na cabeça do cara do meio. Não era grande como uma abóbora de Halloween, mas era grande o suficiente. Apertei o gatilho e, pronto, a cabeça dele já era. Só havia sangue e massa cinzenta escorrendo pelo lado curvo do domo onde antes ela ficava. Os outros dois se olharam, atordoados. *O que aconteceu?*

Acertei o segundo, e o terceiro se jogou atrás da amurada de cimento, talvez achando que lhe daria cobertura. Não deu. Era baixa demais. Atirei nas costas dele. Ele caiu, imóvel. Sem armadura nenhuma. Devia acreditar que Alá estava cuidando dele, mas Alá estava ocupado em algum outro lugar naquele dia.

Desci correndo a escada e atravessei a rua. Fareed ainda estava parado lá. Din-Din e Pílula estavam na Casa de Diversão, Pílula de joelhos ao lado de Johnny. Ele já tinha cortado as pernas da calça. Havia fragmentos de ossos presos no tecido e saindo da pele dele. Din-Din estava gritando no walkie-talkie do Pílula, dizendo para alguém que tínhamos mortos, muitos mortos, no bloco Lima, uma casa grande com domo, evacuar, evacuar, precisamos de uma evacuação de emergência, essas coisas.

"*Está doendo!*", gritou Johnny. "*Ah, Deus, como dói, DÓI PRA CARALHO!*"

"Toma isto", disse Pílula. Ele estava segurando os comprimidos de morfina.

"*Meu Deus, eu queria estar morto, queria que tivessem me matado, AH, MEU DEUS, FAZ PARAR!*"

Pílula meteu dois dedos na boca do Johnny e enfiou os comprimidos. "Mastiga isso e você vai ver Deus."

"O que aconteceu aqui, fuzileiros?"

Eu olhei em volta e vi Hurst. Ainda parado de pernas abertas, esforçando-se para bancar o general Patton, mas estava pálido de náusea.

"O que você acha?", disse Din-Din. "Faluja aconteceu. *Senhor*."

Pílula disse: "Se ele não receber sangue neste instante, ele vai

5

O que arranca Billy das lembranças do Iraque poderia ter *sido* no Iraque parte da trilha sonora infinita de Lalafaluja: a guitarra de Angus Young rosnando pela canção “Dirty Deeds Done Dirt Cheap”. Bucky e Alice deviam estar voltando das compras. Billy olha para o relógio e vê que são 15h15. Está ali há horas, sem sentir a passagem do tempo.

Ele termina a última frase, salva o trabalho, guarda o laptop e está quase saindo quando por acaso olha para o quadro que tirou da parede, com o cuidado de virá-lo de costas para não se distrair com as cores primitivas fortes. Coloca-o de volta no prego, talvez (provavelmente) porque ainda está no modo fuzileiro, lembrando-se da frase do sargento “Upinto” Uppington: *não deixe sinal quando deixar o local.*

Billy observa o quadro, a testa franzida. O arbusto de cachorro está à direita, os de coelhos à esquerda. Não era o contrário antes? E os leões não estão mais perto?

Eu me confundi, só isso, ele pensa, mas antes de sair da casa de veraneio ele tira o quadro da parede de novo. Com o cuidado de virá-lo de costas.

6

A música fica mais alta quando ele se aproxima da casa. Sem vizinhos, Bucky pode colocar o som bem alto se quiser. Deve ser uma playlist variada, porque quando Billy chega perto da casa, o AC/DC dá lugar ao Metallica.

Eles trouxeram um veículo novo (ao menos novo para eles), e Billy para antes de subir a escada para olhar melhor. Como não há mais espaço debaixo da varanda, eles estacionaram no fim da entrada de carros. É um Dodge Ram, modelo cabine dupla do começo do século XXI, antes azul e agora quase cinza. Não tem remendo em volta dos faróis, mas o assento foi costurado com uma tira de fita preta, e os apoios embaixo das portas estão bem enferrujados. A caçamba da picape também, que carrega um cortador de grama Lawnboy talvez mais velho do que a própria picape. Há um trailer preso atrás, duas rodas, bem velho, sem nada dentro.

Quando Billy começa a subir os degraus da varanda, o Metallica foi substituído por Tom Waits grunhindo em “16 Shells from a Thirty-Ought Six”. Ele para na porta. Bucky e Alice estão dançando no meio da sala. Ela está usando uma blusinha nova, o rosto está corado e os olhos brilham. Com o cabelo preso num rabo de cavalo que vai até o meio das costas, ela parece uma adolescente. Está rindo, divertindo-se. Talvez porque Bucky seja péssimo dançarino, talvez só por estar mesmo vivendo um momento feliz.

Bucky faz um V de vitória para Billy e continua dançando. Ele gira, e Alice gira na outra direção. Ela vê Billy encostado na porta e ri mais um pouco, sacudindo os quadris de um jeito que faz o cabelo preso balançar de um lado para o outro. Tom Waits termina. Bucky vai até o aparelho de som e desliga Bob Seger antes que ele possa começar a cantar sobre Betty Lou. Então cai sentado no sofá e bate no peito.

— Estou exausto demais para dançar o rock’n’roll.

Alice, a anos de distância de ficar exausta demais para dançar o rock’n’roll, vira-se para Billy quase explodindo de empolgação.

— Viu a picape?

— Vi.

— É perfeita, né?

Billy assente.

— Ninguém se lembraria dessa picape cinco minutos depois de passar por ela. — Ele olha para Bucky por cima do ombro de Alice. — Funciona bem?

— Ricky diz que está ótima pra uma garota velha que já zerou o contador. Só queima um pouco de óleo. Bom, talvez um pouco mais do que um pouco. Alice e eu fizemos um test drive e pareceu boa. A suspensão não está lá essas coisas, mas isso é de se esperar numa picape que está rodando há tanto tempo quanto essa. Ricky vendeu por três mil e trezentos.

— Eu que vim dirigindo — diz Alice. Ela ainda está inebriada pelas compras ou pela dança ou pelas duas coisas. Billy está tão feliz por ela. — É com câmbio manual, mas eu aprendi a dirigir num carro manual. Meu tio me ensinou. De primeira à terceira na macieira, vai pro pé quando quer dar ré.

Billy dá uma risada. Ele aprendeu a dirigir na Casa da Tinta Eterna, para poder ajudar mais com as tarefas depois que Gad (Glen Dutton na história) foi embora para se alistar. O sr. Stepenek (o sr. Speck na história) ensinou o mesmo versinho rimado.

— Eu trouxe uma coisa pra você — diz ela. — Espera só pra ver.

Ela corre até o quarto para buscar, e Billy olha para Bucky. Bucky assente e faz um sinal rápido de OK.

Alice volta com uma caixa que diz FIGURINISTAS ESPECIALIZADOS no alto, com letras cheias de curvas. Oferece a caixa para ele.

Billy a abre e tira uma peruca nova, que deve ter custado o dobro da que ele comprou pela Amazon. Não é loura, é preta com vários fios grisalhos, e mais comprida do que a peruca de Dalton Smith. Também é mais densa. Seu primeiro

pensamento é que, se ele estiver usando aquilo e for parado pela polícia, não vai bater com a foto da habilitação. Mas outro pensamento vem em seguida, bem maior, que afasta todos os outros pensamentos da cabeça dele.

— Você não gostou — diz Alice. O sorriso dela está sumindo.

— Ah, gostei sim. E muito.

Ele se arrisca a dar um abraço nela. Ela o abraça também. Então está tudo bem.

7

O dia em que Billy e Alice chegaram parecia de verão, mas a segunda noite que passam na casa de Bucky está mais fresca, e o vento soprando em volta da casa está frio. Billy cata alguns pedaços de bordo embaixo da varanda para Bucky acender o fogão a lenha na cozinha. Eles se sentam à mesa olhando as fotos que Bucky imprimiu, algumas do Google Earth e outras do Zillow. Nelas, vê-se o terreno, os aposentos e os recursos de uma casa no número 1900 da rua Cherokee, na cidade de Paiute, que é, na verdade, um subúrbio ao norte de Las Vegas. É a residência de Nikolai Majarian.

A casa fica no pé das montanhas Paiute. É branca como a neve, com quatro andares, cada um recuado em comparação ao de baixo, de forma que parece uma escadaria gigante. A vista do centro de Vegas deve ser espetacular à noite, Billy pensa, principalmente do terraço.

No Google Earth, eles veem um muro alto que cerca a propriedade, o portão principal e a entrada de carros (na verdade uma estrada, com quase um quilômetro e meio) que leva ao complexo. Há um celeiro a uns duzentos metros da casa. Um pasto e uma arena de exercícios para cavalos ali perto. Três outras construções, uma grande e duas pequenas. Billy acha que os criados devem morar na maior, que antigamente se chamava de barracão, ou talvez ainda se chame. As outras duas devem ser de manutenção e depósito. Ele não vê nada que poderia ser uma garagem e pergunta a Bucky sobre isso.

— Meu palpite é que fica dentro desse primeiro morrinho — diz Bucky, batendo na parte alta de madeira atrás da casa. — Só que deve ser mais tipo um galpão. Com espaço para uns doze carros. Ou mais. Nick gosta de clássicos, pelo que ouvi. Acho que todo mundo tem uma comichão que só o dinheiro resolve.

Há várias outras que o dinheiro não consegue resolver, Billy pensa.

Alice está examinando a imagem do Zillow.

— Meu Deus, deve ter uns vinte quartos. E olha a piscina atrás!

— É boa — concorda Bucky. — Tem todas as mordomias. E ele pode ter acrescentado mais, porque essas fotos devem ser de antes de Nick ter comprado. Ele pagou quinze milhões, pelo que ouvi falar.

E me deu a volta pela merreca de um e meio, Billy pensa.

As fotos do Zillow do exterior mostram o que o Google Earth não pode mostrar. As vistas do gramado, por exemplo — verde, brilhante e cheio de canteiros de flores. O pasto também é verde. Há canteiros com palmeiras, algumas com móveis de áreas externas na sombra. Quantas centenas de milhares de galões de água devem ser necessárias para deixar a propriedade com aquela cara de Jardim do Éden no deserto? Quantos jardineiros? Quantos funcionários domésticos? E quantos capangas estariam aguardando um assassino de aluguel chamado Billy Summers ir procurar o resto do seu dinheiro manchado de sangue?

— Ele chama o lugar de Ponto Promontório — diz Bucky. — Fiz uma pesquisa. É incrível o que dá pra descobrir com um computador hoje em dia, se você souber mergulhar nas partes mais sombrias. Nick está lá desde 2007, e com as costas pras montanhas ninguém nunca o incomodou. Talvez ele tenha ficado meio desatento, mas eu não contaria com isso.

Não, Billy pensa, não seria bom contar com isso. Alguém capaz de se livrar de um parceiro valioso e antigo como Giorgio Piglielli não pode ser tratado com descuido. A única suposição segura é que Nick está procurando por ele. Esperando. O que Nick talvez não entenda é o quão furioso Billy está. Houve uma negociação. Billy cumpriu sua parte. Em vez de cumprir a dele, Nick deu uma volta em Billy. E tentou matá-lo. Cara a cara, Nick talvez negasse, mas Billy sabe. Os dois sabem.

Bucky bate em um ponto da foto aérea do terreno tirada pelo Google Earth.

— Esse quadradinho é a guarita, vai ter gente lá. Pode contar com isso.

Billy não tem dúvida. Ele se pergunta de novo quantos homens Nick vai ter protegendo seu pequeno reino. Em um filme de Sylvester Stallone ou Jason Statham, haveria dezenas, equipados com todo tipo de armamento, desde

metralhadoras de mão a lançadores de mísseis portáteis, mas ali é a vida real. Uns cinco caras, talvez só quatro, carregando pistolas automáticas ou espingardas ou ambos. Mas ele é um só, e não é nenhum Sylvester Stallone.

Alice coloca uma das fotos do Google Earth no centro da mesa.

— O que é isso? Não aparece nas fotos do Zillow.

Bucky e Billy olham. É onde o lado oeste da parede termina, numa formação rochosa. Depois de um momento, Bucky diz:

— Acho que deve ser uma entrada de serviço. Não se mostraria isso num site de venda de imóveis, da mesma forma que não se mostra o depósito onde o lixo fica guardado até a coleta. Os sites de imóveis se prendem ao glamour. O que você acha, Billy?

— Não sei. — Mas ele está começando a entender. Quanto mais pensa naquela picape surrada, mais ele gosta dela. E da nova peruca. Dela também.

8

Depois do jantar, Alice se apropria do banheiro para pintar o cabelo. Quando Bucky oferece uma cerveja (“Só pra dar uma força”), ela aceita. Os dois a ouvem trancar a porta. Billy não fica surpreso. E duvida que Bucky fique.

Bucky pega mais duas garrafas de cerveja na geladeira. Depois de vestir uma jaqueta leve e jogar um moletom para Billy, eles vão para a varanda e se sentam lado a lado nas cadeiras de balanço. Bucky bate com o gargalo da garrafa na de Billy.

— Ao sucesso.

— Bom brinde — diz Billy, e toma um gole. — Queria agradecer de novo por nos receber. Eu sei que você não esperava hóspedes.

— Você está falando sério sobre querer um silenciador pra Ruger?

— Acho que sim. Você também consegue uma Glock 17 e munição pras duas?

Bucky assente.

— Não deve ser problema, não por aqui. De que mais você precisa?

— De um bigode para combinar com a peruca que ela comprou pra mim. Não tenho tempo pra deixar crescer.

Tem mais coisas, mas Alice vai ter ideias sobre como consegui-las.

— O que você está pensando em fazer? Pode ser uma boa hora pra me contar e eu tentar convencer você de não fazer.

Billy conta. Bucky ouve com atenção e, depois de um tempo, começa a assentir.

— Ir até a casa dele é arriscado, é tipo desafiar o leão na toca dele, mas pode dar certo. Os caçadores de recompensa que estiverem te procurando devem estar no centro, principalmente perto do cassino do Nick. Double Deuce, sei lá.

— Double Domino.

Bucky se inclina para a frente, olhando para ele.

— Olha, se você estiver preocupado com o dinheiro que me prometeu…

— Não é.

— … pode deixar pra lá. Estou bem de dinheiro e estou feliz de estar fora da cidade. Nem sei por que fiquei tanto tempo. Um dia, alguém vai explodir uma bomba radioativa na Quinta Avenida, ou uma doença contagiosa vai surgir e vai transformar tudo, de Manhattan até a Staten Island, numa placa de Petri.

Billy acha que Bucky andou ouvindo coisa demais no rádio, mas não fala nada.

— Não é por causa do seu pagamento e nem do meu, embora eu vá pegar o dinheiro se ele tiver. Ele me passou pra trás. Ele me *fodeu*. Ele é uma pessoa ruim. — Billy se vê caindo nos padrões de fala do *eu burro* e não se importa. — Ele matou Giorgio, ou mandou matar. Pretendia fazer a mesma coisa comigo.

— Tudo bem — diz Bucky baixinho. — Eu entendo. Questão de honra.

— Honra não. *Honestidade*.

— Não está mais aqui quem falou. Agora, toma sua cerveja.

Billy toma um gole e inclina a cabeça para a casa, onde o chuveiro está ligado. De novo.

— Como ela estava durante as compras? Tudo bem?

— Quase o tempo todo. Antes de a gente entrar na Common Threads pra comprar um chapéu de caubói que eu esqueci de te mostrar, uma belezinha, ela teve tipo um problema pra respirar e cantou uma música baixinho. Não entendi o que era, mas depois ela ficou bem.

Billy sabe o que era.

— Na loja de carros usados, ela deu um baile. Viu a picape e negociou com Ricky, que abaixou o preço de quatro mil e quatrocentos pra três mil e trezentos dólares. Quando ele tentou bater o pé em três mil e quinhentos, ela me segurou e disse “Vem, Bucky, ele é legal, mas não é sério”. Dá pra acreditar?

— Eu acredito — diz Billy. Ele ri, mas Bucky não ri junto. Ele fica sério. Billy pergunta se tem alguma coisa errada.

— Ainda não, mas pode ter. — Ele bota a garrafa de cerveja na mesa e se vira para encarar Billy. — Nós dois somos foras da lei, certo? As pessoas não usam

mais essa expressão com frequência, mas é isso que nós somos. Alice não é, mas, se ela ficar com você, vai passar a ser. Porque ela está apaixonada por você.

Billy coloca a garrafa na mesa.

— Bucky, eu não sou… eu não…

— Eu sei que você não quer ir pra cama com ela, e acho que ela não quer ir pra cama com você, não depois do que ela passou. Mas você salvou a vida dela e a botou de pé de novo…

— Eu não botei…

— Tudo bem, talvez não, mas você deu a ela o tempo e o espaço pra começar a fazer isso sozinha. Não muda o fato de que ela está apaixonada por você e vai te seguir enquanto você deixar, e, se você deixar, vai acabar com a vida dela.

Depois de ter dito o que Billy acredita que ele pretendia dizer quando os dois foram lá pra fora, Bucky para, respira, pega a cerveja, toma metade e solta um arroto alto.

— Pode argumentar se quiser. Te dar um lugar pra ficar por uns dias não me dá o direito de não ser contrariado, então pode me contrariar.

Mas Billy não fala nada.

— Leva ela pra Nevada com você, claro. Arruma um lugar barato pra ficar fora da cidade e deixa ela lá enquanto cuida das coisas. Se você sair dessa limpo e com o dinheiro, dá um pouco pra ela e manda ela de volta pro leste. Diz pra ela passar aqui pra me ver e lembra a ela que os documentos falsos são camuflagem de curto prazo. Ela pode voltar a ser Alice Maxwell de novo.

Ele levanta um dedo, que está começando a exibir os primeiros sinais de artrite.

— Mas *só* se você deixá-la de fora. *Capisce*?

— Sim.

— Se você não sair limpo, provavelmente nem vai sair. Vai ser difícil pra ela ouvir, mas ela precisa saber. Concorda?

— Concordo.

— Diz pra ela que, se alguns dias se passarem e ela não tiver tido notícias

suas, você escolhe quantos, ela deve voltar pra cá. Eu dou algum dinheiro pra ela. Mil, mil e quinhentos, talvez.

— Você não precisa…

— Eu quero. Gosto dela. Ela não é uma chorona, e, considerando o que aconteceu, até teria direito de ser. Além do mais, seria dinheiro que você ganhou pra mim. Você é meu único cliente agora. Já é o único há quatro anos. Pra mim chega de trabalhar pra bandidos. Seria fácil demais um deles respingar em mim se algo desse errado, e eu estou velho demais pra ir preso.

— Tudo bem. Obrigado. Obrigado mesmo.

O chuveiro é desligado. Bucky se inclina de novo por cima do braço da cadeira.

— Sabe, um gatinho passa a seguir um cachorro que decide cuidar dele em vez de caçá-lo ou comê-lo. Ora, até um patinho faria isso. Eles se apegam. Ela se apegou a você, Billy, e não quero que aconteça nada com ela.

A porta do banheiro se abre, e Alice sai para a varanda. Ela está usando um roupão azul velho que deve ser de Bucky; é tão comprido que quase chega aos pés descalços. O cabelo está preso com o que parecem ser mais de dez presilhas, coberto de plástico transparente. Ela não vai chegar nem perto de um loiro platinado, provavelmente porque o cabelo natural era escuro demais, mas é uma grande mudança.

— O que vocês acham? Sei que é difícil perceber agora, mas…

— Parece bom — diz Bucky. — Eu sempre gostei de louro escuro. Minha primeira ex tinha cabelo louro escuro. Eu a vi ao lado de uma jukebox e soube que tinha que ficar com ela. Idiota, eu.

Ela abre um sorriso distraído, mas é para Billy que ela está olhando, é a opinião dele que importa. Billy consegue enxergar exatamente o que Bucky estava falando. Ele se lembra de um vídeo que viu no YouTube, que mostrava um pássaro tomando banho na tigela de água de um cachorro enquanto o cachorro, um dinamarquês, ficava sentado olhando. E ele pensa naquele velho

ditado que diz que quando você salva a vida de alguém, fica responsável pela pessoa.

— Você está linda — diz ele, e Alice sorri.

XIX

1

Billy e Alice ficam com Bucky por cinco dias. Na manhã do sexto, o dia em que Deus supostamente criou os animais do campo e as aves do ar, eles guardam as coisas no Dodge Ram e se preparam para partir. Como é um modelo cabine dupla, a pouca bagagem cabe atrás do banco da frente. O cortador de grama velho continua na caçamba. Junto a ele agora há um aparador de cerca-viva, um soprador de folhas e uma serra elétrica Stihl velha. O trailer, vazio quando Billy o viu pela primeira vez, agora contém quatro barris de papelão comprados na Lowe's. Billy e Bucky os chutaram pelo chão por um tempo, para dar a eles uma aparência usada, e os encheram de ferramentas manuais compradas por uma ninharia em um leilão de execução hipotecária em Nederland. Os barris foram presos nas laterais do trailer com cordas elásticas.

— A ideia é parecer uma versão de andarilho do século XXI — disse Bucky, enquanto eles brincavam de chutar os barris. — Deus sabe que são muitos vagando pelos Nove do Oeste. Eles andam por aí, arrumam algum trabalho e seguem em frente.

Alice perguntou o que eram os Nove do Oeste, e Bucky os listou: Colorado, Wyoming, Montana, Utah, Arizona, Novo México, Idaho, Oregon e, claro, Nevada. Billy acha que a picape está ótima. Talvez seja até uma precaução desnecessária para a viagem deles; Bucky está certo, os caçadores de recompensas vão estar concentrados na área metropolitana de Las Vegas. Porém,

mais tarde, quando chegar a hora do Ponto Promontório, a aparência da picape pode ser vital.

— Foi uma boa visita — diz Bucky. Ele está usando um macacão e uma camiseta da banda Old 97's. — Estou feliz de vocês terem vindo.

Alice o abraça. O novo cabelo louro fica bonito no sol da manhã.

— Billy? — Bucky estende a mão. — Se cuida, hein?

Billy quase o abraça, é como as coisas são hoje em dia, mas acaba não fazendo isso. Ele nunca foi muito de abraçar amigos, nem no deserto.

— Valeu, Bucky. — Ele segura a mão de Bucky com as suas duas e aperta de leve, pensando na artrite dele. — Por tudo.

— De nada.

Eles entram. Billy liga o motor. Faz muito barulho no começo, mas depois fica mais suave. Bucky concordou em arrumar alguém para dirigir o Fusion até o local de origem, para proteger o nome de Dalton Smith. Mais um favor na minha conta, Billy pensa.

Ele aponta a picape velha para a estrada. Quando engata a primeira, Bucky faz um gesto de *para*, *para* e se aproxima do lado do passageiro. Alice abre a janela.

— Eu quero te ver aqui de volta — diz ele para ela. — Enquanto isso, fica fora dessa história e não se envolve, ouviu?

— Sim — responde ela, mas Billy acha que ela pode estar só dizendo o que Bucky quer ouvir. E tudo bem, Billy pensa. Ela vai me ouvir. Eu espero.

Ele dá uma buzinada final e segue em frente. Uma hora e meia depois, eles viram para oeste na I-70, em direção a Las Vegas.

2

Eles passam a noite em Beaver, Utah. Outro motel vagabundo, mas não muito ruim. Compram baldes de frango no Crazy Cow e duas latas de Bud no Ray’s 66 na volta. Depois, sentam-se do lado de fora dos quartos adjacentes, aproximam as cadeiras e tomam a cerveja gelada.

— Eu li o resto da sua história no carro — diz Alice. — Está muito boa. Quero muito ler mais.

Billy franze a testa.

— Eu não tinha planejado continuar depois de Faluja.

— *Lala*faluja — diz ela e sorri. — Mas você não vai escrever sobre como entrou no ramo de matar gente por dinheiro?

A pergunta o leva a fazer uma careta por ser tão direta. E verdadeira, claro. Ela repara.

— Quer dizer, gente ruim. E como você conheceu Bucky. Eu gostaria de saber isso.

Sim, Billy pensa, eu poderia escrever sobre isso, e talvez devesse. Porque, se aqueles *mujs* escondidos atrás da porta tivessem matado Johnny Capps em vez de só destroçado as pernas dele, Billy Summers não estaria ali agora. Nem Alice. É uma espécie de revelação para ele, embora talvez não devesse ser, o fato de que, se Johnny Capps não tivesse sobrevivido, Alice Maxwell poderia muito bem ter morrido de choque e frio na rua Pearson.

— Talvez eu escreva. Se tiver oportunidade. Me conta sobre você, Alice.

Ela ri, mas não é a risada livre e fácil da qual ele passou a gostar tanto. É uma risada para fugir do assunto.

— Não tenho muito pra contar. Eu sempre fui do tipo de pessoa que passa despercebida. Estar com você é a única coisa interessante que já aconteceu comigo. Além de ter sido estuprada por vários caras, acho. — Ela solta uma risadinha sarcástica.

Mas ele não vai se contentar com isso.

— Você cresceu em Kingston. Sua mãe criou você e sua irmã. O que mais? Deve ter mais.

Alice aponta para o céu, que está escurecendo.

— Eu nunca vi tantas estrelas na vida. Nem mesmo na casa do Bucky.

— Não muda de assunto.

Ela dá de ombros.

— Tudo bem, mas se prepara pra morrer de tédio. Meu pai era dono de uma loja de móveis e minha mãe cuidava da contabilidade da loja. Ele morreu de ataque cardíaco quando eu tinha catorze anos e Gerry, minha irmã, tinha dezenove e estava estudando na escola de cabeleireiros. — Alice toca no cabelo. — Ela diria que eu fiz tudo errado aqui.

— É bem provável, mas ficou ótimo. Continua.

— Eu era uma aluna mediana. Tive alguns encontros, mas nunca namorei. Tinha uma galera popular na escola, mas eu não era parte desse grupo. E tinha uma galera nada popular, os que sempre são vítimas de pegadinha e são sacaneados, mas eu também não era parte desse grupo. Em geral, eu fazia o que minha mãe e minha irmã diziam pra eu fazer.

— Menos estudar na escola de cabeleireiros.

— Eu quase disse sim pra isso também, porque eu sabia que não ia estudar numa faculdade de gente inteligente. Eu não fiz a maioria dos cursos que eram necessários pra isso. — Ela pensa sobre o assunto. Billy espera. — Uma noite, eu estava deitada na cama, quase dormindo, e de repente despertei completamente. Num *estalo*. Quase caí da cama. Isso já aconteceu com você?

Billy pensa no Iraque.

— Muitas vezes.

— Eu pensei: “Se eu fizer isso, se eu fizer o que elas querem, isso não vai acabar nunca. Eu vou ficar fazendo o que elas querem pelo resto da minha vida, e um dia vou acordar velha bem aqui, na pequena Kingston”. — Ela se vira para ele. — E sabe o que minha mãe e Gerry diriam se soubessem o que aconteceu

comigo no apartamento do Tripp e o que eu estou fazendo aqui, com você? Elas diriam “Olha só no que deu”.

Billy estende a mão para tocar no ombro dela. Ela se vira para ele antes disso, e ele vê a mulher que ela pode vir a ser se o tempo e o destino forem gentis.

— E sabe o que eu diria? Eu diria que não ligo, porque esse tempo é meu, eu *mereço* ter tempo pra mim, e é isso que eu quero.

— Tudo bem — diz ele. — Tudo bem, Alice. Está tudo bem.

— Sim. Está. Pode ter certeza. Desde que você não seja morto.

Isso é uma coisa que ele não pode prometer, então ele não diz nada. Eles olham mais um pouco para as estrelas e bebem a cerveja em silêncio, até que ela diz que acha que vai para a cama.

3

Billy não vai para a cama. Ele recebe duas mensagens de texto de Bucky. A primeira diz que a empresa de paisagismo que trabalha no Ponto Promontório se chama Verdes & Jardins. O chefe da equipe pode ser Kelton Freeman ou Hector Martinez, mas também pode ser outra pessoa. É um negócio com alta rotatividade.

A mensagem seguinte diz que Nick costuma ficar no Double durante a semana, mas sempre tenta voltar à propriedade em Paiute para o fim de semana. Principalmente aos domingos. **Nunca perde um jogo do Giants durante o campeonato de futebol americano**, acrescenta Bucky. **Todo mundo que conhece ele sabe disso.**

Dá para tirar o garoto de Nova York, Billy pensa, mas não dá para tirar Nova York do garoto. Ele responde: **Alguma coisa sobre a garagem?**

A resposta de Bucky chega rápido: **Não.**

Billy levou as fotos, tanto as do Google Earth quanto as do Zillow. Ele as estuda por um tempo. Em seguida, abre o laptop e pesquisa algumas frases em espanhol. Não vai precisar dizê-las quando e se a hora chegar, mas as diz agora, sem parar, guardando-as na memória. É quase certo que ele não precise de todas. Talvez não precise de nenhuma. Mas é sempre melhor estar pronto.

Mi nombre es Pablo Lopez.

Siento molestarte.

Esa es mi hija.

Estos son para el jardin.

Soy sordo y mudo.

4

Eles tomam café no Crazy Cow e pegam a estrada. Billy não gostaria de forçar a picape, e nem precisa. São só umas poucas centenas de quilômetros até Las Vegas, e além do mais é quinta-feira. Ele só vai agir no domingo, quando o complexo no final da rua Cherokee deve estar no momento mais tranquilo. Não vai ter jardineiro e nem paisagista e, com sorte, nenhum capanga. Ele verificou os horários e os Giants jogam com os Cardinals às quatro da tarde da costa leste, que corresponde a uma da tarde em Nevada.

Para passar o tempo, ele conta para Alice como entrou no ramo do qual agora se considera aposentado. Johnny Capps foi o primeiro elo na corrente que termina (ao menos até ali, porque tem pelo menos mais um elo que ainda será forjado) na Interestadual 70 indo para o oeste.

— Foi ele que levou os tiros nas pernas naquela casa. O que deixaram vivo pra tentar atrair o resto de vocês pra dentro.

— Isso mesmo. Clay Briggs, o Rolapílula, conseguiu estabilizá-lo, e ele foi resgatado de helicóptero. Johnny passou muito tempo numa merda de hospital de veteranos e ficou viciado em analgésicos quando estavam tentando reabilitar o que não dava pra ser reabilitado. O Tio Sam acabou mandando ele de volta pro Queens numa cadeira de rodas, viciado até o último fio de cabelo.

— Que triste.

Bom, Billy conta a ela, pelo menos a parte da história do Johnny relativa ao vício teve um final feliz. O primo Joey o procurou, um cara que manteve o nome italiano da família, Cappizano, embora ele fosse, obviamente, chamado de Joey Capps. Com permissão de uma das organizações grandes de Nova York (e, claro, do Cartel Sinaloa, que controlava o comércio de drogas), Joey Capps tinha uma organização própria, tão modesta que não passava de um grupinho. Joey ofereceu ao primo soldado ferido um emprego de contador, mas só se ele conseguisse ficar limpo.

— Ele conseguiu?

— Sim. Ele mesmo me contou a história toda quando retomamos contato. Foi pra reabilitação, o primo pagou, depois frequentou encontros do N.A. de três a quatro vezes por semana, até morrer uns anos atrás. Um câncer de pulmão o pegou.

Alice franze a testa.

— Ele frequentou reuniões do N.A. pra largar as drogas, mas o emprego dele era *traficando* drogas?

— Não traficando, contando e lavando o dinheiro do negócio. Mas, sim, dá no mesmo, e uma vez eu falei isso pra ele. Sabe o que ele disse? Que tem alcoólatras recuperados gerenciando bares no mundo todo. Ele disse que tinha se tornado padrinho de outros membros do N.A., e que algumas dessas pessoas ficavam limpas e retomavam a vida. Foi assim que ele falou, que elas retomavam a vida.

— Meu Deus, isso que é a mão esquerda não ter ideia do que a direita está fazendo.

Billy diz que quase se voluntariou para voltar à guerra, mas decidiu que seria maluquice, coisa de suicida, e tirou o uniforme. Ficou por aí tentando decidir qual seria o próximo passo para um cara cujo trabalho por muitos anos tinha sido atirar nos outros no campo de batalha. Foi quando Johnny o procurou.

Havia um cara em Jersey, ele disse, que gostava de pegar mulheres em bares e dar uma surra nelas. Segundo Johnny, ele devia ter algum trauma de infância que estava tentando resolver, mas foda-se o trauma de infância, era um cara muito ruim. Ele tinha deixado a última mulher em coma, e a mulher por acaso era uma Cappizano. Prima de segundo ou terceiro grau, mas de qualquer forma, era uma Cappizano. O único problema era que o cara, o que batia em mulheres, era parte de uma organização maior e mais poderosa sediada do outro lado do rio, em Hoboken.

Joey levou Johnny Capps para um encontro com o chefe dessa organização, e acontece que os caras de Nova Jersey também não tinham muita utilidade praquele merdinha. Ele era um problema, um *stronzo madre* desgraçado que usava anéis nos dedos das duas mãos pra poder arrancar melhor o couro das mulheres, em vez de levá-las pra casa pra trepar como qualquer homem ia querer fazer, ou mesmo *fottimi nel culo*, que alguns homens, e até algumas mulheres, gostavam de fazer. Mas nenhuma mulher gosta de ficar com a cara desfigurada.

O resultado foi que o *capo* não podia dar permissão para Johnny Capps apagar o *stronzo madre*, porque teria que haver retribuição. Mas, se alguém de fora agisse, e se os dois lados, tanto a organização de Hoboken quanto o grupinho bem menor, do Queens, pagassem pelo serviço, aquela farpa poderia ser removida. Vamos chamar de diplomacia do crime organizado.

— E o Johnny Capps te ligou.

— Ligou.

— Porque você era o melhor?

— O melhor que ele conhecia, pelo menos. E ele conhecia a minha história.

— Com o homem que matou sua irmãzinha.

— Isso, sim. Eu pesquisei sobre o cara antes de aceitar o serviço, descobri um pouco da história dele. Até fui ver a mulher que ele deixou em coma. Ela estava ligada a um equipamento de suporte à vida e dava pra ver que não ia voltar. O monitor… — Billy faz uma linha reta acima do volante. — Então, eu apaguei o cara. Não foi muito diferente do que eu fazia no Iraque.

— Você gostou?

— Não. — Billy fala sem hesitar. — Nem no deserto e nem aqui. Nunca.

— O primo do Johnny arrumou outros serviços pra você?

— Mais dois, e teve um que eu recusei porque o cara… sei lá…

— Não pareceu ruim o bastante?

— Mais ou menos isso. Aí, o Joey me apresentou pro Bucky, e o Bucky me apresentou pro Nick, e aqui estamos nós.

— Aposto que tem bem mais do que isso.

Ela está certa, mas Billy não quer contar mais nada, muito menos entrar em detalhes sobre os serviços que fez para Nick e para os outros. Ele nunca disse nada disso para ninguém e está perplexo de ouvir essa parte de sua vida narrada em voz alta. É sórdida e estúpida. Alice Maxwell, aluna do curso técnico de administração e sobrevivente de estupro, está sentada em uma picape velha com um homem que matava gente como modo de vida. Era a porra do *trabalho* dele. E ele vai matar Nick Majarian? Se tiver a oportunidade, é bem provável que sim. Então, uma pergunta: matar por honra é melhor do que matar por dinheiro? Provavelmente não, mas isso não vai impedi-lo.

Alice fica um tempo em silêncio, refletindo. E diz:

— Você me contou isso porque acha que talvez não tenha oportunidade de escrever. É isso?

É, mas ele não quer dizer em voz alta.

— Billy?

— Eu contei porque você queria saber — diz ele, e liga o rádio.

5

Eles se hospedam em outro motel que não é de rede. São muitos nos arredores de Vegas. Enquanto Billy os registra como Dalton Smith e Elizabeth Anderson, Alice coloca quatro dólares em uma das máquinas caça-níqueis do saguão. No quinto, dez fichas caem pela abertura com um estrondo, e ela dá um gritinho infantil. O recepcionista oferece duas opções: dez dólares ou crédito desse valor na conta do motel.

— Como é o restaurante daqui? — pergunta Alice.

— O bufê é ótimo. — Ele baixa a voz e diz: — Pega o dinheiro, querida.

Alice pega o dinheiro e eles compram comida para viagem no Sirloin Super Burger da mesma rua. Ela insiste em pagar, e Billy não discute.

No quarto de Billy, ela se senta à janela e vê o tráfego infinito seguindo para o centro e as luzes dos hotéis e cassinos se acenderem.

— A Cidade do Pecado — comenta ela, maravilhada —, e aqui estou eu, em um quarto de motel com um cara bonito que por acaso tem o dobro da minha idade. Minha mãe ia *surtar*.

Billy inclina a cabeça para trás e ri.

— E a sua irmã?

— Não ia acreditar. — Ela aponta. — Aquelas são as montanhas Paiute?

— Se ali for o norte, são. Acho que se chamam contrafortes. Se é que faz diferença.

Ela se vira para ele, não mais sorrindo.

— Me conta o que você vai fazer.

Ele conta, e não só porque precisa de ajuda com a preparação. Ela escuta com atenção.

— Parece perigoso demais.

— Se alguma coisa parecer suspeita, vou recuar e reconsiderar.

— Você vai *saber* se for suspeita? Assim como seu amigo Taco soube do lado

de fora daquela casa em Faluja?

— Você se lembra disso, é?

— Vai?

— Acho que sim.

— Mas você provavelmente vai em frente de qualquer forma. Assim como vocês entraram na Casa de Diversão, e olha o que aconteceu lá.

Billy não diz nada. Não tem nada a dizer.

— Eu queria poder ir com você.

Ele continua não dizendo nada. Mesmo que essa ideia não o enchesse de horror, o plano não daria certo se ela estivesse junto, e ela sabe disso.

— O quanto você realmente precisa desse dinheiro?

— Eu poderia viver sem, e a maior parte vai para o Bucky. Não é pelo dinheiro que eu estou indo. Nick me tratou mal. Ele precisa pagar por isso, assim como os garotos que te estupraram precisaram pagar.

É a vez de Alice ficar em silêncio.

— Tem outra coisa. Acho que não foi ideia do Nick me matar depois que o serviço estivesse feito e *sei* que não foi ideia dele oferecer um prêmio de seis milhões de dólares pela minha cabeça. Eu quero saber quem é essa pessoa.

— E o motivo?

— Sim. Isso também.

6

A primeira coisa que Billy faz na manhã de sexta é verificar a caçamba da Dodge, porque as ferramentas estavam só amarradas, não trancadas. Tudo está no lugar. Ele não está surpreso, em parte porque tudo na caçamba e no trailer é velho e detonado, mas também porque sua experiência ao longo dos anos lhe ensinou que a grande maioria das pessoas é honesta. Elas não pegam o que não é delas. Gente que faz isso, gente como Tripp Donovan e Nick Majarian, o irrita profundamente.

Ele quase manda uma mensagem de texto para Bucky para perguntar se ele consegue descobrir que carro Nick dirige atualmente (é provável que estivesse na área VIP do estacionamento do Double Domino, sem dúvida algo chique com uma placa customizada), mas desiste. Bucky *seria* capaz de descobrir, e talvez isso chamasse atenção. Essa é a última coisa que Billy quer. Ele espera que, àquela altura, Nick já tenha começado a relaxar.

Quando as lojas abrem, Billy vai com Alice até a Ulta Beauty mais próxima. Desta vez, é ele que precisa de maquiagem, mas ele deixa Alice fazer as compras. Depois disso, ela quer ir a um cassino. É uma má ideia, mas ela está tão animada e esperançosa que ele não consegue dizer não.

— Mas não nos hotéis grandes e não no Strip — diz ele.

Alice consulta o celular e os direciona para o Big Tommy’s Hotel and Gambling Hall, em East Las Vegas. Pedem para ver a identidade dela na entrada, e ela mostra a nova habilitação de Elizabeth Anderson com serenidade. Enquanto ela anda pelo ambiente, olhando a roleta, o jogo de craps, o de blackjack, a roda da fortuna que não para de girar, Billy fica de olho, procurando caras com uma certa aparência. Não vê nenhum. A maioria das pessoas lá são mães e pais dispostos a perder um pouco de dinheiro.

Ele reflete de novo sobre como Alice está uma garota diferente da que ele tirou da chuva. A caminho de se tornar uma garota melhor, e se o que ele está planejando der errado e ela sofrer mais do que já sofreu, a culpa é dele. Ele pensa: eu devia abandonar essa merda e levá-la de volta para o Colorado. Mas se lembra de Nick falando sobre o dito “esconderijo”, o tempo todo sabendo que a viagem para Wisconsin ia durar uns dez quilômetros até Dana Edison botar uma bala na cabeça dele. Nick precisa pagar. E precisa conhecer o verdadeiro Billy Summers.

— É tão *barulhento*! — diz Alice, com as bochechas coradas e os olhos tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. — O que eu devo fazer?

Depois de olhar a roleta, Billy a leva até lá e compra cinquenta dólares em fichas, o tempo todo dizendo para si mesmo que é uma má ideia, péssima mesmo. A sorte de principiante dela é fenomenal. Em dez minutos ela ganhou duzentos dólares e as pessoas estão torcendo por ela. Billy não gosta disso e a leva para uma série de caça-níqueis de cinco dólares, onde ela passa meia hora e ganha mais trinta dólares. Ela se vira para ele e diz:

— A gente aperta o botão e olha, aperta o botão e olha, repete tudo. É meio idiota, né?

Billy dá de ombros, mas não consegue segurar um sorrisinho. Ele se lembra de Robin Maguire dizendo que só é sorriso quando os dentes aparecem. Se não for assim, não é nada.

— É você quem está dizendo, não eu — diz ele. E mostra os dentes.

7

Depois do cassino, eles vão ao Century 16 e assistem não só a um, mas dois filmes: um de comédia e um de ação. Quando saem desse último, está quase escuro.

— Que tal comer alguma coisa? — pergunta Alice.

— Podemos parar em algum lugar se você quiser, mas estou com a barriga cheia de pipoca e balas Sour Patch Kids.

— Talvez só um sanduíche. Quer ouvir uma coisa legal sobre a minha mãe?

— Claro.

— De vez em quando, se eu me comportasse bem, nós tínhamos o que ela chamava de um dia especial. Eu podia comer panqueca com gotas de chocolate no café da manhã e fazer quase qualquer coisa que eu quisesse, tipo tomar *egg cream* no Green Line Apothecary ou comprar um bicho de pelúcia, se fosse barato, ou ir até o fim da linha do ônibus, que era uma coisa que eu gostava de fazer. Que criança idiota, né?

— Não — diz Billy.

Ela segura a mão dele na maior naturalidade e a balança para a frente e para trás a caminho da picape.

— O dia de hoje foi assim. Especial.

— Que bom.

Alice se vira para ele.

— Acho bom você não morrer. — Ela fala com ferocidade. — Acho bom mesmo.

— Não vai acontecer — diz Billy. — Tudo bem?

— Tudo — concorda ela. — Tudo ótimo.

8

Mas, naquela noite, ela não fica bem. Billy estava dormindo um sono muito leve, senão não teria ouvido Alice bater. É uma batida leve e hesitante, quase inexistente. Por um segundo ou dois, ele acha que é parte do sonho que está tendo, algo com Shanice Ackerman, mas, de repente, está de volta ao quarto de motel nos arredores de Vegas. Ele se levanta, vai até a porta e olha pelo olho mágico. Ali está ela, com um pijama azul largo que trouxe das compras com Bucky. Os pés estão descalços e a mão está na garganta e ele a ouve ofegar. Os ofegos são mais altos do que a batida.

Ele abre, a segura pela mão que não está apertando a garganta e a leva para dentro do quarto. Enquanto fecha a porta, ele canta:

— Pela estrada afora eu vou bem sozinha… canta comigo, Alice.

Ela balança a cabeça e inspira com dificuldade.

— … não consigo…

— Consegue, sim. Pela estrada afora eu vou bem sozinha…

— Ela mora… — *Arrrfff.* — … lon… lon… — *Arrrfff!*

Ela está se balançando, quase desmaiando. Billy fica impressionado por ela não ter desfalecido no corredor.

Ele a sacode.

— Não, está errado. Tenta de novo. Próximo verso.

— Levar esses doces para a vovozinha? — Ela ainda está ofegante, mas parece menos propensa a desmaiar.

— Isso mesmo. Agora, vamos juntos. E não é pra falar, é pra cantar. Pela estrada afora eu vou bem sozinha…

Ela se junta a ele.

— Levar esses doces para a vovozinha. Ela mora longe e o caminho é deserto. — Ela inspira fundo e solta a respiração com tremores: *hã… hã… hã.* — Preciso me sentar.

— Antes que você caia — concorda Billy. Ele ainda está segurando a mão dela. Ele a leva até a cadeira perto da janela, a cortina agora fechada.

Ela se senta, olha para ele, tira o cabelo louro recém-descolorido da testa.

— Eu tentei no meu quarto e não deu certo. Por que deu certo agora?

— Você precisava de uma pessoa pra fazer um dueto. — Billy se senta na cama. — O que foi? Pesadelo?

— Horrível. Um daqueles garotos… daqueles *homens*… estava enfiando um pano de prato na minha boca. Pra me fazer parar de gritar. Ou talvez eu estivesse berrando. Acho que foi o Jack. Eu não conseguia respirar. Tinha certeza de que ia morrer sufocada.

— Eles fizeram isso?

Alice balança a cabeça.

— Não lembro.

Mas Billy sabe que fizeram e ela também sabe. Ele mesmo já vivenciou esse tipo de coisa, embora não de forma tão ruim nem com tanta frequência quanto algumas pessoas. Não manteve contato com os soldados que conheceu no Iraque (Johnny Capps foi exceção), mas existem sites e às vezes ele dá uma olhada.

— É natural, é como a mente dos sobreviventes de combate lida com o trauma. Ou tenta lidar.

— É isso que eu sou? Uma sobrevivente de combate?

— É isso que você é. Pode ser que a música ou o pano molhado no rosto não funcionem sempre. Tem outros truques pra tentar passar por um ataque de pânico. Você pode ler sobre eles na internet. Mas, às vezes, você só precisa esperar.

— Eu achei que estivesse melhor — sussurra Alice.

— Você está. Mas também está passando por um momento de estresse. — E por culpa minha, Billy pensa.

— Posso ficar aqui hoje? Com você?

Ele quase diz que não, mas olha para o rosto pálido e suplicante e pensa de novo: por culpa minha.

— Tudo bem. — Ele queria estar usando mais do que uma cueca samba-canção, mas vai ter que ser assim.

Ela se deita na cama e ele se deita ao lado dela. Eles ficam deitados de costas. A cama é estreita e seus quadris se tocam. Ele olha para o teto e pensa: eu não vou ficar com uma ereção. O que é o mesmo que dizer para um cachorro não correr atrás de um gato. As pernas deles também se tocam. A dela está quente e firme através do algodão. Ele não esteve com nenhuma mulher depois de Phil e não quer estar com aquela, mas, ah, Deus.

— Eu posso te ajudar? — A voz dela soa baixa, mas não tímida. — Eu não posso fazer amor com você… você sabe, do jeito normal… mas eu posso ajudar. Eu ficaria feliz em ajudar.

— Não, Alice. Obrigado, mas, não.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Tudo bem. — Ela rola para o lado, para longe dele, na direção da parede.

Billy espera até a respiração dela soar longa, baixa e regular. Então vai para o banheiro e se resolve sozinho.

9

Os dias passam, só alguns, quase como se fossem dias de férias, e então está quase na hora. Há uma Target ali na rua, e eles fazem compras lá depois do café da manhã. Alice compra um frasco grande de hidratante, um borrifador e roupas de banho. A dela é um maiô azul modesto. A dele é uma sunga larga com peixes tropicais. Ela também compra para ele um macacão pré-lavado, luvas amarelas de jardinagem, um casaco jeans e uma camiseta com um slogan que é bem a cara de Vegas.

Eles nadam na piscina do motel, que é a melhor parte da acomodação atual. Alice joga vôlei na água com umas crianças enquanto Billy fica numa espreguiçadeira, observando. Tudo parece natural. Eles poderiam ser pai e filha a caminho de Los Angeles, talvez procurando trabalho, talvez procurando parentes que pudessem lhes dar um empréstimo ou um lugar para ficar.

O recepcionista do hotel estava certo sobre o bufê (as especialidades são o macarrão com queijo e o ensopado de rosbife quase pré-histórico), mas depois de quase duas horas na piscina, Alice come tudo no prato caprichado e vai buscar mais. Billy não consegue acompanhá-la, apesar de ter havido uma época, por exemplo, na época do treinamento básico, em que ele poderia ter comido o dobro do que ela comeu. Depois do almoço, ela diz que quer tirar um cochilo. Billy não fica surpreso.

Por volta das quatro, eles vão fazer compras de novo, desta vez em uma fazenda e loja de jardinagem chamada Cresce, Baby, Cresce. O bom humor matinal de Alice passou, mas ela não tenta fazê-lo mudar de ideia quanto ao dia seguinte. Billy fica agradecido. A persuasão pode levar a uma discussão, e discutir com Alice é a última coisa que ele quer. Não no dia que pode ser o último deles juntos.

Quando eles estacionam no motel, Billy enfia a mão no bolso de trás e tira um pedaço de papel dobrado. Ele o desdobra, estica-o com cuidado e o prende no

painel com fita adesiva comprada na Target. Alice olha para a garotinha abraçando o flamingo rosa.

— Quem é?

O desenho de giz de cera de Shanice está um pouco borrado, mas os corações que sobem da cabeça mole do flamingo ainda estão bem nítidos. Billy toca em um deles.

— A garotinha que era minha vizinha em Midwood. Mas amanhã ela vai ser minha filha. Se eu precisar que seja.

10

Billy até confia que ninguém vai roubá-lo, mas não tanto assim. As ferramentas velhas e os barris sujos estão em segurança, mas alguém pode ver as coisas que eles compraram na Cresce, Baby, Cresce e decidir pegar algumas, então eles levam as sacolas para dentro e guardam tudo no banheiro de Billy. São quatro sacos de vinte quilos de substrato Miracle-Gro, cinco sacos de cinco quilos de adubo de minhoca Buckaroo e um saco de dez quilos de fertilizante Black Kow.

Alice deixa Billy levar o de Black Kow. Ela franze o nariz e diz que sente o cheiro mesmo com o saco fechado.

Eles assistem televisão no quarto dela, e ela pergunta se ele vai passar a noite com ela. Billy diz que seria melhor não.

— Acho que eu não consigo dormir sozinha — diz Alice.

— Eu acho que eu também não, mas nós dois vamos tentar. Vem cá. Me dá um abraço.

Ela dá um abraço apertado nele. Ele a sente tremendo, não de medo dele, mas de medo por ele. Ela não merece sentir medo nenhum, mas, se precisar sentir, Billy acha que assim é melhor. Bem melhor.

— Coloca o alarme do seu celular pras seis — diz ele quando a solta.

— Não vou precisar.

Ele sorri.

— Coloca mesmo assim. Você pode acabar se surpreendendo.

No quarto ao lado, ele envia uma mensagem de texto para Bucky: **Teve alguma notícia do N?**

A resposta de Bucky é imediata: **Não. Ele deve estar lá, mas não tenho certeza. Foi mal.**

Tudo bem, responde Billy, e coloca o alarme do celular para as cinco. Ele também não espera dormir, mas talvez surpreenda a si mesmo.

Ele dorme um pouco e sonha com Shanice. Ela está rasgando o desenho do

flamingo Dave e dizendo *Eu te odeio eu te odeio eu te odeio.*

Ele acorda às quatro e, quando vai para o lado de fora com as luvas novas na mão, Alice está sentada na eterna cadeira de motel, encolhida dentro de um moletom escrito EU AMO LAS VEGAS e olhando para um fiapo de lua.

— Oi — diz Billy.

— Oi.

Ele vai até o limite da área cimentada e esfrega as luvas novas na terra. Quando acha que elas estão com a aparência certa, tira a poeira delas e se levanta.

— Está frio — diz Alice. — Isso é bom. Você pode usar o casaco.

Billy sabe que vai esquentar rápido quando o sol nascer. Pode até ser outubro, mas ali é o deserto. No entanto, ele vai usar o casaco de qualquer jeito.

— Quer comer alguma coisa? Um Egg McMuffin? O McDonald's aqui da rua é vinte e quatro horas.

Ela balança a cabeça.

— Não estou com fome.

— Café?

— Café seria ótimo.

— Com creme e açúcar?

— Puro, por favor.

Ele vai até o saguão vazio e pega uma xícara para cada na eterna cafeteira Bunn de motel. Quando volta, ela ainda está olhando para a lua.

— Parece estar perto o suficiente pra esticar a mão e tocar nela. Não é linda?

— É, mas você está tremendo. Vamos entrar.

Ela se senta na cadeira dele junto à janela e toma um pouco do café, depois o coloca na mesinha e adormece. O moletom é grande demais e o buraco do pescoço escorrega para o lado, exibindo um ombro. Billy acha que é pelo menos tão lindo quanto a lua. Ele se senta e toma o café e a observa. Gosta da respiração longa e lenta dela. O tempo passa. Ele tende a fazer isso, Billy pensa.

11

Quando ele a acorda às 7h30, ela o repreende por tê-la deixado dormir.

— A gente tem que começar a passar o spray. Aquela porcaria leva pelo menos quatro horas pra funcionar.

— Está tudo bem. O jogo começa à uma da tarde, e eu não vou agir antes de uma e meia.

— Mesmo assim, eu queria que a gente tivesse feito isso uma hora atrás, só por garantia. — Ela suspira. — Vem pro meu quarto. Vamos fazer isso lá.

Alguns minutos depois, ele tira a camisa e começa a esfregar hidratante nas mãos, antebraços e rosto. Ela diz para ele não esquecer as pálpebras e a nuca. Quando ele termina, ela começa a trabalhar com o spray de bronzeamento. A primeira camada leva cinco minutos. Quando ela termina, ele vai para o banheiro e dá uma olhada. O que vê é um homem branco com um bronzeado do deserto.

— Não está bom ainda — diz ele.

— Eu sei. Passa hidratante de novo.

Ela usa o spray uma segunda vez. Quando ele entra no banheiro para dar uma segunda olhada, está melhor, mas ele continua insatisfeito.

— Sei lá — diz ele para Alice quando sai. — Isso talvez tenha sido má ideia.

— Não foi. Lembra o que eu falei? Nas próximas quatro a seis horas, vai continuar escurecendo. Com o chapéu de caubói e o macacão… — Ela olha para ele com uma expressão crítica. — Se eu não achasse que você podia se passar por um chicano, eu diria.

É agora que ela vai me pedir de novo pra desistir e ir pro Colorado com ela, Billy pensa. Mas ela não faz isso. Ela diz para ele se vestir com o que ela chama de “sua fantasia”. Billy vai para o quarto e coloca a peruca, a camiseta, o macacão, o casaco (com as luvas de trabalho enfiadas no bolso) e o chapéu de caubói surrado que Bucky e Alice compraram em Boulder. Desce até as orelhas,

e ele lembra a si mesmo de levantá-lo um pouco quando chegar a hora, para exibir o cabelo comprido com fios grisalhos. Cabelo chicano. Talvez.

— Você está ótimo. — Toda profissional, apesar dos olhos vermelhos. — Está com o bloco e o lápis?

Ele bate no bolso da frente do macacão. É grande e tem espaço para a Ruger com silenciador, além das coisas para escrever.

— Você já está ficando mais bronzeado.

— Eu vi. — Billy enfia a mão no bolso lateral do macacão, o que não está com a Glock 17, e tira um rolo de notas. É tudo que ele tem, além de umas duas de vinte. — Fica com isso. Digamos que é um seguro.

Alice guarda o dinheiro sem discutir.

— Se você não receber uma ligação minha de tarde, espera. Eu não tenho ideia de como é a cobertura de celular ao norte daqui. Se eu não voltar até as oito da noite, nove no máximo, eu não vou voltar. Passa a noite aqui, faz o checkout de manhã e pega um ônibus de Greyhound pra Golden ou Estes Park. Liga pro Bucky. Ele vai te pegar. Está bem?

— Não estaria nada bem, mas entendi. Vou ajudar a levar esses sacos de fertilizante pra picape.

Eles fazem duas viagens e Billy fecha a porta traseira. Eles ficam parados se olhando. Algumas pessoas sonolentas (dois vendedores, uma família) estão carregando os carros com a bagagem e se preparando para seguirem adiante.

— Se você só precisa estar lá à uma da tarde, pode ficar mais uma hora — diz ela. — Duas, até.

— Acho que é melhor eu ir agora.

— É, talvez seja melhor mesmo — diz Alice. — Antes que eu desmorone.

Ele a abraça. Alice o abraça com força. Ele espera que ela diga para ele tomar cuidado. Ele espera que ela diga de novo para ele não morrer. Ele espera que ela peça mais uma vez, talvez que suplique para ele não ir. Ela não faz isso. Só olha para ele e diz:

— *Pega o que é seu.*

Ela o solta e anda para o motel. Quando chega lá, vira-se para ele e mostra o celular.

— Me liga quando acabar. Não esquece.

— Não vou esquecer.

Se eu puder, ele pensa. Eu vou ligar se puder.

XX

1

Uma hora ao norte de Vegas pela Rota 45 e Billy chega a um Dougie’s Donuts junto a um posto de gasolina Arco e uma loja de conveniência com o nome improvável de Outono Terrível. É uma parada de caminhões cercada de áreas amplas de estacionamento, com caminhões enormes de um lado roncando como bestas adormecidas. Billy enche o tanque, compra uma garrafa de suco de laranja e um *cruller* e estaciona nos fundos. Pensa em ligar para Alice só porque gostaria de ouvir a voz dela e acha que ela talvez fosse gostar de ouvir a dele. Minha refém, ele pensa. Minha refém com síndrome de Estocolmo. Só que ela não é mais isso, se é que já foi em algum momento. Ele se lembra de como ela disse *Pega o que é seu.* Não destemida, ela não se transformou em uma rainha guerreira de gibi (ao menos ainda não), mas com muita coragem. Já está com o celular na mão, mas lembra que ela dormiu tão pouco quanto ele à noite. Se ela tiver voltado para a cama com a plaquinha de NÃO PERTURBE pendurada na porta, ele não quer acordá-la.

Ele toma o suco e come o *cruller* e deixa o tempo passar. É tempo suficiente para as dúvidas surgirem. De certa forma (de muitas formas, na verdade), é a Casa de Diversão toda de novo, só que sem o esquadrão para acompanhá-lo. Ele não tem como ter certeza de que Nick foi para o Ponto Promontório passar o fim de semana. Se tiver ido, não sabe quantos homens ele pode ter levado. Alguns, certamente, mas não caçadores de recompensa de fora, só os homens dele, e

Billy não sabe onde podem estar posicionados. Ele tem uma ideia do interior da casa pelas fotografias do Zillow, mas mudanças podem ter sido feitas depois que Nick comprou a casa. Se Nick *estiver* lá, torcendo para os Giants, Billy não sabe onde ele vai estar assistindo ao jogo. Nem sabe se consegue entrar pela porta de serviço. Talvez *sí*, talvez *no*.

Há uma fileira de banheiros químicos, e ele usa um para descarregar todo o café e o suco que bebeu. Quando sai, uma garota negra de regata e saia jeans tão curta que dá para ver a calcinha está ali perto. Ela está com cara de quem virou a noite, uma noite que foi puxada. O rímel em volta dos olhos faz Billy (o Billy do *eu burro*) se lembrar dos Irmãos Metralha nos gibis antigos de Pato Donald e Tio Patinhas que ele compra às vezes em lojas de coisas usadas e bazares de quintal.

— E aí, bonitão — diz a prostituta. — Quer sair comigo?

Essa é uma ótima chance para testar sua história. Ele pega o bloco e o lápis no bolso da frente do macacão e escreve *mi es sordo y mudo*.

— Que porra isso quer dizer?

Billy encosta as duas mãos nos ouvidos e depois bate com uma delas na boca.

— Esquece — diz ela, virando-se. — Eu que não vou chupar seu pau imigrante.

Billy a vê se afastar, satisfeito. Nada de pau imigrante, é?, ele pensa. Isso não faz de mim um John Howard Griffin, mas está bom.

2

Ele fica estacionado nos fundos da loja de donuts até as onze. Nesse tempo, vê a garota negra e algumas colegas de trabalho dela abordando caminhoneiros, mas nenhuma das garotas se aproxima dele. E está ótimo assim. De vez em quando ele sai da picape e finge olhar as mercadorias, mas só quer alongar as pernas e ficar tranquilo.

Às 11h15, liga a picape (não pega de primeira, e ele passa um susto) e segue para o norte pela 45. As Paiutes se aproximam. A uns oito quilômetros de distância, ele já vê o Ponto Promontório. É diferente da casa que Nick alugou na cidade quando Billy foi fazer o serviço, mas é tão feia quanto aquela.

Quando o GPS o informa que a entrada na rua Cherokee está a um quilômetro e meio de distância, Billy chega a outra parada, só um recuo. Estaciona na sombra e usa outro banheiro químico, pensando no lema de Taco Bell: *Nunca dispense uma oportunidade de mijar antes de cair na porrada.*

Quando sai, ele olha o relógio. Meio-dia e meia. Na *hacienda* enorme e branca, Nick deve estar se acomodando para ver o show pré-jogo com dois de seus capangas. Talvez comendo nachos e tomando cerveja Dos Equis. Billy aciona a Siri, que diz que ele está a quarenta minutos de seu destino. Ele se obriga a esperar mais um pouco e se obriga a não ligar para Alice. Sai do carro, pega um pé de cabra em um dos barris sujos e faz alguns buracos no abafador de escapamento do carro, que já está ruim. Se ele chegar na entrada de serviço com a picape velha peidando e estourando, melhor ainda para encarnar o personagem.

— Beleza — diz Billy. Ele pensa em fazer o grito de guerra dos Darkhorses e diz a si mesmo para deixar de ser ridículo. Além do mais, na última vez que eles entoaram o grito com as mãos unidas (menos as de Albie Stark), as coisas não deram muito certo. Ele vira a chave. A ignição gira e gira. Quando começa a

demorar, ele desliga, espera, bombeia o acelerador e tenta de novo. A picape pega. Já era barulhenta antes. Está mais ainda agora.

Billy olha o trânsito, entra na 45 e entra na rua Cherokee. O aclive fica mais íngreme. No primeiro quilômetro e meio há casas mais modestas dos dois lados da rua, mas logo elas acabam e só resta o Ponto Promontório à frente.

Eu sempre ia acabar vindo aqui, Billy pensa, e tenta rir do pensamento, que não é só agourento, mas pretensioso. O pensamento não some, e Billy entende que é por ser verdadeiro. Ele sempre ia acabar indo lá. Sim.

3

O ar está límpido longe da poluição de Las Vegas e talvez tenha até um efeito meio ampliador, porque, quando Billy está se aproximando do portão principal do complexo, a casa parece recuar para não cair em cima dele. O muro é alto demais para ver atrás, mas ele sabe que tem um posto de observação do outro lado, e, se houver alguém lá dentro, seu carro velho já deve estar no vídeo.

A rua Cherokee acaba no Ponto Promontório. Antes de chegar ao fim, a pista de terra se abre para a esquerda, ladeada por duas placas. A da esquerda diz MANUTENÇÃO E ENTREGAS. A outra diz SOMENTE VEÍCULOS AUTORIZADOS. A palavra *SOMENTE* está destacada em vermelho.

Billy entra nessa pista, sem se esquecer de subir um pouco o chapéu na cabeça. Ele também bate no bolso da frente do macacão (Ruger com silenciador) e no bolso lateral (Glock). Testar a mira das armas seria uma piada, armas curtas só servem para tiros de perto, mas ele se dá conta de que não testou nenhuma das duas, nem examinou a munição. Seria uma piada e tanto se ele precisasse usar a Glock e ela emperrasse. Ou se o silenciador da Ruger, talvez feito na garagem de algum cara chegado a metanfetamina, bloqueasse o cano da arma e a fizesse explodir na mão dele. É tarde demais para se preocupar com essas coisas agora.

O muro do complexo está à direita. À esquerda, as árvores ficam tão próximas da estrada que os galhos batem na lateral da picape. Billy imagina um veículo maior, como um caminhão de lixo, de entrega de gás propano ou limpa-fossa, seguindo por ali, o motorista xingando Deus e o mundo cada vez que precisasse fazer aquele trajeto.

O muro vira para a direita e as árvores terminam. A inclinação de vinte graus também. Ele está num platô agora, provavelmente terraplanado sob encomenda para a casa. A estrada de manutenção continua e faz uma curva até o portão bem mais humilde que Billy está procurando. Atrás do muro, dá para ver uns quatro

metros da parte de cima do celeiro, pintado num vermelho rústico. O telhado é de metal e reflete o sol. Billy afasta o olhar depois de uma espiada rápida, sem querer comprometer a visão.

O portão está aberto. Há canteiros de flores dos dois lados. Tem uma câmera de segurança no muro, mas está caída como um pássaro com o pescoço quebrado. Billy gosta disso. Ele achou que Nick talvez estivesse relaxando, baixando um pouco a guarda, e ali está a prova.

No canteiro da esquerda, uma mexicana de vestido azul largo está de joelhos, cavando com uma pá pequena. Perto dela, um cesto de vime cheio de flores cortadas. As luvas amarelas poderiam ter sido compradas no mesmo lugar em que Billy comprou as dele. Ela está usando um sombrero de palha tão grande que chega a ser cômico. Está de costas para ele, mas, quando ouve a picape (como não ouvir?), ela se vira para olhar, e Billy vê que ela não é mexicana. A pele está bronzeada e curtida, mas ela é americana. Uma mulher velha e americana.

Ela se levanta e para na frente da picape com as pernas abertas, bloqueando a passagem. Só vai para a janela do motorista depois que Billy para e abre o vidro.

— Quem é você e o que caralhos você quer? — Em seguida, uma outra coisa boa além da câmera de segurança quebrada: — *Que deseas?*

Billy levanta um dedo (um minuto) e pega o bloco no bolso da frente do macacão. Sua mente dá um branco por um instante, mas ele acaba lembrando e escreve *Estos son para el jardin*. Isto é para o jardim.

— Eu entendo, mas o que você está fazendo aqui num domingo?

Ele vira uma página e escreve *soy sordo y mudo*. Sou surdo e mudo.

— É mesmo? Você entende inglês? — Ela move os lábios com cuidado exagerado.

Os olhos dela, azuis-escuros no rosto estreito, o observam. Duas coisas ocorrem a Billy. A primeira é que Nick pode ter baixado a guarda… mas não completamente. A câmera de segurança está quebrada e os capangas podem até estar dentro da casa vendo o jogo de futebol americano com ele, mas aquela

mulher está ali com a pá e a cesta de flores. Talvez seja o que sua velha amiga Robin chamava de *concedência*, mas talvez não, porque tem uma garrafa de água e um sanduíche embrulhado em papel manteiga na sombra de uma árvore próxima. O que sugere que ela pretende ficar ali um tempo. Talvez até o jogo acabar e ela ser liberada.

Isso é uma coisa. A outra é que ela parece familiar. E como parece.

Ela enfia a mão na cabine e estala os dedos na frente do nariz dele. Estão com cheiro de cigarro.

— *Lo entiendes?*

Billy levanta o polegar e o indicador quase encostando um no outro para indicar que, sim, ele entende, mas só um pouco.

— Aposto que, se eu pedisse pra ver seu greencard, seria o fim pra você. — Ela dá uma risada tão rouca quanto a voz. — Por que você está aqui num domingo, *mi amigo*?

Billy dá de ombros e aponta para o celeiro que se projeta acima do muro.

— É, eu não achei que você tivesse vindo tomar chá com biscoitos. O que você tem para colocar no celeiro? Me mostra.

Billy está gostando cada vez menos daquilo. Em parte porque ela poderia olhar diretamente na caçamba da picape e ver os sacos de itens de jardinagem, mas mais por causa da sensação perturbadora de que ele já a conhece. E isso não pode ser verdade. Ela é velha demais para ser um dos cães de guarda do Nick, fora que ele nunca contrataria uma mulher para esse tipo de trabalho. Ele é antiquado, e ela é só uma velha, uma doméstica que mandaram ficar lá fora de olho no portão de serviço enquanto eles veem o jogo, e ela decidiu passar o tempo cortando flores para a casa. Mas ele continua não gostando.

— *Andale, andale!* — Mais dedos estalados na cara dele. Billy também não gosta da mulher, embora a suposição de superioridade dela (um preconceito bem estilo Trump, podemos dizer) seja outro sinal de que o disfarce dele está funcionando.

Billy sai, deixa a porta aberta e a leva até a caçamba do caminhão. Ela ignora

e vai até o trailer. Olha nos barris, dá uma fungada desdenhosa e volta para olhar a caçamba.

— Por que só tem um saco de Black Kow? De que vai adiantar?

Billy dá de ombros para indicar que não entendeu.

A mulher fica nas pontas dos pés e bate no saco. O sombrero balança.

— Só um! Um! *Solo uno!*

Billy dá de ombros para indicar que é só o entregador.

Ela suspira e balança a mão para ele.

— Ah, porra. Vai lá. Eu não vou ligar para o Hector numa tarde de domingo pra perguntar por que ele mandou um surdo-mudo entregar um carregamento de merda, ele também deve estar vendo a porra do jogo. Ou algum outro.

Billy dá de ombros para indicar que ainda não entende.

— Leva essa merda lá pra dentro. *Tomalo!* E depois vaza pra uma *cantina*, talvez você chegue a tempo de ver o segundo tempo.

É nessa hora que ele devia ter percebido. Alguma coisa nos olhos dela. Mas não percebe. Apenas dá sorte. Ele a vê chegando pelo espelho do lado do motorista na hora que está se sentando atrás do volante. Afasta-se bem a tempo, baixa o ombro, e a pá só raspa no braço abaixo da camiseta que ele está usando sob o macacão. Ele bate a porta, prende o braço dela e a pá cai no chão da picape ao lado do pé esquerdo dele.

— *Ai, porra!*

Ela solta o braço tão rápido e com tanta força que acaba derrubando o sombrero, deixando à mostra o cabelo grisalho preso no alto da cabeça. É nessa hora que Billy entende onde já a viu.

Ela está enfiando a mão em um dos grandes bolsos laterais do vestido de jardinagem. Billy sai da picape correndo e bate com o braço no lado esquerdo do rosto dela. A mulher cai deitada de costas no canteiro de flores. O que ela estava indo pegar cai do bolso. É um celular. É a primeira vez na vida que ele bate em uma mulher, e, quando vê o hematoma surgindo na bochecha dela, pensa em Alice, mas não se arrepende do golpe. Poderia ser uma arma.

E ela o reconheceu. Não de primeira, mas reconheceu. E disfarçou bem até o final. Não adiantou nada usar o macacão, o spray de bronzeamento, a peruca e o chapéu de caubói. Não adiantou deixar o desenho de Shan preso no painel, que ele poderia dizer por escrito (com um sorriso paternal de orgulho) que tinha sido feito por sua filha. Foi porque a mulher viu e estudou a foto dele, além de tê-lo visto uma vez em Red Bluff? Ou foi porque as mulheres costumam ver melhor por trás de disfarces? Pode até ser uma baboseira machista, mas Billy meio que acredita nisso.

— Seu filho da puta arrombado. É você.

Ele pensa: ela pareceu tão gentil na casa alugada. Quase refinada. Claro que, naquela hora, ela estava servindo. Ele lembra agora que Nick deu um bolo de dinheiro para ela entregar ao Alan, o chef que flambou o Baked Alaska deles, mas nenhum para ela. Porque ela era funcionária fixa. Era da família, na verdade. Engraçado.

Ela parece atordoada, mas isso pode ser enganação também. De qualquer modo, ele está feliz porque a pá está dentro da picape. Ele passa um braço em volta dos ombros dela e a ajuda a se sentar. A bochecha dela está inchando como um balão, o que o faz pensar em Alice de novo, mas Alice nunca olhou para ele como aquela mulher está olhando agora. Se um olhar pudesse matar, esse tipo de coisa.

Com a mão que não a está segurando, Billy tira a Ruger do bolso e encosta o cano de leve na testa enrugada da mulher. Frank Macintosh é conhecido (só pelas costas) como Frankie Elvis, às vezes Elvis Solar. O cabelo puxado alto na frente, como o dela. O mesmo cabelo, o mesmo rosto estreito, o mesmo bico de viúva. Billy acha que, se não fosse o sombrero enorme, talvez tivesse feito a conexão antes e se poupado de muitos problemas.

— Oi, Marge. Você não está mais tão educada quanto estava naquela noite, servindo o jantar.

— Seu traidor do caralho — diz ela e cospe na cara dele.

Billy sente uma vontade incontrolável de bater nela de novo, mas não por ela

ter cuspido nele. Limpa o rosto com o braço e deixa que ela se sustente sozinha. Ela parece perfeitamente capaz disso. Pode estar com mais de setenta anos e ter fumado a vida inteira, mas não é uma mulher que jogou a toalha, e Billy tem que admirar isso.

— É o contrário. Nick é o traidor do caralho. Eu fiz o serviço e, em vez de me pagar, ele me passou pra trás e planejou me matar.

— Nick nunca faria isso. Ele defende o pessoal dele.

Pode até ser verdade, mas eu não sou parte do pessoal dele, nunca fui. Eu sou um freelancer, só isso.

— Não vamos discutir, Marge. O tempo urge.

— Eu acho que você quebrou a porra do meu braço.

— E você tentou abrir a minha jugular. Pra mim, está empatado. Quantos homens estão lá dentro vendo o jogo?

Ela não responde.

— O Frank está lá?

Ela não responde, mas o brilho que ele vê naqueles olhos escuros diz o que ele precisa saber. Ele pega o celular, tira a terra e o entrega para ela.

— Liga pra ele e diz que um cara da Verdes & Jardins veio trazer fertilizante e substrato. Que não há com o que se preocupar. Diz…

— Não.

— Diz que você mandou o cara deixar tudo no celeiro.

— Não.

Billy tinha baixado o cano da Ruger. Agora, ele o encosta de novo entre os olhos dela.

— Diz, Marge.

— Não.

— Diz, senão eu vou estourar seus miolos e depois os do Frank.

Ela cospe no rosto dele de novo. Pelo menos tenta, mas não sai muito. Porque a boca está seca, Billy acha. Ela está com medo, mas não vai fazer o que ele mandou. Mesmo se fizesse, ela acabaria dando uma dica pelo tom de voz ou

daria uma de louca e começaria a gritar *É ele, aquele traidor filho da puta arrombado do Billy Summers.*

Mesmo não conseguindo evitar pensar em Alice, mas lembrando a si mesmo que aquela mulher não é ela e jamais poderia ser, ele bate na têmpora de Marge. Seus olhos se reviram até só a parte branca aparecer, e ela cai sobre as flores. Billy fica parado acima dela por um minuto para ter certeza de que ela ainda está respirando e joga o celular na picape. Ele começa a entrar, mas pensa de novo e tira as flores cortadas da cesta dela. Debaixo das flores encontra um walkie-talkie e um revólver King Cobra 357 de cano curto. Então ela não estava só fazendo jardinagem. E não a colocaram lá só como uma ideia de última hora. Ela é casca grossa. Ele joga a arma e o walkie-talkie na picape.

A ignição gira sem pegar por dez longos segundos, e Billy pensa por que agora, Senhor, por que agora. O motor finalmente pega e ele dirige para dentro da propriedade. Ele para três metros depois de passar pelo muro, deixa a picape em ponto morto e fecha o portão. Tem um trinco enorme de aço. Passa o trinco pelo aro e volta para a picape, que está berrando pelo silenciador perfurado. Fazer isso tinha parecido uma boa ideia na hora. Não tanto agora.

Quando ele entra na cabine da picape, Marge Macintosh começa a bater no portão e a gritar:

— *Ei! Ei! É o Summers! É o Summers na picape!* — Billy acha que ninguém ouviria, nem se o silenciador do Dodge estivesse intacto, mas fica impressionado com a vitalidade dela. Ele bateu nela com toda a força que conseguiu e ela já está de pé, pronta para outra.

Só que você *não* bateu nela com toda a força que conseguiu, ele pensa. Você pensou em Alice e se segurou um pouco.

É tarde demais agora, e ele acha que não faz diferença. Ela teria que correr por todo o muro, passar entre os pinheiros e ir alertar a pessoa na guarita do portão principal… supondo que haja mesmo alguém lá.

E claro que há. Quando Billy passa pelo celeiro e pela arena de exercício dos cavalos, um cara aparece. Ele está com um fuzil ou escopeta, mas, no momento,

a arma está pendurada no ombro. Ele parece relaxado. Levanta as mãos até os ombros com as palmas para fora: *Que pasa?*

Em vez de ir na direção da casa como pretendia, Billy enfia a mão para fora da janela do motorista, faz um sinal de positivo e vira na direção da guarita.

Ele para o carro. O cara anda na direção dele com a arma, uma Mossberg, ainda pendurada no ombro. Billy se dá conta de que o conhece. Apesar de nunca ter ido lá, Billy já esteve na cobertura de Nick no Double Domino umas três ou quatro vezes, e em duas delas aquele cara estava presente. Sal alguma coisa. Mas, ao contrário da mãe de Frank, com seus olhos argutos, Sal não o reconhece.

— O que está rolando, amigo? — diz ele. — A velha te deixou passar?

— Deixou. — Billy não tenta usar sotaque espanhol, pois acabaria parecendo o Ligeirinho falando. — Eu tenho uma coisa que alguém precisa assinar. Pode ser você?

— Não sei — diz Sal. Ele está começando a parecer incomodado. Tarde demais, amigo, tarde demais, Billy pensa. — Vamos ver o que é.

O bloco de surdo-mudo de Billy está saindo do bolso do macacão. Ele bate no bolso e diz:

— Está bem aqui.

Enfia a mão para baixo do bloco e pega a Ruger de Don Jensen. Surpreendentemente, ela sai fácil mesmo com o silenciador bulboso na ponta. Ele dispara. Um buraco aparece entre dois dos botões perolados na frente da camisa de Sal em estilo caubói. Junto com um som de balão estourando, ora essa, o silenciador se desfaz em dois pedaços fumegantes, metade no chão e a outra metade dentro da cabine do carro.

— Você atirou em mim! — diz Sal, cambaleando um passo para trás. Ele está com os olhos arregalados.

Billy não quer atirar no sujeito de novo porque o segundo tiro vai ser bem mais barulhento, mas nem precisa. Sal cai com os joelhos no chão e a cabeça baixa. Ele parece estar rezando. Em seguida cai para a frente.

Billy pensa em pegar a Mossberg, mas decide deixá-la. Como ele falou para

Marge, o tempo urge.

4

Ele dirige até a casa principal. Três carros estão estacionados sob a cobertura, dois sedãs e um Lamborghini que deve pertencer a Nick. Billy se lembra de Bucky dizendo que Nick tem um fraco por carros. Ele desliga a picape barulhenta e sobe os degraus da entrada. Está com o bloco de surdo-mudo em uma das mãos. Atrás do bloco, está segurando a Glock. Tinha acabado de matar um cara, e Sal provavelmente era um cara ruim que fez muitas coisas ruins sob ordens de Nick, mas Billy não tem certeza disso. Agora, ele vai matar mais, supondo que não seja morto. Vai pensar nisso depois. Se houver um depois.

Ele coloca o dedo na campainha, mas hesita. E se uma mulher aparecer na porta? Se isso acontecer, Billy acha que não vai conseguir atirar. Mesmo que o resultado disso seja uma merda generalizada, ele acha que não vai conseguir. Gostaria de ter a oportunidade de contornar a casa, examinar as coisas, mas não há tempo. A mamãe Elvis está em ação.

Ele tenta a porta. Está aberta. Billy fica surpreso, mas não chocado. Nick concluiu que ele não vai aparecer. Além disso, é tarde de domingo, o sol está brilhando e é dia de futebol americano nos Estados Unidos. Billy acha que os Giants fizeram gol. A torcida está gritando, e vários homens também. Não perto, mas não muito distante.

Billy volta a guardar o bloco no bolso da frente do macacão e vai na direção do som. E acontece o que ele temia. Pelo corredor principal vem uma empregada latina bonita com uma bandeja de cachorros-quentes fumegantes equilibrada em cima de um cooler que deve estar cheio de cerveja. Billy tem tempo de pensar numa letra antiga de Chuck Berry: *Ela é linda demais para ter mais de dezessete anos.* Ela vê Billy, vê a arma, abre a boca, o cooler se inclina, a bandeja de cachorros-quentes começa a deslizar. Billy a ajeita.

— Vai — diz ele, e aponta para a porta aberta. — Pega isso e sai daqui. Vai pra longe.

Ela não diz nada. Anda pelo corredor carregando a bandeja e sai para o sol. Billy pensa que a postura dela é perfeita, e a luz do sol no cabelo preto sugere que Deus talvez não seja de todo ruim. Ela desce a escada, as costas eretas e a cabeça erguida. Nem olha para trás. A torcida comemora. Os homens que estão assistindo ao jogo também. Alguém grita:

— *Acaba com eles, Big Blue!*

Billy anda por uma parte do corredor. Entre duas gravuras de Georgia O'Keeffe (mesas de um lado, montanhas do outro) há uma porta aberta. Pela abertura entre as dobradiças, Billy vê uma escada que desce. Um comercial de cerveja está passando. Billy para atrás da porta aberta, esperando que o anúncio acabe, querendo que eles voltem a prestar atenção no jogo.

Nick grita do pé da escada:

— Maria! Cadê os cachorros-quentes? — Como não há resposta: — Maria! Anda logo!

— Eu vou lá ver — alguém diz. Billy não tem certeza, mas parece Frank.

Passos subindo a escada. Alguém sai no corredor e vira para a esquerda, supostamente na direção da cozinha. É Frank, sim. Dá para reconhecer mesmo de costas, com aquele topete tentando esconder a parte careca. Billy sai de trás da porta e o segue, andando com os pés de lado, feliz por estar de tênis. Frank entra na cozinha e olha em volta.

— Maria? Cadê você, querida? A gente está precisando…

Billy acerta a careca dele com a coronha da Glock depois de erguê-la bem alto e bater com toda a força que conseguiu. O sangue espirra, e Frank cai para a frente e bate com a testa na tábua de madeira no meio da cozinha. A cabeça da mãe dele era dura, e talvez Frank tenha herdado isso junto com o bico de viúva, mas Billy acha que ele não volta dessa. Não por um tempo, pelo menos, e talvez nunca. Sempre tem gente levando porrada na cabeça nas séries policiais e se levantando alguns minutos depois quase sem danos, mas não é assim que funciona na vida real. Frank Macintosh pode morrer de edema cerebral ou hematoma subdural. Pode acontecer em cinco minutos ou ele pode ficar em

coma por cinco anos. Também pode ser que ele volte a si logo, mas provavelmente não antes de Billy terminar seu dia de trabalho. Mesmo assim, ele se curva e o revista. Nada de arma.

Billy anda silenciosamente pelo corredor. O jogo deve ter recomeçado, porque os torcedores estão gritando de novo. Um dos homens no porão de Nick grita:

— *Derruba ele! Isso! É assim que se faz!*

Billy desce a escada, nem rápido demais e nem devagar demais. Vê três homens olhando para uma televisão imensa. Dois deles estão em cadeiras com braços. Uma terceira cadeira, provavelmente de Frank, está vazia. Nick está sentado no meio do sofá com as pernas abertas. Está usando um short curto demais, apertado demais e berrante demais. A barriga força a parte da frente de uma camiseta do New York Giants, com um pote de pipoca em cima. Os outros dois também estão com potes de pipoca, e isso é bom porque mantém as mãos deles ocupadas. Billy conhece os dois. Um ele viu na suíte de Nick e no escritório do Domino. Contador, talvez, com certeza um cara que cuida dos números. Billy não se lembra do nome dele, Mikey ou Mickey ou talvez Markie. O outro era um dos falsos funcionários do Departamento de Obras Públicas que andavam na van. Reggie alguma coisa.

— Demorou, hein? — diz Nick. Os outros dois já viram Billy, mas Nick só tem olhos para o jogo acontecendo na televisão. — Coloca aí na…

Ele acaba percebendo a expressão chocada dos companheiros, vira a cabeça e vê Billy parado a dois passos do tapete. A expressão de medo e surpresa que surge no rosto de Nick provoca em Billy uma grande satisfação. Não é vingança pelos últimos cinco meses da vida dele, não chega nem perto, mas é um passo na direção certa.

— Billy? — O pote equilibrado na barriga de Nick vira e a pipoca se espalha pelo tapete.

— Oi, Nick. Você não deve estar feliz de me ver, mas eu estou feliz de ver você. — Ele aponta com a Glock para o contador, que já levantou as mãos. — Qual é o seu nome?

— M-Mark. Mark Abromowitz.

— Deita no chão, Mark. Você também, Reggie. Barriga pra baixo. Braços e pernas esticados. Como se vocês fossem fazer um anjinho na neve.

Eles não discutem. Colocam os potes de pipoca de lado com cuidado e se deitam no chão.

— Eu tenho família — diz Mark.

— Que bom. É só você se comportar que vai vê-la de novo. Algum de vocês dois está armado? — Ele não precisa perguntar a Nick porque, com aquela roupa ridícula de dia de jogo, ele não tem onde esconder uma arma, nem mesmo uma pistola de tornozelo.

Os dois homens, com rostos virados para baixo, balançam a cabeça negativamente.

Nick diz o nome de Billy de novo, desta vez não como pergunta, mas como exclamação de prazer. Ele está tentando conjurar a simpatia de velho senhor da mansão, mas sem muito sucesso.

— Por onde você andou? Eu tenho tentado fazer contato com você!

Billy não se daria ao trabalho de responder a essa mentira ridícula mesmo se a cabeça não estivesse ocupada com uma preocupação mais urgente. Há uma quarta cadeira. Com uma tigela de pipoca pela metade ao lado.

— *Eles deixam a bola no chão com Barclay* — diz o narrador do jogo —, *com Jones na frente e…*

— Desliga — diz Billy. Nick é o rei da casa e o rei do sofá. É claro que o controle está ao lado dele.

— O quê?

— Você me ouviu, desliga.

Quando Nick aponta o controle remoto para a televisão, Billy fica feliz de ver um leve tremor na mão dele. O jogo some. Agora, são só os quatro, mas a cadeira vazia com o pote de pipoca ao lado diz que, além de Frank, há outro ausente.

— Cadê ele? — pergunta Billy.

— Quem?

Billy aponta para a cadeira vazia.

— Billy, eu preciso explicar por que precisei esperar pra fazer contato com você. Houve um problema do meu lado. É que…

— Cala a boca. — Que prazer dizer isso, e que prazer não precisar bancar o burro. — Mark!

O contador treme as pernas como se tivesse levado um choque.

— Cadê ele?

Mark responde na mesma hora, uma decisão sábia.

— Foi ao banheiro.

— Cala a boca, babaca — diz Reggie, e Billy atira no tornozelo dele. Não sabia que ia fazer isso até que já tivesse feito, mas sua mira continua ótima, e ele não se arrepende, da mesma forma que não se arrepende da coronhada que deu em Frank na cozinha. Reggie era parte do plano de se livrar do Billy Summers burro. De colocá-lo dentro da van falsa do DOP, dirigir alguns quilômetros para fora da cidade, enfiar uma bala na cabeça dele e caso encerrado. Além do mais, aquele trio de homens das cavernas precisa saber quem está no comando.

Reggie grita e rola de costas, tentando segurar o tornozelo.

— Seu filho da puta! Você atirou em mim!

— Cala a boca, senão eu mesmo calo. Se você não acredita, pode testar. — Ele vira a arma para Abromowitz, que está olhando para ele com olhos saltados. — Onde fica o banheiro? Aponta.

Abromowitz aponta para trás do sofá. Há três máquinas de pinball encostadas na parede, as luzes piscando, mas com todos os ruídos silenciados por causa do jogo. Depois delas há uma porta de madeira fechada.

— Nick. Manda ele sair.

— Sai daí, Dana!

Então ele é o homem que falta, Billy pensa. O parceiro de Reggie no DOP. O ruivinho com coque samurai que me humilhou na Torre Gerard. Talvez não seja

o cara que se livrou de Ken Hoff, mas Billy acha que há uma boa chance de ter sido. Claro que é Edison, porque todos os personagens de uma história precisam ser usados pelo menos duas vezes: regra de Dickens. E de Zola.

Ele não sai.

— Anda, Dana! — grita Nick. — Está tudo bem!

Não há resposta.

— Ele está armado? — Billy pergunta a Nick.

— Tá de sacanagem? Você acha que meus amigos vêm armados quando são convidados pra ver um jogo de futebol americano?

— Eu acho que a gente vai descobrir. Nick, seus dois amigos aí no chão sabem que eu sei atirar? Que é isso que eu *faço*?

— Ele sabe atirar — diz Nick. Sua pele morena ficou amarelada. — Aprendeu nos fuzileiros. Atirador de elite.

— Eu vou ao banheiro convencer Dana a sair. Eu acho que você não consegue correr, Reggie, mas você conseguiria, sr. Abromowitz. Se correr, eu te mato. O mesmo vale pra você, Nick.

— Eu não vou a lugar nenhum — diz Nick. — A gente vai resolver isso. Eu só preciso explicar por que…

Billy o manda calar a boca de novo e contorna o sofá. Nick está agora de costas para ele, um alvo fácil para um tiro na cabeça, se for necessário. Reggie e o contador estão bloqueados pelo sofá, mas Reggie está com o tornozelo baleado, e ele não acha que Abromowitz, o homem de família, vá ser problema. É com Dana Edison que ele está preocupado.

Billy para ao lado da máquina de pinball mais próxima da porta. E diz:

— Sai, Dana. Se sair, talvez fique vivo. Se não sair, não vai ficar.

Billy não esperava resposta, e não há nenhuma.

— Tudo bem, vou entrar.

Porra nenhuma, ele pensa, mas se estica, inclina-se para a frente e segura a maçaneta. No momento em que ele balança a maçaneta, Edison atira quatro vezes, os tiros tão rápidos que Billy mal consegue diferenciá-los. A porta é fina,

e não há buracos, só madeira voando em lascas grandes. Billy sente movimento atrás de si, mas não olha. Nick e Abromowitz podem estar fugindo, mas nenhum dos dois vai entrar no campo de tiro de Edison para derrubá-lo, da mesma forma que essa dupla de idiotas não teria entrado na Casa de Diversão para tentar salvar Johnny Capps.

Edison com certeza espera que Billy hesite se ainda estiver vivo, então Billy não hesita. Entra na frente da porta quebrada e dá seis tiros. Edison grita. Há uma barulheira e (só a realidade pode oferecer esse tipo de absurdo) a descarga é acionada.

Com o canto do olho, Billy vê Abromowitz indo para o térreo numa série de saltos de gazela. Não faz ideia de onde está Nick, mas não está seguindo Abromowitz na escada, e essa é a hora errada de procurar mais. Ele levanta um pé e chuta o que resta da porta ao lado do trinco. A porta se abre. Dana Edison está caído por cima da privada, sangrando na cabeça e no pescoço. A Glock dele está caída no chuveiro junto com os óculos sem aro. Aparentemente, ele acionou a descarga quando caiu. Ele levanta o olhar para Billy.

— Mé… dico…

Billy olha para o sangue espirrado na lateral da privada. Um médico não ajudaria. Dana está a caminho de bater as botas. Billy se inclina sobre ele, a arma na mão.

— Você se lembra da última coisa que me disse quando foi ao meu escritório na Torre Gerard?

Edison faz um som rouco. Sai um jorro de sangue junto.

— Eu me lembro. — Billy coloca o cano da Glock na têmpora de Edison. — Você disse “Vê se não erra”.

Ele puxa o gatilho.

5

Quando Billy sai, Reggie está de joelhos na frente do sofá. Dá para ver o topo da cabeça dele. Ele vê Billy e levanta uma pistola prateada que devia estar guardada embaixo de uma das almofadas. Nick não estava desarmado, afinal. Billy manda dois tiros pelo encosto do sofá antes que Reggie tenha tempo de atirar, e o sujeito cai para trás, fora de seu campo de visão. Billy vai até o sofá em três passos corridos e espia. Reggie está de costas, a arma no tapete ao lado da mão esticada. Os olhos estão abertos e vidrados.

Você devia ter se contentado com o tornozelo baleado, Billy pensa. Os médicos talvez pudessem resolver isso.

Alguma coisa cai no canto mais fundo do porão. Barulho de vidro se estilhaçando e um xingamento: *“M’qifsh karin!”*. Billy corre até lá, curvado. As luzes na área depois da sala de televisão estão apagadas, mas dá para enxergar Nick na penumbra. Ele está de costas. Está apertando botões em um teclado iluminado ao lado de uma porta de aço. Tem uma mesa de bilhar nessa sala adjacente, algumas máquinas caça-níquel e um bar com rodinhas que está tombado, com pedaços de vidro para todo lado e um cheiro lacrimejante de uísque derramado.

Nick digita freneticamente, ainda xingando em albanês ou seja lá qual for o idioma que ele aprendeu quando criança e depois esqueceu. Só para quando Billy o manda parar e se virar.

Nick vira. Parece um homem a um passo do abismo da morte, o que é justo, porque é aí mesmo que ele está. Mas ele está sorrindo. Só um pouco, mas, sim, é um sorriso.

— Eu fui para o lado errado. Deveria ter subido a escada como o Markie, mas… — Ele dá de ombros.

— É o seu quarto do pânico? — pergunta Billy.

— É. E, quer saber? Eu esqueci a porra da combinação. — Ele balança a

cabeça. — Não, mentira. Me deu um *branco*. São só quatro números, mas só consigo lembrar que o segundo é dois.

— E agora? — pergunta Billy.

— É 6247 — diz Nick, e solta uma gargalhada.

Billy assente.

— Acontece com os melhores de nós e acontece com o resto de nós.

Nick o observa. Limpa os lábios, que estão brilhando com saliva.

— Você está falando diferente. Está até com uma *aparência* diferente. Você nunca foi burro como fazia parecer, né? Giorgio me disse isso e eu não acreditei.

— Antes de você mandar matarem ele — diz Billy.

Nick arregala os olhos com o que Billy poderia jurar que é surpresa genuína.

— Giorgio não está morto, ele está no Brasil. — Ele observa o rosto de Billy. — Você não acredita?

— Depois de toda a merda que você fez, por que eu acreditaria numa palavra que sai da sua boca?

Nick dá de ombros como para indicar que ele tem razão.

— Posso me sentar? Minhas pernas estão fracas.

Billy aponta com o cano da Glock para as cadeiras ao lado da mesa de bilhar. Nick anda com passos trêmulos e se senta. Ele estende a mão e liga um interruptor que acende as três luzes penduradas acima do feltro verde.

— Eu não deveria ter aceitado o contrato. Mas tanto dinheiro… isso me cegou.

Billy acha que ainda tem um tempo. Seria um erro demorar demais, mas talvez faça isso. Porque ele quer respostas. O dinheiro parece secundário. Sem mencionar improvável de conseguir. Só gângster de filme é que guarda um muro de dinheiro no quarto do pânico. Hoje em dia, tudo é feito por transferências digitais. Dinheiro praticamente nem existe. Dinheiro virou o fantasma da máquina.

— Pig está com doença hepática. Qualquer um apostaria no coração, considerando aquela gordura toda, mas foi o fígado dele que deu problema. Ele

precisa de um transplante. Os médicos dizem que não tem como se ele não perder peso, tipo uns noventa quilos. Se não emagrecer, ele vai morrer na mesa de cirurgia. Por isso que ele foi pro Brasil.

— Pra uma clínica de emagrecimento?

— Uma clínica especial. Do tipo que, quando você entra, só pode sair quando chega ao peso alvo. Só aí eles *deixam* você sair. Ele sabia que era a única forma de dar certo, senão ele ia sair na primeira vez que batesse a vontade de comer um Whopper triplo com queijo.

Billy está começando a acreditar. Nick está falando sobre Giorgio no presente e não escorregou. De certa forma, é como Edison dando descarga ao cair, mortalmente ferido. Algumas coisas são bizarras demais para não serem verdade. Georgie Pig em um campo de emagrecimento forçado é uma dessas coisas.

— Giorgio sabia que seria identificado depois que você matasse Joel Allen, ele é uma porra de uma baleia, mas não foi problema pra ele. Ele disse que era uma forma de garantir que não daria pra trás no último minuto, com ou sem fígado novo. Além do mais, ele queria se aposentar.

— É mesmo? — Billy achava que Giorgio fosse um daqueles caras que morreria no negócio.

— É.

— Pra passar os últimos anos de vida no Brasil?

— Acho que na Argentina.

— Parece caro. Que tipo de bônus de aposentadoria ele ganhou por ajudar a armar pra mim?

Nick hesita, depois diz:

— Três milhões.

— Três pro Giorgio e seis pela minha cabeça.

Nick arregala os olhos e afunda na cadeira. Ele está pensando que, se Billy sabe disso, qualquer chance que ele pudesse ter de sair daquilo vivo acabou de sumir. É provável que ele esteja certo.

— E você deixou de me pagar a merreca de um milhão e meio que me devia? Eu sabia que você era muquirana, Nick, mas nunca te vi como trapaceiro.

— Billy, a gente nunca ia…

— Ia. Eu quero ouvir você dizer, senão te mato agora mesmo.

— Você vai me matar de qualquer jeito — diz Nick, e embora a voz esteja firme, uma lágrima desce por uma bochecha gorda e lindamente barbeada.

Billy não responde.

— Tá, beleza. A gente ia te matar. Isso fazia parte do acordo. Dana ia te matar.

— Eu ia ser o seu Oswald.

— Não foi ideia minha, Billy. Eu garanti para o cliente que você ficaria firme independente do que acontecesse. Ele insistiu e, como eu falei, o dinheiro me cegou.

Billy poderia perguntar quanto Nick recebeu, mas será que ele quer saber? Acha que não.

— Quem é o cliente?

Em vez de responder, Nick aponta para a porta que leva ao quarto do pânico.

— Eu *tenho* dinheiro. Não um milhão e meio, mas pelo menos oitenta mil, talvez uns cem. Eu te dou e depois consigo o resto.

— Acredito plenamente nisso — diz Billy. — Também acredito que nós ganhamos a guerra do Vietnã e que o pouso na lua foi encenado. — Outra coisa passou pela cabeça dele. — Você sabia sobre o incêndio?

Nick pisca sem entender a mudança de assunto.

— Incêndio? Que incêndio?

— Os dispositivos pirotécnicos não foram a única distração naquele dia. Houve um incêndio num armazém numa cidade próxima um pouco antes de eu dar o tiro. Eu já sabia que ia acontecer porque Hoff me contou.

— Hoff te contou? Aquele *budalla*?

— Tem certeza de que você não sabia?

— Não sabia.

Billy acredita, mas queria ouvi-lo dizer e ver a cara dele ao fazer isso. Mas

não importa. Aquilo tudo já passou.

— Quem era o cliente?

— Você vai me matar?

Eu deveria, Billy pensa. Você merece, e muito.

— Quem era o cliente?

Nick levanta a mão até o rosto, limpa o suor da testa e mais saliva dos lábios e depois a abaixa lentamente. Os olhos dizem que ele não tem mais esperança, não que tivesse muita desde o começo.

— Se eu contar, você vai me deixar rezar antes de me matar? Ou me matar não é suficiente e você quer me mandar pro inferno pela eternidade também? — Agora, mais lágrimas surgem.

— Você pode rezar. Mas o nome do cliente primeiro.

— Roger Klerke.

De primeira, Billy entende Clerk, mas Nick soletra. É um nome familiar, mas não que ele associe com o mundo de Nick. Nem de Bucky Hanson. É mais um nome que Billy pode ter visto em algum jornal, blog ou podcast. Talvez na televisão. Política? Negócios? Billy não tem interesse em nenhuma das duas coisas.

— World Wide Entertainment — diz Nick. — Tudo bem se você não reconhece, é só um dos quatro maiores conglomerados de mídia do mundo.

Nick tenta sorrir, um homem no leito de morte contando uma piada ruim, mas Billy nem repara. Ele está relembrando tudo. Desde o primeiro encontro com Ken Hoff, que certamente não estava ansioso para curtir a aposentadoria na América do Sul.

— Me conta tudo.

Nick conta, e Billy fica tão impressionado com o que escuta (e horrorizado também) que perde a noção do tempo. Ele só lembra que nem todo mundo no Ponto Promontório foi neutralizado quando ouve um uivo desolado no andar de cima. Um som que só uma mãe poderia fazer ao encontrar o filho caído, inconsciente e quase morrendo. Talvez já morto.

— Você quer continuar vivendo, Nick? — Uma pergunta retórica.

— Quero. *Quero!* Se você me deixar viver, vou dar um jeito de arrumar o dinheiro. Cada centavo. É a minha promessa solene. — As lágrimas tinham parado quando ele estava contando a história, mas, com a possibilidade de uma nova chance, começam a rolar pelo seu rosto novamente.

Billy não está interessado nas promessas de Nick, solenes ou não. Ele aponta para a porta de aço do quarto do pânico. No andar de cima, há outro uivo seguido de palavras:

— *Socorro! Alguém me ajuda!*

— Tem alguma arma ali?

Nick não é mais o cara no comando, o grande anfitrião que recebeu Billy de braços abertos cinco meses antes, o cara com uma champanhe na mão dizendo que só queria ajudar Billy com a fuga. Ele foi reduzido à sua humanidade básica, que é um desejo de continuar respirando, e Billy aceita a expressão de surpresa dele como genuína.

— No quarto do pânico? Por que eu teria armas lá dentro?

— Entra lá. Fecha a porta. Fica olhando pro relógio. Espera uma hora. Se você sair antes disso, pode ser que eu tenha ido embora, mas pode ser que eu ainda esteja aqui. — Até parece, Billy pensa. — Se eu estiver, vou te matar.

— Eu não vou sair. Eu não vou sair! E o dinheiro…

— Vou entrar em contato pra falar sobre isso depois.

Talvez, Billy pensa. Ou talvez eu não queira mais, considerando o que eu fiz e para quem. O fato de não saber disso na época pode até ser uma desculpa, mas não é muito boa.

— Avisa aos caçadores de recompensa que acabou. Diz que eu vim aqui, houve um tiroteio e eu fui morto. Se ainda tiver gente atrás de mim, é melhor você torcer para me matarem, porque, se não fizerem isso, eu volto pra acabar com você. Diz a mesma coisa pro Klerke. Eu vou perguntar e, se ele disser qualquer coisa diferente, eu volto e te mato. Entendeu?

— Entendi. Entendi!

Billy indica a área da televisão do porão.

— E limpa essa sujeira. Faz tudo sumir. Entendeu?

— *Me ajudem, ele não está acordando!* — Vindo de cima.

— Entendeu?

— Entendi. O que você está pensando em…

— Entra aí.

Nick não tem dificuldade com a senha desta vez. A porta deve ficar tão selada quanto a de uma eclusa de ar numa espaçonave, porque faz um som leve de *vush* ao se abrir. Nick entra. Ele lança um olhar final para Billy, um olhar de quem não acredita mais que é o mestre de tudo que observa, e talvez isso seja vingança suficiente. Ou seria, se fosse durar. Billy sabe que não vai.

— Pela primeira vez na vida, tenha honra — diz Billy.

Nick fecha a porta e há um estrondo quando ela se tranca de novo.

Há um saco de morim cheio de bolas de bilhar pendurado num gancho ao lado das cadeiras. Billy o pega e espalha as bolas no feltro verde da mesa. Pega a Glock de Edison no banheiro e a arma escondida de Nick ao lado da mão morta de Reggie. Coloca as duas armas no saco. Revira os bolsos da calça de Reggie, uma tarefa desagradável que precisa ser feita porque ele não pretende ir embora naquela picape velha com problema na ignição. Encontra a chave do carro de Reggie.

Billy guardou sua própria Glock no bolso da frente do macacão. Quando sobe a escada, ele a pega. Agora, Billy ouve a mãe de Frank, que ele apelidou mentalmente de Noiva do Exterminador, falando ao telefone.

— Na casa do Nick. *Sim*, seu idiota, na casa do Nick! Por que você acha que estou ligando pra você e não pro hospital?

Billy vai até a cozinha, novamente andando apoiado nas laterais dos pés. Não consegue ver Marge, a Mamãe Elvis, mas vê a sombra dela andando de um lado para o outro e a sombra do fio do telefone fixo. Vê também uma escopeta Mossberg caída ao lado dos pés abertos de Frank Macintosh. Deve ser a que Sal, o guarda do portão, estava carregando pendurada no ombro.

Eu devia ter pegado quando tive chance, Billy pensa.

— Vem pra cá, rápido! Ele quase não está respirando!

Billy fica de joelhos e se inclina para a frente, a mão esticada. Ela usou uma toalha para absorver o sangue da parte de trás da cabeça de Frank e a deixou na nuca dele. Billy pega a escopeta pelo guarda-mato e a puxa devagar, torcendo para ela não ouvir e se virar. Ele não quer mais ter que lidar com Marge.

Sente um frio repentino arrepiando sua nuca e tem certeza de que é Nick. Havia uma arma no quarto do pânico, afinal. Ele saiu, subiu a escada e agora está com a arma apontada para a cabeça de Billy. Ao se virar, Billy ouve o pescoço estalar e tem certeza de que será o último som que vai ouvir, ao menos naquele mundo. Mas não tem ninguém ali.

Ele se levanta. Seus joelhos estalam. A mãe de Frank escuta, contorna a geladeira (que não é tão grande quanto a televisão, mas quase) e olha para ele. O rosto dela está tomado por um hematoma enorme e Billy pensa em Alice de novo. Ela ainda está segurando o telefone, mas o fio está todo tensionado, com todas as espirais esticadas. Os lábios dela se abrem num esgar.

Billy aponta a Glock para a figura do filho dela de bruços e leva o cano aos lábios: *Shhh*.

Ela mantém a expressão no rosto, mas assente para Billy.

Ele sai andando de costas pelo corredor até chegar à porta.

6

Um dos sedãs estacionados no asfalto tem um logo de diamante triplo na grade que é igual ao da chave de Reggie. Quando ele entra, percebe que o carro ainda está com aquele cheiro de novo, embora seja uma batalha perdida com o cheiro dos cigarros do falecido dono. Há uma embalagem de torta no console cheia de guimbas. Billy abre a janela e joga tudo fora. Mais uma coisa para Nick limpar.

Marge sai pela porta. Na luz intensa do sol, ela parece à beira da morte.

— *Se o meu filho morrer, eu vou atrás de você!* — berra ela. — *Se ele morrer, eu vou seguir você até os confins do mundo!*

E provavelmente faria isso mesmo, Billy pensa, mas Frank teve o que mereceu, e você também, dona.

Ele não chegou a ter a oportunidade de mostrar a Nick o slogan na camiseta, mas agora ele grita para ela.

Billy passa pelo corpo de Sal e segue pelo portão aberto. Quando está na Rota 45, liga para Alice e diz que está bem. Contra todas as probabilidades, é verdade. Seu único ferimento é um arranhão da pá de Marge.

— Graças a Deus — diz Alice. — Você está… você…

— Estarei aí em duas horas, talvez antes. Estou com um veículo melhor. Agora é um Mitsubishi Outlander verde. Quero que você arrume as coisas. Nós vamos embora. Conto tudo no caminho.

E não pretende omitir nada. Ela merece ouvir tudo, principalmente se ele for pedir a ajuda dela com o resto. Ainda não está completamente decidido quanto a isso, só tem um plano vagamente delineado, mas tende a essa direção. A decisão final será de Alice, mas ele tem muitos motivos para querer que ela aceite. E acha que ela saberá disso.

— Nós vamos voltar pra… você sabe, a casa do seu amigo?

— Vamos, pra começar. Você pode ficar lá ou pode ir para o leste comigo terminar esse serviço. A escolha é sua.

A resposta dela é imediata.

— Eu vou.

— Não decide agora. Espera até ouvir aonde eu vou. E por quê.

Ele encerra a ligação. Diante de seus olhos está a poluição de Las Vegas, que ele vai deixar para trás com alegria. O slogan de sua camiseta, o slogan que é a cara de Vegas e que ele não chegou a mostrar para Frank, mas gritou para a mãe dele, é: SE QUISER BRINCAR, VAI TER QUE PAGAR. Tem outra pessoa que precisa pagar: Roger Klerke.

Ele é um homem muito ruim.

XXI

1

Quando ele encosta o carro, Alice está esperando na vaga onde a velha picape esteve estacionada. Ela o abraça assim que ele sai do carro, joga-se em cima dele, na verdade. Sem hesitar. Ele retribui da mesma forma. Depois, Alice faz sua primeira pergunta, que Billy acha meio engraçada e meio triste, porque vem de uma mulher jovem que agora pensa como uma fora da lei.

— Esse carro é seguro de dirigir? Não vamos ser parados pela polícia?

— É seguro. O rastreador já foi desabilitado. E isso não me surpreendeu.

Além do mais, o dono está morto e Nick não vai chamar a polícia. Ele teria coisa demais para explicar. E Billy agora tem informações que poderiam fazer tanto ele quanto toda a operação dele explodirem.

— Eu já arrumei as malas. Não era muita coisa.

— Tudo bem. Vamos. No caminho você pode fazer uma reserva pra nós em algum motel em Wendover. Fica depois da fronteira com Utah.

Alice olha para o hotel atual.

— Não sei se esse tipo de lugar tem site. Talvez, mas… — Ela dá de ombros.

— Pode reservar um motel de rede. O nome de Dalton Smith ainda está limpo e a pressão passou. Ninguém vai procurar a gente.

— Tem certeza?

Billy pensa e conclui que tem. A última coisa que ele disse para Nick foi *Pela primeira vez na vida, tenha honra*, e ele acha que Nick, que tinha certeza de que

ia morrer naquele porão, vai fazer isso. Ao menos por um tempo. E tem outra coisa. Se Billy conseguir chegar a Klerke, Nick Majarian ficará com a barra limpa e possivelmente com os seis milhões da recompensa em uma de suas contas numeradas.

Alice continua olhando para ele, esperando uma resposta.

— Tenho certeza. Vamos.

2

É uma longa história, mas o trajeto até Wendover é de cinco horas, e esse tempo vai ser suficiente para Billy contar a ela o que sabe e o que deduziu. Mas, antes de eles saírem, ele liga o celular e pesquisa sobre Roger Klerke no Google. A biografia diz que ele nasceu em 1954, ou seja, tem sessenta e cinco anos, mas na foto que acompanha a descrição ele parece pelo menos dez anos mais velho. Um homem pálido, calvo, enrugado, com papada. Os olhos parecem animaizinhos brilhantes que moram em bolsões moles de pele. É o rosto da vida dura e da indulgência.

— Esse é o cara por trás desse festival de merda — diz Billy, e entrega o celular para ela.

Alice digita e rola a tela com o dedo enquanto Billy segue para a estrada. Ela se inclina sobre o telefone e tira o cabelo do rosto com impaciência.

— Puta merda. De acordo com a Wikipédia, ele é praticamente o dono do mundo, ao menos no setor da imprensa.

Billy pensa de novo no primeiro encontro com Ken Hoff, os dois sentados a uma mesa protegida por um guarda-sol no Sunspot Café, bem em frente ao prédio de onde Billy acabaria dando o tiro. Hoff com uma taça de vinho, Billy com um refrigerante diet, Hoff transmitindo uma energia meio desesperada já naquela época. Se bem que, junto com essa energia, como se fosse uma gêmea siamesa, havia também a mentalidade que o tinha metido em tantos problemas e estava prestes a metê-lo em mais um. Era a crença essencial, talvez incutida na infância, de que ele era o astro de um filme chamado *A fabulosa vida de Ken Hoff*, e, por piores que as coisas ficassem, no fim ele ficaria com a garota, com o relógio de ouro e com tudo que tem direito.

— Jornais, sites, um estúdio de cinema, *dois* serviços de streaming…

— E televisão — diz Billy. — Não esqueça isso. Inclusive o Canal 6 de Red Bluff, a única estação que conseguiu imagens do assassinato no tribunal.

— Você está pensando…

— Estou.

— Porra — diz Alice baixinho.

Eu estou meio apertado este ano, não foi isso que Hoff falou? *Ando com problemas de fluxo de caixa desde que comprei uma parte da WWE, mas, com três afiliadas, como eu ia dizer não?*

— Ele é dono da World Wide Entertainment — diz Alice. — É uma rede e tem mais uns doze canais a cabo. Um deles é aquele canal de jornalismo que ama o Trump. Tem um grupo de comentaristas raivosos…

— Sei qual é.

Ele já assistiu ao WWE News 24; todo mundo já assistiu. Está sempre passando em saguões de hotel e terminais de aeroporto. Billy às vezes para por alguns minutos para absorver alguma asneira de um especialista da direita, mas logo sai do local ou muda para um dos canais de filmes se tiver acesso ao controle. No entanto, não tinha ideia de que eles franqueavam estações locais. Não tinha ideia (ao menos no começo) do que Hoff estava falando e não deu muita atenção. Não achou que fosse importante. Mas era. Muito. Foi o que meteu Hoff naquilo. Foi por isso que a equipe de jornalismo do Canal 6 não foi correndo para o incêndio em Cody. Foi como Ken Hoff acabou morto na própria garagem.

— Esse cara queria que você matasse Joel Allen? *Esse cara*? Ele é *velho*. E *rico*.

Sim, Billy pensa. Velho e rico e acostumado a ser imperador. Ken Hoff só achava que era o astro de um filme. Roger Klerke de fato é. Ele é o homem que acha que merece tudo e que esse tudo não devia só ser levado até ele, mas servido com perfeição. E isso incluiu as imagens da morte de Joel Allen.

E eu fui o garçom, Billy pensa.

— Me conta o que aconteceu no Ponto Promontório.

Billy faz o que ela pede, pulando só o que Nick contou antes de Billy mandá-lo entrar no quarto do pânico como um garotão de castigo no quarto. Quando ele

termina, ela diz:

— Você fez o que tinha que fazer.

Isso é verdade, mas é o veredito de uma jovem que mal tem idade para comprar uma bebida alcoólica. Ele tem certeza de que Ken Hoff pensou a mesma coisa.

— É, mas foram minhas escolhas erradas que me levaram ao *ponto* em que eu tive que fazer isso.

— Aquela velha — diz Alice e balança a cabeça. — Impressionante. Você acha que ela vai ficar bem?

— Não se o filho dela morrer.

Ela olha para Billy com uma expressão que ele fica feliz de ver. Se ela se sente confortável para ficar com raiva dele, ainda deve estar no caminho que vai permitir que ela fique bem.

— Você não acha que ela é um pouco responsável pelo trabalho que ele estava fazendo? De trabalhar pra um gângster?

Billy não sabe como responder a isso.

— Agora me diz o que você está deixando de fora. O que o gângster te falou. Me conta o *motivo.*

Eles estão na interestadual agora. As sombras estão começando a se alongar. O jogo entre os Giants e os Cardinals já deve ter acabado. Um time ganhou e o outro não. Uma equipe de limpeza deve estar a caminho do Ponto Promontório. Billy está com o *cruise control* programado para abaixo de cento e dez quilômetros por hora.

— Nick contratou Joel Allen pra cometer um assassinato, mas Nick foi só o intermediário. Ele até me disse isso, embora se referisse a si mesmo como agente. Era Roger Klerke que queria o serviço feito e pagou milhões por isso. Eles se encontraram em uma ilha em Puget Sound e firmaram o acordo lá.

— Quem ele queria ver morto?

— O próprio filho.

3

Alice pula, como se levasse um susto com uma porta batendo.

— O Peter, Paul, alguma coisa assim! Ele ia tomar o lugar do pai!

— Era Patrick — diz Billy. — Você sabe quem é?

— Mais ou menos. Porque minha mãe deixa o News 24 ligado o tempo todo.

Ela e uns setenta por cento dos viciados em notícias de TV a cabo nos Estados Unidos, Billy pensa.

— Eu saía da sala quase sempre. Odeio aquela baboseira, mas não adianta discutir com ela. É que essa foi a notícia principal por quase uma semana, ganhou até mais destaque do que o Trump. — Ela olha para ele. — Agora eu sei por quê. Klerke é *dono* do News 24.

— Exato.

— Disseram que foi disputa de gangue e que Patrick Klerke foi confundido com outra pessoa.

— Não foi disputa de gangue e nem engano. Klerke morava em um apartamento dentro de um prédio cheio de segurança. Um membro de gangue nunca teria passado pelo guarda do portão e nem entrado no prédio. Além do mais, ninguém ouviu o tiro. Allen deve ter usado um batatão pra abafar.

— Um o quê?

— Um silenciador.

— O News 24 ficou em cima da polícia pra pegarem o cara, mas não pegaram. Porque Allen já deveria estar fora da cidade.

— Claro, fugiu para as colinas — concorda Billy. — E, se ele não tivesse atirado naqueles dois homens por ter perdido muito dinheiro no pôquer, é provável que ainda estivesse escondido. Talvez até depois disso, se não tivesse voltado pra Los Angeles e confundido uma escritora com uma prostituta.

— Por que Klerke… o próprio filho? *Por quê?*

— Eu só posso contar o que Nick me contou. Deve ter mais nessa história, mas eu não tinha muito tempo.

— Por causa da mãe daquele cara. Da Marge.

— Isso mesmo. Eu sabia que ela ia pro portão, só podia supor que ela sabia o código para abri-lo, e eu tinha deixado o guarda do portão…

— Sal.

— Isso, ele. Tinha deixado a escopeta pendurada no ombro dele. Eu só tinha tempo pra versão resumida.

— Então me conta essa.

— Klerke era velho. Não *velho* velho, mas acabado pra idade dele e com uma série de problemas de saúde. Ele precisava escolher um sucessor, provavelmente pra agradar o conselho da diretoria, e a maioria das pessoas esperava que fosse Patrick, o filho mais velho. Mas Patrick era viciado em drogas, baladeiro, gastava a mesada anual antes do fim de abril, e aí procurava o papai no primeiro dia de maio pra pedir mais.

Alice sorriu.

— Ele devia ter procurado a mãe. Elas costumam ser mais tranquilas.

— A mãe do Patrick morreu de overdose. De comprimidos. Ou talvez tenha sido suicídio. Pode até ter sido assassinato. Klerke é divorciado da mãe do filho mais novo. O Devin.

— Acho que ele também apareceu na televisão. Deu uma declaração, sei lá.

Billy assente.

— O que Nick contou me lembrou da história da cigarra e da formiga, só que com um pai inteligente que percebeu a diferença. Patrick era a cigarra. Devin, o irmão quatro anos mais novo, era a formiga. Trabalhador e inteligente. Vestia a camisa. Mão na massa. Pode escolher o clichê que quiser. Klerke reuniu os filhos e comunicou a eles sua decisão. Patrick ficou furioso. Achava que era *ele* quem tinha as ideias brilhantes que levariam a WWE adiante, e o irmão não passava de um drone de escritório.

Billy pensa nos olhinhos astutos na fotografia e imagina Klerke dizendo algo gentil tipo *As suas ideias mais brilhantes vêm dos seus amigos esquerdopatas aspirantes a cantores de hip-hop enquanto vocês cheiram pó.* Como quer que tenha dito, ele levou o filho mais velho a um estado de fúria. Na maioria dos casos, teria sido uma fúria impotente, mas Roger Klerke tinha um calcanhar de aquiles, e Patrick sabia ou veio a saber disso pouco depois.

— Eu não sei *como* ele soube, Nick não me contou. Talvez o próprio Nick não soubesse. Patrick podia ter recebido uma dica de alguém do círculo de amigos ricos e tolos. Talvez tenha ouvido alguma coisa por aí. Mas ele não era completamente burro, porque conseguiu seguir as pistas até uma certa casinha perto de Tijuana.

— Um prostíbulo.

— Não exatamente. Era bancado pelo próprio Klerke, segundo Nick, pra uso exclusivo. Ele pagava um tributo alto todos os anos para os irmãos Felix, que basicamente comandam o cartel de Tijuana. Talvez houvesse outros incentivos. Eu chutaria lavagem de dinheiro. Não importa. Nick disse que Klerke nunca levou amigos lá porque as pessoas acabam falando.

— Patrick estava fazendo negócio com os cartéis? — pergunta Alice. — Traficando drogas? Tem uma palavra pra isso.

— Mula — diz Billy. — Talvez.

— Ele pode ter ouvido de algum deles. Essa pode ter sido a ponta solta.

Billy bate no ombro dela.

— Bom palpite. Nós nunca vamos ter certeza, mas faz mais sentido do que ouvir de um amigo.

Alice sorri por causa do elogio, mas só um pouco. Ela sabe onde essa história vai dar, Billy pensa. Uma garota menos inteligente talvez não soubesse, ou uma garota que não tivesse sido estuprada recentemente, mas essa garota preenche os dois requisitos.

— Klerke tem preferência por garotas novas.

— Novas quanto?

— Nick diz que catorze ou quinze anos.

— Meu Deus.

— Fica pior. Você quer ouvir?

— Não, mas conta mesmo assim.

— Houve pelo menos uma situação, ou pelo menos ele disse para o Nick que foi só uma, com uma garota que era bem mais nova.

— Quantos anos? Doze? — O rosto diz que, por mais merda que aquele lagarto velho e babão possa ser, ela quer acreditar que esse seja o limite para a depravação dele.

— Klerke disse que ela não tinha mais do que dez anos, e Patrick tinha fotos pra provar. No encontro com o Nick na ilha, Roger disse que "estava muito bêbado e queria ver como era".

— Meu Deus. — Alice parece enjoada.

— O resto da história é tão simples quanto um efeito dominó. Patrick tinha as fotos num pen-drive. Jurou que não havia cópias, que o fotógrafo estava morto e enterrado no deserto. Disse para o pai que queria ser CEO. Ele também queria transferência da maior parte do capital votante do pai, o que tornaria inútil qualquer objeção que o conselho pudesse ter sobre a nova direção para a qual ele queria levar a WWE. Ele queria que o irmão, "o merdinha do meu irmão", como ele o chamava, fosse transferido para o escritório de Chicago, que eu acho que, no ramo da imprensa, deve ser tipo a Sibéria. Ele queria todas essas mudanças efetivas em 1º de janeiro de 2019 e queria tudo por escrito. Só então entregaria o pen-drive com as fotos.

— Como Klerke podia ter certeza de que não havia mais fotos?

Billy deu de ombros.

— Talvez houvesse mais fotos. De qualquer modo, que opção ele tinha? E Patrick devia ser inteligente o suficiente pra saber que, se a fotos fossem divulgadas, as ações da empresa despencariam, fosse quem fosse o CEO.

Alice pensa e diz:

— Tipo uma destruição mútua assegurada. De certa forma.

— Acho que sim. O que sei pelo Nick é que Klerke concordou. Quando o advogado tinha em mãos uma carta anunciando a intenção dele de basicamente se aposentar e entregar a empresa para o filho mais velho, e quando isso foi publicado nas minutas do conselho, Patrick entregou o pen-drive para o pai. Que o destruiu. Patrick não previu que o pai procuraria Nick Majarian e contrataria um homem para matá-lo. A imaginação dele não iria tão longe.

— Não é a fábula da cigarra e da formiga. Está mais pra uma peça de Shakespeare. Uma daquelas bem sangrentas.

Billy assente.

— Com Patrick morto, quando Klerke se aposentar, o que não deve demorar muito se considerar a saúde dele, Devin vai assumir.

Ele para numa área de descanso porque o Mitsubishi precisa de gasolina e porque sua garganta está seca e ele quer uma bebida gelada. Alice olha a lojinha Quik-Pik e vai ao banheiro enquanto ele paga. Quando ela volta para o carro, está chorando.

— Desculpa. — A compra dela está em uma sacolinha branca. Ela pega uma caixa de lenços de papel, seca o nariz e tenta sorrir. — Mas enquanto eu estava no banheiro, fiz uma reserva no Ramada Inn de Wendover. Parece bom.

— Que bom. E não precisa pedir desculpas.

— Eu fico pensando naquele homem horrível com a criança. Ele merece morrer.

Billy pensa: o plano é esse.

4

Quando Billy termina a história, novamente misturando o que ouviu de Nick com o que deduziu na viagem depois de sair do Ponto Promontório, alguns dos carros da rodovia já estão acendendo os faróis.

— Klerke disse para Nick que queria o melhor cara para o serviço, um cara eficiente que escapasse sem ser pego e não fosse falar sobre o assunto depois. Nick disse que conhecia alguém…

— Você?

— Ele disse que pensou em mim primeiro, mas nem chegou a falar com Bucky. Disse que tinha certeza de que eu não ia aceitar porque Patrick Klerke talvez não fosse ruim o suficiente para os meus escrúpulos. Ele falou para Allen que era um serviço de limpeza comum.

— Foi assim que ele chamou? *Limpeza?*

— Foi. O valor que eles combinaram foi de oitenta mil dólares, vinte antes e o resto depois. Basicamente, o mesmo método de pagamento que me prometeram, mas em escala menor.

Alice assente.

— Ele não queria que Allen soubesse que era uma coisa grande. O quanto estava em jogo.

— Claro. Nick não achou que haveria problema porque Allen era o que eu sempre fingi ser, só um mecânico comum que consertava problemas usando uma arma em vez de usar chaves soquete e um computador. Ele deu a Allen fotos do prédio de Patrick, fotos do apartamento em si, o código da entrada de serviço, a troca de carros para o final, qualquer coisa de que ele pudesse precisar para fazer o serviço de forma limpa e rápida. — Billy faz uma pausa. — Nick não me contou isso tudo, mas eu já trabalhei pra ele. Conheço o método. O que ele não contou a Allen foi o porquê, e Allen não perguntou.

— Mas ele perguntou ao Patrick, não foi? Antes de matá-lo.

Billy pensa nisso.

— É possível, mas parece improvável pra um cara como Joel Allen. Ele devia ser mais do tipo que só faz o serviço. Sem conversa, só apontar e atirar.

— Pode ser que Patrick tenha oferecido o pen-drive em troca de… — Alice para. — Mas não tinha como, né? Ele não estava com o pen-drive. Achou que estava tudo resolvido depois do comunicado ao conselho.

— Nick não sabe o que aconteceu, e Allen não pode nos contar como descobriu sobre Roger Klerke e a garota de Tijuana, mas eu tenho uma ideia. Allen foi instruído a fazer parecer roubo, talvez cometido por outro viciado que conheceu Patrick na rota de drogas de Los Angeles. Mandaram ele levar qualquer dinheiro e joias que encontrasse. Teria que jogar fora as joias, os relógios e correntes de ouro e outras coisas assim, mas podia ficar com o dinheiro como bônus. Então, depois que matou Patrick, ele revirou a casa, e talvez tenha encontrado uma foto, ou mais de uma, que Patrick guardava de reserva. Pelo menos uma que mostrasse bem o rosto do pai dele enquanto estava… no ato. Faz sentido?

Alice assente com tanta intensidade que o cabelo dela balança.

— Deve ter acontecido bem assim. Mesmo se as fotos estivessem em um cofre, Allen pode ter recebido a combinação com o resto das informações. Ele teria mesmo reconhecido o homem na foto?

Com base no que sabe sobre Joel Allen, Billy não o vê como o tipo de cara que assistia ao canal de negócios da WWE e nem lia o *Bloomberg Report*.

— Provavelmente não no começo, mas não deve ter demorado para descobrir. Algumas pesquisas no Google acabariam mostrando que ele matou o filho de um bilionário que por acaso também era pedófilo.

Alice está com olhos atentos. Totalmente mergulhada na história. Billy pensa de novo que o curso técnico de administração teria sido um desperdício de muito potencial. E a escola de cabeleireiros? Nem pensar.

— Então esse assassino de aluguel, esse mecânico, esse *faxineiro*, tinha duas coisas que valiam dinheiro: o fato de que o pai tinha encomendado a morte do filho, quase com certeza, e o fato de que o pai também tinha estuprado uma criança. Porque ele "só queria ver como era". — Um pouco da luz dos olhos de Alice se apaga quando ela repete isso.

— Duvido que ele tenha tentado transformar o que sabia em dinheiro, embora possa ter tentado em algum momento. Ele devia saber que chantagear um cara rico e poderoso como Roger Klerke seria um risco tremendo. Acho que ele guardou como uma carta na manga. Que acabou tendo que jogar, não por dinheiro, mas por causa da própria burrice.

Burrice dupla, Billy pensa, se levarmos em conta a escritora.

— Quase como se ele quisesse ser pego — diz Alice. — Alguns assassinos em série querem. — Ela percebe o que disse e coloca a mão no pulso dele. — Os que não têm código moral, quero dizer.

É assim que você chama?, Billy se pergunta.

— Duvido que Allen quisesse ser pego. E, se ele conseguiu descobrir o que tornava aquela foto um bem tão valioso, acho que também não era totalmente burro.

— Se ele não era totalmente burro, por que matar aquele homem por causa de um jogo de pôquer? E por que atacar aquela mulher em Los Angeles?

Bom, Billy pensa, Allen achou que o cara do jogo de pôquer estava trapaceando. E a escritora jogou spray de pimenta nele. Mas nenhum desses fatos responde a essência da pergunta de Alice.

— Meu palpite? Mera arrogância. Quer parar em algum lugar pra jantar?

Ela balança a cabeça.

— Vamos dirigir direto e comer quando a gente chegar lá. Eu quero ouvir o resto.

5

Billy sente mais segurança em relação a essa parte da história, mesmo que essa também tenha sido bastante baseada em suposições. Quando Allen foi preso por agressão e tentativa de estupro em Los Angeles, ele devia saber que seria conectado quase imediatamente ao assassinato e à tentativa de assassinato no leste, em Red Bluff. Havia um comércio intenso de celulares na cadeia do condado, a maioria pré-pago. Allen conseguiu um e ligou para Nick. Disse que, se tivesse que voltar para Red Bluff e ser julgado por assassinato em um estado com pena de morte, um homem muito rico com as iniciais RK provavelmente acabaria passando o resto da vida na prisão, possivelmente sendo currado por Harvey Weinstein. E, se alguma coisa acontecesse a Allen na prisão de Los Angeles, RK se arrependeria bastante.

— Nick entrou em contato com Roger Klerke. Klerke, quase certamente por um intermediário, contratou um advogado caro pra lutar contra a extradição. Nick e Klerke tiveram outra reunião naquela ilha e esboçaram vários cenários possíveis. Imagino que eles estavam com o advogado caro ao telefone. Se for o caso, ele deve ter dito o que Nick provavelmente já sabia, que ele poderia prolongar a tentativa de extradição por um bom tempo, mas que, no final, Allen seria colocado num avião e enviado a julgamento. Porque homicídio qualificado supera agressão.

— Foi quando Majarian contratou você.

— Mais ou menos nessa época, sim. Pra me instalar no local de onde eu poderia eventualmente dar o tiro. Àquela altura, Allen estava separado da população carcerária porque tinha sido atacado. Acho que foi um ataque premeditado. Talvez ideia dele, provavelmente do advogado. De qualquer modo, ele acabou tendo acomodações particulares enquanto a briga pela extradição se desenrolava. Ele se encontrava regularmente com o advogado caro, que dizia

que estava tudo sob controle. Ou que ficaria quando ele fosse para o leste. Ou uma fuga seria arranjada, junto com uma identidade nova, ou então certas engrenagens seriam lubrificadas, certas testemunhas seriam subornadas, certas provas desapareceriam e Allen sairia livre.

— E ele não tinha motivo pra duvidar.

Billy balança a cabeça.

— Caras como Allen duvidam de tudo. Mas ele não tinha escolha.

— E a foto? Ou fotos? A carta na manga?

— Acho que Nick e Klerke enviaram gente pra procurar isso durante todo o tempo em que o pedido de extradição ficou em andamento. Esse foi um dos *motivos* para a disputa da extradição estar acontecendo. E acho que acabaram encontrando. Só sei que nenhum policial federal apareceu pra prender Roger Klerke.

— De repente nós vamos aparecer primeiro — diz Alice.

Billy odeia o "nós", mas não o corrige. Ele só tem um contorno do plano, e, quando estiver mais elaborado, pode ser que ele consiga deixar Alice de fora. Ele se lembra do que Bucky falou: *Ela está apaixonada por você e vai te seguir enquanto você deixar, e, se você deixar, vai acabar com a vida dela.*

6

— Aaah, olha! É um palácio! — É o que Alice diz quando eles chegam ao Ramada Inn de Wendover às 21h15 daquela noite de domingo. — Quer dizer, em comparação aos últimos três motéis.

Os quartos adjacentes estão longe de ser palacianos, mas são bons, e o tapete do corredor parece até ter sido aspirado recentemente.

— Você vai conseguir dormir? — pergunta ela.

— Vou. — Ele não sabe se vai, na verdade.

Os olhos dela estão fixos nos dele.

— Posso dormir com você se você quiser.

Billy pensa no gosto de Roger Klerke pelas novinhas — e, em pelo menos uma ocasião asquerosa, por uma *muito* novinha — e balança a cabeça.

— É uma oferta gentil e eu agradeço, mas melhor não.

— Tem certeza?

Ainda olhando diretamente para ele. E ele fica tentado? Claro que fica.

— Obrigado, Alice, mas não. *Você* vai conseguir dormir?

— A gente vai voltar pro Bucky amanhã?

— Devemos voltar.

— Então eu vou conseguir dormir. Eu gosto dele. Ele é seguro, sabe.

Billy não sabe se ela sentiria isso se soubesse metade dos negócios em que Andrew “Bucky” Hanson já se envolveu ao longo dos anos, mas entende o que ela quer dizer e acha que ela está certa. Ela e Bucky criaram um laço.

— Boa noite. — Ele a beija pela primeira vez, no canto da boca.

— Boa noite. Ah, aqui. — Ela entrega a sacola branca do Quik-Pik para ele. — Óleo de bebê e lenço umedecido. Limpa o máximo dessa gosma que você puder e depois toma um banho. Você não vai conseguir tirar tudo, mas vai tirar a maior parte. — Ela vai até a porta, usa o cartão magnético e se vira. — E deixa uma boa gorjeta, porque vai sair mais no lençol.

— Está bem. — Ele não teria pensado nisso, ou talvez pensasse só na manhã seguinte, quando visse a cama.

Alice começa a entrar no quarto, mas olha para ele por cima do ombro. O rosto dela está solene e calmo.

— Eu te amo.

Billy nem cogita mentir. Ele diz que a ama também e entra no quarto.

7

Ele liga para Nick. Não tem certeza se Nick vai atender, mas ele atende.

— Quem é? — E, sem esperar resposta: — É você?

— Sou eu. Está ajeitando as coisas aí?

— Vai estar tudo ajeitado até amanhã.

— Eu não apaguei ninguém que não precisasse.

Uma longa pausa só com o som de respiração. E então Nick diz:

— Eu sei.

— Como está o Frank?

— Está no hospital. A mãe dele ligou pro meu médico pessoal. Doc Rivers mandou uma ambulância particular. Ela foi com ele.

— Ela é uma mulher durona.

— Marge? — Nick solta uma gargalhada curta. — Você não sabe da missa a metade.

Acho que sei sim, Billy pensa. Se a porrada com a Glock fosse na cabeça dela e não na de Frank, a arma provavelmente teria quicado sem fazer nenhum estrago.

— Seu amigo gordo ainda está no mundo dos vivos?

— Estava uma hora atrás, quando liguei pra contar o que tinha acontecido. Ele disse que eu devia ter levado você mais a sério. Eu falei que achava que quatro capangas, mais a Marge, era levar a sério o suficiente. Por que a pergunta?

— Ele intermediou com o sr. K quando veio pra Vegas? Parece o tipo de serviço que você delegaria pra ele.

— Você é *bem* mais inteligente do que eu pensei — diz Nick, como se falando sozinho. — Mais inteligente do que *todo mundo* achou. Exceto o Pig, talvez.

— Ele intermediou ou não?

— Bom, sim. Mais ou menos. Ele se reunia com Judy Blatner sempre que sabia que K estava vindo. Eles olhavam os álbuns de fotos dela pra tentar

encontrar uma de quem ele gostasse. Uns dez, doze anos atrás ele ia querer duas, mas a energia dele diminuiu. Ele não é o que se chama de cavalheiro, mas prefere as louras.

— E elas têm que ser novas.

— Bom, dã — diz Nick. — Mas as garotas com quem ele saía em Vegas nunca tinham menos de dezoito. Judy está na ativa há muito tempo e tem um serviço de acompanhantes dentro da legalidade. Isso quer dizer que ela não pode dizer que as garotas são para sexo, mas também nem precisa. Todo mundo sabe. Mas ela foge de chave de cadeia. Como se fosse veneno. E é mesmo.

A ideia daquele sapo papudo com uma garotinha, ou mesmo uma garota da idade de Alice, embrulha o estômago de Billy.

— Quando queria chave de cadeia, ele atravessava a fronteira.

— Isso.

— Eu quero o número do gordo. Você vai me dar?

— Você vai atrás do sr. K?

Ele vai, mas não diria isso nem se estivesse usando um celular pré-pago, mesmo sabendo que Nick cuida para que seu número pessoal não seja grampeado. Ele só reitera o pedido do número de Giorgio. Nick lhe dá o número.

— Ele vai falar comigo?

— Se eu mandar, vai. Se eu disser que você vai ser profissional. Ele nunca teria aceitado isso se não precisasse de alguma coisa para obrigá-lo a mudar a forma como ele vive. Se você quiser culpar alguém, me culpe. Eu não precisava perder cem quilos para os médicos me darem um fígado novo. Como eu falei, o dinheiro me cegou.

Billy acha que aquela é a confissão mais honesta que Nick é capaz de fazer para alguém.

— Diz pra ele que eu vou ser profissional. Joel Allen é passado.

— Quando devo dizer que você vai ligar?

— Não hoje, talvez só em alguns dias. Pra quando está marcado o transplante?

— Não está marcado e não vai acontecer antes de dezembro, no mínimo. Pig

ainda tem que tomar muito shake de proteína e comer muita couve antes.

— Certo. — Billy enfia o papel com o número do celular na carteira de Dalton Smith, atrás dos cartões de crédito de Dalton Smith. — Se cuida, Nick.

— Espera.

Billy espera, curioso para saber o que mais Nick teria a dizer.

— O motivo não foi que K não queria pagar o seu milhão e meio. Isso é trocado pra ele. O motivo foi que ele insistiu pra que você fosse apagado depois que o serviço fosse feito. Disse que não ia cometer o mesmo erro que cometeu com Allen. Você entende isso, né?

— Entendo. — E Nick embarcou nessa. Ele também entende isso.

— Seu nome Edward Woodley ainda está ativo? Da conta de Barbados?

— Está. — Só que está parado, exceto para depósitos e retiradas menores, desde 2014 ou 2015.

— Verifica amanhã. Graças a Deus você não matou Mark Abromowitz. Ele não é lá grandes coisas e não é forte, mas é o que me restou desde que Pig foi pra América do Sul. Agora, só posso transferir com segurança trezentos mil, mas vou mandar mais quando puder. Você vai acabar recebendo seu milhão e meio.

Pela primeira vez na vida, tenha honra, foi o que Billy disse quando devolveu a vida a Nick, e até que o cara está tentando, ainda que da única forma que conhece. Com dinheiro.

— Você não vai dizer obrigado e nem preciso que você diga — diz Nick. — Você é um bom trabalhador, Billy. Você fez o serviço.

Billy encerra a ligação sem se despedir.

8

Ele se limpa com os lenços e o óleo da melhor forma que pode, depois fica no banho até que a água marrom descendo pelo ralo fique transparente. Mas as duas toalhas que ele usa para se secar ficam sujas.

Alice perguntou se ele conseguiria dormir e ele disse que sim, mas, por muito tempo, não consegue. O tempo que ele passou no Ponto Promontório (deve ter sido uma hora, talvez até menos, embora parecessem cinco) fica se repetindo na cabeça dele. Principalmente a parte de Edison. As lascas voando. A descarga acionada.

Eu achava que quatro capangas, mais a Marge, era levar a sério o suficiente, dissera Nick. Só que Sal, o guarda do portão, nem chegou a tirar a Mossie do ombro, Frank nem se virou e Reggie não estava armado, teve que pegar a arma escondida do chefe. Só Dana Edison levou a sério: carregou a arma até quando foi ao banheiro. E Marge, claro. Ela levou *muito* a sério e viu por trás do disfarce dele imediatamente.

Melhor deixar uma gorjeta boa pra camareira, ele pensa. Melhor deixar uma nota de vinte.

Ele rola para o lado e está quase adormecendo quando uma lembrança desagradável surge em sua cabeça e o faz se deitar de costas olhando para a escuridão. Não, não é nem um pouco agradável. Deixou o desenho de Shan com o Freddy Flamingo, ou Dave Flamingo, grudado no painel daquela picape velha. Até teria tempo de pegar, mas isso nem passou pela cabeça dele. Só queria sumir de lá.

Esquece, ele diz para si mesmo. Não significa nada.

Isso talvez seja verdade, mas não ajuda. Porque é (*era*, ele acha que esse é o tempo verbal correto agora) rosa como o sapatinho de bebê em Faluja. O que não estava mais com ele quando eles foram emboscados na Casa de Diversão. Ele perdeu outro amuleto da sorte. Pode dizer a si mesmo que isso é pura

superstição, que não é diferente das pessoas que acreditam que havia fantasmas naquele hotel velho que pegou fogo em Sidewinder, mas aquilo faz com que ele se sinta mal. Deixando todo o resto de lado, o desenho foi feito para ele com amor.

Dorme logo, seu escroto, Billy pensa.

Ele acaba dormindo, mas acorda de madrugada com a boca seca e as mãos apertadas. O sonho foi tão vívido que no começo ele não tem certeza se está no Ramada Inn ou no escritório da Torre Gerard. Ele estava trabalhando na história, e devia ser nos primeiros dias, porque ainda estava escrevendo como o *eu burro*. Houve uma batida na porta. Ele atendeu esperando que fosse Ken Hoff ou Phil Stanhope, mas mais provavelmente Hoff. Só que não era nenhum dos dois. Era Marge, usando o mesmo vestido azul largo que usava quando ele se aproximou da entrada de serviço do Ponto Promontório. Só que, em vez de um sombrero, ela estava usando um boné do Vegas Golden Knights enfiado na cabeça e, em vez de uma pá, ela estava com a Mossberg de Sal.

— Você esqueceu o flamingo, seu arrombado — disse ela e ergueu a escopeta. O cano era grande como a entrada do túnel Eisenhower.

Eu saí do sonho antes que ela pudesse atirar, Billy pensa ao andar para o banheiro. Enquanto urina, pensa em Rudy Bell, também conhecido como Taco Bell. Pesadelos eram comuns no Iraque, principalmente durante a batalha de Faluja, e Taco acreditava (ou dizia acreditar) que quem morria em pesadelo podia acabar morrendo dormindo.

— Morto de medo, amigo — dizia Taco. — Que forma de morrer, né?

Mas eu saí desse antes que ela pudesse puxar o gatilho, Billy pensa enquanto volta para a cama. De qualquer forma, Marge era uma figura. Fazia Dana Edison com o coquezinho samurai arrogante parecer um membro de gangue de rua.

O quarto está frio, mas ele não liga o aquecedor, porque é provável que faça um barulho tremendo. Os aquecedores de parede de motel *sempre* fazem barulho. Ele se aconchega embaixo do cobertor e adormece quase na mesma hora. Não sonha mais.

9

Alice prefere sanduíches de ovo frito de um drive-thru em vez de um café da manhã em restaurante porque quer pegar logo a estrada.

— Quero ver as montanhas de novo. Eu amei muito, apesar de ficar ofegante até me acostumar com a altitude.

Billy sorri.

— Tudo bem, vamos.

Pouco depois que eles atravessam a fronteira do Colorado, Billy ouve uma notificação no laptop pela primeira vez em… ele nem sabe quanto tempo. Talvez anos. Encosta na parada seguinte, pega o laptop no banco de trás e o abre. A notificação significa que ele recebeu um e-mail de uma das várias contas anônimas, essa sendo a woodyed667@gmail.com. A mensagem é da Travertine Enterprises. É um nome que ele nunca ouviu, mas não tem dúvida de quem está por trás dele. Clica no e-mail e o lê.

— O que é? — pergunta Alice.

Ele mostra para ela. A Travertine Enterprises depositou trezentos mil dólares na conta de Edward Woodley no Royal Bank of Barbados. A única observação é “Por serviços prestados”.

— Isso veio de quem eu acho que veio? — pergunta Alice.

— Sem dúvida — diz Billy. Eles voltam para a estrada. O dia está lindo.

10

Eles chegam à casa de Bucky por volta das cinco da tarde. Billy ligou antes de Rifle para dar o horário estimado de chegada e avisar sobre o carro novo, e Bucky está parado na porta esperando. Ele está de calça jeans e casaco de fleece, nem um pouco parecido com o cara que morava e trabalhava em Nova York. Talvez aqui ele seja sua melhor versão, Billy pensa. Sabe que Alice é.

Ela sai do carro quase antes de Billy parar. Bucky abre bem os braços e grita "Oi, docinho!". Ela corre para os braços dele e ri quando ele a envolve.

Olha pra isso, Billy pensa. Olha só pra isso.

XXII

1

Eles ficam com Bucky no retiro das montanhas até a primeira semana de novembro, tempo suficiente para ficarem presos pela neve (por um dia) devido a uma tempestade precoce. Alice fica ao mesmo tempo impressionada, maravilhada e assustada com a ferocidade da nevasca. Sim, ela diz, já viu neve em Rhode Island, muita, mas nunca assim, com pilhas mais altas do que ela. Quando para, ela e Bucky saem e fazem anjos na neve no quintal. Depois de muita súplica, o fuzileiro veterano e assassino de aluguel se junta a eles. Dois dias depois, a temperatura volta para mais de quinze graus e a neve começa a derreter. A floresta fica cheia do canto de pássaros e do som de água derretida.

Billy não pretendia ficar tanto tempo. É coisa de Alice. Ela diz que ele precisa terminar a história. Dizer é uma coisa. Dizer naquele tom baixo de convicção dela é outra, bem mais convincente. É tarde demais para voltar atrás agora, ela diz, e, depois de considerar um pouco, Billy decide que ela está certa.

Não há eletricidade na casinha de madeira onde ele escreveu sobre a Casa de Diversão e o que aconteceu lá, então ele leva um aquecedor movido a bateria que esquenta o cômodo o suficiente para que ele consiga escrever. Pelo menos se ele ficar de casaco. Alguém pendurou o quadro dos arbustos em formato de animais de novo, e Billy poderia jurar que os leões estão mais perto agora, os olhos mais vermelhos. O touro está entre eles e não atrás.

Estava assim antes, Billy insiste. Devia estar, porque quadros não mudam.

Isso é verdade, em um mundo racional *deve* ser verdade, mas ele continua não gostando do quadro. Tira-o da parede (de novo) e vira-o para a parede (de novo). Abre o documento com a história e desce até o ponto onde tinha parado. No começo, o trabalho é lento e ele fica olhando para o canto, como se esperasse que o quadro aparecesse magicamente na parede outra vez. Não aparece, e, depois de meia hora, ele passa a olhar só para as palavras na tela do computador. A porta da memória se abre e ele passa por ela. Durante a maior parte de outubro, ele passa os dias do outro lado daquela porta, e até mesmo no dia da grande nevasca ele segue para a cabana, usando um par de botas emprestadas de Bucky.

Escreve sobre o resto do período no deserto e sobre como decidiu (quase literalmente no último momento) não se realistar. Escreve sobre o choque cultural no retorno aos Estados Unidos, onde ninguém se preocupava com atiradores de elite e explosivos e ninguém pulava e colocava as mãos na cabeça se o escapamento de um carro estourasse. Parecia que a guerra no Iraque não existia e que as coisas pelas quais seus amigos tinham morrido não importavam. Escreve sobre o primeiro serviço, o de matar o cara de Jersey que gostava de espancar mulheres. Escreve sobre como conheceu Bucky e sobre os serviços que vieram depois. Ele não se faz parecer melhor do que era e escreve rápido demais para o texto sair limpo, mas sai quase todo assim de qualquer maneira. Como água descendo pela encosta da montanha no meio do bosque quando a neve derrete.

Ele está vagamente ciente de que Bucky e Alice criaram um laço forte. Pensa que, para Alice, é como encontrar um bom substituto para o pai que ela não teve desde os oito anos. Para Bucky, ela é como a filha que ele nunca teve. Billy não detecta a menor energia sexual entre eles e não fica surpreso. Nunca viu Bucky com uma mulher, e embora, claro, ele não visse Bucky pessoalmente com frequência, ele também raramente falava sobre mulheres quando eles estavam juntos. Billy acha que Bucky Hanson pode ser gay, mesmo com os dois

casamentos. Mas a única coisa que ele sabe com certeza e a única coisa que importa é que Alice está feliz.

Mas a felicidade de Alice não é sua prioridade naquele outubro. A história é, e a história agora virou um livro. Sem dúvida nenhuma. O fato de que ninguém vai ler (exceto talvez Alice Maxwell) não abala Billy nem um pouco. É o fazer que importa, ela estava certa sobre isso.

Uma semana antes do Halloween, em um dia de sol forte e vento intenso na direção do interior, Billy escreve contando como ele e Alice (ele mudou o nome dela para Katherine) chegaram à casa de Bucky (o nome mudado para Hal) e como Bucky abriu os braços (*Oi, docinho!*) e ela correu para eles. É um lugar tão bom para parar quanto qualquer outro, ele acha.

Salva uma cópia no pen-drive, fecha o laptop, vai desligar o aquecedor e para. O quadro dos arbustos está na parede no canto da casa de novo, e os leões estão mais próximos ainda. Ele poderia jurar. Naquela noite, durante o jantar, ele pergunta a Bucky se ele pendurou o quadro. Bucky diz que não.

Billy olha para Alice, que diz:

— Eu não sei nem do que você está falando.

Billy pergunta de onde veio o quadro. Bucky dá de ombros.

— Não faço ideia, mas acho que aqueles arbustos ficavam na frente do velho Overlook. O hotel que pegou fogo. Tenho quase certeza de que o quadro estava na casa quando eu comprei a propriedade. Não vou muito lá quando estou aqui. Eu chamo de casa de veraneio, mas parece estar sempre frio lá, mesmo no verão.

Billy reparou a mesma coisa, mas tinha atribuído isso à estação. Mesmo assim, e mesmo com o quadro sinistro, ele fez um trabalho incrível lá, quase cem páginas. Talvez uma história assustadora precise de uma sala assustadora para ser escrita, ele pensa. É uma explicação tão boa quanto qualquer outra, considerando que o processo é um mistério para ele.

Alice fez *cobbler* de pêssego para a sobremesa. Quando leva a travessa para a mesa, ela pergunta:

— Terminou, Billy?

Ele abre a boca para dizer que sim, mas muda de ideia.

— Quase. Tenho algumas pontas soltas pra amarrar.

2

O dia seguinte é frio, mas, quando Billy chega à cabana, não liga o aquecedor e também não tira o quadro da parede. Decidiu que a chamada casa de veraneio de Bucky é assombrada. Nunca tinha acreditado nesse tipo de coisa, mas agora acredita. Não é por causa do quadro, ou não só por causa do quadro. Foi um ano assombrado.

Ele se senta na única cadeira da sala e pensa. Não quer usar Alice no que está por vir — o fim do serviço —, mas, naquela sala fria com aquela atmosfera estranha, ele percebe que precisa. Também percebe outra coisa. Ela vai querer, porque Roger Klerke não é só um homem ruim, ele é quase certamente o pior que Billy já foi contratado para eliminar. O fato de que desta vez foi ele que contratou a si mesmo não importa.

Eu fico pensando naquele homem horrível com a criança, Alice disse. *Ele merece morrer.*

Ela não quis que Tripp Donovan morresse, e talvez não quisesse que Klerke morresse se ele tivesse ficado com garotas de dezessete ou dezesseis anos, talvez até quinze. Ela ia querer que ele pagasse um preço, sim, mas não o maior de todos. Só que Klerke não ficou só com essas. Klerke quis *ver como era*.

Billy se senta com as mãos nos joelhos, a ponta dos dedos ficando dormentes, a respiração soltando fumaça no ar cada vez que ele expira. Pensa em uma garota não muito mais velha do que Shanice Ackerman sendo levada para aquela casinha em Tijuana. Pensa nela segurando um bicho de pelúcia como conforto, provavelmente um urso em vez de um flamingo rosa. Pensa nela ouvindo passos pesados vindo pelo corredor. Ele não quer pensar nessas coisas, mas pensa. Talvez precise pensar. E talvez aquela sala assombrada com o quadro assombrado na parede o ajude a pensar.

Ele pega a carteira e encontra o pedaço de papel onde anotou o telefone de Giorgio. Faz a ligação sabendo que as chances de conseguir falar com o sujeito

são pequenas. Ele pode estar na academia do spa-prisão, pode estar na piscina, pode ter morrido de ataque cardíaco. Mas Giorgio atende no segundo toque.

— Alô?

— Alô, sr. Agente de Nova York. É Dave Lockridge aqui. Adivinha? Eu terminei meu livro.

— Billy, meu Jesus Cristo! Você pode não acreditar, mas estou feliz de você estar vivo.

Incrível como ele parece mais novo, Billy pensa. E mais forte.

— Eu também estou feliz de estar vivo — diz Billy.

— Eu não queria te ferrar daquele jeito. Você tem que acreditar. Mas eu…

— Você teve que fazer uma escolha e fez — interrompe Billy. — Se eu gostei de levar uma porra de uma rasteira de uma pessoa em quem eu confiava? Se eu gosto agora? Não. Mas eu falei pro Nick que eram águas passadas e falei sério. Só que você me deve uma coisa, e eu espero que você seja homem e pague. Eu preciso de informações.

Há uma pausa breve. E:

— Meu celular é seguro. E o seu?

— Também.

— Vou confiar em você quanto a isso. Estamos falando de Klerke, certo?

— Isso. Você sabe onde ele está?

— Ele não vai mais a Vegas, então deve estar em Los Angeles ou Nova York. Eu poderia descobrir. Não é difícil rastrear ele.

— Você sabe quem fornece as garotas para ele em LA e NY?

— Eu que cuidava disso com Judy antes de me aposentar. — Ele fala isso sem nenhum desconforto, ao menos não que Billy consiga perceber.

— Judy Blatner? Nick diz que ela não encosta em chave de cadeia.

— Não mesmo. Nada abaixo de dezoito. E isso costumava ser suficiente pro Klerke. Depois, ele começou a querer mais novas. Ele ligava. Dizia que queria bolinhos. Esse era o código.

Bolinhos, Billy pensa. Meu Deus.

— Judy conhece gente disposta a encontrar garotas assim. Às vezes, eu falava com Klerke. Às vezes, era ela.

— Judy também conhece gente em Tijuana?

Giorgio baixa a voz, apesar de estar falando num telefone seguro.

— Você está pensando na garotinha. Aquilo não teve nada a ver com a Judy, nem com o Nick e nem comigo. Foi uma coisa que o cartel arrumou. A pedido do Klerke.

— Vamos ver se entendi direito. Quando ele estava em LA e sentia vontade de bolinhos, ele ligava pra você ou pra Judy e um de vocês o colocava em contato com alguém de lá. Só que estamos falando de um cafetão aqui. — Billy procura a expressão que quer. — Um proxeneta.

— Certo. E quando ele estava na costa leste, na casa de Montauk Point, ele chamava o cara de Nova York. Eu nem tenho ideia de quantos encontros Klerke arrumou desde que eu fui embora.

Encontros, Billy pensa.

— Ele tem mesmo serviço de concierge?

— Podemos chamar assim. É para isso que ele paga. Muito dinheiro passando de uma mão para outra, Billy.

Agora vem a grande pergunta.

— A Judy por acaso *liga* pra ele? Tipo se souber de alguém que cairia no gosto dele?

— Acontece de tempos em tempos, claro. Ainda mais agora que ele chegou a uma idade em que é um pouco mais difícil botar aquele macarrão de pé.

— Se você ligasse pra Judy e dissesse que tem uma garota de quem ele ia gostar, uma *bem* especial, ela passaria a informação?

A linha fica em silêncio enquanto Giorgio pensa. Ele diz:

— Passaria. Ela sentiria o fedor, ela tem um faro que podemos chamar de refinado, mas passaria. Ela odeia aquele cara por causa do que ele fez em TJ e, se

achasse que alguém estava tentando meter no cu dele, talvez até tentando acabar com ele, ela comemoraria. Eu também.

Mas isso nunca te impediu de fazer negócios com ele, Billy pensa. Nem a ela.

— Tudo bem. Eu te ligo outra hora.

— Eu vou estar aqui. Não tenho pra onde ir e nem quero. Eu odiei no começo, mas agora eu adoro. Da mesma forma que os alcoólatras amam a sobriedade quando conseguem chegar nela, eu acho.

— Quanto você perdeu de peso?

— Cinquenta quilos — diz Giorgio com um orgulho que talvez seja justificável. — Ainda faltam quarenta.

— Você está falando bem. Menos ofegante. Se você perder o peso, talvez não precise da operação.

— Não. Meu fígado já era e não vai voltar. Marcaram a cirurgia pra dois dias depois do *feliz navidad*, então é melhor você resolver a parte pra qual precisa da minha ajuda antes disso. O médico daqui é tão honesto que chega a ser brutal. Ele diz que minha chance de sobrevivência é de quarenta por cento.

— Eu volto a falar com você. — Mas não vou me dar ao trabalho de rezar por você, Billy pensa.

— Espero que você pegue aquele pedófilo pervertido.

Para quem você trabalhava, Billy pensa de novo.

Ele não precisa dizer em voz alta porque Giorgio diz por ele.

— É verdade que eu fiz coisas pra ele. Era muito dinheiro, e eu queria viver.

— Entendido. — Billy pensa: Mas o inferno ainda vai estar te esperando, Georgie. E, se esse lugar existir mesmo, acho que vou te encontrar lá. Nós vamos tomar um drinque. Enxofre com gelo.

— Eu sempre achei que aquele seu jeito era fingimento, sabe.

— Foi o que o Nick disse — diz Billy. — Nos falamos em breve.

— Só não demora muito — diz Giorgio.

3

Está na hora de contar para Alice o que ele tem em mente, e Bucky merece fazer parte da conversa. Ele conta para os dois à mesa da cozinha, tomando café. Quando termina, ele pede para ela pensar no assunto. Ela diz que não precisa, que está dentro.

Bucky olha para Billy com uma expressão de reprovação que diz *você a levou para o lado sombrio, afinal*, mas não diz nada.

— Você disse que pedem sua identidade nos bares, não é? — pergunta Billy.

— É, mas eu só fui a uns dois. Eu fiz vinte e um anos um mês antes de você… você sabe, me conhecer.

— Nunca teve uma identidade falsa?

— Não teria dado certo — diz Bucky. — Olha só pra ela.

Os dois olham para ela. Alice fica vermelha e abaixa o olhar.

— Quantos anos você chutaria? — Billy pergunta a Bucky. — Quer dizer, se você não soubesse?

Bucky pensa.

— Dezoito. Dezenove no máximo. Provavelmente menos de vinte.

— O quanto você conseguiria se *fazer* parecer mais nova? Se tentasse de verdade? — pergunta Billy.

A pergunta a interessa a ponto de fazê-la esquecer que está sendo observada, tanto no rosto quanto no corpo, por dois homens. Claro que a pergunta a interessa. Aos vinte e um anos, ela sem dúvida considerou como poderia se fazer parecer mais velha e mais sofisticada, mas mais nova? Para quê?

— Eu poderia usar um binder elástico pra deixar meus peitos menores, eu acho. Do tipo que os homens trans usam. — O rubor volta. — Eu sei que não são tão grandes, mas um binder me deixaria quase reta. Não é disso que Klerke gosta? E meu cabelo… — Ela o segura em uma das mãos. — Eu posso cortar.

Não bem curtinho, mas o suficiente pra prender num rabo de cavalo pequeno. Tipo estudante de ensino médio.

— Roupas?

— Eu não sei. Teria que pensar. Nada de maquiagem, ou não muita. Talvez um batonzinho rosa-chiclete…

— Você acha que consegue se passar por quinze anos? — pergunta Billy.

— De jeito nenhum — diz Bucky. — Dezessete *talvez*.

— Acho que consigo fazer melhor do que dezessete — diz Alice, levantando-se. — Com licença, preciso de um espelho.

Quando ela sai, Bucky se inclina por cima da mesa e fala bem baixinho:

— Não vai arrastar a garota pra morte.

— Não é parte do plano.

— Planos dão errado.

4

No dia seguinte, Billy liga para Giorgio de novo da fria casa de veraneio. Passou pela cabeça dele que talvez não precise usar Alice. Ele é um atirador de elite, afinal, a entrega de longa distância é sua especialidade. Fica olhando o quadro enquanto eles conversam, meio que esperando que os animais dos arbustos se movam. Mas eles não se movem.

Ele começa perguntando a Giorgio se poderia usar sua habilidade de atirador de elite no caso de Roger Klerke.

— De jeito nenhum. A casa dele em Montauk Point é uma propriedade de dezesseis hectares. Faz a casa do Nick em Nevada parecer um cortiço.

Billy fica decepcionado, mas não surpreso.

— É lá que ele está agora?

— É lá que ele está. Chama o lugar de Eos em homenagem a alguma deusa grega. De acordo com a coluna social do *Post*, ele vai ficar lá até pouco antes do Dia de Ação de Graças, depois vai pegar o jatinho e voltar pra la-la land, pra poder passar as festas com o filho e herdeiro que sobrou.

Lalafaluja, Billy pensa.

— Ele tem uma equipe com ele?

Giorgio ri e a risada vira um chiado, então talvez ele não tenha se transformado *tanto assim* num novo homem, afinal.

— Você está falando tipo o Nick? Não mesmo. Klerke tem uma televisão em cada cômodo, pelo que eu sei, todas no mudo e cada uma sintonizada num canal. *Essa* é a equipe dele.

— Sem segurança? — Billy não consegue acreditar. Klerke é um dos homens mais ricos dos Estados Unidos.

— Gente na propriedade, você quer dizer? Não se ele acha que você está morto. E, até onde ele sabe, você não tinha ideia de quem pagou pelo seu serviço com o Allen.

— Ele ia achar que eu fui à casa do Nick só para buscar meu pagamento.

— Certo. Eu tenho certeza de que ele tem uma empresa de segurança a postos se precisar, e deve ter também um botão do pânico, mas o único cara que fica lá em tempo integral é o assistente dele. William Petersen. Tipo o cara do *CSI*, sabe?

Billy já ouviu falar da série, mas nunca assistiu.

— Petersen é guarda-costas também? Além de assistente?

— Não sei se ele luta judô e krav maga ou alguma outra coisa assim, mas ele é jovem e está em forma, e dá para supor que ele é bom com armas de fogo. Se bem que ele pode não ter uma no quadril ou num coldre de ombro dentro da propriedade.

Billy registra a informação.

— Eis o que preciso de você. Uma coisa que você vai ter que me enviar. Se fizer isso, estamos quites.

— Só um minuto… tá, pode falar — Todo profissional agora. — Eu vou fazer o que você quiser, se for possível. Se não for, vou te falar. Pode dizer.

Billy diz. Giorgio escuta e faz algumas perguntas, mas não levanta nenhum problema que Billy já não tenha previsto.

— Pode dar certo, supondo que você tenha uma garota que consiga passar por uma inspeção. Vou precisar que você me mande umas fotos por e-mail. Melhor mandar algumas dúzias, na verdade. Mais de rosto, algumas de corpo inteiro, mas com roupas modestas. Vou escolher aquelas em que ela parecer mais nova. — Ele faz uma pausa. — A gente não está falando de uma adolescente de verdade, né?

— Não — diz Billy. Só *quase* adolescente, uma cuja única experiência sexual foi um pesadelo abafado (misericordiosamente) por Rohypnol ou alguma droga similar.

— Que bom. O homem de Judy em Nova York é Darren Byrne. Klerke já fez negócio com ele antes, então, obviamente, você não pode se passar por ele, mas poderia se passar pelo irmão dele. Ou primo.

— Sim. Poderia. — Ele está pensando que vai precisar de algum acessório com cara de cafetão. — Klerke vai esperar que ela passe a noite com ele?

— Meu Deus, não. Você estaciona e espera. Ele faz o que tiver que fazer, isso se o Viagra funcionar, depois ela volta pro carro. Uma hora, duas no máximo.

Não vai levar tanto tempo, Billy pensa. Nem perto, e qualquer Viagra que ele tome vai ser desperdiçado.

— Certo. De onde estamos agora, nós vamos pro leste…

— Você e o Bucky?

— Eu e a garota. Quando a gente chegar em algum lugar perto de Montauk…

— Tenta Riverhead. O Hyatt ou o Hilton Garden Inn.

Você não perdeu o jeito, Billy pensa. Ele quase espera que Giorgio diga que vai fazer a reserva.

— Quando a gente estiver em posição, eu te ligo.

— Tudo bem, mas começa me mandando umas fotos da cocota.

— Cocota?

— Da *garota*, Billy. E ela tem que ser o tipo certo de garota. Jovem, sim, mas também sadia. Se ela tiver aparência de vagabunda, esquece.

— Entendido. — Outra coisa passa pela cabeça dele. — Você tem notícias do Frank Macintosh? Ele ainda estava vivo quando eu fui embora, mas eu bati nele com bastante força.

— Doc Rivers conseguiu estabilizar o quadro dele, mas, depois disso, não tinha nada que ele pudesse fazer. Ele teve hemorragia cerebral, e o Nick disse que ele pode ter tido um ataque cardíaco junto. A mãe o levou pra Reno. Ele está internado numa clínica. Chamam de cuidado paliativo.

— Sinto muito — diz Billy, e sente mesmo.

— Margie pegou um apartamento lá perto. Nick está pagando tudo.

— Ele está em coma?

— Seria melhor se estivesse. Nick diz que ele dorme muito, mas, quando acorda, só consegue balbuciar. Ele tem convulsões e grita muito.

Billy não diz nada. Não consegue pensar em nada para dizer.

Giorgio diz, e com alguma admiração:

— Você deve ter batido com *muita* força mesmo. Elvis está fora do ar.

5

Billy, Bucky e Alice vão para Boulder, onde Alice visita três shoppings diferentes e faz compras em lojas com nomes como Deb, Forever 21 e Teen Beat. Ela discute cada escolha com Bucky, encarregado de tirar as fotos que Giorgio (ou Judy Blatner) vai enviar para Klerke. Billy só os segue, atraindo olhares desconfiados de alguns vendedores. Alice compra um casaco leve quadriculado, quatro saias, duas camisas, uma blusa e três vestidos. Um dos vestidos tem gola canoa, mas isso é o detalhe mais sexy em todas aquelas roupas. Bucky veta um par de sapatos de saltos baixos e prefere tênis.

Ele também veta a calça jeans de cintura baixa de que ela gosta, ao menos para as fotos.

— Compra a calça pra você se quiser, mas ele vai querer te ver de vestido.

Quando as compras acabam, totalizando quatrocentos dólares, ela corta o cabelo no Great Clips. Enquanto ela está ocupada com isso, Billy compra sapatos, uma calça e uma jaqueta de aviador com bolsos internos. Ele mostra para Bucky uma camisa de seda verde-limão e Bucky leva as mãos à cabeça.

— Você não quer o visual cafetão de esquina. Serviço de concierge, lembra?

Billy coloca a camisa verde no lugar e escolhe uma cinza. Bucky olha e assente.

— A gola é meio Rick James demais pro meu gosto, mas não importa.

— Rick quem?

— Deixa pra lá.

Quando eles estão indo na direção do Great Clips, os dois carregando sacolas, Alice sai, saltitante. O cabelo está mais curto e arrumado. Ela está usando um boné do Colorado Rockies com o rabo de cavalo saindo pela abertura atrás. Ela sai correndo, o rabo de cavalo balançando, e Billy pensa: Jesus amado, acho que isso pode dar certo.

— A cabeleireira tentou me convencer a não cortar. Ela me perguntou por que

eu ia querer perder um cabelo tão lindo que eu devia ter demorado meses pra deixar crescer. Sabe a melhor parte? Ela perguntou se eu gostei tanto assim do ensino médio que queria parecer que ainda estava nele!

Ela ri e levanta a mão com a palma virada para a frente. Bucky bate na mão dela, comemorando. Billy faz o mesmo, mas o entusiasmo dele é falso. Na empolgação da saída para as compras, Alice se esqueceu do *motivo* pelo qual estão fazendo compras. Ele acha que Bucky também esqueceu, porque está embarcando na felicidade dela. Mas Billy lembra. Ele está pensando na garotinha em TJ, segurando um brinquedo e ouvindo o som de passos se aproximando.

6

Alice quer tirar as fotos assim que eles voltam, mas Bucky diz para ela esperar até a manhã seguinte, quando ela estiver parecendo mais jovem e descansada. Ele chama de Visual Manhã de Setembro.

— Neil Diamond, né? — pergunta Alice. — Minha mãe é muito fã.

Pode ser que Bucky esteja pensando em Neil Diamond, mas Billy está pensando em Paul Chabas, na menina da casa nos arredores de TJ e em Shanice Ackerman. Na sua cabeça, as duas viraram um par.

7

Bucky monta a pequena sessão de fotos na manhã seguinte. Ele quer usar a janela virada para o leste para ter luz natural. O sofá ficava ali, mas ele diz que é melhor tirá-lo e colocar uma cadeira. Quando Billy pergunta o porquê, Bucky diz que é porque sofás remetem a sexo, e não é esse o visual que eles querem. Eles querem um visual de garota jovem e inocente. Que talvez esteja se vendendo só dessa vez para ajudar a pobre coitada da mãe falida.

Quando Alice aparece com uma saia e uma blusa nova, Bucky diz para ela ir ao banheiro tirar a maior parte da maquiagem.

— Melhor deixar só um pouco de blush nas bochechas e rímel suficiente só pra deixar os cílios definidos. Um toquezinho de batom. Entendeu?

— Entendi. — Alice está animada, uma criança brincando de se fantasiar.

Quando ela sai, Billy pergunta a Bucky como ele sabe sobre aquelas coisas.

— Não me entenda mal, eu estou feliz, porque eu não conseguiria fazer um trabalho que chegasse nem perto disso, só as roupas já são uma parte importante de vender a imagem…

— Não — diz Bucky. — As roupas são boas, mas é mais o cabelo. O rabo de cavalo.

— Como você aprendeu essas coisas? Você nunca… — Billy para de falar. O que ele sabe de verdade sobre Bucky Hanson? Que ele agencia assassinos, que é bom em tirar fugitivos do país, que tem contatos com gente da lei e talvez até com gente do alto escalão do judiciário em Nova York. Se sim, Billy não sabe quem são esses caras. Bucky é discreto. Deve ser por isso que ele ainda está vivo.

— Se eu já tirei fotos de jovens vestidas pra parecerem chave de cadeia? Não, mas isso fez sucesso por um tempo nas revistas pornográficas tipo *Penthouse* e *Hustler*. Nos anos 1980, quando *existiam* revistas pornográficas. Quanto a saber fotografar, aprendi com o meu pai.

— Achei que você tivesse me dito que seu pai era agente funerário. Em algum lugar da Pensilvânia.

— Ele era, e eu também aprendi muito sobre maquiagem com ele. Fotografia era o negócio paralelo que ele fazia: anuários e casamentos na maior parte das vezes. De vez em quando, eu era assistente dele. Nos dois trabalhos.

— Eu vim pro lugar certo — diz Billy, sorrindo.

— Veio. — Mas Bucky não está sorrindo. — Não vá fazer essa jovem se machucar, Billy. E, se acontecer, não se dê ao trabalho de voltar aqui, porque a porta vai estar fechada pra você.

Antes que Billy consiga responder, Alice volta. De blusa branca, saia azul e meias até os joelhos, ela parece mesmo muito jovem. Bucky a faz sentar na cadeira e inclina a cabeça dela para lá e para cá até a luz da manhã incidir no rosto de um jeito que o agrada. Ele usa o celular de Billy para tirar as fotos. Diz que tem uma Leica e adoraria usá-la, mas ficaria profissional demais. Klerke talvez não preste atenção nisso a ponto de ficar desconfiado, mas, por outro lado, talvez preste. A televisão e o cinema são grande parte dos negócios dele, afinal.

— Tudo bem, vamos começar a festa. Nada de sorrisão, Alice, mas um sorrisinho pode. Lembra o que a gente quer. Doce e recatada.

Alice tenta uma expressão doce e recatada, mas cai na gargalhada.

— Tudo bem — diz Bucky —, não tem problema. Bota pra fora, mas depois lembra que o homem que vai olhar isso é um pedófilo do caralho.

Isso a deixa séria, e ele começa a trabalhar. Apesar de toda a agitação dos preparativos, as fotos em si não demoram. Ele tira umas dezoito de Alice de rabo de cavalo com várias roupas (mas sempre, mesmo com o vestido de gola canoa, de tênis de cano baixo). Depois, tira mais umas doze de Alice de presilhas e termina com mais umas doze de Alice com uma faixa de cabelo estilo Alice no País das Maravilhas. Faz três conjuntos de fotos vinte por vinte e cinco na impressora colorida, para cada um deles poder olhar. Bucky diz para Billy e Alice escolherem as seis que eles acharem melhores e diz que vai fazer o

mesmo. Em determinado momento, Alice exclama com uma mistura de alegria e consternação:

— Meu Deus, eu pareço ter uns catorze anos nesta aqui!

— Marca essa — diz Bucky.

Quando terminam, todos concordaram com três das fotos. Bucky acrescenta mais duas e diz para Billy enviar as cinco por e-mail para Giorgio.

— Ele já fez esse tipo de coisa pro lagarto velho e nojento, deve saber se ele vai morder a isca.

— Ainda não — diz Billy. — Vou fazer isso quando estivermos na estrada, a caminho de Nova York.

— E se o Klerke disser pro Giorgio que não está interessado?

— Seguimos mesmo assim, e eu vou dar um jeito de entrar.

— *Nós* vamos — diz Alice. — Você não vai me deixar pra trás num motel desta vez.

Billy não responde. Ele acha que é uma decisão a ser tomada se e quando a hora chegar. Mas então ele pensa no que Alice passou e no que Klerke fez com garotas mais novas do que ela, e percebe que a decisão talvez não venha a ser dele.

8

Naquela noite, ele liga para Nick pela última vez.

— Você ainda me deve um milhão e duzentos.

— Eu sei e você vai receber. Nosso amigo pagou. Pra ele, você está morto.

— Acrescenta mais duzentos mil. Podemos chamar de bônus pela merda que você me fez passar. E manda pra Marge.

— A mãe do Frank? Você está falando sério?

— Estou. Diz pra ela que eu mandei. Diz que é pra usar nos cuidados do Frank. Diz que eu fiz o que tinha que fazer, mas que eu sinto muito.

— Acho que o seu pedido de desculpas não vai adiantar de muita coisa. Marge é… — Ele suspira. — Marge é Marge.

— Você também pode dizer pra ela que o que aconteceu com ele é culpa sua, não minha, mas eu não espero que você faça isso.

O silêncio se prolonga por alguns segundos, e Nick pergunta sobre o resto do que deve a Billy. Billy diz exatamente como quer que seja feito. Depois de certa discussão, Nick concorda. Significa que ele vai fazer se Billy não estiver por perto para garantir? Billy tem suas dúvidas, porque não faz ideia de quanto tempo a gratidão de Nick por ter sido poupado vai durar. Mas ele pretende garantir que seus desejos sejam atendidos, porque não tem intenção de morrer em Nova York. Roger Klerke é que vai.

— Boa sorte — diz Nick. — Estou falando sério.

— Aham. Só garante que o Frank tenha os devidos cuidados. E a outra coisa.

— Billy, eu só queria te dizer…

Billy encerra a ligação. Ele não tem interesse no que Nick quer dizer. Eles estão quites. Não há mais nada entre os dois.

9

Billy está pronto para sair cedo na manhã seguinte, mas Bucky pede para ele esperar até as dez porque tem uma coisa para resolver. Enquanto ele faz isso, Billy visita a casa de veraneio uma última vez. Tira o quadro com os arbustos da parede e o leva até o fim do caminho. Olha para o desfiladeiro por um ou dois minutos, para o lugar onde o suposto hotel assombrado ficava. Alice achou que tinha visto o hotel, mas Billy só vê umas ruínas queimadas. Talvez, ele pensa, o local ainda seja assombrado. Talvez seja por isso que ninguém reconstruiu nada ali, embora a localização pareça excelente.

Ele joga o quadro lá embaixo. Olha pela beirada e o vê preso num pinheiro uns trinta metros abaixo. Que apodreça lá, ele pensa, e volta até a casa. Alice colocou a pouca bagagem deles no Mitsubishi. Não há motivo para não irem com ele para o leste. É um bom carro, não tem como ser rastreado, e Reggie não vai sentir falta dele.

— Aonde você foi? — pergunta Alice.

— Dar uma volta. Queria esticar as pernas.

Os dois estão sentados nas cadeiras de balanço na varanda quando Bucky volta.

— Fui visitar um amigo e trouxe um presentinho de despedida — diz ele, e entrega uma pistola para Alice. — Sig Sauer P320 Subcompacta. Dez balas no carregador e uma no cano. Pequena a ponto de você poder carregar na bolsa. Está carregada, então toma cuidado com o jeito de pegar se precisar tirá-la da bolsa.

Alice olha para a arma, fascinada.

— Eu nunca atirei na vida.

— É bem simples, só apontar e atirar. Se você não estiver perto, provavelmente vai errar o alvo, mas pode acabar assustando a pessoa. — Ele olha para Billy. — Se você tiver alguma objeção a ela ter uma arma, pode falar.

Billy faz que não.

— Uma coisa, Alice. Se você precisar usar, *usa*. Me promete.

Alice promete.

— Agora me dá um abraço.

Ela o abraça e começa a chorar. Billy acha isso até bom. Ela está em contato com os sentimentos, como dizem nos grupos de autoajuda.

É um abraço longo e apertado. Bucky a solta depois de trinta segundos e se vira para Billy.

— Agora, você.

Por menos que goste de abraçar homens, ele aceita. Bucky sempre foi só um parceiro de negócios, mas, naquele último mês, tornou-se um amigo. Ele lhes deu abrigo quando eles precisaram e está envolvido no que está por vir. E mais importante do que isso, ele tem sido bom com Alice.

Billy senta atrás do volante do Mitsubishi. Bucky vai para o lado do passageiro, a própria imagem do Colorado de calça jeans e camisa de flanela. Faz um gesto de girar e Alice abre a janela. Bucky se inclina e beija a têmpora dela.

— Eu quero te ver de novo. Cuida pra que isso aconteça.

— Pode deixar — diz Alice. Ela está chorando de novo. — Pode deixar mesmo.

— Tudo bem. — Bucky se empertiga e recua. — Agora, vai pegar aquele filho da puta.

10

Billy para no Walmart Supercenter em Longmont e chega o mais perto possível do prédio para ter uma conexão wi-fi melhor. Usando o laptop pessoal, que tem VPN, ele envia as fotos de Alice para Giorgio e pede que ele as envie para Klerke assim que puder.

Diz que o nome da garota é Rosalie. Ela tem uma janela. Abre em três dias e fecha quatro dias depois disso. O preço é negociável, mas o mínimo é 8 mil por uma hora. Pode dizer que Rosalie é "coisa de primeira", e que pode perguntar para Judy Blatner se estiver duvidando. Diz que você vai cuidar de tudo sem cobrar pra compensar as complicações inevitáveis do serviço com Allen. E que o intermediário vai ser Steven Byrne, o primo de Darren Byrne. Me avisa assim que tiver resposta.

Ele assina como B.

Eles passam aquela noite em um Holiday Inn Express em Lincoln, Nebraska. Billy está entrando com a bagagem no carrinho do hotel quando seu telefone faz um som de notificação. Ele observa sem nenhuma nostalgia que é do seu antigo agente literário.

— Giorgio? — pergunta Alice.

— Sim.

— O que diz?

Billy entrega o celular para ela.

GRusso: Ele quer. Dia 4 de novembro, 20h. Rua Montauk, 775. Me manda um joinha ou um sinal negativo.

— Tem certeza de que quer fazer isso? A decisão é sua, Alice.

Ela digita um 👍 e envia.

XXIII

Nós saímos de Lincoln cedo e dirigimos para o leste pela I-80. Na primeira hora de viagem, não conversamos muito. Alice estava com meu laptop aberto, lendo tudo que eu escrevi na casa de veraneio. Nos arredores de Council Bluffs, um carro passou por nós com um palhaço e uma bailarina nos olhando do banco de trás. O palhaço acenou. Eu acenei de volta.

“Alice!”, exclamei. “Sabe que dia é hoje?”

“Quinta?” Ela nem ergueu o olhar da tela. Isso me fez pensar em Derek Ackerman e no amigo dele, Danny Fazio, na rua Evergreen, hipnotizados pelo que estivessem vendo no celular.

“Não é qualquer quinta. É Halloween.”

“Ah.” Ainda sem olhar.

“Que fantasia você usava? Qual era sua favorita?”

“Hum… uma vez eu fui a princesa Leia.” Ainda sem tirar o olho da leitura. “Minha irmã me levou pelo bairro.”

“Em Kingston, né?”

“É.”

“Pegou muito doce?”

Ela levantou o rosto. “Me deixa ler, Billy. Estou quase acabando.”

Então eu a deixei ler e nós entramos em Iowa. Não houve nenhuma grande mudança lá, só quilômetros de planície. Ela finalmente fechou o laptop. Perguntei se ela tinha lido tudo.

“Até a parte onde eu entro. A parte em que eu vomitei e quase sufoquei. Foi difícil de ler, então eu parei. Aliás, você esqueceu de mudar meu nome.”

“Vou anotar isso.”

“O resto eu sabia.” Ela sorri. “Lembra de Lista Negra na Netflix? E de quando a gente molhou as plantas?”

“Daphne e Walter.”

“Será que sobreviveram?”

“Tenho certeza de que sim.”

“Mentira. Você não sabe se sobreviveram ou não.”

Admiti que era verdade.

“Eu também não. Mas a gente pode acreditar que elas sobreviveram se a gente quiser, né?”

“Pode”, eu falei. “Pode, sim.”

“Essa é a vantagem de não saber.” Alice estava olhando pela janela, observando quilômetros de milharais, todos marrons agora, esperando o inverno. “As pessoas podem escolher acreditar naquilo que quiserem. Eu escolho acreditar que nós vamos chegar a Montauk Point e que vamos fazer o que viemos fazer, e que vamos nos safar e viver felizes para sempre.”

“Tudo bem”, falei. “Eu também escolho acreditar nisso.”

“Afinal, você nunca foi pego. Tantas mortes e você se safou de todas.”

“Sinto muito por você ter tido que ler sobre isso. Mas você disse que eu devia escrever tudo.”

Ela deu de ombros. “Eram pessoas ruins. Todas tinham isso em comum. Você não atirou em padres, nem em médicos e nem em… sei lá, guardas de trânsito que ajudam as crianças a atravessar a rua.”

Isso me fez rir e Alice sorriu um pouco, mas deu para perceber que ela estava pensando. Eu a deixei pensar. Os quilômetros foram passando.

“Eu vou voltar pras montanhas”, disse ela. “Talvez até more com o Bucky por um tempo. O que você acha disso?”

“Acho que ele ia gostar.”

“Só pra começar. Até eu arrumar um trabalho e conseguir um lugar pra morar e começar a guardar dinheiro pra voltar a estudar. Porque dá pra começar a faculdade quando a gente quiser. Às vezes, as pessoas só vão pra faculdade com 40 ou 60 anos, né?”

“Eu vi uma reportagem na televisão sobre um homem que começou quando tinha 75 anos e tirou o diploma com 80. Meu instinto aranha me diz que não é no curso técnico de administração que você está pensando.”

“Não, estou pensando numa faculdade tradicional. Talvez até a Universidade do Colorado. Eu poderia morar em Boulder. Gostei daquela cidade.”

“Alguma ideia do que você vai querer estudar?”

Ela hesitou, como se alguma coisa tivesse lhe passado pela cabeça e ela tivesse mudado de ideia. “História, eu acho. Ou sociologia. Talvez até teatro.” E, como se eu tivesse contestado a ideia: “Não pra ser atriz, eu não ia querer isso, mas pra outras coisas: cenário, iluminação e tal. Tem tanta coisa que me desperta a curiosidade”.

Eu falei que isso era bom.

“E você, Billy? Qual é o seu felizes para sempre?”

Eu nem precisava pensar. “Como estamos sonhando, eu gostaria de escrever livros.” Bati no computador, que ela ainda estava segurando. “Até eu escrever isto, eu não sabia se conseguia. Agora, eu sei.”

“E essa história? Você poderia mudá-la, transformar em ficção…”

Eu fiz que não com a cabeça. “Ninguém além de você vai ler, e tudo bem. Ela teve seu propósito. Abriu a porta. E aí eu não precisarei te arranjar um nome falso.”

Alice ficou em silêncio por um tempo. E disse: “Aqui é Iowa, né?”

“É.”

“Chato.”

Eu ri. “Acho que o pessoal daqui não pensa assim.”

“Aposto que pensa. Principalmente os jovens.”

Eu não tinha como negar.

“Me explica uma coisa.”

“Explico, se puder.”

“Por que um homem de mais de 60 ia querer estar com uma garota nova como Rosalie? Eu não entendo. Me parece… sei lá… grotesco.”

“Insegurança? Ou talvez pra tentar recuperar a vitalidade que ele perdeu? Pra procurar a própria juventude e tentar se conectar com ela?”

Alice avalia essas ideias, mas só por um momento. “Me parece baboseira.”

Pra mim também parecia, na verdade.

“Quer dizer, pensa só. Sobre o que Klerke conversaria com uma garota de 16 anos? Política? Acontecimentos mundiais? Os canais de televisão dele? E ela? Falaria sobre ser líder de torcida e sobre os amigos do Facebook?”

“Acho que ele não está procurando um relacionamento sério. O acordo foi de 8 mil dólares por uma hora.”

“Então é trepar só por trepar. Pegar por pegar. Me parece tão vazio. Tão oco. E a garotinha no México…”

Ela ficou em silêncio, olhando Iowa passar. E disse alguma coisa, mas tão baixo que não consegui entender.

“O quê?”

“Monstro.” Ela ainda estava olhando para os quilômetros de milho morto. “Eu disse monstro.”

Passamos a noite de Halloween em South Bend, Indiana, e o 1º de novembro em Lock Haven, Pensilvânia. Quando fizemos o check-in, meu telefone recebeu uma notificação. Era uma mensagem de Giorgio.

GRusso: Petersen, o assistente do RK, quer uma foto do primo do Darren Byrne pra identificação. Envia pra judyb14455@aol.com. Judy vai passar adiante sem cobrar. Ela ficaria feliz se RK tivesse uma maré de azar.

Petersen querer uma foto é preocupante, mas não surpreendente. Afinal, ele era o segurança pessoal do Klerke, além de assistente.

Alice disse para eu não me preocupar. Disse que faria um corte e uma estilização na peruca preta que usei no Ponto Promontório.

“Às vezes é bom ter uma irmã cabeleireira”, disse ela.

Nós fomos ao Walmart. Alice encontrou um par de óculos estilo aviador e um creme corporal tipo *cold cream* que, segundo ela, me deixaria com uma palidez meio irlandesa. Também arranjou um brinco clipado de ouro, que não parecia ostentação demais, para minha orelha esquerda. De volta ao motel, ela penteou a peruca preta para trás e me pediu para colocar os óculos por cima.

“Como se você se achasse uma estrela de cinema”, disse ela. “Veste aquela blusa de gola alta. E põe na cabeça que, para Klerke e para esse tal de Peterson, Billy Summers está morto.”

Ela tirou a foto com um fundo neutro (o muro de tijolos do Best Western onde estávamos hospedados) e nós a examinamos juntos, cuidadosamente.

"Será que vai servir?" perguntou Alice. "Quer dizer, eu acho que não parece você, mas queria que o Bucky estivesse aqui pra ajudar."

"Acho que sim. Como você disse, eles acharem que estou morto e enterrado ajuda bastante."

"É uma conspiração danada que a gente tem aqui", disse Alice quando voltamos para dentro. "Primeiro Bucky, depois seu agente literário falso e agora uma madame importantona de Vegas."

"Não esquece do Nick", falei.

Ela parou na metade do corredor que levava aos nossos quartos e franziu a testa. "Se algum deles ligasse pro Klerke e contasse o que está acontecendo, eles provavelmente receberiam uma grana alta. Não Majarian e nem o sr. Piglielli, e Bucky *nunca* faria isso, mas e a tal da Blatner?"

"Ela também não vai", falei. "Basicamente, todo mundo está de saco cheio dele."

"É o que você espera."

"É o que eu sei", falei, e esperava que estivesse certo. De qualquer modo, eu ia, e parecia cada vez mais que Alice iria comigo.

Ficamos em Nova Jersey na noite de 2 de novembro. Na noite seguinte, fizemos check-in no Hyatt de Riverhead, a 80 quilômetros de Montauk Point. Giorgio tinha mesmo feito uma reserva direto da prisão de emagrecimento na América do Sul. Como ele sabia que eu não tinha identidade no nome de Steven Byrne, minha reserva foi feita no nome de Dalton Smith. E, como o lugar era mais bacana do que os motéis onde a gente tinha ficado antes, Alice teve que mostrar a identidade nova de Elizabeth Anderson. Giorgio, talvez mais magro, mas tão inteligente quanto sempre tinha sido, também reservou um quarto duplo, pré-pago, para Steven Byrne e Rosalie Forester. Klerke não verificaria, esse tipo de tarefa não cabia a ele, mas Petersen talvez verificasse. Se o recepcionista dissesse que Byrne e Forester ainda não tinham feito check-in, Petersen não ficaria muito preocupado. Cafetões não costumavam ser muito pontuais.

Antes de me afastar da recepção, perguntei se havia algum pacote para mim. Acontece que havia, um da Fun & Games Novelties em Las Vegas. Uma empresa fantasma, sem dúvida. Giorgio tinha encomendado a pedido meu. Eu a abri no quarto, com Alice olhando. Dentro havia uma latinha aerossol sem nada escrito, do tamanho de um desodorante roll-on.

"O que é?"

"Carfentanil. Em 2002, os russos bombearam uma versão disso em um teatro onde 40 ou 50 rebeldes chechenos tinham feito 700 reféns. A ideia era fazer todo mundo dormir e acabar com a ação. Deu certo, mas o gás era forte demais. Uns 100 reféns não só dormiram, mas morreram. Duvido que Putin tenha se importado. Essa coisa supostamente tem metade desse poder. É atrás de Klerke que nós estamos. Eu não quero matar Petersen se não precisar."

"E se não der certo?"

"Eu vou fazer o que precisar."

"*Nós* vamos", corrigiu Alice.

O dia 4 de novembro foi longo. Os dias de espera sempre são. Alice vestiu o maiô e nadou na piscina. Depois, fizemos uma caminhada e compramos almoço num carrinho de cachorro-quente. Alice disse que queria tirar um cochilo. Eu tentei também, mas não consegui. Mais tarde, quando ela estava estilizando a peruca novamente para combinar com a foto, admitiu que também não conseguiu.

"E eu não dormi muito ontem à noite. Vou dormir quando isso acabar. Aí, eu vou dormir *muito*."

"Que se foda", falei. "Fica aqui. Deixa que eu faço isso."

Alice abriu um sorrisinho. "E o que você vai falar pro Petersen quando aparecer sem a garota de 8 mil dólares?"

"Vou pensar em alguma coisa."

"Pode ser que você nem consiga entrar. Se entrasse, teria que matá-lo. Você não quer isso, e eu não quero que você faça isso. Eu vou."

E ficou por isso mesmo.

Saímos às seis. Alice tinha uma foto da propriedade tirada do Google Earth e instruções sobre como chegar lá no GPS. Tão perto do fim do ano, o trânsito estava tranquilo. Eu perguntei se ela queria parar em alguma lanchonete nos arredores de Riverhead e ela soltou uma gargalhada rouca.

"Se eu comesse alguma coisa, ia acabar vomitando no meu lindo vestido novo."

Era o de gola canoa, roxo com pequenas flores brancas. Ela estava com o casaco novo, mas aberto, de modo que o lugar onde começaria a curva dos seios aparecesse. Não havia muito na frente porque ela estava usando um binder em vez de sutiã. A bolsa estava no colo. A Sig estava dentro, dez balas no carregador e uma no cano. Eu estava com a minha jaqueta de aviador nova. A Glock em um dos bolsos internos. A lata de aerossol em outro.

"A rodovia Montauk faz uma volta", disse ela. Eu sabia disso, tinha estudado o trajeto no laptop naquela tarde, quando não consegui dormir, mas deixei que ela continuasse a falar. Ela estava tentando controlar os nervos. "Passa pelo Museu do Farol e entra na primeira à esquerda. Eos não é uma propriedade de frente pro mar, ele trocou isso pela vista, acho. Duvido que ele faça esqui aquático ou surfe na idade dele. Você está com medo?"

"Não." Não por mim, pelo menos.

"Então eu vou sentir medo por nós dois. Se você não se importar." Ela consultou o mapa no telefone de novo. "Parece que o número 775 fica cerca de um quilômetro e meio para dentro, logo depois da Loja da Fazenda Montauk. Deve ser bom ter isso perto. Pra comprar legumes e frutas frescas e tal. Você está ótimo, Billy. Parece um típico irlandês, e será que dá pra você parar em algum lugar? Preciso tanto fazer xixi."

Parei em um lugar chamado Lanchonete Caminho da Brisa, na metade do caminho entre Riverhead e Montauk. Alice correu para dentro e eu pensei em seguir caminho sem ela. Tudo que Bucky me disse para não fazer com ela (*a* ela), eu estava fazendo. Em pouco tempo, ela se tornaria uma cúmplice do assassinato de um homem rico e famoso, e isso só se as coisas dessem certo. Se não dessem, ela poderia acabar morta. Mas eu fiquei. Porque eu precisava dela para entrar, sim, mas também porque ela tinha o direito de decidir.

Ela saiu sorrindo. "Ufa, bem melhor." E, quando eu voltei para a estrada: "Eu achei que você fosse me deixar lá".

“Nem passou pela minha cabeça”, falei. Pelo olhar que ela me lançou, achei que ela sabia que eu estava mentindo.

Ela se empertigou no assento e puxou a barra do vestido até os joelhos. Parecia mesmo uma clássica estudante de ensino médio, do tipo que quase não existe mais. “Vamos nessa.”

Passamos pelo Museu do Farol, e a rua para entrar à esquerda apareceu menos de cem metros depois. Já estava escuro. De algum lugar à direita, vinha o som do mar. Uma lua crescente brilhava no meio das árvores. Alice se inclinou, ajeitou um pouco a minha peruca e voltou a se recostar. Não conversamos.

Os números na rua Montauk começavam no 600, por motivos que só os falecidos administradores da cidade poderiam saber. Fiquei surpreso porque as casas, embora bem-cuidadas, eram comuns. A maioria das construções em estilo rancho ou Cape Cod que não pareceriam deslocadas na rua Evergreen. Havia até um estacionamento de trailers. Bonito, com postes e vias de cascalho, claro, mas um estacionamento de trailers é um estacionamento de trailers.

A Loja da Fazenda Montauk, que era mais uma bancada de produtos frescos incrementada, estava escura e fechada. Havia algumas abóboras solitárias em uma pirâmide junto à porta e algumas outras na caçamba de um caminhãozinho velho com uma placa de VENDE-SE de um lado do para-brisa e FUNCIONANDO PERFEITAMENTE do outro.

Alice apontou para uma caixa de correio depois da loja. “É ali.”

Reduzi a velocidade. “Última chance. Tem certeza? Se não tiver, nós podemos voltar.”

“Tenho.” Ela estava sentada reta como uma vara, os joelhos unidos, as mãos apertando a alça da bolsa e os olhos fixos à frente.

Entrei na estrada de terra malcuidada com uma placa que dizia VIA PARTICULAR. Ficou claro quase imediatamente que a estrada de terra era uma camuflagem para espantar turistas curiosos. Na primeira colina, ela se alargou e virou uma estrada asfaltada de mão dupla, com largura confortável para dois carros. Segui com farol alto, pensando que era minha segunda ida à propriedade de um homem ruim. Eu esperava que aquela fosse mais rápida e mais eficiente.

Passamos por uma curva. À nossa frente, um portão ripado de madeira de uns 2 metros de altura bloqueava a estrada. Havia um interfone num pilar de concreto, iluminado por uma lâmpada com cobertura de metal. Parei ao lado dele, abri a janela e apertei o botão. “Alô?”

Eu pensei (Alice e Bucky concordaram) que tentar um sotaque irlandês poderia ser desastroso. E Byrne não precisava, necessariamente, ter sotaque, podia ter passado a vida toda em Nova York.

A caixinha no pilar não estava me respondendo.

“Alô? Aqui é Steven Byrne. O primo do Darren, *yo*? Eu trouxe uma coisa pro sr. K.”

Mais silêncio, o que me fez pensar (e Alice também, pela expressão dela) que alguma coisa tinha dado errado e que nós não entraríamos. Não assim, pelo menos.

Mas aí a caixa estalou e um homem disse: “Saiam do carro.” Sem inflexão nenhuma. Poderia ser a voz de um policial. “Você e a mocinha. Vocês vão ver um X na frente do portão, bem no meio. Parem lá e olhem para a esquerda. Fiquem perto um do outro.”

Olhei para Alice e ela se virou para mim com olhos arregalados. Dei de ombros e assenti. Saímos do carro e andamos até o portão. O X, talvez antes azul, mas agora desbotado e cinza, estava em um quadrado

de concreto. Nós nos juntamos em cima dele e olhamos para a esquerda.

“Para cima. Olhem para cima.”

Olhamos para cima. Era uma câmera, claro.

Ouvi uma voz baixa murmurar alguma coisa, e a pessoa que estava segurando o botão do interfone na casa (Petersen, provavelmente) o soltou, deixando só um completo silêncio. Não havia vento e estava perto demais do fim do ano para grilos.

“O que está acontecendo?”, perguntou Alice.

Eu não sabia, mas achei provável que eles estivessem ouvindo, então mandei que ela calasse a boca e esperasse. Ela arregalou os olhos, mas entendeu e falou: “Tá bem, senhor” com uma vozinha dócil.

O interfone soltou um clique e a voz disse: “Estou vendo um volume no lado esquerdo da sua jaqueta, sr. Byrne. Você está armado?”

Era uma câmera boa pra cacete, aquela. Eu poderia dizer não, mas a barreira sem dúvida permaneceria fechada, por mais que Klerke quisesse a garota. “Sim, eu estou portando”, falei. “Só por questão de proteção.”

“Tira do bolso e levanta a arma.”

Eu tirei a Glock do bolso e a ergui na direção da câmera.

“Deixa ela na base do pilar do interfone. Você não vai precisar de proteção aqui, e ninguém vai roubá-la. Você pega de volta na saída.”

Eu fiz o que ele mandou. A lata de aerossol era bem menor e não havia volume daquele lado da jaqueta, e, se eu pudesse imobilizar o homem que era dono da voz do interfone, Klerke não seria problema. Ou era o que eu esperava.

Comecei a andar de volta para o quadrado de concreto, mas a voz do interfone me fez parar. “Não, sr. Byrne. Fica onde está, por favor.” Houve uma pausa e a voz disse: “Na verdade, quero que você dê dois passos para trás. Por favor.”

Eu dei dois passos na direção do carro.

“Mais um agora”, disse a voz, e eu entendi. Eles queriam que eu saísse do campo de visão da câmera. Klerke queria avaliar a mercadoria e decidir se realmente a queria ou se nos mandaria embora. Houve um chiado leve na câmera. Vi que a lente estava se projetando. Dando zoom na imagem.

Achei que a voz pediria a Alice para mostrar para a câmera o que havia na bolsa e que a Sig acabaria na base do pilar do interfone junto com a Glock, mas não era isso.

“Levanta a saia, mocinha.”

Ainda era a voz de Petersen, mas quem estava olhando era Klerke. Olhos ávidos em cavidades enrugadas.

Olhando para o chão em vez de para as câmeras, Alice levantou a saia até as coxas. Os hematomas já tinham sumido. As pernas estavam lisas. Jovens. Eu odiei a voz. Odiei os dois.

“Mais alto, por favor.”

Por um momento, achei que ela não faria o que ele pediu. Mas ela ergueu a saia até a cintura, ainda sem olhar para cima. Não deixava dúvida da humilhação dela e eu não tinha dúvida de que Klerke estava adorando.

“Agora, olha pra câmera.”

Ela olhou.

“Continua segurando a saia. O sr. Klerke quer que você passe a língua pelos lábios.”

“Não”, falei. “Já chega.”

Alice soltou a saia e me olhou de um jeito que parecia perguntar o que caralhos eu estava fazendo.

Voltei para a área da câmera e olhei para cima. “Você já viu o suficiente, tá? O resto vai ter que ser aí dentro. Está frio pra caralho aqui.” Pensei em incluir um outro *yo*, mas decidi que não. “E quero o dinheiro na minha mão antes de ela passar pela porta. Assim que ela passar, a contagem regressiva começa. Entendeu?”

Houve silêncio por uns trinta segundos. Eu estava ficando com aquela sensação de que havia algo suspeito outra vez. “Vem”, falei, segurando o braço dela. “Que se foda essa merda, vamos pular fora.”

Mas o portão começou a se abrir sobre rodinhas de borracha. A voz no interfone disse: “É um quilômetro e duzentos, sr. Byrne. Eu estarei com seu dinheiro.”

Alice entrou do lado dela do carro e eu entrei do meu. Ela estava tremendo.

Fechei a janela e disse para ela, quase em um sussurro, que sentia muito por aquilo.

“Eu não ligo de terem visto a minha calcinha, só achei que eles iam me fazer abrir a bolsa e que ele ia ver a arma naquela câmera maldita.”

“Você é uma adolescente”, falei. Olhei pelo retrovisor e vi o portão se fechar atrás de nós. “Acho que a ideia de você estar armada nem passou pela cabeça dele.”

“Depois, eu achei que ele não fosse deixar a gente entrar. Achei que o homem fosse dizer ‘Você não tem 16 anos coisa nenhuma, vai embora e para de desperdiçar o meu tempo.’”

Agora, havia postes de luz em estilo antigo ladeando a estrada. À frente, dava para ver as luzes da casa que o velho batizou de Eos, em homenagem à deusa da aurora de dedos rosados.

“É melhor você me dar a arma”, falei.

Ela balançou a cabeça negativamente. “Eu quero ficar com ela. Você ainda tem o spray.”

Não tínhamos tempo para discutir. Já dava para ver a casa, ou melhor, a *mansão*. Era uma estrutura ampla de pedra em pelo menos 8 mil metros quadrados de gramado. Um cercadinho de um homem rico, sim, mas com uma graça que nenhuma das casas de que Nick gostava tinha. Havia uma entrada de carros na frente. Parei diante da escada que levava à entrada circular. Alice estendeu a mão para a maçaneta.

“Não. Me deixa abrir pra você, como um cavalheiro.”

Passei na frente do Mitsubishi, abri a porta e segurei a mão dela. Estava muito frio. Ela estava com os olhos arregalados e os lábios apertados.

Murmurei no ouvido dela quando a ajudei a sair: “Anda atrás de mim e para no pé da escada. Isso vai acontecer rápido.”

“Estou tão assustada.”

“Não tenha medo de demonstrar. É provável que ele goste.”

Andamos até os degraus. Eram quatro. Ela parou antes do primeiro. A luz externa se acendeu e eu vi a sombra dela dar um pulo longo, as mãos ainda segurando a alça da bolsa. Ela a estava segurando na frente do corpo como se pudesse protegê-la do que aconteceria nos próximos trezentos segundos. A porta grande de entrada se abriu, projetando a luz interior ao meu redor. O homem parado ali era alto e forte. Com a luz

atrás, não consegui avaliar a idade e nem ver o rosto dele, mas vi o coldre no quadril. Um coldre pequeno de uma arma pequena.

"O que ela está fazendo ali embaixo?", perguntou Petersen. "Fala pra ela subir."

"O dinheiro primeiro", falei. E, por cima do ombro: "Fica aí, garota."

Petersen enfiou a mão no bolso da frente, o que ficava do outro lado do coldre, que sem dúvida era forrado de plástico para um saque rápido e suave caso necessário, e tirou um rolo de notas. Ele o entregou para mim e disse: "Você não tem sotaque irlandês".

Eu ri e comecei a contar as notas. Eram todas de cem. "Cara, depois de quarenta anos no Queens, eu espero mesmo que não. Cadê o homem?"

"Não é da sua conta. Manda a garota subir, estaciona ali perto da garagem e fica no carro."

"Tudo bem, claro, mas agora você me fez perder a conta."

Eu comecei a contar de novo. Atrás de mim, Alice disse: "Billy? Estou ficando com frio."

Petersen enrijeceu de leve. "Billy? Por que ela te chama de Billy?"

Eu ri. "Ah, cara, ela faz isso o tempo todo. É o nome do namorado dela." Eu abri um sorriso para ele. "Ele não sabe que ela está aqui, entendeu?"

Petersen não disse nada. Ele não pareceu convencido. Levou a mão na direção do coldre de saque rápido.

"Está tudo bem, cara, a grana está certinha", falei.

Enfiei o dinheiro no bolso da jaqueta de aviador e tirei o aerossol. Talvez ele tenha visto, talvez não, mas começou a sacar a arma mesmo assim. Fiz um punho com a mão livre e bati na dele, como um garoto brincando de pedra, papel e tesoura. Borrifei o spray na direção dele. Uma nuvem de gotículas o acertou no rosto. O resultado foi satisfatório. Ele se balançou para a frente e para trás duas vezes e caiu como uma pedra. A arma caiu no degrau e disparou com um ruído de bombinha de criança. Não era para uma arma fazer isso, ele a devia ter alterado de alguma forma. Senti a bala passar perto do meu tornozelo e me virei para ver se não tinha acertado Alice.

Ela subiu a escada correndo com expressão consternada. "Desculpa, desculpa, foi uma burrice, eu esqueci…"

De dentro de casa veio uma voz rouca de fumante, gritando: "Bill? *Bill!*"

Eu quase respondi, mas lembrei que o homem caído no saguão também tinha o apelido de Billy. William é um nome bem comum.

"O que foi isso?" Uma tosse solta e catarrenta, seguida do som de alguém limpando a garganta. "Cadê a garota?"

Uma porta se abriu na metade do corredor. Klerke saiu por ela. Estava usando um pijama de seda azul. O cabelo branco estava penteado para trás com um topete que me fez pensar em Frank. Ele estava com uma bengala na mão. "Bill, cadê a gar…"

Ele parou e apertou os olhos para nós. Olhou para baixo e viu o homem caído no chão. Em seguida, virou-se e mancou na direção da porta pela qual tinha saído, encolhido sobre a bengala, segurando-a com as duas mãos, quase usando-a para fazer um salto com vara. Ele era mais rápido do que eu esperava, considerando a idade e a condição. Corri atrás dele e o peguei tentando fechar a porta. Eu a empurrei na direção dele, e ele caiu. A bengala saiu voando.

Ele se sentou e me encarou. Estávamos em uma sala de estar. O tapete no qual ele caiu parecia caro. Talvez persa, talvez um Aubusson. Os quadros nas paredes pareciam igualmente caros. Os móveis eram pesados, com estofamento de veludo. Havia um suporte cromado com uma garrafa de champanhe, sem dúvida caríssima, numa cama de gelo.

Ele começou a se arrastar para trás sentado, tentando pegar a bengala. O penteado cuidadoso estava se desfazendo, o cabelo caindo sobre o rosto enrugado e flácido. O lábio inferior, brilhando de saliva, projetava-se numa espécie de beicinho. Dava para sentir o cheiro da colônia dele.

"O que você fez com o Bill? Atirou nele? Aquilo foi um tiro?"

Ele segurou a bengala e a apontou para mim enquanto continuava sentado com as pernas abertas. A calça do pijama estava descendo e expondo os quadris e os pelos pubianos grisalhos.

"Sai daqui, porra! Quem é você, afinal?"

"Eu sou o homem que matou o homem que matou o seu filho", falei.

Ele arregalou os olhos e brandiu a bengala na minha direção. Eu a segurei, arranquei da mão dele e joguei do outro lado da sala.

"Você mandou alguém armar o incêndio em Cody. Fez com que a sua equipe de filmagem fosse a única no tribunal quando o serviço aconteceu. Não foi?"

Ele me olhou, o lábio superior subindo e descendo. Isso o fez parecer um cachorro velho irritado. "Eu não sei de que você está falando."

"Acho que sabe. Aquela distração não foi pra mim, seria cedo demais. Então, por quê?"

Klerke ficou de joelhos e engatinhou até o sofá, me dando uma visão bem mais clara do que eu gostaria do cofrinho dele. Ele tentou puxar a calça, mas foi inútil. Quase senti pena dele. Só que não. *O sr. Klerke quer ver a sua calcinha. O sr. Klerke quer que você passe a língua em volta dos lábios.*

"Por quê?" Como se eu não soubesse. "Você tem que me responder."

Ele se apoiou no braço do sofá e se levantou. Estava ofegante. Vi um aparelho de surdez cor de pele num ouvido. Ele se sentou com um baque, a respiração entrecortada.

"Tudo bem. Allen tentou me chantagear, e eu queria vê-lo morrer."

Claro que queria, pensei. E aposto que você viu um monte de vezes, em velocidade normal e em câmera lenta.

"Você é o Summers. Majarian me falou que você estava morto." E então, com um ultraje absurdo e apavorante: "Eu paguei milhões de dólares praquele judeuzinho! Ele me roubou!".

"Você deveria ter pedido uma foto. Por que não pediu?"

Ele não respondeu e eu não precisava que respondesse. Ele era imperador havia tanto tempo que não conseguia conceber a ideia de não ser obedecido. *Filmem a execução. Matem o executor. Levante a saia e me mostre sua calcinha. Desta vez, quero uma* bem *nova*.

"Eu te devo dinheiro. Foi por isso que você veio?"

"Me conta outra coisa. Me conta como foi mandar matar o sangue do seu sangue."

O lábio se ergueu de novo e mostrou dentes perfeitos demais para aquele rosto. "Ele mereceu. Ele não *parava*. Ele era…" Klerke parou e apertou os olhos, mirando-os atrás de mim. "Quem é aquela? É a garota pela qual eu paguei?"

Alice entrou na sala e parou ao meu lado. Ela estava com a bolsa na mão esquerda. A Sig estava na direita. “Você queria saber como era, não é?”

“O quê? Eu não sei do que…”

“Estuprar uma criança. Você queria saber como era.”

“Você é maluca! Eu não faço ideia…”

“Deve ter doído. Assim.” Alice atirou nele. Acho que ela mirou nas bolas, mas acabou acertando na barriga.

Klerke gritou. Foi um grito muito alto. Expulsou a harpia que tinha tomado conta da cabeça de Alice e puxado o gatilho. Ela largou a bolsa e levou a mão à boca.

“*Eu estou ferido!*”, berrou Klerke. Ele estava com a mão na barriga. Havia sangue escorrendo entre os dedos dele, no colo do pijama de seda. “*Ah, meu Deus! Eu estou FERIIIDO!*”

Alice se virou para mim, os olhos arregalados e úmidos, a boca aberta. Sussurrou alguma coisa que não consegui ouvir porque o tiro da Sig Sauer foi bem mais alto que o da pistolinha de Petersen. Talvez fosse *Eu não sabia*.

“*Eu preciso de um médico, está DOEEEENDO!*”

O sangue agora jorrava da barriga dele. Com os gritos, ele acabava forçando o sangramento. Peguei a arma da mão inerte de Alice, encostei o cano na têmpora esquerda dele e puxei o gatilho. Ele caiu para trás no sofá, deu um chute e caiu no chão. Seus dias de estuprar crianças e matar filhos (e só Deus sabe o que mais) acabaram.

“Não fui eu”, disse Alice. “Billy, não fui eu que puxei o gatilho, eu juro que não fui.”

Só que foi. Alguma coisa dentro dela tinha se manifestado, uma estranha, e agora ela teria que viver com aquela presença porque era ela também. Ela a veria na próxima vez que se olhasse no espelho.

“Vem.” Enfiei a Sig no cinto e puxei a alça da bolsa para o ombro dela. “A gente tem que ir.”

“Eu só… parecia que eu estava fora do corpo e…”

“Eu sei. A gente tem que ir, Alice.”

“Foi tão *alto*. Não foi alto?”

“Foi, muito alto. Vem.”

Eu a levei pelo corredor e só então reparei que as paredes eram cobertas de tapeçarias de cavaleiros e belas damas e, por algum motivo surreal, moinhos.

“Ele está morto também?” Ela estava olhando para Petersen.

Eu me ajoelhei ao lado dele, mas não precisei sentir a pulsação. Dava para ouvir a respiração regular. “Ele está vivo.”

“Ele vai chamar a polícia?”

“Em algum momento, vai, mas a gente já vai estar longe quando ele voltar a si, e ele vai ficar ferrado um tempão depois de acordar.”

“Klerke mereceu”, disse ela quando descemos a escada. Ela vacilava nos degraus, talvez porque tenha inalado um pouco do gás, talvez porque estivesse em choque, talvez os dois. Eu passei um braço pela cintura dela. Ela olhou para mim. “Não mereceu?”

“Eu acho que sim, mas já não sei mais. O que sei é que homens como ele estão acima da justiça na maioria dos casos. Menos do tipo de justiça que demos a ele. Pela garota do México. E pelo assassinato do

próprio filho.”

“Mas ele era um homem ruim.”

“Era”, concordei. “Muito ruim.”

Nós entramos no carro e contornamos o resto do círculo na frente da casa. Eu me perguntei se o monitor que os dois homens usaram para nos olhar também teria nos gravado. Se tivesse, só mostraria um cara de cabelo preto e uma garota jovem que suspendeu a saia e levantou a cabeça apenas uma ou duas vezes, brevemente. Depois que ela se livrasse do cabelo louro, ficaria quase impossível de identificar. Eu estava mais preocupado com o portão. Se precisássemos de um código para abri-lo, estaríamos encrencados. Mas, quando chegamos perto, o carro cortou um raio invisível e o portão se abriu. Eu parei depois do portão e abri a porta.

“Por que você está parando?”

“Por causa da minha arma. Ele me fez deixar no pilar do interfone. Tem minhas digitais.”

“Ah, meu Deus, é verdade. Que burra, eu.”

“Burra, não. Você está em choque. Vai passar.”

Ela se virou para mim, agora parecendo mais velha em vez de mais nova. “Vai? Você promete?”

“Vai e eu prometo.”

Saí do carro e contornei o capô. Eu ainda estava no brilho dos faróis, como um ator num palco, quando a mulher saiu do meio das árvores a três metros do portão. Ela estava com uma calça e uma jaqueta camufladas em vez de um vestido azul, com uma pistola em vez de uma pá na mão, e não tinha nada que estar daquele lado dos Estados Unidos e nem em nenhum outro lugar que não fosse ao lado do leito do filho, mas eu sabia quem era. Não houve nem um segundo de dúvida. Levantei a Sig, mas ela foi mais rápida.

“Seu filho da puta”, disse Marge, e disparou. Eu disparei um segundo depois e a cabeça dela foi jogada para trás. Ela caiu com os tênis na estrada.

Alice estava gritando e correndo na minha direção. “Você está ferido? Billy, ela te acertou?”

“Não. Ela errou.” Mas senti uma dor surgindo na lateral do corpo. Ela não tinha errado totalmente.

“Quem era?”

“Uma mulher furiosa chamada Marge.”

Achei isso engraçado porque parecia um título de filme que gente inteligente vai ver nos cinemas de arte. Eu ri, e isso fez minha lateral doer ainda mais.

“Billy?”

“Ela deve ter adivinhado aonde eu ia. Ou pode ser que Nick tenha contado sobre o Klerke, mas eu acho que não. Acho que ela só era boa em ficar atenta enquanto servia o almoço e o jantar.”

“A mulher que estava cuidando do jardim quando você chegou ao portão de serviço?”

“Isso. Ela.”

“Ela está morta?” Alice levou as mãos à boca. “Se não estiver, não mata ela do jeito que você… do jeito…”

“Eu não vou matar se ela ainda estiver viva.”

Podia dizer isso porque sabia que ela não estava. Foi pelo jeito como a cabeça dela voou para trás. Eu me ajoelhei ao lado dela, mas brevemente.

"Ela se foi." Fiz uma careta quando me levantei. Não deu para evitar.

"Você disse que ela não te acertou!"

"No calor do momento, eu achei que não. Foi só de raspão."

"Deixa eu ver!"

Eu também queria ver, mas não naquele momento. "A gente tem que sair daqui antes de fazer qualquer outra coisa. Cinco tiros já são quatro a mais do que o necessário. Pega a minha Glock onde eu deixei."

Enquanto Alice fazia isso, peguei a arma que Marge tinha usado, uma Smith & Wesson ACP, e coloquei a Sig Sauer no lugar dela depois de limpá-la na minha camisa e fechar os dedos mortos em volta da arma. Limpei a lata de aerossol, inseri as digitais dela e enfiei em um dos bolsos da jaqueta. Quando me levantei da segunda vez, a dor na minha lateral estava um pouco pior. Não terrível, mas senti o sangue manchando minha camisa de cafetão de luxo. Usada uma vez e estragada, pensei. Que pena. Acho que eu deveria ter comprado a verde.

"Pronto. Vamos sair daqui", eu disse.

Voltamos para Riverhead e paramos no caminho para comprar band-aid, um rolo de gaze, esparadrapo, peróxido de hidrogênio e pomada Betadine. Alice entrou na Walgreens enquanto eu esperava no carro. Quando chegamos ao hotel, a lateral do meu corpo e meu braço esquerdo estavam bem rígidos. Alice usou a chave dela para entrarmos pela porta lateral. No meu quarto, ela precisou me ajudar a tirar a jaqueta. Ela olhou para o buraco nela e para a lateral da minha camisa. "Ah, meu Deus."

Eu falei que provavelmente parecia pior do que estava. A maior parte do sangue tinha secado.

Ela me ajudou com a camisa e invocou Deus de novo, mas, desta vez, foi um pouco abafado porque ela estava com a mão sobre a boca. "Não foi só *de raspão*."

Era verdade. A bala tinha me atravessado acima do quadril, rompendo pele e carne. O ferimento devia ter um centímetro de profundidade. Havia sangue fresco escorrendo.

"Pro banheiro", disse ela. "Se você não quiser deixar um monte de sangue por aí…"

"Já está quase parando."

"Parando é o cacete! Cada vez que você se mexe, começa de novo. Você precisa tirar a roupa e ficar de pé na banheira pra eu fazer o curativo. E eu nunca fiz um curativo antes, se quer saber. Se bem que a minha irmã fez em mim uma vez, quando eu bati de bicicleta na caixa de correio dos Simecki."

Nós entramos no banheiro e eu me sentei na tampa da privada enquanto ela tirava os meus sapatos e meias. Eu me levantei, provocando mais sangramento, e ela abriu minha calça. Tentei tirar a calça sozinho, mas ela não deixou. Ela me fez me sentar na privada de novo, ajoelhou-se e puxou-a pelas pernas.

"A cueca também. Está encharcada do lado esquerdo."

"Alice…"

"Não discute. Você me viu nua, né? Pensa nisso como um acerto de contas. Entra na banheira."

Eu me levantei, tirei a cueca e entrei na banheira. Ela manteve a mão no meu cotovelo para me firmar. Havia sangue na minha perna esquerda até o joelho. Estiquei a mão para abrir o chuveiro, mas ela afastou a minha mão. "Talvez amanhã. Ou depois. Hoje não."

Ela abriu a torneira da banheira, molhou um paninho e me limpou, evitando o ferimento. Sangue fresco e pequenos coágulos escorreram pelo ralo. “Meu Deus, ela te abriu. Como se tivesse usado uma faca.”

“Eu vi coisa pior no Iraque”, falei, “e o pessoal voltava pro serviço no dia seguinte.”

“É sério isso?”

“Bom… em dois dias. Talvez três.”

Ela torceu o paninho, jogou no cesto de lixo forrado por um saco plástico e me deu outro para limpar o suor do meu rosto. Depois o pegou e jogou fora junto com o outro. “Aquilo vai embora com a gente.” Ela me secou com uma toalha de mão, jogou no cesto de lixo e me ajudou a sair da banheira. Foi mais difícil sair do que entrar.

Alice me levou até a cama, onde eu me sentei… com cuidado, tentando ficar ereto da cintura para cima. Ela me ajudou a vestir minha última cueca limpa e desinfetou o ferimento, o que doeu mais do que quando a bala me acertou. Os band-aids foram inúteis. O ferimento era largo demais e as beiradas estavam abertas, criando um buraco em forma de cunha na minha lateral. Ela acabou usando a gaze e o esparadrapo. Quando acabou, ela se sentou sobre os calcanhares. Os dedos estavam manchados com o meu sangue.

“Tenta dormir parado hoje”, disse ela. “De costas. Não rola pro lado pra não abrir a ferida e sujar o lençol de sangue. Acho que você devia deitar numa toalha.”

“Acho que é uma boa ideia.”

Ela foi pegar uma, desta vez de banho. Ela também pegou o saco plástico com a toalha e os paninhos dentro. “Eu tenho Tylenol na bolsa. Vou te dar dois agora e deixar dois pra depois, tá?”

“Tá. Obrigado.”

Ela me olhou diretamente. “Não precisa agradecer. Eu faria qualquer coisa por você, Billy.”

Eu queria pedir para ela não dizer aquilo, mas não pedi. Só falei: “A gente tem que sair daqui de manhã. Cedo. O caminho até Sidewinder é longo e…”

“Um pouco mais de 3200 quilômetros. Eu olhei no Google.”

“… e eu não sei o quanto consigo dirigir.”

“Seria melhor não dirigir, ao menos no começo. A não ser que você queira abrir a ferida de novo. Você precisa de pontos, mas eu é que não vou tentar fazer *isso*.”

“Eu não espero que você faça. Posso viver com uma cicatriz. Mais cinco centímetros pra dentro e eu estaria encrencado. Marge. Meu Deus. A filha da puta da Marge. Não puxa a colcha, Alice, vou dormir em cima.” Se eu conseguisse dormir. A dor não estava terrivelmente intensa agora que o ardor do peróxido de hidrogênio tinha passado, mas estava constante. “Só estende a toalha.”

Ela fez isso e se sentou onde eu estava sentado antes. “Acho que eu devia ficar. Dormir do outro lado.”

Eu fiz que não. “Não. Traz o Tylenol e vai dormir no seu quarto. Você precisa dormir se vai dirigir.” Olhei para o relógio e vi que eram 23h15. “Eu quero estar fora daqui no máximo até as oito.”

Saímos às sete. Alice foi ao volante até a área metropolitana de Nova York e depois passou a direção para mim, claramente aliviada. Eu dirigi por Nova Jersey até a Pensilvânia. Na área de boas-vindas depois da fronteira estadual, trocamos de lugar outra vez. A ferida estava sangrando de novo, e antes de pararmos para dormir (em outro motel sem ser de rede), teríamos que comprar mais gaze. Eu ficaria bem, mas teria uma cicatriz enorme para fazer par com meu dedão do pé pela metade.

Naquela noite, ficamos nos Chalés de Estrada de Jim e Melissa, com 10% de desconto para pagamento em dinheiro. No dia seguinte, eu estava me sentindo melhor, com a lateral menos rígida e dolorida, e consegui dirigir um pouco. Paramos nos arredores de Davenport, em um motel decrépito chamado Bide-A-Wee.

Eu havia passado a maior parte daquele dia pensando e decidindo qual seria o próximo passo. Eu tinha dinheiro em três contas diferentes, uma delas acessível só por mim como Dalton Smith, uma identidade que estava (pela graça de Deus) ainda limpa. Pelo menos, até onde eu sabia. Teria mais na conta de Woodley se Nick cumprisse o prometido, e eu achava que ele cumpriria. O problema dele com Roger Klerke tinha sido resolvido, afinal, e com grande benefício financeiro para ele.

Antes de Alice ir para o quarto dela, eu a abracei e a beijei nas duas bochechas.

Ela me olhou com os olhos azuis que eu tinha passado a amar, assim como amava os castanho-escuros de Shan Ackerman. “Por que isso?”

“Eu só fiquei com vontade.”

“Tudo bem.” Ela ficou na ponta dos pés e me deu um beijo na boca, firme e longo. “E eu fiquei com vontade de fazer isso.”

Não sei como foi a expressão que eu fiz, mas fez com que ela abrisse um sorriso.

“Você não vai dormir comigo, eu entendo isso, mas *você* precisa entender que eu não sou sua filha, e que o que eu sinto por você não tem nada a ver com sentimentos de filha.”

Ela começou a se afastar. Eu não a veria de novo, mas havia mais uma coisa de que eu precisava. “Ei, Alice?” E, quando ela se virou: “Como você está lidando? Com a coisa do Klerke?”.

Ela pensou nisso e passou a mão pelo cabelo. Estava preto de novo. “Estou melhorando”, disse ela. “Tentando, pelo menos”. Eu decidi que isso era suficiente.

Naquela noite, coloquei meu alarme do celular para uma da madrugada, bem depois de ela já estar dormindo. Quando acordei, olhei as ataduras. Não havia sangue e quase não estava doendo. A dor tinha sido substituída pela coceira profunda da cicatrização. Não havia papel de carta no Bide-A-Wee, claro, mas eu tinha um bloco da Staples trazido da Torre Gerard na minha mala. Arranquei algumas páginas e escrevi minha carta de despedida.

Querida Alice,

Quando você estiver lendo isto, eu já vou ter ido embora. Um dos motivos para eu querer pernoitar aqui foi a parada de caminhões, Happy Jack’s, a oitocentos metros. Lá, sei que vou encontrar um caminhoneiro independente que vai me deixar viajar com ele por cem dólares. Tem que ser para o oeste ou para o norte, qualquer um dos dois está bom. Só não pode ser para o sul nem para o leste. Eu já estive lá.

Não estou te abandonando. Acredite.

Eu te salvei quando aqueles três homens ruins te largaram na rua Pearson, não foi? Agora, estou te salvando de novo. Tentando, pelo menos. Bucky disse uma coisa que não esqueci. Ele me disse que você me seguiria enquanto eu permitisse, e que, se eu deixasse, eu acabaria com a sua vida. Eu soube que ele estava certo sobre a parte de você me seguir depois do que fizemos na propriedade de Klerke em Montauk Point. Eu acho *que ele também estava certo sobre a parte de eu acabar com a sua vida, mas acredito que ainda não tenha acontecido. Quando eu perguntei como você estava lidando com a coisa do Klerke, você disse que estava tentando. Sei que você está e tenho certeza de que, com o tempo, você vai conseguir deixar isso para trás. Mas espero que não seja rápido demais. Klerke gritou, não foi? Ele gritou que estava doendo, e espero que aqueles gritos te assombrem até bem depois de você superar a minha partida. Talvez ele merecesse sentir dor depois do que fez à garota no México. E ao filho. E às outras garotas, elas também. Mas quando se administra dor a alguém, não uma dor pequena como a ferida cicatrizando na lateral do meu corpo, mas um tiro mortal, fica uma cicatriz. Não no corpo, mas na mente e no espírito. E é bom que fique, porque não é pouca coisa.*

Eu preciso te deixar porque eu também sou um homem ruim. Isso foi uma coisa que eu afastei do meu coração antes, principalmente com livros, mas não posso mais afastar e não vou correr o risco de te contaminar mais do que já contaminei.

Vá até o Bucky, mas não fique com o Bucky. Ele gosta de você, vai ser gentil com você, mas ele também é um homem ruim. Ele vai te ajudar a começar uma vida nova como Elizabeth Anderson, se for isso que você quiser. Tem dinheiro na conta de um homem chamado Edward Woodley, e, se Nick cumprir o prometido, vai ter mais. Também tem dinheiro no Bank of Bimini, no nome de James Lincoln. Bucky tem a senha e todas as informações das duas contas. Ele vai te aconselhar sobre como gerenciar a movimentação para a sua conta e vai te apresentar a um contador, para falar dos impostos. Essa parte é muito importante, porque dinheiro que não tem origem certa é

um alçapão que pode se abrir debaixo dos seus pés quando você menos espera. Uma parte do dinheiro é para Bucky. O resto é para você, para a faculdade e para começar uma vida nova como uma boa mulher independente. E é isso que você é, Alice, e é o que você vai ser.

Fique nas montanhas, se quiser. Boulder é legal. Greeley e Fort Collins e Estes Park também são. Aproveite a sua vida. Em algum momento, talvez quando você chegar aos quarenta e aos sessenta, você pode receber uma ligação minha. A gente pode sair para tomar um drinque. Talvez até dois! Você pode fazer um brinde à Daphne e eu ao Walter.

Eu passei a amar você, Alice. Muito. Se você me ama como falou que ama, leve esse amor para o mundo como uma coisa real vivendo uma vida boa e útil.

Com carinho,
Billy

P.S.: Vou levar o meu laptop — é um velho amigo —, mas vou deixar o pen-drive com a minha história. Está no meu quarto, junto da chave do carro. A história acaba quando partimos para Montauk Point, mas talvez você possa terminá-la. Você já está bem familiarizada com o meu estilo a essa altura! Faça o que quiser com ela, só deixe o nome Dalton Smith de fora. E o seu.

Dobrei o bilhete em volta da chave do meu quarto, escrevi o nome dela e empurrei por baixo da porta. Adeus, Alice.

Pendurei o laptop no ombro direito, peguei minha mala com a mão direita e saí pela porta lateral. Depois de 800 metros pela estrada, parei para descansar e fazer uma outra coisa. Abri a mala e tirei as duas armas, a minha Glock e a ACP que Marge usou para atirar em mim. Descarreguei ambas e joguei-as o mais longe que consegui. As balas eu joguei em uma lata de lixo na parada de caminhões.

Com isso resolvido, comecei a andar na direção das luzes e dos caminhões e do resto da minha vida. Talvez até na direção de algum tipo de expiação, se não for pedir demais. Provavelmente, é.

XXIV

1

É dia 21 de novembro de 2019, uma semana antes do Dia de Ação de Graças, mas os ocupantes da casa no fim da via Edgewood Mountain não estão no clima para Ação de Graças. Está frio lá fora — mais frio do que a fivela do cinto de um cavador de poços, segundo Bucky — e a neve está chegando. Ele acende o fogão a lenha e se senta em uma das cadeiras de balanço trazidas da varanda, os pés calçados com meias apoiados na grade de proteção do fogão. Está com um laptop aberto, um laptop velho e arranhado, apoiado nas coxas. Uma porta se abre atrás dele e passos se aproximam. Alice entra na cozinha e se senta à mesa. Ela está pálida e pelo menos cinco quilos mais magra do que quando conheceu Bucky. As bochechas estão afundadas e a deixam com a aparência de uma modelo que passa fome.

— Terminou ou ainda está lendo?

— Terminei. Só estou relendo o final. Essa parte não faz muito sentido.

Alice não diz nada.

— Porque, se ele deixou o pen-drive pra você, a parte de ele andar pela estrada e jogar as armas fora não poderia estar aqui.

Alice continua em silêncio. Desde que ela e Billy chegaram à casa de Bucky, ela falou pouco, e Bucky não forçou a barra. O que ela fez na maior parte do tempo foi dormir e escrever no laptop que Bucky agora fecha e devolve a ela.

— Um MacBook Pro. Boa máquina, mas essa já está bem rodada.

— É — diz Alice. — Acho que sim.

— Na história, Billy levou o laptop, mas o laptop está aqui. Se acrescentarmos as coisas que não poderiam estar no pen-drive, fica uma história meio estilo ficção científica.

A jovem sentada à mesa da cozinha não diz nada.

— Mesmo assim, não tem motivo pra não se sustentar. Não tem motivo pras pessoas que lerem achar que ele não saiu andando e foi morar no oeste. Que talvez esteja escrevendo um livro. Outro. Ele sempre falou sobre isso, mas eu nunca achei que fosse dar em nada.

Ele olha para ela. Alice retribui o olhar. Lá fora, um vento frio sopra e parece que vai nevar, mas está quente na cozinha. Um nó de madeira estala no fogão.

— As pessoas *vão* ler, Alice? — Bucky enfim pergunta.

— Não sei… Eu teria que mudar os nomes…

Ele balança a cabeça negativamente.

— O assassinato de Klerke foi notícia no mundo todo. Mesmo assim… — Ele vê a decepção dela e dá de ombros. — Talvez pensem que foi um *roman à clef*. Isso é francês. Eu aprendi com ele. Ele me explicou quando eu estava lendo um livro velho que comprei num bazar de quintal. *O vale da bonecas* era o título. — Ele dá de ombros de novo. — Desde que você me deixe de fora, não me importo. Pode me chamar de Trevor Wheatley ou qualquer outra coisa e me colocar em Saskatchewan ou Manitoba. Quanto ao Nick Majarian, o filho da puta sabe se cuidar.

— Você acha que presta?

Ele coloca o laptop, o antigo extra de Billy, na mesa da cozinha.

— Acho que sim, mas eu não sou crítico literário.

— Parece coisa dele?

Bucky ri.

— Querida, eu nunca li nada que ele tenha escrito e não tenho como dar certeza, mas parece a voz dele, sim. E a voz fica igual até o fim. Digamos que eu não consiga dizer ao certo em que parte você passou a escrever.

Os sorrisos têm sido poucos desde que Alice voltou, mas ela abre um agora. Bucky fica feliz de ver.

— Que bom. Acho que é o mais importante.

— Você inventou aquela parte sobre eu também ser um homem ruim?

Ela não baixa o olhar.

— Não. Ele falou.

— Você escreveu o que você queria que tivesse acontecido — diz Bucky. — O herói da história sai andando na direção do futuro carregando a mala. Agora me conta o que aconteceu de verdade.

Ela conta.

2

Eles voltam para Riverhead e param no caminho para comprar band-aid, um rolo de gaze, peróxido de hidrogênio e pomada Betadine. Alice entra na Walgreens enquanto Billy espera no carro. No hotel, eles entram pela porta lateral. No quarto dele, ela o ajuda a tirar a jaqueta de aviador. Tem um buraco na jaqueta e outro na camisa. Não um corte, um buraco, e não na lateral, como ele falou. Mais para dentro.

— Ah, meu Deus — diz Alice. A voz dela sai abafada porque ela está com a mão sobre a boca. — Não foi só de *raspão*, foi na sua *barriga*.

— Parece que sim. Ou um pouco mais pra baixo? — Ele soa confuso.

— Pro banheiro — diz Alice. — Se você não quiser deixar um monte de sangue por aí.

Quando eles entram, ela o ajuda a tirar a camisa e vê que quase não tem sangue saindo do buraco vermelho e preto. Consegue cobri-lo com um dos band-aids depois de aplicar peróxido de hidrogênio e um pouco de Betadine.

Ela precisa ajudá-lo a ir até a cama. Ele anda devagar e curvado para a direita, o rosto coberto de suor.

— Marge — diz ele. — A filha da puta da Marge.

Ele se senta e ofega quando o corpo se curva. Alice pergunta quão ruim está.

— Não muito.

— Você está mentindo?

— Não — diz ele. — Bom, um pouco.

Ela encosta na barriga dele à direita do buraco e ele ofega de novo.

— Não faz isso.

— A gente tem que ir pra um hos… — Ela para. — A gente não pode ir, né? É uma ferida de bala, teriam que registrar isso.

— Você está virando um fora da lei por minha causa — diz ele e sorri. — Está mesmo.

Alice balança a cabeça.

— Eu só vejo televisão demais.

— Eu vou ficar bem. Eu vi coisa pior no Iraque e o pessoal voltava pro serviço no dia seguinte.

Alice balança a cabeça.

— Você está sangrando por dentro. Não está? E a bala ainda está aí.

Billy não responde. Ela olha para o band-aid. Parece uma coisa idiota. Uma coisa que se coloca num arranhão.

— Tenta dormir parado hoje. Deitado de costas. Quer Tylenol? Eu tenho na bolsa.

— Se o que você tem é Tylenol, eu aceito.

Ela dá dois comprimidos para ele e o ajuda a se sentar para poder tomar água. Ele tosse e cobre a boca com a mão. Ela segura a mão e olha. Não tem sangue na palma. Talvez seja bom. Talvez não. Ela não sabe.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer. Eu faria qualquer coisa por você, Billy.

Ele aperta os lábios.

— A gente tem que sair daqui de manhã. Cedo.

— Billy, a gente não pode…

— O que a gente não pode fazer é ficar aqui.

— Vou ligar pro Bucky. Ele tem contatos. Pode conhecer algum médico de Nova York que saiba tratar uma ferida de bala.

Billy balança a cabeça.

— Isso poderia acontecer em um programa de televisão. Não na vida real. Bucky não resolve esse tipo de coisa. Mas, se a gente chegar a Sidewinder, até a região das armas, ele vai conseguir arrumar alguém.

— São quase três mil e duzentos quilômetros! Eu olhei no Google!

Billy assente.

— Você vai ter que dirigir uma parte do caminho, talvez a maior parte, e temos que ir o mais rápido possível. Se tiver alguma tempestade de neve, que

Deus nos ajude.

— Três mil e duzentos quilômetros! — Parece um peso nos ombros dela.

— Pode ter um jeito de acelerar a colheita.

— Acelerar a…

— É uma peça do David Mamet. Esquece. — Com uma careta, ele leva a mão ao bolso de trás, tira a carteira e entrega para ela. — Pega meu cartão do banco. Tem um caixa eletrônico no mezanino. A senha é um, zero, cinco, cinco. Você consegue lembrar?

— Consigo.

— A máquina vai te deixar sacar quatrocentos dólares. Amanhã de manhã, antes da gente sair, você pode tirar mais quatrocentos.

— Pra que tanto?

— Agora não importa. O que estou pensando pode nem dar certo, mas sejamos otimistas. Pega o cartão.

Ela mexe na carteira e o encontra. O nome impresso em relevo é Dalton Curtis Smith. Ela o mostra de sobrancelhas erguidas.

— Vai lá, garota.

A garota vai. O mezanino está deserto. Uma música ambiente está tocando baixinho. Alice enfia o cartão e digita a senha. Ela quase espera que a máquina engula o cartão e talvez até comece a tocar um alarme, mas o cartão sai e o dinheiro também. Tudo em notas de vinte, novas e esticadinhas. Ela as dobra e enfia o bolinho na bolsa. Quando volta para o quarto de Billy, ele está deitado.

— Como está? — pergunta ela.

— Não está horrível. Consegui ir ao banheiro fazer xixi. Não tem sangue. Talvez a bala ter ficado lá dentro seja bom. Pode estar estancando o sangramento.

Isso parece improvável para Alice, como quando sua avó dizia que soprar um pouco de fumaça de cigarro no ouvido doendo acalmava a dor, mas ela não fala nada. Remexe na bolsa e tira o frasco de Tylenol.

— Que tal mais um desses?

— Meu Deus, sim.

Ela pega um copo de água no banheiro e, quando volta, ele está sentado com a mão apertando a lateral do corpo. Ele toma o comprimido e se deita de novo com uma careta.

— Eu vou ficar com você. Nem pense em discutir comigo.

Ele não discute.

— Quero sair daqui às seis. Sete, no máximo. Dorme um pouco.

3

— E você conseguiu? — pergunta Bucky. — Conseguiu dormir?

— Um pouco. Não muito. Duvido que ele tenha dormido. Eu não sabia quão sério era, não sabia a profundidade da bala.

— Estou supondo que perfurou o intestino. Talvez o estômago.

— Você *teria* conseguido arrumar um médico? Se eu tivesse ligado?

Bucky reflete.

— Não, mas eu poderia ter procurado uma pessoa que talvez conseguisse procurar outra pessoa rapidamente. Alguém da área médica.

— Billy sabia disso?

Bucky dá de ombros.

— Ele sabe que eu tenho muito contatos em várias áreas diferentes.

— Então por que ele nem me deixou tentar?

— Talvez ele não quisesse — diz Bucky. — Talvez, Alice, ele só quisesse te trazer aqui e pronto.

4

Eles saem do hotel às seis e meia. Billy consegue ir até o carro sem ajuda. Diz que, depois de mais dois comprimidos de Tylenol, a dor está bem suportável. Alice quer acreditar, mas não consegue. Ele está mancando e com a mão apertando a lateral do corpo. Ele entra no banco do passageiro com o cuidado lento e quase excessivo de um velho com artrite nos quadris. Ela liga o motor e o aquecedor por causa do frio da manhã, depois volta correndo para o hotel para tirar mais quatrocentos dólares no caixa eletrônico. Depois, pega um carrinho com a bagagem e o leva até o carro.

— Vamos nessa — diz ele enquanto tenta prender o cinto. — Porra, não consigo fazer isso.

Ela o ajuda a prender o cinto e eles partem.

Pegam a Rota 27 de Montauk até a via expressa de Long Island, depois a via expressa até a I-95. O trânsito vai ficando mais pesado na via expressa e Alice dirige ereta, as mãos apertando o volante, nervosa com o rio de carros passando à esquerda e à direita. Ela tirou a habilitação só três anos antes e nunca dirigiu em tráfego tão intenso. Ela imagina meia dúzia de acidentes prestes a acontecer por causa de sua inexperiência. No pior, eles morrem na mesma hora num engavetamento de quatro carros. No segundo pior, eles sobrevivem, mas a equipe de resgate descobre que o companheiro dela está com uma bala na barriga.

— Pega a próxima saída — diz Billy. — A gente vai trocar. Eu vou dirigir pela área metropolitana e por Nova Jersey. Quando estivermos na Pensilvânia, você pode voltar. Você vai ficar bem.

— Você consegue?

— Claro. — O sorrisinho tenso do qual ela não gosta aparece. O rosto dele está úmido de novo, com suor escorrendo em filetes, e as bochechas estão vermelhas. Seria possível ele já estar com uma febre de infecção? Alice não

sabe, mas sabe que Tylenol não vai impedir nada se for o caso. — Se tivermos sorte, pode até ser que eu consiga fazer isso com um certo conforto.

Alice muda de pista para se aproximar da saída. Alguém buzina e ela dá um pulo. O coração dela salta no peito. O trânsito está *insano*.

— Isso foi culpa dele — diz Billy. — O filho da puta estava colado. Devia ser torcedor dos Yankees. Olha lá, está vendo aquela placa? É pra lá que a gente quer ir.

A placa mostra um motorista de caminhão acenando e pulando por cima de um caminhão enorme delineado de néon rosa. Abaixo, também em néon rosa: PARADA DE CAMINHÕES HAPPY JACK'S.

— Vi quando a gente estava indo. Em um dia melhor, antes da Marge me perfurar.

— O tanque está quase cheio, Billy.

— Não é gasolina que a gente quer. Encosta na parte de trás. E guarda isto na sua bolsa. — De baixo do assento ele tira a Smith & Wesson ACP de Marge.

— Eu não quero. — Isso é a pura verdade. Ela nunca quer tocar em outra arma na vida.

— Eu entendo, mas pega mesmo assim. Não está carregada. A chance de você ter que mostrá-la é de uma em cem.

Ela pega a arma, larga na bolsa e dirige até onde vê dezenas de caminhões enormes, a maioria roncando baixinho.

— Não tem nenhuma predadora. Elas devem estar dormindo até mais tarde.

— O que é isso? Uma prostituta? Prostituta de caminhoneiro?

— É.

— Que encantador.

— Você precisa andar por esses caminhões tipo quando você foi fazer compras naquele shopping. Porque é isso que você vai fazer aqui, compras.

— Não vão achar que eu sou prostituta?

Desta vez, não é o sorrisinho tenso, mas o sorrisão que ela passou a amar. Ele observa a calça jeans, o casaco e a maior parte do rosto dela, que está sem maquiagem.

— Não tem a menor chance. Eu quero que você procure um caminhão com o visor abaixado. Vai ter alguma coisa verde nele, tipo um pedaço de papel ou de celuloide. Ou talvez uma fita na maçaneta. Se o caminhoneiro estiver dentro, pode se aproximar e bater na janela dele. Está acompanhado?

— Estou.

— Se o motorista não te mandar embora, se ele abrir a janela, você diz que está fazendo uma viagem longa, de uma costa a outra, e que seu namorado está tendo uma crise de coluna. Diz que você está dirigindo pela maior parte do tempo e que tinha esperanças de encontrar algum medicamento pra dor mais forte do que Aspirina ou Tylenol pra ele e algum estimulante mais forte do que café ou energético Monster pra você. Entendeu?

Agora ela entende o motivo das duas idas ao caixa eletrônico.

— Espero que você consiga Oxycontin, mas Percocet ou Vicodin também servem. Se for Oxy, diz que você paga dez por dez ou oitenta por oitenta.

— Não entendi.

— Dez dólares por dez miligramas, oitenta por oitenta miligramas, os verdinhos. Se ele tentar te convencer a pagar o dobro disso… — Billy se mexe no banco e faz uma careta. — Manda ele se ferrar. E não esquece dos estimulantes pra você. Adderall é bom, Provigil é melhor ainda. Entendeu?

Alice assente.

— Eu preciso entrar e fazer xixi primeiro. Estou bem nervosa.

Billy assente e fecha os olhos.

— Tranca o carro, tá? Eu não tenho condição de lutar contra um assaltante.

Ela faz xixi, compra umas coisas para beber e comer na lojinha e começa a andar no meio dos caminhões. Alguém assovia para ela. Ela ignora. Está procurando um visor abaixado com alguma coisa verde ou uma fita pendurada na maçaneta. O que ela encontra quando está quase desistindo é um Peterbilt

com o motor ligado e um Jesus verde no painel. Ela está com medo, acha que o homem atrás do volante vai rir dela ou olhar para ela como se ela fosse louca, mas Billy está com dor e ela faria qualquer coisa por ele.

Ela sobe no degrau e bate. A janela se abre. É um sujeito de aparência escandinava, com cabelo louro-claro, uma barriga enorme e olhos azuis, cor de gelo. Ele olha para ela sem expressão.

— Se você precisa de ajuda, querida, liga para o reboque.

Ela fala sobre a crise de coluna e a viagem longa e diz que pode pagar se não for muito caro.

— Como eu vou saber que você não é da polícia?

A pergunta é tão inesperada que ela ri, e isso o convence. Eles negociam. Ela acaba entregando quinhentos dos oitocentos dólares por dez Oxys de dez miligramas, um de oitenta (o que Billy chamou de verdinho) e doze comprimidos laranja de Adderall. Ela tem quase certeza de que ele a roubou descaradamente, mas não se importa. Volta correndo para o Mitsubishi com um sorriso. Em parte, é alívio. Em parte, é uma sensação de realização: sua primeira negociação de drogas. Talvez ela esteja mesmo virando uma fora da lei.

Billy está cochilando com a cabeça para trás e o queixo apontando para o para-brisa. O rosto dele está abatido. A barba por fazer nas bochechas está grisalha. Ele abre os olhos quando ela bate na janela e se inclina para destrancar as portas, fazendo uma careta no processo. Ele precisa se apoiar no volante para voltar para o lugar, e ela pensa que Billy não vai conseguir dirigir nem três quilômetros, menos ainda atravessar Nova York e Nova Jersey com trânsito pesado.

— Conseguiu? — pergunta ele quando ela entra atrás do volante.

Ela abre o lenço no qual colocou os comprimidos. Ele olha e diz que está ótimo, que ela se saiu bem. Ela fica feliz.

— Você precisou mostrar a arma?

Ela balança a cabeça.

— Não achei que fosse precisar. — Ele pega o verdinho. — Vou guardar o

resto pra depois.

— Isso não vai te apagar?

— Não. As pessoas que usam pra ficar doidonas ficam com sono. Eu não estou usando pra isso.

— Você vai conseguir dirigir? Eu posso tentar…

— Me dá dez minutos e vamos ver.

Ele acaba precisando de quinze. Abre a porta do passageiro e diz:

— Troca de lugar comigo.

Ele contorna o carro sem mancar muito e entra atrás do volante sem fazer careta nenhuma.

— Johnny Capps tinha razão, essa coisa é mágica. Obviamente, é isso que a torna tão perigosa.

— Você está bem?

— Prontinho pra seguir em frente — diz Billy. — Por um tempo, pelo menos.

Ele sai do estacionamento onde os caminhões enormes dormem e entra tranquilamente na via expressa para Long Island, atrás de uma picape puxando um trailer de barco e na frente de um caminhão basculante. Alice acha que, se fosse ela, teria hesitado por alguns minutos e deixado o trânsito de saída se acumular atrás, os carros buzinando loucamente, e, quando finalmente saísse, bateriam nela por trás. Em pouco tempo, eles estão a cem por hora, com Billy entrando e saindo da pista lenta sem hesitar. Ela tem medo de que a droga comece a confundir a noção de tempo dele, mas isso não acontece.

— Bota algum noticiário no rádio — diz ele. — Tenta a 1010 WINS no AM.

Ela encontra a estação. Ouvem uma história sobre um vazamento numa tubulação em Dakota do Norte, um acidente aéreo no Texas e um tiroteio numa escola em Santa Clara. Nada sobre o assassinato de um magnata da imprensa em sua propriedade em Montauk Point.

— Isso é bom — diz Billy. — Nós precisamos de tempo pra chegar o mais longe que pudermos.

Foras da lei, com certeza, ela pensa.

Quando as torres de Nova York surgem no horizonte, ele está suando de novo, mas a direção permanece firme e confiante. Eles pegam o túnel Lincoln para Nova Jersey. Com Alice dando instruções a partir do GPS, Billy pega a I-80. Ele não consegue chegar até a fronteira da Pensilvânia, mas para numa pequena área de descanso no município de Netcong.

— É o máximo que eu consigo — diz ele. — Sua vez. Toma um Adderall agora e provavelmente mais dois por volta das quatro da tarde, quando você começar a cansar. E continua dirigindo o máximo que conseguir. Tenta ir até as dez da noite. Até lá, vamos ter deixado quase mil e trezentos quilômetros pra trás.

Alice olha para o comprimido laranja.

— O que isso vai fazer comigo?

Billy sorri.

— Você vai ficar bem. Confia em mim.

Ela engole o comprimido. Billy sai devagar de trás do volante, anda até metade da frente do Mitsubishi, cambaleia e precisa se apoiar. Alice sai correndo e o ajuda.

— Tá muito ruim?

— Não muito. — Mas os olhos dela estão fixos nele, e ele acaba confessando: — Na verdade, tá bem ruim. Eu vou entrar atrás e me esticar o máximo que puder. Me dá dois daqueles Oxys de dez miligramas. Talvez eu consiga dormir.

Ela o apoia até a porta de trás do carro da melhor forma que consegue e o ajuda a entrar. Quer puxar a camisa e olhar a área em volta do band-aid, mas ele não deixa e ela não pressiona, em parte porque sabe que ele quer que ela vá logo e em parte porque ela sabe que não ia gostar do que veria.

O comprimido está fazendo efeito. No começo, ela acha que está imaginando, mas o jeito como seus batimentos aceleram não é imaginação, nem a forma como sua visão parece estar ficando melhor. Tem grama em volta da construção

de tijolos da parada, e ela enxerga a sombra de cada lâmina. Um saco de batata frita que passa voando parece *delicioso*, e não há outra palavra para descrevê-lo. Ela percebe que *quer* dirigir agora, quer ver o Mitsubishi comer os quilômetros.

Billy ou lê a mente dela ou sabe por experiência como o Adderall pode afetar uma garota que nunca tomou nenhum estimulante mais forte do que um café matinal.

— Cem por hora — diz ele. — Cento e dez se você precisar ultrapassar um caminhão. A gente não quer chamar atenção da polícia, certo?

— Certo.

— Vamos nessa.

5

— E nós fomos nessa — diz Alice. — Minha boca ficou seca e eu tomei a minha Coca Diet e o Sprite dele, mas fiquei um tempão sem precisar fazer xixi. Parecia que eu tinha deixado a bexiga na parada de caminhões.

— É isso que a anfetamina faz — diz Bucky. — Você provavelmente também não quis comer.

— Não quis, mas sabia que precisava. Parei por volta das três da tarde pra comprar sanduíches. Billy ficou no banco de trás. Ele estava dormindo e eu não quis acordá-lo.

Bucky duvida muito que Billy estivesse dormindo considerando que ele estava com hemorragia interna e uma infecção se espalhando, mas fica quieto sobre isso.

— Tomei mais dois comprimidos e continuei dirigindo. Nós passamos a noite num motel vagabundo, nossa especialidade, perto de Gary, Indiana. Billy já estava acordado, mas ele me fez fazer o check-in. E tive que ajudá-lo a ir para o quarto. Ele mal conseguia andar. Falei para ele tomar mais OxyContin e ele disse que tinha que guardar para o dia seguinte. Eu o coloquei na cama e olhei a ferida. Ele ainda não queria que eu olhasse, mas já estava fraco demais para me impedir.

A voz de Alice permanece firme durante tudo aquilo, mas ela seca os olhos com a manga do suéter repetidamente.

— Estava ficando preto? — pergunta Bucky. — Necrosando?

Alice assente.

— Sim, e estava inchado. Eu falei que a gente tinha que procurar ajuda e ele disse não. Eu falei que ia chamar um médico e que ele não podia me impedir. Ele disse que era verdade, mas, se eu chamasse um, havia uma boa chance de eu passar trinta ou quarenta anos na cadeia. Àquela altura, já estava no noticiário. A história do Klerke. Você acha que ele estava só tentando me assustar?

Bucky balança a cabeça negativamente.

— Ele estava tentando te proteger. Se a polícia, além do FBI, que também se envolveria, conseguisse conectar você ao que aconteceu na casa do Klerke, você ficaria presa por muito tempo. E quando a polícia identificasse você com Billy naquele Hyatt, você estaria conectada.

— Você está dizendo isso pra fazer eu me sentir melhor.

Bucky olha para ela com impaciência.

— Claro que estou, mas acontece que é verdade. — Ele faz uma pausa. — Quando ele morreu, Alice?

6

Nenhum dos dois consegue dormir, Billy por causa da dor que deve ser excruciante, Alice por ainda sentir os resquícios dos comprimidos de anfetamina que o organismo dela nunca experimentou. Por volta das 4h30 da madrugada, bem antes dos primeiros raios de sol, ele diz que eles precisam ir. Diz que ela vai ter que ajudá-lo a chegar ao carro e que ele gostaria que isso acontecesse antes do mundo acordar.

Ele toma quatro dos dez Oxys de dez miligramas que restam e usa o banheiro. Ela vai atrás dele. A descarga levou o pior do sangue, mas ainda tem um pouco na borda da privada e nos azulejos. Ela limpa tudo e leva o saco de lixo: mentalidade de fora da lei.

Os comprimidos para dor estão começando a fazer efeito, mas eles levam quase dez minutos para irem até o carro porque ele precisa descansar a cada dois ou três passos. Está apoiado nela e ofegante como um homem que acabou de correr uma maratona. O hálito dele fede. Ela está morrendo de medo de ele desmaiar e de ter que arrastá-lo (porque não ia conseguir carregá-lo), mas eles conseguem chegar.

Aos poucos, com uma série de gemidos de dor que ela odeia ouvir, ele consegue se deitar no banco de trás. Quando está o mais acomodado que consegue, a cabeça apoiada em um braço, ele consegue abrir um sorriso incrivelmente alegre.

— A filha da puta da Marge. Se ela tivesse acertado um centímetro pra esquerda, a gente teria evitado esse absurdo.

— Essa filha da puta da Marge — concorda ela.

— Fica a cem, exceto pra ultrapassar. Cento e vinte quando chegarmos em Iowa e Nebraska. A gente não quer chamar atenção da polícia.

— Nada de polícia, entendido — diz ela e bate continência.

Ele sorri.

— Eu te amo, Alice.

Alice toma dois Adderall. Ela reflete e acrescenta um terceiro. E começa a dirigir.

O trânsito ao sul de Chicago está horrível, são seis ou oito faixas nas duas direções, mas, com o Adderall no organismo, Alice o percorre destemida. A oeste da área metropolitana, o trânsito fica mais tranquilo e as cidades vão passando: LaSalle, Princeton, Sheffield, Annawan. O coração dela bate com força no peito. Ela está focada, pisando fundo no acelerador como um caminhoneiro numa música country. De vez em quando, o olhar se desvia para o retrovisor e para a forma deitada no banco de trás. E, quando eles saem de Davenport e entram na planície ampla de Iowa, os campos agora cinzentos e imóveis, esperando o inverno, ele começa a falar. Não faz sentido; e faz todo o sentido do mundo. Ele está nas trevas, ela pensa. Ele está nas trevas e com dor e procurando uma saída. Ah, Billy, eu sinto tanto.

Ele fala muito sobre Cathy. Diz para ela não fazer os biscoitos, para ela esperar a mãe chegar em casa e ajudar. Diz para Cathy que fizeram mal a Bob Raines e que ele vai voltar para casa malvado. Diz que Corinne ficou do lado dele, foi a única que fez isso. Ele fala sobre Shan. Alguma coisa sobre uma galeria de tiro. Ele fala sobre alguém chamado Derek e alguém chamado Danny. Diz para esses fantasmas que não vai pegar leve só porque é adulto. Alice acha que ele está falando sobre o jogo Monopoly, porque ele diz para ir logo e jogar o dado e que as ferrovias são boas, mas os serviços de utilidade pública não. Uma vez, ele grita, fazendo-a pular e oscilar com o volante. Não entra aí, Johnny, ele diz, tem um *muj* atrás da porta, joga uma granada de atordoamento primeiro e tira ele de lá. Ele fala de Peggy Pye, a garota do lar de acolhimento onde ele ficou depois que a mãe perdeu a guarda dele. Diz que a tinta é a única coisa que segura aquela porcaria de casa em pé. Fala sobre a garota que foi a crush dele, às vezes a chama de Ronnie e às vezes de Robin, que Alice sabe que era o nome verdadeiro dela. Ele fala alguma coisa sobre um Mustang conversível e alguma coisa sobre um jukebox (“Tocava a noite toda se você batesse nela no lugar

certo, lembra, Taco?”), fala sobre o dedo do pé que perdeu parcialmente e sobre o sapatinho de bebê que perdeu totalmente e sobre Bucky e Alice e alguém chamado Thérèse Raquin. Ele sempre volta à irmã e ao policial que o levou para a Casa da Tinta Eterna. Fala sobre milhares de carros com os para-brisas reluzindo ao sol. Diz que eram beleza quebrada. Ele está desempacotando a vida no banco de trás daquele carro roubado e o coração dela se parte.

Ele acaba ficando em silêncio, e primeiro ela pensa que ele pegou no sono, mas, na terceira ou quarta vez que olha pelo retrovisor e o vê tão imóvel com os joelhos encolhidos, ela pensa que ele morreu.

Eles estão no Nebraska agora. Ela pega a saída seguinte para Hemingford Home e entra numa estrada de duas pistas, reta como um fio esticado entre paredes de um milharal que só vai produzir no ano seguinte. O dia está quase terminando. Ela percorre um quilômetro e meio, chega a um caminho de terra e entra nele, seguindo o suficiente para se esconder da estrada. Ela sai e abre a porta de trás e fica aliviada ao vê-lo olhando para ela, mas depois apavorada pela ideia de ele ter morrido de olhos abertos. Ele pisca.

— Por que a gente parou?

— Eu precisava esticar as pernas. Como você está, Billy?

É uma pergunta idiota, mas o que mais ela pode perguntar? Você sabe quem eu sou ou acha que eu sou a sua irmã morta? Você vai ficar bem por um tempo? A propósito, já é tarde demais? Alice acha que sabe a resposta para essa última.

— Me ajuda a sentar.

— Eu não sei se é uma boa…

— Me ajuda a sentar, Alice.

Então, ele sabe. E ele está com ela, ao menos por enquanto. Ela segura a mão dele e o ajuda a se sentar com os pés numa estrada de terra qualquer em uma cidade chamada Hemingford Home. Nas montanhas do Colorado já deve estar quase de noite. Ali nas planícies a tarde se prolongou até a noite apesar de ser novembro. Ali, a vermelhidão da noite do oeste se espalha sobre o milharal que

oscila e suspira na brisa leve. As mãos dele estão quentes e o rosto está fervendo. Os lábios formam bolhas de febre.

— Estou no fim.

— Não, Billy. Não. Você precisa aguentar firme. Vou te dar o último Oxy e tem mais dois comprimidos de anfetamina. Eu vou dirigir a noite toda.

— Não vai, não.

— Eu consigo, Billy. De verdade.

Ele balança a cabeça. Ela ainda está segurando as mãos dele. Ela acha que, se soltasse, ele cairia de costas no banco e a camisa subiria e ela veria a barriga dele, agora cinza quase preta com filetes vermelhos de infecção chegando até o peito. Até o coração.

— Me escuta agora. Está ouvindo?

— Estou.

— Eu te salvei quando aqueles homens ruins te largaram na rua, né? Agora, estou te salvando de novo. Tentando, pelo menos. Bucky falou que você ia me seguir enquanto eu deixasse, e, se eu deixasse, isso acabaria com você. Ele estava certo.

— Você não acabou comigo, você me salvou.

— *Shh*. Você ainda não está acabada, isso é o importante. Você está bem. Eu sei porque, quando eu perguntei como você estava lidando com a história do Klerke, você disse que estava tentando. Eu sabia o que você queria dizer, eu sei que está, e com o tempo você vai conseguir deixar isso pra trás. Menos nos sonhos.

A luz vermelha, brilhando e brilhando. Pintando o milharal. Está tão quieto ali e as mãos dele queimam nas dela.

— O Klerke gritou, né?

— É.

— Ele gritou que estava doendo.

— Para, Billy, é horrível e a gente tem que voltar pra rodov…

— Talvez ele merecesse sofrer, mas, quando a gente provoca dor, fica uma

cicatriz. Na mente. No *espírito*. E tem que ficar mesmo, porque machucar alguém, *matar* alguém não é coisa pouca. Pode acreditar, sei do que estou falando.

O sangue escorre do canto da boca de Billy. Não, dos dois cantos. Ela desiste de tentar impedi-lo de falar. São as últimas palavras dele, e o trabalho dela é só ouvir enquanto ele conseguir falar. Ela não diz nada, nem quando ele diz que é um homem ruim. Ela não acredita nisso, mas não é hora de discutir.

— Vá até o Bucky, mas não fica com ele. Ele gosta de você e vai ser gentil com você, mas ele também é um homem ruim. — Ele tosse e o sangue voa da boca. — Ele vai te ajudar a começar uma vida nova como Elizabeth Anderson, se for isso que você quer. Tem dinheiro, bastante. Uma parte na conta de um homem que só existe no papel, chamado Edward Woodley. Também tem dinheiro no Bank of Bimini, no nome de James Lincoln. Você consegue se lembrar disso?

— Consigo. Edward Woodley. James Lincoln.

— Bucky tem as senhas e todas as informações das duas contas. Ele vai te aconselhar sobre como gerenciar a movimentação pra sua conta, pra não atrair atenção da Receita Federal. Isso é muito importante, porque é assim que podem acabar te pegando. Dinheiro que não tem origem certa é um alçapão. Entend…

Mais tosse. Mais sangue.

— Entendeu?

— Entendi, Billy.

— Uma parte do dinheiro é para o Bucky. O resto é para você. Dá pra faculdade e pra começar uma vida nova. Ele vai te tratar bem. Tá bom?

— Tá bom. Acho que você devia deitar agora.

— Eu vou deitar, mas, se você tentar dirigir a noite toda, vai estar pedindo pra acontecer um acidente. Procura no celular a próxima cidade que seja grande o suficiente pra ter um Walmart. Estaciona onde ficam os trailers. Dorme. Você vai estar bem de manhã e vai chegar no Bucky no fim da tarde. Nas montanhas. Você gosta das montanhas, né?

— Gosto.

— Promete.

— Eu prometo parar pra dormir.

— Tanto milho — diz ele, olhando por cima do ombro dela. — E o sol. Já leu Cormac McCarthy?

— Não, Billy.

— Você devia ler. *Meridiano de sangue*. — Ele sorri para ela. O queixo dele está cheio de sangue agora. — A filha da puta da Marge, né?

— Isso aí — diz Alice. — A filha da puta da Marge.

— Eu escrevi a senha do meu laptop num papelzinho e enfiei na sua bolsa.

Dito isso, ele solta as mãos dela e cai para trás. Ela levanta os tornozelos dele e consegue enfiar as pernas no carro. Se dói, ele não dá sinal. Está olhando para ela.

— Onde a gente está?

— No Nebraska, Billy.

— Como a gente chegou aqui?

— Não importa. Fecha os olhos. Descansa.

Ele franze a testa.

— Robin? É você?

— É.

— Eu te amo, Robin.

— Eu também te amo, Billy.

— Vamos lá no porão ver se sobrou alguma maçã.

7

Outro nó estala no fogão a lenha. Alice se levanta, vai até a geladeira e pega uma cerveja. Ela gira a tampinha e toma metade.

— Essa foi a última coisa que ele disse pra mim. Quando eu parei o carro perto dos trailers no Walmart de Kearney, ele ainda estava vivo. Eu sei porque ouvi a respiração. Um chiado. Quando acordei na manhã seguinte, às cinco, ele estava morto. Quer uma cerveja?

— Quero. Obrigado.

Alice leva uma cerveja para ele e se senta. Ela parece cansada.

— "Vamos lá no porão ver se sobrou alguma maçã." Talvez falando pra Robin, talvez pro amigo Glen. Não foi uma grande fala de despedida. A vida seria melhor se fosse escrita por Shakespeare, é o que eu acho. Se bem que… quando a gente pensa em *Romeu e Julieta*… — Ela toma o resto da cerveja e as bochechas recuperam um pouco de cor. Bucky acha que ela parece um pouco melhor.

— Esperei até o Walmart abrir, entrei e comprei umas coisas: cobertores, travesseiros, acho que um saco de dormir.

— Sim — diz Bucky. — Tinha um saco de dormir.

— Eu o cobri e voltei pra estrada. Ficando no máximo oito quilômetros por hora acima do limite de velocidade, como ele tinha falado. Teve uma hora que uma viatura da Patrulha Estadual do Colorado apareceu atrás de mim com as luzes piscando e eu achei que estava ferrada, mas ela passou direto e seguiu pela estrada voando. Eu cheguei aqui. E a gente enterrou ele junto com a maioria das coisas dele. Não era muita coisa. — Ela faz uma pausa. — Mas não muito perto da casa de veraneio. Ele não gostava de lá. Trabalhou lá, mas dizia que não gostava.

— Ele me disse que achava que a casa era assombrada — diz Bucky. — O que vem agora pra você, minha querida?

— Dormir. Parece que não consigo dormir o suficiente. Eu achei que ficaria melhor quando terminasse de escrever a história dele, mas… — Ela dá de ombros e se levanta. — Vou resolver depois. Você sabe o que a Scarlett O'Hara disse, não sabe?

Bucky Hanson sorri.

— "Pensarei nisso amanhã, pois amanhã é outro dia."

— Isso mesmo. — Alice vai na direção do quarto onde passou a maior parte do tempo desde que chegou, escrevendo e dormindo, e se vira. Ela está sorrindo. — Aposto que Billy teria odiado essa fala.

— Acho que você está certa.

Alice suspira.

— Eu nunca vou poder publicar, né? O livro dele. Nem mesmo como um *roman à clef*. Nem em cinco anos, nem em dez. Não adianta tentar me enganar.

— Provavelmente, não — concorda Bucky. — Seria como D.B. Cooper escrevendo sua autobiografia e chamando de *Foi assim que eu fiz*.

— Não sei quem é esse.

— Ninguém sabe, essa é a questão. O cara sequestrou um avião, pegou um monte de dinheiro, pulou de paraquedas e nunca mais foi visto. Tipo o Billy na sua versão da história.

— Você acha que ele ia ficar feliz de eu ter feito isso? De ter deixado ele vivo na história?

— Ele ia ficar feliz pra caralho, Alice. Ele ia amar.

— Eu também acho. Se eu *pudesse* publicar, sabe como eu chamaria? *Billy Summers: A história de um homem perdido*. O que você acha?

— Acho perfeito.

8

Neva durante a noite, só uns quatro ou cinco centímetros, e já parou quando Alice acorda, às sete, o céu matinal tão limpo que está quase transparente. Bucky ainda está dormindo; dá para ouvi-lo roncando mesmo com a porta do quarto fechada. Ela prepara o café, pega lenha na pilha ao lado da casa e acende uma boca do fogão. O café fica pronto e ela toma uma xícara antes de vestir o casaco, as botas e o gorro de lã que cobre as orelhas.

Ela entra na sala separada para uso dela, toca no laptop de Billy, pega o livro ao lado e o coloca no bolso de trás da calça jeans. Sai e segue pelo caminho. Tem pegadas recentes de cervo na neve, muitas, e as pegadas estranhas em formato de mãos feitas por um ou dois guaxinins, mas a neve na frente da casa de veraneio está visivelmente sem marcas. Os cervos e guaxinins passaram longe dali. Alice também passa.

Há um choupo velho com tronco partido não muito longe de onde o caminho termina. É o marcador. Alice entra na floresta e começa a andar, contando os passos baixinho. Foram duzentos e dez no dia em que eles levaram Billy para lá, mas, como o percurso está meio escorregadio naquela manhã, ela leva duzentos e quarenta para chegar à clareira. Precisa passar por cima de um pinheiro caído para chegar lá. No centro da clareira há um quadrado de terra escura no qual eles espalharam uma mistura de agulhas de pinheiro e folhas caídas. Mesmo com a neve que caiu por cima, fica claro que é um túmulo. O tempo vai cuidar disso, garantiu Bucky. Ele diz que até novembro seguinte uma pessoa qualquer poderia passar por ali sem ter ideia do que havia embaixo.

— Não que alguém vá passar. Essa terra é minha e tem cerca. Talvez quando eu não estivesse aqui as pessoas se aproveitassem, usassem o caminho pra olhar o lugar onde o Overlook ficava, mas agora eu estou aqui e pretendo ficar. Graças ao Billy, estou aposentado. Virei mais um velho da montanha. Tem milhares

entre aqui e o Western Slope, deixando o cabelo crescer até a bunda e ouvindo os discos velhos do Steppenwolf.

Agora, Alice para no pé da cova e diz:

— Oi, Billy. — A sensação de falar com ele é natural, bem natural. Ela não sabia se seria. — Eu terminei a sua história. Dei um final diferente. Bucky diz que você não teria se importado. Está no mesmo pen-drive que você estava usando quando começou, naquele escritório. Quando eu chegar a Fort Collins, vou alugar um cofre e guardar lá dentro junto com a minha identidade de Alice Maxwell.

Ela volta até o tronco de pinheiro caído e se senta nele, primeiro tirando o livro do bolso e colocando-o no colo. É bom estar ali. É um lugar tranquilo. Antes de enrolar o corpo numa lona, Bucky fez uma coisa com ele. Não quis dizer o quê, mas disse que não haveria muito cheiro quando o calor chegasse, se houvesse algum. Os animais não o incomodariam. Bucky disse que era como as coisas eram feitas antigamente, na época das caravanas de carroças e minas de prata.

9

— Foi em Fort Collins que eu decidi estudar. Na Universidade Estadual do Colorado. Vi fotos e achei o lugar lindo. Lembra quando você me perguntou o que eu queria estudar? Eu falei que talvez história, talvez sociologia, talvez até teatro. Fiquei com vergonha de dizer o que realmente queria fazer, mas acho que você consegue adivinhar. Talvez tenha até adivinhado na época. Eu pensei nisso por um tempo quando estava no ensino médio, porque inglês era minha matéria favorita, mas terminar a sua história fez parecer possível.

Ela para, porque o resto é difícil de dizer em voz alta, mesmo estando sozinha. Parece pretensão. A mãe diria que ela estava *se achando*. Mas ela precisa dizer, deve isso a ele.

— Eu gostaria de escrever as minhas próprias histórias.

Ela para de novo e seca os olhos com a manga da jaqueta. Está frio ali fora. Mas a tranquilidade é incrível. Cedo assim, até os corvos estão dormindo.

— Quando eu estava fazendo, quando estava… — Ela hesita. Por que a palavra é tão difícil de dizer? Por que deveria ser? — Quando eu estava *escrevendo*, esqueci de ficar triste. Esqueci de me preocupar com o futuro. Esqueci onde estava. Eu não sabia que isso poderia acontecer. Consegui fingir que estávamos no Bide-A-Wee Motel perto de Davenport, Iowa. Só que não era fingimento, apesar de aquele lugar não existir. Eu vi as paredes de madeira falsa e a colcha azul e o copo do banheiro dentro de um saco plástico com um papel que dizia HIGIENIZADO PARA A SUA SAÚDE. Mas essa não foi a parte mais importante.

Ela seca os olhos, limpa o nariz, vê as nuvens brancas de vapor da própria expiração se afastarem.

— Eu pude fingir que Marge, a filha da puta da Marge, só te acertou de raspão no fim das contas. — Ela balança a cabeça como se para ter mais clareza. — Só

que não é bem isso. Foi *mesmo* só de raspão. Você *escreveu* aquele bilhete e colocou embaixo da minha porta quando eu estava dormindo. Você andou até a parada de caminhões na estrada, apesar de a parada ser em Nova York, e seguiu a partir de lá. *Continua* seguindo. Você sabia que isso era possível? Sabia que você podia se sentar na frente de uma tela ou de um bloco de papel e mudar o mundo? Não dura muito, o mundo real sempre volta, mas, antes de voltar, é incrível. É tudo. Porque as coisas podem ser do jeito que você quer, e eu quero que você esteja vivo, e na história você está e sempre vai estar.

Ela se levanta e vai até o quadrado de terra que ela e Bucky cavaram juntos. No mundo real, ele está lá embaixo. Ela se ajoelha e coloca o livro sobre o túmulo. Talvez a neve o cubra. Talvez o vento o leve. Não importa. Na mente dela, vai ficar lá. O livro é *Thérèse Raquin*, de Émile Zola.

— Agora eu sei de quem você estava falando — diz ela.

10

Alice anda até onde o caminho termina, no vale que parece cortado a faca, e olha para o terreno plano onde o velho hotel ficava, o suposto hotel assombrado, de acordo com Bucky. Uma vez, ela achou que o tinha visto, sem dúvida uma alucinação causada pela falta de costume com o ar rarefeito. Hoje, ela não vê nada.

Mas eu poderia fazer com que o hotel estivesse lá, ela pensa. Da mesma forma como pude fazer com que o Bide-A-Wee estivesse lá, com todos os detalhes que eu não citei, como o copo ensacado no banheiro e a mancha no tapete com o formato do Texas. Eu poderia até enchê-lo de fantasmas, se quisesse.

Ela fica olhando através do golfo de ar frio entre o lado dela e o outro, as mãos nos bolsos, pensando que poderia criar mundos. Billy lhe deu essa chance. Ela está ali. Ela foi encontrada.

12 de junho de 2019 — 3 de julho de 2020

Agradecimentos

Robin Furth e Myke Cole me ajudaram com a pesquisa, encontraram erros de continuidade e fizeram sugestões editoriais valiosas. Agradeço muito aos dois. Digo isso com o aviso de sempre: se houver algum erro aqui, a culpa é minha, não deles. Também quero agradecer a Bing West por *No True Glory*, seu relato extraordinário das duas batalhas de Faluja. Foi de grande ajuda.



SHANE LEONARD

STEPHEN KING é autor de mais de sessenta livros best-sellers no mundo. Os mais recentes incluem *Com sangue*, *Depois*, *Mr. Mercedes* (vencedor do Edgar Award de melhor romance, em 2015), *Achados e perdidos*, *Último turno*, *Belas Adormecidas*, *Escuridão total sem estrelas* (vencedor dos prêmios Bram Stoker e British Fantasy), *O bazar dos sonhos ruins*, *Sob a redoma* (que virou uma série de sucesso na TV) e *Novembro de 63* (que entrou no TOP 10 dos melhores livros de 2011 na lista do *New York Times Book Review* e ganhou o Los Angeles Times Book Prize na categoria terror/ thriller e o Best Hardcover Novel Award da organização International Thriller Writers). Em 2003, King recebeu a medalha de Eminente Contribuição às Letras Americanas da National Book Foundation e, em 2007, foi nomeado Grão-Mestre dos Escritores de Mistério dos Estados Unidos. Atualmente, mora em Bangor, Maine, com a esposa, a escritora Tabitha King.

Copyright © 2021 by Stephen King
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Billy Summers

Capa
Will Staehle/ Unusual Corporation

Fotos de capa
Shutterstock

Preparação
Fernanda Cosenza

Revisão
Gabriele Fernandes
Camila Saraiva

Versão digital
Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-347-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editorasuma
instagram.com/editorasuma
twitter.com/editorasuma


DEPOIS
STEPHEN
KING
APENAS
OS MORTOS
NÃO TÊM
SEGREDOS.

Depois

King, Stephen
9786557821688
192 páginas

Compre agora e leia

Um livro que demonstra todo o talento de Stephen King, *Depois* é assustador e emocionante, e fala dos desafios de crescer e aprender a distinguir o certo do errado. Uma história poderosa, perturbadora e inesquecível sobre o preço de encarar o mal, não importa sob qual forma ele se esconda.

James Conklin não é uma criança comum: ele vê gente morta. Com que frequência? Jamie não sabe bem; afinal, os mortos em geral se parecem muito com os vivos. Exceto pelo fato de que eles ficam para sempre nas roupas em que morreram, e são incapazes de mentir.
Sua mãe implora para que ele mantenha essa habilidade em segredo, o que não é problema na maior parte do tempo. Pelo menos até Liz Dutton, a companheira de sua mãe e detetive do Departamento de Polícia de Nova York, aparecer na saída da escola e anunciar que precisa de ajuda.
É assim que Jamie embarca em uma corrida para desvendar o último segredo de um falecido terrorista, e começa a jornada mais assustadora de sua vida.

"Stephen King já está tão consagrado como o mestre do terror sobrenatural que às vezes esquecemos que o talento dele também cobre todas as outras áreas." - *New York Times Book Review*

Compre agora e leia


LUKE JENNINGS
CODINOME VILLANELLE
O LIVRO QUE
INSPIROU A SÉRIE
KILLING EVE

Codinome Villanelle

Jennings, Luke
9788554517052
216 páginas

Compre agora e leia

O surpreendente thriller que deu origem à série de sucesso *Killing Eve*, um drama de espionagem diferente de tudo o que você já viu.

Villanelle (um codinome, é claro) é uma das assassinas mais habilidosas do mundo. Uma psicopata hedonista, que ama sua vida de luxo acima de quase qualquer coisa... menos a emoção da caçada. Especializada em matar as pessoas mais ricas e poderosas do mundo, Villanelle é encarregada de aniquilar um influente político russo, e acaba com uma inimiga determinada em seu encalço. Eve Polastri é uma ex-funcionária do serviço secreto inglês, agora contratada pela agência de segurança nacional para uma tarefa peculiar: identificar e capturar a assassina responsável e aqueles que a contrataram. Apesar de levar uma vida tranquila e comum, Eve possui uma inteligência rápida e aguçada – e aceita a missão.
Assim começa uma perseguição através do globo, cruzando com governos corruptos e poderosas organizações criminosas, para culminar em um confronto do qual nenhuma das duas poderá sair ilesa. *Codinome Villanelle* é um thriller veloz, sensual e emocionante, que traz uma nova voz à ficção internacional.

Compre agora e leia


AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO I
GEORGE R.R.
MARTIN
A GUERRA DOS TRONOS

A guerra dos tronos

Martin, George R. R.
9788554513566
600 páginas

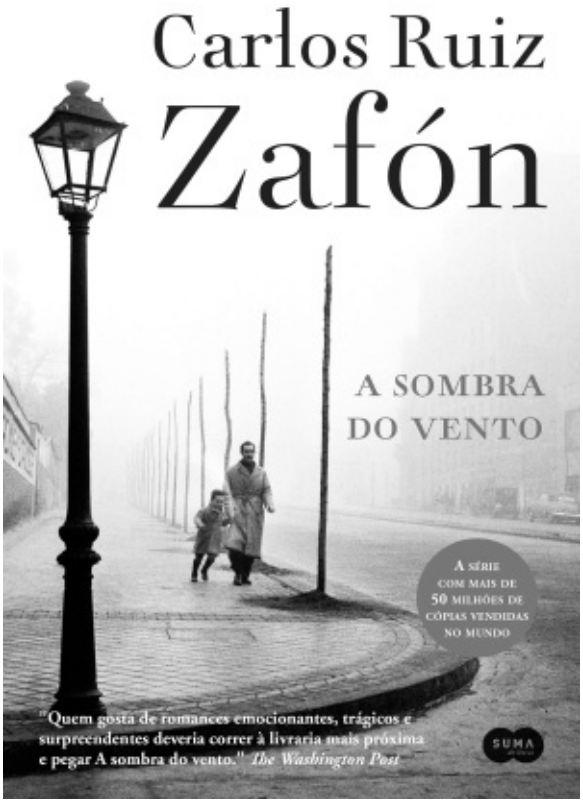
Compre agora e leia

A guerra dos tronos* é o primeiro livro da série best-seller internacional As Crônicas de Gelo e Fogo, que deu origem à adaptação de sucesso da HBO, *Game of Thrones.

O verão pode durar décadas. O inverno, toda uma vida. E a guerra dos tronos começou.
Como Guardião do Norte, lorde Eddard Stark não fica feliz quando o rei Robert o proclama a nova Mão do Rei. Sua honra o obriga a aceitar o cargo e deixar seu posto em Winterfell para rumar para a corte, onde os homens fazem o que lhes convém, não o que devem... e onde um inimigo morto é algo a ser admirado. Longe de casa e com a família dividida, Eddard se vê cada vez mais enredado nas intrigas mortais de Porto Real, sem saber que perigos ainda maiores espreitam a distância.
Nas florestas ao norte de Winterfell, forças sobrenaturais se espalham por trás da Muralha que protege a região. E, nas Cidades Livres, o jovem Rei Dragão exilado na Rebelião de Robert planeja sua vingança e deseja recuperar sua herança de família: o Trono de Ferro de Westeros.

"*A guerra dos tronos* é a maior obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o Anel." — *SF Reviews*

Compre agora e leia


Carlos Ruiz
Zafón
A SOMBRA
DO VENTO
A SÉRIE
COM MAIS DE
50 MILHÕES DE
CÓPIAS VENDIDAS
NO MUNDO
"Quem gosta de romances emocionantes, trágicos e
surpreendentes deveria correr à livraria mais próxima
e pegar A sombra do vento." The Washington Post
SUMA

A sombra do vento

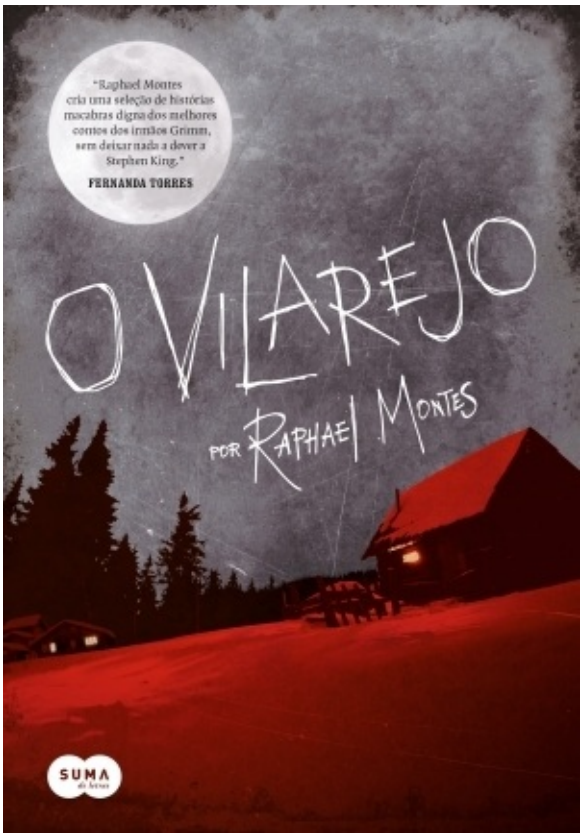
Zafón, Carlos Ruiz
9788543809526
464 páginas

Compre agora e leia

O primeiro livro da série O Cemitério dos Livros Esquecidos.

Barcelona, 1945. Daniel Sempere acorda na noite de seu aniversário de onze anos e percebe que já não se lembra do rosto da falecida mãe. Para consolá-lo, o pai leva o menino pela primeira vez ao Cemitério dos Livros Esquecidos.
É lá que Daniel descobre *A sombra do vento*, romance escrito por Julián Carax, que logo se torna seu autor favorito, sua obsessão. No entanto, quando começa a buscar outras obras do escritor, Daniel descobre que alguém anda destruindo sistematicamente todos os exemplares de todos os livros que Carax já publicou, e que o que tem nas mãos pode muito bem ser o último volume sobrevivente. Junto com seu amigo Fermín, Daniel percorre a cidade, adentrando as ruelas e os segredos mais obscuros de Barcelona. Anos se passam e sua investigação inocente se transforma em uma trama de mistério, magia, loucura e assassinato. E o destino de seu autor favorito de repente parece intimamente conectado ao dele.

Compre agora e leia


"Raphael Montes cria uma seleção de histórias macabras dignas dos melhores contos dos irmãos Grimm, sem deixar nada a dever a Stephen King."
FERNANDA TORRES
O VILAREJO
POR RAPHAEL MONTES
SUMA

O Vilarejo

Montes, Raphael
9788581053059
96 páginas

Compre agora e leia

Ilustrações coloridas dão vida a romance com elementos de horror gótico e suspense.
Do criador da série original Netflix "Bom dia, Verônica".

Em 1589, o padre e demonologista Peter Binsfeld fez a ligação de cada um dos pecados capitais a um demônio, supostamente responsável por invocar o mal nas pessoas. É a partir daí que Raphael Montes cria sete histórias situadas em um vilarejo isolado, apresentando a lenta degradação dos moradores do lugar, e pouco a pouco o próprio vilarejo vai sendo dizimado, maculado pela neve e pela fome.
As histórias podem ser lidas em qualquer ordem, sem prejuízo de sua compreensão, mas se relacionam de maneira complexa, de modo que ao término da leitura as narrativas convergem para uma única e surpreendente conclusão.

Compre agora e leia